

palavra que julga tal, produz fórmæ como as seguintes: — *beira e ribeira, pismo e espismo, namorar e enamorar.*

Pois o povo, e o povo daquellas épocas, conhecia o valor das proposições latinas, e corrompia as palavras que aprendiu de oitiva, com a mesma facilidade e sciencia com que os eruditos formam as da lingua classica? !... E' o caso de exclamar-se—*hom'essa!*...

PACHECO JUNIOR.

P. S.—Escrivo estas rabiscas muito de corrida, sem individuação, amensando a aridez do assumpto, porque são artigos que vivem tanto quanto as roas de Malherbe.

Desle já declarou, porém, e com muita satisfação, que o sahio quanto modesto professor Lamerda é de minha opinião quanto à *maricada*. Assim pronuncia o illustre mestre e ensina aos seus alumnos. Outrosim, pelo que conversámos, o seu parecer coincide com o meu acima exposto referente à *apherese de le a*.

O Dr. Alfredo Gomes, um dos jovens mais bem preparados em philologia portugueza, está tambem de accordo commigo.

P. J.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Offerecido pela Agencia Commercial Portugueza, temos sob os olhos um exemplar do «Dicionario de Direito Commercial» (portuguez) compilado e anotado por I. de Souza Duarte, e editado pela Empresa Litteraria de Lisboa.

E' um trabalho de alto morecimento juridico e de grande proveito pratico. Como indica seu titulo, são as materias ordenadas alfabeticamente, e o consultante na palavra sobre que se quer esclarecer encontra a definição juridico-commercial, com a citação dos respectivos artigos do codigo e bastantes commentos elucidativos.

Não temos trabalho congenere para o Codigo Commercial brasileiro sob esta forma facil e methodica de dicionario, o que constitue falta sensivel para os que carecem de manusear frequentemente o codigo no foro commercial.

Recomendamos esta obra, pois, que é de utilidade para o estudo comparativo dos dois codigos—portuguez e brasileiro.

Do Porto acabamos de receber, acompanhados de uma carta de apresentação firmada por distincto escriptor, o catalogo das «Edições da casa Barros & Filha em Janeiro de 1887» e um exemplar da ultima obra de Alberto Pimentel, o illustrado e fecundissimo publicista que todos conhecem—*Rainha sem reino*—estudo historico do seculo XV) *A Semana*, extrinsecamente lingoada com tal offerecimento e com a promessa que lhe fez a acreditada casa editora de lhe remetter regularmente todas as suas publicações, agradecendo a distincção, empenhar-se-á vivamente em corresponder-lhe como deve, expendendo sobre todas ellas o seu juizo, desautorizado sim, mas desprevenido e meditado sempre.

Da *Rainha sem reino* ha de dizer depois de leitura detida, mas para que o leitor possa desde já inferir do merito de tal obra, transcrevemos um topico da apreciação do *Commercio do Porto*: «Redigida n'uma linguagem adequada, clara, fluente e castiça, a *Rainha sem reino*, episodio extraordinario da historia portugueza e hespanbola, é, incontestavelmente, um trabalho magistral, um primor no genero, uma coroa de gloria para o seu fecundo e talentoso auctor.

Não se trata de um romance, na vulgar significação da palavra, posto avultem lampejos romanticos no decurso vivaz do livro: o illustrado escriptor lisboense propoz-se elaborar obra de mais follego e alcance; desenvolve, com superior criterio, a monographia exacta e profundamente tocante da singular princeza que, na historia patria, é conhecida pelo cognome, não menos singular, de *Excelente Senhora*. » e, concluindo, diz a citada folha: «Edição esmerada sob todos os pontos de vista, esta obra, por ventura a que mais ha de ennobrecer o considerado

nome do seu auctor, honra sobremente a casa que a publicou.»

Damos em seguida o resumo da parte do catalogo relativa à «Litteratura e Polygraphin»:

«*Aliança heleno-latina*, discurso, por Emilio Castellari (em vulgar): 1 vol. *Cartas a Luiza* (moral, educação e costumes), por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho: 1 vol.

Dicionario de phrases latinas de uso mais vulgar, por Brito de Barros: 1 vol. *Farpões*, por Brito de Barros (2ª edição): 2 tomos.

Mulheres, romance, por Brito de Barros: 1 vol., a entrar no prelo.

Pandemonio, por Brito de Barros: 1 vol.

Rainha sem reino (estudo historico do seculo XV), por Alberto Pimentel: 1 vol.

Uma vida perfeita, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho: 1 vol., a entrar no prelo.

Viagens no Chiado, por Barros Lobo (Beldemonio): 1 vol., a entrar no prelo.»

Está finalmente à disposição dos innumeraveis leitores de Camillo Castello Branco a sua ultima obra *Bohemia do Espirito*, por longo tempo interceptada nas lojas do honrado editor Sr. Eduardo da Costa Santos (Livreria Civilização) pelos editores Luga & Genelioux, successores de Ernesto Chardron, que perderam por fim—como ora de justiça—o insubsistente e odioso embargo que lhe fizeram.

O director d'esta folha foi honrado com a excepcional satisfação de receber pelo correio, remettido pelo editor, em nome do auctor, que se acha infelizmente enfermo a ponto de não poder escrever actualmente, um exemplar da *Bohemia do Espirito*.

E' um grosso volume de 450 pags. nitidamente impresso, abrindo com um magnifico retrato em phototypia do estupendo estilista de que se ufana a litteratura portugueza d'este seculo.

Infelizmente está velho e doente, mas apenas de corpo; o espirito—por inexplicavel phenomeno physico-psychologico—cada vez está mais joven, mais são, mais forte!

A *Bohemia do Espirito* ha de ter n'á *Semana* a recepção a que tem direito.

Edictada pela empresa do *Diario de Noticias*, está publicada em volume a revista que do anno de 1886 escreveram para o theatro. Sant'Anna os Srs. Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, sob o titulo *O Carioca*. Conquanto não esteja este trabalho na altura do talento de seus auctores, nem a par das outras revistas de anno por elles feitas, offerece agradável leitura.

V.

ATHLANTE

Foi na roça, á tardinha: era eu e ella, Sem nos seguirem vistas indiscretas; Ella corria atrás dos borboletas, E resistava os ninhos sem cautela.

Eu pelas cercas via a flor mais bella Para plantar em suas tranças pretas; E coisas lhe dizia tão secretas Que a fala em beijosia ao rosto d'ella.

Ei-la que salta o corrego, e num time Vae apoiar-se; rapidos assombros, Com medo de cahir, no olhar exprime.

Firmando os pés das margens sobre os ombros Do corrego, me curvo, e me comprime Um teu naco que me cahe nos hombros.

J. DE MORAES SILVA.

COFRE DAS GRAÇAS

Entre duas horizontaes:

— Sabes? Tenho agora um novo amante...
— E que tal?
— Bom; mas...
— Mas, o que?...
— E' alto, muito alto, altissimo!
— E tu, tão baixa!...

— Mas tudo se remediará; subirei n'um ascensor quando quizer dar-lhe um beijo.

Definição de um *cab*, carro coalhocido no Rio pelo nome de bispo, cujo cocheiro vae empoleirado na trazeira:

E' um vehiculo no qual o superior, que está no interior, só vê a parte anterior do posterior do inferior que lhe está superior.

Um francez tomou passagem, nos Estados Unidos, em um trem de ferro, que descarrilou, resultando ficar o nosso bonem com duas costellas quebradas.

Apresentou-se na estação policial mais proxima dando queixa contra a companhia.

— O que? pergunta-lhe o commandante da estação; o sr. faz muito barulho por pouca coisa. No mez passado morreram n'esta linha trinta e dois passageiros e nenhum d'elles se queixou á policia!

No Parque da Acclamação:

— Mamãe, todas as folhas das arvores são verdadeiras?

— Que tolice, meu filho!

— Tolice, não. Pois mamãe traz cabellos postiços?

— Você não serve para o emprego de agente de policia.

— Porque, exm.?

— Porque este emprego pede vigilancia constante e Você é caolho.

— Molhor, Exm.: dormirei com um olho só: o que já está fechado.

BIBIANO.

JORNAES E REVISTAS

Vem recheado de bons artigos e bellos versos o n. 8 da *Procellaria*, de que é director Julio Ribeiro. D'este traz um bem lançado artigo sobre interesses locais e promete dar um juizo critico sobre a *Lyrica*, do nosso companheiro Filinto de Almeida, firmado pelo apreciado poeta Theophilo Dias.

O *Mequetrefe*, n. 430. Na primeira pagina traz um bono retrato do honrado e distincto cavalheiro Commendador Aleixo Gary e nas outras engraçados desenhos. O texto, como sempre, bem escripto e de interessante leitura. F. C. apparece com a sua elegante *Especie de Chronica*.

No n. 235 d'O *Occidente*, que se publica em Lisboa, fulguram a *Chronica Occidental* de Gervasio Lobato, estudo sobre Fontes Pereira de Mello, por Pinheiro Chagas, *Captain Boyton* de Lorjô Tavares e *Actualidades Scientificas* de João Mendonça. Das suas illustrações destacam-se o retrato de Jayme Arthur e as que representam *A Costa de Caparica*. No n. 236 reapparecem com brilhantismo as assocções do costume e bem trabalhadas gravuras.

Está impresso o n. 30 da *Revista Mensal* do Club de Engenharia. Ornamentado com trabalhos sobre este ramo de sciencia dignos de leitura. Acompanha este numero um mappa graphico das nossas estradas de ferro em trafego e projectadas até o anno findo, bem como do territorio e população das provincias.

Não ha duvidar, a *Illustração* de Mariano Pina é uma das mais bellas publicações illustradas que se imprimem na Europa e pode rivalizar com as suas congéneres da Franca. O a. 2 do anno 4º vol. IV, que acabamos de receber, é uma colleção preciosa de bellas gravuras. Os desenhos da sua primeira pagina e da central *Shakespeare e a sua obra e representação do Hamlet*, são bellissimos.

A tão brillantes illustrações junta-se um texto excellentemente escripto e de variada e agradabilissima leitura.

Temos o n. 27 da importante *Revista*

de *Estradas de Ferro*, que apparece nesta Corte sob a direcção do Dr. Francisco Picanço. Não fica aquem dos outros este numero; traz um retrato do Conde C. B. Ottoni, acompanhado da biographia do illustre senador, e varios artigos constantes do seguinte sumario:

Estudos sobre o material fixo da E. F. D. Pedro II, Tarifas de estradas de ferro, Observações sobre alguns erros da moderna escola da barateza kilometrica nas estradas de ferro, ferro-via Pühalsense, O trafego economico das estradas de ferro na Franca e E. F. da Bahia a S. Francisco.

A *Provincia do Espirito Santo*, da qual são redactores os Srs. Moniz Freire e Cleto Nunes, ae nossas felicitações pela celebração do seu 6º anniversario.

S.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

SALÃO DO CONSERVATORIO

A distinctissima professora de piano D. Amélia Anais da Silva Costa, para dar uma prova do adiantamento-obtido por suas discipulas com o methodo de ensino adoptado em suas lições, organizou um concerto que foi effectuado no ultimo sabbado, no Salão do Conservatorio, e no qual tomaram parte exclusivamente (quasi) muitas de suas discipulas.

Não podia ser mais completa essa prova, porquanto o auditorio, numeroso e escolhido, applaudiu calorosamente todos os trechos executados, applausos de que partilhou tambem a dignissima professora, vendo assim coroados de exito os esforços empregados pelo adiantamento de suas discipulas. Saudando a habilissima professora, d'aqui lhe enviamos nossos agradecimentos pela delicadeza do seu convite.

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

Com muita concorrencia de socios e convidados effectuaram-se domingo n'este club brillantes corridas cujos pares foram valentemente disputados pelos socios que n'elles tomaram parte.

Alguns socios executaram diversos trabalhos gymnasticos, que foram muito applaudidos, terminando a festa ás 10 1/2 horas da noite.

Durante as corridas tocou a banda Imperiales marinheiros.

O Sr. Alfredo Fertin de Vasconcellos, habil professor de piano, realisa hoje, com seus discipulos, um concerto, como prova de adiantamento dos mesmos discipulos.

Ao concerto seguir-se-ha n'representação de duas comedias e a exhibição de varias sortes de prestidigitação.

CLUB DO ENGENHO VELHO

Esplendido o 49º sarão concerto d'este distincto club, realiado no ultimo sabbado.

Abrilhantaram-se as Exmae. Sras. D. Riedy, cantando o *Bolero das Vesperas Sicilianas* e a deliciosa cavatina do *Barbeiro—Uma voz pouco fa*; D. Emma Wegelin, que tocou o *Cheur des Filles* do *Natio Fantastico* e umas variações para piano sobre um thema de Beethoven, acompanhadaa pelo Sr. Alfredo Bevilacqua; D. Elisa de Sequeira Queros e D. Clotilde Wegelin, que cantaram a *Povera mamma e Il libro santo*, com acompanhamento de violino pelo Sr. Cernicchiaro, e D. D. Violante Quintal e Augusta Chaves, tocando o poema symphonico *Kouet d'Omphale*.

Cernicchiaro executou admiravelmente no violino um *preludio* e um *rondu* de concerto, trechos de sua composição.

Frederico Nascimento tocou, com a correcção que lhe é peculiar, o *Chant d'Automne* e a *Polonaise* de Popper.

Desnecessario é dizer que os amadores e artistas a que nos referimos receberam calorosissimos applausos e que a primeira festa do Club realizada pela actual directoria não é mais do que a continuação do bom nome de que ha muito goza o Club do Engenho Velho na nossa sociedade elegante.

Depois do concerto seguiu-se animadissimo baile que só terminou na madrugada do domingo.

LORGNON.

THEATROS

SANTANNA

Emquanto arruma as malas para ir a S. Paulo, que a espera ansiosamente, vai a *troupe* do Hellor cantando a *Toutinegra do templo*, com agrado do publico.

No dia 12 beneficio do Vasques, com *meu* inteiramente inedito: — *Macaquinhos no atão*, eniabrada comedia de Aluizio Azevedo, genero *Palais Royal*, e *Os capoeiras*, engracalissimo monologo, que já tom fama. Já se sabe: quem quizer assistir a essa deliciosa ceia theatral (estamos hoje muito pantagruelicos!) va-se munindo de bilhetes desde já.

Mais dois beneficios neste theatro. No dia 13 o do ex-actor Pinto... Dizem *ex* porque o homem, com o bigode, — o quo bigode! um primor capillar — deitou resolução de não voltar ao palco. Como porém tinha direito ainda, pelo seu antigo contracto, n dois beneficios, aproveita-se de um d'elles, no que faz muito bom. Com certeza o publico não faltará a manifestar nessa noite a sua sympathia pelo Pinto.

O outro beneficio é o da corajosa aeronauta e actriz Anna Leopoldina, depois d'amanhã. Se o publico não lhe encher o theatro nessa noite o ex-filho do Capitão Grant irá pelas ares...

Reappareceu hontem no *Boqaccio* a gentilissima e talentosa actriz Rose Méryss, que teve do publico o acolhimento quo era do esperar.

Ainda bem quo turemos o prazer de admiral-a e applaudir-a muitas vezes. Também entrou para a companhia a estimada actriz Marion Andrée.

PRINCEPE IMPERIAL

Os milagres de Santo Antonio...
Nnda de milagres, nem de Santo, nem de Antonio; o que ha de novo é a *Sineta de Cordovil*, que apparece hoje pela primeira vez neste theatro. Esta sineta é uma parodia dos *Sinos de Corneville* conforme dizem os annuncios e afirma o seu auctor, o Dr. Oscar Pederneras.

No proximo numero diremos da *Sineta de Cordovil*.

LUCINDA

O *Mercurio*, que tem sido a delicia dos frequentadores d'este theatro, subirá á scena no dia 5 em favor dos seus nuctores.—Arthar Azevedo e Morsira Sampaio.

RECREIO DRAMATICO

Foi uma cousa imponente,— quasi phantastica, a celebração que a empreza deste theatro fez do centenario do *Conde de Monte Christo*. Que delirio! Não havia logar para uma cabecinha de alfinete. *D. Publico* lá esteve, a faltar-se; dê-m-lhe *Conde de Monte Christo* que estará nos seus reaes.

O patife gostn dos dramalhões que se lambe todo.

E agorn uma boa noticia; boa mas que não é nova:

Está em ultimos ensaios a *Francillon* de Dumas Filho, que, graças á pena de Henrique Chaves, foi *escrita* em portuguez e entregue por este ã empreza que ha levado á scena muito breve.

Que venha!

PHENIX DRAMATICA

Ha alguma differença? e o seu novo acto *Desmancha-se a differença* estão a despedir-se. Quem ainda não teve a dita de vel-os, ouvil-os e aduiral-os é ir hoje ou amanhã ã Phenix para desmanchar a differença.

Neste theatro faz beneficio no dia 20 o actor Teixeira. Entre outras trabalhos subirá á scena uma poesia comica *escrita* expressamente para o beneficiado pelo Sr. Augusto Fabregas.

P. TALMA.

FACTOS E NOTICIAS

OREMIO DE LETRAS E ARTES

Depois d'amanhã, ás 7 horas da noite, realisará a sua terceira sessão litteraria que promete ser interessante como as primeiras.

Foi nomeado lente de latim da Faculdade de Direito de S. Paulo o illustre philologo Sr. Julio Ribeiro. Parabens ao latim.

Completo 27 annos de idade no dia 30 do corrente o nosso illustre e estimadissimo collaborador Dr. Afonso Celso Junior.

Comprimentamol-o cordialmente, desejando ao seu potentissimo talento e ao seu grande coração dilatada e venturosa existencia, pois muito têm a esperar de um como de outro as Letras e a causa da Liberdade em nossa patria.

FALLECIMENTOS

Dáram-se durante a semana, além do Sr. Conselheiro Martinho Campos, os do Sr. Commendador José Pedro de Azevedo Peçanha, talentoso e illustrado director de secção na secretaria dos Estrangeiros e official de gabinete do Sr. presidente do Conselho, e do Sr. Augusto Fomm, antigo e estimado auxiliar da redacção do *Jornal do Commercio*, cavalheiro respeitavel e exemplar chefe de familia.

PAULO FEVAL

Falleceu ultimamente em Pariz, na idade de setenta annos, o famoso romancista que escreveu, além de cem outros romances, os *Mysterios de Londres*, *O filho do Diabo*, *O Corcunda* e *o Capitão Fantasma*.

Foi um dos criadores do roman feuilleton. Morreu paupérrimo, tendo perdido toda a sua fortuna com o estouro da celeberrima *União Geral*, recolhido a um estabelecimento religioso e imbecilizado pelo carolismo que o fez rever e expurgar todas as suas obras de tudo quanto ultimamente elle entendia ser immoral e irreligioso.

Triste fim, ua verdade, para homem de tão grande talento que tanto dinheiro ganhou com elle e tão celebre nome creou! *Sic transit...*

RECEBEMOS

— Da casa *Au Petit Journal* os ns. 10, anno 12, do *Salon de la Mode* e 5, anno 22, do *Printemps*. Ambos trazem elegantos figurinos.

— Relatorio da Sociedade Portugueza de Soccorros, exercicio de 1886.

— *A Estação* — n. 6. Contem excellentes figurinos e moldese uma interessante parte litteraria, intercalada de boas gravuras.

CORREIO DA GERENCIA

Ao nosso assignante que nos enviou uma consulta sem assignatura, sobre inventario, pedimoa queira reclamar a respectiva resposta, visto não sabemos a quem envia-a.

Sr. J. Florindo.—S. Paulo—O recibo de V. S., sob n. 788, relativo ao anno passado, está com o Sr. Sá.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

O ULTIMO BEIJO
POR
Henrique Perez Escrich

O Ultimo Beijo é n titulo do ultimo romance que acaba de subir do protos hespanhões e devido á rrdiosa penna do brilhante romancista Henrique Perez Escrich, auctor de obras que hoje têm uma reputação europea, como o *Cura de Aldeia*, o *Martyr do Golgotha*, a *Formosura d'Alma*, e tantos outros romances que se têm sempre com aprivel encanto e quo são recebidos no santol lar de familia, sem temor de quo o maclem.

N'esta epocha de tanto realismo, em que as podridões sociaes, os vicios mais asquerosos servem de thema aos romances em voga, uma obra de Perez Escrich é sempre acolhida como uma flor de perfume casto e inebriante, que reflecte em si os mais bellos sentimentos da moral e da verdadeira poesia do bello.

Os romances assim comprehendem-se, e jamais podom inocular o virus dos torpes realismos no espirito dos que querem leituras amenas mas não irritantes.

O novo romance de Escrich que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* está fazendo passar para a lingua portugueza, é uma joia de inestimavel valor, uma d'essas joias que brillam sempre e que se guardam com estinia e agrado. É um livro de scenas attrahentes, d'um entreocho admiravel, de uma simplicidade encantadora e attrahente, contendo bellezas que são difficeis de descrever quando não se possui o talento descriptivo de um escriptor de primeira ordem como é Perez Escrich.

A *Bibliotheca do Cura de Aldeia*, para que a edição seja digna das que tem até hoje publicado, não só confiou a tradução a pessoa competentissima, mas tambom trata de empregar os seus exforços para que a parte material do livro seja o mais esmerada possivel.

Este conjunto de cousas faz com que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* espere o mais benevolo acolhimento a uma obra que pode ser classificada entre as melhores do auctor.

Condições da assignatura

O Ultimo beijo, constará de 4 volumes, ornados de primorosas gravuras, que serão publicados ás folbas de 16 paginas.

Distribuir-se-á semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, pelo modico preço de 200 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega. Alternadamente será distribuida em cada fasciculo uma gravura de pagina.

Para as provincias accresce o porte e registro do correio.

Cada fasciculo de 48 paginas—200 reis.

GRAVURAS GRATIS AOS SRS. ASSIGNANTES

Estão em distribuição os fasciclos n. 1 a 14 (que formam dois volumes) podendo os Srs. assignantes receber desde já todos, ou os que quizerem. O complemento do romance deve receber-se em poucos dias.

Assigna-se na *Agencia Commercial Portugueza*, rua do Carmo, 40—Rio do Janeiro.

N. B. Os Srs. assignantes que se encarregarem de mandar buscar a este escriptorio, receberão gratuitamente um fasciculo em cada dez.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado nos su escriptorio todos ns dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador). Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique de Sa, especiaalista de syphilis e molestias das erianças.—Rua Primeiro de Março, 12. consultas de 1 1/2 ás 3 horas.—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO.
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA
Tisica, bronchites, escrophulas, rachitis, anomia, debilidad em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

É muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicase reconstituintes dos hydropophosphitos. A venda nas drogarias e boticas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRECÇÃO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES
RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.
PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRIPTORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

NUNCA SE VIO

UMA QUEIMA COMO ESTÁ FAZENDO O

BAZAR S. MICHEL

para sua liquidação final, que terminará infallivelmente em 31 de Abril. Grande sortimento de fazendas, armarinho, lonça, crystaes, porcellanas e objectos de uso domestico.

66 RUA DA ASSEMBLÉA 66

A NOVA-YORK

NEW-YORK LIFE INSURANCE COMPANY

Companhia Mutua de Seguros de Vida dos Estados- Unidos da America. Fundada em 1845---41 annos de prosperidade. Unica Companhia Estrangeira de Seguros de Vida auctorizada a funcionar no Imperio do Brazil. Capital cerca de cento e setenta e cinco mil contos de réis. Deposito no Thesouro Nacional duzentos contos de réis. Filial no Brazil

31 RUA DO HOSPICIO 31

Esta companhia de seguros sobre a vida, unica auctorizada a funcionar no imperio, por decreto n. 9.503 de 3 de Outubro de 1885, depositou no Thesouro Nacional, como garantia accessoria de suas operações no Brazil, a quantia de **Duzentos contos de réis**. Pontos importantes sob que deve ser considerada a Companhia Nova-York: Conta 41 annos de existencia, tendo começado suas operações em 1845. Sendo puramente mutua, portanto não tendo accionistas, seu capital sobre hoje á quantia de **cento e setenta e cinco mil contos de réis**.

Funciona sob a severa fiscalisação do governo americano, unico, pois, onde existe fiscalisação real e effectiva. Não ha joia nem commisso depois de tres annos, recebendo o segurado que não puder continuar com os seus pagamentos uma apolice saldada, que nada mais lhe custa e garante-lhe tantas partes do capital primitivo, quantos pagamentos tiver cumprido e na forma do contracto originario. Seus lucros são divididos annualmente pelos segurados, que recebem prévio aviso dos dividendos que competem á sua apolice, sendo o lucro a dividir do anno de 1885, segundo o balanço de 31 de Dezembro, da quantia de **dezete mil contos de réis**. Nos casos imprevistos interpreta sempre os seus contractos sob o ponto de vista da equidade, havendo aqui mesmo no Brazil diversos exemplos d'isso. Mediante uma pequena somma annualmente (o premio na idade de 35 annos, no caso de seguro pagavel por morte, custa cerca de **quaranta mil réis** por anno por cada **conto de réis** segurado), pôde cada um constituir immediatamente um capital para sua familia em caso de morte ou para si proprio, se chegar ao prazo escolhido. A viuva e orphãos, por morte de segurados, a possuidores de apolices dotaes, que chegaram ao periodo escolhido, a companhia tem pago, desde a sua fundação, a quantia de **duzentos e cinco mil contos de réis**.

Uma apolice da *New-York Life Insurance Company* oferece ainda aos ricos a grande vantagem de servir, como a que melhor for, de caução immediata, definitiva ou provisoria. Sendo o pagamento dos premios, assim como o capital segurado, em ouro e tendo a companhia agencias em todo o mundo, as transacções feitas no Brazil podem perfeitamente ser continuadas em qualquer outro lugar á escolha do segurado com redução nos premios, se a residencia for em paizes de clima temperado.

SINISTROS NO BRAZIL

Nomes	Loqores	Premios pagos até o morte	Quantias pagas pela companhia á familia
Joseph Norris.....	Londres.....		£ s. d.
Guetano Massot.....	Londres (Rest.).....		1,078 11 4
			312 3 4
Victor Scheitlin.....	Pariz.....		Francos
			60,000
		Rs.	Rs.
João José de F. Guimarães.....	Pará.....	455,800	12,000,000
Dr. Candido Quirino Bastos.....	Pará.....	563,800	24,000,000
José João Ribeiro.....	Pará.....	214,800	7,200,000
D. A. A. Dohrman.....	Rio de Janeiro.....	400,000	28,833,000
José Rodrigues de Souza.....	Pará.....	61,800	11,825,000
Gustavo Wedekind.....	Rio de Janeiro.....	146,200	23,669,000
José Soares Pereira.....	Bahia.....	717,800	13,920,000
Paul Emilio Willmersdorf (assassinado).....	Santos.....	107,800	11,613,000
Tito Antonio da Rocha.....	Ceará.....	203,800	6,170,000
Carl Gaspar August Hayn (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	5,779,800	72,000,000
Gustavo Theisen.....	Rio de Janeiro.....	1,196,000	24,000,000
José Amando Mendes.....	Pará.....	1,150,000	27,245,000
Antonio Soares Pinheiro.....	Pará.....	1,422,000	13,700,000
José Gomes Campello.....	Bahia.....	454,240	11,200,000
Dr. Aureliano de Azevedo Monteiro.....	Rio Grande do Sul.....	455,800	13,000,000
Ailsa Janson.....	Pernambuco.....	3,531,000	24,500,000
João Balso.....	Pará.....	1,453,000	12,000,000
Henrique Eulalio Gurjão.....	Pará.....	716,460	5,760,000
Henrique Barbosa de Amorim.....	Manãos.....	487,080	4,800,000
Jacques Meyer (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	2,707,800	21,600,000
Josiah White Way.....	Pernambuco.....	829,820	2,400,000
Florentino Telles de Menezes.....	Desterro.....	758,000	11,918,700
D. Emilia R. Moreira de Queiroz.....	Bahia.....	971,700	11,030,700
Thomaz Argemiro Ferreira Chaves.....	Desterro.....	234,960	8,911,800
			m/m
Eugenio Leiffer.....	S. Paulo.....	2,236,400	11,000,000
Dietrich von Grawert (suicidio).....	Pará.....	2,729,000	11,000,000
Ladislau de Almeida Cardoso.....	Pará.....	5,910,000	24,000,000
Felisberto José dos Santos Lisboa.....	Pará.....	862,400	5,000,000
João Gonçalves Ledo Junior.....	Pará.....	4,768,800	24,000,000
Jean Louis Seiler (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	511,870	11,000,000
Antonio Navarro de Siqueira.....	Rio de Janeiro.....	1,419,800	11,000,000
Alexandre Ferreira Pinto.....	S. Francisco do Sul.....	180,000	5,500,000

A pagar, depois de serem approvados os competentes documentos de prova de morte:

R. J. KINSMAN BENJAMIN, GERENTE INTERINO

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 9 DE ABRIL DE 1897
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 419

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente A.....	A. REOACÇÃO.
«A Semana».....	J. DO EGYPTO.
Historia dos setedias e.....	PHROO-APOLLO.
Cartas do Olympo—VII.....	E. DE QUEIROZ.
Prefacio dos «Azulejos».....	
Na morte de uma grunça	F. O'ALMEIDA.
poesia.....	PACHECO JUNIOR.
Moniz Berrito.....	
Fantasia crepuscular, so-	M. AMALIA.
neto.....	J. RIBEIRO.
Notas philologicas.....	O. OLIVEIRA.
A uma viajante, poesia.....	BIDIANO.
Cofre das graças.....	S.
Jornas e revistas.....	J. DE LEMOS.
Versos d'amor, soneto.....	
As notas philologicas do	PACHECO JUNIOR.
Sr. João Ribeiro e as	J. M. SILVA.
minhas rubricas.....	V.
Adeus, soneto.....	P. TALMA.
Notas bibliographicas.....	GUIL. MAR.
Thestros.....	LONGNON.
Aos do «Gremio», soneto.....	
Festas, bailes e concertos	FR. ANTONIO.
Factos e Noticias.....	
Trates á bols.....	
Correio de Gerencia.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE	
Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Prevenimos os nossos assignautes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

Partio já para Santos, e d'ahi a percorrer a provincia de S. Paulo, o Sr. Francisco Fonseca, nosso agente nomeado para a referida provincia, encarregado de cobrar e fazer assignaturas.

Aos nossos correspondentes e amigos em S. Paulo rogamos a fineza de prestarem áquelle nosso agente o auxilio e informações de que elle

careça para o bom exito da sua commissão pelo que nos confessamos, desde já, sumamente gratos.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindegues, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.
— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notáveis publicistas francezes.
— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.
A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindegues, á escolha:
— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.
— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

A SEMANA

Narciza Amalia, a inolvidavel poetisa das «Nebulosas» dirigio a Alberto de Oliveira o bellissimo soneto que hoje esplende nas columnas da nossa folha. Escusado é recomendar aos leitores o nome da distincta escriptora e o valioso mimo com que fomos hourados.

Para o livro de contos de Bernardo Piuheiro, Pindella—intitulado *Azulejos*—escreveu Eça de Queiroz um prefacio extenso e meditado, que é um documento litterario de altissimo valor, quer pelo fundo,—que é constituído por grandes verdades, conceitos sensatissimos, solida erudição e finissimo espirito de observação e de critica—quer pela forma, que é primorosa, admiravel de elegancia, de graça e de simplicidade. Tão notavel nos pareceu esse prefacio, que resolvemos transcrevelo integralmente; o que começamos hoje a fazer.

Chamamos para esse bellissimo trabalho a attenção dos leitores.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

Cumprio a semana o seu dever sendo magra.

Irreligiosa seria ella se docorresse chôrumenta de factes, adiposa de assumptos.

Jejnou como tu, leitor, e como eu tambem.

Semana triste, apenas grata aos escravagistas, pois foi obrigada a bacadhau.

De quem me condão nestes dias da quaresma, não é de vocês, devotos; é dos padres. Coitadinhos! Como elles soffrem! Que torturas, que sacrificios... — E que peixadas!

Ah! leitor maligno, recolhe ao bolso das calças, bem no fundo, o pérfido aspide da tua maledicencia. Lembra-te de que ha momentos apenas que sahiste lavadinho e limpo da barrella dos teus muitos peccados, e que ainda tens nas faces um resto da vermelhidão produzida pelas expiatorias bofetadas que bontem te ministraste rudemente, abraçado no sancto ardor de te purges da mancha do peccado original, que Christo, para nos salvar, veio remir ao mundo com o seu divino sangue. Não recomces, pois, a encher o sacco das tuas culpas, mal esvasiado ainda, por uma das mais graves — a calumnia, embora coberta por um gracejo — como uma pilula de sulphato de quiniao embrulhada em assucar.

Engole, portanto, aquella peizada e faze justiça inteira aos reverendissimos.

Elles soffrem muito em toda a quaresma e sobretudo — de quarta-feira de cinzas até hoje, sabbado de alleluia, ao meio dia.

Basta que te lembres da estupenda porção de iatim que elles são forçados a engolar, em soturno cantochão, mergulhados na meia noute das igrejas forradas de crêpe, ao luar saugrento e pestanejante dos tocheiros symbolicos, com os ouvidos azoados pelo estrepitar sinistro das matracas, com as ventas cheias dos mysticos aromas da myrra, da cera e do mofo ecclesiastico...

Mas esse soffrimento tambem eu, christão zeloso, o experimentei; objectará o leitor.

Pois, sim, leitor; mas tu soffreste aquillo por devoção sómente; e elles, os pobres tonsurados, soffreram-o, por devoção alguns, mas a maior parte por obrigação.

Lembra-te mais das mordeduras causticas do cilicio e das disciplinas e, principalmente, das agruras atrozes do jejum. Lembra-te de que aquelles veneraveis abdomens, criados no cultivo da vinha do Senhor, foram por alguns dias forçados a alimentar-se unicamente de garopas, badejose e badejetes,

corvinas, cbernes, lagostas e camarões! Pobros martyres!

Alleluia! Alleluia! bisbalham todos os sinos despertado, emfim, do seu longo somno de bronze; *Alleluia!* titiuta o canta o carrilhão de Nossa Senhora da Lapa das Mercadores, repinicando o *Ataca, Felipe; Alleluia!* entõam alegre e victoriosamente as rúcas dos padres, enquanto os véus roxos de todos os templos se rasgam, de alto a baixo, theatralmente, descobrindo as imagens dos sanctos, os quaes, á claridade viva do sol, depois de duas semanas de escuridade, piscam os olhos offuscados, adormidos ainda, e com um sorriso, parecizerem á gente: Bons dias! Muito bons dias, meus filhos!

Alleluia! resoam os cacetes dos moleques malhando vindicativa e justiça-doramente nos ventres, entulhados de palha e trapos, dos miseros judas; enquanto os judas de carne e osso, os que pregaram Christo na cruz, passam nê-dios, tranquilos, levando sob a lapella dos paletots a cruz de Christo, como observou, num epigramma famoso, famoso poeta.

Alleluia! bradam todos, mandando festivamente ao diabo o luto e o peixe, e guardando cuidadosamente, na calxinha dos botões, para servir na quaresma do anno vindouro, os prantos e os soluços com que fizeram figura uesta.

O meu amigo Raul Pompeia costuma chamar a quaresma — *carnaval de lagrymas*. Para justificar essa feliz deduição surge hoje sporadicamente a mascarada; reabrem-se os salões para os bailes *masqués e travestis*.

Momo, na quarta-feira de cinzas, mergulha sob o oceano do Tempo, desapparecendo durante a quaresma, e resurge á tona, hilariante e louco, no dia de hoje, sabbado de alleluia. O carnaval das lagrymas não é, pois, outra cousa mais do que um prolongamento das lagrymas do carnaval.

No fuudo — tudo carnaval, tudo lagrymas... O homem...

Ai! que lá ia eu cabindo na philosophia facil dos Heraclitos desoccupados! Nada de lamurias!

Alleluia! Alleluia!

Como para afinar com a tristeza da semana, foram tristes quasi todos os acontecimentos d'ella.

A narração minuciosa e longa do naufragio do vapor *Bahia* commoven e interessou profundamente a todos que a leram.

Encontram-se nella episodios cariosos, interessantissimos.

Entre esses o de se terem salvado os tres cegos que vinham a bordo uma senhora e dois homens a confiança com que aquella se entregou

à sua protectora, N. S. de Londres, o a coragem, inspirada por essa continuação, com que procurou e conseguiu salvar-se.

Outro episodio enternecedor — o d'aquella pequena crincha de 9 annos do ednde que, nadando como um peixe, procurou nas ondas, entre os destroços do naufragio, seus paes e irmãos, e conseguiu salvar uma irmãzinha de 6 annos, tambem nadadora, e um estudante. Bem certo é que ninguém se revela heróe senão quando é preciso.

A imminencia da morte, a urgencia de salvação, a coacção do perigo podem fazer grandes heróes de homons anteriormente considerados uns purgas, nns medrosos.

E' o caso d'aquelle corneta da *Toulin-negrn do Templo*, de quem o capitão diz a engraçada e profunda verdade — que é o poltrão mais valente que elle tem conhecido.

Quando não ha outro remedio um homem é tudo—heróe inclusive.

Infelizmente não resta duvida mais sobre o numero das victimas e que entre ellas estão o commandante, Isa ac, o immediato, Silverio da Silva, do fatidico *Bahio*, bem como está a toda a luz a responsabilidade do commandante do *Pirapama*. Se elle houvesse sido menos monstruosamente deshumano, talvez ficasse o numero das victimas reduzido apenas a um terço, ou menos. Esse enorme delicto ou essa calamitosa impericia não pode ficar sem correctivo. Sobre a cabeça d'aquelle homem chovem as maldicções da viuvez e da orphandade, de quantos perderam—graças a não ter elle sabido cumprir o seu dever—parentes e amigos naquella horrenda catastrophe.

O estado de saúde do Imperador tem preocupado muito a attenção publica e despertado serias apprehensões. Officialmente consta que S. M. passa regularmente, que os seus incommodos são devidos apenas á febre palustre que o affectou. Mas á bocca pequena—agora já á bocca grande—diz-se que S. M. está gravemente enfermo, que a sua *diabetes* aggravou-se, tem-se accentuado assustadoramente o quebramento de forças, o desanimo, a debilidadade, o esgotamento do seu organismo; e tanto que já foi chamado ao Imperio a augusta princeza, que, com seu esposo, ainda não ha muito chegou á França.

T'm visos de verdade estes boatos. E' natural que S. M.,—que, apesar de sua divina origem, é homem, como qualquer de seus subditos—sinta, por fim, cansaço, fraqueza, e pague o seu tributo á idade. Não se fazom impunemente os excessos de trabalho, os prodigios de actividade que o Imperador tam feito: a lei das reacções physiologicas não podia falhar em S. M. Havia, forçosamente, um dia de pagar, e por juncto, o seu contingente de barro fragil á sua condição de humano. Ha muitos annos que S. M. faz das fraquezas—forças, da velhice—mocidade, da fadiga—alentos. Por fim—era natural—a contensão cedeu, o *tour de force* foi acabando.

Que S. M. se convença de que necessita de restaurar pelo repouso, pela poupança de forças as que malbaratou prodigamente no seu inviolabilissimo afan de tudo ver, tudo ler, tudo examinar, tudo saber, tudo explicar.

Fazemos sinceros votos cordiaes pelo

completo restabelecimento da preciosa saúde de S. M. o Imperador.

O mais que houve a historiar nos sete dias foi:— as façanhas de um subdelegado feroz, atacado da mania do mando e do desmando; o fallecimento, realmente lamentavel, do Dr. Falcão Filho, illustrado lente da Academia de S. Paulo; a verificação de que a nova matricula, encerrada a 30 do mez passado, demonstrou que a população escravã do municipio neutro está reduzida á metade, graças, principalmente, á generosidade particular, facto em que não se pôde desconhecer o benefico influxo da propaganda abolicionista; a chegada de um príncipe austriaco de nome arrevessado e... e mais não bouve. O resto foi insignificante miuçalha de pequenos factos.

A' vista do que, o chronista pede licença para por-se ao fresco, desejando aos pacientes e sempre pios leitores excellentes festas, que o anno *libes* corra d'hoje avante prospero e amigo, sempre com cara de Paschoa, e que continuem a honrar *A Semana* com as suas sympathias e... assignaturas.

Não lhes esqueça nunca que esta folha, não só é a mais litteraria do Amazonas á lagoa dos Patos, como que é a mais interessante, imparcial, elegante e bem escripta do mundo.

Por hoje apenas direi isto, com a modestia que todos fazem a justiça de acreditar que existe a roda nesta casa.

E, com esta, sou um criado de Suas Senhorias.

JOSE DO EGYPTO.

CARTAS DO OLYMPO

VII

Depois de tão grandes ferias,
Eis-me de novo cantando.
Tractemos de cousas serias,
De sanctas cousas tratando.
Comecemos: *Carta Setima*...

Antes é justo, no emtanto,
Murmurar devota prece:
Fallo da egreja; portanto,
E' de razão que eu comece
Pedindo a benção do *Apostolo*.

Diz o leitor, desdenhoso:
—Apollo a rezar?... Que é isto?...
Mas sou um deus cauteloso:
Christão quando falo a Christo,
Pagão quando falo a Jupiter.

Vamos. Tristissimos dias
Que passastes, meus amigos!
Longe carnes e alegrias
E tentadores perigos...
Que dias tristes e lugubres!

(Bonito: A victoria é certa:
Mestre Castilho desbanco.
Que pensas da descoberta?
—Uma quadra e um verso branco,
Branco, branquissimo e... esdruxulo.

Isto exprime certamente
A tristeza de universo:
O esdruxulo justamente.
Transborda do quarto verso
Como uma lagryma funebre.)

Dias tristes? Sinos roucos,
Misas, lugubres officios,
E, como se fossem poucos
Esses muitos sacrificios,
As amendoas para cumulo?

Luto e peixe... Fóra, fora
A carne de toda a moza!
Modo estranho é este agora
De demonstrar a tristiza
Comendo ceias opparas.

Chega a ser prohibido...
A's occultas, face a face,
(Como hei de dizer?)... o beijo!
Vejam isto: está perdido
Quem não lingir que tem pejo...
Quem não tiver, seja hypocrita.

Oh! quem os beijos trocados
A's occultas, face a face,
E os rôshifes devorados
Nesta semana contasse!
Falassem faces e esto uagost...

É tudo porque em verdade
Um deus teve a phantasia
De deixar a eternidade,
Morrendo... só por um dia,
Pera espantar os catholicos!

E morreu tragicamente,
Sem volver o olhar piedoso
A'quelle que humildemente,
Solto o cabello formoso,
Lhe banhava os pés de lagrymas.

Triste morte! aquião menos
Quem morre; morre captivo
Nos braços quentes de Venus,
E resuscita mais vivo,
Que o amor dá vida aos cadaveres.

Emfim, passou a semana...
Volta a carne, vae-se o peixe.
E, n'adãa comedia humana,
É justo que cada um deixe
Cabir das faces a mascara.

Agora é o judas que passa
Aos trambolhões repetidos,
Aos risos da população...
Pegam-lhe fogo aos vestidos,
Tiram-lhe as pernas, enforcam-n'o.

Oh! se os Judas existentes
Fossem todos enforcados,
Ai! coitados dos parentes!
Ai! dos amigos! coitados!
E h'á noite. Até sabbado.

HEBO-APOLLO.

PREFACIO DOS « AZULEJOS »

MEU CARO BERNARDO—Nos tempos em que Voltaire, já depois de *Candide*, mesmo já depois da *Pucelle*, se contentava com cem leitores — tempos que nos devem parecer bem incultos, neste anno da Graça e de voraz leitura em que o *Petit Journal* tira oitocentos mil numeros, e *Cerminal* é traduzido em sete linguas para que o bemdigam sete povos — esses cem homens que liam e que satisfaziam Voltaire eram tratados pelos escriptores com um ceremonial e uma adulação, que se usavam somente para com os Principes de Sangue e as Favoritas. Em verdade o Leitor d'então, « o amigo Leitor », pertencia eempre aos altos corpos do Estado: o alphabeto ainda se não tinha democratizado: quasi apenas sabiam ler as Academias, alguns da Nobreza, os Parlamntos, e Frederico, rei da Prussia: e naturalmente o homem de letras, mesmo quando não fosse um poeta parasita do melancolico typo de Nicolau Tolentino, ao entrar em relações com esse Leitor de grandes maneiras, emplumado, vestido talvez darminho, empregava, todas as formas e todas as graças do respeito, e punha sempre, genuinos on fingidos, os punhos de renda de Mr. de Buffon.

Mas esta cortezia em que havia omção provinha sobretudo de que o Escripitor, ha cem annos, dirigia-se particularmente a uma pessoa de saber e de gosto, amiga da Eloquencia e da Tragedia, que occupava os seus ocios luxuosos: a lér, e que se chamava « o Leitor »: e hoje dirige-se esparsamente a uma multidão azafannda e tosca que so chama « o Publico ».

Esta expressão, « a Loitura », ha cem annos, suggeria logo a imagem d'uma livraria silenciosa, com bustos de Platóo e de Seneca, uma ampla poltrona almofadada, uma janella aberta sobre os aromas d'um jardim: e neste retiro austero de paz estudiosa, um homem fino, erudito, saboreando linha a linha o seu livro, num recolhimento quasi amoroso. A idéia de loitura, hoje, lembra apenas uma turba folheando paginas á pressa, no rumor d'uma praça.

Ora quando este Leitor, douto, agudo, amavel, bem empoado, intimo das edades classicas, recebia o Escripitor na sua solidão letrada—o Escripitor necessitava apresentar-se com reverencia, e modestement *courbé*, como recommenda Beaumarchais. E' um homem culto que vae a casa de outro homem culto—e esse encontro está regulado por uma etiqueta tradicional e graciosa.

Nem o philospho que vem submetter um systema, nem o poeta laureado no « Mercurio Galante » que traz a sua óde, nem Chénier com as suas tragedias, nem Massillon com os seus sermões, nem os rigidos, nem es ligeiros, nenhum por mais illustro irrompia bruscamente na attenção do Leitor, sem espera e sem mesura, como se entra num pateo publico. Tinha de haver uma apresentação condigna, solemne, copiosa; e isso passava-se nesse pedação de prosa em typo largo, com citações latinas, que se chamava o *Prefacio*. Ahi o auctor modestement *courbé*, deante do Leitor acolher e risinho, falava com prolixidade de si, das suas intenções, da sua obra, da sua saúde; dizia-lhe doçuras, chamava-lhe *plio*, *perspicax*, *benevolo*: justificava os seus methodos, citava as suas autoridades: se era novo, mostrava, córando, a sua inexperiencia em botão: se era velho, despedia-se do Leitor á maneira de Boileau, numa pompa triste, como da borda d'um tumulo. Trocadas estas cortezias não se entrava logo seccamente nas idéias ou nos factos: se o livro era de versos, o Poeta, tendo o Leitor ao seu lado, balançava o incensador e fazia uma invocação aos Deuses como nos degraus de um sanctuario; se era Tratado de Moral ou Historia, havia no limiar do capitulo I, para que o Escripitor e o Leitor repousassem, um portico de Considerações Geraes, dispostas com symetria á maneira de columnas de puro marmore, onde se enrolavam, em festões, flores de linguagem, vigosas ou meio-murchas. Depois o Auctor ia levando o Leitor pela mão atravez da sua obra como atravez de um jardim que se mostra, repercorrendo com gosto as aleas mais enfeitadas de erudição, parando por vezes a conversar docemente á sombra de um pensamento frondoso. Assim se formava entre ambos uma enternecida intimidade espirital. O Leitor possuia no homem de letras um companheiro de solidão, de um encanto sempre renovado. O Auctor encontrava no Leitor uma attenção demorada, fiel, crente: como o Philospho tinha nelle um discipulo, como Poeta nm confidente.

Depois, numa manhã de Julbo, to-

mon-se a Bastilha. Tudo se revolve: o nil novidades violentas surgiram, alterando a configuração moral da Terra. Veio a Democracia: fez-se a illuminação a gaz: nasceu a instrução gratuita e obrigatória; installaram-se as machinas Marinoni que imprimem com mil jornas por hora: vieram os Clubs, o Romantismo, a Política, a Liberdade e a Phototypia. Tudo se começou a fazer por meio de vapor e de rodas dentadae—e para as grandes masens. Essa cousa tão maravilhosa, do um mechanismo tão delicado, chamada o individuo, desapparecen; e começaram a mover-se as multidões, governadae por um instincto, por um interesse ou por um enthusiasmo. Foi então que se auniu o Leitor, o antigo Leitor, disciplinado e confiante, sentado longe dos ruidos incultos sob o claro husto de Minerva, o Leitor amigo, com quem se conversava deliciosamente em longo, loquazee Proemios: e em lugar delle o homem do lettras vio deante de si a turba que se chama o Publico, que ló alto e á pressa no rumor das ruas.

As maneiras do Escripitor para com estes com mil cidadões que estendiam tu multoocamente a mão para o livro—não podiam ser selectas e polidas, como as que tinha para com o Leitor classico quo lhe abria, aorrindo e já attento, a porta da sua intimidade erudita. Para deecer á praça do Publico não eram necessarios os punhos de renda do Mr. de Buffon, como penetrar na livraria do Leitor amigo—onde o Escripitor ia encontrar Cicero e Aristotelea vestidos do marroquin o ouro.

Immediatamente deixou de haver essa amavel e conservadora apresentação que se chamava o Proemio: nunca mais o homem de lettras desfiou no Leitor os seus motivos para discorrer ou cantar, pedindo-lhe com humildade um lugar na estante. Agora, finda a obra, o Escripitor, ainda suado e com o jaquotão do trabalho, atrai-a para a rua brutalmente. A obra já não é a sabia composição, feita pelos dictames das Artes Poeticas, para ser agasalhada e encadernada por Mecenas. Ideia ou Imagem deve ser cousa viva—e como tal se arrenessa ao moinho da Vida, para ir rolar com ella, sob o plomo sol.

Assim se toraou inútil a caricia aduladora com que no antigo Regimen se attrahia, se prendia o Leitor. Já não ao conversa intimamente com elle, caminhando ao seu lado, atravez de paginas galantes ou solemnes. O historiador, o romancista, que hoje interrompesse o correr das suas deducções, para, dar um geito aos punhos de ruelas e dizer: «Nota tu, leitor amigo...», seria considerado um intoleavel caturra das edades caducas. O Leitor deixou de ser uma pessoa a quem se falla isoladamente e com o tricornio na mão: e o Escripitor tornou-se tão impessoal como elle. Não são individualidades cultas commuicando; são duas substancias diffusas que se penetram, como a luz quando atravessa o ar.

Todavia ainda hoje ha Escriptores que, seduzidos pela graça nohre das maneiras classicas, quando procuram o Publico com um livro amorosamente trabalhado, querem pôr nesse encontro as fórmulas apparatusas da etiqueta d'outr'ora. São aquelles sobretudo, que, escrevendo delicadamente e para delicados, contam apenas, com o Leitor dos velhos tempos—que já não usa decerto espadim, nem cita finamente

Horacio, sacudindo o rapé dos bofes de ren-las, mas possuio todas as flauras novas do novo goato, o agasalha e encaderna os Estylistas, os Parnasianos, os Feminhuos, os Coppée, os Dau-let, os Verlaine, com o carinho religioso com que os Mecenas da epocha de Boileau encadernavam e reliam Tacito e Catullo.

Tu és d'essos: a grossa turba nesusta-te um pouco, com a tua desattenção ruidosa: e confias sobretudo nesse Leitor perfeito, amator raro das lindas flores modernas de Phantasia e d'Estylo. Maa sahea como elle ama as praxes graciosas que enobreciam a vida antes da tomada da Bastilha: o nem por um lugar no Ceu, entre Santo Hilario e Santo Hilarião, tu o queeriaa offender, irrompendo bruscamente e democraticamente na sua attenção preciosa. Por isso desejas levar ao teu lado alguém, já mais familiar com elle, que lhe diga, seguindo as boas tradições dos aadensos Proemios, *moderement courbé*—«Leitor pio, benevolente e amigo, aqui te apresento...» E aou eu que tu escolhes para esta genti cerimonia, perfumada d'archaismo, entre os teus amigos «simples fazedores de livros», como dizia ultimamente o velho Carlyle.

Eu aqui estou, amigo. Mas receio que te succeda como áquelle Cavalleiro de Ballada, de quem eu li a historia n'um velho ia-folio hespanhol, onde ella apparecia, conceituosa e florida, para illustrar os *peignos de las malas companias*. Este moço, heroico e candido, resolvera por um d'esses motivos de creença, de guerra ou d'amor, que eram os unicos que então dirigiam as acções humaas, ir offerter a sua grande espada a uma Nossa Senhora, cuja clarn emdinha, num pendor de serra, entre murmuroso arvorelo, era como uma foate espirital d'onde perennemente corriam os miserieordiosos milagres.

Tinha esto poetico moço um amigo, que, nesses ardentos tempos do Saata Thereza, de S. João da Cruz e de *la Caballeria a lo divino*, era secretamente soha sua cota de malin, um atheo—como se já lesse todas as noites no seu alcaçar, á luz radical do petroleo, o *Rappel* e o *Intransigent*! Como este ineredulo, ehapeado de ferro, conhecia bem os trilhos da montanha, quiz o devotissimo cavalleiro que elle o acompanhasse na sua hucolica romagem. E mal suspeitava o ingenuo heroe que, enquanto elle subia, com um alvorço piedoso, esses caminhos o pouco ingremes como os da Fé, o seu camarada ia ao lado lamentando amargamente que uma tão boa espada, de golpe tão forte, de tão bella linhagem, forjada em Toledo por mestre Francisco Roiz, nata d'espadsiros, ficasse d'ahi por deante a enferrujar-se aos pés d'uma Senhora—que era apeuas um tosco pedaço de madeira, com dous olhos de vidro, e um pouco de setim por cima bordado de lantejoulas... E sabes o que succeden? Que apenas o Cavalleiro, de joelhos, e murmurando a *Are Reyna de Gracia*, collocou junto á Imagem a lamina purissima—a imagem haixon severamente os olhos, e repelliu a espada cou o pé justiceiro e doce que ao mesmo tempo esmaga a Serpente e acaricia a Terra. A folha d'ago estreme de mestre Francisco Roiz fez-se em pedaços negros, da córd do tição, que é a córd do Demônio: e sobre a selva, cheia de gergeios e aromas, espelhou-se uma escuridão—como se a luz que a dou-rava se tivesse recolhido toda sob as

pestanas cerradas da Senhora offendi-la! Ai de mim, porque não escolheira o beato moço, para seu companheiro, algum padre intimo do ceu, ou um ecudeiro lealdoso e boai rosador do seu rosario? A Imagem era hespanhola, portanto impressionavel; e venlo o Cavalleiro e a sua espada escoltados por um sceptico, que orgulhosamente pensava que não haveria Santos se não honvessem Santeiros, logo inconsideradamente ae regulou pelo adagio que é d'Hespanha e d'outras terras—*Dime con quien irás te diré lo que pensarás!*

Esta historia, como todas aquellas em que apparecem santos e cavalleiros, encerra fecunda lição. E não receias tu, amigo, que, á similhança d'aquelle Senhora hespanhola, os espiritos timidos, para quem escreveste tão acariciadoramente os teus *Azulejos*, baixem os olhos o regeitem o livro gracioso, no ver que o vem acompanhando por estes brejos da publicidade um Infel, um Renegado do Idealismo, um servente da Rude Veridade, um deesses illegiveis, de gostos suinos, que fossam gulosamente no lixo social, que se chamam «Naturalistas» e que têm a alcahua de «Realistas?» *Dime con quien irás, hijo mio, te diré lo que pensarás.* Não receias que te julguem tambem um «Realista»?

Não temes que o teu livro, flor de Litteratura, casta de aroma e de córd, seja tratado como um desses fructos podres que ama o Naturalismo? Fructos medonhos que têm depravado o paladar das multidões, a um ponto que só elles appetecem e só elles se vendem, e já ninguém vae feirar aos gigus onde vermelham os frescos morangos acabados de colher no morangal do Romantismo!

ÉÇA DE QUEIROZ.

(Continúa.)

NA MORTE DE UMA CRIANÇA

(AO DR. ANTONIO DE MACEDO)

Se eu tivesse morrido nessa idade, Criança alegre que este mundo deixes, Não sentires as agruras da saudade, E não lançaria ao vento amargas queixas.

Ha para nós no mundo, alma innocente, Uma ventura só—é ser criança. E tu foste criança unicamente... Feliz de ti! Descansa em paz, descendia!

Veries, se pudesses ver agora, Que sou sincero e não te estou mentindo: Enquanto tua mãe soluça e chora, Os teus irmãos pequenos folgam, rindo.

Feliz quem morre ás oito primaveras. Feliz quem morre entre agonias mansas, Antes das illusões e das chimeras, Antes dos sonhos e das esperanças:

Que illusões e chimeras, mai despontam Logo as desfaz o vento da desgraça; Sonhos são nuvens que ao azul remontam, Passa a esperança como tudo passa.

Tu não sentiste o amor acre e tyranno, O ciúme voraz, doído e sangrenio; Ave, não te ferio do odio humano Toda a baiteza e todo o aviltamento.

Anjo, não enlodaste es azas de oiro No sangue d'esta lucta fratricida, E não te afadigaste como um moiro Pera arrancar á terra o pão e a vida.

A vida para ti foi um sorriso; Toda a passaste em canticos e festas. Foi para ti o mundo um paraíso, Nem topaste as serpentes nas florestas.

Oito annos de amor, e amor materno. O mais sublime e saecto dos amores! Vestiste sempre o olhar limpo e terno. A existencia das aves e das flores!

Almedas não cortou á detestada Hydra as cabeças todas:—inda viça Uma, horrivel, imaz, Traição chamada, Um'outra ingratitude, outra injustiça.

E tu não conhecesto o monstro infante Que no peito dos homens fez o unho... Tu na Terra passaste alegre e voando. Como vós no ar um pas-ariho.

Não soubeste que a dor da ausencia mata Mais do que a morte, e deixa-nos vivendo: Que a desventura os sonhos arrebatá. E cada bocca solta um grito horrendo!

Existencia fugaz e venturosa, Foi teu primeiro o ultimo queixame; Viveste pouco mais que vive a rosa. Tiveste a curta vida do perfume.

Vida sem nodos, intemerata, pura, Nem pudeste ser inelym ou robarde. E nem fleaste á espera da ventura, Que nunca chega, ou chega muito tarde.

Tu morres e não deixas sobre a Terra Punhos cerrados, venhos contrahidos, O coro do odio horrante que urra e berra, Os gritos da vinzança mal contidos.

Não praticaste o mal, e o mal agora Deixa que vós limpo do seu lado, Em direcção dos páramos da aurora, De sue immensa luz banhado todo.

No campo sancto entre crianças llcas; Entre anjos, anjo, ficaseepultado. E as adultas sombras impudicas Respeitarão teu tumulo sagrado.

Por isso, com pezar mesto e profundo, Digo:—Feliz quem morre nessa idade; Quem morre e unicamente d'ete mundo Leva um adeus e deixa uma saudade!

S. Paulo, 27 de Março de 1887.

FILINTO D'ALMEIDA.

MONIZ BARRETO

O REPENTISTA

Quando percorri as paginas d'esto livro, escripto pelo tão correcto lyrico dos *Vãos Icarios*, e primoroso estylista do *Elogio historico do Visconde do Rio Branco*, senti o coração povoar-me de saudosas lembranças do passado, e o peito dilatar-se-me áe tonisações redemptoras de uma obra escripta por um athleta do estylo, com ecotimento nohre e critica scientifica.

E' que este livro transportou-me á época em que meu pai commosco, á noite, em redor da mesa, contava-nos epiaodios da vida de Moniz Barreto, o repentiata, com quem privára, e a cujos arroubos da sua imaginação lavosa, assistira muitas vezes.

E' ainda que este livro representa o genuflectar de um filho á beira do sepulchro de seu pai; a devida ressurreição da memoria de um legitimo príncipe da lyra; a critica de melhor tempera, que não subordina o cerebro ao coração; um manancial de cousas aproveitaveis; um primor de estylo.

O genio pujante de Moniz Barreto não se limitou ao eçoado lyrismo em caçoulas de perfume, dedicado ás sehoras mais ou menos benemeritas de amor e de poesia; foi tambem a esperadora dos hrios patrioticos; igualou a de Voltaire na causticidade do epigramma; emparelhou no agetear com a de Bocage, rastejou a epopeia, grangeou a immortalidade no repentiata.

Mas o poeta soberano, que por fillados annos imperára absoluto na Bahia e aqui na Corte, deixou-se gastar pela inercia que profunda se lhe radicara, quando —perdidas as illusões— abra-

Tem sido paga a pessoas, enquanto vivas, em dotações, divididos o total, quanto superior a quatro milhões de dollars (cerca de nove mil contos de réis).

O balanço annual demonstra mais: Um augmento de mais de tres milhões de dollars sobre o anno de 1885 (cerca de seis mil e oitocentos contos de réis.)

Um augmento nos recebimentos superior a oito milhões de dollars (cerca de deztoito mil contos de réis);

Um augmento no saldo a favor, superior a dous milhões de dollars (cerca de quatro mil e quinhentos contos de réis);

Um augmento sobre o anno de 1885 em seguros tomados de dezesseis milhões de dollars (cerca de trinta e seis mil contos de réis);

Um augmento sobre os negocios de 1 de Janeiro de 1886 em seguros em vigor, de quarenta e quatro milhões de dollars (cerca de cem mil contos de réis);

Durante o mez de Janeiro proximo passado a companhia pagou ás familias de diversos segurados fallecidos a quantia de 231.500 dollars (cerca de quinhentos e trinta contos de réis.)

ALMANACH DO « VASSOURENSE »

E' uma escolhida collecção de indicações úteis ao publico; contém a rolação completa de todos os eleitores de Vassouras, varios annuncios de industriaes e negociantes, o além d'isso ornamenta-se com uma variada e linniosa parte litteraria e recreativa, em a qual apparecem trabalhos em verso e prosa devidos ás nossas melhores pennas, como as de Raymundo Corrêa (de quem traz um interessantissimo logographo—acrostico) Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, etc.

Em poucos almanachs so encontra parte litteraria tão bem escolhida e organizada como a do Vassourense.

TRATOS Á BOLA

Pépe da minh'alma, d'esta vez não abiscoitaste o premio porque não acertaste com a quinta tratica (difficil, heim?) Consola-te, meu querido irmão!

Quem devo dar pulos de contente ao saber de semelhante fiasco é o meu novel tratista—Zé Bedelho, que metteu o dito em todos. Sim senhor, estreiouse com os pés direitos, digo com o pé direito. Venha buscar o seu premio.

DECIFRAÇÕES

Das novissimas—Lisbonina. Icaro e Constantinopla; das antigas—Leopardo e Cantagallo, e do enigma—Enner.

Para hoje, carissimos e incomparaveis irmãos, offereço dous replica—poeticos premios áquelles que decifrarem as seguintes tratices:

PROVERBIO

A g a a a c d d e e e e e e e e h i i i m m m n n n n o q r r s s s t t u u z.

NOVISSIMAS

- 1—1—Está indecente este pronome no gyro da taboada.
- 2—2—1 A serva expulsa, é miseravel! Que pena!... Morreu de morte violenta.
- 2—3 E' fabula que vende este fabulista.
- 3— Esta mulher, só com um pedaço de guarda-pó é um peixe.

ANTIPOS

I

Busca-a na taba—1
Busca-a na cama—1
Busca-a na guerra—2
A gente acaba
Quando se inflamma
Sinistro e berra!

II

Só pinta caras—2
Tal contracção.—1
Na pata acharas—1
Da embarcação.—1

Que rei jagodes!
Maldito rei!...
Se tem bigodes
Nem mesmo eu sei.

E fins coronat opus.

FREI ANTONIO.

CORREIO DA GERENCIA

Ao nosso assignante que nos envia uma consulta sem assignatura, sobre inventario, pedimos queira reclamar a respectiva resposta, visto não sabermos a quem enviar-a.

Sr. J. Florindo.—S. Paulo—O recibo de V. S., sob n. 7998, relativo ao anno passado, está com o Sr. Sá.

Sr. J. M. de Castro.—Casa Branca.—Tendo augmentado para 108000 reis o preço da assignatura d'esta folha, tem V. S. de nos enviar mais 28000 réis afim de quitar-se até 31 de Dezembro do corrente anno.

Sr. Thomaz de Queiroz.—Casa Branca.—O seu debito, até 31 de Março proximo passado, é de réis 78500, que pôde enviar-nos em carta registrada com valor declarado.

Sr. L. de Assis—Juiz de Fora—Pôde V. S. remetter-nos a importancia recebida, em carta registrada, com valor declarado.

RECEBEMOS

Questão Agra—Refutação dos pareceres dos Drs. Souza Lima, Farinha e Nuno de Andrade na questão de interdição de J. A. Gonçalves Agra per dementia senil.
—Revista do Observatorio—n. 3, anno 2o.
—Cerreia da Europa—anno 8o ns. 5. e 6 Publica-se em Lisboa. Orna a primeira pagina d'aquelle o retrato do nesso distincto compatriota Sant'Anna Nery.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

DA AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

ENGENHOSO FIDALGO.

D. QUICHOTE DE LA MANCHA

por D. Miguel de Cervantes Saavedra

Tradução dos Viscondes de Castilho e d'Azevedo, com um primoroso prefacio, expressamente escripto por Manuel Pinheiro Cbagas. Expiandida e monumental edição, adornada com dezenbos de Gustavo Doré.

A Agencia Commercial Portugueza participa que já se achão á disposição dos Srs. assignantes todos os fasciculos de que se compõe esta importantissima obra, e por isso podem fazer desde já a aquisição de todos, ou da parte que lhes convier. Continúa por enquanto aberta a assignatura ao preço de 400 réis cada fasciculo, mas previne-se que brevemente se fechará a assignatura passando depois a custar cada fasciculo 500 réis para as pessoas que até então se não houverem inscripto.

Como para todas as demais obras de que se acha encarregada, continúa esta

casa a mandar fazer, com toda a regularidade, nos domicilios dos Srs. assignantes, a distribuição dos fasciculos; mas acaba de estabelecer-se que aos Srs. assignantes que tomaram antes a seu cuidado mandar neste escriptorio buscar, se distribuirá em cada dez fasciculos um gratuitamente.

Para participação d'assignaturas, dirigir pelo correio a Lourenço Marques d'Almeida, caixa n. 593. Agencia Commercial Portugueza—Rua do Carmo 40—1o andar.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique do Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado.—Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Imperial Fabrica de Corveja e agnas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

EMULSÃO

DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA Tisica, bronchites, es-crophulias, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicæ e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principais livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

NUNCA SE VIO

UMA QUEIMA COMO ESTÁ FAZENDO O

BAZAR S. MICUEL

para sua liquidação final, que terminará infallivelmente em 30 de Abril. Grande sortimento de fazeadas, armarioho, louça, crystaes, porcellanas e objectos de uso domestico.

66 RUA DA ASSEMBLEA 66

CAFÉ DO COMMERCIO

33 RUA DO OUVIDOR 33

GRANDES MELHORAMENTOS !!!

50 réis a ebicara de café especial 50 réis
60 réis o copo de caldo de canna 60 réis

Cerveja Transatlantica do Havre approvada. Musica ao piano por um distincto pianista

DE DIA E DE NOITE

DEPOSITO E OFFICINA DE PIANOS

DE

Alfredo Fertin de Vasconcellos, professor de piano

Pianos novos de Pleyel, Erard, H. Herz, Bord, Gaveau, etc. Compra, troca, vende em segunda mão.

AFINAÇÕES E CONCERTOS GARANTIDOS

BOM SORTIMENTO DE PIANOS PARA ALUGAR

25 RUA DO CARMO 25

RIO DE JANEIRO

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encommenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

INTRANSFERIVEL! INADIABEL!

GRANDE LOTERIA

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Peruambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIABEL

MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio	:	100:000\$000
Segundo sorteio	:	200:000\$000
Terceiro sorteio	:	1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do AGENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tom apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 1\$ fica-se habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 16 DE ABRIL DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 120

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
« A Semana ».....	V. MAGALHÃES.
Uma velha calumnia.....	A. DE OLIVEIRA.
Nocturno, poesia.....	Uno.
Idéias de todas as cores.....	A. DE SOUSA.
Sinhinhos, poesia.....	E. DE QUEIROZ.
Prefácio dos «Azulejos».....	
Visita a um tumulo, poesia.....	V. MAGALHÃES.
A festa.....	R. OCTAVIO.
Notas philologicas.....	J. RIBEIRO.
Jornaes e revistas.....	S.
Notas bibliographicas.....	V.
O louco, poesia.....	J. DE M. SILVA.
Theatros.....	P. TALMA.
Rabiscas philologicas.....	PACHECO JUNIOR.
Festas, ballies e concertos.....	LORGNON.
A vida alegre.....	PONSARDIN.
Collaboração:	
Contreses, soneto.....	O. E SILVA.
Inverno, soneto.....	M. PEDRENEIRAS.
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista daa circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

Partio já para Santos, e d'ahi a percorrer a provincia de S. Paulo, o Sr. Francisco Fonseca, nosso agente nomeado para a referida provincia, encarregado de cobrar e angariar assignaturas.

Aos nossos correspondentes e amigos em S. Paulo rogamos a fineza de prestarem áquelle nosso agente o auxilio e Informações de que elle careça para o bom exito da sua commissão pelo que nos confessamos, desde já, sumamente gratos.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelica A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

A SEMANA

Reencetaremos brevemente a nossa Galeria do *Elogio Mutuo*, dando os retratos e reciproas biographias de Rodrigo Octavio e Alberto Silva. Seguir-se-lhes-ão Lucio de Mendonça e Raymundo Correa, Alfredo de Souza e Henrique de Magalhães.

Ficarão promptos na proxima semana os indices e o frontespicio da nossa folha pertencentes ao anno transacto.

Como só aproveitam aos colleccionadores, somente os remetteremos aos Srs. assignantes que nol-os pediram, correndo o respectivo porte por nossa conta. Podem, pois, os que o desejarem, fazer desde já os seus pedidos.

Os sete dias decorridos do numero de sabbado passado ao de hoje foram tão chochos, tão vasilos da acontecimentos, tão lamentavelmente magros e insignificantes, que bem se pôde dizer que não tiveram historia.

E' a razão porque não'damos hoje a *Historia dos sete dias*.

UMA VELHA CALUMNIA

No *Microcosmo*, creio que de 21 de Junho de 1885, o talentoso moineiro que esse pelloirinho redige deu azas á calumnia de ser proprietario d'A Semana « como illustrado poeta que nessa folha é proclamado como o primeiro ». Respondeu-lhe no sabbado seguinte A Semana (n. 26) na sua secção *Bolos*, pela maneira seguinte:

« Tratando de um supposto commendador Rodrigues— uma invenção espi-

rituosa de Paula Ney, — o venerando ancão Laet fez no seu ultimo *microcosmo* o seguinte circumloquio: — Não ha muito tempo que na « Folha Nova » impugnei a gratuita asserção de um historiadór literario que dava como proprietario da « Semana » o mesmo illustrado poeta que nessa folha é proclamado como o primeiro.

Até aqui a insinuação é apenas sarcástica.

Mas Pimenta é manhoso e sabe fazer as cousas com geito. Nada de se comprometter. E' o grande mestre da pafifaria irresponsavel. Era capaz de inventar o *testa de ferro* se já não existisse o Romão José de Lima.

O pensamento esboçado na linhas transcriptas, é desenvolvido e completado pouco abaixo: — « Nestas condições, hoje, que tão decedente se acha o jornalismo nacional, só conhego o estabelecimento aqui da esquerda. O commendador não olha para sacrificios, commanto que o acclame, pela minha, o primeiro prosador deste hemispherio. »

A insinuação aqui é directa. Este periodo ligado ao outro dá uma infamia, que pode ser traduzida nesta phrase simples: — « O Dr. Luiz Delfino paga á Semana para que esta o acclame primeiro poeta nacional. »

Aquillo, porém, deixa de ser uma injuria para ser uma retaliação: Têm dito que Pimenta recebe ordenado do *Jornal* para insultar quem passa, e Pimenta retalia dizendo que nós recebemos paga para acclamar Luiz Delfino.

Mas existe esta differença fundamental: — O *Pachiderme* paga a Laet, e Laet quasi nada faz do que insultar conhecidos, desconhecidos, amigos e até collegas seus do professorado; ao passo que Luiz Delfino ainda não gastou com A Semana nem talvez mesmo o tostão do numero avulso. Luiz Delfino nem ao menos é assignante d'A Semana, o que, entretanto, nos não consentiriamos, visto que o grande poeta é nosso collaborador e já por vezes tem aspergido estas columnas com o intenso perfume oriental e exquisito doa seus versos.

A Semana fundou-se por meio de acções, que foram distribuidas por amigos dos fundadores, alguns dos quaes ficaram com tres e quatro— e Luiz Delfino nem sequer tem uma, pois que se lhe não podio tal obsequio. Mesmo, porém, que se lho pedisse, isso não pnderia obrigar-nos a dizer o que, em consciencia, não pensassemos do seu merito ou das suas qualidades; nem, por outro lado, poderia fazer-nos ter escrúpulos quando quizessemos sustentar que elle era um genio, se por ventura tal o julgassemos.

Não ha favores, nem obsequios, nem protecção que possam obstar a que digamos quando for necessario, a inteira verdade, em prol ou contra quem quer que seja, mormente em questões de litteratura e de arte.

Esta força e esta franqueza, tiramolas da propria qualidade que Pimenta possui de desdenhar, quando, com pilhas de prata, nos appellida— *mancebos*. Tiramolas da nossa mocidade, venerando nome! da nossa mocidade!

Era natural que com essa reaposta a calumnia morresse esmagada, aspirando á lama de que se gerára e nutria.

D'facto, pelo meaos tão claramente, não mais veio a publico; mas continno caladamente no seu trabalho de innocuação toxica, nas ródinhas dos maldizentes.

Agora, quasi dois annos depois, resurge em publico, no mesmo lugar em

que fizera a sua primeira apparição: no roda-pé do *Jornal*, em hna, aos domingos, continúa Laet a sua maldina missão de amolador molinero.

Uesta vez foi um tal *Chico das Botas* quem nellas á trouxe a publico.

Vomitou-a elle por esta indecente manira:

« Hoje quem quer acclama. Não acclama quem não quer ou quem é tolo. Tenho um amigo, por exemplo. Esse amigo é um bom homem que empréstou alguns cobres para a realização de uma empresa que ligar— uma folha, supponhamos— de onde eu esperava tirar proveito e gloria. Gloria muita, proveito—algum.

Como pagar? Dinheiro não ha, porque a folha é muito aceita... pela familia e pelos amigos. A empresa caminha com a rapidez de um bonde Estacio de S. I.

Como pagar? Economias não se podem fazer, porque os compulheiros, em vendo dinheiro, não querem saber de possibilidade, nem de historias.

Afinal tenho uma ideia.

O meu amigo fiz *versos* exquisitissimos, que são muito bons porque ninguém os entende: dá a esses versos uns titulos mais exquisitos e num latim por sua vez mais do que superlativamente exquisitissimo.

A' vista de tanta exquisitice, que hoje equivale a muito talento, peço no meu amigo, supro-o bem, acclamo-o rei dos reis, chefe dos chefes, e astou pago, perfeitamente pago.

E o meu amigo rena, reina, réina... até cansar de tanta reinação.

Aviso importante: Propngo o processo, mas não fureu quem o inventou.

Nada de plagio!

Pois que não foi bastante a primeira resposta, para dar cabo da calumnia negra e lemosa, tanto que, dois annos mais tarde, ella reergue a chata cabeça de vibora cobrilhe. Vou hoje, de uma vez por todas, responder aos *Bolos* e aos *Laets*, publicos e particulares, que, em falta de outro, se servem d'esse meio para nos fazer mal.

A uma carta que escrevi ao Exm. Sr. Dr. Luiz Delfino dos Santos, o grande poeta da *Solemnia Verba* e do *Christo e a adúltera* e de outras innumeras admiraveis composições, pedin-lo-lhe me responlesse aos dois seguintes itens:

I O Exm. Sr. Dr. Luiz Delfino dos Santos tem algum interesse pecuniario na empresa editoria d'A Semana?

II S. Ex. foi alguma vez solicitado, por mim ou por algum em meu nome, para entrar com dinheiro para a dita empresa, como accionista ou a titulo de emprestimo?

respondeu o illustre cavalheiro com a seguinte carta; a qual transcrevo na integra por não me ser permitido truncal-a, e cujo original fica na relação d'esta folha á disposição dos São Thoné que desejem examinal-a:

« Rio, 14 de Abril 1887.

Respondeu-lhe ás perguntas que o meu illustre amigo me faz, na carta com que, hoje muito me honhorou, dá-me dizer-lhe:

I Não tenho, nem tive interesse

pecuniaro na empresa editora d'A Semana.

II Nunca fui solicitado por V. nem por pessoa alguma em seu nome, para entrar com dinheiro nessa empresa, nem como accionista nem a titulo de empréstimo.

Acrescentarei que só uma vez entrei no escriptorio da redacção d'A Semana, sem encontrar os seus redactores, e que tenho commettido a ingratitude de não visitar V. em seu domicilio—nem mesmo uma unica vez.

Confesso-me publicamente de tão grande falta:—publicamente, porque podendo V. fazer o uso que lhe convier d'esta carta, não é facil que ella fique na sombra dos factos domesticos.

Sou com superior consideração e elevadissimo apreço.

De V. Amigo muito e muito obrigado e grande admirador Luiz Delfino.—

Ao meu bom e illustre amigo devo e quero publicamente agradecer a gentileza e a minima benevolencia com que se dignou de responder á minha carta; confessar a minha gratidão profundissima pelos serviços e pelas finezas que a mim, particularmente, e á minha folha tem dispensado, os quaes, mesmo por não serem de dinheiro, com dinheiro não podem ser pagos; e pedir-lhe perdão de ter ido perturbal-o e distrahil-o desagradavelmente dos muitos affazeres da sua profissão e dos seus preciosos trabalhos litterarios, sujeitando-o talvez—má do meu grado—n ser novamente alvejado pelos illupcionarios sagittarios da nossa imprensa patusca; facto que não pode incommodal-o, mas que sinto e lamento porque não comprehendendo que possa ninguém referir-se ao Dr. Luiz Delfino a não ser para presta-lhe todas as homenagens a que têm direito o seu talento, a sua illustração e o seu caracter.

Quero crer que depois das declarações insertas na carta supra, não repetirá mais que eu e os meus companheiros nos vendemos ao Dr. Luiz Delfino.

Resta agora aos nossos amigos o expediente de dizer isso mesmo... em relação a outro cavalheiro.

Terminando, tenho o prazer de informar aos *bôtas e laets* que não podem comprehendere a fundação e manutenção de uma folha como A Semana durante dois annos e meio e a sua continuação senão attribuindo-as á venalidade do seu fundador e de seus redactores, que esse malagre foi devido ao uosso trabalho, ás unidões que soubemos fazer, á sympathia que conseguimos criar no publico, á nossa constante e indefessa actividade, ao uosso criterio, e tambem, se dáo licença, ao nosso talento.

Se lhes não for possivel acreditar nisso será por já não serem susceptiveis de crer que se possa honestamente criar e manter uma folha neste paiz.

E essa deficiencia moral bastaria por toda a nossa vingança.

Rio, 16 de Abril 1887.

VALENTIM MAGALHÃES.

NOCTURNO

Como a noite está fria! A quando e quando Dobram-se fira as arvores com o vento; Crescentes nuvens em compacto bando Correm no firmamento.

Arde em meu quarto a lampada tardia. Os meus livros me esperam... mas que importa....

Quero sonhar, ouvindo a ventania
— Espectro errante a soluçar-me á porta.

Meu amor! meu amor: em que abandono Dormes? que pedra aterradora em cima Te puzeram, que coa vão no eterno somno A minha voz te anima??

Levaram-te: um caixão com laxas de ouro, Um carro de ouro e crepe... horror inflado! E no caixão deitado um vulto louro Postas as mãos, dormindo.

— Accorda! accorde! A noite está tão fria!
— Mas escuto uma voz... é a voz da morte.
E a voz da noite? é a voz da ventania
— Espectro errante a soluçar-me á porta.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

IDEIAS DE TODAS AS CORES

As imagens e figuras, em um escriptor, so têm real valor quando symbolisam idéias originaes e conceituosas. Fazer *estyllo* só por amor da arte é um pedantismo e uma inutilidade.

A differença fundamental que existe entre os escriptores naturalistas e os idealistas é a seguinte: os primeiros estudiam a vida pela observação directa da natureza; os segundos a vêm em quinta dynamisação, através dos livros e das tradições. Aquelles vivem em um mundo real, estes em um mundo imaginario.

Politica e Diplomacia, duas sciencias importantissimas, vastas e complexas, mas cujas denominações são hoje synonymos de dissimulação, astucia, egoismo, conveniencias e corrupção!

« Com teu amo não jogue as peras. »
« Na boa ou má demanda põe o escriptivo da tua banda. »

Eis o que se devia escrever no adito do templo augusta da Justiça e do Direito.

E' engano; suppor-se que os bens da fortuna tornam o homem mais independente e melhor.

O dinheiro apenas põe em maior evidencia as boas qualidades ou os defeitos de que a natureza dotou quem u pussue. Se teu boas intenções, a fortuna lhe proporciona meios de as realisar, ou pelo menos de as patentear; se nas veias lhe corre máu sangue, o ouro apenas faz com que elle possa elevar o mal á altura de um principio, impondo a sua immoralidade ao genero humano.

Iago, rico, seria Shylock; príncipe, seria Nero ou Caligula.

A independencia moral é tão independente dos bens de fortuna, que um bohemio de George Sand exclamava quando mostrava as algibeiras vazias: — *Voilà mon indépendance!*

Esta boutade é menos paradoxal do que parece.

Ha tanto patriotismo nos que propõem reformas que acelerem o progresso de um paiz, como naquelles que se oppõem aos excessos e desmandos dos primeiros.

D'ahi nasce o equilibrio social.
A unica coisa que se deve exigir dos homens politicos é que sejam sineeros.

O jornalismo fluminense, em sua ge-

neralidade, está hoje reduzido ao seguinte — *blague*, troça, debochs.

Ninguém diz o que pensa nem o que sente. Por amor de uma pillheria ferina ou de uma insulsa pachuchada, os nossos jornalistas sacrificam o bom senso, os impulsos do coração, o proprio interesse pessoal; quanto aos principios e ás ciências, estes não os sacrificam elles, porque não os possuem nem para mezinhu.

Ha todavia algumas excepções.

O homem taciturno é sempre desconfiado e odiento.

A loquacidade é uma valvula por onde se escapam os ruins soutimentos. Gosto dos sujeitos grulhas.

Os que amam demasiado as gloriolas e a notoriedade vulgares nunca dão de conseguir a reputação e a gloria.

Quasi todas as religiões fazem consistir na immobildade e na inacção o gozo supremo e a bemaventurança. Grande erro. O gozo, o prazer, a ventura, só podem ser encontrados no movimento, no trabalho, na actividade moral, physica e intellectual. Fora d'ahi só existe este monstro somnolento e mortifero que se chama Tedio.

UDO.

SONHEMOS...

Onde iremos pairar, toda envolvida,
Tu, pelas illusões,
E eu pela voz dulcissima, dorida,
Dos nossos corações?

Dos versos meus harmonicos escadas
Eu vivo a architectar,
Por onde em noutes longas, estrelladas,
Elevas-te a sonhar.

Elevas-te a sonhar! Dizendo em sonho
Todo este grande amor
Que me não dizes ter, mas que eu, risonho,
Sempre edulvino, flor.

Quero-te assim! Nos versos e nas rimas,
Que burlio por ti,
Min'h'alma, fonge de perversos climas,
Chora, canta e sorri!

Canta e sorri ás vezes; outras vezes
Chora, triste infeliz!
E o que não dizes, anjo, entre os revezes
A pobresinha diz.

Diz que receia que te fira forte
A vil, maligna mão,
Porque tambem a tua morte é a morte
D'este meu coração.

D'este que pulsa, como ignota corda,
A luz do sol que tens
Nos olhos teus, que a minha vida bórda
De venturas e hens!

Onde irei eu pairar sem ti, sem este
Labio que heijo só?
Sem ti — perfume brisa, que soergueste
A mim — misero pó?

Ab! não queijas saber p'ra onde iremos,
Que incerteza maior?
Adores-me, eu adoro-te: sonhemos...
Sonhemos, que é melhor.

Sonhemos! e que vivas envolvida,
Tu — pelas illusões,
E eu — pela voz dulcissima, dorida,
Dos nossos corações!

1887.

ALFREDO DE SOUZA.

PREFACIO DOS 'AZULEJOS'

(Continuação)

Ah! se a nossa amada Lisboa, velha e crenda do abbado que se arrebeca á franceza, tivesse já comprehendido o que, n'este anno da Graça de 88, já largamente comprehendeu a aldeia de Carpentras, famosa pela sua coturricia; — que o Naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ella é na sua realidade ou não como tu a poderias idear na tua imaginação — se in honro o teu livro suspeito-o de Naturalismo! Obra naturalista significaria então, para a nossa bondosa Lisboa — obra observada e não sonhada; obra modelada sobre as formas da Natureza, não recordada sobre moldes de papel; obra pousada nas eternas bases da Vida, e não n'esse monturo molle, feito de sentimentalismo bolorento e de cascalho de rhetorica, que ainda atravanca um conto da Arte, e onde se vê ainda, por vezes, brotar uma florsinha triste e melada que pende e que cheira a mofa.

Mos como tu sabes, amigo, n'esta Capital do nosso Reino permanece a opinião cimentada a pedra e cal, entre leigos e entre letrados, que Naturalismo, ou, como n Capital diz, Realismo — é grosseria e sujidade! Não tens tu reparado que quando um jornalista, copiando no seu jornal com penna habil a Parte de Policia, que é o *roast-beef* da Imprensa, menciona um bruto que proferio palavras immundas, nunca deixa de lhe chamar com uma ironia cujo brilho raro o enche do justo orgulho, — *discipulo de Zola?* — Não tens notado que nos Periodicos, quando se quer definir uma maneira especial de aer torpe, se emprega esta expressão consagrada — *ô Zola?* Não tens tu visto que, ao descrever um easo sordido ou bestial, o homem de Gazeta acrescenta sempre, com um desdem grandioso: « para contar bem como tudo se passou precisavamos saber manejar a penna de Zola? ». Assim é, assim é! Estranha maravilha do Asneira! O nome do épico genial de *Germinal* e da *Oeuvre* serve para symbolisar tudo que, em actos e palavras, é grosseiro e immundo! Isto passa-se n'uma terra que na geographia politica é uma Capital e se chama Lisboa — mas que, na ordem do pensamento e do saber, é um logarejo sem nome!

Meu Deus, sejamos justos! Tambem em França, em Inglaterra, ha quinze annos, houve a mesma opinião sobre o Naturalismo; tambem gritaram grosseria, sujidade, os nescios e os malignos, ao apparecerem essas vivas, rijas, fecundas, resplandecentes creações do: *Assomoir* e de *Nana*. Sómente em França, em Inglaterra, bem depressa os nescios comprehendiram (como já muito bem tinham comprehendido os malignos) que se não tratava d'uma litteratura expressamente libertina, filha de Boccaccio, de Brantôme e de Piron, especulando com o vicio e fazendo dinheiro com elle — como parallelamente o Sr. Ulbach e outros pudicos peoros procuram judiciosamente acumular pecunia, fabricando correctos quadros de virtude para uso dos Collegios de meninas: mas que se estava em preença d'uma larga e poderosa Arte, fazendo um profundo e subtil inquerito, a toda a Sociedade e a toda a Vida contemporanea, pintando-lhe cruaemente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo, na sua aanta missão de verdade, occultar detalhe nenhum por

mais torpe, como, na sua scientifica necessidade de exactidão, um livro de Physiologia não pôde omitir o estudo de nenhuma função e de nenhum órgão. Ora esta nobre Arte não julga dever nutlar a Realidade ou falsen-la, compromettendo assim o seu grandioso fim moral, só porque poderia fazer córar as meninas—as meninas que, segundo nos revelou ultimamente o castíssimo o idealíssimo Feuille, conhecedor perfeito dos costumes da Virgíndade, quando estão juntas, todas de branco, n'um canto de saln, tem conversas *qui feraient rougir un singe*, que fariam córar um macaco! E om verdade vos digo, oh meus concidadãos, o macaco é desde Plínio considerado como a mais impudente, a mais obscena das creaturas que sahiram das mãos inexgotáveis do Senhor!

Mas a nossa terra, amigo, nunca assim o comprehendrá. Para ella Naturalismo é cousa suja—o cousa suja ficará. Desde que nós, portuguezes, laboriosamente conseguimos arranjar uma idéa dentro do cráneo—a nossa perguiga intellectual, o nosso desleixo, este fundo de desdenhosa indifferença que todos os mortidionas tem pelas fideias e pelas mulheres, impede-nos de lhe moxer, de a tirar do seu canto, onde ella fica ganhando bolor em tranquillidade e puru sempro. Em Litteratura, em Costumes, em Política e no Fabrico do chinollo de orello, nós estamos vivendo e estamos morrendo d'este obtuso, viscoso afferro ao vago das primeiras impressões. Seria inutil ir explicar, em berros, por uma tuba de bronze, aos ouvidos da nossa suave Lisboa, acocorada á beira do Tejo a ver correr a agoa—o quo significa Naturalismo. Depois de estoirararmos o peito a bramar-lhe que elle não se filia no Marquez de Sade, que não é *grosseria nem sujidade*, o que vem d'Hamero, a travéz de Shakspeare o de Moliere, a delectosa Cida le, leiga ou lettrada, desviaria da corrente o olho lento, o murmuraria com aquella voz pachorrenta e bonachã que é tão sua:—«O Naturalismo? Está fallando do Naturalismo? Bem sei, é grosseria e sujidade...»

Assim ella é, docemente cabeçada. O que não impede que se arroncsse com voracidade sobre todas essas *Nanas* esses *Pot-Bouilles*, brochados d'amarello que declarou grosseiros e sujos! E a ponto que não tolera, e deixa cobrirem-se de bolor nas livrarias, os biscoitos inoffensivos que os mestres liches cosilhavam com n pura farinha do Idealismo. Não lhes péga! Quer lodo, o lodo, que ella condemna nas salas, decotada e anstera.

De tal sorte que assistimos a esta cousa pavorosa. Os discipulos do Idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lagrymas repressas, besuntam-se também de lodo! Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de linho puro, quo tão indignadamente nos arguirm de chafurdarmos n'um lameiro, veem agora pé ante pé enlabusar-se coui a nossa luma! Depois, erguendo bem alto as capas dos seus livros, onde escreveram em grossas lettras este *lettreiro—romance realista*—, parece dizerem ao Publico, com um sorriso triste na face mascarada:—« Olhem também para nos, leiam-nos também a nós... Acreditem que também somos muitíssimo grosseiros, e que também somos muitíssimo sujos!»

«Todavia ha ainda n'esta terra espiri-

tos escrupulosos e tímidos que, considerando ingenuamente os livros naturalistas como immundicies in-8^{as}, os repellem com um desdem que é pueril e sincero, comico, mas honroso. E para esses se torna necessario ir já gritando pela serra acima—que o teu livro, appez de acompanhado por um d'esses exgaravatadores de Verdades que fozam nos monturos humanos, longe de ser um dos fructos podres que ama o Naturalismo é uma flor bem viçosa, bem graciosa, bem aromatica! Mas preciso também dizer aos espiritus mais numerosos, e superiores, que detestam flores de papel—que n Naturalismo acceita a tua flor como sua, por ser natural, forte de seiva, com seguras raizes no solo da Natureza.

Tu pozeste ao livro amavel o nome de *Azulejos*—nome claro, alegre, lustroso e bem meridional!... Elle exprime, gentilmente, a natureza dos teus contos que offercem cada um o desenho vivo o curto d'um bocado da vida real, entrevisto, fixado ligeiramente, na primeira frescura da emoção. Do certo te foi suggerido por esses revestimentos d'azulejos que tanto alindam as paredes de conventos, de vellins vivendas de campo, onde se veom, dentro d'uma borladura ingenua de folhageas d'acantho, n'um dobxo azul e nitido, scenas concisas da vida ncliva—uma caçada com lanças, uma comitiva de fidalgos viajando, barcos á vela descendo um rio, frades em recreio sob as arvores d'uma cerca... Assim, tu traças nos teus *Azulejos* breves esboços da Vida interior o affectiva. é aqui a historia discreta d'uma paixão romanesca, d'essas que encheram de lagrymas o começo do seculo, no tempo dos brazões, dos mosteiros e das sacaras; e a ternura singella e absoluta d'uma pobre costureira, rosa meia murchn d'agua-furtada, que o primeiro sopro da realidade inclemente faz tombar de todo esfolhada; é uma devoção de pae religiosa e simples, toda perfumada d'essas crengas d'aldeia, que são fumo, como o fumo das lareiras, mas como elle revelam o descanso, a paz íntima, a alma aconchegada e contente na sua fé; é a *Guitarra do Braz*, gemem lo pelas tabernas n sentimentalidade doentia e viciosa dos bairros de fabricas... E todos estes quadros são *azulejos*, verdadeiramente tratados á maneira dos *azulejos* de louça n'um corredor de mosteiro: não ha n'elles nada de duro, d'opaco, de empastado: são facéis e limpidos: tem a precisão fina e graciosa d'um contorno azul sobre um fundo branco.

E o que me agrada no teu livro é esta maneira fugitiva, alada, acariciadora, de pintar as couzas em azul e branco. Revelas-te assim um delicado. Sem te ser estranha a essencia da Vida e da Realidade, não parece estar no teu gosto, no teu temperamento, talvez, ir revolver-a até ao amago com a curiosidade aspera da paixão. A tua pena roça simplesmente os contornos da Natureza, marcando-os com um traço macio tenue. Não escava para baixo, onde está a hulha e o ouro. Comprehendes bem a utilidade e a belleza de descer até ás sombrias entranhas da Vida, a surprender a palpitação que tudo determina; mas achas, com razão, mais attractivos em ficar á superficie onde os jasmims florecem e cantam os melros.

O filho mais moço do desleixado Augias, que era também um artista em faiauca, foi o unico a dar o vinho

da boa acobrida e applaudir Hercules, quando elle chegou para limpar as pavorosas cavalleriças do rei seu pae. Mas apenas o sereno heroe, pondo a um canto a sua clava, partiu a affrontar as seculares immundicies, o filho d'Augias refugiu-se na mais alta torro onde não pôdesse perceber o sobrehumano trabalho d'Alcides, nem sentisse os cheiros que d'elle se iam exhalar: e ahí, graciosamente, começou a pintar n'um vaso uma cavalleriça, mas toda de jasje e d'ouro, ou lo estavam presos, fulvos e cór d'aurora, os quatro cavallos de Phebo. Assim tu, comprehendendo a grandesa magnanima de quem remexe lodos e detritos para purificar o ar d'um Reino, achas todavia mais doce ficar a espalhar cores n'um vaso, vendo brillar por entre os esteios da vinha o azul do mar da Hellenia. Bem fazes tu! Colhes apenas a flor das couzas que pôde ser roxa e melancolica ou amarella e festiva, mas é sempre uma flor; em quanto nós nos dobramos a analysar scientificamente as raizes que são negras, que são felas, o veem sujas da terra rude em que mergulham e sugam.

Para lixar esses bocos de Vida real entrevistos e presentidos tens uma forma excellente, toda de naturalidade e de transparencia. Falta-te de certo esse relevo crespo, intonsamente lavrado, que em França tanto surprehende e agrada modernadamente, e oude se trabe o doloroso esforço do artista, numa ancia de originalidade, gemendo e empallidecendo sobre o seu buril. Ainda bem! Foi essa fórma franceza (de que os Goncourts lançaram a semente imprudente, e de que os Parasiunos em Prosa e Verso produziram as flores extremas, frias e brillhantes como labores de joalheria) que desembocada, num dia desastroso, dum paquete de França, e logo macaqueada sem senso e sem gosto, originou entre nós esses estylos grotescos e insensatos que infestam toda a obra escripta da geração nova das le o relatorio até ao madrigal; estylos disparatados, picaros, relles; elles lembram a incoherencia de quem baralha palavras no tresvariar d'uma febre, o lembram a pelinrice de quem, numa villa sertaneja, arvora gravatas de vellu-la verde-gaio julgando reproduzir «os requintes de Paris»;—e assim dão o horror inesperado e arripador d'uma cousa que é ao mesmo tempo delirante e pulha!

A tua simplicidade, Deus louvado, é fluida e correcta: e possnes assim a melhor maneira na arte do Conto, com essa meia tinta, essa agua-la limpida, que não empasta e deixa ver até ao fundo diaphanamente.

No Conto tudo precisa ser apontado num risco leve e sobrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa uma personalidade; dos sentimentos apenas o que caiba num olhar, ou nuna dessas palavras que escapt dos labios e traz todo o ser; da paisagem sómente os longes, numa cór unida. Tu em boa hora seguiste fielmente esta Poetica, que é veihissima, que já vem de Horacio. E isso forma um dos encantos dos teus *Azulejos*.

(Conclue no proximo numero.)

EÇA DE QUEIROZ.

Em toda a minha vida apenas tenho tido um fanatismo: o da tolerancia.

Fr. Sarcey.

VISITA A UM TUMULO

Passa certo la na s'matinee e retratado no theatro de milico, a 1 de Março de 1897, pelo actor Eugenio de Mazullo, em b'ndito do cargo de D. Luiz Regadas, e que foi expressamente escripta para esse fim.

Tudo é paz; tu lo repousa.
A propria luz, mercenaria,
Pne te querer fugir...
Ainda passo uma louca,
E em cada louca uma historia
E um coração a dormir...

Quantos mundos de ventura,
Quantos aureos paralozos,
Quanta illusão, quanto amor
Não devora a sepultura:
Livro de prantos e risos,
Sem leitores, sem auctor.

E, foliava, um piedoso
E doce consolo á magin
Que n'alma a soustie faz,
D'esse livro mysterio-a,
Let, com os olhos rasos d'agua,
Na capa o triste—«Arqu' jaz»

Duns palavras apenas,
Que são duns martelladas
Profundas, longas, cruéis...
E adeus, illusões seccas,
Adens, crengas estrelladas,
Adens, sonhos inleis!

Tudo afundam, quebram tudo!
De uma vida, ha pouco em flores,
Fazem um pouco do pó.
Depois... um deserto m'ullo,
Em que só vegetam d'ouros
E correm lagrymas d'...

A' noite, á lua tristonha,
Pallidos lumes escasso
Tremem sobre os mausoléos...
Canta n'armore então sonha,
Frios olhos, petreos braços
Erguem-se lentos aos ceos.

Dormem villas e cidades...
Silencio enorme no emtanto,
Eis surgem brancas visões,
São as pallidas saudades
Que vêm visitar em pranto
Esses mortos corações.

Como as saudades, agora,
Vou, das saudades pungido,
Um coração visitar:
Coração morto na aurora,
Quando ia, alegre e querido,
Abrir as azas, voar!

Vou levar-lhe este punhado
Das lindas flores singelas
Que tanto no mundo quiz:
No seu tumulo gelado,
Aos olhars das estrellas,
Talvez a façam feliz.

Cóitada! passou na terra
Como irisada phalena
Que numa luz se perdeu;
Dos homens por entre a guerra
Passou, candida e serena:
Cantou, sorrio-se... e morreu.

Quem foi? Um sorriso, um hymno,
Uma bengam consolante...
Uma estrella, um rouxinol,
Faz de um lar—pouso divino,
Que, seu sen olhar brillante,
É como um dia sem sol.

Vou levar-lhe este punhado
Das lindas flores singelas
Que tanto no mundo quiz.
No seu tumulo gelado,
Aos nhars das estrellas,
Talvez a façam feliz...

VALENTIM MACHADO LINS.

RABISCAS PHILOLOGICAS

RECTIFICACAO

Em um trecho do Sr. J. Ribeiro que citei de cor...

PACHECO JUNIOR

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Club de S. Christovao

Esteve brilhantissimo o baile familiar costumado realisado por este distincto club...

Os saloes, completamente transformados, e adornados com o mais requintado gosto...

Das gentilissimas senhoras que concorreram ao baile (cerca de 300) difficil nos seria especulizar as que ostentavam ricas e elegantes toilettes...

Societe Francaise de Gymnastique

Muitas, ricas e espirituosas phantasias no baile da sympathica colonia franceza...

Entre os homens: um Arlequin, O Poptilon de Longjumeau, um Pecheur napolitain...

Trez fazendeiros, com os seus competentes moleques, distribuam flores e espirito em profusao.

Imagine-se tudo isto, excellente musica, muitas flores, bello servico e a gentileza ja proverbial dos directores...

Club Gymnastico Portuguez

Nao sera facil dizer quantos deslumbramentos e encantos conseguio reunir o Club para festejar a Alleluia.

Desde a entrada do edificio notava-se o bom gosto e delicadesa que presidiram a ornamentacao dos saloes...

so terminou na madrugada seguinte. Representantes da imprensa e comissoes de diversos sociedades foram comprimentar a caprichosa directoria...

Congresso Gymnastico Portuguez

Nao foi baile a phantasia o que esta sociedade deu no sabbado. Nao lhe tirou isso, por em, coisa alguma do esplendor com que esta associacao realisa nas suas festas...

A directoria, sempre sollicita e attentiosa para com os seus convidados, se deve, em grande parte, o brilho deste baile, de que todos sabiram penhorados por delicadezas e attencoes recebidas.

Na residencia do Sr. capitao Joaquim S. A. Pimentel realisou-se em 12 do corrente uma bella soirée dramatico-dancante, constando o espectaculo das comedias A alma do Pinto, O fim do mundo, e A baratinha...

O desempenho, a cargo das Exmas. Sras. D. D. Maria Guimarães, Francisca de Castro e Cecilia Pimentel, dos Srs. João Lopes e João Gentil...

A representacao seguitaram-se animadas danças, que se prolongaram até hora adiantada da noite.

LORCON

A VIDA ALEGRE

FENENTES DO DIA

Ferico? - Não. Deslumbrante? - Também não. Luminoso? - Ainda não. Fantastico? - Quaes?! - Arrebatador? Nada, nada d'isto...

Achamos melhor, a falta de tal adjetivo, começar pelo fim: O baile acabou de dia! Dito isto, está dito tudo. Está comprehendido que se dançou entusiasticamente, sem interrupções...

Muitas phantasias, muitas sortes, muito espirito, muita pilheria e muitos quiproquos...

Ali! esquecia-nos: houve algumas interrupções no doudedar das danças: era quando a directoria viuha sollicita, paternal, cheia de caridade como uma irmã da dita, avisar-nos com todo o carinho que descançassemos um pouco e que, para não perdermos tempo...

O diabo é aquillo ter acabado. Paciencia: esperemos por outra festa dos rubros Tenentes.

DEMOCRATICOS

Foi tambem uma verdadeira noite de festa, a do sabbado ultimo, no Castello dos Democraticos. Um succulento e mirabolante baile a fantasia fez com que nos soberbos saloes do Club se reunissem muitas, espirituosas e ricas phantasias...

Larga distribuição de espirito, muitas sortes, muitas surpresas, tudo contribuiu para que se passasse uma noite de delicias no Castello.

A directoria, sempre amavel e cavalheirosa, dispensou aos socios e convidados as mais inequivocas provas de delicadeza e ns mais captivantes attencoes.

PONSARDIN.

COLLABORACAO

CONTRASTES

A VALENTIM MAGALHES

Aimer, c'est avoir dans les mains Un fil pour toutes les epreuves... V. Hugo - Les Rayons et les Ombres. XXXI.

Sem auôr o Petrarca não teria Um lyrismo que a todos enternece, E talvez mesmo o Dante não fizesse Esse inferno que a todos arrepiã.

Mas tambem inda Troia existiria Se em Helena belleza nunca houvesse, E se a dor eternal nos enleva Fô porque Eva do amor tudo queria.

Será bom, será mau tal sentimento? Elucide esse ponto quem puder; Dizem uns que é prazer, outes tormento.

Seja lá o que for; cá no meu vér, E' bem doce esse amargo soffrimento E' bem triste esse celer prazer.

OLIVEIRA E SILVA.

INVERNO

O inverno chega e o bando de andorinhas Parte sereno as vastidades cortando; Chirriante, festo, gárrulo, cantando Abandonam balseos, deixam vinhas.

Não ha nas mattas a harmonia leve Das serenas manhãs da primavera, Sómente o furacão com voz severa Triste balança as arvôres. A neve

Os montes cobre; ulula tristemente O florestal sombrio; brandamente Desliza o ribeirão pelos juncaes!

Como fogem agora as andorinhas, Levantam vôo as esperanças minhas, Que ha no teu peito inverno e nada mais!

MARIO PEDERNEIRAS.

FACTOS E NOTICIAS

Regressou das aguas de Caxambú o deputado geral barão de Canindé. S. E. veio restabelecido dos incommodos cujo allivio fora buscar. Comprimentamol-o.

CLUB REPUBLICANO DE VALENÇA

Commemorado a gloriosa data de 7 de Abril, fundou-se na cidade de Valença o club republicano daquelle municipio.

Ainda que instalado com pequeno numero de socios, o club espera numerosas adhesões, pois a idéa republicana tem adeptos convictos naquelle municipio, um dos mais ricos e florescentes da provincia do Rio de Janeiro.

Damos em seguida o manifesto que esse club assignou, concluindo pela plena adhesão ao manifesto de 3 de Dezembro de 1870.

MANIFESTO DO CLUB REPUBLICANO DE VALENÇA

Concidadãos! O momento que nossa patria vae atravessando, se é dos mais angustiosos para a alma dos livres pela profunda miseria economica e moral a que nos r-duziram as instituições e costumes da monarchia...

tismo—a lei da reacção, que conserte o martyrio em apostolado, a oppressão em revolta, e fez dizer ao immortal exilado de Jersey que da queda saas a ascensão!

Mais baixo do que temos chegado é impossivel em um povo americano, com tradições corruptoras, sem a educação secular no captivo, que tom depauperado os caracteres das volhas nacionalidades europeas; mais baixo não se pôde descer n'um meio como o nosso propicio a liberdade: é, pois, tempo, mais que tempo, apenas não é tarde ainda, para ampararmos em braços filiaes esta grande terra asphyxiada pelos descendentes da dynastia bastarda, forçada e inepta que ha mais de meio seculo nos segrega do luminoso convívio americano...

Nossos espiritos emancipados, nossas consciencias altivas clamam bem alto que não podem tolerar a tutela immoral e desmoralizadora de uma forma de governo que a nossa razão repelle, que a nossa dignidade de homens odeia, que o nosso civismo amaldiçoa.

Como o mais racional e mais singelo, que é, dos systems de governo, por que é a leal traducção da justiça na ordem social e politica, o regimen republicano pôde e devo vigorar desde já no Brazil; e não vem longe o dia do seu abençoado triumpho, ou seja pelas beneficas tempestades da revolução, ou pela transformação pacifica,—immediata e total, ou gradual e successiva, quer dizer, ou pela proclamação da Republica em todas as nossas provincias, ou pelo desmembramento das mais poderosas e fortes como São Paulo ou Rio Grande do Sul.

A idéa da separação, que tantas adhesões desperta agora em S. Paulo, é nos extremamente sympathica, pois preferimos sem hesitação o desmembramento para a republica a integridade para a permanencia na monarchia; e temos fé em que a emancipação politica das nossas mais ricas provincias ha de seguir-se, por esforços dellas proprias, a emancipação das outras, para que athenal communguem todas no esplendido convívio da Confederação Brasileira!

Como solemne profissão de nossa fé politica, adherimos sem restricções ao excelso monumento, a magna carta do republicanismo brasileiro—o manifesto de 3 de Dezembro de 1870.

Saude e fraternidade!

Viva a Republica!

Valença, 7 de Abril de 1887.

Assignados—J. C. Larivoir, presidente, industrial—Lucio de Mendonça, secretario, advogado (relator)—Joaquim Ignacio Chaves Ferreira, thesoureiro, negociante—João de Sá Larivoir, agrimensor—João Francisco Barcellos, advogado—Alberto Augusto Carneiro da Cunha, negociante—Marciano Antonio de Mello, advogado—João Baptista Moniz Oliveira, professor—P. p., Dr. José Vieira dos Santos, medico.

Realizou-se na segunda-feira, no cemiterio de S. João Baptista, a collocação do monumento que foi planejado e executado pelo habil artista Ludovico Berni, a memoria de D. Luiza Regadas. A cerimonia compareceram representantes da imprensa, a familia da finada e membros da Confederação Abolicionista.

Como trabalho de arte, este monumento honra sobre maneira o artista que o talhou, o como obra de estima e saudade é elle uma bella prova do quanto é reconhecido o publico, que sollicito correu a matineé organizada para a erecção de tal monumento.

Hoje, em homenagem a memoria de D. Luiza Regadas, publicamos a poesia, expressamente escripta para aquella matineé pelo director d'esta folha, e magistralmente recitada pelo actor Eugenio de Magalhães.

Por meio de um delicatissimo cartão despedio-se de nós a distincta actriz cantora Mme. Delmary, que parte hoje para Paris.

ALFAIATARIA**11 RUA DOS ANDRADAS 11**

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, coroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

A NACIONAL**CARLOS MORAES & C.**
66, RUA DA URUGUAYANA, 66GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

INTRANFERIVEL! INADIAVEL!**GRANDE LOTERIA**

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIAVEL

MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio
Segundo sorteio.
Terceiro sorteio.100:000\$000
200:000\$000
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do A GENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a'outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tom apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 18 fica-se habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 23 DE ABRIL DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 121

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

«A Semana».....	A RENACÇÃO.
Galeria do Elogio Mutuo—	
XI—Rodrigo Octavio...	ALBERTO SILVA.
Historia dos sete dias....	J. DO EGYPTO.
A festa do amor, poesia...	J. DE M. SILVA.
Plafado dos «Azulejos»...	M. DE QUEIROZ.
Notas bibliographicas...	V.
A uia fonte, sei etc.....	A. FURTADO.
Palestras femininas.....	ADELINA VIEIRA.
Notas philologicas.....	J. RIBEIRO.
Historia verdadeira.....	L. TOLSTOI.
Coroa viva, soneto.....	H. DE MAGALHÃES.
Estio de 1400.....	A. CANABATE.
Gazetinha litteraria.....	
Theatros.....	P. TALMA.
Jornaes e revistas.....	S.
«Tu quôque...», poesia...	ALBERTO SILVA.
Festas, ballas e concertos	LORGNON.
Collaboração: Paisagem, so-	
neto.....	J. M. DE AZEVEDO.
» Contos e in-	» «Azulejos»
» «Azulejos».....	LUCIA.
» A brisa, poe-	
» «Azulejos».....	M.C. V. DA CUNHA.
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

A SEMANA

Reencetamos hoje, como promettemos, a nossa *Galeria do Elogio Mutuo*, quo tanto tem dndo que falar á burguezia pasiencia e a alguns litteratos burguezes, dando o retrato de Rodrigo Octavio, *elogiado* por Alberto Silva; em o n. 122 virá o retrato d'este com elogio d'aquelle.

Prna o n. 123 temos nma bella surpresa...

Depois virão Raymundo Corrêa e Lucio de Mendonça, Alfredo de Souza e Henrique de Magalhães, Alcibiades Furtado e Vicente de Carvalho, Gaspar da Silva e Julio Ribeiro, Ezequiel Freire e Wenceslau de Queiroz, e ainda outros mais.

E' com extremo prazer que hoje reencetamos as *Palestras femininas* da nossa illustre collaboradora D. Adelina Vieira.

Agradeceinos, de antemão, os parabens das nossas leitoras.

Aos nossoa estimaveis e estimados collegas do *Correio e Diário*, de Santos, *Diario Mercantil*, *Correio Paulistano*, *Provincia e Procellaria*, de S. Paulo, agradeceinos as lisongeiras expressões com que noticiaram a chegada, áquellas localidades, do nosso agente Francisco Fonseca e as affectuosas referencias que por essa occasião fizeram á nossa folha.

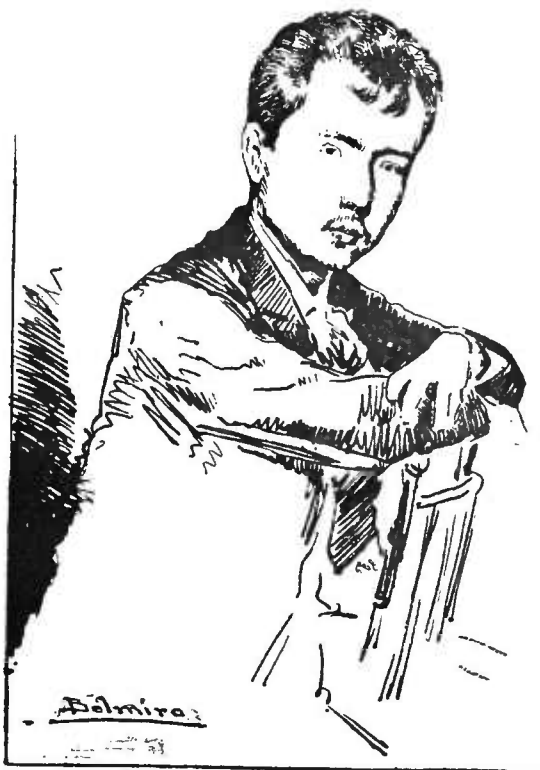
A todos um sincerissimo—obrigados!

A REDACÇÃO

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XI

RODRIGO OCTAVIO



Quando o Olavo Bilac m'o apresentou, estendi-lhe a mão vacillando...

E' que não sei nem um monosyllabo da lingua de Carlos Andersen.

Que! Era evidente pitheria do Olavo! Pois este... dinamarquez é o Rodrigo Octavio?

Sim... de Langgard Menezes! Altura mediana, rsforçado, louro, corado, com um pulvilhamento aureo no labio superior, olhos castanhos claros, levemente esverdeados, era, na verdade, só tirarem-lhe aquelle largo chapéo de lebre desabado, substituirem-lhe por umas callidas rópas a sobrecasaca, encarapuçal-o á modn dos patricios de Hamlet e ahi teriamos, á primeira vista um lutherano genuino, nm digno habitante das frias areias do mar baltico. Fosse mais franzino, esvelto, e caberia bem no palanquim azul doirado de uma canção oriental; poderia pizar o palacio deslumbrante de algum Vid-darba, seduzir o coração ingenuo ds encantadora Damayante, como um principe encantado, um trovador peregrino.

Porém, gordo como é, melhor fica na sua sobrecasaca, no supracitado sombrero, s captiva... elle bem sabe quem é a sua, quem são as suas Damayantes...

Perdão! minha senhora. Mas, sou obrigado a dizer a verdade.

Elle ama tambem, a outra, ama-a'dou-damente.

Não empallideças: Camões tambem,

No tempo em que do amor viverois, Em varias fiammas variamente ardia.

Tendes toda a razão; porém eile, o ingrato, o traidor, elle tem mais ainda.

Essa cruel Armida quen arrebatou, que vol-o rouba, essa poderosa Circe... ella tem o direito de preedencia. Não a odieis.

E' tão boa, tão ingeuna e linda! Como é generosa!

Daé ao vosso poeta um sorriso e ella vos agradecerá o mimo; atirae-lhe uma flor em que ella a transformará em nma borboleta que vos vá beijar a trança. As vossas lagrymas guarda-as em escrias de ouro, como raros diamantes, fecha em finissimos, facetados crystaes e essencia mysteriosa dos vossos suspiros.

Immaculada, tem por elle um amor como o de Pery, sem cinzas: — amor dos anjos.

E... conheceis-la; e até: amais-la mais a vossa rival!

Essa que lhe ensina os sonhos que elle vos conta, as historias de Willes que dançam ao luar, os segredos e blandicias de Romsu que elle desfere na lyra apaixonada... Coroa-se ds flores como Virginia, scisma de amor como

Julieta, menos deslitosa que esta, mais amorosa que aquella.

Tem um nome mais doce que o dos filhos de Israel. Deixae que o eleito de vosso coração redobre de paixão por ella, deixae que continue a alisar firme, convictamente, como o teu facto, como o fará a vossa bella rival,— a Poesia.

E quem poderá arrancar Rodrigo Octavio a essas seduccões de martyr d'essa outra religião; e, como Santa Thereza, engolpha-se nas visões serenas de um porvir esplendoroso como um penetral de luz, aberto, longe, na treva tristissima e oppressora que a cerca, que cercou todos aquelles que se voltam para o mundo tentando medir com os olhos da alma, com as azas do sonho, a interminada distancia do Bello, da Suprema Aspiração...

Hosannas aos que não perlem a coragem, não npostasiam antes do termo da escabrosa viagem; aos que, como Jesus, o Poeta da Caridade, o Inspirado do Perdão, chegam até o derradeiro marce milliario— chegam até á cruz que lhes aponta, n'uma expansão de gloria, com os braços abertos, os horizontes azues, infindos, luminosos da liberdade eterna!

Rodrigo Octavio, porém, inda não foi fortemente golpeado na lucta. Suas tristezas parecom antes o sentimento de nma dor que tarda, do que a cicatriz de uma desgraça que o feriu.

Contempla o mundo desolador e entristece-se com as affições dos outros; conhece as deslillmões da sociedade onde inda não pagou o cruel tributo seu bello coração.

Foi assim que escreveu *O sineiro*, *A margem do Parahyba* e outras lindas poesias. A sua vida é floresta pela primavera illuminada e florida, e não virgem do golpe atreador do rigido mangil, comtudo inda não ennegrecida pelo incendio da destruição, e, onde, emquanto talvez cauteloso tigre occultase, embosca-se, lubrica, boa famelia, constantemente.

«Rufando as azas, sacudindo as pennas,»

voeja, em choréas aeræas, a etrididia passarada alegre e trilhante. Recesse cortado de sombras e claras faixas ds sol vivificante.

Tem nella prantos, como a floresta possui diamantes, s risos como nos cochos da espessura ha o veio nitido de ouro.

Verdade que, para elle alcançar a Andromeda da sua felicidade, não se fez ainda mister combater minotaurões... Ella entrega-se-lhe sem pejos, eem lucta.

D'ahi não terelle o impeto de Tantale, que morde as cadelas, o surto do Prometheu que se liberta e arremette medonho, allucinado, contra o céu, em busca do sonhado Ideal impossivel.

D'ahi a placidez de seu viver, que lhe transparece nes poesias.

Não tem occasião de dizer como Victor Hugo:

Je suis le poete farouche,
L'homme devnir,
Le souffre des douleurs, la bouche
Du clairon noir.

Ama a mulher não só pelo que ella é, mas pelo que lhe recorda, lhe inspira de angelico é mysterioso.

— Pois hem! é um bom signal. Deixa-me, farei bons negocios o hei de trazer para ti bellos presentes.

Trocaram os upertos de mão e partiu. Meio caminho, juntou-se a um mercador de seu conhecimento e com elle parou para a pousada. Tomaram chá conjuntamente e foram-se delatar cada um em camaras contiguas. Akseonov não era gráo dormidor. Alta noite, despertando, para virar com a froscura mais á vontade, acordou o Yamschichik I e lhe deu ordem para atrellar. Em seguida entrou no isba ainda escuro, pagou ao patrão e partiu.

Havendo feito umas qarenta verotes (2) fez de novo alto, para deixar comerem os cavillos, repousou-se no albergue, deaceu a escada, pela hora do almoço, e fez preparar o samovar. Tomou da guitarra e se poz a tocar. De repente chega uma trouka com a sua campainha; um tchinovnik (3) desce della com seus dois soldados, se aproxima de Akseonov e lhe pergunta quem é e d'onde vem. Responde Akseonov e o convida para tomar chá com elle. Mas o tchinovnik continúa a apertar-o com perguntas:

— Onde dormiu a noite passada? Estava só com o mercador? Porque deixou o albergue tão precipitadamente? Sorpreso Akseonov por este interrogatorio, contou o que lhe aconteceu; depois disso:

— Porque me interroga tanto? sou porventura um ladrão ou um saltador? vija para os meus negocios e não se tea que mo fazer perguntas.

Então o tchinovnik chamou os soldados o disse:

— Eu sou o ispravnik, (4) e se te interrogar, é porque o mercador com quem passaste á noite ultima fol degolado. Mostram-me os teus papeis... E vós outros, revistne-o.

Entrou-se no isba, so tomou a sua mola e o sacco de viagem. se os abriu e procurou em todos os escauinhas. Subito, o ispravnik tira do sacco uma faca e exclamou:

— A quem pertence esta faca? Olhou Akseonov, viu uma faca tinta de sangue; era do seu sacco que haviam-na tirado, e o terror o invadio.

— E porque está tinta em sangue esta faca?

Akseonov quiz responder, não ponde articular alguma palavra.

Então o ispravnik disse:

— Achou-se esta manha o mercador degolado no leito. A não seres tu, quem não podia cometer o crime. Eis que, ainda mais, uma faca apparece em teu sacco manchada em sangue. Depois, se lê o crime em teu rosto. Confessa-te immediatamente o assassino, e que eomua roubaste.

Jurou Akseonov, não fora elle o culpado; não vira o mercador depois que ambos tomaram chá; trazia consigo o dinheiro proprio eram oito mil rublos, e que a faca não lhe pertencia. Mas a voz o estrungulava, seu rosto empallidecera e trema todo de medo como um culpado.

Havendo chamado os soldados o ispravnik o mandou amarrar e metter no curruagem. Quando oncerraram-no, com os pés arrocados, Akseonov persegno-se e chorou.

Aprehendeu-se com o diaheiro os seus papeis e se o mandou a prisão da cidade visinha. Fez-se uma devassa em Vladimir, mercadora e habitantes unisonos declararam que Akseonov, posto amasso deade n mocidade beber e ao divertir, era um homem honesto.

Correu o julgamento e se o accusou de huncr assassinado o mercador de Riazan e lhe haver subtrahido vinte mil rublos.

A mulher de Akseonov desolada não sabia o que peosar disso. Seus filhos eram pequenos; um dalles creança de peito ajuda. Tomou-os consigo e partiu para a cidade onde se acabava o marido. A procição não lhe permitiram velo, mais depois á instancias, foi lhe concedido. Avistando-o com a roupa da prisão, algemado, de mistura com os saltadores, ella cahiu por terra e não ponde, por algum tempo, voltar a si. Depois, acochegado os filhos, se assentou ao lado de Akseonov, deu-lhe coato dos negocios da casa e pediu-lhe oarrase o succedido.

Contou-lhe tudo. E lhe disse ella: — Agora, o que fazer?

— Supplicar ao czar; porque não se pôde punir um innocente.

Disse a mulher haver dirigido uma supplica ao czar; mas que não lhe seria transmitida.

Akseonov, esbrunhado, não respondeu.

E disse-lhe a mulher: — Não foi em vão o meu sonho, recorda-te, quando te vi com os cabelos brancos. Eis-te realmente encanecido pela dor. Não deverias ter partido.

Passou-lhe a mão pelos cabelos e disse: — Vania (5), caro amigo, diz a verdade á tua mulher... Não foste quem matou?

— Também tu acreditas?

Encultando o rosto nas mãos elle chorou.

Um soldado appareceu; annunciou á mulher e aos filhos que era tempo de se retirarem.

Akseonov deu o ultimo adeus á sua familia.

Quando a mulher partiu, elle repassou no espirito a conversa recente. Lembrando que sua mulher tambem acreditava nisso e lhe perguntara se fora o que matou o mercador, disse:

— Deus só conhece a verdade. E' a elle que é preciso implorar. Esperemos de sua misericordia.

O julgamento condemnou Akseonov ao knout e depois aos trabalhos forçados. Assim se fez.

Vergastaram-o, e cicatrizadas as feridas, se o enviou com outros galés para a Siberia.

Na Siberia, nos trabalhos forçados, ficou Akseonov vinte e seis annos. Seus cabelos tomaram a brancura da neve e a longa barba grisalha lhe cabia a prumo. Desapparecera toda a alegria. Curvava-se, começava a arrastar, fallava pouco, não ria nunca e muitas vezes orava a Deus. Na prisão aprendeu a fazer botas. Com o dinheiro ganhado comprou um Martyrologio, que lia quando se fazia luz no carcere. Nos dias de festa ia a espelta da prisão, lia os Apostolos e cantava no coro; tinha sempre a sua bella voz. Amavam-no as autoridades pela sua docilidade; tinham-no em estima os companheiros e o chamavam «Avó», shomon de Deus.

Quando os presos tinham alguma coisa para pedir era elle o que apresentava a petição e os forçados quando altercavam esculliam-no como arbitro. Não lhe escrevin algem de sua casa, ignorava se a mulher e filhos viviam ainda. Um dia chegaram ao presidio avozos galés. A noite, os antigos inquiriram dos novos quaes cidades e aldeias haviam deixado e os motivos. Akseonov se aproximou tambem e ouvia, de cabeça baixa, o que diziam. Um dos novos era um velho de sessenta annos, de elevada estatura, barba grisalha e aparada. Contava por quaes razões fora condemnado:

— Foi assim, meus irmãos, in elle dizendo, que se me enviou para cá por coisa nenhuma. Desatrellei o cavallo de um trenó: agarraram-me dizendo que eu roubava. «Só queria andar mais depressa; bem vêdes que soltei o cavallo... Além disso o yamschichick é meu amigo... Não ha pois crime.» «Não, disseram, tu roubaste.» Não sabiam onde, nem quando roubei. Certamente fiz algumas delictos, que ha bem tempo, me deveriam trazer aqui. Mas nunca se mo apauhou em flagrante. E hoje é contra todas as leis que me deportam. Mas esperemos... eu já estive na Siberia, mas não feurei por muito tempo...

— E donde vem? ionlagou um dos forçados.

— Sou da cidade de Vladimir. Son meschtschanie (6) dessa localidade. Chamo-me Makar, e, tenho de meu paes o nome de Sémionovitch.

— Akseonov levantou a cabeça e perguntou:

— Eh! Sémionovitch, não ouviste falar na cidade de Vladimir dos mercados Akseonov?

Vivem aiada?

— Como pois! uns são ricos mercadores, posto que sen paes esteja na Siberia... Sem duvida que elle peccou como oos outros. Akseonov não gostava de falar de sua desgraça. Suspirou e disse: — E' por meus peccados que estou nas galés, ha vinte e seis annos. Makar Sémionovitch perguntou: — E por quaes peccados?

— E' porque eu mareaia, reapouei simplesmente Akseonov.

Não quiz dizer mais. Os outros ficaram bo, porém, seus companheiros, contaram aos recém-chegados porque Akseonov se achava na Siberia como furante a viagem, alguém assassinará um mercador e collocar entre os papeis de Akseonov uma faca tinta de sangue, e como, por causa disso, se o condemnara injustamente.

Isto ouvindo, Makar Sémionovitch lançou um olhar sobre Akseonov; bateu nos joelhos com a mão e exclamou:

— Oh! que proligio! Eis um proligio! Ah! tu envelheceste bem, avo-sinho!

Perguntaram-lhe porque assim se admirara, onde tinha visto Akseonov; mas não respondeu Makar; disse somente: — um proligio, irmãos, que a sorte nos reuaise aqui.

A estas palavras, Akseonov, julgou que este homem devia ser o assassino, e lhe disse:

— Ouviste falar neste negocio, Sémionovitch, ou já me viste em outro logar?

— Como pois? Eu ouvi fallar disso: a terra está cheia de ouvidos. Mas ha já bem tempo que isto foi, e o que se me disse esqueci, respondeu Sémionovitch.

— Talvez souheste quem matou o mercador? interrogou Akseonov.

Makar se poz a rir e disse:

— Mas esse em cujo sacco se achou a faca, foi sem duvida quem matou. Se alguém poz a faca entre os teus papeis, não se lo apauhou, não foi o ladrão. E depois, como poderiam por uma faca em teu sacco? Tu o tinhas a cabeça; terias ouvido. Ouvinde estas palavras, Akseonov vio bem que era o homem que assassinará o mercador.

Levantou-se e se poz em caminho. Essa noite toda não poude Akseonov dormir.

Cahio num acabrunhamento profundo. Teve, então, sonhos: ora era a mulher que via como no dia em que lhe acompanhau a ultima feira; via-a ainda viva, o rosto, os olhos, a escutava falar e rir; ora os filhos lhe appareciam, como eram, então, muito pequenos, um envulvido em um manto forrado, outro de peito.

E se revia alegre, moço, asestado e tocando guitarra sobre o patamar do albergue onde havia sido preso e se lembrava do logar infamante on se o agoutara, o carrasco e a multidão em roda e os ferros e os forçados e os seus vinte e seis annos de prisão. Pensou na velhice; e um pesar se apoderou de Akseonov.

— E tudo, por causa desse banido! pensou.

E sentio-se tomado de tal colera contra Makar que desejava morrer nesse momento para que não se vingasse. Orou, noite toda, sem poder se aquietar. Ao dia seguinte não se aproximou de Makar Sémionovitch, e não o olhou mais.

Assim passaram quinze dias. As oites Akseonov não podia dormir, e era presa de terna doo tedio que não sabia onde se metesse. Uma vez, durante a noite, como estivesse a passear na prisão, percebeu que por detrás de uma tarimba cahia terra.

Parou para ver o que fosse. Subito, Makar Sémionovitch sahio precipitadamente de baixo do leito e bictou Akseonov com espaoito. Akseonov quiz passar para não ver, mas Makar o tomou pela mão e coatou como cavara um buraco no muro, como todos os dias levava terra em suas botas para lançar á rua, quando se puuham em trabalho. E ajuntou:

— Sómente, guarda segredo, velho. Eu te levarei conmigo; se tu falas me baterão até á ultima. mas tu me pagarás: eu te matarei. Vendo o que o tinha perdido Akseonov tremou de colera, retirou a mão e disse:

— Não tenho vontade de fugir, e tu não tens necessidade de me matar; já ha muito tempo, me mataste. Quato a te doanniciar ou não a Deus compete.

No dia seguinte quando se levava os forçados para o trabalho acotaram os soldados que Makar esvasiava as botas de terra; fez-se busca na prisão e achou-se o buraco.

Veio o chefe e indagou quem tinha feito. Negaram todos. Os que sabiam calaram porque não igooravam que Makar seria por isso batido até « meio morto ». Então, o chefe se dirigio a Akseonov:

— Velho, disse, tu que és um homem justo, diz-me diante de Deus quem fez

quillo; Makar Sémionovitch ficou impassivel, olbava o chefe sem se mover para Akseonov. Quanto a Akseonov seus braços e seus labios tremiam, não podia proferir uma so palavra.

— Calar-ma! pensava; mas porque lhe perdoar, se foi ella quem me perdeu! Que pague a minha turtura. Falar... é veria le que se o coatara até a ultima... E se não é elle, se não é o assassino que eu penso... E depois isto me consolaria?

— O chefe renovou a pergunta.

Akseonov olhou Makar Sémionovitch e disse:

— Tu não posso dizer, vossa nobreza, Deus não me permitta dizer; e eu não vos direi.

Farias de mim o que vos aprouver; vós sois o senhor.

Apesar de todos os esforços lo chefe Akseonov não disse mais nada. E foi assim que não se soube quem cavara o buraco.

A' noite seguinte, como Akseonov, estendido em sua moca, se foz a adormecer, ouviu algem se lhe aproximar a se por a seus pés. Olhou an obscuro e reconheceu Makar. Akseonov lhe disse:

— O que ainda queres de mim? que fazes tu?

Makar Sémionovitch guardou silencio. Akseonov se levantou e disse:

— Que queres tu? Vae-te, en teu cabano a guarda.

Makar se inclinou sobre Akseonov, muito perto d'ello, e murmurou:

— Ivan Dmitrievitch, perdoo-me!

— O que! perdoar-te o que? disse Akseonov.

— Eu fui o que matou o mercador, o colloco u faca em teu sacco. Queria-te matar tambem, mas neste momento fizeram ruir no pateo, paz a fica em teu sacco e fugi pela janella.

Akseonov guardou silencio; não sabia o que responder.

Makar Sémionovitch deixou-se destiar do leito e prostrando-se em terra, disse:

— Ivan Dmitrievitch, perdoo-me em nome de Deus, perdoo-me. Vou declarar que fui eu quem matao o mercador, serás livre e partirs para os tous.

E Akseonov disse:

— Isto te é facil dizer. Mas quanto a minha, tenho muito soffrido aqui. Onde eu iria agora? Miolla mulher morreu, meus filhos esqueceram-me. Não tenho algum logar onde vi.

Makar continuava prostrando-lo. Batia com a fronte na terra dizendo:

— Ivan Dmitrievitch, perdo-me. Quando se me bateo com o knout meaos seodi do que agora, veulo-te assim...

E tens ainda piedade de mim e não me denuncias. Perdo-me em nome de Christo, perdo a ao malfetor maldicto e se poz a soluçar.

O que ouvindo, Akseonov se poz a chorar tambem e disse:

— Deus te perdoará! Talvez eu seja cem vezes peor do que tu. E sentio immediatamente uma alegria lhe inundar a alma. Cesou de tor sauldas de sua casa; não desejava deixar a prisão e não pensava senão o ultima hora.

Makar Sémionovitch não ouviu Akseonov e declarou-se o culpado. Quando a ordem de liberdade chegou para Akseonov... este tinha morrido.

L. TOLSTOI.

CORES VIVAS

ndo ao circo pr'a ver nma panthera Por certo domador domesticada, Vi duas damas sobre a archibancada, Lembra do e Aurora e par da Primavera.

Uma, trazia roupa cor da esfera Celeste;— tenda azni de astros orada; Trazia a ontra a cor avermelhada Que ha nos mantos reaes e o incendio gera.

A do vestido azul, dos seus phollos Diamantes,— soes radiosos,— nplante, Vertia mais fulgor do que os gambiarras!

A de rubro, da fera sate os rugidos, Parecia que o Pow, já saagreata, Tinha a arrancado da pothera as garras!...

HENRIQUE DE MACALHÃES.

(1) Pastilhão.
(2) medida valendo 1 m. e 67 c.
(3) Funccionarie publico.
(4) Commissario de pelicia.

(5) Diminutivo de Ivan.
(6) Veadeiro.

ESTILO DE 1400

Foy este liuro corrogido e reuisto, com muyta diligencia, mas, mais dignos de venia que de reprshonsom, os imprimedores nom repayrarão os erros feytos, em diursos lugares da obra, por muy pobres de valia e por abastar o amercamento dos ledores, dos quaes as virtudes são muytas e em sy meesinas muy grandes l

Em quanto so abre ou garra o olho, hum caymento de artefice lança erro no liuro e não ha impedido, nem com vomitar regras e demonstraças.

Assy foi que, em folha 123, linha 17^a, põde esquecimento substitiuo põ do esquecimento. Salvasse, nesta, o erro, como grosso, —por ventura fosse elle sem despreuio pero lelor —só para allucar o precepto supernal: *Pulvis es et impulverem revertetis* l

E posto que ds outros vocablos, algus se ache, com carencia de correição, emgeltamos ppra elles a errata; afim que o liuro não sofra tardança da nasença.

E, como no *Floral de Penella*, termino: Eu, Alfredo Camarate, que este liuro fazer encomendey, com minha mão o rroborey e este signal fige ✻

†Epilogo-errata do livro *Et cetera*.

GAZETILHA LITTERARIA

Uma carta de Taine

Tendo se divulgado que Taine, o eminente critico francez, dissera em palestra que a litteratura ingleza era superior á franceza, entendeu o illustre escriptor enviar uma carta ao *Journal des Debats*, carta que se põde considerar uma verdadeira profissõ de fé. Nella, depois de ter declinado successivamente os nomes dos sabios de varios paizes, Taine se exprime pela seguinte maneira:

« Nas materias em que eu sou menos ignorante, como em Littaratura e Historia, creio que a poesia ingleza, sobretudo a poesia lyrica e narrativa, desde Byron, Keats o Shelly até Tennyson e aos dous Browning, è, na Europa, a primeira de todas. Em compensação, temos na França os maiores dos dramaturgos vivos — Augier e Alexandre Dumas.

« Em prosa os Francezes me parecem, pelo menos, sguaez aos inglezes; considero Balzac como o mais poderoso creador de almas que tem apparecido depois de Shakespeare; nenhum critico, sm qualquer littaratura pôde ser comparado a Saint-Beuve. Considero a *Chartreuse de Parme* como uma obra prima ds psychologia littararia e a maior publicada até hoje. Pelo estylo, pela perfeição, pela intensidade e corrección do colorido, *Madame Bovary* não tem rival. Cinco escriptores e pensadores: Balzac, Stendhal, Saint-Beuve, Guizot e Renan são, a msu ver, os homens que, desde Montesquieu, têm mais ampliado o conhecimento da natureza e da sociedade humana.

« Actualmente, diz ainda Taine, estamos no fim de um periodo litterario; o que não impede de reconhecer o renome nascente de alguns historia-doras, como Lavisse, Sorel, Thureau-Daugin.»

Terminando, ajuncta o illustre escriptor: « Põde-se afirmar, e eu o creio verdadeiramente, que na exposição universal das litteraturas, a França apresenta, desde sessenta annos, tão grandes idéias s tão bellas formas como os mais distintos dos seus concurren-tes.»

Livros

Appareceram os seguintes: — *Sapho*, de Alphonse Daudet, nova edição, illustrada a capricho por Myrbach e Rossi;

Paradis des Enfants, interessante trabalho de André Theuriot; *Une lune de miel à Mont-Carlo*, romance dos mais encantadores e onde se encontram todas as qualidades ds verve comica, de observação e de delicadesa descriptiva do seu nuctor, Adolpho Belot; (esta obra é finalmente illustrada); *Toussaint Galabru*, de Ferdinand Fabre, bellissimo romance, que em folhetins foi publicado no *Gil Blas*; *Les causes grasses et les causes maigres*, de Gaston Lébre; este livro é recommendavel aos hypocondriacos; tem graça, faz rir a não poder mais; dc Hippolyte Buffenoir um volume ds poe-*Cris d'Amour et d'Orgueil*. Fizeram tamanho successo estas poesias, realinsnte soberbas, que se sgotaram em poucos dias algumas edições. Hippolyte Buffenoir é um poeta novo e que se collocará sm breve a par dos maiores poetas francezes; *Souvenirs d'un impresario* de Maurice Strakoske. É um livro em que se acham curiosos documentos, quasi inéditos, sobre Patti, Nilsson, Nicolini e muitas outras personalidades artisticas, e *Un Joli Mond* curiosissima obra de G. Macé, ex-pre-*feito do Senna*, em que se contam os mysterios dos crimes parizienses e os secretos trabalhos da policia para reprimil-os e castigal-os.

Appareceu mais o primeiro volume das memorias dos irmãos Goncourt, escriptas quotidianamente por elles em um periodo de cerca de trinta annos. São interessantissimas, a julgar pela parte comprehendida no primeiro volume, intitulado *Journal des Goncourt*. Conclusas, representarão um extraordinario trabalho de critica litteraria s artistica, um preciosissimo reposito-rio de notas e observações pessoais sobre milhares de cousas, pessoas, idéias e sensações.

D'esse livro notavel daremos o proximo numero alguns excerptos. S.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Realizou-se hontem, com a repressu-*tação do Conde de Monte Christo*, um espectáculo em beneficio das victimas dos ultimos terremotos na Italia, promovido por uma commissão de cidadãos italianos, para esse fim nomcada pelo Consulado d'Italia.

PHENIX DRAMATICA

Prepara milagres: *Os milagres de Santo Antonio e Os milagres de Nossa Senhora da Penha*.

Vae desligar-se temporariamente d'esta companhia a actriz Maria Augusta que parte depois d'amanhã para Minas, onde vae tratar do restabelecimento de sua saude.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Vae abrir com uma companhia de zarzuela, esperada brevemente de Pernambuco.

LUCINDA

Na proxima terça-feira *première* do *Serment d'amour*, de Audran, traduzido com o titulo de *Gallo de ouro*.

PRINCEPE IMPERIAL

Proximamente *A Rainha do carnaval*, de Lecocq.

Fazem parte da companhia Kaylus os estimados artistas Machado e Montedonio.

SANT'ANNA

Fechado.

A companhia do Heller já se estreiou em S. Paulo com a *Toulinegra do Templo*, alcançando enorme successo e sendo o Guilherme de Aguiar muito applaudido P. TALMA.

JORNAES E REVISTAS

O n. 238 (primeiro do vol. 37) da *Gazeta Juridica*, correspondente a 15 do andante, traz a continução do importante estudo do seu redactor, Dr. Carlos Perdigo, sobre as escolas de Direito no Brazil, muitas decisões de superiores instancias sobre graves especies de jurisdicção civil, doutamente annotadas, e muitas decisões de varios ministerios, inclusivè as ultimas do ministerio do imperio sobre exames preparatorios e nas Faculdades de Direito.

Cada vez se recommendaria mais este precioso repositorio de jurisprudencia, legislação e doutrina juridica ao apreço dos interessados se por ventura carecesse de se recommendar ainda.

É uma publicação que honra a nossa pauperriua imprensa juridica s o seu illustrado s opresso redactor.

Diario Mercantil

Tanta amizade tem sabido fazer entre os collegas e tantas sympathias conquistado no publico, que o seu quarto anniversario, a 15 do corrente, foi um verdadeiro successo. Telegrammas, cartas, brin-les, cumprimentos choveram-lhe de toda parte. Todos os collegas de lá como de cá dedicaram-lhe extensas e entusiasticas noticias. O nosso companheiro Filindal, actualmente em S. Paulo, fez aos redactores do excellente jornal paulista o seguinte soneto:

A LEO-PAR

(No anniversario do «Diario Mercantil»)

Inda ha bem pouco tempo Ezequiel,
Não o propheta, o Freire, que é mais limpo—
Desceu da paz do seu radioso Olympo
Sobre nove ou dez azas de papel;

E, velho amigo, amigo certo e fiel,
No nome vos ligou que em cima chiupo.
Hoje aproveito esse bisnome e grampo
Contra percalços, todo calda e mel;

Tode doçuras, de mellurias cheio,
Lá vou cantar em verso o novo Abril,
Que ha de de outros Abris ser fundo veio.

Afno, pois, o pristino arrabil
E cá espero o convite, que não veio,
Para a cea ideal do «Mercantil».

FILINDAL.

A Vida Semanaria, n. 2. Elegantemente redigida. Apparecem as *Cartas Fluminenses* de Rodrigo Octavio, versos de Emiliano Pernetta, de M. Braga e de Leoncio Correia; no seu *Movimento Literario* promette falar da *Lyrica* de Filinto de Almeida.

Temos os ns. 3, 4, 5, 6, e 7 do 9º anno *d'A Mãe de Família*. Excelente publicação e que a nosso ver deveria ser lida por todas as mães de familia pois ella lhes fornece preciosos auxilios s indicações sobre a alimentação e educação das crianças. Ao Sr. Dr. Carlos Costa, seu redactor principal, agradecemos a offerta d'esses exemplares.

Antes tarde do que nunca, lá diz o adagio: foi o que dissemos ao recber *A Ventarola*, que desde o seu nascimento só agora é que nos visitou.

Ingrata! a gente a esperal-a com os braços abertos e a eucantadora a fugir, a fugir... Venha de lá esse abraço, assim, assim, mais apertado, mais! E saiba que é sempre recebida com especialissimo agrado, embora nos tenha de afimetar. E appareça, collega, sempre alegre, chistosa e elegante, por muitos annos e bons. É o que francamente desejamos, que para consnguil-o tem o lapis do Netto e o muito espirito do seu incognito redactor.

O n. 7 do *Brazil Illustrado* traz um retrato do Dr. J. M. Velho da Silva, varias gravuras e nas suas *Palestras historicas* dois desenhos—*Caravela do seculo XVI e Descoberta do Brazil*. Tem graça a historieta *Uma tropa de... botas*, que com os *Tipos e Costumes* fecham este numero.

A Quinzena ns. 6 e 7. É uma interessante folha litteraria que apparece na Fortaleza (Ceará). Pertence ao *Club Litterario*.

O seu numero 5 é de agradavel leitura s o n. 6 contem um artigo *O Pape da Poesia*, de Farias Brito, o varios trabalhos; d'entrs estes um soneto *Jesus*, de V. Brigido, que seria bom se não manquejaescom oste verso:

Esta legenda santa: Liberdade e Amor.

— *Revista Illustrada*, n. 453. Na primeira pagina uma bolla alogoria á fallada substituição de S. M. o Imperador na proxima abertura das Camaras: quarta finas allusões ás recntes questões da imprensa; a 2ª e 3ª dão-nos a continução das aventuras do Ze Calpura. O texto variado o scintillante de graça.

TU QUOQUE...

(Versos recitados no lunch de despedida a Olavo Bilac, a 21 do corrente.)

O Olavo parte!
Faz muito bem,
Pois que isso de Artc
Não dá vintem.

Viverem poetas
Neste paiz?
Pega as Pandectas!
Vae ser juiz!

No bumbra! ataca
Da Inspiração
Esta outra placu:
— Dr. Lobão—

E da memoria
Remove bem
Toda essa historia
Que ella contem,

É vasculha-a;
Lavar, varrer,
Como a uma sala
Que vae se encher.

É um thesouro
Tua lyra, sei:
É tudo de ouro,
De ouro de lei.

Themis por ella,
Certo te dá
A espada bella.
Mas olha lá.

Se é inteiriça...
Verga-a, oleró!
Que de cotiça
As vezes é.

Depois... que assume
Pelos jornaes
Sempr' teu nome
Como um cartaz.

E bão de vir vindo...
É ocobre assim
Irá c'hindo:
Tlim, tlim, tlim, tlim!

Enfim se a sorte
For, poeta, má,
Um outro norte
Se te abriará:

Com 'spalhafato
Do rei falar...
Ser candidato,
Subir... Calar...

Vae: galga a serra
Traze os papoiz;
Que esta é a terra
Dos bachareis!

ALB. SILVA

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Congresso Brasileiro

A nova directoria d'esta brilhant associação promovs para hoje um saráu-concerto, que, a julgar pelo programma, é destinado a continuar as gloriosas tradições do Congresso.

Club Tiradentes

Comemorou ante-hontem o 95º an-

livrario da morte de Tiradentes, o martyr da Inconfidência mineira.

No salão do Conservatório de Musica effectou-se, a 20 do corrente, a 8ª sessão de musica de camora, promovida pela Sociedade de Quartetto do Rio de Janeiro.

A Sociedade Praeozza de Beneficencia prepara uma grande festa de caridade para o proximo sabbado, 30 do corrente, no theatro S. Pedro de Alcântara, a qual constará de um bem organiado concerto, assalto de esgrima, tombola e baile.

O producto da festa revertará em favor dos cofres da referida Sociedade, a qual bona serviços tem preestado á colonia.

Agradecemos a delicadeza do convite.

LORGNON.

COLLABORAÇÃO

PAISAGEM

A. D. A. S. S.

Desenha, Adelia !... Pinta nesta tela Montanha encantada e magestosa; Nas faldas da montanha estende, ó bella, Uma lagoa calma e voluptuosa.

Na praia, faz brotar, entre os rochedos, Péis de cardo de frutos rubicundos; Enche o espaço dos astros e dos mundos. Que lada nos homans occultão seus segredos.

Sulcando as verdes agoas da lagoa Põe, Adelia gentil, uma canoa Linda moça á levar adormecida.

Tudo esplendido, tudo, toas talento !... Faço um reparo só, neste momento: Falta a esse quadro animação e vida.

JOÃO MOTA D'AZEVEDO.

CONTOS SINGELOS

MIMÉ

Foi aquelle quartinho branco e festivo da fazenda que ella teve a incomparavel ventura de ser mãe... Como ella se sentia feliz quando levantava a filhinha á altura dos labios e a beijava longamente, fitando-a com os seus grandes olhos castanhos cheios do carinho e ternura.

Pôra proposto ao marido um negocio vantajoso na cidade, e era preciso andarem-se; como ella sentia ter de abandonar o quartinho branco e festivo da fazenda!

Porém consolavm-se porque levavam consigo o seu thesouro, aquella criancinha loura e meiga que lhe affagava o rosto com as miúdas mãos pndudase ria-se ingenuamente ás festinhas do pai.

Chegou afinal o dia da partida, tudo estava pronto, e ella despedia-se dos parentes que ficavam, com os olhos cheios de pranto; conseguiu afinal desprender-se dos braços das irmãs e das tias e partir...

Como lhe pareceram logos os primeiros dias que passou na sua nova residencia!

Que immensas saudades tinha do farfalhar das arvoredos do pomar, a cuja sombra iam todos sentar-se aas horas quentes de dia, e cujos fructos dourados saboreavam com prazer ao sem da palestra o das risadas juvenes; da soberba cascata que despehava-se esturgingo do cimo da serra e cahia em tarbilhões de espuma, transformando-se em naneo rincho que atravessava a campina atapetada de relva; do gorgojo melancolico do sabão, que pousado nas grimpas da laraageira saudava o crepusculo; de tudo enfim ella tinha saudades.

Todas as tardes o marido eontava-lhe cheio de amor e confiança os passos que dava e os grandes lucros realizados; ella ouvia-o com respeito e silencio, ora levantando para elle os seus grandes olhos castanhos cheios de carinho e ternura, ora beijando longamente a filhinha nos labios.

Aproximava-se S. João e resolveram passa-lo na roca; ficariam lá uma quinze dias.

Que prazer! Ia sentar-se outra vez á sombra das suas queridas arvoredos! Ia sorver com delicia o aroma das suas flores predilectas!

Quando apearam no terreiro da fazenda foi uma verdadeira festa; o sorriso illumiaava todos os rostos, de todos os labios partim phrases de contentamento, todos os olhos estavam humidos!

Ella percorreu saudosa toda a casa e com os olhos rasos do pranto entrou naquelle quartinho branco e festivo onde teve a incomparavel ventura de ser mãe.

LUCIA.

A BRIZA

A briza passa levando Um turbilhão de primôres, Leva em seu vôo ligeiro Um collar feito de flores.

Da sonora melodia Leve os sons apaixonados, Das flores leva o perfume Aos olfactos delicados.

Dos sonhos leva os eucantos, Levando a grata illusão Que faz com que suavise As dores do coração!

Faze um bouquet, doce brisa, Dos tristes suspiros meus, E, alforarado de prantos, Vae depoi-ç aos pés de Deus.

MARIA CLARA VILHENA DE CUNHA.

FACTOS E NOTICIAS

Alberto de Oliveira

Continúa infelizmente enfermo o grande poeta dos *Sonetos e Poemas*, que depois de ter entrado em convalescença, recahiu, agravando-se a inflammção. O illustre enfermo tem sido ultimamente visitado por mais de 400 pessoas em sua residencia. Entre os visitantes contam-se Luiz Delfino, Raymundo Correia, Alcibiades Furtado, Rodrigo Octavio, Olavo Bilac, Augusto Bastos, Alberto Silva, Cezar Mattos, etc., etc.

Alberto continúa aos cuidados do Dr. Leal Junior, que tem mostrado extremo desvelo em seu tratamento.

Partiu ao dia 18 pnm as aguas de Lambary o estimado fazendeiro de Cantagallo o Sr. Antonio Lutterbach com sua Exma. familia.

Desejamos promptas melhoras na saude de sua Exma. esposa.

Lucio de Mendonça e Raymundo Corrêa, nossos queridos colaboradores, partiram no dia 20, depois de uma pequena estada nesta Côrte, para a cidade de Valeaça aquelle, e este para Vassouras.

Olavo Bilac

Partiu hontem para S. Paulo, em cuja Academia vae matricular-se teado abandonado o curso de medicina ao quinto anno, o nosso estimadissimo collaborador Olavo Bilac, a *Phoebos-Apollo* das adoraveis *Cartas do Olympo*, o vigoroso e inspiradissimo poeta da *Tentação de Yencrates*, e da *Delenda Carthago*, o primoroso ciazellndor du *Profissão de fé*.

Ante-hontem, offereceram-lhe algumas dos seus muitos amigos um modesto lunch.

Foi uma intima festa de rapazes, admiradores sinceros, alem de sinceros amigos do poeta, singela, despretençiosa, alegre, da genero *espania-burguez*. Eis o originalissimo menu, elegantemente impresso em cartões com os aomes dos convivas do lunch, tendo no

ngulo esquerdo superior uiaa cabega de passaro, rompeno a papel, e no bico uma caneta com penna:

« O adeus ao Bilac

em 21 de Abril de 1887

Acta

Assorties aos Gremistas.

Expediente

Sardines truffées á Valentim.

Poisson á Viriato.

Cotelettes á Couraudo.

Poulet á Dario.

Ordem do dia

Gelatine á Arthur Azevedo.

Pudrag á Rodrigo Octavio.

Fromages, Vins, e

Muitos briares foram erguidos, principalmente a Olavo, á sua familia, ao seu futuro á academia de S. Paulo, que ia ter a honra de recebe-lo em seu seio, a Alberto de Oliveira, intimo amigo e companheiro de Olavo, que estando enfermo, presidia espiritualmente o lunch, representando-o um talher com o menu teado o seu nome impresso.

Para o brinde de honra foi designado Valentim Magnilhães que brindou a Poesia, representada em um dos seus grandes sacerdotes—Olavo Bilac. Um cordilissimo preito de admiração e estimo. Em outro lugar publicamos os ligeiros e engraçados versos lidos por Alberto Silva e muito applaudidos.

« Ao joven e illustre poeta desejamos de coração ininterrompida serie de estrepitosos triumphos e que continue a honrar as nossas colunas com a sua preciosa collaboração.

CORREIO DA GERENCIA

Ao nosso assignante de Magé que nos dirigiu uma consulta, com data de 22 do corrente, temos a lizer que obterá a competente resposta logo que maade quitar-se pelo corrente aaaa.—

Sr. Thomaz de Queiroz—Casa Branca.—O seu debito, até 31 de Março proximo passado, é de réis 78500, que pôde enviar-nos em carta registrada com valor declarado ou entregar ao nosso agente actualmente em viagem á essa provincia.

Sr. J. de P. S. Diniz—Côrte.—Os numeros pedidos ser-lhe-hão remettdos com o indice, prestes a publicar-se.

RECEBEMOS

—*Lôla*—E' uma bonita polka do Sr. Henrique de la Pena Gusmão.

—*Journal dos Economistas*—a. 7.

Muito bom.

—*O Zé Capôra*—Revista comica dos acontecimentos do anno passado, do Dr. Pederneras.

—*Lição Inaugural* do curso de chmica organica e biologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pelo Dr. Campos da Paz. —*A Estação*—a. 7, anno XVI. Traz elegantes figurias.

AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

PORTUGAL

Lourenço Marques de Almeida, proprietario da Agencia Commercial Portuguesa, annuncia aos clientes desta casa ao Imperio do Brazil, que, tendo o nome de ir a Portugal no proximo mez de Maio, se eacarrrega de pessoalmente tratar naquelle paiz de qualquer negocio de que o queiram incumbir, como: comprar ou vender quaesquer geaeros, bens de raiz ou papeis de credito; entregar ou receber valores em moeda ou papeis; pagar ou receber dividas; intentar açoes civis ou commerciaes; promover habilitações de herdeiros e mandar fazer pesquisas sobre quaes-

quer heranças; levantar quantias depositadas em bancos ou quaesquer repartições publicas; legalisar documentos; contractar colonos ou industriaes; fazer admittir ebandos ou estudantes de matricula em qualquer dos collegios ou academias do Portugal; prover a pagamentos de mezas e demais dispenhos e, finalmente, to los os demais encargos de que esta casa se occupa, quer do Brazil para Portugal, quer de Portugal para o Brazil.

A commissão a cobrar pela execução de qualquer encargo, sera moderada e sempre proporcional á importancia e dificuldade do encargo.

V. B.—Para compra de generos ou quaesquer objectos; para pesquisas ou principios de liquidações d'herança cuja sequencia seja duvidosa; ou para quaesquer outros encargos cujo dispndio não possa por outra forma ser garantido, terão necessariamente os cametentes de depositar uma quantia ou prestar fiança.

ANNUNCIOS

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphites de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene o autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tuberculose, bronchites, escrophulitas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes mediciaaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hydrophosphites. A' venda nas drogarias e boticaes.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRELDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principais livrarias.

FABRICA PEROLA

Torrificação de café

Este affamado café vendendo-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIAS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRIMALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRIPTORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ALFAIATARIA**11 RUA DOS ANDRADAS 11**

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, panhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

A NACIONAL**CARLOS MORAES & C.**
66, RUA DA URUGUAYANA, 66GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO**INTRANSFERIVEL! INADIABEL!****GRANDE LOTERIA**

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIABEL

MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio.
Segundo sorteio.
Terceiro sorteio.100:000\$000
200:000\$000
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do A GENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a'outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tem apparecido no Rio de Janeiro.
Com a pequena importancia de 18 flocos habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçaves de Queiroz, agente geral**RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115. TELEPHONE N. 507.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 30 DE ABRIL DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 422

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e E. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A. RSOACÇÃO.
« A Semana ».....	
Galeria do Elogio Mutuo.....	RODRIGO OCTAVIO
XII—Alberto Silva.....	J. DO EGYPTO.
Historia dos seto dias.....	
« Lyrica », de Filinto de	H. DE CARVALHO.
Almeida.....	V. M.
Uma velha calumnia.....	
A Antonio Parzelras, so-	O. BILAC.
nebo.....	GALPI.
Sonho e Resiliada.....	J. RIBEIRO.
Notas philologicas.....	SILVA RAMOS.
Palo azul, soneto.....	O. MIRBSAU.
O artista.....	J. NINGUEM.
Os nossos escriptores.....	J. DE M. SILVA.
Convalescenca, poese.....	ED. E. J. DE G.
« Jornal dos Goncourts »	PASSPARTOUT.
April, all, acoll.....	PICOLINO.
Sport.....	A.
Grzeilhes litteraris.....	LORGNON.
Festas, bailes e concertos	
Carta ao Olevo Bilac,	GUL. MAR.
poese.....	P. TALMA.
Theatros.....	
Factos e Noticias.....	FR. ANTONIO.
Trilogia á bola.....	
Resumos.....	
ANNUNCIOS.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE	
Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000
PROVINCIAS	
Semestre.....	58000
Anno.....	108000

A SEMANA

Graças á gentileza da distincta poetisa D. Adelina Vieira, traductora da *Gréve dos Ferreiros*, temos o prazer de annunciar aos nossos leitores que no proximo numero publicaremos esse bellissimo poemeto do grande poeta francez François Coppée. E' um trabalho este sobre o qual já demos nossa opinião, e que com certeza agradará immensamente aos amigos de joias litterarias.

Começaremos a publicar no proximo numero o discurso da entrada de Leconte de Lisle na Academia Franceza, fazendo a apologia de Victor Hugo, cuja cadeira foi occupar. Em seguida publicaremos o de Dumas filho, em resposta áquelle, e no qual é feito o elogio do grande poeta dos *Poemas Antigos*. São duas peças oratorias de summo valor litterario, que devem ser registradas n'á *Semana*; por isso as inseriremos, traduzindo-as, apesar da sua grande extensão.

A REDACÇÃO

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XII

ALBERTO SILVA



O Albertinho... Quando pela primeira vez e vi, elle entrava na *Gazeta da Tarde* para comprar um numero da folha.

Alguem mostrou-m'o:—Olhe, aquelle é o Alberto Silva.

Olhei-o demoradamente. Dias antes eu havia lido em um jornal da Côte uma *Cantão* d'elle, deliciosa pela forma musical e correcta, deliciosa pela inspiração suave e original.

Conhecia-o tambem pela critica que das *Matinaes* fez *A Semana*, estudo que veio á luz quando eu estava em Pernambuco, e onde o critico bellamente exalçava os seus dotes de poeta e de artista.

Olhei-o e fiquei a olhal-o até que elle perdeu-se na turba-multe dos *flaneurs* da rna do Ouvidor. Sua physionomia sympathica me agradara muito.

Não é alto, até pelo contrario; mas no seu rosto moreno ha tanta harmonia entre os olhos, negros, a brilhar lá no fundo, através dos vidros do pince-nez, e o nariz, curvo como o bico da uma aguia, e os bigodes, pretos e retorcidos, imman constant dos seus dedos pallidos e finos, e a bocca, de labios eternamente encrespados por um sorriso,—não esse sorriso triste dos pessimistas, mas o bondoso e tranquillo de alguem que tem a consciencia em calma,—ha tanta harmonia, dizia eu, no conjunto d'esse rosto moreno que á primeira vista elle nos fica na alma, como se muito nosso amigo fosse.

Assim que, quando dias depois foime elle apresentado, vi-me em frente de um homem que já me era muito conhecido e até quasi extranhei a cerimonia com que nos tractámos.

No dia seguinte trouxe-me Alberto Silva as *Matinaes*. Tinha em nas minhas

mãos um livro de 200 paginas de versos, virgens e meus olhos, virgen da minha leitura; fui para casa e já no bondo encostei a desvirginar-lhe as paginas.

As *Matinaes*, physicamente falando, são um gran livro, impresso em mão papel e com typo máu; entretanto, vencidas as primeiras paginas, correm os olhos avidos as subsequentes, não dando conta que a impressão é desagradavel á vista.

Cada estrophe é como uma feia crysalida de onde sae uma borboleta azul, de aza iris, e a luz; cada pagina é como um mattagal de alfaro e ressequido, de onde se ergue cantando uma revoadada de canarios e de pintasilgos.

Merece, por certo esta edição de Alphonse Lemerre este precioso livro das *Matinaes*.

Alberto Silva tem sua individualidade firmada. Nas poesias que compoem o seu livro uma bastava para sagral-o poeta de pura tempera, artista de primeira ordem: *Sappo*. Entrstanto, como este poema tem elle outros munitos nas *Matinaes* e inextintos, que não de formar um livro que, frã collocar-se ao lado dos nossos primeiros livros de poesia.

O *Carro de lava* fragmento de um poema americano, e que tão vivo successo alcançou quando lido no Gremio de Lettrados Artes, o *Jasminero em flor* são poemas como não os ha superiores: abundantes de inspiração, abundantes de forma.

Americano, Alberto Silva tem toda a luz tropical do nosso clima, toda a vida intensa das nossas matias, virgens de passo humano, toda a harmonia selvagem das nossas aves e dos nossos rios, todas as cores, todos os perfumes das nossas flores sylvestres; americano, tem

ells todas as inspirações meridionaes, que, elle sabe calmamente, friamente, introduzir, trabalhar, reproduzir num verso terço como uma columna, hermoso como uma fanfarrã.

Nasceu o nosso poeta no outro lado da bahia, em S. Lourenço, no dia 29 de Agosto de 1863.

Aos roças esteve até aos 11 annos, e durante todo esse tempo, afóra os livros em que aprendeu a ler, seus olhos em outros não cahiram além dos de Casemiro de Abreu e de Xavier de Novas, e sobia as *Primaveras* de côr. Sua alma, que principiava então de fazer-se sentir, gostava gostosamente nas tristes elegias do cantor infeliz.

Accitava-as e as imitava. Casemiro de Abreu falava á sua alma nas suas estrophes apaixonadas, e aos seus olhos, falava a natureza nos seus multiplos e esplendidos poemas.

Nessa companhia formou-se dentro da alma de Alberto Silva a primeira constellação de inspirações, calma, fragrante e luminosa como o *vulto ideal de um jasminero em flor* que se vê num canto de jardim á luz suavissima da luar.

D'este embryão não podia deixar de formar-se a alma de um poeta sensível nas crystallisações em que se formou a de Alberto Silva. Ao lado da grande correção de estylo e da elevação de pensamentos, tem elle um perfume lyrico e que lhe denuncia os primeiros companheiros do seu espirito.

Em boa hora encontron Alberto Silva em sua estrada esse outro Alberto, o de Oliveira, que, como os pastores arcaicos, tomou da mão do peregrino, e ensinon-lhe o caminho que leva á fonte mais crystallina e de agua melhor para matar a sede; que lhe mostrou o bosque sombrio e ameno, onde os estyros repousam, proximo á fonte onde as nymphas, ao por do sol, deixam veres seios tumidos e niveos, que ensinam a embriaguez do vinho entontecedor e mystico dos crepusculos de outono.

Em boa hora a mão amiga de Alberto de Oliveira o conduzio e o fez conhecedor de todos os segredos de sua refiçã, iniciando-o na Arte.

E o naophito o viu e o acompanhou, e hoje ninguém sabe mais do qua elle em que logar habitam as nymphas menos esperitas; de que recanto se onve melhor, no calamo tristonho, as velhissimas melodias de Marsius, o satyro compositor; e de que gruta escondida em mais liberdade cantam as sereias!

Alberto Silva comprehende que a poesia é uma arte e que sem ser tomada muito a serio não pode offerecer resultados. Por isso elle trabalha, e é recompensado em seu trabalho, porque bellissimas produções apresenta; produções ás quaes nenhuma observação terá a fazer o mais impudente parnasianeo.

Mora o nosso homem em Nictshroy e, como já disse, nasceu em S. Lourenço, terra que só tem tie celebre o ter-lhe sido berço.

Canta empoleirado no Thesouro Nacional, ouvindo o tintilar do ouro dos dinheiros publicos. D'esse facto um psychologo fez nascer a origem da abundancia de bons predicados que elle possui e da sua fecundidade poetica.

Eu, porém, não creio; até pelo contrario. Penso que se elle se deixasse ficar em casa em companhia da sua musa formosissima, mais ganharia a nossa litteratura e penso tambem que o Thesouro.

Perdão: não quero fazer intriga: Alberto Silva é um optimo empregado de finanças: não me consta que tenha feito algum desfalque...

RODRIGO OCTAVIO.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O facto que mais occupou o preoccupiedo a attenção publica e mais commentarios teve durante a semana foi o estado de saúde de S. M. o Imperador.

A contradicção entre as noticias de fonte official e as de caracter particular, os hoitos, os «*Falando-me disse*», «*Contou-me Sierano*», puzera a pulgã da desconfiança atraz da orelha do publico a fez, por fim, subir a mostarda do protesto no respeitavel nariz da imprensa.

No dia 27, tendo-se sabido que o Imperador tivera um forte accesso febril na vespera, e havendo os medicos palacianos affirmado o contrario, dando curso mais uma vez à nova *chapa*—nova mais já gasta—do estado satisfatorio, ergueu-se a imprensa, quasi em sua totalidade, para protestar contra esse systema, tão exquisito como curavel, de tratar o publico no tratamento do seu monarcha, e para pedir—não só toda a verdade, que ao paiz se deve no assumpto, como que fosse o Imperador examinado por outros medicos além dos da imperial camara, a fim de ser estabelecido e tornado publico o verdadeiro diagnostic do estado de enfermidade imperial, desconhecido até então.

Acham-se agora satisfeitas as justas e louváveis reclamações,—embora energeticas, embora impertinentes na apparencia—levantadas pela imprensa,

S. M. regressou, no dia 25, de Aguas Claras,—logar que, segundo consta, as não tinha—e, com aspecto abatido, mas não denunciador de grande fraqueza, e dizendo sentir-se muito melhor, fez toda a viagem até ao palacio do S. Christovam, onde recebeu e conversou por algum tempo, tranquilla e tranquillizadamente.

Ante-hontem foi examinado pelo illustre clinico Dr. Torres Homem, que, concordando com o diagnostic, prognostico e tratamento dos seus collegas da imperial camara, estabeleceu o diagnostic, que foi, emfim, conhecido pela publicação em todos os diarios de hontem.

Segundo o aminente facultativo, S. M. uada tem de anormal nosapparelhos circulatorio e respiratorio nem nas funções do systema nervoso, e sofre apenas de uma entoxicação paludosa com accessos febris irregulares, dando em resultado algumas perturbações do aparelho gastro-intestinal.

A opinião resultante do seu exame foi esta:

«Com a continuação dos meios therapeuticos que estão sendo empregados; com a remoção de Sua Magestade para a Tijuca, como me foi proposto, bem como mediante uma medicação directamente dirigida contra as desordens do aparelho hepato-biliar, é de esperar que o illustre Enfermo consiga restabelecer-se completamente».

Ora justamente o que desejavamos todos e o que pedio a imprensa foi que se dissesse ao paiz toda a verdade acerca do estado do Imperador e que se visse estar elle sendo tratado de modo a não poder haver mais tarde motivo nenhum nem para arrendimentos nem para lamentações e censuras.

Agora está o publico satisfeito e tranquillo, não só por ver que já se não procura enganar-o como porque espera ver dentro de algum tempo o primeiro cidadão brasileiro restituido aos seus multiplos e graves affazeres de chefe de Estado que pelo estado do seu paiz se interesse mais do que pelo de sua propria saúde.

Pelo que se pôde concluir do laudo do Sr. Conselheiro Torres Homem, não sofre Sua Magestade de *diabetes*, ou—pelo meos—essa enfermidade, se a tom, não complica a marcha da que foi diagnosticada. Tanto melhor, em qualquer dos casos; principalmente no primeiro.

Aproveitemos a massa de medicos e medicina, em que estamos com a mão, para dizer algo de outro medico eminentemente que está honrando actualmentemente o seu paiz na Europa e para dar a este sinceros e muitos parabens.

O Dr. Domingos Freire, que aqui tão injustamente foi desconsiderado por boa parte dos officios do seu officio e que tão estúpida e cruelmente fora motejado por pequena parte da imprensa grande (até o *ex-Caipira* se atirou a debical-o e a critical-o! Lembra-se?) o Dr. Domingos Freire, o illustre descobridor da vaccina contra a febre amarella, que no seu paiz não conseguira fazer a acceptar como uma realidade scientifica, está recebendo em Paris o mais bonroso acolhimento e tem sido tractado pelas primeiras summaridades medicas da França—que são das primeiras do mundo—como de igual para igual. Algumas d'ellas já se pronunciaram sobre os seus trabalhos de microbiologia (é assim que se diz, *Dr. Sahen?*) com os mais francos e honrosos gabos.

A ultima das manifestações de apreço que lhe tem sido feitas—das de que nos foi transmitida noticia—foi a sessão solenne e o banquete dados em honra do nosso grande medico pelo Instituto de Therapeutica Dosimetrica de Paris.

Após uma conferencia do Dr. Freire expando o resultado de seus trabalhos experimentaes sobre as origens da febre amarella e sua prophylaxia por meio da vacinação com as culturas attenuadas do microbio.—conferencia que, ouvida com religiosa attenção, foi coroada de vivos applausos,—resolveu aquelle Instituto, por unanimidade de votos, que fosse a communicação do sabio prelector integralmente publicada nos holetins da associação.

Durante o hanquete recebeu tambem ellas as mais calorosas provas de admiração e sympathia.

Estes triumphos, que são do mundo inteiro porque o são da scientia, devem nos encher de vivo jubile e natural desvanecimento porque são nossos, do Brazil, que com elles se engrinalda de louros e circamda de respeito.

Póde agora voltar o Dr. Freire. Já não haverá quem ao seu nome remetta chascos, nem quem nos seus trabalhos mette os cascos.

O Brazil, se por ventura sentisse o sancto orgulho de ter fillos illustres, que a Europa lhe inveja, deveria orgulhar-se de ter por fillos, na scientia,—para só lembrar alguns nomes de moços—homens como os Drs. Baptista de Laesrdia, o descobridor do antidoto contra o virus oppidico; Silva Araujo—o grande siphilographo, o Hercules da *elephantiasis*—Moncorvo de Figueiredo, o abençoado medico das crianças, o debellador da *coqueluche*—Rodrigues dos Santos;—Werneck os doia Paulos—João e Pedro,—Nuno de Andrade, Lima e Castro e tantos outros que seria longo (como nos é honroso este «seria longo») enumerar aqui; e entre topes, e talvez acima de todos, o eminente chimico, o profundo pesquisador Domingos Freire, o Jenner da febre amarella.

Embora não possa esta patria do esquecimento e da superficialidade

compreender quanto ganha com os triumphos dos seus grandes homens, ha de consentir que lhe demos, pelos que está alcançando o Dr. Domingos Freire na Europa, os nossos cordiaes parabens.

Além dos casos acima esflorados e de outros de menor monta, como o projecto do vereador José do Patrocinio sobre *sport*, de que em outro logar nos occupamos hoje com a attenção que merece; do fallecimento de alguns homens geralmente conhecidos e estimados, como o opulento conde de Pereira Maranhão, na Bahia, o capitão de mar e guerra Carlos de Silveira Bastos Varella, em Caxambu, e, nesta Côte, o major Miguel Antonio de Mello Tamborim e o barão de Itapuá; os preparativos para a proxima abertura dos trabalhos parlamentares,—abertura que se ignora se será a 3, como ordena a Constituição, sendo lida n respectiva fala pelo Sr. harão de Mamaré, imperador *ad hoc*, ou se dias mais tarde, por S. Magestade,—os commentarios, indignados e commovidos, sobre os horiveis acontecimentos de Corrales e Paso Hondo, em que foram torturados e mortos muitos brasileiros por ordem e sob as vistas de D. Joaquim Santos, irmão do nosso hospede, ex-presidente do Uruguay, o qual Joaquim nada soffreu por aquellas proezas, está nédio o fêro e vae regaladamente passar a Europa;—acontecimentos ultimamente narrados na *Patria*, de Montevideo, por insuspeita testemunha ocular, narraçáo aqui transcripta pela *Gazeta da Tarde* e pelo *Diario de Noticias*:—a auspiciosa pacificação do Mar dos Vituperios; conhecido vulgarmente pelo nome de Imprensa; além d'esses assumptos e de mais outros de insignificante valor, nada mais tivemos registavel no terreno dos factos politicos e sociais.

A' vista do que *Ite, Historia est...*

JOSE' DO EGYPTO.

«LYRICA»

DE

FILINTO DE ALMEIDA

Em volume de 230 páginas, sob o titulo de *Lyrica*, dividido em duas partes, subdivididas—a primeira com os nomes de *Musa errante* e *Peninsulares*, a segunda com os de *Intima Lyra* e *Musa nova*, publicou Filinto de Almeida as suas poesias.

Lemol-as todas de uma assentada, sem a menor fadiga intellectual, desvendando cada vez mais o vasto horizonte da musa de Filinto, musa sadia, circumspecta, opulenta de roupagene, nem limitada nem exagerada, leve, a perder-se ás vezes longe, nos confins do pensamento, nas regiões altas, nevadas do sentimento.

Ao ler o livro de Filinto, sentimos ao redor de nós, no paiz secreto da consciencia, um meio novo, intellectual, onde as bellezas se succedem, lentamente, silenciosamente, como que fóra do bulicio do mundo, numa patrinintima, toda consolaciones, toda prazeres mores.

Nos menores tons, nas menores curvas, sorprehende-se ahi, na *Lyrica*, o pensamento do poeta, sempre o mesmo, elevado e distincto, de uma distinctão fidalga, fidalga mas natural, a mover-se, ora rapido, nervoso,—quando rapidos, nervosos são os seus estados de consciencia,—ora lento, volumoso e melancolico,—quando assim lhe sóa a corda prodiga de sua affectividade vibratil.

Fala-nos a alma, derramada, fundida pelas paginas da *Lyrica*, a alma de Fi-

linto,—uma alma fina, que ressumbra, não rara, a nota leve, agridoce de uma tristeza suave, unvida de saudades, pensativa de esperanças ou enbadalada de aspirations.—aspirações sempre humanas, sempre limitadas, bem do centro da vida, bem directas, de sua organisação.

Não tem os desmandos communs das imaginações chloroticas; cresce dos phrenesis de Richopin e Baudelaire; desertou das piedosas contemplanções de Lamartine; manteve-se em si mesmo; deu-nos fielmente, sem o menor artificio, a sua *personalidade*, com todo o cortejo das emoções inherentes, quasi sempre brandas, quasi sempre docas, nem viris, á Guerra Junqueiro, nem effeminadas á moda dos temperamentos doantios.

Todo o seu livro,—escriuo de joia custosas, buriladas com graude arte,—reçuma um *individualismo* tenaz, um subjectivismo discreto e amavel, fecundo e deleitoso, photographando de todos os pontos altos do sentimento as facetas poeticas de sua alma, onde ha scintillações diversas, opulentas e fieis, ao reflectirem, atravez da lente dos sentidos, na camara cacura de seu espirito, as bellezas de fóra, as creações da natureza, no mundo moral de todos os affectos.

Ha muito tempo que não lemos, dos livros da *geraçáo moderna*—um que, como o de Filinto, nos satisfaça tanto, nos alente na fauna das letras, a cujo seio recolheu-se com a distincção de labor que as levanta, que as realça em verdade, a ellas, tão poltras, tão abandonadas, ou villendadas por fillos bastardos, que pulsam de toda parte.

O livro de Filinto é o que se chama—um livro de ouro, em que constantemente se encontram labores de finos brilhantes. As *joias tocas* d'esse cofre mimoso,—poucas, é certo,—parecem feitas de proposito, em trabalho fosco, para com a graça que ainda assim revelam, destacarem mais, em brilho e arte, as joias finas e delicadas, de alto valor artistico.

O livro de Filinto, a *Lyrica*, tem direito ás estantes mais selectas em poesia, e admiração dos mais exigentes, á acceptação de todos.

A sua forma, fluente e propria, não se deixou levar pela mystificação d'essa arte mal entendida, que em alguns poetas hodictos só tem servido para estragar-lhes as individualidades, deslocando-lhes ao mesmo tempo a verdade da inspiração;—d'essa arte, não natural, senão *artificial*, que se se atria de encontro ao pensamento e, com palavras e exageros de construção, lhes rouba a naturalidade, desfaz a graça do dizer, embrutece a mnsica das estrophes.

A sua forma, de uma correcção inalteravel, simples e donosa, relembra os mestres de lingua, sem a dureza de alguns, sem o obsoletismo de muitos, e sem os neologismos do dia.

Ha muita belleza na *Lyrica*. O dizer, terso de Filinto é uma nota constante em todo o livro. Citar as pegaa do valor que nelle se encontram seria longo; não deixaremos, no entanto, de dizer o que para nós são primores:

—Na *Lyra da Arcadia* os encantadores tercetos de *Mosana*;—a *Ode* ao Sr. Machado de Assis, um primor de elevação, digno dos velhos poetas do Lacio;—que bellas tercetos são os *Labios e Olhos!* como são *chicos* os sonetos traduzidos de Stecchetti e o *A uns olhos de Campoamor!* Os *Versos á Cotinha*, um mimo. Os sonetos *Antonietta*, *A volta, Em Roma*, como são formosos, verdadeiros, delicados! Que bella successão de comparações, quanta inspiração na *Suprema Dea*, na *Ignota Dea!* Que naturalidade nos *Olhos pretos!* E assim muitas, muitas outras.

Toda a parte O *Poema da Morte* é de grande sentimento, de fina delicadeza. E quando se vai por ahi a fóra, por esse caminho escuro de dores e asudades, sentem-se com o poeta as tristezas do seu espirito, até surgir com elle, adiante, no fim da estrada, em outra epoche da vida, cantada na *Musa Nova*, ultima parte do livro, facunda, muito bella e onde ha primores como os sonetos *Novo Bem*, e *A partida*, os tercetos *Perficção Suprema*, e tantos outros de equal valor.

O livro de Filinto, em synthese, é para mim o melhor livro de versos doa que nestes ultimos annos tem sido á luz. É um trabalho verdade-

ramente artistico, justamente consciencioso. A litteratura da lingua portugueza ganhou e muito com o seu apparimento.

Parabens aos amadores da boa poesia e do bom verso.
Um abraço a Filinto.

S. Paulo, 17-1.-87:

HORACIO DE CARVALHO.

(Do Diario Popular)

UMA VELHA CALUMNIA

Ao artigo sob este titulo publicado em n. 120, respondeu, pelo *Microcosmo* do dia 24 do expirante, o Sr. Carlos de Laot com os mais finos e matreiros dos seus celebres e terriveis *passos* de polemista—capirota. Torceu o corpo e accusação, embandeirou todo em arco de explicações eophisticas e apresentou-se, no fim, candido e puro como o cordeirinho paschal.

Fingio não ter encontrado no *Microcosmo* de 21 de Junho de 1885, que den corpo á calumnia, o principal topico, aquelle que diz assim :

« Nestas condições, hoje, que tão decadente so acha o jornalimo nacional, ao contrario do estabelecimento aqui da esquina. O commendador não olha para sacrificios, quanto que o acclamem, pelo menos, o primeiro prosador deste hemispherio. »

Laet fez-so de ceço e tolo ; fingio não ver e não entender, e preparou a transcripção, como defeza, do trecho mais susceptivel de occipar á censura que lhe fizemoa de encorporador da offensiva peta, gemendo com archaico aspecto e magoadã voz de martyr, que entre os periodos do tal seu folhetin « cluramente se omittia proposição antinõmica ao asserto que tanto parece ter prejudicado a boa reputação d'ã *Semana*. »

Oh ! oh !
Que cianho !
Que santinho !
Que dentista !

V. M.

A ANTONIO PARRERIAS

Pinta-me a curva d'estes céus... Agora, Erecta, ao fundo, a cordilheira apruma... Pinta as nuvens de fogo, de uma em uma. E alto, entre as nuvens, e rainã da aurora :

Sólta na altura os véus de espessa bruma,
E o valle pinto, e, pelo valle a fóra,
A correnteza, turbida e sonora,
Do Parahyba, em torvelins de espuma...

Pinta : mas vê de que maneira pintas ;
Antes busques as cores da tristeza,
Poupanado o escribio das alegres tintas :

— Tristeza singular, estranha magoa,
De que vejo coberta a Natureza,
Porque a vejo com os olhos cheios d'agua.

(Em viagem, 22 de Abril.)

OLAVO BILAC.

SONHO E REALIDADE

Por entrã grosseiros lençoës de toscõ leito formosissima donzella sonhava. Entregue aos loucos devaneios da sua phantasia de menina, ella sorria, cheia de enlevo, vendo u fulgor dos brilhantes que lhe adornavam os pulsos alvos e roliços ; admirando o diademã de raras e offuscadoras gemmas, que lhe cingia a fronte lisa e seismadora ; e gosava da venturosa posse de esplendidos vestuários, ouvindo, como musica indefinivel, o ruge-ruge das sedas, que os formavam ; sentia a sensação volu-

ptiosa do macio vellulo que estofava o coxim onde repousava a cabeça ; contemplava a través das jmalas do seu fantastico palacio os lyricos formosos o se rosne, ainda mais formosas, que emoluravam, encosendo-se, os fustes das columnatas da sua encantadora vida.

Tudo aquelle esplendor seduzia-a e o perfume embalsamado do ambiente embriagava-a.

Edormindo continuava a sorrir e sorrindo continuava a sonhar : Era mais do que uma mulher formosa e seductora : era a soberana da Graça e da Belleza.

E sonhava e sorria, embalando a existencia nos brandos vaiveas dease viver absorto,—mundo ideal a que nos transeporta ás vezes a imaginação. Então d'ella approxinou-se, veucilo pelo amor, um homem de sizudo aspectõ e anlar pausado.

— Posso seis milhões, e com elles centuplicarei a tua riqueza. Supplico o teu amor, disse elle.

— Riquezas... tenho-as de sobra. Vae das-as a quem d'ellas carecer. Despidado, retirou-se o millionario. Grave manrebo o substituto, Illuminava-lhe a nobre fronte a luz de graute talento ; e, dominado por profunda commoção, apresentou-lhe, lepondo-lhe aos pés, um livro, que era a sua alma, a sua vida, o labor incessante de toda a eua existencia e tambem toda a sua gloria.

— Dã-me o teu amor, que te darei a minha laurea de sabio, a grandaza do meu nome.

— E' muito... e... é muito pouco.

— Dou-te a minha vida.

— Não posso queral-a.

Calmo e tranquillo, afastou-se o sabio.

Em seu logar, bello manrebo falou-lhe : — Dã-me o teu amor, oh ! anjo, que immortalisarei a tua helieza nos meus contos immortaes. Colocar-te-ei em um throno, donde nehun poder da terra serã capaz de arrancar-te. Dã-me um só sorriso teu, que a elle escrevirei a minha lyra.

Em duvida, meio vencida, respondeu-lhe : — Não.

— Não queres a minha lyra escrava ?

— Não ; respondeu ella aiaha. Quero a tua alma livre, para que tambem o soja a lyra do poeta.

Pensativo e triste, retirou-se elle.

Anõs, manrebo de porta onergico, cingindo espada, valente soldado, avançou o disse :

— Deponho a teus pés, vencida, a minha espada, sempre vencedora. Ella não mais fulgirá senão para defender o nosso amor. E para, se o ordenares, coroar-te rainha.

— Não. Toma a tua espada e vae conquistar uma coroa de rainha para tua patria.

Como o millionario, o sabio e o poeta, afastou-se tambem o soldado.

Ao retirar d'ã espada, despertou a donzella ; e revoando-lhe na mente, como errantes pombos, os sonhos que fugiam, lembrava-se ella do calmo amor do sabio, do ardente amor do poeta e do severo amor do guerreiro. Com elles desappareceram os brocados, os coxins, as formosas columnas, os lyricos e as rosas, o luxo e o esplendor que a cercavam.

Tacteando, como quem recusa acreditar na realidade do que vê e sente, apalpava o leito grosseiro, os asperos lençoës, via o tecto simples da sua casinha e as alvas paredes do sso quarto modesto.

Fugiu-lhe o sorriso dos labios ; mas rapido voltou, descerrando os como duas petalas de rosa de nimoso botão que desabrocha. E assim ergueu-se de um salto, vestindo-se apressadamente. Correu à porta e abriu-a pressurosa, inundando da luz do sol a saleta sem moveis, desguarnecida de espelhos e tapetes.

Ao avistal-a, correu para ella esbelto rapagão, de fortes pulsos, que não lhe pedio o amor, pois de ha muito u possuia ; que não depoz a seus pés nem coroas de sabio, nem lyra de poeta, nem espada de guerreiro, mas dois beijos adoradores nas suas faces rosadas.

— Hontem, exclamou elle, transportado de alegria, arranhei tudo, tudo : a nossa casinha, o nosso sitio, e hoje venho pedir a tua mão.

— Ella-a, disse ella, sempre a sorrir. Fala á mamãe.

GALPI.

PELO AZUL

Almas que andaes vagando pelo espaço Em busca da alma irmi, a toda hora, Vou de mim que ha um ser que vos adora Voumos juntos n'um fraterna abraço.

Como vós, reclinado ao regaço Da esperanza que meiza me enamora, Vou pelos mundos do ideal afóra Buscando onde prender-me em doce laço.

Como folha do ulmeiro succutida, Deixo a creça embalar-se mansuete No lago da existencia, despreddida.

Ah! deixem-na sonhar, miah! alma ardente. Se é sonho tudo o que me alenta a vida, Quero viver sonhando eternamente.

SILVA RAMOS.

NOTAS PHILOGICAS

Occupar-nos-amos, hoje, de duas etymologias verdadeiramente inoressantes. A palavra *nada* deriva do adjectivo latino *notus* e significa litteralmente : *couza nascida, rem natam*.

Esta etymologia é já hoje nm facto adquirido e consignaõ em nossas melhores grammaticas (1). O que simplesmente aqui pretendo é dar o testemunho historico d'essa etymologia, apparentemente extranha e extratragante.

Era costume, no antigo romance, encarecer a negação por meio do circumloquio : *omen nado* (homen nascido.) Exemplos :

nehun *omen nado* o fez...
 Nem ho dixẽ *omen nado*.
 (C. da Vat.)

Os francezes e trova lores provençaes diziam : *homme nez*. E até no castelhana antigo occorre a forma *nado*, desacompanhada, no *Poema de Alejandro* :

Non es *nado* que la pueda terminar (2)
 — não ha homem...

Não obstante, é somente no francez antigo que se cothom os especimens completos do *rem natam* (*rien née*). Aqui tenho um exemplo de Burguy :

L'avoit plus aimé que *rien née*.
 Tinha-a mais amado que a *couza nascida* ou creatura.

Por ahí se descobre facilmente que a negação reforçada não differa cabalmente do circumloquio portugez. O que, de tudo, porém, é mais notavel é que da locução primitiva *rem natam*, só o primeiro elemento se obliheração do segundo se effectuou na lingua franceza :

Rem natam *fr. rien*
 port. *nada*

Infelizmente, não se deu, o que era possível, a existencia das duas formas em qualquer das linguas romanas, actualmente vivas.

A segunda etymologia é a da palavra *cia*.

Pensei com Leoni e outros eruditos que o vocahulo derivasse do latim : *age!* Mas a analyse comparativa não me esclarecendo sobre este ponto, considerei-o desde logo duvidoso.

O exame samatologico induz por outra parte a crer que *cia!* exprime movimento por deslocação :

Cia, sus!
 Cia, avante!

Cia exprime a acção de *subir, andar, locomover-se*, etc.

As linguas romanas, neste particular,

(1) Já se encontra na excellente e calunniada *Gramm.* de Julio Ribeiro. Segunda edição.

(2) *Reperi.* 1.º mer. III.

são accordes. O francez e o italiano assumom as interjectivas : *sal re!* e *aller*.

A palavra *raja!* no castelhana tambem significa applauso, ao contrario do nosso uso, e apreas um subjeetivo analogo ao nosso ta :

Vagal

Visto que *age!* não deixou vestigios nas linguas congenezas, concluo que *cia!* é u clã menos que o subjeetivo do verbo *ir*, constituindo uma forma para, origiuã do latim :

I am | cia!
 It |

It é consequentemente ou um tempo perdidõ do verbo *ir* ou um tempo perdidõ das minhas investigações.

JOÃO RIBEIRO.

O ARTISTA

(TRAB. DE ALFREDO DE SOUZA)

Mal tinham soado nove horas da manhã, a criança teve uma convulsão, veio-lhe o ultimo asterer e morreu... Durante muito tempo, em frente do pequeno cadaver que golava, o pae—o illustre pintor Ernez—Beirã prostrado, fixando-o loucamente com o olhar, e não comprehendendo, não podendo acreditar que a morte viesse tão rapida arrochatar-lha o filho... Em tres dias matou-o... e tres dias antes elle era tão rosado, tão vivo, tão alegre e tão gentil ! Em tres dias... Quando o papis começava a despertar na vida... E não havia cinco dias que elle corria, cantava, brincava sobre o tapete, com as perninhas nuas, com os cabellos anelados, e saltava em seu atelier, enlambuzado por vezes nas mãosinhas nu pallietã inã fresca... Tres diae ! Horroroso ! Impossivel !

— Jorge, Jorge ! meu Jorgeiãhõ ! gritava de repente o desgarrado pae, estreitando em seus braços crispales o corpo enregelado do filho... Meu Jorge ! Fala-me !

Sobre os seus labios sentia o infeliz piutor o frio d'quellã labiosinhoa mortos, um frio que o quomava como um ferro em braza e, prostrando-so por sobre o lato, envolven a cabeça nos lençoës e soluçõo lescaperaalmente :

— Meu Deus ! meu Deus ! Serã possível ?... Meu Deus !... Que tenho eu feito para merecer tamanha dor ! Jorge ! Vamos ! meu querido Jorge... Ah ! tudo acabado...

Não consentio que ninguem velasse o pequeno cadaver. Foi elle mesmo quem o vestio, sosinho, depoz sobre o leito as flores, as esgalhas de lilazes cor de neve e as rosas brancas. Com sua vestimenta de anjinho, a deixado aobra o monte de alvuras, o pequanino parecia dormir, sorrindo.

No anno precedente, Ernez perdera a esposa a quem idolatrava. E agora o filho—uma crianca de tres annoe!... Desde muito tempo que eram mortos os seus parentes. Hoje não lhe restava uinguem ! era só, tão só que a morte lhe seria uma consolação. Durante alguns minutos Ernez pensou em morrer a em encomendar um tanulo maior, onde se pudessem nbrigar elle e seu pequenito. Ah ! aquelle rostinho alegre, que elle acariciava e enchia de beijos ; aquellã pequenina bocca, que lhe dizia : « Eu tambem quero papã, fazer bonecos como tu ! » não falvria mais, não mais sorriria ! Como poderia elle viver assim, nesta casa, para elle dulamente deserta vasia de qua elle tinha de mais caro. Que lhe restava ? O trabalho ? A gloria ? Que poderia valer a gloria depois de tantas affeições perdidas ? Que lhe importava a gloria, já que d'ella não podiam participar aquellas duas creaturas que se foram ? Que lhe importava em os gosos egoistens da arte, o martyrio delictoso de crear, os divinos enthaismos, e estas loucuras sublimes que de uñ bon de carne, de um raio de sol sobre o mar, de um longo perdido nas brumas fazem surgir, nacer e palpitar eternos poemas ? Tudo se desabava. A pintura, em que, até então, se reunira exclusivamente todos os esforços, todos os sonhos, todas as confrontações do que deixava com o que via, a pintara,

emfim, não era para ello neste momento senão uma prolixa odiosa e van, uma chimera vulgarissima e chata...

A pintura!... Ella ora talvez a causa de suas desgraças... Nisto sentiu um tremor correr-lhe sobre o pella.

A pintura!... Sim, elle tinha sacrificado por ella todo o amor de sua mulher a todo o cuidado de seu filho! Durante horas inteiras elle se abismou neste pensamento horrivel, e se convenceu de que se, em vez do pintor, fosse alfaiate, advogado, guarda-livros ou outra cousa qualquer, estes dois seres queridos que elle perdera, que elle matara,—porque estava certo de tel-os matado—viveriam ainda!...

— Perdió! meu Jorge! meu Jorge-sinho! Foi um máu pae... nunca te amei... Se eu te tivesse seguido sempre a cada instante, a todas as horas, talvez... Ah! é horrivel!

De novo abraçou-se ao filho, tentou renhinhá-lo. As suas lagrimas regaram o pequenino cadaver.

— Meu Jorge! sim, fui eu quem te matou!...

Pela madrugada, aniquilado pela fadiga, pelo remorso e pelos emhates das emoções, Ernez dormeceu.

Quando despertou, o sol inundava o quarto mortuario com a alegria dos seus raios.

Muito pallido, com ns palpebras inchadas, Ernez contemplou o filho, longamente, dolorosamente...

— Que farei amanhã? Que ha de ser de mim? suspirou elle acabrunhado. Nada tenho, Nada mais! nada mais!

Pouco a pouco seus olhos perderam a expressão de dor, e seu olhar, até então angustiado e humido, teve a concentração, a tensão de todas as forças visuaes que dominam a vista do pintor quando elle se acha em presença de uma natureza... — Exclamou: — Que tom! Ah! que tom!

E traçando em seguida, com um dedo, um lento circulo aereo, que envolvia a frente, a face da crinça e uma parte do traveseiro, falou comigo mesmo: — A formosura d'isto, hein? A delicadeza, a suavidade!...

— E isto? Seu deo percorreu de novo a frente, os cabelos, o traveseiro.

— E a copia d'isto!... e d'isto... e d'isto! Sua mão, de um largo movimento circular, gyrou sobre a vestimenta do aninho, sobre o lençol coberto de flores: — E os brancos d'isto?... Que brancos!

Neste momento Ernez recuou, piscou os olhos, medio com suas duas mãos levantadas o espaço que o assumpto tomaria na tela e gritou: — Uma téla de vinte!...

OCTAVIO MIRBEAU.

OS NOSSOS ESCRIPTORES

ALBERTO DE OLIVEIRA—Favonio do Olympo, que passou pela cahelleira de Hugo, e que, de vez em quando, se faz furacão para assustar as moças.

LUCIO DE MENDONÇA—Litterariamente—um rigido. Mas em negocios de amizade um molle; derrete-se todo ao primeiro choqe.

RAYMUNDO CORREA—Lyra que tem por cordas os nervos de Julio de Goncourt, resoado aos quatro ventos do espirito... (não os de V. Hugo)... é o melhor freguez do caporal mineiro.

FILINTO DE ALMEIDA—Pé de roseira lyrica; pé de vento vernal pé de verso alexandrino; e, com pé de alferes, pede... beijos ás Musas, bem entendido. Pé... tillo das portasto Parnaso. Pé, pé, pé... com cabeça.

GASPAR DA SILVA—Cria jornaes para

olgiar os amigos e descompor os inimigos, seus e, principalmente, os dos seus amigos. Por isso, quando não tom o coração na hoch, tem uella cobras e lagartos.

MOREIRA SAMPAIO—Como comediographo o jornalista, pertence á tribu dos botocudos, posta já por elle em scena.

E' mnis auctor dos cochilos dos seus collahoradores do que dos proprios.

RODAIO OCTAVIO—Botão de «purga de Orleans» entre «pampanos».

LÉO DE AFFONSECA—Leão (léo) da Numidia, digo: da Paulicea, que prefere ás damas da Gloria a gloria das damae.

ALBERTO SILVA—Sabid da praia (Grande) com bigodinhos.

FONTOURA XAVIEN—Satanaz rio-grandense, a quem as decepções partiram os chavelhos e a lyra. Hoje exclama, sem Palas (sciencia): O' Palas.!

JOÃO NINGUEM.

CONVALESCENÇA

— Emfim cheguei! E descerrando a porta Do procurado albergue, O velho encara o filho, o filho se ergue, Da soleira o transporta, E antes que o corpo de fadiga vergue, Praagazhal-o, o abraça e o honhro entorta.

—Veio me ver, meu pae? Tinha saudade De seu filho, bem vejo. — E a mão tomou-lhe e deu-lhe um grande heijo Contente de vaidade: — Olhe que assim realiza o meu desejo, Assim completa a minha fidelidade.

— E's feliz? — Sou feliz — Eis tudo quanto Sahe eu desejava... — E via-se no olhar suhir o pranto Que o riso disfarçava, A tempo em que, contendo a custo e espanto, Do pae pra o rosto o filho attento olhava.

—O que é? Ha muito estás pra mim olhando: Que estranhas no meu rosto? — Não sei... soffreu acaso algum desgosto?... — E o velho, balançando A frente, exclama: — E tu mais hem disposto, Mostras que vaes aqui melhor passando.

— Gosto muito da roça, hem o sabe, E que a cidade odeio; Eu sempre achel aquillo tudo feio, Emhora alguém o gahe... — Porém o velho corria a historia ao meio, Antes que o filho se desculpe e acabe:

— Aqui todos vão bem? A ora, os netos, Toda a familia tua? — O moço affirma. O velho continua: — São estes os objectos Do teu prazer.—Pois sim, mas não se exclua, Diz o filho, de entrar nestes affectos.

O pae sorri.— agora eu lhe perguto, Torna o filho, o motivo Que o poz assim tão magro... — O velho, esquivo De deslindar o assumpto, Esfrega as mãos, e a custo e pensativo, Diz em pbraze tremida e sem conjunto:

— Não sei... não sei que foi... uma tristeza... Tudo me aborrecia: A casa, o leite... me enfastiava a meza, De noite não dormia... Achaques, nervos, scismas... Que fraquesa No corpo, e mais no espirito sentia!...

— E o medico? — Suppoz que era vellice, E bem suppoz, eu creio; Nada me receitou, somente disse: «Faça um grande passeio... Vá ver seu filho... acabe a rabujice, Ria-se, coma e durma sem receio...»

— Mas recelo da que? — Não sei... da nads... Que é della a tua gente? — Erguem-se e vão. No melo da grallada Dos netos, mais contente O velho fica. — Olá, deixei na escodo A mala. — E se Levonta de repente.

— En vou... — E o filho sabe. Ahi vem co'a mala. 'Stá junto ao velho a noro, Que do marido, que é tão hom, lhe fala. Mas nisto, sem demora, De doces se enche a mesa, e o chão da sala De bonitos e dizes se arma agora.

O velho ri-se e brinca: de uma a uma, Dizendo nome a nome, As figuras aqui e ali arruma; Depois, sentindo fome, Belisca os doces, va de ruma em ruma, E co'as crianças, feito criança, come.

— Oh! já tem appetite?... — diz-lhe o filho. — Não sei, mas me parece... — O pae responde; e a moça: — Se quizesse... Junta, e de afogadillo, Ao aceno do esposo, corre e aquece Café, lombo de porco e angú de milho.

Ceiam, conversam. Vão dormir as crianças, Já firtas de regalos, E cançadas de risos e festanças; O hospede, a intervalos, Boceja, empanturrado de pitaças, Cochila, vou deitar-se. Ouvem-se os gallos.

Inda o filho quer vel-o: entra no quarto De manso, a luz coobrindo, Co'a mão, feito abajour. Tranquillo e farto, O pae já 'stá dormindo, Pousa a frente do braço no lagarto, E o filho enxuga as lagrimas sorrindo...

J. DE MORAES SILVA.

«JORNAL DOS GONCOURT»

(EXCERPTOS)

Fim de janeiro de 1852.—O Relampago, revista hebdomadaria da Litteratura, dos Theatros e das Artes. O primeiro numero appareceu n 12 de janeiro. Eis-nos, desde esse dia, a deitar journalismo com Villedeuil. O nosso jornal tem: — um escriptorio em nma casa terrea de uma rua em construcção: rue d'Aumale; — um gerente, que ganha cem soldos de cada assignatura; — um programma: o assassinato do Classicismo: annuncios... gratuitos e promessas... de premios aos assignantes.

Passamos no escriptorio duas ou tres horas por semana, cada vez que se ouve passar alguem nesta rua onde quasi ninguém passa, esperando os assignantes, o publico, os collahoradores. Não vem nada! Nem mesmo collaboração: facto inconcebivel! nem sequer um poeta: facto ainda mais estupendo!

Uma russa chamada Sabina — a unica pessoa que frequenta a redacção d'O Relampago—perguntou-nos um dia: — Quem é aquelle senhor e porque está elle tão triste? Ao que lhe respondemos em coro: — E' o caiza!

Continuamos intrepidamente o nosso jornal—no vacuo, com uma fé de apostolos e com illusões... de accionistas. Villedeuil é obrigado a vender nma colleccão das Ordonnances des Rois de France para prolongar-lhe aexistencia; depois descobre um usurario e consegue extrahir-lhe cinco a seis mil francos. Os gerentes, a cem soldos por assignatura, succedem-se rapidamente: o primeiro, Pouthier, um pintor bohemio, amigo de collegio de Edmundo, é substituido por um tal Cahu, sujeito tão fantastico como o seu nome, e que é livreiro philologico no quartier da Sorbonne e membro da academia d'Avranches; por sua vez cede Cahu o logar a um antigo militar, que, por um cacete nervoso, está constantemente a mirar o logar das dragonas e a cuspir por eobre os hombros.

Nos seis mil francos que Villedeuil constava ter recebido do usurario figurava, e por hom preço, um lote de

duzentas garrafas de Champagna. Como o vinho consagasse a avariar-se, teve o fundador d'O Relampago a idéia de lançar o jornal dando um haile e offereendo esse haile — com Champagna como premio aos assignantes. Convindam-se todas as relações da folha — o boheaito Pouthier, um architecto sem obras, um negociante de quadros, anonymos apanhados ao acaso do encontro, algumas mulheres-equivocas. Em certa occasião Nadar, que começava om a nossn folha uma serie de caricaturas, teve a idéia, para animar um pouco aquella festa de familia, de abrir a persiana e de convidar os homons e as mulheres que passavam a entrar na sala — pela janella!

MONSELET

Jantar em casa de Dinochau, o commerciante de vinhos da rua de Navarra. Depois de subir-se por uma escada de caracol, entra-se em uma sala assoalhada de cedro, forrada de papel vermelho avelludado. Mesa em forma de ferradura.

Um jantar de 35 soldos; um jantar hurguez, cujos pratos de resistencia são a sopa e o cozido, e que era o jantar da Litteratura nos momentos de pindahya e de pame. Lá dentro, Monselet, Scholl, Audibrain, Busquet, o doce poeta de lunetas e punhos com folhos, e algumas mulheres e sujeitos declassificados, como Bourgeois, com a fealdade de um Mirabeau, que tem uma febre ecintillante de espirito nos olhos e que vos diz: «Eu sou um plunitivo, não se me peça senão exactidão e propugna!»

No fim do jantar, ao café, nesta sociedade quo junta em mangas de camisa, Dinochau, com o cabelo rigado, de porte expressivo, intromette-se na litteratura e conta algumas troças d'Auvergnat.

Nós voltamos com Monselet, que traz em nma mão uma porção de linguigas de Tours, envolvidas em papel, e na outra um brinquedo de criança, um diabinho, que elle faz saltar alegremente de sua caixa com o quiqui da falação de um polichinello,—cada vez que passamos deante de uma mulher.

EDMOND ABOUT

22 de Maio.—Em casa de Charles Edmond nos encontramos com Ahout. Passeando no bosque de Bellevue, converso, abrio-se, expandio-se commosso. Mostra talento de um homem do mundo, muito intelligente, com um quasi nada de pião e um pouco dn tagarellice de um faiseur. Falou-nos de sua pessoa, de seus cabelos já grisalhos, de sua mãe, de sua irmã, de sua familia, de seu castello em Saverne, de seus cinco erezados, das dezoito pessoas que elle tinha sempre á mesa, de seus caçadas, de seu amigo Sarcay de Suttieres, cujos romances, dos «Salons de province», vem como «Balzac hem escripto» da desillusão que teve ao reler Notre Dame de Paris, a semana ultima, das qualidades de Ponson du Ferrail, e do caso que dellae faz com Mémimé. E' o eu do successo, mas não muito pesado, nem insupportavel, e salvo por macaquices espirituosas, por pequenas caricias litterarias a respeito dos litteratos que ahi estão, e de cujos livros faz citações. Porem em sua conversação não ha nada que não seja terrestre, parisiense e de jornal harato.

Falou-nos do seu livro A Questão Romana que acabava de ser prohibido. Disse-nos, e acreditamos, que o Imperador corrigiu as provas, que Fould nelle collaborou e que Moray escreveu o fim—«La Metropole à Paris» uma idéia do Memorial, uma idea do ontro e que todo este imperio era uma falsificação.

Por fim ajuntou que Fould lhe dissera que preparasse os aposentos do papa em Fontainebleau, em Fontainebleau! se por acaso elle quizesse mostrar-se mau ou se Antonelli fizesse alguma partida.

A MORTE DE MURGER

18 de Janeiro.—Murger está agonizante de uma molestia em que a carne cae aos pedaços, ainda em vida. Outro dia, quando foram cortar-lhe o higado, o labio cahio com os cabellos... A ultima vez que eu vi Murger, no café Riche, ha um mez, tinha elle o semblante expansivo; era alegre e feliz. Achava de ser um acto representado com successo no Palais-Royal. A proposito desta pequena composição litteraria os jornaes falaram d'elle; o que não tinham feito

com todos os seus romances, e por isso elle nos dizia que era uma concha tola matar-se a gente com o trabalho de fazer livros que não agradavam, e que não produziam cousa alguma... a que dora avante elle iria dedicar-se ao theatro a ganhar muito dinheiro, com pouco trabalho.

Uma morte em que, reflectindo-se, se reconhece o ar de uma morte da Escripura, de um castigo divino contra a Boemia, contra esta vida em revolta com a hygiene do corpo e da alma, e que faz com que um homem aos quarenta e dois anos, se vá da vida, não tendo bastante vitalidade para soffrer, e não se lastimando senão do feitor da carne podre que ha no seu quarto e que elle ignora que é a sua propria carne!

ED. EJUL. DE GONCOURT.

AQUI, ALI, ACOLÁ

O Salon deste anno, em Paris, promette ser magnifico. Os artistas mais notaveis têm enviado trabalhos para a exposiçao.

Mme. Régnier, cohecida ao mundo das letras pelo pseudonymo Danil Darc, falleceu em Paris.

Mmo. Régnier era uma escriptora de raça. Das suas obras a mais notavel é *La Couleuvre*, que é um bellissimo estudo naturalista.

Falleceu tambem em Paris, com a idade de 47 annos, o celebre pintor Gustavo Guillaumet. As suas melhores telas, consideradas obras primas, são: *Prère du soir dans la Sahara*, *Souvenir des environs de Biskra*, *Marché arabe dans la plaine de Toeria*, *Famine*, *Labour*, *Laghat* e *Tileuses*. Além do pintor, Guillaumet foi tambem escriptor de merito, e o attestam os seus sciaticulantes artigos publicados na *Nouvelle Revue*.

PASSEPARPOUT

SPORT

O PROJECTO DO SR. J. DO PATROCINIO

O Sr. José do Patrocínio apresentou á Camara Municipal um projecto sobre corridas, que já está ao dominio publico e que motivou sensatas observações por parte de varios jornaes diarios. S. S., na qualidade de vereador, está muito no circulo da sua missão, cuidando o mais possivel de dilatar as fontes de renda da Camara Municipal e mesmo, se isso dependesse somente dos seus sacrificios e talentos, libertar-la da tutoria do governo a que ella se obrigou pelo desagravamento de seus representantes.

É factio indiscutivel que o projecto alludido rasga um novo veio de ouro nas minas municipaes, accoda fartamente ao erario da Ilma. Camara, e será um poderoso toalco contra a anamia monetaria de que ella soffre ha muito tempo. Está calculada esta renda, na media, em tres contos de reis por corrida—cerca de duzentos contos por anno. Uma California ganha com uma perna ás costas; é verdade; e nós não regatearíamos applausos ao seu Colombo, se ella uo fosse uma violação de direitos e uma exorbitancia de autoridade.

A nosso ver, o projecto do Sr. José do Patrocínio não deve ser approvado pela Camara Municipal e, se o fór, cumpre ao governo intervir, modificandolo.

Se a Ilma. Camara precisa crear novos mauaucaies de renda, faça-o, mas de maneira generosa e louvavel; faça-o pensando os interesses dos seus municipaes e sondando o terreno em que tem de firmar a sua nova postura. Esta sobre as sociedades de corridas pecca por todos os motivos, e, digamos francamente, é vexatoria e despótica.

Em tristissimas condições ficam as sociedades ante o fiscal da Camara! A elle têm as sociedades — pois que a Camara exige 2% sobre o producto dos seus pareos, — de prestar suas contas e, no caso de duvida, franquear-lha, para exame, os seus proprios livros e taloes; têm mais de se sujeitar a en-

trega immediata ao fiscal da dita porcentagem, e isto porque as sociedades, conforma a interpretação do projecto, não inspiram bastante confiança a Ilmu. Camara, que não lhes concede sequer 24 horas para prestação de contas!

Além disto têm ellas de pagar, para a Camara 100% de licença por cada corrida a os jockeys ficam sujeitos á licença de 50% annuaes e, por faltas commetidas durante as corridas, á multa de 50000.

Perguntamos: A Camara pede pela licença 100%; esta naturalmente é para as sociedades poderem funcionar; é justificavel. Mas os 2% sobre cada pareo? Como se explica esse imposto? Não pagam as sociedades os 100% da licença?

O fiscal da Camara merece fé perante a Camara ou não?

Se merece, porque, no caso de duvida, é elle obrigado a lavrar um termo assignado por duas ou mais pessoas gradas e em officio enviado a Ilma. Camara?

Que direito assiste á camara para exigir dos jockeys 50% annuaes de licença?

Licença porque? Por serem jockeys? Será isto um ramo de negocio? Creemos que não. Quando muito, jockey poderia ser uma profissão e como tal compete á camara cobrar o imposto de industrias e profissões? E o que faria entao o Thesouro Nacional?

A consequencia de tudo isso será o fechamento immediato dos nossos clubs de sport, o anniquilamento da industria creadora que começa a desenvolver-se bellamente no nosso paiz, e impossibilitar o melhoramento das raças.

Todos sabemos que as sociedades de corridas se alimentam com os 10% que obtêm do rendimento de cada pareo e estas ás vezes não dão para as despesas. Calculemos agora estas sociedades desfalcadas de mais 2%...

Como hão de ellas offerecer boas premios nos seus pareos?

Como cuidarão dos seus melhoramentos niterises?

Como estimularão a industria?

Creemos que o Sr. José do Patrocínio na concepção do seu projecto visou a extincção do jogo nas corridas. E por esse lado pecca ainda o projecto.

Como acabar com o jogo nas corridas?

Fechando os clubs hippicos as suas casas de apostas? Isto impediria o publico de jogar?

Não; porque o publico jogará particularmente.

É como cohibil-o? Com a força? Com as multas?

Se assim fór, estes centros de diversões passarão a ser o *rendez-vous* das desordeus, da brutalidade, da traço pouco limpa de palavras, e, quiçá, de serios conflictos. Acabarão as poales mas virão os *bookmakers*, calamidade muito peor.

Hoje é o jogo que leva o publico ao sport, é verdade; mas indirectamente o publico concorre para o desenvolvimento e progresso destas associações, deixado 10% das suas apostas na caixa das sociedade, além das entradas.

Este assumpto já tem sido tão estudado que só coagidos poderíamos tratar d'elle, e isto com profunda magua. O sport é de grande utilidade e digno de paizes civilisados; o exemplo mais frisante dos seus grandes serviços é o apreço em que são ellestidos na Europa que em assumpto de perfectibilidade e progresso nós dá todos os dias exemplos e modelos.

As rendas dos clubs de corridas não são tamanhas que obriguem a Camara Municipal, como impertinente sanguessuga, a sugar-lhes o melhor do seu sangue. Oxalá pudesse a Camara reslizar o projecto do seu digno membro, sem que os pesados tributos nelle prescriptos prejudicassem a renda dos clubs, deixando-lhes com que acudir ás suas enormes despesas e com que offerecer premios animadores, que compensassem o capital empregado na compra, criação e tracto de bellos e puros exemplares das melhores raças.

Mas como tal não é possivel, e como o projecto não matará o jogo, lavramos aqui o nosso protesto, esperando e crendo que o Sr. José do Patrocínio encontrará outros meios de augmentar as rendas da Ilma. Camara, sem levantar tantos, tão geraes e tão justos reparos.

PRADO VILLA IZABEL

Pela leitura que fizemos do relatório

dosta importante associação, vemos que o seu estado é muito prospero e futuroso. Com o capital de 25000\$ realizou o Prado Villa Izabal, no biauio que findou, 32 corridas e distribuiu da premio a elevada quantia de 154354\$. Além disso attendeu ás reformas que precisavam a rari e todas as dependencias do Prado, fez aquisição de todos os moveis precisos e pagou a Companhia Architectonica a quantia de 37.700\$, por conta da compra dos terrenos. Fecho o seu balanco com um saldo de 107.358.300.

É verdadeiramente animador e progressivo o estado do Prado Villa Izabal. A sua directoria, a cuja frente está o nosso illustre collaborador Dr. Afonso Celso Junior, n que é uma das garantias da sua respeitabilidade e sympathia, siuceras felicitações.

Amanhã realiza o Derby Club a sua primeira corrida deste anno. Pelo programma que os leitores encontrarão na nossa ultima pagina, poderão avaliar o que vai ser esta corrida. Com certeza o recinto do Derby será peageno para a concorrência. Novos e importantes melhoramentos serão inaugurados.

O Derby vai abrir o sport deste anno com chave de ouro.

PICOLINO.

GAZETILHA LITTERARIA

Deve chegar por estes dias a S. Paulo, para a livraria dos Srs. Teixeira & Irmão, *A Reliquia*, de Eça de Queiroz, o primeiro romance humoristico que a *Gazeta de Noticias* está publicando.

Esta noticia tem todo o canho da verdade pois foi affirmada pelo *Diario Mercantil* de S. Paulo, que recebera uma circular dos Srs. Lugan & Geneliox, editores portuguezes, annunciando para este mez o apparecimento d' *A Reliquia*; noticia confirmada pelo padre Guilherme Dias em uma correspondencia, do Porto, datada em 27 de Março, para aquella folha paulista, nos seguintes termos:

"No proximo mez serão postos á venda dois livros de sensação, que de ha muito são anciosamente esperados. São elles a *Reliquia*, de Eça de Queiroz, e *John Bull*, de Kamalho Ortigão. O romance daquelle escriptor, os *Maias*, annunciase para Junho. Constrá de dois volumes."

Esperamos anciosamente *A Reliquia*— em volume, que nos dispensará da torturante *Reliquia*—da *Gazeta*, em doses homeopathicas.

A.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

O Dr. Constante Jardim, no dia 24, foi alvo de uma honrosa manifestação por parte dos moradores de Santa Theza e Paula Mattos.

Uma commissão offereceu ao illustre vereador o seu retrato a oleo, um album e em seu nome libertou um escravo.

O nosso companheiro Alfredo de Souza foi, a pedido da commissão, encarregado de proferir o discurso official e fazer-lhe entrega dos mimos.

A' noite o Sr. Dr. Constante Jardim offereceu aos circumstantes um profuso copo d'agua.

Trocaram-se diversos brindes. D'entre elles o do Sr. José do Patrocínio em nome da imprensa e do Sr. vereador Thomaz Rabello em nome da Camara Municipal; a todos elles agradeceu o Sr. Dr. Constante Jardim em breves e eloquentes palavras.

O sarau-concerto que o *Congresso Brasileiro* deu no dia 23 foi enormemente concorrido e como todas as festas desta associação, brilhante, chic e elegantissimo.

O programma do cocerto foi executado bellamente, terminando ás 11 1/2 da noite. Seguiram-se depois as danças que só terminaram quando a aurora com os seus dedos etc. e tal...

O Dr. Henrique de Sá, nosso estimado collaborador, pars festejar o seu anniversario natalicio e o baptisado de uma sua filhinha, reuniu no noite de 25 do

corrente, em sua luxuosa casa, á rua de S. Clemente, urando numero de convidados e amigos. L'es-se musica e canto dançou-se, terminando a festa por um bello *cachim*.

A reunião foi das mais agradaveis. Nada faltou para abrilhantala.

LORNON.

CARTA AO OLAVO BILAC

Do teu adeus ao lanch, é meu Olavo
 Eu não compareci, pois ando escravo,
 Um graphocrata, tu bem sabes, sou,
 E a essa hora, Phebo-Apollo, estou
 Nas galés do— Deus Guarda a Fam'Escritoria !"
 Eis porque brilhaes tu com a minha ausencia
 Na hora do concilio fraternal,
 Não foi eschacaria cingral!
 De fartar-me ao ratião, pois que soube,
 — Era aliás praxe, — pouco coube
 Dar cada um dos trus Amphyrifides
 Do vil metal que serre pra os melões:
 E o Aluzio me disse que primava
 O tal banquete em que eu não figurava,
 Por esse abrir em flor dos corações,
 Dos moços em fraternas espanhas,
 E não pelo ruído espalhafato
 Do Champagne traído que amarra o galo!

Na outra Paulicida achas-te em mim
 Não te pergunto: pensas tu em mim
 Como em ti tanto eu penso, pesaroso?
 Obrigat-a a mentir! Fóra maldoso,
 Mas estás bom? contents? O céu por lá
 Tem estrelas que ouças como ha
 No céu d'aqui, com vividos fulgoros
 Que nem fêmeios olhos matadores
 Possam? Eu sei bem que é desigual
 Ter quarenta ou vinte annos. O ideal
 É mystico ou tangível quando a gente
 E' velha ou moça, eu sei, infelizmente!
 Se ainda trato de um assumpto tal
 É platonismo que a ninguém faz mal!
 Ha mulheres bonitas? As paulistas
 São, como dizem, de fazer artistas,
 E de inspirar qualquer Commendador!
 Das Caricões gentis tem esse ardor
 Nos olhos, em que outr'ora eu me abraçava,
 E em que agora te abraças? Fioa escravo
 1 gente ao magnestino d'esse oihar
 Que tem as atracções do infinito mar?
 Ha tambem por S. Paulo escravoestras?
 Monarchistas, hypocrisias, beat as?
 A eterna historia:—o verme co pé da flor!
 O espasmo do prazer beirando a dor?
 Uma mulher divina e cem fetosas?
 Os cravos que taes são? Ha muitas rosas?
 Um magriço por lá engordará?
 A ser assim eu mudo-me pra lá,
 Que neste andar, Olavo, de magreza,
 Por mim tons de pô luto com certeza.
 26 Abril 87.

GUIL. MAR.

THEATROS

SANT'ANNA

A companhia d'este theatro que degradara na estréia com *A Touinegra* do Templo está delicianda a platéia panlista com o *Heróe á força* e a *Donzella Theodora*. Tem tudo enchentes sempre.

LUCINDA

A empresa d'este theatro deu-nos hontem, em primeiro representação, a opera-comica de Ordeaneau *O gallo de ouro*, traduzida pelos Srs. Arthur Azvedo e Azeredo Continha.

No uosso prximo numero diremos d'esta nova opereta e do seu desempenho.

PRINCIPE IMPERIAL

A afamada opereta de Henri Chivot e

Alfredo Duru L. Pompon foi hontem representada pela companhia d'esta theatro com o titulo *A Rainha do Carnaval*.

Da peça e de sua interpretação falaremos no proximo numero.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Hoje se effectuará neste theatro a grande festa de caridade organisa da pela Sociedade Franceza de Beneficencia. O programma d'esta festa é attrahente e fim altamente humanitario: socorrer nas pessoas a ella filiadas. O publico não faltará.

PHENIX DRAMATICA

Está apurando os ensaios dos *Milagres de N. S. da Penha* e do drama *Olivia* (qua irá em beneficio da estimada actriz Julia de Lima), ambos de actores brasileiros.

RECREIO DRAMATICO

Hoje é a penultima representação d'*O Castello do Diabo* e, por não ter o scenographo Coliva terminado o scenario do novo drama de Dumas Filho — *Francillon*, este ao subirá á scena na semana proxima. Até lá.

O *Mercantil*, que apparece em Petropolis, noticiando a estreia da companhia dramatica que foi trabalhar no theatro da Floresta, trata de uma maneira honrosissima o distincto actor Simões e tece-lhe enormes elogios pelo bello desempenho que elle dá á *Grêve dos Ferreiros*, elogios aliás muito merecidos, pois, como já tivemos o gosto de dizer aqui, quando o distincto artista pela primeira vez a recitou — é um trabalho que o honra.

P. TALMA.

FACTOS E NOTICIAS

No dia 27 partio para o Macuco o distincto clinico Dr. Antonio de Lannes Lima.

Consta que será brevemente fundado, n'esta Côte, o *Club dos Estudantes Parvistos*, no qual haverá palestras scientificas, litterarias, leituras, etc.

Deve regressar amanhã ou depois, de S. Paulo, o nosso companheiro Filinto d'Almeida.

Está na Côte, tendo vindo do Porto, com o Dr. Figueiredo de Magalhães, o Sr. Nuno Castello Branco, filho do illustre actor da «Bohemia do Espirito». E' a segunda vez que vem ao Brazil.

Fez annos ante-hontem Alberto de Oliveira. Infelizmente o nosso querido poeta não pôde receber fora do leito da sua portunaz doença os amigos que o foram comprimentar e as felicitações que por escripto outros lhe enviaram. Mas o seu estado não inspira cuidados. Mais algum tempo de paciencia e estará restabelecido.

FALLECIMENTO

Victima da uma terrivel tyfica pulmonar falleceu em Portugal, para onde fôra em busca de melhoras, a Exma. Sra. D. Anna Maria Brito de Souza Andrade Cabral, virtuosissima esposa do Sr. Guilberme Cabral, nosso digno gerente.

Comprehendendo a dor que brutalmente ferio o coração do nosso companheiro, damos-lhe as nossas condolecias, filhas da amisade quo lhe consagramos e do respeito e estima em que sempre envolvemos a pessoa de sua fallecida consorte.

TRATOS Á BOLA

Até hoje nada de decifrações dos *tratos* do n. 119! Parece incrível, e é a pura verdade. Não sei como qualificar esta falta de amor dos meus carissimos *trattistas*. Ah! Mas cá por dentro andava um bichinho a dizer que os meus irmãos, em se lhes offerecendo cousas de não se nutrem no ar, fazem-se de innocentes, e, por mais *topoiados* que sejam, deixam os *tratos* ás mãos dos indifferentes e... vão ver o *Mercurio*.

Ora isto verdadeiramente é tristicimo. Pois não ha d'entre esta rapaziada luzidia quem possa com a alavanca do seu espirito desmanchar as differenças dos *tratos*? Não o creio. E todavia ahi está o *facto*, e lá diz o Barbe, contra *factos* não ha argumentos. Não ha, é verdade; mas então, meus irmãos, o que hei do dizer de vos ao Deus todo poderoso, quando, no supremo dia do Juizo Final interrogar-me: «Antonio, como se comportaram os teus amigos *trattistas*?»

«Mal, Senhor! Muito mal!» é a resposta que, a bem da verdade, hei de dar ao meu Deus. Isto, com certeza, vai pezar, meus irmãos, na balança da justiça divina contra a vossa entrada para o reino da Luz do Bem.

Vamos, *trattista*... mais um pouco de paciencia. Não compromettas a vossa vida de alem tunulo! Espero pelas vossas decifrações até sexta-feira.

Eia, aos *tratos* ultimos... ou eu acabo por uma vez com esta carangueijota, em que nenhum de vos tem a habilidade de entrar.

PREI ANTONIO.

RECEBEMOS

— Conferencia do Dr. Ubaldino do Anarál feita no Club Republicano de Campinas no dia 13 de Março de 1887.

— *Os Miquetrefe*, n. 432. Bons e espirituosos desenhos. Texto scienciante.

— *Revista do Observatorio Astronomico* n. 4. — *Apasisonada* — Valsa composta pelo sr. Americo Ribeiro Penna. Muito apaixonada.

— *A Farsa* n. 76 (Baum). Engragadas caricaturas. No texto o estias de Raymond Corra e Valentin Magalhães.

— *O Occidente*, anno X. n. 298. Bellas illustrações texto brilhante.

— Da casa David Corazzi: *Fabulas de La Fontaine*, fasc. n. 33, com um bello retrato de La Fontaine e o começo do estudo critico de Pinheiro Chagas: *Historia de Gê Braz de Santilhana*, fasc. ns. 69 e 70, com um lindo e grande chromo; *Os invisiveis de Lisboa*, fascs. ns. 23 e 24.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

O ULTIMO BEIJO

POR

Henrique Perez Escrich

O *Ultimo Beijo* é o titulo do ultimo romance que acaba de sair dos prelos hespanhoes e devido á maviosa penna do brilhante romancista Henrique Perez Escrich, auctor de obras que hoje tem uma reputação europea como o *Cura de Aldeia*, o *Martyr do Golgotha*, a *Formosura d'Alma*, e tantos outros romances que se leem sempre com a prazivel encanto e que são recebidos no santo lar de familia, sem temor de que o maculem.

N'esta epocha de tanto realismo, em que as podridões sociais, os vicios mais asquerosos servem de thema aos romances em voga, uma obra de Perez Escrich é sempre acolhida como uma flor de perfume casto e inebriante, que reflecte em si os mais bellos sentimentos da moral e da verdadeira poesia do bello.

Os romances assim comprehendem-se e jamais podem inocular o virus dos torpes realismos no espirito dos que querem leituras amenas mas não irritantes.

O novo romance de Escrich que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* está fazendo passar para a lingua portuguez, é uma joia de inestimavel valor, uma d'essas joias que brilham sempre e que se guardam com estima e agrado. E' um livro de scenas attrahentes, d'um

entrecho admiravel, de uma simplicidade encantadora e attrahente, contendo bellezas que são difficeis de descrever quando não se possui o talento descriptivo de um escriptor de primeira ordem, como é Perez Escrich.

A *Bibliotheca do Cura de Aldeia*, para que n'edição seja digna das que tem até hoje publicado, não só confiou a traducção a pessoa competentissima, mas também trata de empregar os seus esforços para que a parte material do livro seja a mais esmerada possivel.

Este conjuncto de cousas faz com que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* espere o mais benevolo acolhimento a uma obra que pôde ser classificada entre as melhores do auctor.

Condições de assignatura

O *Ultimo Beijo* constará de 4 volumes, ornados de primorosas gravuras, que serão publicados ás folhas de 76 paginas.

Distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, pelo modico preço de 200 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega. Alternadamente será distribuida em cada fasciculo uma gravura de pagina.

Cada fasciculo de 48 paginas 200 reis.

GRAVURAS GRATIS AOS SRs. ASSIGNANTES

Assignar-se na Agencia Commercial Portugueza de Leuvenge Marques d'Almeida — Rua do Carmo, 40, 1.º andar, Rio de Janeiro.

N. B. Acha-se completa a publicação deste interessante romance continuando ainda, até o meado de Maio, aberta a assignatura. Preço, por assignatura, dos 4 volumes encadernados, com lindas capas escriptas — \$3800. No meio de Maio fechar-se-ha a assignatura e só se venderá a obra completa por 108000 reis os 4 volumes.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitada a qualquer hora. Estatutes nas principaes livrarias.

Livros ultimamente publicados e á venda na livraria do editor B.L.GARNIER, rua do Ouvidor n. 71

A LEI DAS EXECUÇÕES

ou consolidação e concordancia das disposições, que, segundo a lei n. 3273 de 5 de Outubro n. 9549 de 23 de Janeiro de 1836 e regem as acções hypothecarias e de penhor agricola e as execuções commerciaes e civis em geral pelo, advogado Censelheiro A. de Almeida Oliveira

1 vol. in-4º enc. 98000

PROCESSO

das execuções civis, commerciaes e hypothecarias, contendo as respectivas disposições legislativas, jurisprudencia dos tribunaes e opiniões de peristas, pelo Juiz de direito

Cassiano C. Tavares Bastos

1 grosso vol. in-4º enc. 108000

Muniz Barreto — O REPENTISTA, estudo pelo Dr. Rozendo Muniz Barreto. 1 vol. in-8º enc. 48, br. 38000.

O Canto do Cysne por Georges Ohnet, 1 vol. in-8º, enc. 38, br. 28000.

Historia de Brazil do Dr. Motta Maia, 2ª edição augmentada, 1 vol. cart. 48000.

Grammatica Portugueza por Manuel Olympio Rodrigues da Costa, 3ª edição melhorada, 1 vol. in-8º enc. 28000.

71 RUA DO OUVDOR 71

EMULSÃO

DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO Hypophosphitos de cal e soda

Apprevada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxes, tesse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes does hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e beticas.

FABRICA PEROLA

Terrefacção de café

Este afamado café vendo-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas do molhados e confeitarias.

CAMPOS

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 36

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.
66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

INTRANSFERIVEL ! INADIABEL !**GRANDE LOTERIA**

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Br. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIABEL

MIL CONTOS **1.000:000\$000** MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio
Segundo sorteio.
Terceiro sorteio.

100:000\$000
200:000\$000
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do AGENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tem apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia do 18 floa-se habilitado a um premio de 50:000 no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA

CAIXA DO CORREIO N. 115. TELEPHONE N. 597.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 1ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 1 DE MAIO DE 1887

AO MEIO-DIA EM PONTO

1º pareo—Ao meio-dia—**Initium**—1.000 metros—Poldros e poldras de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

Ns.	Nomes	Fellos	Edades	Naturalidades	Pesos	Côres das vestimentas	Proprietários
1	Ozires	Castanho	2 annos...	Paraná	47 kilos...	Branco e rosa.....	R. F.
2	Berenice	Alazão	2 »	Rio de Janeiro.	46 »	Ouro e branco.....	Coudelaria Fluminense
3	Sensitiva	Tordilho.....	2 »	Idem.....	46 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
4	Juanita	Baio	2 »	Idem.....	46 »	Idem, idem.....	D. A.
5	Corcovado	Castanho	2 »	Idem.....	47 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
6	Archimedee.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	47 »	Ouro, mangas e boné azul...	Coudelaria Alliança.

2º pareo—A's 12 3/4 horas—**Longruber**—1.400 metros—Animas estrangeiras até 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Amazonas.....	Castanho.....	3 annos...	Inglaterra.....	49 kilos...	Azul e encarnado.....	Liberal & Courreges.
2	Daybreak.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	47 »	Ouro e azul.....	D. Julia Vieira.
3	Paraguaya.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e grénat.....	P. Lima.
4	Babytonia.....	Idem.....	3 »	França.....	49 »	Havana e azul.....	J. R.
5	Siva.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra.....	51 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Americana.
6	Quesine.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul.....	C.
7	Pacey.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.....	47 »	Encarnado e ouro.....	V. M.
8	Phencia.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra.....	47 »	Encarnado e mangas azues....	Coudelaria Brasileira.

3º pareo—A' 1 1/2 hora—**Excelsior**—1.450 metros—Animas do paiz até 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Argentino.....	Castanho.....	3 annos...	Rio de Janeiro.	51 kilos...	Grénat e lyrio.....	D. A.
2	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	51 »	Verde, branco e encarnado....	Coudelaria Excelsior.
3	Monitor.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado.....	Coudelaria Cruzeiro.
4	Dandy.....	Vermelho.....	3 »	Idem.....	51 »	Ouro e verde.....	F. Vianna.

4º pareo—A'e 2 1/4 horas—**Cosmos**—1.609 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Ruy-Blas.....	Alazão.....	3 annos...	Inglaterra.....	49 kilos...	Ouro e branco.....	Coudelaria Fluminense
2	Peruana.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e amarello.....	J. Rocha.
3	Coupon.....	Castanho.....	4 »	França.....	56 »	Azul, branco e encarnado....	Coudelaria Cruzeiro.
4	Lé-Loup.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e grénat.....	Coud. International.
5	Charybdee.....	Castanho.....	4 »	Inglaterra.....	52 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Walter.....	Douradilho.....	4 »	Idem.....	52 »	Grénat e roea.....	S. M.

5º pareo—A's 3 horas—**Dorby-Club**—1.609 metros—Animas do paiz—Premio: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Diva.....	Alazão.....	4 annos...	Rio de Janeiro..	54 kilos...	Ouro e branco.....	Coudelaria Fluminense
2	Talisman.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Azul, branco e encarnado....	Coudelaria Cruzeiro.
3	Boreas.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	60 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
4	Macaré.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e grénat.....	Coudelaria Santa Cruz.

6º pareo—A's 3 3/4 horas—**Progresso**—1.609 metros—Animas nacionaes até meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Intima.....	Castanho.....	5 annos...	S. Paulo.....	54 kilos...	Grénat e lyrio.....	D. A.
2	Druid.....	Tordilho.....	4 »	Rio de Janeiro.	62 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e grénat.....	Coudelaria Santa Cruz.
4	Mandarin.....	Rosilho.....	4 »	Idem.....	54 »	Idem idem.....	Coudelaria Paraiço.

7º pareo—A's 4 1/2 horas—**Rio de Janeiro**—1.750 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.500\$ ao 1º, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

1	Swamp.....	Castanho.....	4 annos...	Inglaterra.....	50 kilos...	Azul.....	C.
2	Olinda.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	47 »	Grénat e lyrio.....	B. V.
3	Salvatus.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado....	Coud elaria Cruzeiro.
4	Phrynéa.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	54 »	Ouro e branco.....	Coudelaria Fluminense
5	Satan.....	Idem.....	4 »	França.....	54 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
6	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 »	Rio da Prata.....	52 »	Idem.....	J. S.
7	Scylla.....	Castanho.....	4 »	Inglaterra.....	50 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.

8º pareo—A's 5 1/4 horas—**Seis de Março**—1.450 metros—Animas do paiz até meio sangue que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

1	Baccarat II.....	Gateado.....	4 annos...	S. Paulo.....	52 kilos...	Branco e azul.....	F. J. C.
2	Damon.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Branco e encarnado.....	J. Machado.
3	Ondina.....	Tordilho.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul e amarello.....	J. Rocha.
4	Gladiador.....	Zaino.....	3 »	Rio de Janeiro.	49 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
5	Caporal.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Grénat e branco.....	Coudelaria Integridade.
6	Chapeco.....	Castanho.....	3 »	Paraná.....	49 »	Branco e azul.....	Coudelaria Guanabara.
7	Vilodimer.....	Ruço.....	4 »	Rio de Janeiro.	52 »	Azul, ouro e encarnado....	M. B. S.
8	Marengo.....	Vermelho.....	6 »	S. Paulo.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
9	Jenny.....	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Vermelho e preto.....	J. Lemos.
10	Pretoria.....	Libuno.....	6 »	Idem.....	52 »	Azul e havausa.....	A. C.
11	Rondello.....	Donradilho.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e grénat.....	Lazaro & Lima.
12	Guacha.....	Chita.....	3 »	Rio Grande.....	49 »	Azul e grénat.....	A. M.

OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. proprietarios dos animas inscriptos no 1º pareo o favor de terem os mesmos no encilhamento ás 11 1/2 horas precisas.

Pelo 2º secretario, **MARCOS DE MELLO.**

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 7 DE MAIO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 123

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
«A Semana».....	F. D'ALMEIDA.
Os nossos artistas—I Belmiro de Almeida.....	BLASIUS.
Ramalhão Ortigão.....	F. D'ALMEIDA.
Com o Sr. C. de L.....	ADELINA VIEIRA.
A grãa dos ferreiros.....	V. MAGALHÃES.
poesia.....	L. DE LISIE.
A Plebe, soneto.....	A. FONTOURA.
Discursos.....	A. PALHETA.
Myrtil, soneto.....	L. DE MENDONÇA.
Bellas Artes.....	L. M. BASTOS.
Exatinação.....	NEO-SANZIO.
Sport.....	P. TALMA.
O artista, soneto.....	LORGNON.
Theatros.....	
Festas, bailes e concertos.....	
Escritas e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

No escriptorio d'esta folha compram-se, a 500 réis, exemplares dos ns. 56, 57 e 64 d'A Semana.

Achando-se promptos os indices das materias contidas no 2o volume (anno de 1886) d'A Semana, rogamos aos nossos assignantes que os desejarem o favor de os mandarem reclamar no nosso escriptorio.

A SEMANA

A surpresa que para este numero havíamos prometido é a galeria *Os nossos artistas*, que hoje inauguramos com uma caricatura de Belmiro de Almeida, feita por elle mesmo, acompanhada de um artigo pelo nosso companheiro Filinto—igualmente de Almeida.

A grande novidade d'esta galeria está em serem os artistas que nellá entram os auctores dos seus proprios retratos ou caricaturas.

Já tivemos o assentimento de Aurelio de Figueiredo, Antonio Parreiras, Peres, Bento Barbosa e outros artistas distinctos.

Oremos que esta nova galeria, que iremos nternando com a do Elogio Mutuo (que continuará com o retrato de Raymundo Corrêa, com biographia de Lucio de Mendonça) ha de obter os applausos dos nossos assignantes.

Por motivo de enfermidade de José do Egypto e ausencia de Filinto não damos hoje *Historia dos sete dias*.

Do proximo numero em deante publicaremos chronicas politicas em'quo será feita humoristicamente a critica dos trabalhos parlamentares. Inconvinco-se graciosamente de escrevel-as um doe nossos mais applaudidos e illustres collaboradores.

A REDACÇÃO

OS NOSSOS ARTISTAS

I

BELMIRO DE ALMEIDA



Fui colhido de surpresa por um telegramma imperioso e intempestivo, para traçar o perfil de Belmiro de Almeida. Não estava prevenido para este trabalho e tenho de o fazer á pressa, porque o tempo urge e o couboyo não espera por ninguém.

Faltam-me aqui os dados biographicos do Belmiro. Sei apenas que elle é mineiro e que conta, pouco mais ou menos, vinte e sete annos.

Conheci-o nos verdores da adolescencia, quando começava a cursar com muita distincção a Academia de Bellas Artes. Pouco mais tarde, em 82, tomando eu conta da redacção do *Binoculo*, folha illustrada pelo finado scenographo Huascar de Vergara, reflecti que nos podia ser muito util a collaboração do Belmiro, porque o Huascar, velho e pouco ao facto dos acontecimentos e dos processos modernos da caricatura, não me satisfazia inteiramente. Fallei-lhe no negocio, offereci-lhe um logar na folha, e elle accitou com enthusiasmo o pouco que o *Binoculo* lhe podia dar pelo seu trabalho.

Fui então que o conheci mais e melhor. Era um boemio desregradissimo; sem ambições artisticas mas cheio de aspirações artisticas, faltava-lhe o primeiro elemento para as realisar: a perseverança no trabalho. Não se descrevem, nem se podem

imaginar, as luctas que eu travava e sustentava dias e dias para que elle fosse desenhado n sua metade de pedra lithographica!

A folha sahia aos sabbados e ás terças-feiras começava o meu trabalho de procurar o Belmiro pela cidade. Era um horror! Em casa não estava nunca: era preciso pillal-o pelas ruas. A's vezes acontecia poder arrastal-o na quarta-feira até á redacção. Como não lia jornal, nem se informava de nada, estava sempre vazio de assumpto. Podia ter havido a bancarrota, podia ter cahido a monarchia, podia o cidadão Castro Urso ter sido elevado á presidencia do Conselho, podia o Sr. conselheiro Henriques ter ficado famoso á custa de preparações chemicas miraculosas—que o Belmiro de nada sabia. Era indispensavel que eu lhe fornecesse assumpto e que lhe indicasse a maneira de o tractar nas suas duas paginas.

Começava então a desenhar com furor; mas, de repente, a proposito de qualquer coisa, por mais insignificante, por mais futil, Belmiro largava n lapis, refastelava-se no divan da sala e esquecia-se na prosa. De outras vezes, interrompia o trabalho, deixava pees joelhos as pernas de Lopes Trovão, e começava num pedaço de tela n retrato a elle do gerente da filha. Eu ficava

furioso, mas, como era muito amigo d'elle e não o queria desgostar, calava-me.

Chegada a hora de jantar elle sahia, protestando voltar immediatamente, e não apparecia mais... Na quinta-feira, nove trabalho de o procurar. Muitas vezes não o encontrava nem na sexta-feira, e no sabbado, quando elle se resolvia a vir acabar os desenhos, era necessario estar ali ao pé d'elle e não o deixar nunca sozinho. Ficavamos então no escriptorio, que era num segundo andar do berco das Cancellas, esquina da rua do Ouvidor, até uma, duas, tres horas da madrugada. O Huascar, que ao fim de pouco tempo começou a fazer o mesmo que o Belmiro, assistia tambem, e assim passavamos a noite, numa orgia de chá preto com torradas, que mandavamos vir do botaquim da Cascata, fumando desesperadamente cigarros e ouvindo os gemidos do proprietario da folha, o Antonio Reis, o *Reis-charada*—, como lhe chamavam na *Gazeta*,—que nesse tempo andava muitissimo doente.

Mais tarde, o Reis foi para a Europa tractar-se e o Paula Ney comprou-lhe a folha, dando-me sociedade a mim e a Francisco Paquet, o gerente.

Esta associação, porém, não chegou a sair do terreno da pura idealidade. Eu arranjei um emprego e deixei o *Binoculo*. Substituiu-me Silvestre de Lima, que ainda aguentou aquillo por um mez. Por fim, inteiramente baba de recurcos, a folha murchou e morreu. Chegara-lhe o outomno antes da primavera, coltada!

Aquella foi para mim uma época de grandes privações e sacrificios, mas, quando hoje encontro o Belmiro, não posso deixar de me lembrar com saudades do nosso antigo *Binoculo*.

Dos companheiros de então já se envolveram dois nas trevas irreductiveis da morte—Antonio Reis e Huascar de Vergara; e outro, mais infeliz ainda, constamente que anda homisado por Minas, victima do seu temperamento exaltado e, talvez, do seu atrabiliario caracter.

Depois do *Binoculo* Belmiro não tornou a desenhar em jornaes senão ultimamente, no ephemero e primoroso *Rataplan*.

Ha cerca de quatro annos resolveu ir pedir á assembléa da sua provincia natal os meios de poder ir estudar em Paris, que era o seu sonho constante.

Fui, em logar, porém, de tratar do motivo unico da viagem, piz-se a desenhar as sorprendentes paysagens mineiras, a copiar cascatas e florestas, n compor esboços de costumes, e voltou como fora, sem pensão nem coisa alguma.

Depois d'este fiasco, desenvolveu então grande energia e arranjou com alguns amigos o que não conseguira na assembléa provincial de Minas. Foi a Paris e por lá esteve um anno.

Não sei se estudou muito, mas posso afirmar que pintou pouco. E, se da grande capital artistica do mundo moderno não trouxe quadros, trouxe u enorme, n desesperado desejo de voltar para lá.

Ultimamente, ainda ha poucos mezes, casou-se.

Este casamento e aquelle desejo, parece-me terem sido de uma immensa utilidade para o Belmiro. Desenvolveram-lhe um certo amor ao trabalho e a justa ambição de se distinguir como artista.

A *bohemia*, com o seu cortejo de privações e necessidades, trouxe-lhe a experiencia; a responsabilidade do lar deu-lhe a resolução. Com estas duas armas pôde-se travar com vantagem a grande lta da vida.

A physionomia artistica de Belmiro

de Almeida, por muito desigual e incoherente, é extremamente difícil de fixar.

Tem talento e originalidade. O que lhe tem faltado é perseverança e paciência. Muito nervoso e soffrão, commo vinte quadros para acabar tons ou tres. Todavia, niquelles que conseguem acabar, abundam as suas notaveis qualidades. Na caricatura tem sido entre nos inextinguivel. Dos seus quadros a olo, lembrou-me de um que foi uma revelação. E' o do naufragio de um pequeno navio que ha poucos meses deu a costa lá para as bandás de Niello-roy.

E' um quadro de um metro de largura, mais ou menos; o navio occupa o seu quarto plano, ao centro, uma mancha insignificante. As aguas, agitada ao fundo com violencia, levantam uma grande onda que arrebatou pavorosa no primeiro plano, levemente tocada de luznas orlas esverdeadas e espumantas. Para quebrar a monotonia do tom verde-escuro, o pintor collocou na parte inferior do primeiro plano, á direita, um suberbo albatroz em voo, cuja harmonia delicadamente o effeito geral da composição.

Este quadro, um tanto revolucionario e audaz, revelou as excepcionaes qualidades do pintor novel, que nunca teve tempo para acabar o seu curso da Academia o que para fazer um nome glorioso de artista neste paiz seu artes o seu meio, precisa apenas trabalhar, trabalhar sempre, com vontade, com ritmo, com ambição — como trabalham os mestres que alcançam a gloria e chegam á posteridade.

S. Paulo, 4 de Maio de 87.

FILINTO DE ALMEIDA.

RAMALHO ORTIGÃO

Alguns admiram o espirito sarcastico e acerado do Ramalho Ortigão, outros, seu estylo ductil e maleavel, prestando-se á expressão de quaesquer idéas e de quaesquer emoções, outros a independencia da linguagem e a altivez de character.

Para mim o que nelle é verdadeiramente digno de admiração, neste seculo de revolticos, é a sua robustez moral. Nesta phrase eu comprehendo sua coragem na luta pela vida, transparendo sempre nas doutrinas por elle prégadas. Ninguém mais do que esse escriptor comprehendeu a necessidade da coragem na vida privada, ninguém mais do que elle tem rehabilitado o trabalho honesto.

Isolou-se do commun dos escriptores, rompe com todos os preconceitos, dá combate ás antigalhas, porque sentese forte.

Não empallidece um momento suas circumstancias mais criticas da vida.

E sob este ponto de vista, como pregador da mais sã moral, que acho sublimae.

Para se ver a coragem de Ortigão em todas as crises da vida, para se ter uma idéa da moral que elle préga e segue basta abrir ao acaso a collecção das Farpas. Suas doutrinas sobre o jogo, por exemplo, como são cheias de sensateza. Elle cahiu nua noite entre as garras de dous batoteiros. De madrugada, fatigado pela vigilia, exaustão de forças e de dinheiro, elle vê um dos seus companheiros de desgraça chorando. A lição de moral pittorresca mas altamente sensata que elle dá á esse infeliz é digna de ser lida e relida. O valente escriptor, depois de exprobar em tercos alegres e finamente espirituosos a traqueza do choramingas, pize-se em lido de comparação com o lamuriecto e então offerece o espectáculo d'um gigante ao lado de um pigneu.

De facto para que lastimar o dinheiro perdido no jogo? O que cumpre é trabalhar e não chorar o que está irreme-

diavelmente acabado. Na conquista da vida, como na conquista do vollocino, cumpre não olhar jamais para trás.

A critica da tristeza de Alexandro Herenluano, o solitario do Valle de Lobos, é outra peça já oudo so vê quanto Ortigão engrandece o trabalho, e quantos males attribue á ociosidade, mesmo na época mais adiantada da vida.

A carta a S. A. o principe D. Carlos é um verdadeiro tratado de educação. Essa carta por si bastaria para tornar Ortigão digno de ser considerado profundo moralista.

Continuar a citar topicos, cada um melhor, seria fazer o indice completo das Farpas, esse monumento composto de fragmentos como o Digesto de Justiniano, e que como o Digesto será o código das gerações vindouras. Essa promessa lhe fez seu autor na carta a Sua Altezaa creio que é prophécia que se cumprirá, como se cumpriu a que Horacio fez na sua ode dedicada a Mecenas.

Devremos attribuir essa robustez moral, como attribue Ortigão mesmo na sua introdução, á Higiene d'Alma, á sua constituição physica verdadeiramente athletica?

Naturalmente. E é por isso que é raro encontrar-se um litterato com as suas doutrinas de Ortigão. O exercicio de demasiado das funcções cerebraes, prejudicando extraordinariamente o physico faz com que, segundo Spencer, os homens de grande cultura intellectua, sejam quasi sempre á destituidos de vontade forte e de infatigavel actividade, qualidades devidas exclusivamente ao vigor physico. E' a esse facto que é devido encontrar-se na litteratura uma série de contra-sensos, productos morbidos de talentos doentes. A litteratura sau, vigorosa, sensata, de idéas naturaes, essa é rara-avis.

Ramalho Ortigão conseguiu executar o principio de educação de Emerson «que todo o homem deve tratar de ser um bom animal,» principio pelo proprio Ortigão tantas vezes repetido.

Eis a que elle deve essa placidez inegualavel, essa tranquillidade realmente invejavel.

A elle se poderia applicar a descripção do varão forte de Horacio, que

Si fractus illabatur orbis, Impavidum ferient ruinae

No genero de R. Ortigão encontramos na litteratura franceza um escriptor notavel E. Courrier.

Purista na linguagem, defensor dos fracos, pamphletario, vehementemente na expressão, virulento na critica, o Courier o ascendente legitimo de R. Ortigão.

Mas Courrier não é impassivel como Ortigão. Courrier apaixonou-se muitas vezes.

A forma das obras de Courrier é o resultado do meio em que elle sempre esteve. Courrier é do povo e vive como do povo. Faz guarda no Daubois, sob o commando de Napoleão, até cahir exausto de fome e de fadigas; é arrastado aos tribunales correctionaes e condemnado como «vil pamphletario»; é plebeo, alimenta-se de pão com alho; é soldado e vigneron.

Ortigão foi criado com todas as comodidades de que dispõe a sociedade moderna; conhece profundamente, regaladamente e aprecia tudo quanto é fino, delicado e artistico — inclusivae a arte de B. Savarin. E' do povo pela origem mas não é pelos gostos nem pelos instiuctos.

A critica de Ortigão provoca franca risada e dispões-nos a ter compaixão dos criticados. A critica de Courrier, tão espirituosa como a de Ortigão, é entretanto repassada do mar-gura. Ao ler Courrier rimos-nos, mas sentindo intenso e invensivel odio contra o objecto da critica. Essa paixão é o lado-fraco de Courrier, porque, como diz o barão de Feurechteleben, em sua Higiene d'Alma (traducção do Ramalho Ortigão) o odio, como qualquer outra paixão, é o resultado de nua molestia mental.

Ortigão, narrando com toda a fidelidade, sem paixão, mas com justiça, os vicios da sociedade em que vive, terá, como Balzac, de quem muito se affasta no genero litterario, a gloria de ser o fiel historiator da vida de um povo.

Com seu braço de athleta expoz aos olhos da humanidade Portugal—vivo e nu.

BLASIUS.

Com o Sr. C. de L.

« Meu caro Valentin.

S. Paulo, 29 de Abril de 1887.

Por indicação do Abdon Milanez li hontem no Journal do Commercio de 21 o Microcosmo do Sr. Carlos de Laet, onde este preclaro folhetinista e distinctissimo monthly responde a um artigo teu inserto no numero penultimo d' a Semana.

Já respondeste triumphantemente, pelo Diario de Noticias, ás objecções do Sr. Laet, mas nessa resposta não rebaste uma insinuação de erro de portuguez, que me faz o possuidor do mais portentoso cavatignac das duas Americias.

E' para tratar desso assumpto,—que, embora ligeiro, não deixa de ter importancia para mim,—que vou occupar agora a tua e a attenção dos leitores.

Como sabes, e como sabem todos os que por ventura minha costumam ler o que escrevo, eu, como escriptor, preso á lingua acima de todas as coisas, e se muitas vezes tenho errado, como mortal fallivel que sou, é por absoluta ignorancia e não por falta de cuidado no escrever ou de capricho e esmero no compor.

Desta vez, porém, quem errou, e errou deploravelmente, foi o Sr. Laet, professor de portuguez, e não eu, antigo caixeiro do Galoz, como ensinou aos mundos o citado folhetinista do Jornal. Vamos á demonstração.

Diz o Sr. Laet:

« Protesta-se ainda que o mencionado proprietario é—honestissimo, sincero, intemerato (queria-se talvez dizer destemido,) mas corajoso e audaz, etc.»

Elle, machucado e cego dos que não querem ver, truncou o meu periodo, pois que se empinhas as palavras aspasadas.

Eis o que eu escrevi a teu respeito, em o numero 95, na Galeria do elogio mutuo:

« Honestissimo, sincero, intemerato, mas corajoso e audaz, a sua penna purifica a nas suas bellas qualidades moraes e nos seus sentimentos, antes de imbebel-a no veneno da tinta para a polemica ou para a satyra.»

Quando chegou áquelle intemerato, sem mais exame nem sombra de analyse, disse o Sr. Laet com ares de velho mestre-escola tyrannico:—« Queia-se talvez dizer destemido.»

Pois está o meu grande inimigo litterario redondamente, quairadamente enganado.

Não so queria dizer destemido, não aminor. Querim-se dizer—puro, limpato, impolluto.

Quem ler com alguma attenção a phrase inteira vê logo com que má fé professor de portuguez me increpa e que não commetti.

Como poderia eu, so houvesse escripto destemido, seguir este adjectivo da conjunção mas, oppouido corajoso e audaz, que são synonymos?

Imaginemos a phrase como a imaginei o Sr. Laet:—« Honestissimo, sincero, destemido, mas corajoso e audaz... »

Seria clara e positivamente um disparate. Destemido mas corajoso—é o que só pôde caber na cabeça do Sr. Laet.

Companhantos agora a mesma phrase com um synonymo de intemerato na accepção castiga da palavra:—Honestissimo, sincero, incorrupto, mas corajoso e audaz.

Eis a phrase correctae, eis a phrase portugueza, eis a phrase com o sentido que eu lhe quiz dar e que ella perfectamente exprime.

Parece-me estar sufficientemente mostrada a má fé (não creio que ignorancia) do escriptor do Microcosmo.

O Sr. Laet sabe que o vocabulo intemerato, como quanto pouco commum tem andado por ahí a fingir de destemido, de intrepido, de corajoso e de temerario.

O Sr. Laet sabe-o; mas eu tanto sei, e por varias vezes tem sido meus nervos irritados pelo enpregaroneo daquelle bella palavra.

Pura provar-lhe que tenho notado erro cito-lhe um facto expressivo. Lembro-me de que, na Gazeta de Noticias de 22 ou 23 de Fevereiro, em uma noticia do carnaval da vespera, vem o vocabulo com a significação erronea em phrase assim mais ou menos composta:—« Alguns mascaras intemeratos atreveram-se a apparecer nas ruas etc.»

Cito de memoria, porque aqui em S. Paulo fallece-me nua collecção de Gazeta, que nem a propria bibliotheca da Academia possui.

Se me não engano, Luiz Guimarães na primeira edição dos seus Sonetos Rimas, tambem usa erradamente mesmo adjectivo, na bella poesia morte da aguia.

Não o affirmo, entretanto, por não ter sido possível encontrar a referida edição do poeta.

Em uns versos—Na morte de uma criança—feitos por mim nesta cidade, 27 de Março deste anno (um mez antes da observação do Sr. Laet), publicado no Diario Mercantil de 3 de Abril, e transcripitos depois n' a Semana de 5, empuei o vocabulo nesta quadra: « Vida sem nodosa, intemerata, pura. Nem podeste ser inelyto ou cobard. E nem ficaste á espera da vintura. Que nunca chega, ou chega muito tarde»

Lá está no primeiro verso o intemerato, na accepção de incorrupto, de imaculado, de impolluto.

Com estas linhas, escriptas á pressa, parece-me lavor claramente demonstrado que conheço bem a palavra e seu valor.

Fica, portanto, provado—ou que o Sr. Laet não soube o que leu, ou que quiz atirar mais uma das suas commadas mafinas, adulterando o meu passamento escripto, mas adulterando de uma maneira indigna de um escriptor vernaculo e ainda mais indigna de um professor de portuguez.

FILINTO DE ALMEIDA.

A GRÈVE DOS FERREIROS

(FRANÇOIS COPPÉE)

Traduzida expressamente para ser recitada pelo distincto actor José Simões Nunes Borges

Meus Juizes, escutae, a minha historia é breve. Ella: Tinha-se erguido os ferreiros em greve... Stavim no seu dirello, o inverno é duro; enfim o bairro tinha fome, estava exhausto; assim sabbado á tarde, enquanto o salario era pago, levantaram-me de braço e quasi com afago, á taberna, onde fui, a beber, encontrar os collegas, que já recusai distatar. Disseiram-me:

— Tio João, o alugto já nos falha, ou augmentam a puga ou ninguém mais trabalha. Exploram-nos, já basta. Escolhem-vos, João, pra irles prevenir, sem colera, o patrão que, ee nos não augmenta os miseros salarios, n'contar de amanhã, para nós operarios serdo domingos sempre os dias. Ireis? — Sim.

Agradeço-vos bem terdes pensado em mim, e praza nos céus que eu seja util nos camaradas.

Meu presidente, eu não fiz nunca barricadas. Sou pacífico, vshlo o desconfio então dos cacacas, por quem se dispara o canhão. Recusar não devia, aceitei a incumbença e fui ter co'o patrão, sereno na apparencia. Achi-o ainda á mesa, — acabava o jantar. Conte-lhe o nosso aperto, o medonho lutar com o preço do pão e a renda que amsdronta; disse estarmos sem forma, exangues, fiz a conta entre o seu ganho e o nosso, e acabei por dizer que elle, sem se arruinar, nos podia attender. Escutou-me, a quebrar nozes tranquillamente, e disse-me depois: Tio João, pois certamente honesto, e os que hoje aqui vos mandaram também sabiam que valor tem um homem de bem. Pra vós sempre terei logar na ferraria... ss as férias augmentassem, em breve ou falliria sem rmissão. Oavi: Ficho a forja smanbã. Os turbulentos são uns valdios, e é vã a ameaça da greve, nada mais vos digo. — Eu só respondi: Bom, Senhor.

Sahi, commigo levando a desesprança, n' angustiosa dor o aoa amigos conta o que ouvia. Que horror! Foi medonho o tumulto! Infrene a vozoria! Juraram de não mais entrar na ferraria e eu... também jurei co'os mais antigos — eu!

Mais de um, á tarde, o olhar de pranto humedeceu, n' lançar sobre a mesa o miagnndo salario, o não pouds sorrir; a noite, solitario, passou em sobresalto, angustiado a pensar quanto tempo estaria ocioso, sem ganhar, obrigado ao jejum, sem conforto s conselho. Pra mim foi muito duro o golpe; é que eu sou vshlo e não stou só no mundo. Em casa, quando entrei, os dois netinhos meus sobre os joelhos sentei; (morrera de parto a filha, e o genco transviou-se) e fiquei pensativo, ao ver o riso doce des boquinhas gentis, que adoro e que la ver choias de foms em brsve; e senti, podeis crer, vergonha do meu triste e insano juramento. Entrs nós quem jurou não vacilla um momento, e n'esse instante mesmo, a jura repeti; n'isto, entrar minha santa e velha esposa eu vi, vergando ao peso atroz da roupa que lavava, a conti-lhs n' tremor tudo o que se passara. Não snbia zangar-se aquella coração. Ficou por muito tempo, olhos fitos no chão, immovel, mas depois respondeu:

— Pobre amigo! Sabes que economiso e vés o que consigo. Farei, pois, meu dever; não ouvirás meus ais; mas... nós só temos pão pra quinze dias mais. — Talvez se arranje tudo, eu repliquei sorrindo, sabendo bem que só perjurando, trahindo, voltaria ao trabalho, e que sem pena ou dor, para manter mais tempo a grève, do traidor era igual o castigo ao vil procedimento.

A miseria ohegou! Que lucta! Que tormento!

Sabei que da desgraça a mais negra afflicção nunca farina que eu me tornasse um ladrão,

que se de em tal pensar, de vergonha morrerá. Eu não pretendo aqui dizer que bem p'lera levar em conta o JURY, ao desesprado, o horror de ver no proprio olhar a sua propria dor; noite e dia, sem ter uma ideia engraçada, mas, em pleno rigor de uma estação gelada, minha velha honradez via, Senhor, los Deus! a minha companheira e os dois netinhos meus. Tremor de frio ao pé do lar, sempre sem lenha! E entre o pranto da esposa, e n' voz fraca e rouqueira da infancia, (grupo ideal que o inverno enregelou por este crucifixo) o juro, não passou um momento sem ser, por minha escura mente, a ideia má, da fuga furtiva, em que, vilmente, suffocada, o pulsar febril do coração, a alma estremece, o olhar espreita e rouba a mão.

All se me curvo aqui, ante vós. Se se chora minh'alma, é que os revejos, aquelles que ainda agora évoquei, e por quem eu fiz tudo o que fiz. Principamos, pois, sem dobrar a cerviz, comento so pão secco e os moveis empenhao. Quanto soffri, meu Deus! que tormento execrando! O quarto é para nós uma jaula sem luz... Não sabemos lear em casa: apos transpuz os muros da prisão fria, lobrega, triste; e, entre as duras, nem sei que differença existe. E' tortura cruel não poder trabalhar, e, a forçada inacção faz-nos verificar que a forja é o nosso amor, que a sua abraçadora atmospherá ds fogo e ferro nos vigora.

Quinze dias depois não havia um vintem! Eu passára esse tempo em infimal vés-vem, a andar, avante e so por entre a turba vaga. O ruído da cidade adormece e embriaga mais que o alcool, illude á hedonía fuma. Assim, quando uma voz entrou em casa, era no fim de uma tarde brumosa e fria de Dezembro, vi trahindo a um canto a esposa (em cada membro senti frio) a queccendo ao exhumato peito seu os netos, e pensei: «O assassino sou eu!» Disse-me a velha então, com voz doce e confusa: — O Monte de Socorro, amigo, hoje recosa como imprestavel já o deo do trabalho? Onde iras tu, meu velha, agora a encontrar pão? — Vou, respondi com feição de dor não raciocina,— e resolvei voltar outra vez á officina; mas suspeitando já não poder alcançar licença, fui primeiro á taberna, ao logar onde sabia achar os coe'os da greve. Entrou-lhe abi julgando enfiar; não se descreve a minha dor, ao ver que bebiam ali, enquanto outros ds fome expiravam! Senti profundo horror e nojo. Os que o vinho pagavam e que o uosso martyrio, alegree, prolongavam, oigan inda estranhos um vshlo a maldição. Cheguei-me aos bebedores; elles viram então que eu tinha a fronte baixa e os olhos como fogo e o que eu fa fazer comprehendem leram-a logo. Paletei-lhes: «Venho aqui, só para vos dizer que sou co'agenario, e assim minha mulher; e que eu, bem sabeis, dois ustinhos a cargo, e que eu sou a agua furtada, em que estamos a largo por este lado supenhaldo, ha muito não ha pão. Um facto no hospital, depois da morte do snhão é do ferreiro a sorte e acceto-a; mas a esposa e os netos que ilolatro, isso é uma outra coisa! Resolvi, pois, voltar para a forja; é de mais o que soffro; mas quero antes que o permittaes, que não possam de mim madizer, nem de leve! Tenho negras as mãos, os cabellos de neve, e sou ferreiro ha já quarenta annos. Por dô, deixae que recomece a trabalhar, eu só! Quiz mendigar; não pude, a minha minha idade desculpa-me. E' vergonha immensa, na verdade, quando se tem na frente o sulco que alli faz o incessante esforço do malho e da tenaz, estender n' quem passa a mão, toda robusta! De mãos postas supplico; é uma cousa bem justa que seja o mais antigo o primeiro a quebrar. A' ferraria, irmães, deixae-me pois voltar.»

O qu' pensaeis? lizis... que a resposta não tarde... Um camihou pra mim e disse-me:

— Cobarde! O coração senti gelar-se-me; coquei co'o sangue que snbia; apoz quiz ver... olhei. Era um rapaz robusto e livido ao reflexo das luzes, um D. Juan réis do bello sexo, que nas fonsos usava uns gran l'es caracões; ria ironicamente; os olhos, uns pharões, fixava em mim, e tudo em volta era silente. Sentia o coração pulsar violentamente... De subito apertei as mãos á frente...

— Bem; a mulher horrora, os pequenos tambou; disse eu, e nunca mais, trahirei; mas juro que tu me vass pagar este insulto tão dur!: Combatereos como os burgozes, e já! Em que logar? Aqui? E a arma qual será? Será, por Deus, o forte, reforçado malho mais leve para nós nas horas do trabalho do que a espada ou a penna; e agora, ouvi-me vós, companheiros leaes, deixae-nos livres, sóis! Fazei silencio em toda, é mortil o combate, a injuria pelo sangue, é preciso que eu minto ou morra. Ide buscar dois martellos, dos bons; d'aquelles que, ao cahir, têm tão valentes sons que ensurdeceem. E tu, insultador de velhos, despe a blusa, n' causta, e curvando os joelhos, encomenda-te n' Deus; depois cospe ua mão. Enfurseido, ubri caminho, á forja; então fui escolher, febril, entre outros instrumentos esquecidos ali, dois malhos ferrugentos e comparando-os bem, atirei o melhor, o mais pezado e forte, no meu vil offensor, que continuava a rir, mas por ser prevenido, accitou o martello o disse: constrangulo. — Meu vshlo, vamos lá, não te faças de máo. — Em resposta, avancei contra o torpe marrau, senti-lo que o magoava o meu olhar honesto, fazulo voltear, com odio manifesto, acima da cabeça, o martello fatal. Nunca vira expressio mais indigna e beatial no olhar do cão que o dono a chicote fustiga; tas aquella que o poltro, so valente na intriga; tinha na fixidez do supplicante olhar. Eito a trsmer do modo e sempre a recuar, até parar de succatro ao muro d' taberna... Era tarde, ai de mim, negra tomeata interna entre mim e esse... verme immovel de terror estendera uma bruma ensanguantada. Horror!

Eu de um só golpe! — um só! — os mi galhei-lhe o cranio!

Eu sei bem que matei num delirio instantaneo e não quero, entendes? que sophismem a lei, e appellem duello to que eu proclamarei simples assassinato.

E elle, morto, perdendo o cerebro a meus pés... psnsae... que quadro horrendo! O remorso infinito e negro da Cain chumbou-me os pés ao chão. Cubri o rosto; a mim multos de commoção, todos se approximaram, e, querendo agarrar-me, a medio né tocaram. Afastei-os com um gesto, e disse sem tremer: — Podis deixar-me, que su condenno-me u morrer! Comprenderam-me. Então, como alguem que pedis-se para os pobres, tirei o meu bonet e disse: — Esinola para a esposa e os netos! Girenlle, e pule reunir dez francos, que mandei por um velho. E entreguei-mo á Justiça severa.

Senhores! Eis aqui, em linguagem sincera, a historia de meu crime, e bem podeis então desprezar o que os meus advogados dirão. Se vos cuncti, narrando o meu terrivel acto com tanta minuscência e pra provar que um facto tem causa muita vez, n'um concurso fatal de circumstancias. Hoje habito no hospital, onde expirou de dor a minha companheira, os netinhos, por quem me era doce a canceira. Por isso, venha, embora, ou lugbre prisão ou aviltantes galés e até mesmo... o cuidado; seja enfim como for, já me não dá cuidado... Maa... se a vossa sentença é de morte... obrigado!

ADELINA A. LOPES VIEIRA

A PLÉBE (*)

(LECONTE DE LISLE)

Como um rei animal, sujo de sangue e poesia,
Corrente ao collo, nupçando ao ardor do verão —
Arreale quem quiser seu triste coração
No pó da tua praça, ó plebe carniceira!

Para em teu duro olhar pôr um fatuo clarão,
Fe'a mendigar-te ou ris; ou compaixão grosseira,
Resque as vendas de luz a turba, interessada,
De ócios pudor, do gozo e da paixão.

Dera embora abysmar-me a negra eternidade
Em meu orgulho mudo e na morte — não ha de
Minha alma te vender seus sonhos ou seu mal;

Não te lerei a vida ás arruaças brutas;
E nas densas nunca em teu palco banal
Com os teus histriões e as tuas prostitutas!

VALENTIM MAGALHÃES.

Rio, 30 de Abril de 1837.

(*) No livro Poèmes barbares, d'onde foi traduzido. Igua esta soneto com o título Les monstres, que não tem, segundo julgo, correspondente acceptavel em seu titulo.

N. do T.

Discurso de Leconte de Lisle

AO TOMAR ASSENTO NA ACADEMIA FRANCESA COMO SUCCESSOR DE VICTOR-HUGO

SENHORES — Convidando-me para succeder entre vós ao Poeta immortal cujo genio illustrou para sempre a França...

Senhoras, o advento de um homem de genio, da um grande poeta, sobre tudo, nunca é um facto espontaneo sem relações com o trabalho intellectual anterior...

Nas épocas longuissimas em que os sonhos, os terrores, as paixões vigorosas das raças jovens e puras brotam confundidamente em legendas cheias de amor...

ra-os reveladores antigos do Bello e immortalis os nomes de Homero e de Valmiki. E a humanidade tem razão, porque todos os elementos da Poesia universal estão contidos nestes poemas...

Os grandes homens de raça homérica, Eschylo, Sophocles, Euripides, inauguram cada um para eterna honra da Hellade, o reinado dos genios individuaes. Após os negros annos da idade media, annos de abominavel barbaria, que levaram no amiguillamento quasi total riquezas intellectuaes herdadas da antiguidade...

Eis porque a renovação enthusiasmica, da qual Victor Hugo foi, senão o unico iniciador, ao menos o mais poderoso e o mais fecundo, era inevitavel e devia a muitas causas diversas. Victor Hugo nasceu, senhores, no momento em que o nosso paiz, que acabava de proclamar a libertação do mundo...

Aos vinte annos, Victor Hugo acreditou-se realista e catholico; porém a natureza de seu proprio genio não tardou a dissipar estas illusões da sua mocidade. O ardente defensor das aspirações modernas, o evocador da Republica universal já existia latente na criança...

Quaesquer que sejam, no entanto, as causas, as razões, as influencias que modificaram o seu pensamento, quanto elle se tenha envolvido ardentemente nas lutas politicas e nas reivindicações sociaes, Victor Hugo é antes de tudo e sobretudo um grande e

enblimo poeta, ieto é, um irreprehensível artista, porque os dous termos são necessariamente identicos. Elle soube transmutar a substancia de tudo em substancia poetica, o que é a condição expressa e primitiva da arte...

Não me posso lembrar, sem profundo sentimento de gratidão, a impressão subita que eu senti, ainda moco, quando li aquelle livro sobre as montanhas da minha terra natal, quando gesei a visao de um mundo cheio de luz...

Todavia, senhores, a impressão produzida sobre a imaginação virgem de um jovem selvagem, vivendo no meio dos esplendores da poesia natural, não podia ser unicamente roseantida em uma época e em um paiz onde as velhas tradições de uma rhetorica esgotada domidavam ainda. O prefacio de Cromwell, o celebre manifesto da Escola romântica, excitou violentas hostilidades que as Orientaes não desarmaram...

Isso era, aliás, inevitavel: porque se em França não admittidos facilmente, como artigos de fé, certos apophtegmas, decisivos em razão da sua propria banalidade, sem que ninguém se lembre de lhes estudar o verdadeiro valor, taes como: « a poesia é um grito do coração »...

(Conclue no proximo numero).

Trad. de ALFREDO DE SOUZA.

MYRREHA (*)

(A LUÍZ MURAT)

Nossa villa ao meu Intimo suggera
O episodio da pagina dantesca;
Es dolente e peilide Francesca
Que os eus cante de amor, triste de sorte.

Possues como a heroína de Aigliere
Uma altiva belleza principesca;
Es nervosa, vibrante e romanesca
E só te falta um pouco o «savoir faire»...

Por isso, ao ver-te a só, contempletiva,
O Dante aberto ao collo, scismativa,
Nos profundos crepusculos da tarde,

Eu sinto que me onça este dilemma:
— On plagiar o magico poema,
Ou morrer eos teus pés como um cobarde!

ADELINO FONTOURA.

(*) A 3 do corrente completaram-se quatro annos que falleceu em Lisboa o infeliz e talentoso moco actor deste e de tantos outros formosos trabalhos.

N. DA R.

BELLAS ARTES

REVISTA MENSAL

Ha pouco tempo o Sr. Emygdio Monteiro falando, nesta folha, sobre a ultima exposição realisada em Lisboa pelo celebre «Grupo do Leão» citou o nome da Exma. Sra. D. Bertha Ortigão como uma das mais felizes promessas da arte contemporanea portugueza.

Em boa hora lembrou-se o distincto escriptor lisbonense, de nos dar conhecimento de tão sympathetic nome. A Sra. D. Bertha é uma artista do fina tempera, elucidada por um pue quo tem da vida moderna o mais firme e claro conhecimento. Os tres estudos que se acham expostos na Casa Vieitas são provas exuberantes de grande talento e genio artistico. O estudo da natureza morta (uma mesa entalhada; peixes em um prato, uma garrafa de crystal com Buccollis, um calice verde, um cantaro e o puraco de molho) é pintado com um gosto fora do vulgar...

Tudo isto, pequenino e manchado rapidamente, de uma só vez, tem uma expressão alegre e tranquilla. Oh! a Sra. D. Bertha sentte bem a paizagem, vê com a subtileza de hon artists o aspecto caracteristico da natureza. Perfeitamente, perfeitamente bem.

Na mesma casa estão expostos: — paizagem — pelo Exma. Sra. D. Abigail de Andrade e pelo Sr. Franço Junior, retratos á penna por Antonio do Valle, uma palheta por Decio Villares e um retrato por Pedro Peres.

As praizagens da Sra. D. Abigail são rigorosamente acobertas. Os funhos, os effectos de luz, os detalhes foram executados com notavel cuidado e, sobre isto, a tonalidade é agraçavel.

O Sr. França Junior é quem progride a olhos vistos. Ha dois annos passados era um pequeno Grimm. Cabe notar aqui que a profecia allucina é um pelego de gigante, (mas não é alto, um pelego pode ser uma parte ou um tempo) membrudo, sério, olhos azues, barba louras e longas; pisa como um soldado e anda como um peixeiro portuguez. França Junior era um Grimm adunado, tímido, cuidadoso com os attalhos de sela dos sapatos de verniz. Um dia deixou do parte o Grimm que o nascera. Desse dia em diante desappareceram de seus estudos o creio e cincuenta por cento e todos os verbos que as fabricas produzem de mais verbe. Com os estudos feitos em Lumbary revolve-se outro artista, sendo muito forte, pelo menos venlo por si, observando por sua livre vontade, sentindo osinho as impressões da natureza, que formam um principio de personalidade. Os seus quadros que ora expoe são pintados com largueza e requinte. Um d'elles, o maior, representa um trecho de estrada, tendo no primeiro plano, á esquerda, um muro mosqueado de limo, á direita um paredão que dá para um córrego. Os logares têm muita variedade, quer em luz, quer em perspectiva aerea, e não menos observadas foram as manchas verdes dos planos inferiores que se succedem gradativamente numa gamma feliz e bem estudada. Os primeiros planos agasalham immenso pelo relevo das massas de arvore, pela felicidade com que foi estudado o muro do plano esquerdo, e, sobretudo, pela vida que ali existe, devida em parte, nasim creio, á figura rinha que, de costas para a frente da tén, se debruça ao paredão.

Do Sr. Antonio do Valle, do gordo Valle que ontremuitas felicitaciones conta a de ser irmão do Silva Pinto, ha quatro magníficos retratos á penna. Do Sr. Decio Villares uma pallota (phantasia) pintada com aquelle chic que forma a sua nota individual, e do Sr. Pedro Perez um bom retrato da menina L...

Outra exposição digna de attenção foi a de Caron, realisada, ha tempos, na Casa de Wilde. Eram quatorze estudos que prometiam um artista de primeira ordem.

Caron desde que se acha em França, estudando com o celebre Hanotenu, tem sido laboriosissimo. Os seus estudos, apesar de pequenas vacillações, aliás explicaveis, attestam rap. dos progressos. Dois desses estudos ultimamente expostos, sem tirar o merecimento dos restantes, dão duas télas muito boas. Um representa um canto de lago; é um excellento estudo de manchas e aguas, executado com feliz impressão de cor e de forma. Outro, maior pelas dimensões, é a vista de uma herdade, tirada num sereno dia azul. A plantação que vai do primeiro plano ao fundo, é pintada com fiel observação da natureza e as sombras projectadas pelos duas unicas arvores que ali existem são de magnifico effecto. No horizonte vasta e claro, executado com a mesma facilidade que as primeiras partes, brilham as paredes e os telhados das habitações, surgindo desse modo, para o oco, alegremente, a agulha de noia torre.

Quem, em tão pouco tempo de aprendizagem, consegue pintar desta maneira, prova que muito longe não está a época em que o seu nome seja uma bella realidade na arte do seu paiz.

ALFREDO PALRETA.

EXHUMAÇÃO

A EZEQUIEL FREIRE

Já de melados para fins de 1874,—ha, pois, treze annos, ó tempo voador! —chegava a S. Paulo Ezequiel Freire. Era ali bem pouco conhecido; eu mesmo, que sempre acompanhava a produção dos rapazes do meu tempo, apenas lêra d'aquelle umas duas ou tres composições avulsas, ou Mosquito;

mas havia a favor de Ezequiel uma tróinha infatigavel em apregoar-lhe o raro merito original, o culto le brzeleirismo nos seus primeiros versos. Dou um loce, dois d'esses, uma confitaria meira a quem for capaz de já njuine dizer quem era o pregoeiro... Era o Luz, o grande, e individual rapaz, que n'ora somente um romantista paulista, mas também um coração acessível á boa poesia. Seria por isso, ou por estourar n'isto menos pitonica —o Luz, como o Ezequiel, era de Rezende.

Vio-me Ezequiel Freire apresentado por Manoel Carneiro, com quem eu fizera a melhor amizade de quando sahi da redacção da Republica para o Mosquito. Tres dias depois que nos encontramos, a primeira vez, no café Lévy,—se não os dias d'ora,—eram os companheiros de casa, na republica da Gloria, de que elle fallou no seu artigo; e d'alli, para prova da rapida mas completa identificação, respondo-lhe os dois á critica de Manoel Carneiro, com outra em que eu e tu n' de nós alternadamente escrevia.

N'aquelle casarão amarello do bairro da Gloria, que deffintava com o sobrado celebre onde morara o Alvares de Azavele e que então albergava o conselheiro Furtado, de politica e da cadeira de Administrativa,—naquelle chacara burgueza do respeitavel Sr. Tolles, correram-me lras e mais formosas da vida d'esta vida.

Escrevi aos (nós) o Ezequiel, que nunca, a penna meira, foi republicano; e muitas vezes, até, o seu ar impudico-phalico, de myope espirituoso, embor-n'ava gelo e agua fria nos meus estios civicos, escrevimos, eu e alguns outros, cujos nomes tenho a prulente delicadeza de não recordar aqui, a um folheto radical, de rubro republicanismo, chamado O Rebate.

De manhã, o banho frio, no quintal, ao lado do poço; e mais d'um criado, que não podia com o serviço de dar á bomba tã cedo e com aquelles frios de maio e junho, foi estocicamente sacrificado ao meu banho, mostrando-se-lhe a porta da rua.

Depois do almoço, para encher tempo, as aulas de direito publico e de direito ecclesiastico, ou se faziamos proffissões de fe pron'bonnianas ou pregavimos rabos de papel á infallibilidade do papn.—Não tinha o Ezequiel, que nesse tempo dava conta dos ultimos preparatorios.—

A tarde, na rua, em frente da chacara, jogavamos a malha até o anoitecer, sob os olhos amistos de uns vizinhos que todos nos conjuntamente namoravamos.—Desta plural agora não exceptuo o meu Ezequiel, que era um namoradoir insistivo de emcritos... (Sempre me bei de lembrar, com intimos sorrisos, dos esportes que elle applicava para converter-me ao dandyismo,—a mim, que fui tola a vida, desde menino e rapaz, um urso reverso ás elegancias do vestuario! Que sabias conselhos andaste a perler comtigo meu sabio Mentor! e tu resististe sem osorço nem merito, tal qual, salvo o anachronismo nos termos, um espartano, comedor de brã e cillo negro, a quem um parizense d'boje quizesse regular com as exquisitices cultuarias do Café Riche.)

É a noite? A noite (põem continuar a lêr as meninas solteiras e a digna esposa do meu amigo), a noite conversavimos de litteratura e esperavimos castellos encantados, familia e gloria, amor e liberdade... Ou então, depois de colloquios suggestivos ou de inspiradores passeios pela várzea afora, ao crepusculo saudoso, recolhia cala um ao seu quarto e á sua mesa, para confabular com as musas, ao mudo escandalo dos compendios.

Fui fuit ista quondam in hac republica virtus...

Foi na republica da Gloria, como o Ezequiel já escreven, em phrases que me levotaram um fuudo da memoria uma revoada de saudadas, foi lá que escrevemos aquelleas afortunados versos (mais ditosos que afamados) do Duo de amor, tão felizes que foram transcriptos por Machado de Assis na Semana Illustrada, e elogiados depois, em palestra comtigo, por Joaquim Serra.

Não sei se o Ezequiel ainda se recorda bem da noite tempestuosa, fatal, rômantica, noite-na-taverua, que succe-

deu proxivamente á confecção d'aquelle boa partilha poetica, e que nella se originou... Eu, por mim, não me hei de esquecer nunca da grande toca de cogote vil, abenlo carnica, com que abafei a mus fulminante e desgraçada das minhas paixoes da adolescencia...

Nessa madrugada da festa, entre lagrimas e colicas d'atestinos, contive a uma luzia letiras de papel nua estirada elegem presa, em que se concluiu a despedida de um amigo para sempre. Os sonhos da mocidade, com um hysterismo de Chatterton e a maligna intenção de matar os remorsos crã a Kitty Bell-tradora que me vertera o desespero n'ultima e cognac viscora.

Já minha nascente, e sem entender as surras de crystallinas que dos beirões da casa me piscavam as canchirras a fragoras e honestas, pegnei d'aquelle prosa crãto, enapei a nua carta mortal nua triste, e lá enviava tu para a Carta ao meu grande amigo Ferreira de Menezes, para que o impudico ás lras nua lras d'hechos Semana, no Jornal do Commercio. O haigo folhetinista deixou-me inclito e o feroz ministro me teve a piedade de nunca mais em tempo algum me fallar em semelhante asseir.

Se Deus lhe dá, levou a credito esta boceação, ha grande erro na conta celeste abarta a Figueira de Menezes!

Com a fragilidade de todas as construccões d'aquelle edala,—de que se á recordações parece que são eterno bronzes,—a republica dispersou-se a todos os ventos do acaso; eu fui, com outro, morar para o largo de Santa Ephigenia; Ezequiel seguiu diverso rumo. Entraram as lras, e durante ellas sorpretem-me nua carta do meu amigo participando-me o seu casamento. Casou e ainda está lante de preparatorios, e casado fez tola o curso.

Outras boas lembranças desse tempo, são para mim as lras visitas á casa da familia de Ezequiel, na Cas dação, ali, eu isolado de todos os meus, ia passar serões e domingos, e voltava para o meu quarto solitario com uma grande inveja do meu amigo que já encontrara como diz Herculino, a estreita polar de sua existencia... quando brillaria a minha?... e de uma vez, no meu folhetim do lomingo na Provincia de S. Paulo referi estes sentimentos, que eram bem confessivos, pois a minha inveja, a despeito da chapn nada tinda de negra, antes cambiava para o bello e sério azul-ferrete da amizade melancolica.

Se nestas desalinhas memorias a minha nua inspiradora não fosse, com as suas Confissões de Rousseau, guardadas ás lras, a absoluta sinceridade, evitaria contar a minha despedida de S. Paulo no tocante a Ezequiel Freire.

O meu espirituoso e original amigo affecciona-se demasiado á botânica; quanto, em vez e antes d'ella, cultivava o sport, ainda viuha ás vezes, no seu bonito alazão, palestrar um quarto d'hora comtigo, ao meu eremiterio de Santa Ephigenia; depois que se de ficou ao calado e á begonia, pouco sahia de casa, a não ser para as aulas, e a sua boa proza cheia de malicia e de poesia foi se diabolicamente arrevezando de technologia botânica.

Fomos aos assist perdendo de vista, e affundando na collação do meu grau academico, o meu querido camarada faltou em lignamente á minha opa, corrompido pelos encantos de uma orchidêa singular, que lhe florescera nessa manhã, e que elle se ficara emberecido a contemplar, esquecido do ultimo abraço que devia ao companheiro que se ia embor... Se eu fosse autoritariamente em botânica, vingava-me d'aquelle parasita mil vezes annual, que sugara de um seio amig tola a seiva dos antigos affectos,—chamava-lhe para todo o sempre e para a execração das almas bem formadas—orchidêa algida.

Valeoa, 2 de Abril de 1887.

LUCIO DE MENDONÇA.

SPORT

Com bastante animação e grande concurrencia realisou no domingo pas-

sado o Derby Club a primeira corrida deste anno, apresentando-nos um programma importante, composto de oito parcos preschitos com parelhos d'horas, tanto nacionaes como estrangeiros, alguns colhectis, outros novos que pela primeira vez se estraram nas lras e a suas pallulas em abono do apuramento da raça cavallar em n'esse paiz, ha pouco tempo immorta.

Os parcos em geral, foram bem disputados e tornaram-se interessantes pela perdia luta que muitos parelhos travaram durante o trajecto da corrida. Entretanto, preschitamos alguns parcos, em que diversos parelhos pareceram nua classe superior, segundo as informaciones dos competentes juizes de rra, soffocadas para a lrazem nua corrida em lramento lamento lamento da conduta que os apostadores lram nua divertimento e depositar nua colhectaria de mero la importancia. Estes abusos e estas combinações, quasi sempre repetidas, somente desapparecem lras lras das directorias tomarem as solutas energias como nua a desquitação do animal e a supressão do jockey por um anno. Applicada esta medida severa, ficaria evitada esta combinação immorales e estabelecera-se a seriedade e o devotamento ás sociedades perfeitamente constituidas.

Eis o resultado dos parcos.

O 1º parco (100 metros) foi disputado regularmente por Corcoran, Bernice e Archimedes que, tendo atrazado a corrida, mostran ser um producto de 2 annos lras brilhante futuro; passou os seus e competiores com muita facilidade e fez nua lras deanteira sobre elles; proximo a posto de chegada, prandou contra a corra, atirando por terra muitos espectadores, que involuntariamente estavam. O jockey pouco se machucou e nua soffoca o lin lo producto nacional. Bernice em 72 segundos foi vencedor e Corcoran em 2º logar, Juanita em 3º e Saniticoa em 4º. Outros não correu.

O 2º parco (150 metros) foi valentemente disputado por Daybreak que em 102 segundos foi o vencedor. Percy chegou em 2º logar e Piquary em 3º. Phénicia que era a favorita fez mal ligar e pessima corrida. Sra. Queen, e Amizozes não mereceram classificação. Babiana não correu.

O 3º parco (150 metros) foi vencido com muito facilidade por Oblivion em 102 segundos. Dandy fez figura triste, quasi ficou distanciado. Argentino em 2º logar. Monitor não correu e a sua falta prejudicou bastante este parco que teria importância se elle o tivesse disputado.

O 4º parco (1600 metros) foi um das que melhor foram disputadas. Charides ao signi de sahira, tomou a dianteira quasi até ao posto de chegada, quando foi alcançada por Walter que apenas por cabeça e em 110 segundos foi o vencedor. Le Loup, que nos pareceo parelhito regular, a principio prou algum susto e teve o 2º logar. Rug Blue, que correu de alcance chegou em 3º logar, parecendo-nos este anno em melhores condições e para tiro longo. Poruna e Coupou não correram. A falta deste ultimo enfraqueceu um pouco a importancia deste parco.

O 5º parco (1600 metros) foi disputado por Borax que, alem de estar em nua condições, pua importância das 2 corridas fazen-lo em 120 segundos e tristemente derrotado por Dica que no freio em 115 segundos, foi vencedor. Macaró deu um gallopão de acto de presença. Titimim não corrou e se tal accedesse as cousas teriam melhor resultado neste parco.

O 6º parco (1600 metros) foi brilhante: venceu por Salla, em 113 segundos o Satan em 2º logar, ainda não estado em boas condições. Phrynia, a invencivel dos 2 grandes premios, foi verguhosamente batida chegando em 3º logar e pelas informaciones dos diversos juizes de rra foi ella algumas vezes bastante soffreda pelo jockey. Recomendamos o código de sociedade. Dr. Jenner em 4º logar Swamp, Olinda e Salvatus não correram. Este parco teria tido mais merecimento se fosse disputado pelo valente Salvatus, animal superior e lutador e que indubitavelmente evitaria o resultado desperado da derrota verguosa da Phrynia...

O 7º parco (1600 metros) foi gaoho em 115 segundos por Inima que, tendo boa sahida, conservou-se sempre na ponta, até o posto de chegada. Druid,

o favorito, foi infeliz na subida e teve por máo amigo durante a corrida *Mandarin* que lutou com elle quasi sempre chegando em 2º lugar. *Biscain* em 3º.

O 5º parvo (1450 metros) foi bem disputado por *Baccarat* que chegou em 2º lugar. *Jenny* em 3º logo pelo *Rondello* que facilmente, em 100 segundos, venceu os seus competidores. *Marengo*, que a principio esteve na frente, fraqueou chegando em 4º lugar. *Chapote* o *Gladiador* em ultimo lugar.

Não correram *Damon*, *Pretoria*, *Ondina*, *Caporal*, *Wlodimer* e *Guacho*.

Realisa amanhã, com um esplendido programma, o Prado Villa-Izabel a 3ª corrida deste anno. Pelos parelheiros inscriptos os paeros deverão ter grande importancia e esperamos o bom exito na execução da corrida.

L. M. BASTOS.

O ARTISTA

(A ALFREDO DE SOUZA)

Ernest, pintor illustre, em frente ao filho morto exclama, soluçando: — «O Deus, que tenho eu feito pra mercer de vós castigo tal?... Desfeito eu vejo o meu porri... jamais terei conforto!...

Meu formoso steller se converteu em heroi onde a magoa se alastra!... E' martyr o meu peitot!...

— Cêde ao cansaço, o pobre, e dorme em triste leitot!...

Depois desperta, geme, e encara o filho, absortot!...

Traçando um circulo aéreo em torno ao regelado cadaver, diz: — «Grandiosot!... A copia ha de ser bella!...

Que tom, meu Deus! Que tom!... Que assumo sublimadot!...

De novo o espaço medot!... Um eó no olhar se estrellat!...

E, sobre a dor cruel da paé desventuradot, O artista desenrola o esplendorosa idéat!...

VÉRONIZIO.

(*) Depois da leitura do conto de Octavio Mirbeau, publicado no n. 129 d'A Semana.

THEATROS-

LUCINDA

Foi um verdadeiro successo a apparição do *Gallo de ouro* no palco d'este theatro. O libreto é escripto com muita verve e tem situações de um comico irresistivel.

Bem avisados andaram os Srs. Arthur Azevedo e Azeredo Coutinho em traduzir esta desopilante opereta de Ordemeau.

Quanto á partitura, basta lizer que é do afamado auctor da *Masotte*, e neste ponto está feita a nossa critica.

O desempenho por parte dos primeiros artistas foi digno dos seus talentos e reconhecidos dotes. Abrimos aqui um parenthesis luminoso e dentro d'elle escrevemos o nome do popular actor Peixoto que, no papel de Florestão, principalmente a scena do duello, trouxe em continua hilaridade os espectadores e deu-lhe uma bellissima interpretação. E' de justiça tambem dizermos que Cindra Polonio cantou e representou com muita expressão e naturalidade, o seu papel de Rosina.

O *Gallo de ouro* está posto em scena com luxo e gosto. Os seus scenarios são magnificos.

E' de esperar que *O gallo de ouro* não deixará tão cedo o poleiro do Lucinda.

PRINCEPE IMPERIAL

Sob o titulo *A Rainha do Carnaval* subio no dia 29 á scena neste theatro a graciosa opereta *Le Pom-pom* de Chivot e Duru.

Foi muito boa a sua interpretação. Jeanne de Kaylus fez gentilimento o seu papel de Fioreta. Rosalba Becci, que pela primeira vez representava em portuguez, encarregou-se do papel de Piccolo e revelou talento e aptidões que se aperfeiçoarão, se estudar. Becci é graciosa e espontanea em seus movimentos scenicos, tem excellento mobilidade physiologica e possui uma boa qualidade: — trata de encarnar-se o mais possivel no personagem que representa. Assim foi que no papel de Piccolo, embora seja pouco extensa e educada a sua voz, deu-nos boa interpretação e disse com maestria algumas phrases do seu papel. Montedonio no do Barbino esteve excellentemente. Michela foi enorme no de D. Melchior. Os demais artistas concorreram na altura de suas forças para o bom desempenho da peça.

A *Rainha do Carnaval* está montada com luxo e as vestimentas dos seus personagens são ricas e de muito gosto.

A julgar pela recepção que teve na sua premiere, a *Rainha do Carnaval* reinará por muito tempo no Principe Imperial.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Esteve muito concorrida e animada a festa de caridade que a Sociedade Francoza realizou sabbado neste theatro.

A companhia da Phenix Dramatica dá hoje, em primeira representação, no S. Pedro, a nova e apparatusa peça *O milagre de N. S. da Penha*.

RECREIO DRAMATICO

Representou-se hontem neste theatro, em premiere o ultimo e famoso drama de Dumas Filho — *Françillon*. Da peça e do seu desempenho diremos no nosso proximo numero.

SANT'ANNA

Na terça-feira faz beneficio neste theatro e despede-se do publico, pois que parte para a Europa, o provecito actor Simões.

O programma é dos mais atrahentes: figura nelle a *Grèce des ferreiros*. O actor Simões é bastante estimado e conhecido e cremos que os seus amigos e admiradores não deixarão de, em sua festa de despedida, manifestar-lhe o alto apreço em que o têm.

Auguramos-lhe muitas flores, palmas, bravos e um *casão*.

P. TALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

A' rua da Estrella n. 2 inaugura-se hoje, com um sarão-concerto que promete ser atrahente o *Club do Rio Comprido*.

Aos iniciadores d'este novo centro do diversões damos desde já os nossos parabens desejando ao Club auspiciosissima e gloriosa existencia.

O sarão-concerto dado pelo *Club do Engenho Velho*, na quarta-feira, foi dos mais atrahentes e animados.

O bello sexo fez-se numerosa e brilhantemente representar e ostentava capriciosas *toilettes*.

O concerto, que se compoz de escolhidos trechos de musica foi magistralmente executado.

Terminou esta encantadora reunião com um baile arrebatador, entusiastico e delirante.

Parabens á sua distincta directoria.

LORGNON.

FACTOS E NOTICIAS

No dia 26 realisou-se a quarta sessão litteraria do Gremio de Lettras e Artes. Leram trabalhos:

Guilherme Martins: *Carta a Olavo* e *Leitura*, traducção de Theodoro de Banville.

Moraes Silva: *O Perdão* e *a Festa das Lagrimas*.

Alberto Silva: *O Jasmineiro em flor* e *Cañção aos quilombolas*.

Rodrigo Octavio um artigo sobre Alberto Silva, para a Galeria do Elogio Mitico, d'A Semana.

Valentin Magalhães: um conto — *Um dia feliz*, e Guimarães Passos um formoso soneto.

Os Srs. Pacheco Junior e Lameira de Andrade estão confeccionando um livro de *Noções de grammatica portugueza*, de accordo com o ultimo programma do ensino.

Os nomes dos auctores, profundos philologos, garantem previamente a excellencia da obra.

Os Srs. Costa Lima e Oliveira, proprietarios do *High-Life's Billards* programaram o salão d'aquelle jogo até á rua Seto de Setembro, devendo ter logar hoje a inauguração desse importante melhoramento.

RECEBEMOS

— *A Rosa*, anno 1, n. 2. Jornal litterario, pequenillo, gentil, perfumoso. Aparece no Porto.

— *Revista do Norte*, ns. 8 e 9. Recife. Interessante e do agradável leitura.

— *A Estação*, n. 8, anno XVI. Traz elegantes figurinas.

— *Relatorio e Synops* dos trabalhos da Camara dos Deputados na sessão do anno passado, contendo o andamento de projectos, pareceres, discussão especificada do orçamento, etc. Foi organizado o muito habilmente pela Secretaria da Camara.

— *Relatorio* apresentado á Assembleia Legislativa Provincial de S. Paulo pelo seu presidente Barão do Paranahyba.

— *Exeatos* da Sociedade Remissora e de Auxilio mutuo *Em nome do Christo*.

— *Correio da Europa*, anno. 8, n. 8. Vê-se na sua primeira pagina um bello retrato do Dr. Figueiredo de Magalhães.

— *Garbosa e Iracema*, composições musicas de D. Anna Brandão. A primeira é uma polka verdadeiramente garbosa e a segunda uma walsa, digna de ser dançada pela heroína de Alencar.

— *Dicionario Universal Portuguez*. D'esta importantissima e monumental publicação, o fasc. n. 90. Na pagina 693 lê-se: «O regimen que presidió á função do Banco do Brazil, a mais vasta organização bancaria fundada na America do Sul...»

— *Que diz a vto*, Sar. Quintino Bocayuva?.. *A Nebulosa* n. 1. Vinda longa é o que lhe desejamos.

ANNUNCIOS

A Chapellaria Inglesa—Este importante estabelecimento, o primeiro neste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes e ao publico que retirou da alfandega as ultimas novidades em superiores chapéus Ingleses. Rua do Ouvidor, 120.

O advogado Dr. Valentin Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—*Rua dos Ourives, 51.*

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Moléstias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e moléstias das criancas.—*Rua Primeiro de Março, 12* (consultas: *de 11/2 ás 3 horas*)—*Residencia: Rua de S. Clemente, 91.*

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—*Becco das Cancellas n. 2.*

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRECÇÃO 108

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta do hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, os-crophulias, rachitis, anemia, debilidade em geral, dofluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

F. Navarro de M. Salles—encarregado-se de defezus perante o jury. Muzambinho—Minas.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores do machinas e apperellos para lavoura—Schubert, Irmãos, Haas & C.—Juiz do Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Rolocoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

Corrêa da Silva & C. é e nica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, o nas principaes casas do molhados e coofeitarias.

CAMPOS

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPE

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.
66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES
Especialidade em luvax de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

INTRANSFERIVEL ! INADIABEL !**GRANDE LOTERIA**

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Pr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIABEL

MIL CONTOS **1.000:000\$000** MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio
Segundo sorteio.
Terceiro sorteio.

100:000\$000
200:000\$000
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do AGENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tem apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 18 licas-so habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lho possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral**RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507.

PRADO VILLA-IZABEL

PROGRAMMA DA 2ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 8 DE MAIO DE 1887

AO MEIO-DIA EM PONTO

1º pareo — Conciliação (Handicap) — 1.000 metros — Animas de menos de meio-sangue — Premios: 200\$ ao primeiro, 60\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro.

Ns.	Nomes	Pellos	Edades	Naturalidades	Pesos	Côres das vestimentas	Proprietarios
1	Mnrtha.....	Castanho.....	2 annos...	Rio de Janeiro.	45 kilos...	Azul e grénat.....	I. P.
2	Savana.....	Idem.....	5 »	R. Gr. do Sul...	50 »	Grénat e rosa.....	F. G.
3	Guacho.....	Chita.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e grénat.....	A. M.
4	Verbeia.....	Castanho.....	4 »	Rio de Janeiro.	50 »	Idem, idem.....	Coudelaria Santa Cruz.
5	Bolero.....	Idem.....	3 »	Rio Grande.....	46 »	Encarnado e ouro.....	A. M. S. L.
6	Cantagallo.....	Zaino.....	5 »	Paraná.....	60 »	Preto e vermelho.....	Fontes & C.
7	Oudina.....	Tordilho.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul e amarello.....	J. Rocha.
8	Rigoletto.....	Zaino.....	5 »	Paraná.....	50 »	Azul e branco.....	S. V.

2º pareo — Suppletario — Omnibus: 1.450 metros — Interece eguas de qualquer paiz — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	Swamp.....	Castanho.....	4 annos...	Inglaterra.....	55 kilos...	Azul.....	C.
2	Talisman.....	Alazão.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Azul, branco e encarnado.....	Coudelaria Cruzeiro.
3	Martin.....	Castanho.....	4 »	França.....	57 »	Encarnado e preto.....	A. M. P.
4	Le-Loup.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	57 »	Azul e grénat.....	Coud. InternacionaI.

3º pareo — Progredior — 1.609 metros — Inteiros e eguas nacionaes até meio-sangue, que não tenham gaubo este anno — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	Mandarim.....	Rosilho.....	4 annos...	S. Paulo.....	51 kilos...	Azul e grénat.....	Coudelaria Paraizo.
2	Rondello.....	Douradilho.....	3 »	Idem.....	48 »	Idem idem.....	Lazaro & Lima.
3	Americana.....	Tordilho.....	4 »	Rio de Janeiro..	49 »	Preto, branco e encarnado.....	Manuel S. Ferreira.
4	Intima.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Grénat e lyrio.....	D. A.

4º pareo — Productos — 1.000 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos — Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Corcovado.....	Castanho.....	2 annos...	Rio de Janeiro.	43 kilos...	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
2	Esmeralda.....	Idem.....	2 »	S. Paulo.....	44 »	Br. manchas e boné havana...	Coudelaria Alliança.
3	Archimedes.....	Zaino.....	2 »	Rio de Janeiro.	45 »	Ouro, mangas e boné azul...	Idem, idem.
4	Sensitiva.....	Tordilho.....	2 »	Idem.....	42 »	Grénat e ouro.....	B. V.
5	Gazella.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	42 »	Lyrio e ouro.....	C. G.
6	Juanita.....	Balo.....	2 »	Idem.....	42 »	Grénat e lyrio.....	D. A.

5º pareo — Suburbano (Handicap) — 1.609 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Walter.....	Douradilho.....	4 annos...	Inglaterra.....	53 1/2k. ...	Grénat e rosa.....	S. M.
2	Speciosa.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	48 »	Azul e grénat.....	Coud. InternacionaI.
3	Diva.....	Idem.....	4 »	Minas Geraes..	43 »	Ouro e branco.....	Coudelaria Fluminense.
4	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 »	Rio da Prata...	40 »	Grénat e ouro.....	J. S.
5	Scylla.....	Castanho.....	4 »	Inglaterra.....	57 1/2» ..	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Coupon.....	Alazão.....	4 »	França.....	52 »	Azul e branco.....	Coudelaria Cruzeiro.

6º pareo — InternacionaI — 1.450 metros — Animas de qualquer paiz até 3 annos — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	Odalisca.....	Pampa.....	3 annos...	S. Paulo.....	48 kilos...	Verde, branco e encarnado.....	Coudelaria Excelsior.
2	Amazonas.....	Castanho.....	3 »	Inglaterra.....	54 »	Azul e ouro.....	L. C.
3	Pancy.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata...	51 »	Encarnado e ouro.....	V. M.
4	Queen.....	Castanho.....	3 »	Inglaterra.....	52 »	Azul.....	C.
5	Daybreak.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	54 »	Ouro e boné azul.....	D. Julia Vieira.
6	The Queen.....	Castanho.....	2 »	Idem.....	49 »	Idem.....	Idem.

7º pareo — Villa-Isabel — 1.300 metros — Animas nacionaes até meio-sangue — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

1	Biscaia.....	Alazão.....	4 annos...	S. Paulo.....	49 kilos...	Azul e grénat.....	Coudelaria Santa Cruz.
2	Druid.....	Tordilho.....	4 »	Rio de Janeiro.	55 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Cantagallo.....	Zaino.....	5 »	Paraná.....	49 »	Preto e vermelho.....	Fontes & C.
4	Mondego (ex-Brioso).....	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Preto, branco e encarnado.....	S. & Ferreira.
5	Aymoré.....	Idem.....	6 »	Idem.....	55 »	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	49 »	Azul, branco e amarello.....	Coudelaria Esperança.
7	Baccarat II.....	Gateado.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e branco.....	F. J. C.

OBSERVAÇÕES

As corridas, principiando ao meio-dia em ponto, os animas inscriptos, no primeiro pareo devem achar-se no encilhamento ás 11 horas precisas.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 11 DE MAIO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 124

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria de Elogio Mutuo.....	
XIII — Raimundo Corrêa.....	L. DE MENDONÇA.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Pensando, soneto.....	R. OCTAVIO.
Presentimento.....	U. DUARTE.
Minha mãe, soneto.....	A. MENDES.
Notas philologicas.....	JOÃO RIBEIRO.
A Inglaterra e a Irlanda, pde-la.....	J. M. SILVA.
Discurso.....	L. DE LISIE.
Morta, soneto.....	J. M. C. MOURÃO.
Subsidios litterarios.....	G. BELLEGARDE.
Theatros.....	P. TALMA.
O conde Leão Tolstol.....	E. M. DE VOGUE.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Tractos á bola.....	FR. ANTONIO.
Correio.....	ENRICO.
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuacios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

No escriptorio d'esta folha compram-se, a 500 réis, axemplares dos ns. 56, 57 e 64 d'A Semana.

Achando-se promptos os indices das materias contidas no 2º volume (anno de 1886) d'A Semana, rogamos aos nossos assignantes que os desejarem a favor de os mandarem reclamar no nosso escriptorio.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e as que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, colleção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Damare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XIII

RAYMUNDO CORRÊA



Numa das muitas historias do formidavel corso que ensanguentou o começo d'este seculo, consigna-se, como interessante coincidência, que o capitão terrível veio á luz sobre uma tapeçaria em que havia um leão estampado. Raimundo Corrêa, o mais nervoso, o mais vário, o mais volúvel e agitado dos nossos poetas, nasceu ao mar.

Dir-se-in que, em vez das fadas da legenda, foi uma choréa de onttias que lhe veio gyrrar á volta do berço predestinado. E parece que uma lhe trouxe, para enlévo do olhar recém-nascido, ramos de coral, perolas e conchas de nacar, e ségredou-lhe ao ouvido:

— Ha de haver aos teus versos e vivo colorido mysterioso do fundo do Oceano!

E parece que outra lhe repetio um canto de serena namorada, que vinha de ouvir momentos antes, num érmo remanso coberto de luar, e murmurou-lhe com ineffavel ueguice:

— Ha de haver na tua poesia o encanto magico das melodias que são os poetas e os amantes, os doídos e os musicos podem ouvir nas solidões marinhas!

E, porque ha da haver em todo episodio humano uma sombra do mal e da desgraça, parece tambem que um genio maligno dos bysmos do Atlantico acercou-se do berço bemfadado e, traçando no ar, sobre a cabecinha innocente, umas espiraes cabalisticas, disse, por sua vez, num regougo sinistro:

— Tu tens de ser atormentado pelos diabinhos azues do tédio, tens de ser hypocondriac e sombrio, balougado pela duvida, desconfado de ti proprio e de todos!

Quem hoje conhece o brilhantissimo poeta das *Symphonias* — o melhor livro de poesin brazileira nestes ultimos annos, desde os de Varella e Castro Alves,

— sabe com quanta fidelidade se cumpriram os votos das ondinas; mas o do espirito máu, ai de nós! não foi tambem perdido...

Nascido aos 13 de maio de 1860, na bahia de Moguncia, aas costas do Maranhão, a bordo do vapor nacional *São Luiz*, Raimundo da Motta de Azevedo Corrêa, filho de um respeitavel magistrado, havendo-se graduado em direito na academia de S. Paulo, em dezembro de 1882, é actualmente juiz municipal e de orphãos e ausentes e da provedoria de capellas e residuos do termo de Vasouras, da provincia do Rio de Janeiro, onde, na bella convivencia de Lucindo Filho e Rodolpho Leite, seus predilectos amigos, distribue justiça ás partes e litteratura aos admiradores.

Ali foi que o conheci, eu como advogndo, elle como juiz. Na audiencia, solemne e grave como um ministro do Supremo Tribunal de Justiça; momentos depois, na sala do hotel, um companheiro adoravel.

Collabora hoje assiduamente no *Vasourense*, na *Semana*, na *Estação* e no *Diario Mercantil* de S. Paulo.

Tem apenas publicado dois livros de poesia, os *Primeiros Sonhos* (1879) e as *Symphonias* (1883); mas só por si, o ultimo d'elles bastaria a sagral-o poeta entre os primeiros de aossa terra.

Poz agora no prelo uma nova colleção, com o modesto titulo de *Versos e Versões*, que os conhecedores esperam com a avilez gulosa com que se esperam as finas delicias da arte.

Em estudante, fundou a revista *Ciencia e Letras* (1880), de que foi redactor com Augusto de Lima, Randolpho Fabrino e Alexandre Coelho, e na qual tambem escreveram Assis Brazil e A. Celso Junior; foi co-redactor da *Comedia*, de Valentim Magalhães, nos

ultimos dias d'ella, e do *Bohemio* (1881). Collaborou com outros na *Semana* e *Cartilha*, de Arthur Azevedo (1881).

Ahi está, em meia duzia de traços, lançados a cismo e sem arte, o esboço bio bibliographico do jovem, mas já grande poeta Raimundo Corrêa. Tem mais admiradores do que amigos, porque a sua indole, — posto que profundamente bondosa, — não é sympathica aos observadores superficiaes; estou quasi a afirmar que ainda tem mais invejosos do que admiradores, porque é um peregrino angenho de poeta, e raramente ha de encontrar a inveja onde ceve melhor us suas fomes caninas.

Ainda assim, tem meia duzia de amigos distinctos, e affeicadissimos — Gaspar da Silva, Lucindo Filho, Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, Valentim Magalhães e Alberto de Oliveira, — estes dois ultimos mais que todos os outros.

É incalculavel a altura a que póde ainda chegar o genio poetico do Raimundo Corrêa, se a nevrose que o atormenta e faz emmagraecer lhe deixar todos os annos de vida que se lhe devem desejar para maior gloria das nossas letras; se, porém, cessasse agora mesmo de escrever, tinha já feito jus, pelo que tom produzido, a figurar entre os melhores poetas brazileiros, ao lado de Gonçalves Crespo e de Varella.

Salvo melhor juizo, como se diz no remate dos pareceres forensees.

Valença, 22 de Abril de 1887.

LUCIO DE MENDONÇA.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Venho de jornadaar por as longes terras de S. Paulo. Palmilhei a capital da bella provincia, percorri Campinas, perlustrei Santos. E no tranquillo e doce remanso provinciiano d'aquellas cidades, onde apenas se ouve o leve rumor da republica embryonaria firmada nos *cavaignacs* dos Srs. Campoa Salles e Francisco Glycerio, — chegava-me confusa e vagamente aos oavidos o temeroso ruido das luctas da cõrte, dos escandallos partculares, das patifarias politicas, e dos chiffrins da imprensa.

Os chiffrins da Imprensa! Foi nestes ultimos dois mezes que en os pude apreciar melhor e que melhor pude observar o effeito que elles produzem lá fóra, onde o povo ainda se não habituou ás batalhas do lodo.

Não se imagina a impressõ que na provincia caasam as descabelladas, as quasi bocagianas descomposturas, os amontoados do vituperios, de convicios, de doestos, que os jornalistas flumiaenses trocam entre si, com estardalhaço, com fragor... e com lama!

Como sabiam que en tambem tinha um logarsinho de gramete nesta galéra, on, para ser mais justo, nestes saeviro de lixo, atormentavam-me com perguntas e queriam todos, jornalistas,

commo riantes, indistricas, que en lhos explicasse as causas dos continuos combates, e os illustrasse na comprehensao do vicio de origem que determina esta desmoralisacao, este deploravel rebaixamento do nivel moral do journalismo fluminense. A principio tentei imputar ao *Jornal do Commercio* a causa efficiente do facto; mas quasi todos, principalmente os alheios á vida da imprensa, protestavam contra a imputacao e accusavam os jornalistas moços, os rapazes da chamada *nova geracao*. Aqui protestava eu.

Entim, e sem que eu podesse espera-lo, vieram em meu auxilio os Srs. Quintino Bocayuva e Luiz de Castro, dois que não podem ser considerados da geracao nova, dois velhos dos que maior reputação de seriedade e de respeitabilidade gosavam no mercado da imprensa.

Devo confessar que fiquei satisfeittissimo com a polemica travada entre o principe das republicas e o velho das *Varizes*. Comprovavam ambos o meu nsserto e comprovavam-n'o sobejamente. Nessa polemica elles ultrapasaram todos os limites da conveniencia e do decoro; desceram ao insulto mais baixo e mais grosseiro, prometteram-se pancalhas e puxões de orelhas. Ad essa profundidade não desceram nunca os moços; nesse lodagal jámais se chafurdaram os da *nova*.

Fei um bom ensinamento para os povos. Ficou o exemplo do alto.

Eu o que fazia nos ultimos dias que andei por S. Paulo era pedir aos meus amigos que não me apresentassem a ninguem como jornalista do Rio; occultava quanto podia essa vergonha, e, quando a confissão era inevitavel, procurava ter graça, fazer espirito—porque eu ás vezes consigo liguir que tenho espirito e graça. Dizia, por exemplo, que a oblição da imprensa era devida unicamente á minha ausencia, que os collegas aproveitavam a occasião da minha viagem para sedizem os ultimos insultos á vontade; mas que, logo que eu voltasse a occupar o meu logar na isenta e fulgurante *Semana*, tudo mudaria; os animos serenar-se-iam e os collegas haviam de respeitar-me.

O leitor deve confessar que eu tinha muita graça. E se d'isso não está, por desgraça minha, convencido, deixe-me, ao menos, levar para o tumulo intacta esta illusão. Mesmo porque se me não deixar eu—racho-o!

E' preciso cuidado commigo...

Já li a *faça* do ministerio do imperio, vulgo "Fula do throno", mas parece-me tão insignificante como documento politico, que, em boa verdade, já me não lembro nem de uma palavra d'ella.

A ultima recomposicao ministerial tambem me não impressionou. Hontem, sexta-feira,—dia aziago, e 13,—numero fatal, deviam os novos ministros terem-se apresentado ás camaras. Não sei se o fizeram: o Sr. Cotegipe nada me participou e eu estou furiado com o ministerio recomposto. Se elle não se apressar em dar-me uma satisfacao sera dentro em pouco um ministerio decomposto. Vou wandar-lhes as minhas testemunhas.

Agora, com franqueza, meu bem amado leitor: Tu, que não mudas de casa, que não vaes viajar, que não te casas, não morres nem inicias negocios em sexta-feira; Tu, que não és capaz de ir morar numa casa que tenha o me-

mero 13, que não almocaa, nem jantaa, nem ceiaa estando 13 pessoas á meza; com franqueza, dize-me, leitor não superstitioso mas cauteloso, se acreditas que se aguenta um ministerio que se vae apresentar ás camaras em uma sexta-feira, que é, além d'isso, o dia 13 do mez. Dize-me com sinceridade e lealdade a tua opinião, leitor damnado, pelas suissas do Sr. Rodrigo Silva! pelo *cavaignac* do Sr. Mac-Dowell!

Dos novos ministros, aquelle que me inspira mais fé e merece mais a minha confiança é o Sr. Castrioto. Esse sim, vae fazer o diabo na Marinha. S. Ex. já revelou em tempo aptidões especiaes para aquelle ministerio, e, entre as provas da sua incontestavel capacidade, posso apontar a redução das passagens que em tempo custavam 200 réis e que S. Ex. conseguiu reduzir a 100 réis até ao ponto onde demora a pittoresca vivenda de S. Ex. Este facto, pelo seu profundo alcance social e administrativo, constitue por si só uma garantia das especiaes habilitações do illustre parlamentar para o ministerio da marinha.

Eu escrevo aqui os meus parabens ao cruzador *Almirante Barroso* e ao brigue-barca *Itamaracá*.

Por mais que espremesse as folhas da semana não consegui tirar d'ellas nada que razoavelmente podesse ser enfeitado pela minha rhetorica para uso e gosto dos leitores d'*A Semana*.

Houve ainda a apresentação ao Senado do projecto de lei de casamento civil obrigatorio, elaborado pelo Sr. Taunay, com um artigo do Sr. de Cotegipe; e ha a molestia de S. M. o imperador.

Mas o projecto do Senado ainda não entrou em discussão e o estado do imperial enfermo, segundo as ultimas informações dos medicos, continua a ser—*satisfactorio*.

Eu não sei para quem seja satisfactorio o actual estado de saude do imperador. O que posso afirmar é que o não deve ser para S. M.

Estado satisfactorio seria o estado de saude plena e completa. Se um medico me viesse dizer a mim, estando eu doente, que o meu estado era satisfactorio eu dir-lhe-ia immediatamente:—Satisfactorio vá elle!—servindo-me da energica e pittoresca expressão popular.

Estou convencido que S. M. precisa quanto antes de uma extrema e violenta operação cirurgica: a extracção radical e absoluta do Sr. Barão da Muimotta.

Façam esta caridade ao imperial enfermo e verão como elle fica em dois dias são como um pero, capaz de ir tornar a ver as *sorocas* de S. Paulo e a fazer-lhes versos de suicia com o Sr. Saboia e outros celebrados vates da academia de medicina.

Leitores pios! acceitae *sans rancune* as piadas e conservae a sympathia que lhe vetaas e que abundante vos retribue o

FILINDAL.

Depos de noites de luctiva um dia
Fite á missa, a *voez* contricta e calma;
—Que tao ao menos te a'oa, eu reflectia,
Das teu corpo ao D'us e a bens tua alma—

De Campaamor)

PENSANDO...

A EMILIANO PERNETTA

Pensando ás vezes na existencia, digo
Aos sonhos meus:—que faz na terra o poeta?
E' vida a vida que elle passa, a inquieta
Alma sem crenças, alma sem abrigo?

—Que tristemente a meditar comsigo
Levo os olhos, entregue á luz secreta
Do ideal que o tortura, á proflucta
Musa implorando amor, grande mendiga?

Pergunto e encaro tristemente a vida
Do poeta, o triste que ama, incomprehendida
Alma, cheia de lyricos ideaes,

Alma onde a magoa unicamente nasce,
Que ri, porque se acaso elle chorasse,
Vendo-o chorar, ri-se-lam d'elle os mais.

RODRIGO OCTAVIO.

PRESENTIMENTO

Digam os moralistas o que quizerem; escrevam os senhores publicistas o que entenderem sobre as modificações que as dōres e as provações da vida introduzem em um caracter; eu cá estou convencido de que quem é bom por natureza o será sempre, apezar de todos os pezares; como tambem penso que o *máu sangue* de um malvado nunca poderá ser attenuado pelos mil vicissitudes do convívio social.

La herencia es la ley!

Dona Altina é a demonstração viva do primeiro asserto.

Morreu aos sessenta e quatro; desde a mais tenra juventude que os seus familiares, parentes, famulos, escravos visinhos e estranhos a consideravam a mais doce e a mais meiga das creaturas; sendo por isso appellidada—a *bósinha*.

Prestes a exhalar o ultimo suspiro, o seu carcomido semblante era illuminado pelo mesmissimo sorriso de resignação e de bondade que a acompanhou durante a existencia inteira; sorriso que parecia nascer no imo do coração para vir abrolhar á flor dos labios como duas petalas cahidas.

Esta melancholia ingenta e incuravel, cujas origens residiam no amago imprestrutavel da sua natureza delicadissima, não a puderam extinguir nem a idolatria do esposo, nem a extremada sympathia que inspirava a todo o mundo, nem o amor dos filhos, nem o bem estar material, nem a inalteravel placidez de que fruiu durante alguns annos da sua vida.

Mas é que aquella tristeza tinha raizes mysteriosas no aeu coração de mulher—esta Africa central do organismo humano, que embalde os viajantes mais intrepidos e mais sagazes tentam explorar completamente. Ha sempre nelle regiões virgens e inacessiveis á penetracção dos romancistas e dos poetas.

No de D. Altina, de extrema sensibilidade e pureza, havia um arçal súfuro e deserto onde a trechos perpassavam bandos negros de aves agoureiras, tocadas pelo simoun funesto que traz deante de si sepulturas volantes.

Elle não padecia por causa de amores infelizes, nem por ambições decepcionadas, nem por saude precaria. Viveu longos annos, só amou a seu marido e nunca afagou ambições.

Soffria porque tinha o inexplicavel presentimento das grandes desgraças com que a sorte inclemente havia de triturar-lhe, e porque antes-sentia as garras da Fatalidade cruel e brutal a dilacerarem-lhe fibra por fibra o coração amantissimo.

Seu marido era commerciante da praça da Bahia, o lisongeiras pareciam as suns condições. Maa teve a infeliz idéa de admittir como socio de *industria* um seu compadro e intimo amigo, que transformou o equilibrio da casa com especulações mal succedidas. Noto de passagem que quasi todos os negociantes laboriosos e honrados encontram sempre um socio « compadro e amigo intimo » para lhes illaquear a boa fé.

Raposo teve de fazer uma vingem ao centro da provincia a vér se renlisava a cobrança de algumas dividas. Mas em vez do dinheiro de que precisava, voltou ao cabo de cinco mezes trazendo de lá os primeiros indícios de um terrivel molesta, contrahida por contagio nas margens do rio S. Francisco—a *morphéa*,

D. Altina, que por cartas já sabia da doença do marido, recebeu-o com duplicado amor e carinho.

Quando vin de perto as horriveis deformações que a lepra ia causando, não recua de horror nem proferio uma unica palavra de espanto; apenas se lhe desabrochou á flor dos labios brancos o triste, o mystorioso, o eterno sorriso que lhe imprimia ao semblante singular expressão.

Desde então transformou-se em enfermeira sollicita e amavel.

Raposo não sabia mais de casa.

O *compadre* e *amigo intimo* aproveitou-se da circumstancia para arranjar uma fallencia adequada, a qual reluzio o enfermo a uma situação visinha da miseria.

Dous annos depois, os tuberculos que desfiguravam medonhamente o semblante de Raposo, entraram na sua phase verdadeiramente repugnante.

Apezar de seus instantes pedidos, D. Altina não quiz a separação de leitos. Fez-lhe constante companhia, prodigalizando-lhe tantos carinhos e desvelos, que os proprios familiares oppunham-se a tão perigosa obstinação.

Final uma febre hectica levou-o, e D. Altina ficou na viuvez, tendo a seu cargo tres filhos, e pobre... Contava 43 annos de idade e fóra casada durante 21.

Uma filha, a primogenita, desposára um negociante amigo do pae quando este ainda passava por ser rico.

Dos outros dous filhos, o maia velho, depois de cochluir o seu primeiro anno medico, morreu no naufragio de um aaveiro, em uma excursão de pescaria, que em companhia de um amigo fizera á barra da Bahia. Foram colhidos pela noite, durante a qual desencadeou-se terrivel borrasca, que fez sossobrar a fragil embarcação. Este sinistro succedeu uns quinze mezes depois do fallecimento de Raposo.

Já a este tempo D. Altina vivia em companhia da filha casada, á qual auxiliava, não só com os seus serviços pessoais em diversos misteres domesticos, mas tambem com o producto de pequena renda proveniente de um seguro de vida.

Quanto ao filho mais moço, com este ainda mais infeliz fóra. Deade os 7 annos que começara a dar indícios de

um genio singular e extravagante. Fugiu da casa materna e ausantava-se durante um a dois dias; mas em vez de andar em traquinada de rua com garotos, fedelhos, titia e mononnia de visitar egrejas. Entrava em todas aquellas que encontrava abertas e, se estavam fechadas, o pobresinho apoeilhava-se no aldr, fazia tres vezes o signal da cruz e beijava o chão equal numero de vezes. De uma feita foi desoberto na capellinha de um suburbio, distante cerca do quntro leguas da capital. Morto de fome e de fadiga, o pequerrucho persignava-se febrilmente e a muito custo foi transportado para casa. Esta monomania religioza agravaou-se e complicou-se com a cizade.

Contrariado no seu fervor mystico, vigiou em todos os momentos, os symptomas de vesania foram-se accentuando, apparecendo a trechos accessos de loucura furiosa.

Tornou-se necessario rebegal-o a um aposento seguro do prelio, onde sua mãe e sua irmã fizeram-lhe companhia, revezando-se mutuamente.

Não se pôde imaginar quadro mais desolador e pungente do que o daquelle desgraçada mãe, com o rosto melancolico apiaado nas mãos, com as palpebras ensanguentadas, silenciosa, a contemplar durante longas horas esquecidas o seu filho atorralo, em cujo olhar clarissimo e vago nehavia-se estampada a perda completa da razão.

O estado frequente do louco era calhar de joelhos e bulbuicjar orações desconexas; mas em certos momentos esta beatidade era cortada por uma exaltação phrenetica; atravava-se então ao collo de D. Altina, chorando copiosas lagrymas, fazendo-lhe carinhos excessivos o tornuras suffocantes. Por divorsas occasiões esteve prestes a estrangulala e o faria, se aos gritos da mulher, não acudissem pessoas de casa.

Falou-se em internal-o numa casa de sande; ouvindo isto, o rosto de D. Altina, que semelhava um lago de pranto gelado, tornou-se pavorosamente livido. Uma perola de agn lho rolou pela face cavada. Como Eloá da lagryma de Christo, esta lagryma cahindo no coração do um poeta ali faria gerar a estatua da Resignação e da Dor.

Mis tendo-se aminda to as tentativas de estrangulamento, com a agravante de serem feitas a noite, quando a mãe dormia em seu leito, urgente foi transportal-o a uma casa de loucos.

II. Altina viveu ainda alguns annos.

O mais curioso d'este singular typo de mulher, é que nunca proferiu uma queixa de quem quer que fosse, jamais lançou a mais ligeira imprecação ás cruzas do destino. Foi sempre a mesm; de uma caridade infinita para todos os soffrimentos, e uma inexgotavel indulgencia para as faltas dos outros.

Avizinhandu-se a morte, o que mais a preocupava era o incommodo que o seu enterro daria ao genro, porque é preciso lembrar que D. Altina era sogra.

Extinguiu-se nos braços da filha, e o seu ultimo suspiro foi aquelle triste, aquelle mysterioso, aquelle eterno sorriso que abroldu a flor dos labios descolorados como um folha murcha de cypraste.

URBANO DUARTE.

MINHA MÃE

Não foi de Christo a pura mãe serena,
A carinhosa mãe Immaculada,
Não subiu ao Calvario, a sercha pena,
Não lhe curvou a fronte annuviada;

Sua face de cõr d'uma aguçena
Nunca o pranto molhou que a inolatrada
Mãe derramou na pavorosa scena
Do lugubre Calvario aniquilada;

Entanto quando a via a sus resando
De mãos postas, nem sei se soluçando,
Ante o seu Christo de marfim pequeno,
Julgava a doce luz da minha vida,

A minha santa mãe extremecida,
A abençoada mãe do Nazareno.

1887.

ARTHUR MENDES.

NOTAS PHILOLOGICAS

Os derivatos numerus constituem talvez o maior desespero dos sematologistas; é quasi impossivel acompanhar a fãta do numero pelos casuos logares que ella frequenta.

Quem diria que as palavras *monge, mosteiro, caderno, sesos*, contem os radicnes dos numeros um, quatro e seis? A collaboração das diferentes linguas ajuda a complica a serie de factos que se refere aquella categoria.

Aqui apenas vulgarizo alguns factos ainda obscuros para a maior parte do publico, e a estes ajunctarei o traço subsidio das minhas observações pessoais.

A palavra *ponche* (bebida) significa literalmente: cinco. Vejo-nos do zenil ou persu na forma *panj* — cinco. Os inglezes deram a esse vocabulo a transcripção phonetica *punch*. O *ponche* compunha-se de cinco ingredientes: o chá, a cannella, o limão, o açúcar e a aguardente. A palavra originaria *panj* é do mesmo radical do grego *penté* que se observa nos compostos *pentapole* (cinco cidades) *pentecostes* (quinquagesima) etc.

Foi ainda do numero cinco que se proliferou, por intermedio do latim, o vocabulo *quinta*. No acampamento dos exercitos romanos entre a quinta e sexta legiões ficava a *quitana* onde jazia o mercade com suas vivandeiras. De *quitana* o francez por metathese formou *quinte* (1) e d'alli, me parece, o portuguez moldou o seu termo vernaculo *quitanda*.

De ha muito certifiquei-me de que o vocabulo *corja* nos tinha sido legado pela India, e esta palavra ocorre frequentes vezes nos historiadores das descobertas portuguezas. Ora, na lingua *Conani*, a originaria, *corj* ou *corja* significa literalmente *rinte*. Uma corja de ladrões são positivamente vinte ladrões, em todo o rigor etymologico do vocabulo. Tal era o uso antigo que ainda se verifica em Moraes: um *corja* de seda, eram vinte peças d'aquelle tecido.

Foi o nosso muito vernaculo *rinte* que den origem ao verbo *finitar* (2). *Finitar* é levantar a contribuição seguindo a unidade *rinte*, da mesma sorte que *decimar* indica o imposto do typo decima, *disna*. Tal é o meu humilde parecer.

Na indagação das origens numericas, conven não esquecer as apparencias phonicas, muitas vezes de oppostos valores morphologicos. O elemento *bis* (duas vezes) tão intuitivo e apreciavel em *bisculito*, *biscoccos* em *caso* (vejo), *bis-oculos* tem outro valor morphico e, gr. em *bismutho*. Nesta ultima palavra, é sabido, acham-se conglomrados os dois elementos germanicos *weis-muth* branco-designado que caracterisam a coloração da substancia alludida.

JOÃO RIBEIRO.

(1) A opinião de *stappes*, pela derivação do italiano *Canocetta*, é evidentemente absurda. V. M. Bréal *Dicc.*

(2) Constanço da etymologia *finitar*, possivel, mas em desacordo com a significação do vocabulo.

A INGLATERRA E A IRLANDA

FABULA

Dizia arvore gigante
Com vaelade e moço branco,
A' franzia e triste planta
Que nasceu-lhe ao pé do tronco:

— Ah! se eu não era, innocente,
Quem te-levrara da morte
Quando esbraveja inclemente
Louco e desgrenhado o Norte!

Supplé que ao desabrigo
Minha mãe não te proteja,
Se por a sua on-cizade
O céu á terra apestreja.

Assim o pobre conchegava-se
A quem pra seus males olhe
Tem a grande arvore chego-se
A boa sombra se acolhe.

Não sei no entanto o que alutejas
Mas bem vejo que deffinas:
Será, ingrata, que invejas
E aspiras as glorias minhas?

Porem que queres, pequena?
A mim que sou grande e forte,
Coubes-me esta extensa arena,
A ti essa humilde sorte.—

— É certo, responde a planta:
A quem dizes bem o sei;
Porem somente me espanta
Esta tão barbara lei.

Contudo, mesmo supposto
Que por bondade me acolhas,
Sinto languescer-me a rosto,
Como esmoia, as secas folhas.

Não tenho um palmo de terra
Que orvalho e chuva recelha:
Sou como rdeas de guerra,
Sou como escravo da gheila.

Causassem-me embora a morte
Da natureza os rcores;
Quizera as lutas do Norte,
Porem arruicadas e dar flores.

O que tem que te conserve
Esse teu altivo essendo;
A protecção que serve
Se ar e luz roubas-me, tudo?

Queo antes nestes paradas
Ficar no verde da alfombra,
Sem teu auxilio, sem nada,
Pois mata-me a tua sombra.

J. DE MORAES SILVA.

Discurso de Leconte de Lisle

AO TOMAR ASSENTO NA ACADEMIA FRAN-
CEZA COMO SUCCESSOR DE VICTOR-HUGO.

Os *Chatiments*, senhores, são e s rão sempre uma obra extraordinaria em le a colera, o enternecimento, a indignação, a elegia e a epopéa se desenrolam com uma eloquencia inauilita; onde a accumulção, incessantemente varinda, das imagens, o luxo das formulas, dão á invectiva uma fór. multiplicada e no poema da *Espiação*, em particular, uma impulsão terrivel. Nem as *Tragicas* de Agrippa d'Aubigné, nem os *Lambes*, de Chénier e de Barbier attingiram uma tal energia. O *Uro* das *Contemplações*, por outro lado, grave, espirital, philosophico, meditativo, de uma inspiração complexa, misturadas vozes innumeraveis de natureza as dores e ás alegrias humanas; porque,

es Victor Hugo soube vibrar todas as cordas da alma, elle não tambem *ver e sentir*, o que é mais raro do que *sentir*.

Os sentimentos ternos, as delicadezas mais subtile a quem, passan lo por uma alma forte, sua expressão deffinitiva é e por isso que a sensibilidade dos poetas viris é a unica verdadeira. Tenho eu necessidade, senhores, de lembrar as innumeraveis provas que nos deu d'esta opulencia particular a seu genio? O verso, cheio de força e plen for, do maior dos Lyricos, ornava-se, quando elle o quer, de uma grãcia e de um encanto irresistiveis. V. Hugo não só dava vida ao que elle concebía, ao que via, ao que ouvia, mas tambem ao que é obscuro na alma e vago na natureza. A planta, a arvore, a fonte, o vento, o mar, a montanha, a fadiga, o choro, e sonham na sua poesia, que nos revela o sentido mysterioso dos mysterios universaes.

Appreheu a *Legende des Siècles* e consagrou para sempre, com applausos unanimes e entusiasticos o genio e a gloria incontestada do grande Poeta, não só, com effeito, versos admiraveis, de uma solidéz e de uma força sem egual, de uma largueza a um tempo fascinadora e correctea, como tudo o que escreveu Victor Hugo, que tambem um grammatico infallivel.

As *Cancões das ruas e dos bairros*, o *Anno terrivel*, as duas ultimas *Lequadas*, o *Arte de ser arto*, o *Papa*, a *Pied de Naprema*, *Reliquia a religião*, o *Anno*, *Torqueuada*, os *Quatro* e *Uros do espirito* succederam-se com pequenos intervallos. E' ver laboramente impossivel, senhores, analysar e louvar aqui como conviria, est as multiplicadas obras onde o inexhaustivel genio do Poeta se desabrota sempre com a mesma demencia e a mesma força. *Torqueuada*, todavia, menos na d'um senso que um poema dialogado, offerece uma concepção particular que, por não ser de uma theologia exacta não deixa de ser original. Certamente, queimando nos milhares suas miseras victimas, o verdadeiro *Empoemada*, o grande Inquisidor do decimo quinto seculo, não cuidava de guals á beatidade celeste. Positiva e unicamente em extormentadas, d'indolentes sobre a terra um ante-gosto das chimas eternas. Porém Victor Hugo, desenvolveu a sua estranha concepção com tanta arte, tanta eloquencia e colorido, que devemos agradecer-lhe, em nome da Poesia, o ter prestado esta caridade terrivel a este insensato cruz que hauria o solo da humanidade na imbecillidade de uma B-monstruos.

Desle os brilhantes tompas de sua erudicão, e juntamente com os seus poemas e seus romances, que são outros tantos poemas, lutado, como já era, de uma actividade fabulosa, o tempo mais devia au quantar. Victor Hugo revelava em seus dramas uma accão e uma linguagem theatras novas.

Com effeito, senhores, *Hernani*, *Mario Delorme*, *Le Roi s'amuse*, *Ruy Blas*, *Les Burgraves*, suscitaram por muito tempo singularissimas objecções. O alcor do estylo e a eloquencia lyrica dos personagens pareciam aos adversarios do poeta o unico merito e por vezes o defeito fundamental de suas obras tão cheias de situações dramaticas. A censura de sacrificar o estudo dos caracteres e a verda le historica ás phantasias da imaginação, se justa? Não terá sido sempre permitido aos poetas tragicos ir buscar á historia largas molduras onde a sua inspiração pessoal pode desenvolver-se livremente? A multi-licenthusiastica que se acotovellos hoje nas representações d'estos bellos dramas não se sentirá porventura emocionada e encantada? E quanto á sua substancia, não considerá, ella, segundo a observação de um eminente critico, no desenvolvimento tecnico de todos os nobres motivos que determinam a accão: a honra, o heroismo, a dedicacão, a lealdade, o valherresca?

Os *Burgraves*, cujo insuccesso fez o grande Poeta renunciar para sempre ao theatro, são de uma outra ordem e de uma ordem superior. Estamos aqui em presença de uma trilogia Escylianha, de uma tragedia epica, cujos principios personagens são maiores que os naturaes e se movem em um mundo titanico. Nunca Victor Hugo fez representacão sobre a scena mais magostas e mais altas palavras. São versos altos e marmoreos, de uma fadiga soberana, dignos de exprimir as paixões

ferozes dos velhos cavalleiros gigantes do Reno.

Disse eu, senhores, que os seus romances eram poemas tambem; e, com effeito, se a magia do verso lhes falta, a amplitude da composiçao, a riqueza de uma lingua original, enérgica e brilhante, a creação dos typos antes que a analyse dos caracteres individuais, lhes dão direito a este titulo. Era humanamente impossivel que Victor Hugo deixasse de ser poeta um só momento, embora o quizesse. Não serão duas epopéas a Nossa Senhora de Paris e os Miseraveis, um mais regularmente composta, mais condensada, a outra espessa, complexa, excessiva, entrecortada de admiraveis episodios? Nossa Senhora de Paris, injustamente criticada por Goethe, ficará como uma viva reconstrução archeologica e historica.

A outra epopéa, a dos Miseraveis, foi escripta em época mais adiantada de sua vida, durante os annos do exilio, ninos immortaes que produziram tantas obras primas, e em que seu pensamento trabalhava mais especialmente pelo destino dos desherdados e das victimas da civilização.

Os Trabalhadores do Mar. O Homem que ri, Noventa e tres appareceram successivamente. As mesmas belezas de imaginação, de originalidade e de estylo se encontram a cada linha. Quem não se recorda da caverna submarinha onde Gilliat encontra o polvo, d'esta maravilhosa visão do grande Poeta? A infinita riqueza da lingua, o exquisto encanto, a delicadeza ferica das nuances e das sensações, fazem d'estas paginas um mysterioso e ideal encantamento. E, no Homem que ri, que de quadros estranhos, medonhos, magnificos; as convulsões do enforcado estremecendo, sacodido pelo vento da noite lugubre, atacado pelos corvos esfaimados e que elle espanta com os seus bruscos movimentos; a tempestade de neve, Gwynplaine, errando no palacio deserto, e a scena admiravel e monstruosa do supplicio na prisão! Noventa e tres, emfim, não será um poema cujos heróes são typos do dever aatisfeito, do sacrificio sublime, figuras symbolicas antes que nomenes, tão grandes são?

Taes obras, senhores, sempre lidas e admiradas sempre, permittidas embora cartas reservadas respeitadas, consolam, so é possivel, da epidemia que avassalla actualmente uma certa parte da nossa litteratura e contaminou os ultimos annos de um seculo que se abriu com tanto brilhantismo e proclamou tão ardentemente o seu amor pelo bello; quando illustres poetas, eloquentes e profundos romancistas, poderosos auctores dramaticos, aos quaes não deixarei de prestar a homenagem que lhes é devida secundavam a actividade gloriosa de Victor Hugo. Porém se o desdem da imaginação e do ideal se instala impudentemente em muitos espiritos obstruidos de theorias grosseiras e doentias, a seiva intellectual não está sem duvida esgotada; e muitas obras contemporaneas, altas e fortes o provam. O publico que lê não tardará a regeitar com desprezo o que elle hoje acclama em sua cega predilecção. As epidemias d'esta especie passam e o genio fica.

Victor Hugo não nos deixou somente o trabalho prodigioso que nos offereceu em vida á nossa admiração. A publicação successiva das obras primas posthumas transforma a nossa admiração em uma sorte de assombro sagrado, em presença de uma tal força de creação. Dir-se-ia que elle nos quiz dar a prova da immortalidade sempre fecunda de seu genio além da vida terrena, como elle se comprazia em affirmar segundo as suas convicções philosophicas. Toda a verdadeira e alta poesia contem com effeito uma philosophia, qualquer que ella seja, aspiração, esperança, fé, certeza, ou renúncia reflectida e definitiva do sentimento da nossa identidade sobre- vivente á existencia terrestre. Este renúciamento porém não podia ser admitido por Victor Hugo, que como foi dito do grande orador da Constituinte, estava tão fortemente na posse da vida.

Sua philosophia, a que se encontra no fundo de todos os seus poemas, radica-se a um tempo no pantheismo e no deismo. Para elle, Deus, era ás vezes o Ser infinito, indeterminado, o mundo intellectual e o mundo moral, a natureza inteira, a vida universal com seus males e seus bens; outras vezes Deus

distinguia-se dos seres e das cousas, affirmava sua personalidade, queria, ngia, determinava os pensamentos e os actos, produzia as catastrophes physicas, exalçava os fracos e punia os oppressores, encarnando-os de novo nns formas ns mais abjectas da animalidade ou nas da materia inerte. Ora, Deus segundo o Poeta, sondo todo justica e todo bondade e as almas por elle creadas não se perdendo nom se corrompendo pela ignorancia da verdade, ignorancia involuntaria ou infingida, quiz que todas fossem chamadas, se o desejassem, á rehabilitação definitiva; sua immortalidade porém é condicional, e muitas dentre ellas são condemnadas ao aniquilamento completo.

Tal era a creença de Victor Hugo. Toda a sua vida elle foi o evocador do sonho sobrenatural e das visões apocrypticas. Embeddou-se do eterno mysterio. Desdenhou da sciencia que pretende explicar a origem da vida: não lhe concedia mesmo o direito de tentalo e neste ponto prendia-se, no que pensava, aos dogmas arbitrarios das religioes reveladas. Acreditou beber na sua fé profunda em uma força infinita, remuneradora e clemente, a generosa compaixão que o animava pelos fracos, pelos desherdados, pelos miseraveis, pelos proscriptos aos quaes tão nobremente offerecia um azylo; julgava do seu dever cantar em palavras sublimes a belleza, a grandeza e a harmonia do mundo visivel, como os esplendores pacificos da humanidade futura, e não queria reconhecer que simente devia sua magnifica concepção do bello ao seu proprio genio, como seus rasgos de bondade e de vasta indulgencia ao seu proprio coração. Mas que importa! Esta fé, feita de deslumbramentos, abriu ao grande Poeta o horizonte illimitado onde a sua imaginação abyssinava. Foi a geratriz e a razão de suas obras primas.

Que poderei eu mais dizer, senhores? No curso de sua longa vida atravessada por tantas ardentes luctas litterarias e politicas, de grandes dores, e sobretudo em sua velhice veneravel, quieta e sorridente, Victor Hugo recebeu a recompensa devida ao mais illuminado genio lyrico que tem sido dado aos homens applazdir. O mundo civilizado em massa lhe rendeu uma homenagem unanime. O profundo e lugubre pensamento de Alfredo de Vigny: « A vida é um accidente sombrio entre dous somnos infinitos », tão verdadeiro quanto possivel, não perturbou seus derradeiros momentos. Morreu cheio de vida, cheio de gloria, cheio de luz, rodeado pelo respeito universal, aureolado pela suprema illusão, levado triumphalmente ao Pantheon por um milhão de homens e legando ás edades futuras uma obra e um nome immortaes.

Trad. de ALFREDO DE SOUZA.

MORTA!

(AO INSPIRADO POETA DR. PEDREIRA FRANCO)

Tloba o seu rosto envolto em negra - tranças
Uma expressão fiel de castidade,
E su'alma ao voar á eternidade
Deixara-lhe o sorriso das crianças.

Repousavam qual par de pombas mansas
Os seus seios, fieis á virgindade,
Nnu peilo onde o furor da tempestade
Não destruiu a calma das bonanças.

Com ella vi fugir as utopias,
Vi sumir-se o meu sol nas serranias
Do longinquo horizonte do passado:

Extinguira o destino que me opprime
N' aquellos olhos negros como o crime
O seu brilho macta e avellandado.

JOÃO M. C. MOURÃO.

(*) O auctor d'este soneto, correcto e mimoso, é um menino filbo de Minas Geraes e que, contando ape as 14 annos de idade, já fez com brilhantismo todos os seus preparatorios e revêla a har de vivo e complexo talento prodigioso memoria, enorme applicação ao estudo.

X. D. R.

SUBSIDIOS LITTERARIOS

O Sr. commendador Guilherme Bellegarde vas fazer entrega ao conceituado livreiro Luiz de Faro do originaes do segundo volume dos seus Subsídios Litterarios, que tão apreciados têm sido. O primeiro volume tem 33 artigos; o segundo terá 67, sendo outro o methodo adoptado na disposição das materias, de fórma a facilitar a consulta, pois que cada escriptor é tractado em especial capitulo.

A obra será completada por um indice onomastico dos auctores, que abrangerá todos os citallos no decurso d'ella. A gentileza do illustrado e esclarecido auctor dos Subsídios devemos o prazer de publicar hoje uma parte do capitulo do segundo volume, dedicado a Raymundo Corrêa, em que se pulverisa a ballela em que tem sido elle accusado de haver plagiado de Gautier o seu admiravel e famoso soneto d'As pombas.

Ella, essa pagina inédicta, que é, a um tempo, preito ao grande poeta das Symphonias e á verdade:

« Ha uma composição poetica altamente apreciada, a primeira das Symphonias, que tem sido iniquitada com a taxa de plagio!

Arguição injusta e infundada! As pombas, tal o titulo da composição a que alludimos, de Raymundo Corrêa, trazem, é certo, á memoria. Les colombes de Theophilo Gautier; mas os formosos versos do poeta brasileiro podem, quando muito, representar inconsciente producto de assimilação litteraria; de modo algum plagio dos bellos versos do poeta francez!

Esta verdade realta, triumphante, do confronto d'As pombas, primoroso soneto de Raymundo Corrêa, com as esmeradas quadras de Theophilo Gautier, Les colombes.

Nestas *comme elles (les colombes)*

Des blancs essaïms de folles visions
Tombent des cieux en palpitant des ailes,
Pour s'envoler des les premiers rayons;

n'aquelle, as pombas voltam, em revoada, e os sonhos.

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombas as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais.

Eis as quadras de Theophilo Gautier:

LES COLOMBES

Sur le coteau, la-bas où sont les tombes,
Un beau palmier, comme un pauvre vert,
Dresse sa tête, ou le soir les colombes
Vientent nicher et se metre a couvert.

Mais le matin elles quittent les branches:
Comme un collier qui s'égrène, on les voit
S'éparpiller dans l'air bleu, toutes blanches,
Et se poser plus loin sur quelque toit.

Mon âme est l'arbre où lous les soirs, comme
elles,
Des blancs essaïms de folies visions
Tombent des cieux en palpitant des ailes,
Pour s'envoler des les premiers rayons.

Eis a notavel traducção, na mesma forma metrica, por Alberto Pimentel:

AS POMBAS

Na collina dos mortos, entre os tumulos,
Ergue a bella palmeira a verde pluma
E á tarde as mansas pombas de az is candidas
Vão aninhar ali, uma após uma.

De manhã, quando o sol desperta rutilo,
As brancas pombas vão, cortando o ar,
Como um solto colar no azul ethereo,
Longe do ninho um tecto procurar.

Minha alma é como a solitaria arvore
Onde enxames de loucas illusões
Poisam á noite. Fugitivos hospedes,
Vão-se cõa luz as pombas e as visões.

E eis, finalmente, o soneto de Raymundo Corrêa:

AS POMBAS

Vão-se a primeira pomba despertada...
Vão-se outra mais... mais outra... outras
dezenas
De pombas vão-se doas pombas, apenas
Rala, saugúinea e fresca a madrugada.

E á tarde, quando a rigida mortada
Sopra, aos pombas de novo ellas, serenas,
Ruifando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoadas...

Tambem dos corações onde aboatam,
Os sonhos, um por um, celeses voam,
Como voam as pombas dos pombas;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombas as pombas voltam
E elles aos corações não voltam mais...

Verdade, verdade. Se plagio houvesse, seria caso de se dizer: mais valio a copia que o original! Seja levado nosso desassombro á conta, embora, da incompetencia: expressamos o que intimamente sentimos.

GUILHERME BELLEGARDE.

SPORT

As corridas do Prado Villa Isabel, que deviam realizar-se no domingo passado, foram muito acertadamente transferidas para o dia 23 do corrente.

O núo estado do ensilhamento e da raia, devido ás grandes chuvas da vespera e do dia deram motivo a esta transferencia.

O programma annunciado, visto de correr mais do oito dias do prazo estipulado, ficará nullo e abrir-se-á nova inscripção, para a qual desejamos feliz exito.

Realisa amanhã o Jockey Club a sua primeira corrida d'este anno, apresentando-nos um esplendido programma formado por sete pareos perfeitamente preenchidos por parceiros de força que deverão tornar bem interessante a luta, principalmente nos pareos — experiencia e internacional — onde estão alistados animaes muito superiores. Os demais pareos estão regularmente constituídos e esperamos que sejam bem disputados.

A vida do programma ser importante nos animamos a emitir a nossa opinião relativamente aos vencedores cuja probabilidade nos faz ter confiança e sinceridade em apresentar os seguintes: 1º pareo — *Druid*; 2º pareo — *Cantanière*; 3º pareo — *Esmeralda*; 4º pareo — *Daybreak*; 5º pareo — *Sibylla*; 6º pareo — *Scylla*; 7º pareo — *Odaliska*.

L. M. BASTOS.

Passados vinte annos, etc
E ella encontraram-se... Atroz mudança a d'elle e d'ella!

— Meu Deus! Pois este é aquello? !
— Deus meu! Pois esta é aquella? !

(De Campoamor)

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Com grande numero de espectadores subiu á scena na noite de 6 do corrente, neste theatro, a *Francillon* de Dumas Filho.

Esta nova comedia do laureado

actor do Demi-Monde, da Princesa Jorge e de outras joias semelhantes, a usso var, não é mais que um amon-tado feliz de scintillantes dialogos, monologos e colloquios habilmente preparados para effeito.

Dumas filho na Francillon trata de um caso de adultério por parte do marido e poderia tranquilamente se não fosse assentar os alicerces de sua obra em terreno falso, imaginario e ideal.

Não se pode desprezar inteiramente a verdade, a observação, o estudo, a vida, o meio social, enhora para realce de situações dramaticas, quando se pre-tende tratar, como na Francillon, de um caso especial de adultério e pouco notado pela sociedade.

E' facto, quo raras escriptores drama-ticos se têm dedicado ao estudo do coração humano tão oporosamente como o illustre dramaturgo; mas este estado de Dumas, consagrado unica-mente á parte affectiva e apaixonada do coração, é sacrificado em seus tra-balhos pelo seu grande poder de crear e pelo seu modo especialissimo de ver; cousas estas que o arredam da verdade, mantendo as suas grandes scenas em uma atmosphera de phantasias e de pura pyrotheica de palavras.

Ninguem como Dumas possui em tão subido grau a magia de habilmente apposar-se, irritar, ferir e dominar, até, a entimentalidade de um auditorio por mais selecto e vario que seja. O elemento ostranio á verdade que se deforma pelas peças do grande drama-turgo, como na Francillon, é o tal quid mysterioso, enigmatico, que em uma occasião da elle, em uma situação intel-ligentemente preparada, inflamma nas platéas o onthueiasmo, a commoção, o arroubo e disparta discussões mais ou menos calorosas e offorce varios modos a analyse de seus trabalhos.

Os personagens de Dumas são um mixto de homem o ideal. Apparece-nos como conhecidos nossos, como tipos que acotovelamos todos os dias na sociedade, que encontramos em todos os salões, em todos os cafés, mas que Dumas não trépida em sacrificar, em deshumanisar, em pô-los fóra da vida, fazendo-os, para puro effeito de momento, donadores de seus proprios senti-mentos de afeição, dignidade e de honra. Para exemplo citaremos este Luciano da Francillon, que, offendido brutalmente em sua honra e pela pro-pria confissão da esposa, depois de um momento de raiva em que tenta estran-gula-la, trava alogrement, descaldada-mente, com um amigo, uma conversa-ção que nada tem com a sua honra mas com a vida de uma mulher do demi-monde.

Isto pôde ser tudo, menos humano. Não ha homem algum que ferido ne-quiullo que compromette a sua reputa-ção, os seus hrios, o seu nome, a sua familia, como a honra, segundos depois de uma offensa, em vez de reparar-a, cuide de cousas puramente banes e estranhas á sua situação melindrosis-sima.

E já que envolvemos aqui esta ana-lyse de um dos principaes personagens da Francillon, cuidemos de repidamente esboçar os tipos de quo se orna a nova comedia de Dumas.

Francine, o primeiro vulto da peça, é uma mulher intelligente, viva, apaixo-nada, amando loucamente o marido e que, obedecendo ás circumstaancias que lhe determinaram o ciuime, torna-se auctora de todas as loucuras, de todas as paixões e não se esquiva de engen-drar todos os meios no seu alcance para incultr no afinho do esposo que ella lhe é infiel. E' este um dos tipos mais sym-pathicos de Francillon. Thereza, sua amiga intima, é uma phantasia de Dumas. O marquez, pao de Luciano, é um personagem impossivel; haja vista o seu procedimento: quando o filho pede-lhe conselhos, elle conta uma his-toria que lhe algures e sem comparti-lhar da offensa que lhe macula o nome porque enlameia o do filho, vem calma-mente, despreoccupadamente jogar o ixiú com Thereza!

Stanislau de Grandredon é outra criação de Dumas e, para cumulo, he-untado de um scepticismo extrava-gante. Annete, heffa e graciosa rapa-riga, é cercada de todos os titulos que são a melhor recommendação para uma mulher fazer-se querida, amada e esposa. Até esta o Sr. Dumas Filho não poupo. Symeux é um personagem sym-pathico e verosimil.

Ahi estão os personagens mais dis-

tinctos da Francillon e todos elles se movem á acção do enorme talento de Dumas dentro do limite de um enredo que se synthetisa nestas palavras: Uma mulher que é iludida pelo marido, e que julgando os seus direitos egueses aos d'elle fallou acreditar que o iludido, que lhe é infiel.

O desempenho que a troupe Dias Braga deu a esta nova comedia de Dumas foi satisfactorio. Ismonia no papel de Francine mostrou-se a actriz conscienciosa e distincta,comquanto entendamos que ella podia dispor de mais arte no seu papel. Leolinda no de Thereza foi muito bom. Helena no de Annete representou perfeitamente. Dias Braga manteve-se com muita correc-ção. Muita venceu com distincção as escabrosidades do seu typo; fe-lo com agrado geral. Maggiolini, sempre o ar-tista correcto e distincto, interpretou bellamente o seu papel.

Os demais artistas concorreram na altura de suas forças para o bom des-empenho da Francillon.

A peça está bem vestida e o scena-rio é de grande effeito.

E' de esperar que a Francillon con-tinue por muito tempo a dar boas casaa á empresa do Recreio.

Isto é que desejamos, francamente!

S. PEDRO DE ALCANTARA

A empresa da Phenix Dramatica ro-presentou neste theatro, no subbado ultimo, uma nova peça intitulada O Milagre de Nossa Senhora da Penha.

Este drama é da natureza dos que têm dialogos apaixonados, cores, scenographias spectaculosas, navios, incen-dios, situações commoventes, em-blem tudo que agrada a um certo nu-mero de espectadores que se deliciam com peças semelhantes e que são ami-gos das grandes seasoções.

O Milagre de Nossa Senhora da Penha está bem montado e encenado. A em-presa não poupo sacrificios para apre-sentá-lo ao publico dignemente.

O desempenho muito agradou; e é de presumir que ainda por muitas noites será O Milagre de Nossa Senhora da Penha alvo de freneticos applausos e fonte de bellissimas receitas.

SANT'ANNA

Esteve muito concorrido o beneficio do estimado actor Simões, dado na terça-feira, neste theatro, com um es-collido numero de trabalhos. A Grèze recitada pelo projecto actor agradou immensamente.

LUCINDA

O Gallo de Ouro continúa a ser a deli-cia dos seus habitués. Todas as noites eucho so na sala do Lucuida. Poderá! Boa musica, deliciosa letra, magnifico dessimpenho!

P. TALMA.

Ensiar a quem não tem a carioei-dade de aprender é semear um campo que não se arou.

Ruy Barbosa.

O CONDE LEÃO TOLSTOI

(TRADUÇÃO DE ALCEBIADES FURTADO)

O conde Leão Nikolaiévitch tem hoje 56 annos. Sua vida apparente nada presta ao interesse romanesco e tem sido quasi a de todos os gentis homens russos; no campo, na casa paterna, depois na universidade de Kazan, rece-beu essa educação de mestres estrangeiros que dá ás classes cultivadas o cosmopolita.

Entrado para o serviço militar, passou alguns annos annos no Caucaso em um regimento de artilharia; trausferido, a

sua reassignação, para Sebastopol, quando rompeu a guerra da Criméa, sustentou o memoravel cerco, descobriu-lhe a phy-sionomia em tres narrações caracteris-ticas: Sebastopol em Dezembro, em seu tour d'esprit Maio, e em Agosto.

Demissionario na paz, o conde Tolstoi viajou, viviu em S. Petersbourg e em Moscow, em seu meio natural, viu a sociedade e a corte como vira a guerra, com esse olhar attento e implacavel que reteu o fundo das cousas, arranca as mascaras e atravessa os corações.

Depois de alguns invernos de vida mundana, deixou a capital, diz-se, para escapar ao perigo dos corrinhos litterarios que o queriam alistar. Pelo anno de 1850, casou-se e com o seu patrimonio se retirou para perto de Ioussa; dali não sahio du-rante vinte e cinco annos. Folia a historia d'essa vida e a de um pensa-mento trabalhando sem descanso sobre si mesmo: venho nascer, leitar a sua auctura e confessar suas primeiras agoras, na autobiographia mal térmi-na, daquelle que o escriptor intitulou: Infancia, adolescencia, mocidade; nos lhe seguiremos a evolução em seus gran-des romances: Guerra e Paz e Anna Karen-na; ella termina a ella, como o poeta prevê, nos escriptos theologicos e mo-raes que absorvem, na alguns annos, to-la a actividade intellectual do roman-cista.

I

Se não me engano, a primeira compo-sição do escriptor, então official no Cau-caso, foi a novella ou antes o fragmento de romance publicado mais tarde sob este titulo: «Os Cossacos». E' a menos systematica de suas obras; por ven-tura a que melhor trahe o melhor origi-nal de que se precorre de seu espirito, o dom de ver e de pintar a verdade unica-mente. Os «Cossacos» marcam na data litteraria a separação definitiva da poetica russa do hyronismo e do roman-tismo.

Se lúzulo, como tantos outros, pela montanha de innoc, Tolstor—isto é, Olemine, o heroe dos «Cossacos» creio bem que é um, — parte de Moscow uma bella noite, depois do jantar de adeus, com os camaradas da sua mocidade. Rendo pelo mal do civilisado neste tedo eterno que passou no sangue e se transmitiu de geração em geração, Olemine lança a traz de si os pensamentos habituaes como uma vestimenta usada; a troika o leva para o desconhecido, sonha a serenidade da vida primitiva, novos sensações, novos amores. E' ainda a alma byroniana; Lermontaf teria podido escrever este prologo; mas esperae! Eil-o, o nosso viajante, installado em um dos pequenos postos cossacos perdidos em grandes destacamentos sobre o Rio Térek; adoptou a existencia dos novos amigos, partilhou suas expedições e caças; um velho montanhez que leuira de perto o Meia de couro de Fennimore Cooper, se eucarrejou de sua educação.

Naturalmente Olemine se enamora do Muriane, a filha dos seus hospedeiros. Como Tolstoi remogaar este Oriente gasto a força de uso? D'um modo bem simples dando-lhe a figura verdadeira e natural.

As visões lyricas dos seus antepas-ados substituem a vista philosophica das almas e das cousas.

A figura desta pequena asiatica mys-teriosa e feroz como uma loba nova, é desenhada com relvoo extraordinario; appello para todos que têm viajado o Oriente e contacta a falsidade dos typos orientaes fabricados pela litte-ratura europeá; estes vão achar nos «Cossacos» a evocação emprehendente d'este outro mundo moral.

Panteismo e pessimismo taes pare-cem ser, ao começo, as duas tea-lencias sympathicas entre as quaes oscilla o espirito de Tolstoi.

« Tres Mortos », o fragmento cuja tra-dução dei algures, nos offorce o re-sumo d'esta philosophia: o mais feliz, o melhor, é o que pensa menos, o que morre mais simplesmente. Sob este ponto, o rustico vale mais do que o senhor, a arvore mais do que o rustico, e a morte de um carvalho é para a criação uma tristeza maior do que a morte d'uma velha princesa. E' a palavra de Rousseau amplificada o homem que pensa não é somente um animal deprava-do, mas uma planta afcada. O pan-theismo, porém, é ainda uma tentativa de explicação racional do mundo: o nihilismo vae em breve fazer-lhe jus-

tiça. O monstro já deverou todo e in-terior d'esta alma, sem que ella mesma tivesse bem consciencia d'isso. Facil nos é convencermos em todas as notas in-timas redigidas entre 1851 e 1857 e re-unidas sob o titulo — Infancia, adoles-cencia, mocidade.

E' jornaal do despertar de uma intel-igencia para a vida, não de todo o se-gredo da formação moral de Tolstoi. O autor ensaa sobre a propria consciencia esta analyse penetrante, inexoravel que circumvagará misterie na sociedade; lança inito le si mesmo antes de o fazer aos outros.

Curioso livro, longo e insignificante por vezes, osekura é rapido ao fado do escriptor russo, narra-lo a mais vul-gar das viagens de campo em Moscow. Tolstoi conta as voltas á roda de ar-arrogem, não nos perdoia um attaho, um poste kilometrico. Mas esta observação doentia, fastidiosa, quando se liga á insignificancia torna-se um instrumento maravilhoso quando se applica á alma e se chama psychologia. São projec-ções de luz sobre o foro intimo, sem alguma fraqueza para o amor proprio; o homem se vê e pinto feio, com todas as tolas vaidades, ingratitude, des-confiança, scepticismo melancolico; acharemos mais tarde esta grande nos principaes personagens dos outros romances e sua natureza não terá mudado.

O nihilismo e o pessimismo—são ne-cessarios suas palavras, e uma po le ir sem a outra?—inspiram a partir d'osta época todas as produções de Tolstoi, as pequenas novellas com as quaes prefudia os romances de largo folego. Uma d'ostas é intitulada: Felicidade em familia; é o estudo da degração dos sentimentos que leva dois esposos de amor e amizade. O longo começo, um pouco monotono, mas no fim, a verdade, a simplicidade do qualro dá uma impres-são pungente de melancolia, pela força da oria reflectida sem um incidente roman-cesco.

V. DE E. M. DE VOGUE.

FACTOS E NOTICIAS

Raymundo Corrêa, o apreciado e que-rido poeta das Symphonias, completou hontem 27 annos de idade.

Ao nosso illustre collaborador e pri-moroso cultor das letras desejamos, de coração, longos e dilatados annos de existencia.

COLLEGIO ABILIO

Este importante estabelecimento de educação completa amanhã o seu 4º anno de existencia. Para commemorar tão faustos anniversario o Dr. Abilio Borges, seu dignissimo director, habil-mente organisou uma festa collegial que promete ser deslumbrante.

Depois de uma pequena estada nesta capital, partio hoje para S. Paulo o distincto e apreciado poeta Dr. Eze-quiel Freire.

Está actualmente em Valença o di-rector d'esta folha, Valentim Magalhães, que regressará á Corte na terça ou quarta-feira.

De volta da sua viagem a S. Paulo, acha-se na Corte o nosso compa nheiro Filinto d'Almeida.

TENENTES DO DIABO

Não retroceder e não parnar—é a divisa dos homens da Caverna. Por isso lá estaremos hoje para nos deslum-brarmos com as sorpresas que se pre-param para o baile d'esta noite.

Foi nomeado gerente nesta corte, da New York Life Insurance Company o Sr. Roberto J. Kinsman Benjamin.

FALECIMENTO

Falleceu ante-hontem, com a idade de 75 annos, o Sr. Braz Carneiro Nogueira da Costa Gama, conde de Baependy.

O fallecido era um cidadão respeitavel e conceituado. Dedicou-se ao serviço publico do paiz e exercen varios cargos de confiança; foi presidente das provincias do Rio de Janeiro e Pernambuco; actualmente exercia o importante cargo de presidente do senado. S. M. o imperador agraciou-o com diversas condecorações.

O finado era senador pelo Rio de Janeiro.

TRATOS Á BOLA

As minhas energicas piadas do sabado ultimo só accudiram os meus estimadissimos tapetudos Valerius Madilena e Pepe... Cabe ao primeiro o promettillo premio.

Eis as decifrações: —Numero, Assasinado, Apologista, Ruivaca, Bacamarte e Sardaupalo.

Para hoje offereço-vos as seguintes praticas, de uma facilidade es canfalosa:

NOVISSIMAS

2-2. Vem depressa que a ave anda por aqui. 1-1-1. Homem, este animal come-se mas pode matar.

LOGOGRYPHO (POR LETRAS)

«Minha terra tem palmeiras—6, 4, 5, 6. «Onde canta o sabão—5, 1, 3. «As aves que aqui gorjeiam—4, 3, 4, 2, 3, 4. «Não gorjeiam como lá. «Nosso céu tem mais estrellas. «Nossos prados têm mais flores. «Nossos bosques têm mais vida, «Nossa vida mais amores.

ENIGMA ROMANO

6 101 0 107 Irmão do crime.

ANTIGAS

I No throno—2 Cantando—2 Nos ares Voando. Oidivo. II Levai á parede—1 Com esta porção—2 O tal pantaloão. Meu bom leitor, véde, Que á gente se aprega E após isto prega.

E concluo prometendo um premio especuluo-drífico ao primeiro decifrador. Agora, accitae a minha benção e que Deus vos dé saúde, patacas e... e mais não disse.

FREI ANTONIO.

CORREIO

— Sr. A. Valmy. A sua poesia Forget me not não traz nada de novo. Ainda se fosse só isto... mas tem versos errados, e hoje poesia sem metrificacão é uma calamidade tamanba como uma algarbeira vasia ou como uma orchestra de clarinetes desahinados.

— Sr. Amaral Junior. O seu soneto Atorada seria publicavel se fosse feito com mais algum cuidado.

— Sr. Mario Delsol. O seu soneto D. João pecca somente por ser um pouco fraquinhoho. Contudo terá o prazer de vel-o na Collaboração.

— Sr. K. Belludo. O Sr. daria mesmo no vinte, se, em vez de assignar-se cabelludo se assignasse P ludo. A sua poesia Sep. vel-a não é poesia, não é nada; é simplesmente uma miseria.

Feliz me consideraria se acabasse o resto dos meus dias Sem vel-a. Em todo o caso como é offerecida ao Sr. Silvio Romero... tem toda a desculpa.

— Sr. Napoleão R. Sinto muito, mas se o meu amigo já alguma vez cantou victoria tem de ficar desta encalhado na Ilha de Santa Helena. Os Waterloo, meu caro senhor, não são para os cães, são mesmo para os Napoleões. Tenha paciencia, portanto. Olite, o seu soneto A ***, começa bem, mas acaba deploravelmente. E tanto começa bem que vou dar aqui a 1ª estrophe:

« Eu quero tão somente vel-a. Vel-a E' todo o meu desejo. Sim, eu quero Estar ao pé d'aquella imagem bella Morrer-lhe aos pés, de amor ardente e puro.»

Para encerrar um soneto que tão belamente mostra a cara, só uma chave de ouro; mas infelizmente o Sr. só teve uma chave de ferro... e enferrujada; que outra cousa não é este verso, o ultimo, do seu soneto:

«Eis o meu ser... Amar...soffrer!!!...E' duro.»

Realmente, é duro como um prego.

— Sr. L. A. D'esta vez, sim, lavrou um tento. A nova edicção do seu soneto, correctea e emendada, va e para a Collaboração. Está satisfeito?

— Sr. L. de A. Brundão. O seu soneto — Meu paé — é sentido; por isso, não obstante fraquejar um pouquinho num ou noutro verso, va e, contudo, ter a mesma sorte do soneto do seu visinho do andar de cima o Sr. L. A. Não fossem os Srs. charás.

— Sr. Heitor Vasco. O seu soneto Noute de chuva apresentou-se não descalço e com a cara suja como alguns, mas sim encasacado e enluvado, digno enfim, de entrar na Collaboração. Esta repartição está já transbordante de frequezas, por isso não promettemos que haja de lá entrar; além de que o meu amigo fechou mal o seu alias bem regular soneto, dizendo:

« em quanto vejo Dos olhos na retina a tua imagem.»

Na retina de que olhos? dos seus proprios! Então o Sr. vé na retina ou com a retina dos seus olhos?

E' verdade que póde ver na retina dos seus proprios olhos, mas com auxilio de um espelho; mas a imagem que nelle póde ver não é a d'ella: é a sua.

ENRICO.

RECEBEMOS

— Revista Illustrada n. 456. Boas caricaturas Traz a continuação das aventuras do Zé Caipora e um bello texto.

— Brazil Illustrado—n. 8. Muito bono e variado.

— A Penna — n. 1. Periodico quinzenal, litterario e noticioso que acaba de apparecer em S. Paulo. Vida longa e venturosa.

— O Labor n. 1 Jornal que appareceu em Antonina, sob a propriedade de uma associação. Descjamos-lhe auspiciosissima existencia.

— Tratado Pratico da Fabricação do queijo e da manteiga, acompanhado de um tratado sobre as vaccas, cabras e carneiros. Edição muito chic, ornada de muitas gravuras.

— Revista Mensal do Club de Engenharia, anno 4, n. IV (abril.)

— Revista do Ensino, n. 10 (Ouro Preto) sempre util e interessante esta revista.

— Parpas, reedición definitiva e completa pela casa David Corazzi, de Lisboa.

Occupar-nos-emos d'esta grande obra em artigo especial.

— These inaugural do Dr. Alvaro Alvim, disserta sobre t'rebre typhoide.

— Da casa Heori Nicoud os ns. 16 e 17 do Salon de la Mode e O II. 199 de Les Annales.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia do S. Paulo.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, no. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio o optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho— Minas.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

Importal Fabrica de Cerveja e aguas minores—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores do machinas e appparelhos para lavoura—Schuberl Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Soverino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbo-se gratuitamente de causas de libordade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojociro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua do S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

Dr. Cyro de Azevedo.—Becado. Das 10 ás 4 horas.—Becado, Cancellias n. 2.

TOILET CLUB

RIO DE JANEIRO 107 Rua do Cuvidor.

PAVIMENTO TERREO

SMOKING ROOM

Esplendida sala para fumar, leitura de jornaes e felhas illustradas do paiz e estrangeiras

LUNCH ROOM

Cervejas, Chopps, Vinhos, Licores e refrescos variadissimos, tudo de primeira qualidade

SHOOTING GALLERY

Vistoso bosque e gruta para tiro ao alvo

PAVIMENTO SUPERIOR

Deslumbrante salão para barbear, cortar cabellos, lavagem da cabeça, aparar a barba e frisar

PERFUMARIAS

Engraxe-se calçado

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C. 66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA SEGUNDA CORRIDA

A REALIZAR-SE

QUINTA-FEIRA, 19 DE MAIO DE 1887

A's II e 3, 4 horas

11 3/4 horas—1º pareo—Cosmos—1.000 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

Nº.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Dr. Jenner.....	Zaino.....	1 ans	R. da Prata	52 kil.	Grénat e ouro.....	J. G.
2	Charibles.....	Castanho..	4 »	Inglaterra..	51 »	Encarnado e preto.....	Coud. R. de Janeiro.
3	Peruana.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e amarello.....	J. M. da Rocha.

12 1/2 horas—2º pareo—Initium—1.000 metros—Poldros e poldras de meio ou puro sangue, nacionaes, de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Corcovado.....	Castanho..	2 ans	R. de Jane..	47 kil.	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
2	Guará.....	Zaino.....	2 »	S. Paulo...	47 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
3	Esmeralda.....	Castanho..	2 »	Idem.....	46 »	Ouro, mang. e boné azul.....	Idem Alliança.
4	Berenice.....	Alazão.....	2 »	R. de Jane..	48 »	Ouro e branco.....	Idem Fluminense.

1 1/4 hora—3º pareo—Longruber—1.450 metros—Animas estrangeiros até 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Amazonas.....	Castanho..	3 ans	Inglaterra..	49 kil.	Azul e amarello.....	L. & C.
2	Pancy.....	Zaino.....	3 »	R. da Prata	49 »	Encarnado e ouro.....	V. M.
3	Phenicia.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra..	51 »	Enc., mang. azul-claro.....	Coud. Brasileira.
4	Castiglione.....	Zaino.....	3 »	França.....	49 »	Azul e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
5	Remise.....	Preto.....	3 »	Idem.....	47 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.

2 horas—4º pareo—Excelsior—1.450 metros—Animas do paiz até 3 annos, de meio ou puro sangue—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Plutus.....	Castanho..	3 ans	S. Paulo...	51 kil.	Azul, branco encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Rondello.....	Donradilho	3 »	Idem.....	51 »	Azul e grénat.....	Luzaro & Lima.
3	Blair Athol.....	Alazão.....	3 »	R. de Jane..	51 »	Azul, enc. e boné preto.....	F. M.
4	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo...	53 »	Verde, branco e enc.....	Coud. Excelsior.
5	Argentino.....	Castanho..	3 »	R. de Jane..	51 »	Grénat e lyrio.....	D. A.

2 3/4 horas—5º pareo—Derby-Club—1.000 metros—Animas do paiz—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Talisman.....	Alazão.....	5 ans	S. Paulo...	56 kil.	Azul, branco e enc.....	Coud. Cruzeiro.
2	Diva.....	Idem.....	4 »	R. de Jane..	56 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Regina.....	Donradilho	4 »	S. Paulo...	50 »	Azul e grénat.....	Coud. Paraizo.
4	Boreas.....	Castanho..	4 »	Idem.....	60 »	Encarnado e preto.....	Coud. R. Janeiro.

3 1/2 horas—6º pareo—Rio de Janeiro—1.750 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.500\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

1	Satan.....	Castanho..	4 ans	França.....	51 kil.	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
2	Salvatas.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Idem.....	Idem.....
3	Phrynéa.....	Castanho..	4 »	Inglaterra..	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

4 1/2 horas—7º pareo—Progresso—1.600 metros—Animas nacionaes de meio-sangue—Premios: 600\$ ao primeira, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Druid.....	Tordilho..	4 ans	R. de Jane..	60 kil.	Encarnado o branco.....	O. Junior & Lopes.
2	Biscail.....	Aluzão.....	1 »	S. Paulo...	50 »	Azul e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
3	Nicoity.....	Castanho..	4 »	Paraná.....	54 »	Azul e amarello.....	Coud. Luzitana.
4	Intima.....	Idem.....	5 »	S. Paulo...	54 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
5	Paulicea.....	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Enc. branco e ouro.....	Coud. Paulista.

5 horas—8º pareo—Seis de Março—1.450 metros—Animas do paiz, de meio sangue, que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

1	Zephyro.....	Aluzão.....	3 ans	S. Paulo...	49 kil.	Azul, branco e enc.....	Coud. Cruzeiro.
2	Jenny.....	Vermelho..	4 »	Idem.....	50 »	Vermelho e boné preto.....	J. Lemos.
3	Marengo.....	Idem.....	6 »	Idem.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
4	Chapeco.....	Castanho..	3 »	Paraná.....	49 »	Branco e estrellas azues.....	Coud. Guanabara.
5	Caporal.....	Alazão.....	1 »	S. Paulo...	52 »	Grénat e boné branco.....	Coud. Integridade.
6	Lancaster.....	Idem.....	3 »	R. de Jane..	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
7	Baccarat II.....	Gateado..	4 »	S. Paulo...	52 »	Azul e branco.....	F. J. C.
8	Aldaco.....	Donradilho	4 »	Idem.....	52 »	Grénat e perola.....	F. Vaz.
9	Moudego.....	Castanho..	4 »	Idem.....	52 »	Azul e amarello.....	Coud. Luzitana.
10	Pretoria.....	Libano.....	6 »	Idem.....	52 »	Azul e havana.....	A. C.
11	Ou lim.....	Tordilho..	3 »	Idem.....	47 »	Azul e amarello.....	José M. da Rocha.

OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. proprietarios dos animas inscriptos ao primeiro pareo o obsequio de terem os mesmos no ensilhamento as 11 1/2 horas.

MÁRCOS DE MELLO, 2 Secretario interino

EMULSÃO DE SCOTT

DE OLIO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA Tisica, bronchites, eccepthulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, deluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

É muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 83, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pódo ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA EXTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encommeudas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

A Chapellaria Ingloza—Este importante estabelecimento, o primeiro deste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes e ao publico que retiron da alfandega as ultimas novidades em superiores chapéos inglozes. Rua do Ouvidor, 130.

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourivos, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 81, do meio-dia ás 2 horas.

JOCKEY-CLUB

GRANDES CORRIDAS NO PRADO FLUMINENSE DOMINGO 15 DE MAIO DE 1887

1º pareo—A's 12 horas—**Ferreira Lage**—1.400 metros—Animas de meio sangue—Premios: 700\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Pellos	Edades	Naturalidades	Pesos	Córes das vestimentas	Proprietarios
1	Biscaia.....	Alazão.....	4 annos...	S. Paulo.....	50 kilos...	Azule ouro.....	Coudelaria Santa Cruz.
2	Douro.....	Idem.....	6 » ...	Rio de Janeiro.	54 » ...	Verde e ouro.....	Idem Independencia.
3	Rondello.....	Douradilho.....	3 » ...	S. Paulo.....	50 » ...	Azul e grénat.....	Lazaro de Lima.
4	Druid.....	Tordilho.....	4 » ...	Rio de Janeiro.	52 » ...	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & L.

2º pareo—A's 12 3/4 horas—**Experiencia**—1.000 metros—Animas estrangeiros de 2 annos—Premios: 700\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	Cambrone.....	Alazão.....	2 » ...	França.....	50 kilos...	Azul, branco e encarnado.....	Coudelaria Cruzeiro.
2	Caucaniere.....	Castanho.....	2 » ...	Idem.....	49 » ...	Ouro, mangas e boné azul...	Coudelaria Alliança.
3	Ormonde.....	Zaino.....	2 » ...	Idem.....	50 » ...	Perola e faixa grénat.....	A. Vianna.
4	Indio.....	Castanho.....	2 » ...	Rio da Prata...	50 » ...	Azul e grénat.....	F. J. C.
5	Fire Queen.....	Idem.....	2 » ...	Inglaterra.....	49 » ...	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
6	Visiere.....	Alazão.....	2 » ...	França.....	49 » ...	Azul marinho e paiha.....	J. P. de Castro.
7	Gentleman.....	Castanho.....	2 » ...	Inglaterra.....	50 » ...	Enc. e mangas azul claro.....	Coud. Brasileira.

3º pareo—A' 1 1/2 hora—**Criterion**—1.000 metros—Animas nacionaes de 2 annos—Premios: 700\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Berenice.....	Alazão.....	2 annos...	Rio de Janeiro.	49 kilos...	Ouro e branco.....	Coudelaria Fluminense.
2	Esmeralda.....	Castanho.....	2 » ...	S. Paulo.....	51 » ...	Ouro, mangas e boné azul...	Idem. Alliança.
3	Galléo.....	Zaino negro.....	2 » ...	Rio de Janeiro..	50 » ...	Branco, mangas e boné bavana	Idem.
4	Guará.....	Zaino.....	2 » ...	Paraná.....	50 » ...	Vermelho.....	Idem. Mirim.

4º pareo—A's 2 1/4 horas—**Animação**—1.400 metros—Animas estrangeiros de 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Siva.....	Alazão.....	3 annos...	Inglaterra.....	48 kilos...	Azul e ouro.....	Coud. Hannoveriana.
2	Africana.....	Zaino.....	3 » ...	Rio da Prata...	48 » ...	Verde e ouro.....	D. Olga Lopes da Costa.
3	Gabier.....	Idem.....	3 » ...	França.....	50 » ...	Grénat e rosa.....	S. Maior.
4	Daybreak.....	Idem.....	3 » ...	Inglaterra.....	50 » ...	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
5	Remise.....	Preto.....	3 » ...	França.....	48 » ...	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
6	Phénicia.....	Alazão.....	3 » ...	Inglaterra.....	48 » ...	Enc. e mangas azul claro.....	Coud. Brasileira.
7	Amazonas.....	Castanho.....	3 » ...	Idem.....	50 » ...	Azul e ouro.....	L. & C.

5º pareo—A's 3 horas—**Guanabara**—1.600 metros—Animas nacionaes de 4 annos e mais—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Sybilla.....	Zaino.....	4 annos...	S. Paulo.....	54 kilos...	Azul e branco e encarnado....	Coudelaria Cruzeiro.
2	Diva.....	Alazão.....	4 » ...	Rio de Janeiro.	50 » ...	Ouro e branco.....	Idem. Fluminense.
3	Macaréo.....	Idem.....	5 » ...	S. Paulo.....	51 » ...	Azul e ouro.....	Coudelaria Santa Cruz.

6º pareo—A's 3 3/4 horas—**Internacional**—1.400 metros—Animas estrangeiros até 4 annos—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Conpon.....	Alazão.....	4 annos...	França.....	52 kilos...	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 » ...	Rio da Prata...	52 » ...	Grénat e ouro.....	J. S.
3	Scylla.....	Castanho.....	4 » ...	Inglaterra.....	50 » ...	Preto e encarnado.....	Coud. Rio de Janeiro.
4	Le-Loup.....	Zaino.....	4 » ...	França.....	52 » ...	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
5	Walter.....	Douradilho.....	4 » ...	Inglaterra.....	52 » ...	Grénat e rosa.....	S. Maior.
6	Kissingen.....	Castanho.....	4 » ...	França.....	50 » ...	Ouro, mangas e boné azul...	Coud. Alliança.
7	Charibydes.....	Idem.....	4 » ...	Inglaterra.....	50 » ...	Encarnado e preto.....	Coud. Rio de Janeiro.
8	Daybreack.....	Zaino.....	3 » ...	Idem.....	50 » ...	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
9	Peruana.....	Idem.....	4 » ...	Idem.....	50 » ...	Azul e amarello.....	José Martins da Rocha.
10	Madama.....	Castanho.....	4 » ...	França.....	50 » ...	Ouro e preto.....	F. Schmidt.

7º pareo—A's 4 1/2 horas—**Xpiranga**—1.400 metros—Animas nacionaes de 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Castanho.....	3 annos...	S. Paulo.....	50 kilos...	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Galgo.....	Zaino.....	3 » ...	Idem.....	50 » ...	Grénat e rosa.....	S. Maior.
3	Dandy.....	Vermelho.....	3 » ...	Idem.....	52 » ...	Perola e faixa preta.....	F. Vianna.
4	Odalisca.....	Pampa.....	3 » ...	Idem.....	48 » ...	Verde, branco e encarnado....	Coudelaria Exceçtor.

O pareo **HANDICAP** deixa de realizar-se em virtude de for-falts.
Os proprietarios dos animas inscriptos pela primeira vez, devem estar preparados para o cumprimento do art. 8º doCodigo de Corridas (exame de idade.)
Secretaria de Jockey-Club, em 10 de Maio de 1887.

C. FERNANDES, 2º Secretario.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 21 DE MAIO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 125

REDACÇÃO E GERENCIA—RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
«A Semana».....	Galeria do Elogio Mutuo—
XIV—Lucio de Mendonça.....	R. CORREA.
Historia dos sete dias.....	FILINTO.
Flor de roman, soneto.....	H. DE MAGALHÃES.
G. Dias e C. Alves.....	F. A.
Juncto dos tens, soneto.....	F. D'ALMEIDA.
Discurso de Alex. Dumms filho.....	CARLOS LUIZ.
Soneto.....	E. FREIRE.
«Lyrica» de Filinto d'Almeida.....	A. PUJOL.
A confissão de um deos.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	PONSARRIN.
Theatros.....	E. M. DE VOGUE.
A Villa Alegre.....	ENRICO.
O conde Lido Tolstoi.....	L. M. BASTOS.
Correio.....	FR. ANTONIO.
Sport.....	
Traction á bola.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

No escriptorio d'esta folha compram-se, a 500 réis, exemplares dos ns. 56, 57 e 64 *A Semana*.

Achando-se promptos os indices das materias contidas no 2º volume (anno de 1886) d'*A Semana*, rogamos aos nossos assignantes que os desejarem o favor do os mandarem reclamar no nosso escriptorio.

A SEMANA

Por nos ter sido entregue demasiado tarde para ser inserida neste numero, só o poderá ser no seguinte a *Gazetinha Medica* do poseo illustrado collaborador Dr. Salen, a qual se occupa com o diagnostico e operação do abcesso de figado ultimamente feita pelos Drs. Pedro Afonso e Barbosa Romou e com a apreciação de alguns trabalhos medicos recentemente publicados.

A REDACÇÃO.

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XIV

LUCIO DE MENDONÇA



Quando, em 1878, cheguei á bella e saudosa Paulicéa, estavam ali na plena efflorescencia de seu talento Affonso Celso Junior, Theophilo Dias, Magalhães Castro, Valentim Magalhães, Assis Brazil, Augusto de Lima e outros. Lucio de Mendonça já lá não estava, que se havia formado a 27 de Novembro do anno anterior.

Não restavam d'elle senão recordações as mais vivas e o rastro coruscante da sua passagem. Lembravam-se todos ainda da revolução academica de 1872; e as janellas do antigo convento de S. Francisco, com os caixilhos esbandalhados, ainda accusavam mudamente os revoltosos que tinham tido o capricho audaz de lhes bordar os vidros a pedradas.

Lucio fizera parte, fora um dos chefes até, d'aquelle motim, e lhe custara isso uma gravissima injustiça, que não vale a peun lembrar aqui.

Tinha sido um rebelde, um exaltado, affirmavam muitos; pertencer a ao «Club Republicano» na sua epoca de mais febril agitação. A elle e a mais cinco demagogos, distinctos companheiros seus, é que Ezequiel Freire enviára, capeando os quatro reis de um barallio de cartas, o conhecido e chistoso soneto *Comedores de Reis*, onde lhes dizia:

« Sois uns Trimalcyões de estomagos perversos,
« Que ingeris ao almoço um Rei, outro ao jantar!

O que eu sei, porem, em que péze a dura e descommunal austeridade dos lentes da Academia, é que estes tiveram de aproval-o tres vezes com distincção em annos consecutivos, caso

pelo menos rarissimo, se não virgem até então.

Por isso é que todos, amigos ou adversarios, eram concordes n'um ponto:—em que, entre os mais distinctos estudantes, a primazia era d'elle, do Lucio, e ninguém ousava disputal-a.

Nenhum expriniria esse facto melhor do que o fez, mais tarde e em poucas palavras, Assis Brazil, valente escriptor rio-grandense, affim com elles nas ideas e nos sentimentos:

« No seu tempo havia uma questão de que ninguém se occupava: a de saber quem era aqui o primeiro. Todos sabiam que era Lucio de Mendonça.» (1)

Deixado os baacos academicos, não seria possivel a Lucio de Mendonça contentar-se com estar apto para as lides infecundas da advocacia e com ser um bacharel como todo o mundo; e, pois, fóra, tem continuado até o presente a sua faina sagrada.

Passando-se para a provincia de Minas, na Campanha levantou as suas tendas, e ali, durante seis annos, redigiu brilhantemente o *Colombo*, jornal cuja notoriedade chegou até ao recinto do senado, onde, a proposito de um facto politico de alta importancia, foram citadas por Christiano Ottou suas opiniões.

No *Colombo* publicou elle em folhetins,

(1) *Bohemio*, jornal illustrado, de S. Paulo, redigido por Valentim Magalhães, Ezequiel Freire e Raymundo Correa— n. 11—1881.

reunindo-o mais tarde em volume, o seu notavel romance *O marido da Adultera*, cujo thema encerra questões de subido interesse social.

Não ha força, não ha energia que se equipare com a de um espirito sinceramente convencido. Por esse motivo é que Lucio, não obstante todos os contratempos da fortuna, nunca deixou de persistir firme no seu velho posto e cheio das mesmas aspirações patrióticas, que bebiera de mistura com o primeiro leite da instrução.

Nunca mais abandonará elle, em momento sequer, essas peregrinas consocias de suae antigas expansões patrióticas; ao contrario, de anno em anno, verá dilatar-se mais o espaço em torno d'ellas e mais rasgarem-se os seus horizontes.

É a prova de que a mesma fagulha revolucionaria ainda lhe continua a arder na alma, está no seguinte: ha um anno apenas fixou elle a sua nova residenciá na cidade de Valença; e já ali, desde o dia 7 de Abril ultimo, existe, solidamente fundado, um club republicano, cujo solemne manifesto foi transcripto em quasi toda a imprensa fluminense.

Lucio de Mendonça é jornalista, critico, romancista, poeta.

Confesso antecipadamente que não poderei deixar de ser por demais deficitante ao abranger em largos traços toda a vida litteraria d'este escriptor, desde o seu inicio.

Antes de tudo:— não sei como em um simples charadista se possa verificar com exactidão o velho adagio, *Ex ungue leonem*. Pois, Lucio não começou a versificar de outro modo, senão fazendo charadas.

Mas se até ali ninguém tinha visto ainda a garra do leão, este não tardou em mostral-a, aguda e affada para todas as luctas.

O *Planeta do Sul*, jornal mineiro de que era redactor Americo Lobo, o primoroso traductor de Longfellow, recebeu satisfeito as primicias poeticas de Lucio de Mendonça; e em seguida collaborou este, com fervor e enthusiasmo, na *Chrysalida*, na *União* e na secção litteraria do *Omnibus*, de S. Paulo, e redigiu a *Borboleta* periodico dedicado ao bello sexo, por elle só escripto e composto typographicamente.

Posteriormente, ainda em S. Paulo, foi o mais assiduo redactor do terrivel *Rebate* e conservou-se durante tres annos como noticiarista e folhetinista da *Provincia de S. Paulo*.

É longa a lista dos jornaes de que tem sido collaborador effectivo desde essa epoca até hoje. Só na Corte:— a *Gazeta de Noticias*, o *Globo*, o *Mosquito*, o *Colibri*, de Silva Maia, e a sécia *Gazetinha* e especialmente a *Republica*, de cuja redacção foi, por mais de um anno, um dos mais fortes auxiliares; trouxeram a lume em suas columnas bellissimas produções litterarias d'elle.

Actualmente, onde tem escripto com mais assiduidade tem sido na *Semana*, na *Estação* e no *Vasourame*, excellento jornal provinciano, redigido por Lucio Filho, escriptor de vasto talento e eruditissimo.

Lucio de Mendonça foi sempre um trabalhador indefesso. Estão patentes em suas obras a profunda veneração consagrada á arte e a perseverança e o paciente esmero, que d'elle exigem,

para se manifestarem, os idoneos que concebem e alimentam. Se não fosse essa nobre virtude, digna somente dos escriptores, que se prezam e aos mais, elle, quo tem já hoje 33 annos do idade...

Como poeta, as suas glorias acham-se consolidadas nas *Novas Matutinas* e nas *Alecradas*, dous bellos volumas de poesias, cujo apparecimento mui festejado foi pela imprensa brasileira...

Nas suas *Visões do abismo* ha rasgos de sublimo inspiração, quadros de grandeza e eloquencia maravilhosas, como jamais se tem visto. O *Consortio Maldito*, por exemplo, perece concentrar, só em quatorze esplendidos alexandrinos...

As nossas relações pessoases são de recente data; mas velhos amigos meus eram já os seus livros, seus artigos, suas opiniões, suas valentes estropheas...

« Enquanto ao longe o sino, em voz cançada e lenta, Resa, doce christão, a sua Ave-Maria, E a moribundo sol as nuvens ensanguenta »

A *Religião*, e o *Renegado* e o *Aujo do Prostituido*, bem se vê que foram escriptas pela mesma penna incendiada e osada.

Todos esses bellos sonetos farão parte, por certo, do novo livro que o poeta nos promete, composto das poesias sociaes e das lyricas, que tem escripto desde a publicação das suas formosas *Alecradas*.

Mas é como prosador, principalmente, que, com melhor realce se distinguem a individualidade, o temperamento, e poderoso genio e os instinctivos predicaes do escriptor castro.

Tende á vista os seus artigos de critica litteraria, os seus romances, os seus mais ligeiros contos, como o *João Mandy*, publicado, ha poucas semanas, na *Gazeta de Noticias*...

Neste genero os que têm competido com Lucio de Mendonça, não se considerariam avantajados a elle.

Faltar-lhe-ha talvez esse escripto de exactidão minuciosa de que dispõe Aluizio Azevedo, o maior dos nossos romancistas contemporaneos...

Valentim Magalhães possui uma extraordinaria palleha, rica de cores rutilantes e quentes; seus quadros têm uma vivacidade particular que os illumina...

Lucio de Mendonça, entretanto, na generalidade de seus traços, bôca o que é essencial para caracterisar as personagens que exhibe, apanhados de perfil, apenas, e, por um só gesto, uma só phrase, um só movimento...

« Nasceu a 10 de Março de 1834, na fazenda do Morro Grande, pouco distante da cidade do Pirshy. »

No que, então, nenhum dos nossos escriptores o excede é na parcimoniosa regrada dos vocabolos e na admiravel propriedade com que os distribui.

Examinaos cada termo por elle empregado; e vereis que, na respectiva oração, nenhum poderia occupar senão, precisamente, o logar que occupa. Desloca-lus d'ahi e isoladamente vistos, se cada palavra vos parecer, por voutura, trivial e vulgar, tereis de reconhecer, todavia, que o seu conjunto é harmonico e elegante...

Elis ahí em que consiste esta sua bella arte de bem dizer as cousas, transformando, como a vareta magica de Aruuda, cascalhos em ouro.

Seu estylo e correntio e sua linguaagem clara, perspiciua, siderea. Sabê, emfim, mostrar-se apurado e correcto sempre aos olhus dos leitores, mas com extrema singeleza, desaffecteda e naturalmente...

Qualidades de escriptor, tão raras e distinctas, com effeito, o collocam na primeira plana e entre os mais abalizados prosadores modernos de áquem e de além-mar.

Sabem os senhores o que eu tenho agora deante de mim? Ahy! verdade; via-a hontem a rabiार pela rua do Ouvidor, abaixo e acima, ora erguendo as temerosas cabeças...

Ea, que não sou filho de Júpiter e de Alcmena e que não fui incumbido por nenhum Eurysthéo de executar trabalhos heroicos...

Encarne pelo lado que quizerdes o seu bello character—vós, amigos, cujas virtudes elle tem sempre tido a coragem de exaltar...

Além de Filinto de Almeida, de Arthur Azevedo e de Gaspar da Silva, estrenuos o imperterritos luctadores, bem poucos mais conheço eu, que, como elle, á sua intelligencia exclusivamente devam...

Ahi, na escola d'esses que, sem outra protecção, desde o principio se habituam a só contar comigo, foi que mais se lhe acrisolaram a independencia, a energia e a constancia do character.

Muitas vezes vio atravessadas em seu caminho as paixões e as fraquezas dos outros: —a versatilidade dos que hoje nos dão até o que não merecemos, para amanhã nos despojam vexatoriamente até do que não nos deram...

Numa sociedade, onde o merito se visse, por todos os lados, açoado por edios gratuitos e sem causa confessavel, a bem rnos deixariam de affligir aquellas tristes deformidades moraes.

« Nasceu a 10 de Março de 1834, na fazenda do Morro Grande, pouco distante da cidade do Pirshy. »

Lucio, nhi, por saber desprezar-as, seria um d'esses raros, convicto só de que um homem é sempre,—não é que os outros possam imaginar a seu respeito, mas o que, na verdade e com absoluta justiça, merece ser.

17 de Maio—87.

RAYMUNDO CORREA.

Completam-se amanhã dois annos que falleceu V. Ilugo. Como homenagem, começamos a publicar o monumental discurso de Dumas filho sobre o maior poeta do seculo.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Sabem os senhores o que eu tenho agora deante de mim? Ahy! verdade; via-a hontem a rabiार pela rua do Ouvidor, abaixo e acima...

Eu, que não sou filho de Júpiter e de Alcmena e que não fui incumbido por nenhum Eurysthéo de executar trabalhos heroicos; eu, que apenas tenho enfrentado com denodo o *cavaignac* do doutor C. de L., quando vi a hydra caminhar para mim portentosa...

O Brito, pouco versado na sciencia dos mythos, não me entendeu, e só comprehendeu o meu terror quando a hydra, disfarçada em cabo de esquadra, arremetteu por alli dentro, bradando como o general Boum na *Gran-Duqueza*...

A America está farta de saber que o brilhante chronista da *Semana* andou dois mezes pela provincia; quando elle partio d'esta capital da febre amarella suppoz ter deixado bem morta a hydra da revolução e completamento decepadas as suas sete cabeças...

Os horisontes politicos estão muito turvos, como se dizia ha vinte annos, e a gente, na intimidade do lar ou na confabulação discreta com os proprios botões, só encontra no riso compadecido a critica da actual questão militar.

Sempre quero perguntar á Sra. Cinira Polonio, que é a *Frivolina de Mercurio*, se ella já viu nos intermundios onde habita o seu personagem, uma criança da mais frivola e mais futil do que esta questão, que por um lado se manifesta em manifestos rhetoricos e pantafaça-

dos o por outro discorre em discursos desdenhosos, de um altivez muito duvidosa. Toda questão que decaio da legalidade no *capricho*, torna-se questão infantil. E presentemente é uma simples questão de capricho a questão militar, da qual até já se tem esperado a perturbação da paz!

Primoiramente errou o governo submettendo a questão á decisão do supremo conselho militar: o facto da submissão importava implicitamente a acquiescencia previa á resolução que o conselho deveria dar ao conflicto; resolução facil de prever desde que os jaizes eram partes. Pnceze um disparate, mas foi o que se fez. Dada, porém, essa decisão, é claro que o governo, para ser logico, devia executar o acto que d'ella logicamente decorria: — a retirada das *notas* impgnadas. Mas o governo recolheu-se ao silencio, não retirou nada e alijou mysteriosamente o ministro da Guerra.

Agora sabe-se, ou suppõe-se saber, que o governo retira essas *notas* se os interessados requererem a retirada. E' isto que não querem fazer os militsres. Não querem requerer.

Isto neste paiz é assombroso, e, que eu saiba, é a primeira vez que acontece. Até agora o que todo mundo queria era — requerer. Hoje os *defensores profissionais* da patria recusam-se obstinadamente a requerer, e o governo, egualmente caprichoso e teimoso, obstina-se em não conceder nada sem requerimento.

Mas, com todos os milhões de diabos! — requeira-se!...

... ou então — haja rôlo. Isto assim como está não tem geito nem proposito. Caramba! eu tambem tenho sangue nas veias, e, apezar de ter aversão á fards, não se me dá de ser sargento por tres dias. O diabo é o corpo de bombeiros... Se as machinas esguichantes do Sr. Neiva entrarem na revolução, está tudo acabado! E, na situação actual é a unica tropa com que pode contar o governo. Entre nós impera o esguicho pelo terror; nem os enjuchos dos *sans-culottes* foram mais respeitados em França do que são no Brazil os jactos d'agua das mangueiras mecanicas.

Eu, por mim, para prevenir a revolução, já espichei dez mil réis—por um guarda-chuva reforçado. E a tropa que venha!

Verdadeiramente a questão militar foi o unico facto que agitou a semsna. Continuou *satisfactorio* o estado de nolestia de S.M. o imperador; mas, apezar da segregação em que está para quem não for medico, têm-se espalhado boatos graves acerca da imperial enfermidade. Diz-se que o imperador tem a memoria muito obliterada, o que é notavel, pois sempre se soube que aquella era a mais desenvolvida e perfeita das facultades imperiaes, — incluindo a de medicina.

Facto digno tambem de nota foi ter-se passado a semana toda sem que dois jornalistas se descompuzessem e se villipendiassem. Porque seria?

Decisro-me admirado, e termino estas mal traçadas regras dando ao *Paiz* os parabens, por terem acabado no *Jornal do Commercio* as repetidas intrigas das *Varias*.

Mas se o *Jornal* acabou com aquella

torpeza, iniciou outra na parte telegraphica. Eu nem me quero referir á innocencia dos seus telegrammas da quinta-feira...

E vou-me, sem me referir. Apre! assim tambem é demais. Litteratura d'aquella nem no Serafim José Alves!

FILINDAL.

P. S.—Soube hontem, já depois de escripta esta chronica, que o Sr. Silveira Martins apresentara ao Senado uma moção convidando o governo a declarar as notas sem effeito.

Sendo approvada a moção o Sr. Cote-gipe declarou acceitavel a vista do estado de saude de S. M. o imperador.

Para uma questão comica só uma solução ridicula. Mas então o estado do imperador é tão grave que o gabinete cedo a sua dignidade em favor do repouso do enfermo. Se assim não é, que havemos de pensar do governo, virgem patuca de Lourdes!

E foi, afinal, o Sr. Silveira Martins quem aplacou a hydra!

Saudemos o Alcides rio-grandense.

F.

FLOR DE ROMÃ

Se flores p'ra formar, quizeres, a grinalda
Que te orae a com feita de ouro fosco,
Não busques no vergel; que e tudo tosco
Quaato teu o vergel e de te ornar a espalda

Indigno, o de enfeitar-te estes cabellos, Alda,
Que, agora, em torno do meu torso enrosco,
E onde, ó Vestal, mil osculos embosco.
Quaado a Paixão me agita e a minha carne
Escalda...

Mercadora de alindar-te a trança,
Só encontro,— mesmo entre a rosa, o amor
perfeito,—
Da romanzeira a flor, meiga criança?

Lembra estrella sangrona! Eu penso, felici-
ceira,

Que Deus tua bocca não teria feito,
Se feito não tivesse a flor da romanzeira.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

G. Dias e Castro Alves

Por serem escriptos por dois dos nossos mais distinctos e apreciados colaboradores, o por nos parecer interessante a questão que nelles se debate, transcrevemos hoje do excellente *Diário Mercantil* de S. Paulo, os dois artigos seguintes.

Comquanto não sejamos obrigados a dar a nossa opinião, lembraremos, a favor d'ella, o resultado de uma eleição feita pela *Semana* em 83, para se saber qual era o primeiro poeta do Brazil. O resultado final deu a Gonçalves Dias mais 88 votos do que a Castro Alves.

Somos de parecer que não se deve nem se pôde estabelecer confronto entre dois poetas, principalmente quando ns suas obras differem fundamentalmente no genero e na forma. Não ha estalão para ns alturas do pensamento. A cri-

tica tem de attender ás condições de forma e de meio.

Gonçalves Dias, produzindo n'uma época de tradições academicas, soubo ser inovador, mas a sua obra, eminentemente parnasiana, obriga a reflectir e a pensar. Castro Alves, n'uma época de revolução e de renovação litteraria, seguiu a corrente e a sua obra deslumbra. Foi poeta mais para se ouvir do que para se ler. A antithese e a hyperbole, que, na opinião de muitos, são as suas principaes qualidades, a nosso ver são os seus defectos capitaes. Castro Alves levou a antithese até no desespero e a hyperbole até no disparate. Não creou nada, não inovou cousa alguma. O *Byronismo* de Castro Alves se foi por ventura menos audaz, foi com certeza mais perfeito o mais assimilado, annos antes, pelo genio extraordinario de Alvares de Azevedo.

O *Indianismo* de Gonçalves Dias, além de ser poesia nativa, se tem precedentes em Bazilio da Gama e em Santa Rita Durão, só no grande poeta maranhense encontrou o seu cantor definitivo e immortal.

O *Y-Juca-Pirama* é poema que não tem par em toda a litteratura brazileira, antes e depois de Gonçalves Dias. Perfeição de forma, originalidade de concepção, propriidade de imagem, vehemencia de apostrophe, perfectibilidade de dicção, grandezza poetica, poder descriptivo, riqueza de lingua— tudo eleva este poema formosissimo e incomparavel acima de todo o cotejo com a poesia decadente que nos deu a imitação dos poetas europeus.

Em litteratura, porém, todas as opiniões devem ser acatadas, e, por isso, não só transcrevemos os artigos de Lucio de Mendonça, o de Olavo Bilac, como abrimos espaço a quem quizer manifestar n'ua opinião sobre os dois tão apreciados poetas brazileiros.

F. A.

Castro Alves e G. Dias

DEPOIS DA LEITURA DE UMA CARTA DE OLAVO BILAC)

Uma vez, em palestra, no escriptorio dn *Republica*,—da grande, da que foi apedrejada pela policia do Sr. Duarte de Azevedo, observava-me um dos nossos mais sensatos criticos da litteratura, Joaquim Nabuco, que temos no Brazil o vésio antigo e mão de julgar sempre por comparação.

Depois d'isso, n' a leitura da escassa critica litteraria que entre nós se produz tem-me sempre confundido a justa reflexão d'aquelle meu illustre amigo. Ainda agora, no *Diário Mercantil*, de S. Paulo, uma das nossas poucas folhas em que ha constantemente boa leitura para quem gosta de letras, encontro, n'uma carta de Olavo Bilac a Alberto de Oliveira, e repetido—como se para uma infelicidade não bastasse uma vez só—um lamentavel exemplo d'aquelle vicio patrio.

Escreve Olavo Bilac que ha muito tempo que todos consideram Mestre a Gonçalves Dias; até aqui eu subscrever-lhe-ia o conceito, sem grande enthusiasmo é certo, mas de consciencia em paz. Acrescenta, porém, Olavo a respeito de Gonçalves Dias que este é poeta cincoenta mil vezes superior a Castro Alves e a Casimiro.

No parallelo com Casimiro de Abreu, eu ainda acompanharia o juizo do poeta da *Tentação de Venocates*, posto que com a moderação de que me presão, talvez não chegasse a contar tantos mil grãos de superioridade a favor do maranhense, mas bem se comprehende quanto achei exagerado o seu enthusiasmo por este, em detrimento de Castro Alves, eu que não considero o cantor das *Espumas Fluctuantes* inferior ao

de *F-Juca-Pirama*—nem uma unica vez, nem um centesimo do vez!

Até aqui, dirá o leitor, não ha, de parte a parte, nenhuma critica, senão a expressão de um juizo que tanto pode ser correcto como falso e injusto.

Mas decomponhamos este juizo, e, por mais que nos desagradem os parallelos, sempre difficeis, por isso, quasi sempre evitados de qualquer le, vejamos em que pôde consistir a tamanha superioridade de Castro Alves, que Olavo Bilac enxerga em Gonçalves Dias.

Quanto á forma, já cumpre fazer uma distincção: no tocante á riqueza e correcção da linguagem, é indisputavel que o vate maranhense excedeu incomparavelmente ao poeta bahiano, mas não se a este como a todos os nossos trovadores contemporaneos, com excepção de Machado de Assis, que este n'ella lhe colle em pontos de pureza de estylo. Mas quanto á arte do verso, aos segredos da metricação e da rima, não vejo que o Castro seja inferior ao Dias; apenas no verso alexandrino encontro imperdoaveis descuidos na poesia do primeiro, mas tambem não me lembro—será defeito, talvez, de memoria, e só de memoria estou escrevendo—de nenhum alexandrino de Gonçalves Dias. Cuidado, entretanto, com presumpção razoavel, que, se os tivesse feito, os faria correctos como todos os seus versos.

Em compençação, a rima de Castro Alves é mais rica. Aponto apenas para exemplo—e ainda de cor—o seu magifico *Nadador*, em esquivulos rimados, no poema dos *Escraeos*.

Se, porém, confrontar-se o vigor da concepção, o poder imaginativo, a originalidade creadora do poeta bahiano com as qualidades semelhantes de Gonçalves Dias, parece-me julgar que se não concordar comigo em afirmar que o primeiro é mais forte, mais inspiado e de mais altos arrojos que o outro.

Não conheço, na obra poetica de Gonçalves Dias, nada superior, ou sequer igual, aos bons fragmentos do poema dos *Escraeos*—como as *Forças da Africa*, o *Nauio Negro*, e a descripção do *São Francisco*, onde ha esta imagem portentosa, a mais audaz e pittoresca que já encontrei em verso brazileiro:

As garças metiam o bico venuelho
Por baixo das azas, da brisa ao acointe;
E a terra, na vaga do azul do infinito,
Cobria a cabeça co'as penas da noite!

Não se me depara, em toda a poesia do Dias, nenhuma composição tão perfeita, tão completa, tão finamente artistica, como o *Hymno ao Sono*, de Castro Alves.

E Olavo Bilac diz que «chega a ser clamorosa injusticia citar o nome glorioso do immortal cantor do *Y-Juca-Pirama* ao lado do nome de Castro Alves, como o faz Urbano Duarte».

Concluo, repetindo o que tenho decidida aversão aos juizos comparativos; mas antes a predilecção de Olavo Bilac e a minha decidam os que, sendo competentes, poderem ser imparciaes.

Valença, 29 de Abril de 1887.

LUCIO DE MENDONÇA.

CASTRO ALVES E G. DIAS

A proposito de uma carta que, pelas columnas do *Diário Mercantil*, eu receci a Alberto de Oliveira, e em que discordel de algumas opiniões de Urbano Duarte, escreveu Lucio de Mendonça, com o titulo acima, um artigo, em que chega a conclusões inteiramente oppositas ás minhas.

Não é isto, devo notar, uma discussão calorosa e grave: simples conversa de amigos, que, aem sobre tudo, têm a mesma opinião, e nam tratar de cousas que ambos presam e praticam.

Admiro Gonçalves Dias como poeta cincoenta mil vezes superior a Castro Alves; Lucio de Mendonça até considera o cantor das *Espumas Fluctuantes* inferior ao de *Y-Juca-Pirama*, nem uma unica vez, nem um centesimo do vez.

Ha, como se vê, uma simples divergencia de opiniões, questão difficil, senão impossivel de discutir e resolver; mas o poeta das *Armas* appella para o juizo dos competentes, e é preciso que eu advogue a minha causa.

Em primeiro lugar, sou accusado de dar lamentavel exemplo de uma vicio

patrio: o vésio antigo e mão de julgar sempre por comparação.

E vêjo que me não pesa na consciencia reprovo-o e folgo muito de estar, neste ponto, em completa harmonia com Lucio de Mendonça. Quando comparo os seus poetas citados, tratava-se de uma situação especialissima, em que era inevitavel a comparação. Traxe-os Urbano Duarte como exemplo, aponto-os com acaellos a uma geração inteira de poetas—geração em que Lucio occupa tão notavel lugar, e que tantos e tão brilhantes servicos tem prestado á arte brazileira.

Creio em que dous artistas apudatos como innofos a Mestres do mercantilismo do Luiz Bellini, Raymundo Correa, Alberto de Oliveira, Theophilo Dias, devem ser ambos perfectos, ambos dignos de imitação. Assim trazidos de parceria, batta-lhes n' luz em chapa, destacavam-se-lhes todos os defectos e as suas qualidades.

Nestas condições era possivel evitar o confronto? Como poderia eu deixar sem reparo que se apresentassem, como modelos igualmente acceptaveis, dous poetas de merito muitissimo desigual em minha opinião? D'alí a comparação muito naturalmente provocada pelas necessidades do problema e não por um vésio antigo e mão.

Expliculo o parallelo que estabeleci entre o poeta bahiano e o maranhense, que, a seu pesar, tambem Lucio de Mendonça foi obrigado a fazer, devo justificar a minha predilecção pelo cantor dos *Tynbiras*.

Já de accordo estamos sobre um ponto que juizo do maximo importancia: a forma de Gonçalves Dias excede incomparavelmente á de Castro Alves. E ainda mais: no tocante á riqueza e correcção de linguagem, o vate maranhense excede a todos os nossos trovadores contemporaneos, com excepção de Machado de Assis. Não são poucas as ultimas palavras: não levo o meu enthusiasmo a ponto de julgar imitada a forma de Gonçalves Dias, porque não sei em que possa a de Raymundo Correa ou Alberto de Oliveira. Mas não é essa a questão.

Por outro lado, Lucio attribue ao poeta dos *Escraeos* mais forma, mais altos arrojos a mais originalidade.

Quanto nos altos arrojos, — talvez ando eu mal em pensar assim — não me commovem em poeta nenhum. Não é isso o que me seduz e creio que é justamente o que tem perdido muito poeta de talento. Sempre que leio certos parças de C. Alves, creio vel-o, á frente de um camuroto de theatro, declamando, com fogo estrophes reumbantés e pomposos, sementes de *tropas de bandieras na amplitude*, *palmas do infinito* e *homens detitans*, fazendo deploraveis concessões ao gosto da multidão e sacrificando o seu genio, a sua gloria, por amor do meia duzia de applausos ephemeros.

Que admiraveis obras-primas de inspiração e sentimento nos daria elle, se, pensando e confiando na justiça de meliores tempos, desprezasse essas pequeninas glorias de momento, e trabalhasse seriamente, infatigavelmente, como o fazem todos os grandes artistas!

Quanto á originalidade... Devo dizer, antes de tudo, que não sou dos que exigem que o poeta caute este ou aquelle assumpto. Tento para mim que dous deveres apenas lhe devem ser impostos: Sentir com toda a paixão e exprimir com sinceridade o pureza de forma. Cante o poeta as dores e as alegrías dos homens de seu tempo e exprima as duvidas e esperanças de sua época, ou, como Liconte de Lisle—o resuscitador da antiquidade—refugiase entre raças extinctas, antes do necessario de horizontes mais largos para abrir á vonta a as suas azas phantasmas,—basta-me que seus versos me commovam e consolem.

Mas, uma vez lembrada a questão de originalidade, não é possivel evital-a. Neste ponto, há vejo razão para estabelecer a superioridade de C. Alves — bello talento influencia constantemente por V. Hugo, Byron e Musset — sobre aquelle, que, n'uma época de depauperamento litterario, deu novos molles á poesia brazileira, seguindo caminho nunca seguido, transportando para seus versos uma natureza até então nunca dignamente celebrada, e eternizando uma raza n'atura, com todos os seus ritos e com t'ou a sua sublime poesia.

Está é obra profundamente original e sincera, que ha de viver enquanto

houver quem fno o estude a lingua portuguesa.

Termina Lucio de Mondonga o artigo dizendo não conhecer em toda a obra de G. Dias uma composição tão perfeita, tão finamente artistica como o Hymno no Sonho de Castro Alves.

Quanto a mim, sempre direi—e sirva tambem esta opinião de fecho— que não conheço em toda a poesia brasileira um trecho tão forte, tão vibrante, tão inspirado, tão grandioso na idea e no estylo, como a *Valdição do velho Typy no Y-juca-Pirama*.

S. Paulo, 11 de Maio de 1887.

OLAVO BILAC.

JUNCTO DOS TEUS

Juncto dos teus, nesta cidade antiga,
Nesta casa onde um sonho bom me embala,
Conveço-me de ouvir a tua fala
Se ouço ás tuas irmas a voz amiga.

E, por mais que a saudade me persiga,
Do coração queixoso a voz se cala,
E eu penso ver-te nesta mesma sala
Pois se o mar nos separa o amor nos liga.

Tudo faja de ti; nestas cadeiras
Muita vez te sountas, e nesta meza
Talvez traçaste as cartas derradeiras!

E estás presente! E' que a minha alma acceza
Para arrancar-te ás plagas estrangeiras
Supprime o espaço e vence a Natureza.

Campinas, 2 de Abril de 87.

FILINTO D'ALMEIDA.

Discurso de Alexandre Dumas

EM RESPOSTA AO DE LECOINTE DE LISLE,
NA ACADEMIA FRANCEZA.

SENHOR.

Esse a quem acabas de elogiar com tanta eloquencia, convicção e auctoridade, tinha a mais elevada estima por vós, não só como poeta mas tambem como traductor. Elle, que lia no original os poetas seus predilectos, desde Homero até Dante, desde Juvenal até Shakespeare, a ninguem mais, senão a vós reconhecia o direito de os fazer falar na lingua franceza, de que possuia todos os segredos e todas as magias. Confiava em vós neste ponto como em si proprio confiava, o que não é dizer pouco, pois era respeitador do pensamento dos raros espiritos que admirava, como queria que o fossem do seu proprio. A viva admiração de taes espiritos, que tão alto professava, de que tantas vezes deu os fundamentos, absorvia-o, isolava-o, força é dizê-lo, a tal ponto que vivia quasi completamente fora de tndo quanto em torno d'elle se produzia. Nuo livro que o contem—tanto quanto um livro pode conter semelhante homem—em *William Shakespeare*, nomeia diferentes vezes esses grandes espiritos: Homero, Eschylo, Job, Isaias, Ezequiel, Lucrecio, Juvenal, Phidias, Tacito, João de Pathmos, Paulo de Damasco, Dante, Miguel Angelo, Rabelais, Cervantes, Shakespeare, Rembrandt, Beethoven. O Grande pelago, diz, é Homero; o grande helleno é Eschylo; o grande hebreu é Isaias; o grande romano é Juvenal; o grande italiano é Dante; o grande inglez é Shakespeare; o grande allemão é Beethoven. Não ha, não havia ainda, no sen conceito, grande francez quando fazia esta ennumerção. Confiava ao futuro o cuidado de o encontrar. Taes homens constituíam para V. Hugo o cimo do espirito humano. «Este cimo é o ideal, diz, a que Deus desce, a que o homem sobe.»

No calor da argumentação, V. Hugo esquece o luminoso estylo do *Amphitrião*, da *Escola das mulheres*, das *Sabichonas* e do *Misanthrope*, que ninguem egualou na scena e que ninguem mais do que Boileau applaudia, o oa cinco actos do *Tartufo*, onde não se encontra absolutamente o meio do padre.

Mas prosigamos; V. Hugo continúa: « Não dar brecha á critica é perfeição negativa. E' bello ser atacavel. Persecutae effectivamente o sentido das phrases postas como mascaras nas mysteriosas qualidades dos genios. Sob a obscuridade, a subtilidade e as trevas achareis profundidade; sob a exageração—imaginação; sob a monstruosidade—grandeza.»

Parece-me, quando leio taes afirmações, ouvir, do seguudo piano, oede o colloca o poeta, Molière, que rio de tantas cousas consagradas e até sagradas, murmurar entre dentes: «Sois ourives, Senhor Josse!» acrescentando immediatamente: « Mas que admiravel ourives que sois!»

Quando um grande genio contrahio desde a infancia o habito de entreter-se com um circulo de genios anteriores, em que Sophocles, Platão, Virgilio, Lafontaine, Corneille e Molière apenas occupam o seguudo plano; em que não penetram Montaigne, Racine, Pascal, Bossuet, Labruyere; facilmente se comprehende que quando esse grande genio distingue na multidão que se lhe agita aos pés um poeta e assella-o na frente com o signal com que se hão de reconhecer no futuro os de sua raça e familia, tal poeta terá direito de ser orgulhoso. Tal poeta sois vós, senhor.

Como a intimidade intellectual, a alliança esthetica se estabelecernin entre vós e Victor Hugo?

Era no tempo do imperio; V. Hugo estava em Guernesey. Passeava pelo terraço que immortalizou e que se tornou um alvo de peregrinação para todos os noços poetas. Nem uma nuvem no céu «formado de uma unica saphira» como elle teria dicto; nem uma ruga no mar, no qual, segundo a vossa bella expressão, que vamos tornar a encontrar d'aquí a pouco, «cae o sol em toalhas de prata». Então, um dos moços que tinham a honra de mover-se na sombra do exilado, exclamou de improviso, como ae só os versos que recitava pudessem traduzir a impressão causada por aquelle dia esplendido:

*«Midi, roi des étés, épanou sur la plaine,
«Tombe en nappes d'argent, des hauteurs du ciel bleu;
«Tout se tait; l'air flamboie et brûle sans haleine,
«La terre est assoupie en sa robe de feu.»*

— Que é isso que ahí está dizendo? exclamou Victor Hugo, ao ouvir esses bellos versos, que se não lembrava de ter feito.

— São versos de Leconte de Lisle; respondeu o moço.

O vosso nome era ainda dos que não despertavam recordação no espirito do mestre. Perguntou ao vesso joven collega se sabia o resto da composição.

O moço o sabia, como o sabem muitos outros, ainda dos meros prosadores, e, depois de haver repetido a primeira estrophe, continuou assim:

*«L'étendue est immense et les champs n'ont point d'ombre;
«Et la source est tarie, où bucaient les troupeaux;
«La lointaine forêt, dont la lièzière est sombre,
«Dort, la bas, immobile, en un pesant repos.»*

*«Seuls les grands bleus maris, tels qu'une mer dorée,
«Se déroulent au loin, dédaigneux du sommeil;
«Pacifiques enfans de la terre sacrée,
«Ils épuisent sans peur la coupe du soleil.»*

*«Parfois, comme un soupir, de leur âme brûlante,
«Du sein des épis lourds, qui murmurent entre eux,
«Une ondulation majestueuse et lente
«S'écoule et va mourir à l'horizon poudreux.»*

*«Non loin quelques bœufs blancs, couchés parmi les herbes,
«Bavent avec lenteur, sur leur fanons épais,
«Et suivent de leurs yeux languissants et superbes,
«Le songe interieur qu'ils n'achevent jamais.»*

Quem já escreveu as *Folhas do Outono*, os *Cantos do Crepusculo*, os *Rnios e Sombras*, e ouve inesperadamente versos

como este, estremece em todas as auas fibras de poeta, reconhece um irmão, — não digo filho porque de ninguem nascestes — e diz ao desconhecido que o iniciou e que certamente se acha entre os que nos oscutam hoje:

— Sabe ainda outros versos d'elle?

O moço sabia muitos outros ainda; deixou cahir gota a gota, como perolas, no azul, no ouro e nos diamantes d'aquelle dia esplendido, — fragmentos de *Guaicapa*, da *Visão de Brhama*, da *Tunica do Centauro*, de *Helenn*, de *Kiron*, de *Hypathia* e *Cyrrilo*. Victor Hugo perguntou ao moço como, e talvez por que, decorara tantos versos vossos. Entrou então o outro nos pormenores da vida d'aquelle poeta novo, independente, selvagem, em tanto feroz até, como teria dicto Racine, a viver na solidão e no trabalho, absoluto nas idéas, consagrado inteiramente á sua obra, amante da poesia só pela poesia, pobre, activo, honrado a todos os respeitos, tão pouco preocupado com a fortuna como com a reputação, que ambas, afinal, pareciam estarem resolvidas a respeitá-lhe ainda por muito tempo o incognito.

A Victor Hugo bastou recordar o seu aposentinho da rua do Dragão em 1820 para imaginar o vosso, no *boulevard dos Invalidos*; bastou-lhe recordar-se de como se fundara a escola romantica, de que para logo se fizera proclamar chefe, para comprehender que se fundava em Paris, sempre laboriosa, mas onde já elle não estava, uma nova escola, com um chefe novo.

De feito, exactamente na mesma época em que, do alto do seu rochedo flamejante arremassava a traavez do espaço as paginas das *Punições* (*Châtiments*) das *Contemplações*, da primeira *Lenda dos seculos*, que desferiam o vós, aguias, corvos e pombas, para as quatro partes do mundo; á noite a estrellada dos Magos do Oriente guiava alguns pastores absortos, devotos e convictos, para o altar mysterioso que haviais erigido á Musa, e cujos ardores sagrados, inebriantes e puros, creio que nenhum outro poeta antes de vós tão completamente conhecera. A razão é que; nascido francez, vivendo e respirando no meio de nós, como todos hoje o podem verificar, casualmente, porque assim o digamos, não eramos nós intellectualmente os vossos compatriotas e contemporâneos: eram os gregos e os hindús. O estado civil e a presença real nada provam em questões do espirito. Ha a influencia das origens, das hereditiedades, dos logares e dos meios, Ora, vistes á luz em pleno oceano indico, na encantada ilha da Reunião.

— Africa por um lado, Asia por outro — e que deve apparecer aos que passam ao largo como um ramo immenso de flores, nascidas talvez das que colhia Proserpina, quando Plutão entrou a perseguil-la, e ella atirou ás ondas para facilitar a fuga inutil.

Nascestes a 22 de Outubro de 1818, em S. Paulo, de pae bretão e mãe gascoiza; e—ninguém acreditaria ao lervos—sobrinho—neto de Parni, o Scaron da guerra dos Deuses e o Tibullo de Leonor:

*Enfin ma chère Eleonore
Tu l'as connu ce péché...*

Tranquillisae-vos, que me cingirei a estes, apenas, d'aquelles versos que tantas vezes vos terão feito corar como poeta, como sobrinho até, e que porventura não contribuiram pouco para a severidade de vossos juizos a respeito dos poetas do amor. Fostes educado por um pae grande admirador de Rousseau, que experimentou em vós as theorias do *Emilio* com perseverança de bruto. A regra paterna era ás vezes severa, difficil a submissão.

Felizmente ahí estava a grande Natureza. Tomavets desforra em grandes caminadas solitarias, á luz do vosso sol tropical. Durante taes passeios foi que vistes

*«Atraverser les massifs des pâles oliviers,
«L'archer respiciant darder ses belles flèches,
«Qui, par endroits, plongeant au fond des sources fraîches,
«Brisent leurs pointes d'or contre les durs graviers.»*

Assim se fortificavam vossa energia e vontade.

Depois o anjo de eapada flamejante, o anjo iniquo das necessidades mate-

riais expellio-vós para sempre do paraíso da vossa infancia « dos vossos sonhos. Mas se não se leva o solo da patria na aola dos sapatos, luva-se-lhas n alma no coração d'a alma, quando se é poeta como vós: era devoraa no sol do extremo Oriente que vossos juvenis discipulos vinham aquecer-se e illuminar-se.

Fizestes como o grande renovador hindu: rompestes com muitas tradições antigas, com muitas glorias consagradas, e eis como, no prefacio da primeira edição dos vossos *Poemas Antigos* estabeleastes os novos dogmas: « A poesia moderna, reflexo confuso da personalidade fogosa de Byron, da religiosidade facticia e sensual de Chateaubriand, da meditação mystica de Pléno—Rhuene e do realismo do Laikistas, perturba-se e dissipa-se. Nada ha que seja menos vivo o menos original em si, sob mais espectoso apparato. Os novos poetas, gerados na vellice precoce de uma esthetica infucunda, têm de sentir a necessidade de retemperar nas fontes eternamente puras a expressão gasta e debilitada dos sentimentos generosos. E depois, quando essas intelligencias, profundamente agitadas, se houverem apicado, quando a meditação dos principios desprezados e a regeneração das formas houverem purificado o espirito e a lettra, em um seculo ou dois, — ae é que a elaboração dos tempos novos não exige mais elevada gestação — tornar-se-á por ventura de novo a Poesia o verbo inspirado e immediato da alma humana?...»

Taes os trechos mais notaveis d'esse prefacio, claro como o crystal o como o aço.

Semelhante profissão de fé não ora, apenas o clangor que dá o signal para o assalto do Futuro; era o dobre de sino a tanger mortuariamente pelo Passado e sobretudo pelo Presente. Era uma nova revolução radical, que havia de acarretar consequências multdiversas das de 1830. Tratava-se de nada menos, com effeito, que repudiar toda a esthetica moderna, retroceder do movimento classico e romantico e restituir aos poetas a direcção da alma humana. Depois de ter tido conhecimento dos vossos versos, teria Victor Hugo conhecido esse prefacio?

Creio que sim. Por isso quiz conhecer-vos e seduzir-vos. Tornar-se apposito de um adversario é delicia para um deus. Conscio de que não vriereis primeiro a elle, foi elle para vós. Tinha d'esses requintes de seducção quando alguém lhe resistia. Enviou-vos um de seus livros com estas duas unicas palavras, — tão acariciantes de egualdade: *Jungamus dextras* e a sua grande assinatura régia.

Chegastes, vistes e fostes vencido. Desse momento por diante comprehendestes que já não podiais resistir áquelle feiticeiro e ficastes sendo um dos feis da casa, um dos adoradores do mestre. Fizestes bem. Para quem quer que é um pouco poeta Victor Hugo é irresistivel.

Ultimamente o reli desde as *Odes e Balladas até O fim de Satanax* e *O theatro em liberdade*. Tornei a achar por toda parte os deslumbramentos que em minha mocidade me produzira, pois os da nossa elade nutriram-aes todos do seu leite, do seu mel, da sua carne.

A' simples evocação de seu nome, accendem-se-nos os versos na memoria e jorram para o céu em feixes de fogo de todas as cores.

Comprehendo que Chateaubriand lhe tenha chamado «cortian aublime». Dizem agora que a phrase não é exacta; tanto peor para Chateaubriand. Também se diz que o poeta não decende, como affirmara, do Hugo que foram capitães nas tropas de Renato II, duque de Lorena; tanto peor para os capitães do duque Renatto II. O certo é que faz parte d'ora avante do ar que respiramos; entrou no sangue da França. Se já não pertence a Lorena pelos antepassados, prende-se pelo genio ao sólo da patria intellectual, da eterna patria franceza, que ninguem pôde invadir nem mutilar. Agora, confrontando-so o vosso prefacio com o discurso que acabamos de ouvir, facii é reconhecer que, excepto V. Hugo, aa vossas idéas geraes não se modificaram. Tal excepção não é mera cortezia academica; pois, na oração funebre que pronunciastes no dia dos seus funeraes, chamastes a Morte «a eterna luz que aoa ha de gnlar eternamente para o Bello eterno, pois

hoje declarar a sua obra única entre todas, não que a caracterizassem. Com esta mínima restrição poderia manter-se na vossa teoria primeira e na vossa aspiração final: a direcção, mais ou menos remota no futuro, da alma humana pelos poetas regenerados. Receio que não estejais a sonhar com isto, senhor, um sonho irrealizável, que naturalmente se prende às vossas origens orientaes e às vossas idéas pessoais em mysteria religiosa.

A educação pelos poetas podia talvez justificar-se quando as relações entre o Céu e a Terra eram em condições diversas das de hoje. A moral que os poetas indicavam nesses divinos mysterios podia ensinar aos homens era sufficientemente composta de imaginação e de oportunidade para que lhe pudessem bastejar os poemas lyricos e dramaticos; mas depois de Válmiki e Homero produziram-se um facto extraordinário e imprevisível, poeta que predicou. No meio dos poemas orphicos e védicos veio de improviso cair, do Céu, ao que se diz, um livrinho, um pequenino livro, cujo conteúdo não encheria um canto da Illyada ou do Ramayana; e esse livrinho contava aos homens a mais maravilhosa historia que nunca ouvira, e propunha-lhes a moral mais pura, mais consoladora e proveitosa que já foi proclamada na terra. A Humanidade sentiu de repente possuir uma alma nova: a voz de certos rapsódias vindas da pequena terra da Judéa, recitando e propagando pelo mundo o seu poema, que declaravam divino, com tanta convicção e enthusiasmo que preferiam deixar-se crucificar ou atirar ás fôrmas a renegar-lhe uma unica palavra. Apagavam-se então da memoria, senão da consciencia dos homens os poemas religiosos da antiguidade, como ao primeiro raio do sol extinguem-se as estrellas, que são luz apenas para a noite.

De tal facto por deante passou a Humanidade, da idolatria do Bello á religião do Bem. A alma tem, como o corpo o espirito, as suas necessidades. A Arte, que no vosso conceito deve constituir o seu proprio fim, também entendeu que devia dedicar-se plenamente ao culto da revelação que se affirmava divina. Deus teve como os deuses os seus Phydias e os seus Lysippos, os seus Appelles e os seus Zeuxis num Donatello o num Miguel Angelo, num Leonardo e num Raphael, e nasceu a musica, como para reunir numa só todas as vozes da Creação em louvor do Creador, recentemente descoberto; finalmente a propria Poesia, abdicando a soberania directa nos espiritos, tornou-se vassalla e dirigio o Coro da boa nova.

(Continúa no proximo numero.)

SONETO

Eu sei que os vossos meus são sempre ardidos
Sem arte, sem beleza e sem doçura:
Um destino cruel, a desventura,
Matou-me a inspiração d'is tempos idos.

Sei que nem mesmo lograrão ser lidos
Por ti, minha visão etherea e pura;
E quando possam ter esta ventura
Irão talvez magoer os teus ouvidos.

Sei que em tua alma alegres passarinhos
Pousão cantando á mergem dos caminhos
Por onde passa a tua fantasia.

Mas estes flores pallidas, sem vida,
Podem mudar tambem, pomba querida,
Se a teu seio aquece-las um só ilia?

CARLOS LUIZ...

«LYRICA»

DE
FILINTO DE ALMEIDA

Entre os adjectivos soezes que nos noticiarios das folhas paulistanas amavelmente perfitaram-se ao lado do nome de Filinto, ao apparecimento da sua Lyrica, notei esta, que, por insolito, impressionou-me: original.

Bem pensado, Filinto é um poeta original, mas a seu modo. A originalidade que lhe notei consiste em elle haver escripto os seus versos, corrente o segundo quartel do seculo XVI.

Appareceu agora, em pleno declinio do Romantismo, em plena anarchia de escolas litterarias, numa época insubmissa e revolucionaria, a Lyrica de Filinto — toda rabeucha e madrigalesca, tem para mim o precioso valor de um ramilhete de rosas e lirios colhidos em algum poetico jardim quinhentista enaombrado do freixo e d'olmeiros, por entre os quaes colheé murmurante

«Natural fonte agreste
Não lavra-la artifício excellento
Mas por arte celeste
Derivada do rustico peneiro.»

(Camoës)

E que suave aroma recendem aquellas flores! que viço ostentam na petala ajuda humidade do orvalho d'esta madrugada. E' a sensação que ellas mo causam — de flores agora mesmo colhidas — aquellas rosas entretanto desabrochadas, disereis, em pleoa florecencia do lyricismo camoëano.

Não faço injuria a Filinto aliando seu livro á Lyrica de Camoës e de Bernardes, de Fernão D'Oriente, de Ferreira e Sá do Miranda. Foi o seculo aureo das letras portuguezas, renascidas ao influxo da Musa de Petrarca, de cujos tercetos ha mais de um século na lyra enamorado de Filinto.

Nada transcrevo, que isso levar-me-ia longe, para justificar a depressão em mim causada pela leitura da Lyrica; mas se o leitor quizer dar-se ao trabalho do confronto, lendo qualquer repostorio onde venham cithões e elegias dos poetas quinhentistas, ha de achar entre Filinto d'Almeida e os lyricos d'aquelle tempo mais de um traço commum de familia.

Não importa isso dizer que Filinto seja imitador da poesia d'aquelle epocha; longe d'isso; ha neste poeta grande naturalidade, senão originalidade; e eu explico a attitudina consonancia poetica por um facto extra-litterario — o temperamento erotico do auctor da Lyrica.

Filinto, vé-se de todo o seu livro, é uma alma delicada, um coração sensível perpetuamente enamorado; nelle o amor não ultrapassa a tensão affectiva que delinea os limites do sentimento normal — doce, suave, calmo, perduravel, e a paixão — dominadora, poderosa, ephemera.

Todo o livro de Filinto é sinceramente, naturalmente, exclusivamente a vida do seu coração.

E' uma historia attrahente, singela, idyllica monodica.

A evolução do sentimento é tão natural neste poeta, que mal se lhe distinguem os estadios; entanto elle mesmo procura assignalar as phases de sua vida sensitiva.

Na Musa errante e nas Peninsulares, slyvorecendo-lhe a adolescencia, o coração ama o amor, á toa, borboleteando: é a função do organ affectivo. — Amou: eis tudo. A quem? Ao eterno feminino; Lusurios, Lucias, Eleonoras — tanta gente! tanta mulher anonyma! E ao alitro d'essas almas pullulas e venaes, vêm-lhe as primeira disillusões do coração:

«Os profundos e negros amargores
Em que eu mergulho a vida, inexperienced,
Não têm nem luz, nem sol, nem sons, nem flores.»

Unicamente lagrymas e dores,
Vacuo, sombras e luto, unicamente!
Feliz de quem não soffre, nem os sente!
E' tão amargo o mel d'estes amores,
Que de liberal fico descontente,
E sinto que me inuadam derepente
Os profundos e negros amargores.

Pois apezar dos pezares, Filinto guarda para as Laís que lhe amarguram o coração a attitudina e a linguagem de um galant'uomo perante uma dona.

Eis, no desenhasar-se de um d'esses ephemeros amores, como elle se exprime ao devolver á amante as lembranças sensiveis que d'ella guarda:

«Ahi vão as proveas, pois, do ten amor vehemente,
D'esse doide paixão que em tus almas ascen,
Por minh'almas passou e nas duss morreu.
Cartas, flores, cabello e até photographias,
Gosos, dores cruéis, tristezas, alegrias,
Tudo volta ao logar d'onde sahí...»

«Esqueste, esqueci; som-e livres, enfim;
Siga cada um de nós tranquilo a sua sorte
E nem venha a saudee avivar esta inorte.»

Nem uma apostroph! Nem um epitheto injuriozo! «Esqueste, esqueci...» Acabou-se.

As mulheres nunca lhe perturbaram o equilibrio das forças d'alma.

Quando mais dominado pela paixão se confessa:

«Se pasas juncto a mim, eu sinto as vagas
Do fundo oceano da paixão, rolando,
Quebrarem-se, em meu peito, como quando
Rebatam as do Mar nas duras fragas.»

se então julgamos assistir ao explodir de um temperamento, as que «as vagas do fundo oceano da paixão rolando,» chegam-lhe aos labios neste murmúrio:

«Da luz do teu olhar sereno e brando
Toda a minha alma doce e alagada...»

Uma ultima nota e dou por esboçado o perfil psychologico d'este poeta:

«Ahre um sorriso alegre, abate o pejo,
E mostra, flor, um sentimento franco:
E duras juncto a ti o meu desejo
Iminidamente, como um galgo branco»

Agora pergunto — Com um temperamento d'estes, onde o menor difficilmente se animalisa; com um alma terna e doctissima, seria possível que a poesia de Filinto se parecesse na linguagem dos versos com essa poesia lasciva e grosseira que hoje entre nós florece, sendo alubrificado por nota dominante, sendo a strophe uma jaula dentro da qual se move a tropa dos desejos assanhados e ululantes?

Não.

Eis a meu ver a razão da originalidade do poeta da Lyrica — o seu temperamento.

Os outros cantam a paixão, as exigencias dos sentidos, as horripilações da carne; este poeta o amor, os anbellos do cotegão, os brandos movimentos d'alma. Ora a moderna linguagem poetica, deturpada pelo satanism, a linguagem com que pintamos as flores do mal, os phenomenos da nevrose, as verdes podridões modernas, não poderia logicamente convir á expressão dos mimosos sentimentos contidos no Poema da Morta e na Musa Nova.

Se eu já não houvesse visto Filinto d'Almeida burgesmente mettido em fraque e pantalonas, como todo o mundo, figurat-o-ia, á leitura dos seus versos, vestido de catções de velludo e gibão golpeado de seda, um sombrero com larga pluma fluctuante, a recitar msdrigaes á sua amada. E assim o imagino, porque toda a sua Lyrica respira o culto do amor delicado e respeitoso.

Sendo a poesia a expressão de um certo estado emocional, nenhuma outras expressões da linguagem poderiam d'esse phenomeno dar ideia senão aquellas em que primitivamente foi a enoção vasada.

O unico meio de conhecermos um poeta é lêmo-lo. Por isso tenho posto logo abaixo de cada observação minha os versos que a justificam. Faço nms ultima transcripção, ao acaso, para mostrar a eusvidade de sentimento que transsluz perenemente atrsz de a poesia de Filinto d'Almeida.

AD ALTARE

Senhora minha, As almas melindrosas
Como a minha alma, esquivam-se aos louvores,
Mss amam d'outras almas os fulgores
E do talento as peregrinas rosas.

A um tempo são ousadas e medrosas
E juncto do prazer querem as dores:
As violetas, modestas entre as flores,
São pelo aroma ativas e orgulhosas.

Deixae, pois, que a minha alma onse, radiante,
Depór a vossos pés, minha Senhora,
Esta singela flor triste e galante;

E a Natureza boa ensine a Anorra
A illuminar eterna e fulgurante
Vosso caminho pelo tempo fora.

Agora, duas palavras sobre o valor artistico do livro.

A poesia consiste num intenso estado impressivo da alma humana; os versos são a expressão natural d'quelle estado. Poeta a alcun sentir-se commovida quer perante os aspectos da Natureza physica, quer á contemplação dos actos psychicos — mentaes ou puramente ethicos.

Desde que a enoção seja bastante intensa para poder exteriorisar-se, e corporisar-se na linguagem adequada á sua mais conveniente expressão, temos a Poesia. Para julgarmos a poesia a critica, não devemos copiar senão de suas qualidades como obras d'arte — fadaz ou não trazulze ella com a maior intensidade possível a enoção que o poeta quiz representar? — Eis a nossa unica preocupação ao julgarmos a obra poetica em si. Subordinada a outro criterio de julgamento seria erroneo. Ao enfrentar com um trabalho artistico, devemos despreocupar-nos de todo o qualquer parti-pris, sob pena de prejudgarmos.

Ninguém exija de um autor senão o que elle teve intenção de crear.

Quando ao abrir a Lyrica de Filinto eu vejo, subordinado o pensamento geral do livro, esta epigrapho:

Poveri veni miei pettiti al cenno,
Della mia gioventú memoria lieta,
Nime d'ira, di gioia e di lamento
Poveri rime mie, che decerrito

certo, não poderei exgir d'elle que cante — as armas — os barões assenhalados passando além da Taprobana.

Desde a prinella pagina o auctor teve o cuidado de dizer-nos que o seu livro contem apenas «rime d'ira, de gioia e di lamento»; ora, a quemerms boni exercer o officio de analystas, deveriamos unicamente inquirir se os versos do poeta representam com o maximo poder de expressão aquelles divores estados d'alma.

Creio que foi o que fiz, aliás desprezivelmente, ao analysar as poesias de Filinto d'Almeida.

A Lyrica é a monodia do amor.

Cantando quasi exclusivamente aquelle affecto, deve o livro sentir-se, e resente-se, de certa monotonia.

Filinto é um poeta eminentemente subjectivista. Todos os seus versos tirou-os do coração; são a historia dos seus amores. Parece que nunca teve olhos senão para olhar pardenro de sua alma. A Natureza exterior nenhuma enoção lhe causa. Em toda a Lyrica não ha uma agnarella, uma figura unica, oriunda de impressão naturalista.

Da Natureza Filinto conhece apenas as flores litterarias — a rosa, o lírio; o os phenomenos ou coeas que impossivel ser-lhe-ia não conhecer — o mar, a montanha, a Aurora, a noite. Algum raro quadro que elle desenha, fuo a grandes traços fugitivos, como «NO LO DA SERRA.»

Apezar, porém, da monotonia dos versos de Filinto, lemooos com baetante agrado e esta doce impressão em nós demora depois de percorrel-os:

— E uma alma delicada a deste poeta!

Vem-nos, então, o deeejo intimo de abençoar os seus amores.

POST SCRIPTUM

Agora interfere-me a sympathin.

Neste miser mundo, perpetua srenna de hostilidade entre o genito do ditheiro e a gente do sentimento, tão cheio de lms andas-nos sempre o coração, que até corprehenlemooos quando uma florde bemquerer brota do seio de tal humeo.

Pois uma flor d'essa rara especie desabrochou-me lentamente o alma ao vivificante bafejo da poesia de Filinto.

Em que deliciosa digressão ando o meu espirito através das suas strophes sentidas. A principio vamos por um meandro de trilhos que se entrecruzam margnados de flores, sonoros de trilhos d'aves. Derepente deparae-se-nos um luctuoso recanto que enrieitoece; alveja ali um tumulo ensombrado d'arvores funerarias. E' o POEMA DA MORTE! melancolico retiro da saudade.

Logo adeante emerge das brnmas da tristeza nms Ihs Phantastica illuminada e fiorente...

No limiar d'este paiz benedicto dete-

nho-me respeitoso. E' tão ephemera, tão assustadica, tão fragil a felicidade do coração!...

Ah, nas a minha sympathia não pode eximir-se de murmurar baixinho á Eva intemera d'aquelle paraíso: — Bem-dicta sejas, que soubesto inspirar no poeta estes sentimentos:

« Hei de guardár fi: l do affecto nosso
Toda a pureza angelica, descança.
Por ti, meu puro amor, minha esperanza,
Todas as más paixões venço e destroço.

.....

« Abroquelado em teu amor, o fino
Aço do gladio bellico em teu pranto
Ungido, o arnez luzente e crystalino,

«Do Mal enfiado as legiões fataes,
Porque só te amo a ti, mas tanto e tanto,
Que ninguém pôde amar no mundo mais!»

S. Paulo, 26 de Março—87.

EZEQUIEL FREIRE

(Da Provincia de S. Paulo.)

A CONFISSÃO DE UM DEUS

(POEMA DE ARMAND SILVESTRE)

I

E passava-se esta scena no Jardim das Oliveiras, na noite cheia de angustias em que o Christo fugia á visão lugubre do supplicio, a alma mergulhada na juvenivel saudade da vida e a carne erizada de revoltas, supportando, em sua propria grandeza, o horror do doloroso e sublime sacrificio, sentindo dentro de si a coragem da innocencia e os amargos desejos da expiação, voluntaria victima de um Deus cujas iras elle havia sondado sem comprehender sua obsninação...

Caminhava sob a folhagem, docemente agitada pelas brisas do céu, enquanto a onda dos seus rapidos dias vinha segredar-lhe na lembrança o hymno das passadas glorias e dos eternos adeus...

Tornava a vêr os pastores ajoelhados diante a estrella, os magos de alvas cabelleiras que fluctuavam na fumaça do incenso, os moços balouçando perante elle a palma adormecida dos coqueiros sobre as estradas de Jerusalem, os pescadores alienando-o a bordo de suas barcas repletas, os amigos de Lázaro proclamando-o Vencedor da Morte, e Magdalena espargindo a seus pés, com os perfumes, o delicioso halito de sua bocca.

E a morte prevista parecia-lhe mais horrivel como tambem mais necessaria, porque as vaidades da vida ameaçavam de vir agarrar-se ás suas brancas vestes, como fazem os espinheiros do caminho. Era-lhe preciso apressar o passo para não sentir sobre os hombros o peso tremendo do sacrificio.

Enquanto elle meditava, supplicando a seu desconhecido pae que o socorresse na desgraça, uma sombra tocou-o de leve, no silencio da noite, e Christo reconheceu Judas, aquelle mesmo que o devia trahir e cujas intenções elle não ignorava.

Este, dominado tambem pelo terror de seu sonho, perseguido pelos remorsos, e buscando a solidão por entre as arvores silenciosas, tentou fugir, mas Christo o deteve, dizendo:

II

— Ouve-me, Judas. Por que razão queres tu entrogar-me aos carrascos? Não tenho eu sido sempre carinhoso o bom para contigo, como para todos, supportando tuas fraquezas e ensinando-te o Perdão?

— Sim; é verdade.

— Não temes o castigo eterno que te prepara a cólera celeste? Ignoras que sou Deus?

— E' ainda verdade, Senhor.

E erguendo para Jesus os olhos quo até então conservára abaixados, os olhos em que brilhava uma chamma sombria, Judas acrescentou, com voz mais firme e resoluta:

— E foi por isso que eu quiz punir-te!

Christo, aterrorisado, estenden as mãos para uma massa de nuvem, matizada de estrellas, que apparecia sobre sua cabeça, rompendo o véo espesso da folhagem.

E como que alliviando o coração, por muito tempo cheio, vomitando a baba dos odios accumulados, Judas proseguiu, implacavel, estridente, sarcastico:

— Sim! Reconheço que és um Deus! Entre todos esses que tu julgas fiéis, e que te hão de renegar amanhã, só em ti vejo o creator unico de todas as cousas, o soberano dos destinos, aquelle que nos fez o que somos, perante quem sabe, desde o berço sangrento das idades, a inutil blasphemia dos vencidos e dos infelizes!

E foi por isso mesmo que, encontrando-te finalmente sob a forma mortal em que pôdeste soffrer na alma e no corpo, eu bradei aos outros homens:

— Vingae-vos! Dilacerae seu rosto com espinhos, encravae suas mãos, rasgae suas entranhas! Procurae para elle a mais longa tortura, aquella que arranque mais lentamente os farrapos dolorosos da vida! Não ha para elle supplicio bastante...

E' Deus!

E o immortal amaldiçoado, sacudido pela raiva, rugia como uma fera, a guelha arquejante, secca e rouquenha. Christo escutava-o, silencioso, o com o seu meigo olhar cheio de piedade.

III

Como desde muito tempo elle se tinha calado, Christo, por sua vez, fallou-lhe, com infinita doçura:

— Quero ouvir-te até o fim... Conta-mo, pois, o que tens a exprobar ao Deus que eu represento.

E Judas, mais calmo, porém mais terrivel ainda pela inflexão de sua voz, começou a longa narração dos aggravos da humanidade contra Deus.

Referiu-lhe as torturas amontoadas pelas nativas contradicções do nosso ser, a tentação armando suas eternas emboscadas, as raças trazendo em si fermentações de odios que se chocam como vngas furiosas e as confundem n'um oceano de sangue, as aspirações ao Infinito que a morte desmente, os tumulos que ella fecha sobre nossas ternuras vivas, a dor das despedidas, o amor constantemente tralhido, as almas satisfazendo essa sede em fontes empenhadas, o Imprevisto fazendo que nossas estradas se desmoronem sob nossos passos, o mysterio do nosso destino abolindo-nos o cérebro, a sacrilega Idade, desbotando a nossos olhos, a sagrada imagem da Belleza; tudo quanto torna a vida odiosa, detestavel, e nol-a impõe em virtude de

uma lei que havíamos rejeitado, aquella que inoculou em nossas veias um sangue nbrazado de desejos insaciveis, que tornou nossa carne sedenta de delicias é fecunda em soffrimentos...

E enquanto elle desprendia esse immortal soluço que, desde o crepusculo do tempo, sóbe de nossa multidão miseravel para o Impossivel e o Eterno, Christo ouvia-a om silencio, a dourada cabeça curvada sobre o peito, como se algum subito remorso houvesse pesado sobre sua fronte, e tão verdadeiramente commovido em seu recolhimento quo as lagrimas se amontoavam nas bordas de suas palpebras diviaas...

E com aquelle sonho sublime de sacrificio e de martyrio a envolver-lhe sempre o pensamento, occorreu-lhe a duvida de saber o que ia expiar-se as faltas do homem, se o crime de Deus.

E o Christo entranhava-se no horror mysterioso das responsabilidades divinas e humanas, no insoudavel problema que despedia nossos projectos de encontro ás fatalidades, quando Judas, soltando uma gargalhada ironica, bradou-lhe:

— Adeus! Por mais divino que tu sejas, esforça-te ao menos por morrer como um homem!

E o infame que vendera seu amigo tinha desaparecido na sombra, enquanto Jesus, erguendo de novo os olhos para o Céu, sentia um terror ainda maior no coração, vendo que todos os astros ficavam encobertos e que só a noite se abria ás azas feridas de suas supplicas...

Trad. de ALFREDO PUJOL.

FACTOS E NOTICIAS

Casou-se nesta córte com a Exma. Sra. D. Emilia Sauerbronn da Silva o estimado maestro Presciliano Silva. Mil venturas é o que desejamos aos noivos.

A directoria dos *Concertos Populares* participa-nos que a sua primeira matinee se realizará no dia 5 de Junho, no theatro S. Pedro de Alcantara.

A orchestra será regida pelo maestro Carlos de Mesquita.

Em Casa Branca casou-se o Sr. Alcibiades Juvenal de Mendonça Uchôa com a Exma. Sra. D. Celiza Sillos de Mendonça. Mil felicidades.

Firmino Monteiro, de volta de sua viagem á Europa, fará brevemente uma exposição dos seus ultimos trabalhos.

D'este pintor acha-se exposta na casa de Wilde uma excellentetela que muito agradeu.

O *Club de Regatas Cajuense* realiza amanhã uma regata que promete ser magnifica.

O professor P. Zavataro organisou com parte de suas discipulas, um concerto que se effectuará hoje. O programma é escolhidissimo.

COLLEGIO ABILIO

No domingo, 4º anniversario d'este importantissimo estabelecimento de educação, houve no palacete onde funci-

cionn, a prain de Botafogo, uma festa esplendida e enormemente significativa.

Começou por uma bella sessão litteraria, presidida pelo Sr. Barão de Macahubas e por seu filho, Dr. Joaquim Abilio, director do collegio. Nessa sessão foram recitadas varias poesias e proferidos diversos discursos, sendo muitissimo notavel, pela elevação de vistas e do joven e sympathico director do collegio. Este discurso produzio no selectissimo auditorio uma profunda e ngradavel impressão.

O alumno Octavio Costa falou em nome do Instituto Abilio, saudando e director com entusiasmo, e terminou a oração offerendo-lhe um bello retrato a óleo, de corpo inteiro, tamanho natural, trabalho do Sr. Teixeira da Rocha, professor do collegio.

As bandas de musica, dos collegios reunidos d'aqui de Barbacena, tocaram varias peças, e pelos alumnos foram cantados muitos coros de bellissima effeito.

A' noite houve baile, e tudo quanto ha de mais escolhido e selecto na nossa sociedade lá compareceu, a tomar parte na ridente e gloriosa festa das crianças.

Quinta-feira realizou-se a segunda parte do programma,—*Educação Physica*— que, por causa do mau tempo, fora transferida de domingo.

Foi outra festa, só inferior á primeira por ser mais curta.

Os alumnos nos exercicios de gymnastica, de assalto d'armas, e nas evoluções militares, deram brilhantes provas magnificas e habil ensino do collegio. Foi digno de nota o assalto do floresta, em que se distinguiram dois alumnos. Mas o que produziu um effeito deslumbrante foi a marcha internacional, com o canto—*De la jeunesse ehantons les heurx jours*— e onde os alumnos agitavam grande quantidade de bandeiras de varias nações, o que foi um espectaculo agradabilissimo e com que terminou a festa.

Agradecendo os convites que tivemos damos sinceros parabens ao Dr. Joaquim Abilio pela sua incomparavel festa e pelo progresso sempre crescente do collegio que tão proficientemente dirige.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

A *Francillon* continúa a dar boas graças á empresa d'este theatro.

Proximamente fará beneficio, e com uma peça nova, a districta actriz Helena Cavalier.

Bello espectaculo vaes haver no dia 7 do mez que vem, em beneficio das actrizes Felicidade e M. Nunes.

POLYTHEAMA FLUMINENSE

Chamamos a attenção do publico para a esplendente festa que se realisa hoje neste theatro, em beneficio da intelligente actriz Amelia Bellido.

Sobem á scena o drama em 3 actos, *Como se enganam mulheres*, *Macaca* pelo Xisto Bahia, uma scena comica pelo Machado, *Querem ser artistas* pelos meninos Luiz e Romeu Bastos e por Mme. Aliverti será cantada a encantadora canção da *cydra dos Sinos de Cornetille*.

A beneficiada é merecedora da coadjuvação publico, pois desle a morte de seu esposo, o saudoso actor Mauro Bellido, que lhe legou apenas um nome estimado e nenhum recurso pecuniario tem lutado com serias adversidades.

Creemos que o nosso publico, que por varias vezes tem dado altissimas provas do seu bom coração, não deixará hoje de apreciar um excellentespectaculo e concorrer para o bem de nna actriz intelligente, em tudo digna de seu apoio.

Com certeza a sala do Polytheama regorgitará hoje de espectadores.

E' o que desejamos.

LUCINDA

O Gallo de Ouro tão cedo não deixará o

palco d'este theatro. Quu quernm? O publico ainda não se cansou do vol-o, ovillo o admirar-o.

Todas as noites é uma enchente de todos os diabos.

SANT'ANNA

Estrôa hoje neste theatro n granlo compaulha do fantoches do Theatro Londres sob a direcção de Joan Gauttier.

P. TALMA.

A VIDA ALEGRE

Esteve sorprendente, phantastico, enorrme, como diria o Ney, o baile quo o Club dos Politicos deu na quarta feira. Foi uma festa deitellosissima. As estrellas fugiam doidamente, arrebatadamente naquelle eão onde não ha nuvens de triltezoas nem de maguas.

Dancou-se até pela madrugada e isto no som de umas musicas endiabradas, retumbantes, seductoras e requiebradas.

A sua directoria desmanchou-se em amabilidades para com todos, e Topsius, o sympatico, o elegante Topsius, secretario do Club, foi de uma gentileza para comnosco...

Um abraço, Topsius, outro nbraço, Topsius.

Vivam os Politicos!

PONSARDIN.

O CONDE LEÃO TOLSTOI

TRADUÇÃO DE ALCIBIADES FURTADO

II

«Guerra e Paz» é o quadro da sociedade russa durante as grandes guerras de 1805 a 1815—Conviã a denominação—romance—esta obra complicada?

Fôra talvez mistor pedir aos nossos avôs o verdadeiro titulo d'estas composições encyclopedicas: «Guerra e Paz» é uma somma, a somma das observações do nator sobre o spectaculo humano.

A interminavel série de episodios, de photographias, de reflexões, que Tolstoi nos apresenta se desenrola em redor de alguns personagens ficticios; mas o verdadeiro herôe da epopêia é a Russia em sua lucta desesperada contru o estrangeiro.

E' preciso ler todas as passgens em que Tolstoi faz agirem e falarem o imperador Napoleão, o imperdor Alexandre; comprehendêr-se-á que logar ha no espirito russo para o nihilismo, como negação da graudeza e respeito conegrados pelo assentimento commum.

O tom do escriptor é cheio de deferençia, não se pôde mesmo dizer que elle amesquinha a magestade do poder; sômente mostrando a exposta ás pequenas exigencias da vida, elle a destrôe.

Acham-se dispersos na narração dez ou doze pequenos retratos de Napoleão, acabados com um eniado minucioso; nenhuma hostilidade, nenhum traço de carientura; sômente porque se abstrae um momento a legenda, o homem prodigioso ruo. O mais das vezes, é um detalhe do observação physica, habilmente insinuado, que parece incompativel com o sceptro e o manto imperial.

Em Tilsitt, Napoleão dá uma cruz da Legião de Honra a um grandeiro russo, designado ao acaso pelo coronel do regimento; o imperador toma esta cruz sobre a nimofada em que apresentam-na («com uma pequena mão branca rechonchuda») Na vespera de Borodino, elle está em sun «toilette»; Fabrier lhe dá conta dos prisioneiros feitos durante o dia, «a um crido de camera passa a esponja sobre este corpo gordo e nna. Mas com Napoleão Tolstoi toma liberdade franca; o processo é mais curioso quando elle o applica ao soberano do seu paiz. Aqui são as preoccupações infinitas, a conveniência perfeita, e, todavia, o prestigio é segu-

ramente attingide pela desproporção entre os actos habituales do homem e o papel formidavel que elle desempenha.

Cito um exemplo entre cem. Alexandrn está em Moscow; recebe as ovações do povo no «Kremlin, em 1812, na hora solemne em que se proclama a guerra santa: «Depois do almoço do czar o mestre das ceremonias diz olhando á janella:

«... O povo espera ainda contemplar Vossa Magestade.

O imperador levantou-se, acabando de comer um biscoito, o sahio ao balcão. O povo precipitou-se para o pateo.

—Nosso anjo! Nosso paê! Hurrah! gritava a multidão. E de novo mulberos e alguns homens mais fracos choravam de felleidade.

Do biacolto que o imperador tinha na mão um pedaço se quebrou; cahio sobre a balaustrada e d'nhi no eolo. O homem mais proximo, um cocheiro vestido de blusa, se lançou sobre o pedaço de biscoito e o apanhou. Outros se atiraram sobre o cocheiro. Vendo, o imperador fez trizer um guarnapo cheio de biscoitos e se poz n lançal-os da varanda aobre a multidão. Os olhos de Pedro se encheram de sangue; o perigo de ser esnagado o sobre-excitava mais; precipitou-se para dentro. Não sabia porque, era preciso que apanhasse um dos biscoitos do bolso do czar...

Anna Karemiss é o testamento litterario do conde Tolstoi; emprehendeu durante longos annos a composição d'este romance que apparecia em fragmentos numa revista de Moscow. A publicação da obra completa data apenas de 1877; foi testemunha da curiosidade levantada na Russia por este acontecimento intellectual. O escriptor tentava fixar neste livro a imagem da sociedade contemporanea, como havia feito na «Guerra e Paz» para sociedade de outro tempo.

Este segundo livro sobre a vida russa não tem a estatura da epopêia, o poder da ligação e complexidade de seu primogenito; ao contrarie, aproxima-se mais das nossas preferencias litterarias pela unidade do assumpto, sequencia da acção, desenvolvimento do caracter principal. O nosso publicoahi seria menos desorientado, encontrará mesmo dous suieidas e um adultero. Que o Maligne não rejuhile tão cedo!

Tolstoi propoz-se a escrever o livro o mmis moral que já se fez, e conseguiu o seu fin.

O herôe abstracto d'este livro é o Dever, opposto aos desvios da paixão. O autor desenvolve parallelamente a narração duma existencia lançada fora dos quadros regulares, e a contra prova, a historia dum amor legitimo, dum lar de familia e de trabalho.

Nunca pregador oppoz com mais força á pintura do inferno a do... purgatorio.

O escriptor realista não é dos que «querem ou aubem ver o paraíso em algumas das condições huuanas.

SPORT

Apresentou-nos, no domingo passado, o benemerito Jockey-Club, para a sua primeira corrida deste anno, um programma perfectamente organiso, constando de sete pareos, geralmente preenchidos por parelheiros de boa filiação e mais ou menos em condições de disputal-os, apezar da raia estar completamente alagada pelas chuvas da vespera e do dia chuvoso privar que houvesse grande concorrência, á vieta de um programma tão convidativo.

Os pareos Experiencia, Animação e International, os mais importantes, tornaram-se bem interessantes e foram brilhantemente disputados, não só pelos melhores parelheiros que nelles tomaram parte, como tambem pela luta que estabeleceram em diversos pontos do trajecto da corridã.

Diversos melhoramentos foram notndos não só no enchilamento como em algumas das suas dependencias. A archibaneada antiga dos socios foi destinada para o publico, ficando a outra definitivamente reservada para os socios, pela sua melhor posição. Alem destes, outros observamos, porém de pequena importancia.

Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1400 metros) Druid, mon-

lado pelo seu proprietario o Sr. Oliveira Junior, em 79 segundos baten os seus adversarios. Becaia que partiu na frente, afrouxou ao cabo de poucos metros e foi derrotada pelo Rondeilo que fez boa corrida cheganlo em 2º lugar. Douro em 4º. O rateio da poule foi de 18370.

No 2º pareo (1000 metros) correram animaes todos avos e de boas filiações vencendo brilhantemente em 69 segundos Ormonde. Visore em 2º e Cancaniere em 3º tendo sido a favorita. Gentleman, Indio e Fire Queen não mereceram classificação. Cambrone não correu. O rateio neste foi de 39890.

No 3º pareo (1000 metros) correram aomez Berenice e Esmeralda que em 72 segundos em gallopão facilmente foi a vencedora. E' um dos productos mais bonitos e mais desavolvidos que têm corrido em nossos hippodromos— parbens á condalaria Alliança. Galileu e Guard não correram. O rateio foi de 118900.

No 4º pareo (1400 metros) Daybreak apezar de muitas partidas falsas, tomou a frente e em 93 segundos venceu os seus competidores. Phenicia chegou em 2º e Siva em 3º. Remise, Africana, Gubier e Amazonas não mereceram classificação. O rateio foi de 131100.

No 5º pareo (1600 metros) Diva e Sibylla disputaram brilhantemente o pareo, travando lucta até o final da corrida, vencendo Sibylla em 111 1/2 segundos. Macarida partiu com grande atrazo, visto estar inteiramente machosa. O rateio foi de 118900.

No 6º pareo (1100 metros) correram Madama, Dr. Jenner, Walter, Charybdes, Scylla, Kissengen e Coupon que tendo partido muito na frente venceu os seus competidores em 95 segundos. Scylla, que chegou em 2º, apenas perdeu por meio corpo e seria vencedora se não tivesse partido com tanto atrazo. Charybdes chegou em 3º lugar. Walter, Madama, Kissengen e Dr. Jenner não tiveram classificação.

A sahida neste pareo foi má. Peruana Le Loup e Daybreak não correram. O rateio foi de 468000.

No 7º pareo (1400 metros) foi desputado por Monitor, Galgo, Dandy e Odalisco que galhardamente, em 99 segundos venceu, os seus adversarios contra a expectativa geral e Monitor o competidor, mais forte e favorito neste pareo, chegou em 2º lugar e completamente esgotado; consta ainda não estar em condições de fazer boa corrida. Dandy em 3º Galgo em ultimo lugar e descadeirado. O rateio foi de 308700 rs.

A's 5 1/2 terminaram as corridas na melhor ordem e com bastante regularidade.

DEADY-CLUB

Realisou no dia 19 do corrente a 2ª corrida deste anno. A concorrência foi regular e os pareos foram bem disputados. O programma compoz-se de oito pareos e tornou-se um pouco fraco pelo escasso numero de parelheiros.

O pareo — Rio de Janeiro, não teve logar pelo fôrfat da Phrynêa.

Eis o resultado dos pareos —:

No 1º pareo—(1600 metros) Charybdes com immensa facilidade venceu os seus competidores em 115 segundos, (mais tempo) Peruana chegou em 2º lugar e manea. Dr. Jenner distanciado.— O rateio foi de 118200.

No 2º pareo (1000 metros) Esmeralda em 69 segundos e facilmente venceu Berenice que chegou em 2º e Corcorado em 3º. Quão não correu. O rateio foi de 128900.

No 3º pareo (1450 metros) Phenicia em 100 segundos fez boa corrida vencendo Panco que chegou em 2º. Amazonas em 3º e Castiglione em 4º Remise não correu. O rateio foi de 148900.

No 4º pareo (1450 metros) Argentino fez uma brilhante corrida, vencendo inaperadamente em 103 segundos a Odalisco, que fez passima corrida, chegando em 3º lugar e completamente frouxa. Rondello chegou em 2º e Plutus na bagagem. Blair-Sthold não correu. O rateio foi de 712500.

No 5º pareo (1600 metros) Talisma em 114 segundos (mais tempo) tomou a frente e venceu os seus adversarios. Diva que apenas perdeu de Talisma por cabeça, teve o 2º lugar. Boreas parou nos terido soffreado por fazer triste figura, cheganedo em 3º lugar. Regina em 4º lugar. O rateio foi de 368900.

O 6º pareo (1750 metros) não se realisou por ter declared a fôrfat Phryca.

Estavam inscriptos Salatus, Sitan e Phryca.

No 7º pareo (1600 metros) Intima apezar de ter sahido na retagnada de Dead passou, vencendo-o facilmente em 113 1/2 segundos. Druid, que chegou em segundo e montado pelo seu proprietario, perdeu pela impericia de quem a Paulica em 3º. Becaia e Visore não correram. O rateio foi de 38900.

No 8º pareo (1100 metros) foi vencedor em 100 segundos Chaparrin. Em 2º lugar Baccarat II. em 3º Marengo. Tambem correram Zephyro, Jenny, Caporal, Albe e Mondejo. Pradaria e Ondina que chegou em 4º. Lancaster não correu. O rateio foi de 335700.

A's 5 1/2 horas terminaram as corridas com bom resultado e boa ordem.

A distincta sociedade Prado Villa Isabel realista amouha a sua corrida que foi transferida, pelas grandes chuvas que houve no domingo ntrazado o que negavam a raia.

Des-jamamos feliz exito na execução do programma, que é digno de toda a attenção.

L. M. BASTOS.

CORREIO

— Sr. T. de T. Foi bastante a leitura de seu nome para me fazer franzir o nariz. Dous tt em um só individuo, e neste tempo em que so não amarram mais cãs com linguas, já não é pouca cousa, creia. Dizem que olles eram 14 e que morreram 16. Qual caraçuas! Morreram 12, isto sim; e ficou vossa mercê que vally por dous. Se assim não fosse não teria coragem de nos mandar uns versos ruins como todos os diabos. Suas poesias Intima e No templo não são coisas que se mostrem.

— Sr. Inah Bert. Que nos traz o aehnor? Um acrostico? Isto já é coisa que não nos cheira muita bem. Emfim, vejamos se elle ao menos vem decente. Que esperança! Começa logo manquejando. Falton-lhe um prego na ferradura e por isso não pôde correr mundo. Desta vez a ana Clementina não vê acrostico, não; mas Deus é grande!

— Sr. Ascanio. Não imagina quanto eu deploro a sua annã. O Sr. é um cruel, á um Verd'Hugo! E' preciso não ter entranhas para impingir a uma pobre menina indolente uma peste de versos como os que o Sr. nos mandou. Coitadinha! Em compensação ha de vir a ter um dia o reino dos céos!

— Sr. Dr. E.F. M. Trate de pentear macacos, que ha de tirar mais resultados do que metter pombas em rima e em fazer cartas do descompustura.— o Sr. que não sabe ter compoatura no verso.

— Sr. C. P. O seu Estimulo não sae da herlinda porque tem uns versinhos errados.

Não tem desculpa hoje o verso maneco. Paciência, meu caro!

— Sr. A. R. Os seus versos não podem ser publicados porque... estão cahindo de maduros. E' tocar-se-lhe na pelle e é saltar de dentro d'elles cada um murcão, cada um diabo... de metter medo!

Diz o poeta no começo:

« Na infancia q'rida afagava a creença,
De aniares-nie sempre com transporte lonco»

O poeta está enganado; não é o transporte que é louco, mas sim o metro d'estes dous versos.

Aquelle d'creença é divino!

Prosigamos; os dous versos que seguem e quo completam a estrophe deviam ser enviados á secção Tratos de bola, mas com o conceito por baixo, que devia ser este: versos de descôco:

« Sonhava ás fritas que a sorrir-me via-
Linda, tão liada eoaio tanto ha pouco.»

Geetei!

— Sr. L. de A. Eis o titulo de sua poesia: Quero viver, e lá nisto faz muito hem! Quem é que não o quer? Os seus versos não são máus, Não abusasse

tanto das rimas em do, o a sua poesia seria mesmo *gallinha*!

E que estirado que ella é! 12 estrophen! Aí! meu amigo, isto é muito tripa. Em todo o caso vou dar aqui mesmo parte do sua poesia, visto a Collaboração estar, como já disse algures, transbordante.

QUERO VIVER

Distante dos festins, das grand's gallas,
E das falas do amor falso, vão,
Das matas quero o seio por guardado,
Quero isolada vida, solidão!

Quero viver tranquillo na floresta,
Dormir a sesta a sombra da mangueira,
Sonhar com Deus, o céu, o mar,
Ouvindo o resoar da cachoeira.

Oh! sim quero o prazer do vida santa,
Onde descansa o terno passarinho,
E quero perto ouvir o seu gorgeio
De encanto cheio e cheio de carinho.

Quero ter a montanha por encosto,
Embora exposto aos dentes de um chacal...
Minha morte as cachoeiras chorarão
E as oves-cantarão no funeral!

L. DE A.

Contente-se com isto e lamba o beijo.

ENRICO.

TRATOS Á BOLA

Metteram o dente nas *traticos* ultimas
os conhecidos e estimados *topetudos*:
Pépe, *Josephina* B. e *Valerius* *Madilena*.
Pertence a *Pépe* o premio. E' vir
busca-lo.

Eis as decifrações: *Logographo*, *Saram-
pão*, *Poesia*, *Vicio*, *Papagaio*, *Callote*.

Para hoje vão as seguintes *traticos* que
são de uma facilidade...

Atenção!

LOGOGRAFHO (por letras)

Dá-te vida o estatuario—1, 9, 7, 1, 12, 8, 11.
Negro habitante das trevas—3, 2, 1, 12, 10, 4, 12.
A ti, que inconstante e vario—1, 9, 7.
Com teu tanto nos enlevas—5, 6, 10, 12, 8.
Trazes um manio estrelado—10, 12, 4, 5, 2.
De um brilho que cança os olhos—3, 4, 9, 1, 9, 10,
5, 2.
Se és ao doente ministrado,—7, 11, 1, 6, 3, 4, 12.
Findas da vida os ecolhos.—1, 12, 7, 5, 2.

Conceito

Este todo a Grecia e a Franca,
Bem como a Sardenha banha;
De Malta á Italia se lança,
Passa entre a Africa e a Hespanha.

Alexandrina Bellora.

ENIGMA ROMANO

100
101
11
A
252—Um anjo!

Oidivo.

2—Põe certa letra no fim desta cór
que irá pelos ares.

DECAPIADA

Elle é isto; —mas a ave é de... —
deste sujito — que se contrae. —

PERGUNTA

O que é que este medico brasileiro
faz de indecente?

E, até ás uvas, devotos e devotas.

FREI ANTONIO.

PORTUGAL

Lourenço Marques de Almeida, proprietário da Agencia Commercial Portugueza, annuncia aos cheitos desta casa no Imperio do Brazil que, tencionando ir a Portugal no mez de Maio corrente, se encarrga de pessoalmente tratar naquella paiz de qualquer negocio de que o queirão incumbir, como: comprar ou vender qu'esquer generos, bens de raiz ou papeis de credito: entregar ou receber valores em moeda ou pupéis: pagar ou receber dividas; intertar açoes civéis ou commercioes; promover habilitações de herdeiros e mandar fazer pesquisas sobre quaesquer herouças; levantar quantias depositadas em bancos ou quaesquer repartições publicas; legalisar documentos; contratar colonos ou industriaes; fuzar admittir educandos ou estudantes de matricula em qu'esquer collegios ou academias de Portugal e prover o pagamento de mezas e demais dispendios; e, finalmente, todos os demais encargos de que esta casa se occupa, quer do Brazil para Portugal, quer de Portugal para o Brazil.

A commissão a cobrar pela execução de qualquer encargo será moderada e sempre proporcional á importancia e difficuldade do encargo.

N. B.—Para compra de generos ou quaesquer objectos, para pesquisas ou principio de liquidações de heranças, cuja sequencia seja duvidosa, ou para quaesquer outros encargos, cujo dispendio não possa por outra forma ser garantido, terão necessariamente os committentes de depositar uma quantia ou prestar fiança.

40 RUA DO CARMO 40

1º ANDAR

AVISO

Lourenço Marques de Almeida, tendo determinado seguir viaem para Portugal a bordo do paquete francez *Sénégal*, avisa ás pessoas que lhe têm committido encargos, para a boa execução dos quaes ficaram ainda de entregar-lhe alguns documentos que faltam, se previnam para que esses documentos lhe sejam entregues o mais tarde até o dia 28; e ás pessoas que ainda hajam de encarregar-o de qualquer commissão, prvine que só até o dia 28 inclusive acceptará novos encargos.

Outrosim declara o annunciante aos seus estimaveis amigos e freguezes que durante a sua curta ausencia deste Imperio, continuará a—Agencia Commercial Portugueza—sob a gerencia de sua mulher D. Maria Georgina Fonseca de Almeida, a occupar-se de todos os mesmos encargos de commissões, consignações e negocios de conta propria, como até aqui, para o que fica sua mulher competentemente habilitada por uma procuração lavrada no cartorio do tabelião Ramos.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sa, especia lista de syphilis e moléstias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 11/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

A Chappellaria Inglesa—Esta importante estabelecimento, o primeiro neste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes a ao publico que retirou da alfandega as ultimas novidades em superiores chapéus inglezes. Rua do Ouvidor, 120.

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Moléstias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, de meio-dia ás 2 horas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Construtores de maquinas e apparatus para lavoura—Schubert Irmãos, Hnas & C.—Juiz de Fora.

Hotel das Famílias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«O Municipio»—Redacção: Dr. FORTUNATO MOREIRA e L. DE TOLEDO—Gerencia: WENCESLAU ROSA—CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Dr. Araujo Filho—Medico parisiense; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36.

Julio Cozar Tavares Paes encarrega-se de liquidações antigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Dorby, no rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade no Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRECCAO TOR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-quer hora. Estatutos nas principais livrarias.

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchites, escrophulus, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Receben encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

PRADO VILLA-ISABEL

DOMINGO 22 DO CORRENTE

GRANDES CORRIDAS

AO MEIO-DIA EM PONTO

Pedo-se aos Srs. proprietarios dos animaes inscriptos no 1º parre para tel-os no ensilhamento as 11 horas precisas.

O 2 secretario, RAUL DE CARVALHO.

Typ. nº4 Semana, rua do Carmo n. 26, sobrado

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 26 DE MAIO DE 1897
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 126

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO



Zincographia Laemmert & C.

— Vês, miseravel? E' meu! (Vide o texto.)

REDACTORES
Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE
G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
«A Semana».....	V. MAGALHÃES
Um dia feliz.....	
Discurso de Alex. Dumas	
filho.....	
A Festa das lagrymas,	
poesia.....	M. SILVA.
Plágios e plagiários.....	V. MAGALHÃES.
Mais uma fita moita, so-	
neto.....	L. N.
Galeria de originaes—II.	U. DUARTE.
Notas bibliographicas.....	A.
A' Mme. Ladislau Netto.	
Parisiã.....	UNE AMIE.
Gazetilha medica.....	DR. SAHÉN.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
A Vida Alegre.....	PONSARDIN.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Festas, bailes e concertos	LRAGNON.
Theatros.....	P. TALMA.
Fotos e Noticias.....	
Coerço.....	ENRICO.
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

	CÔRTE
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

No escriptorio d'esta folha comprase, a 500 réis, exemplares dos ns. 56, 57 e 64 d'A Semana.

Estão encadernadas e á disposiçãõ do publico, em nosso escriptorio, algumas collecções d'A Semana, do anno de 1886.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Eopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Swangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

A SEMANA

A nossa gravura de hoje, illustrando um pequeno conto, é o que bem se pode chamar *uma surpresa*. Não foi annunciada, ninguém a esperava. Devemos o desenho ao nosso distincto collaborador artistico Belmiro de Almeida, que, mais uma vez, revela as suas bellas qualidades de desenhador

delicado e original. Cremos quo ha de agrandar nos nossos leitores, pois o trabalho zineographico em nada prejudicou o desenho e honra as officinas da cnsn Laemmert & C.

No proximo numero hrindaremos os Srs. assignantes com uma lindissima hrincarola—*A sereia*, musica de D. Franciscon Gonzaga, a inspirada e original compositora hrnzileira, e versos de Aluizio Azevedo, dignos da formosa musica que para elles compoz a talentoso auctora da celebre *Atrahente* e de outros verdadeiros mimos musicas.

E em o n. 128 continuaremos a *Galeria do Elogio Mutuo*—retrato de Alfredo de Souza, artigo biographico de Henrique de Magalhães.

Continuamos a empenhar como vêm os nossos assignantes e leitores, todos os esforços para corresponder á estima e ao benevolo apreço com que nos têm honrado.

Ha muito tempo não liamos uma poesia de tanto merecimento como a *Festa das lagrymas*, de Moraes Silva, que hoje enriquece as nossas columnas. E' uma composição de primeira ordem: pela correção artistica, pelo engenho da concepção, pelo sentimento profundo e singelo que regema de todos os versos e pelo alto espirito de philantropia que a inspirou.

Moraes Silva, que muitas vezes nos tem honrado com os seus versos, só com a *Festa das lagrymas* faria irrecusavel direito a figurar no elevado plano em que irradiam os nomes de Luiz Delino, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac. Quem escreve taes versos é poeta, e dos grandes.

Transcreveremos no proximo numero um novo artigo de Lucio de Mendonça, publicado ante-hontem no excellento *Diario Mercantil*, em treplica a Olavo Bilac na questãõ G. Dias e Castro Alves.

A REDACÇÃO.

UM DIA FELIZ

— Sim, minha querida, fujamos, vamos passar este dia bem longe, muito longe do zumbir d'esta immensa colmeia, longe das dores como das alegrias, das tristezas como das festas da grande cidade. Ella é para os jubilos d'este dia a mesma indifferente que tem sido para as minhas horas de fadiga e desanimo e para as nossas horas de immensa magua.

— Fujamos, sim, meu amor. Tu hoje és meu, somente meu. Todos os dias ella, essa rival que odeio, absorve-te de manhã á noite. Vives nella e com ella a maior e a melhor parte da tua vida. Ah! quantos dias não tem passado de que me não dás senão alguns momentos breves. E esses mesmos nem sempre m'os dedicas; esses mesmos são para pensar nella.

— Ciumenta!
— Ciumenta, sim. Quizera-te meu, só meu e dos nossos filhos. Tenho-lhe ciúmes, tenho-lhe odio porque ella é grande, é enorme, é poderosa, tem todos os encantos, todas as attracções, todos os abysmos da tentação; porque é nula,

tem milhares de faces, de olhos, de vozes e de braços. Como não hei de tomar semelhante rival, pobre de mim que só tenho esta voz, que apenas sabe dizer: «Adoro-to!», mas que os teus ouvidos já estão cansados de ouvir...
— Maria!

— ... que só tenho estes olhos, que só a tua imagem reflectem, que sorriem para os teus, quando os vêm sorrindo, e que choram quando paira no céu dos teus a nuvem de uma tristoza, ou so vae formando a chuva das lagrymas; pobre de mim, que só tenho estes dois pobres braços que apenas sabem ser debeis para te abraçar, crispados de paixão, mas que seriam mais robustos que os de Judith, se por ventura a desgraça inutilisasse os teus, e fosse preciso que o pão do nosso lar fosse cavado com o trabalho dos meus...
— Querida da minha alma!...
— Oh! como não hei de arrealar-me d'essa rival, eu que sou pobre, fraca, pequena, humilde, sem outra riqueza, sem outra força, sem outra belleza, sem outro encanto, sem outra grandeza mais do que o meu amor?!...
— Mas, louquinha, é só a ti que eu amo, que eu quero, que eu admiro. Quando estou com ella, não é nella que eu penso: é em ti.

— Mentis! Sei que mentes porque me amas; mas isso não é verdade. Por ventura quando estás em meio do bulicio e da agitação de que ella te cerca, quando te emmaranbas na teia monstruosa d'essa aranha maldicta, quando te prendem os fios, entrecruzados e innumerados, dos seus prazeres, das suas ambições, das suas baizezas, dos seus encantos, dos seus interesses; quando ella te atordoa com os seus cantos de sereia, com a grita das suas paixões, com a musica do seu dinheiro; quando ella te deslumbra com a belleza das suas mulheres de todas as classes, com todas as seducções—as mais delicadas como as mas torpes—com as festas, os theatros, os estofos caros, as joias scintillantes, com todas as opulencias e todos os prazeres, enfim; quando ella te entretém, te prende, te distrae com as confidencias dos amigos, com a narração dos escandalos, com o ciciar dos boatos, com o tracto dos negocios, com as palestras sobre arte ou letras—pensas tu, porventura, então, na tua mulher, na tua pobre mulherzinha que aqui fica, trabalhando, tambem, no arranjo e no governo da nossa casa, do nosso reinoinho, e que desde que te vaes pela manhã só tem um pensamento: esperar-te; e que se dá por hem paga dos fastios da espéra com o prazer divino de ouvir, á tarde, os teus passos na escada; pensas tu em mim, porventura?
— Sim, penso...
— Ah! não mintas mais! E fujamos. Tu hoje és meu. Ah! ella tem muito tempo para gosar da tua companhia! E' hoje um dos poucos dias em que o triumpho é meu. Vamos!

Vista lá de cima, do alto do Corcovado, a capital, a detestada e poderosa

rival de Maria, é pequenn e humilde.

Os quarteirões lembravam *esses* desenhos com que brincam as crianças, com a symetria do ninhamento e divisão das casas, a disposiçãõ das torres, das e das pequeninas arvoros; os lagos pareciam de maincheta e o mar, parado; luzente, manchado de pequenas sombras de nuvios immoveis, parecia de folha de Flandres. Nas ruasitas, multilá em baixo, caminhavam rectiligneamente umas como formigas: —eram os bonds.

Tinham acabado o *lunch*, de uma frugalidade deliciosa, entresachado de beijos e de risos: —o arrulbar de dois corações amantes.

Os olhos de Maria brilhavam humidos, com estranho fulgor,—mixto de dogura e altivez; e o óom o dedo alvo, estendido o braço e a voz ironica, ia apontando os bairros, as ruas, os edificios, mas sempre com esta observação sarcastica, como um estribilho de mofa:

— Como é pequenina!
De repente, enlaçou fortemente o marido pelo pescoço, com um braço deu-lhe um ruidoso beijo na bocca, depois, estendendo o outro braço, e gritou á cidade, á poderosa rival—tãõ pequenina! — gritou com um brado intraluzivel de triumpho:
— Vês, miseravel? E' meu!

16 de Janeiro 1887.

VALENTIM MAGALHÃES

Discurso de Alexandre Dumas

EM RESPOSTA AO DE LECONTE DE LISLE, NA ACADEMIA FRANCEZA

(Continuação)

Sob o influxo do Deus de Moysés e de Jesus, a poesia inspiroa a *Divina Comedia* ao Dante, a *Messide* a Kluytack, *Polyeucto* a Corneille, *Athalia* a Racine, o *Paraiso Perdido* a Milton, o *Fausto* a Goethe; de modo que, quando chegastes á França, inbuido da poesia oriental e da grega, a cuja fonte nos quereis revocar, vos encontrastes em frente de poetas christãos, ultimo reflexo d'aquillo a que chamamos a religiosidade facticia e sensual de Cbatéus briand.

Lamartine, Hugo, Musset eram entre nós os cantores d'essa poesia espiritualista.

Lamartine dizia:

*O Père qu'adore mon père,
Toi qu'on ne nomme qu'à genoux;
Toi dont le nom terrible et doux
Fait courber le front de ma mère;*

*On dit que ce brillant soleil
N'est qu'un jouet de ta puissance,
Que sous les pieds il se balance
Comme une lampe de vermeil,*

*On dit que c'est toi qui fais naître
Les petits oiseaux dans les champs,
Et qui donne aux petits enfants
Une âme aussi pour te connaître,*

Victor Hugo dizia á filha: *Ma fille, va prier*, e quando, quinze annos depois, a morte lhe roubava sua filha, exclamava:

*Maintenant! o mon Dieu, que j'ai ce calme sombre
De pouvoir désormais
Voir de mes yeux la pierre où je sais que dans l'ombre
Elle dort pour jamais,*

*Maintenant, qu'attendra par ces divins spectacles,
Plaines, forêts, rochers, vallons, fleuve argenté;
Foyant ma petitesse et voyant vos miracles,
Je reprends ma raison devant l'immensité;*

Je viens à vous, seigneur, Père ou quel il faut craindre,
Je vous prie, apaisé,
Les morceaux de ce cœur, tout plein de cette gloire,
Que vous avez brisé.

Finalmente, Musset, a quem alguns, que por ventura o não teriam bastante, exprimam que não tinha cantado em toda a sua vida — senão a canção do Cherubim á malinha, que elle aliás coute-va admiravelmente, Musset exclamava, depois de responder, sem réplica possível, a todas as philosophias passadas, presentes e futuras:

Imez, rhéteurs aiens, maîtres de la science,
Chrétiens du temps passé et rétroars d'aujourd'hui;
Croyez-moi, la prière est un cri d'espérance!
Pour que Dieu nous réponde, adressons-nous à lui.
Il est juste, il est bon; sans doute il vous pardonne,
Tous vous avez souffert; le reste est oublié!
Si le ciel est d'acier, nous n'offensois personne;
Si quelque'un nous entend, qu'il nous renne en pitié!

Viva Deus! é o que se deve aqui exclaimar; ah! estão bellos versos, senhor; nem conheço outros mais bellos em nossa lingua, posto que conheça muitos versos. Se puderdes ao lado das tres peças que acabo de citar — o Lago de Lamartine, a Tristeza de Olympio, de Victor Hugo, a Recordação, ou qualquer das Noites, a que quizerdes, de Musset, tereis, com o cômico de Athalia, de Esther e de Polygno, rom a admiravel traducção em verso da Imitação por Corneille, terois, digo, aproximadamente a ultima palavra do nossas poesias de amor terrestre e divino. Isso a que vindes combater; é o que quereis derribar. Tentativa como qualquer outra. Tudo é permitido quando ha um fio de sinceridade, tanto mais quanto é certo que o mesmo que aconselhaes aos poetas novos que façam, vós proprio o encetastes, resolutamente, pacientemente. Immolastes em vos a emoção pessoal, encestes a paixão, amiquilastes a sensação, abafastes o sentimento. Quizeses que, em vossa obra, tudo quanto é immundo vos ficasse alheio. Impassivel, brilhante e inalteravel como o antigo espelho de prata polido, vistes passar, e reflectistes oxactamente, as mudanças, os factos, as edades, as consis exteriorios.

Não quereis que o poeta nos entre-tinha com as cousas da alma, demasiado intimas e demasiado vulgares. Nada mais de enoção, nem de ideal; nada mais de sentimento, nem de fé; nada mais de pulsação do coração, nem de lagrymas. Tornais o céu deseto e a terra nua. Quereis restituir a vida á poesia, e d'ella tiraes o que é a propria vida do Universo, — o amor, o eterno amor. Bastam-vos a natureza material, a sciencia, a philosophia. Decerto que o firmamento, o sol, a lua, as estrellas, os oceanos, as florestas, o divino, os monstros, os animaes são interessantes; mas interessante tambem sou eu, o homem. O meu eu que vive, que ama, que pensa, que sofre, que espera a ponto de crer no que nau tu lhe provi, este eu, nutraço, concedo, mas andraço que me é querido, tem tanto direito como o restante do Uni-verso á expressão do seu amor, do seu poder, da sua esperanca, da sua fé, do seu sonho. Se perdeo aos poetas, se lhes peço até, que me falem de si, é porque ao falarem-me de si, se falam bem, falam-me de mim.

Discussões, raciocinios, theorias, es-thetica, tudo isso é e será baldado. Só pertencemos ao que nos commove. A alma humana assemelha-se á Ignez de Molière. A todos os argumentos d'eschola responde o que a ioncente pupilla de Arnolpho responde no velho tutor, quando este se quer toroar amado della:

Tenez, tous vos discours me troublent point l'âme;
Horace, avec deux mots, en ferait plus que vous-

(*) Esta mesmíssima idéa — cerca da poesia immunda achase expressa e desenvolvida por Victor Hugo, no prefacio das Contemplações, nestes termos:

« É então isto a vida d'um homem? E, sim, e é tambem a vida dos outros homens. Nenhum de nós tem a honra de possuir uma vida exclusiva e unicamente sua. A minha vida é a vossa, a vossa vida é a minha, viveis o que eu vivo; o destino é um só. Tmae, pois, este espelho, e contemplae-vos nelle. Queixai-vos ás vezes dos escriptores que dizem eu. Falae-vos de nós, bradam-nos. Al' quando vos faldo de mim, faldo-vos de vos. Como não o comprehendeis? Ah! insensato, que julgas que eu não sou tu? »

Nota do traductor.

Essas duas palavras que a humani-dade, como Ignez, quer sempre ouvir, e que hão de arrastar e convencer, são exactamente as que vós exclus a poesia. E que compensação lhe ofereceis em troca? Após cincoenta annos de erudição, de meditação, de iniciação nas tradições de todos os tempos, qual a philosophia de vossa trilogia dorila, políticsa dos Poemas Antigos, Poemas Barbaros e Poemas Tragicos? São as duas grandes imprecções de Caím e de Balgavat, cuja conclusão é o nada do mundo, e cujo fim é a morte.

Et toi, divine Mort, où tout rentre et s'efface,
Accueille tes enfans dans ton sein étoilé;
Affranchs nous du temps, du nombre et de l'espace;
Et rends-nous le repos que la vie a troublé.

Ah! está o que nos trazeis para rege-nerar-nos, depois dos tres mil annos de barbaria intellectual que atravessá-mos, segundo a vossa opinião, desde Homero, Eschylo e Sophocles.

Eis a educação que os adeptos da poesia, tal qual a concebéis, dariam ás gerações novas, ao retomarem a direcção das almas: o vácuo do ser, a apolo-gia da morte. E' a mesma conclusão do Ecclesiastes, hi mais de dous mil annos, e a de Schopenhauer em nossos dias. Não quereis culir, sem que deis por tal, nas revoltas e blasphemias de Lara, nas tristezas de Renato, nas melancholias de Obermann? Felizmente — deixae-me dizer-vos o meu pensa-mento inteiro — não creio no sincero desejo de morrer dos que, havendo-o exprumido, mormente em tão bellos versos como os que acabo de citar, continham a viver. Toda essa esperanca affigara-se-me então puramente litteraria. De tudo quanto o homem polo des-jar, prosperidade, riqueza, saúde, amor, morte, é exactamente a morte a unica que está em suas mãos alcançar immediatamente, sem favor dos deuses, nem auxilio humano. Pois é exacta-mente a unica que elle não tracta de alcançar quasi nunca. A morte tem o que quer que seja de bom, mas o homem ha de preferir-lhe sempre a vida, até vêr. Tanto assim que na esperanca que possuinos de ser eternos no outro mundo entra talvez por muito o des-espero de o não sermos neste.

Todas as nossas lamentações, neste assumpto, vêm ter a final o fabula da Morte e o Lethador, do bom Laton-taine, — philosopho para crianças, que attribue aos animaes tantos ditos sensatos, para o qual nossas mães nos levam á força em pequeninas, no qual voltamos de todo proprio quando velhos, e cuja philosophia é talvez a unica ao alcance do homem e á qual me parece que vos proprio começas a regressar. É a prova é que vos vemos ali, vivo, perfeitamente vivo, graças a Deus, e até immortal, immortal como todos aqui o somos; não vos garantio, mais do que isto. Durante essa mutua im-mortalidade, esforçar-nos-emos por vos tornar a vida smavel, para que possaes escrever por muito tempo ai-dos bellos versos acerca da morte; e haveis de vêr que esta vida tem momentos bons, como por exemplo este, em que sinto verdadeiro jubilo, garanto-vos, em prestar publica homenagem, inda que contradictando-o um pouco, a um homem de grande talento e bello caracter.

Quando suhe que tinha de res-onder-vos, senhor, confesso-vos que espe-rei com impaciencia a communicação de vnsso discurso. Afigurava-se-me que devia ser para vos occasião d'um mani-festo definitivo, d'um estudo que não podia deixar de ser interessante, fossem quaes fossem as vossas conclusões acerca do estado da poesia em França, desde 1830. Não julgastes dever fazer semelhante estudo. Nem palavra de Lamartine nem de Musset! Só eu, e todos os que nos escutam, nos lembrá-mos d'elles. Aliás, cumpre-me evitar-vos immediatamente, — para vos evitar qualquer equivooco inútil em vossas futuras conversas com os vossos novos collegas, — que na Academia continua-mos a admirar apaixonadamente o d'elles e a amar doidamente o outro. Recordações, hábitos da mocidade, sem duvida! Fizestes apoesas allusões ao Moyses de Alfredo de Vigny e a um de seus pensamentos. E é tudo quanto concedeis á eschola romantica; é pouco. Quizera tambem vêr-vos entrar em algumas mioudencias acerca dos pro-cessos da nova eschola de versificação

de que Victor Hugo foi e continuará a ser o chefe, e de quo pois o continuador mais doctoralizado, ainda mais severo do que elle, negara as questões de cultura, de corte dos versos, de suspensão de sentido de um pars outro, de rimas ricas ou pobres, e un ou sem consanato do apoio, finalmente, acerca de todas as questões de technica e de prosodin que levntam tanto rumor no Parnaso. Poderis ter-nos dicto em que ficamos a respeito do nosso velho Boileau, se continha a ter razão ou vosso conceito, como a tem ao meu, por exemplo, que continha a entender, em materia de versificação que se pôde dizer tudo na forma de que Malherbc, Regnier, Crueille, Racine, Molière se contentaram. Gosto dos versos que vão aos pars certos, como os bois ou os amantes, e culito que os versos destinados a fixarem-se na memoria dos homens são os construidos d'esse modo, o que encerram uns bella idéa ou uma bella imagem num verso cuja estrutura Boileau approvaria.

(Continúa)

A FESTA DAS LAGRYMAS.

A JOAQUIM NABUCCO

Aos arrebatados olhos abre-se-lhe a porta
Do carcere sombrio e miseravel,
E elle vem, — outro justo que supporta
A cruz negra da infamia, tropeçando: —
Pellegrino, entrecado e humilde, entorta
O dorso ainda a mais, p'ra terra olhando
Atlante da miseria, sente aos hombros
O peço ingente, e a terra ondear por sobre os

Em vez de ceo, de cima escuta o rouco
Do latega a corrente a mais pelo cito;
Em vez da trilha facil, péa-o o tronco,
Que o andar trópago e tímido tem feito;
Em vez do espaço franco, o pulso bronco
A aspiração retrai-lhe e assusta o peito;
Prezo ao chão, Prometheo, move-se a custo,
Debate-se no leito de Procasto.

Quendo aclamação do Povo, a medo,
E vendo com pavor a extranha cohorte;
P'ra livre ser julgando que inda cedeo,
— Pois será que a — Liberdade traz a morte.
Não quer deixar ao íntimo degradedo,
Embora o Povo enthusiamado o exhalte:
Das acres negras retomando o exemplo,
Da Escravidão sinistra volta ao templo.

Ali desrou a luz do morto cyrio
Junto ao registo, de seo leito á beira;
Os instructores negros do martyrio,
Sua tunica esquadra e agoureira:
D'ali ninguém espera mais que tire-o,
Pois que na sombra é a sua careira:
P'ra todos olha, tetrobando pausa,
Que até o azul do ceo horror lhe cruzá?

Recua, ouvindo a voz do Povo, fora,
Da Liberdade os hymnos repetindo;
Pensa que combat d'elle como outrora,
E o canto alegre chega-lhe rugindo;
Recioso e esparcorido, ri-se, chora
Imbecilmente, vendo todos rindo...
Aquillo tudo cuida que é mentira;
E, pobre idiota, a soluçar delira.

Vem festivo e contente a mocidade
Offerrecer-lhe o balsamo das dores,
E diz-lhe tudo aquillo ser verdade:
Que não ha para os velhos mais senhores:
E quando, com gazil fraternidade,
O abraço e o chão alastra-lhe de flores,
De joelhos une ao peito as flores soltas,
E lhas dá outra vez em pranto encoltas.

A luz da Imprensa esbarra-lhe na fronte
E irradiada; e elle diz: — Eu não começo
A grande luz, se bem que ella me aponte
Um bom caminho e mostre-me o tropeço;
Porém qual po se ser meo horizonte,
Sendo da vida o fim o meu começo?
Se assim quereis me desviar do peço,
Eu não fico obrigada como um rego.

Onde irai eu, a misera e covarde,
Encontrar quem me dê gratos abraço.
Eu, que não faço e venturoso alarde
Deir no mundo aprax um amigo?...
Ja não tenho esperança, é muito tarde,
Lou talvez de achar-me se sou digno:
E' tempo de dormir, entre canções,
Tenho o corpo miseravel e chagado.

Faltom-me as forças para que me affaste
A transpor os limites do deserto
As carnes arrancam-me o aspero agulhe,
A dor o coração, no escuro cárcero
Atalho frio e lugubre da noite,
Irrei posar por vós como um enteiro!
E qual outro podera ser meo parto,
Morto por dentro e já por fora morto!

Onde irai, cambaleando pela estrada,
Tanta de medo e tanto de rubore,
Levando por bastião a toca escura,
E os pés descalços, de que o mundo ri-se
Sem ter ceo, sem ter alma, sem ter nada,
O que diria aquella que me viu?
A que morte irai, que de horror nos parma?
Tumulo que anda, lucido fantasma!

O que é viver? O ludo e a abismo vive,
I serpente — arrastado-se; arrastado-me:
Tenho da dor a vida que recive,
E a chama riva: aonde a dor se queime:
Ace do fogo, sempre em roda vive
O inferno, antes do inferno, em que abraço me!
Por que rindes tanto a noite abrir-me a porta,
Se trago n'alma a mocidade morta?

Memo quando o ar é livre, eu, desgraçada,
Morte que vive dentro da materia,
Pasae nas festas a chorar, calado,
Pois nem gemer deixava-me a miseria:
Ninguém avio-me, e andei crucificada
Pelos areaes ardentes da Siberia,
Na camisa mortuaria, a cada instante,
Verme, sentindo as dores de um gigante!

Tenho lá dentro a tumulo da esposa,
Que ao tronco ni morrer, sangrenta e nua;
Tenho lá dentro o filho que repousa,
Jogado a terra como um cão da rua;
Tenho lá dentro de meo pas a louca
Entre as dos bois possantes da charrua;
Tenho lá dentro tudo quanto tenho:
Meo ninho d'alma, meo sagrado lenho.

Idê vós, mas que fostes os felizes,
Vae vivastes dos males esquecidos,
De meos filhos entre as cicatrizes,
Flá, do ceo, serei agradecido:
Quis ou obrigou os meus juizes
D'esta Judia a ouvir o gemido;
Que não tenho como eu a mesma sorte:
Morri na vida p'ra viver na morte!

A dor profunda, o pranto, e os vos plangente
Excitam mais o contristado Povo,
Que torna ainda enthusiamadamente
A querel-o tirar do abismo cor;
E cada vez, em multidão crescente,
Chega-se a elle, fala-lhe de morte,
Guia-lhe os passos, lhe estrema o hombro,
E pede-lhe com lagrymas e avombro:

— Olha a plebe inenitrel, que trabalha
Para o jugo arrancar do alto dorso;
Hydra, que no holocausto inda estrepante
T tyrania, e cresce com referio!
Que tensas lere ao menos a mortalha,
E isto, talvez, nos tire do remorso!
Tambem não acordamos muito tarde!
— Inda és capicco, somos um covarde! —

Agradecendo o estridulo enthusiamso
Do Povo que o soude, frouzos passos
Encaminha p'ra luz: senti marasmio
Detem — o; está cansado dos fracassos
Da escravidão cruel; perplexo e pasmo,
Parecendo abençoar, levanta as braços,
Morri, suspira, chora, e na locutura,
— Caê deslumbrado e pede a sepultura!

J. DE MORTES SILVA.

Quando se vos apresentar um dever
— cumprilo cegamente; não o discutaes —
— se o discutirdes encontrarais
sohejas razões para o não cumprirdes.

Cl. de la Harvat.

PLAGIOS E PLAGIARIOS

Em o n. 121 d'A Semana publicamos uma pagina do segundo volume, inédito, do *Subsidios Literarios* do Sr. Guillaume Bellegarde, na qual demonstra o illustrado bibliophilo que o celebre soneto de Raymundo Corrêa *As pombas* não foi imitado dos versos de Gautier *Les colombes*. Esqueceu-se, no entanto, de que ha em outra obra do mesmo auctor uma passagem que a ignorancia ou malignos e a malignos ignorantes pôde dar enchanças a accusar de plagio o nosso grande poeta.

Refiro-me á famosa *Mlle. de Maupin*. Eis o que se lê na pagina 62: « Si tu viens trop tard, ô mou idéal, je n'aurai plus la force de t'aimer: — mon âme est comme un colombier tout plein de colombes. A toute heure du jour, il s'en envolte quelque désir. Les colombes reviennent au colombier, mais les désirs ne reviennent point au cœur. »

Leia-se agora o formosissimo soneto de Raymundo:

«AS POMBAS»

Vae-se a primeira pomba despertada...
Tae-se outra mais... mais outra... emfim dezesseis

Da pombas vão-se dos pombaes, apenas
Rala, sanguinea e fresca a madrugada.

É á tarde, quando a rigida norteada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruñando as azas, sacudiado es pennas,
Voltam todas em bando e em rovoada...

Tambem dos corações onde abotvem,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia es zes soltam,
Fogem... mas eos pombaes espombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

Realmente, os superficiaes, os que lêem sem digerir e sem assimilar, os incapazes de penetrar além das letras e de desortiar outro horizonte além do da pagina do livro em que se recheiam inutilmente de erudição, esses, deante n confrontação do trecho de prosa franceza com os ultimos tercetos do soneto em questão, têm de que se assanhar e de que vir n publico trombetar accusações delirantes contra o primoroso poeta das *Symphonias*. Ora, infelizmente, a maioria do publico que lê acompanharia esses Colombos de suppostos crimes litterarios; o que seria perfeitamente natural. Existem ali as apparencias comprometedoras do que erradamente o vulgo, acompanhando a referida casta de criticos, considera — plagio, furto litterario; e se estes, que têm o dever de entender d'esse ariscado, que têm por si a presumpção da competencia para julgar em taes pleitos, gritassem: « — E' um plagio! Raymundo Corrêa é um plagiario! Abaixo do altar! Cubramol-o de ignominia e de esquecimento! » teria o publico razão para repetir esses feroces gritos de guerra e ficar considerando-o um gatuno litterario.

Convém, portanto: I destruir essa balela frivola, provando que não é aquillo um plagio; II provar que entre os maiores escriptores do mundo, entre aquellas que a Gloria immortalizou, poucos são os que não mereceram as péchas de imitação, paraphrase, plagio e furto — furto escandaloso e descarado; III pôr a limpo, determinar definitivamente, irrefutavelmente, aquillo que constitue a originalidade, a verdadeira originalidade litteraria e

artística; IV deixar, de uma vez por todas, demostrado que Raymundo Corrêa é um dos nossos poetas de maior originalidade e de individualidade mais independente e caracteristica.

1

Comecemos definindo o que seja plagio;

Vappereau, no seu «*Diccionario das Litteraturas*», define o plagio « a appropriação, não do pensamento de outrem, mas da forma que o reveste, em uma obra litteraria ou artistica. » E, desenvolvendo essa definição, acrescenta: «*En se refermaat dans le domaine des lettres, il faut séparer du plagiat l'emprunt, l'imitation, la similitude d'idées, la reminiscence, tout ce qui, enfin, peut se produire de pareil ou d'identique dans les écrits de deux auteurs, soit par une rencontre fortuite et à l'insu de celui qui vient le second, soit d'une manière avouée et sans aucune intention de fraude.*»

Não é plagio, portanto, na auctorizada opinião de Vappereau, a adaptação, a imitação, a semelhança de idéias, a reminiscência, a appropriação meramente da idéia.

« Os pensamentos isolados — diz ainda o illustre critico — *bem que com cunho pessoal, podem ser novamente utilizados, sem que seja iseo plagio.*»

« Il y a des gens, diz Pascal, qui voudraient qu'un auteur ne parlât jamais des choses dont les autres ont parlé... Mais si les matières qu'il traite ne sont pas nouvelles, la disposition en est nouvelle. *Quand on joue à la paume c'est une même balle dont jouent l'un et l'autre, mais l'un la place mieux.*»

E' frivola, sobre injusta, a accusação de plagio, portanto, onde se apropriou idéia, pensamento, opinião, ou simples imagem de outrem, daado-se-lhe forma differente, nova, marcada por um cunho original.

Charles Nodier define o plagio propriamente dicto: « a acção de tirar de um auctor (particularmente moderno e nacional, o que agrava o delicto) o fundo de uma obra de invejação, o desenvolvimento de uma noção nova ou ainda mal conhecida, a forma de um ou mais pensamentos; porque podem ganhar com uma forma nova; noções estabelecidas, que um novo e mais feliz desenvolvimento pôde esclarecer; obras cujo fundo pôde ser melhorado por uma forma nova; e fóra injusticia qualificar de plagio o que não é mais que mera ampliação ou melhoria util (1). »

« Os pensamentos isolados — afirma o primeiro dos auctores citados, — podem ser novamente utilizados sem que seja isso plagiar. »

Sem duvida. De idéias, de pensamentos, de imagens, não ha ninguem que se possa reputar proprietario legitimo. Perteacem ao dominio vaetissimo da Intelligencia, onde a todos é licito colher e respigar á vontade, que uma geração de escriptores monda e semeia para a que tem de succeder-lhe. Pretencioso ridiculo é o escriptor que porventura acredita que alguma das cousas que escreve é original, é nova, nunca se erguera ao sol — como se abaixo d'este alguma novidade houvesse!

Originalidade existe, eim, e muitas vezes completa, absoluta; mas consistindo na maneira nova de dizer cousas velhas, remoçando-as; na diversa e não

usada forma de que se vestem; no modo de entendel-as e utilisal-as, muito outro dos anteriores. Original, emfim, é o escriptor que tem uma individualidade propria, um modo seu de se exprimir, de tractar as idéias, de enropear-as, de apresental-as; que tem um sinete só d'elle, com que marca as idéias de todo o mundo, para que, como unicamente d'elle d'eatão em deaate sejam tidas; o que tem, emfim, *forma propria*.

Ora, Raymundo Corrêa tem individualidade, tem esse modo, esse sinete, essa forma.

Rousseau, accusado de pilhagem, disse, defendendo-se bellamente, energeticamente: « Quem, possuido cerebro activo e pensante, haja uma vez sentido o delirio e a attracção do trabalho mental, não segue servilmente a traça de outrem para se prover de productos alheios, de preferencia aos de sua propria lavra. »

Precisemos ainda mais a questão, no sentido de provar que, concedido haver Raymundo Corrêa aproveitado a bella imagem do pombal, de Gautier, para o seu famoso e formoso soneto, não cometeu um plagio.

Continuemos a ouvir Nodier. (2) Diz elle, claramente: « O poeta, e especialmente o poeta dramatico, que se apodera de alheia idéia, engenhosa ou sublime, e que a veste com a sua linguagem, não é obrigado a citar. Ha, além disso, na applicação da linguagem elegante e medida da poesia a qualquer pensamento uma especie de merito proprio, que distingue o poeta do prosador. Emfim, esta especie de adaptação está consagrada pela opinião unanime dos criticos. »

Mais ainda, e ainda mais claro, se é possivel: « O terceiro genero de imitação ou plagio *auctorizado* é o que consiste em passar para verso o pensamento de um auctor nacional e mesmo contemporaneo que escreveu em prosa. » Exemplos: Coraëlle, na scena celebre da «*Clemencia de Augusto*», não fez mais do que rimar uma soberba pagina de Montaigne: *Divers évenemens de même conseil*; e d'esse mesma passagem, que, aliás, tambem Montaigne havia litteralmente copiado (3) tirou Voltaire as palavras celebres de Gusman, no desfecho de *Alzira*. A idéia e o sentimento e a maneira de tractar o assumpto das estrophes da *Ode á Fortuna*, de Rousseau, são tambem de uma passagem de Montaigne (cap. 2º do liv. 3º).

Se tudo isto ainda não basta lembrarei o que diz Larousse: (de cujo auxilio esta unica vez me sirvo, por ser decisivo no caso: « Plagiar um escriptor é roubar-lhe os pensamentos, sem lhes dar nenhum cunho pessoal. » Ou, por outras e mais longas palavras: Quem assella os seus ou alheios pensamentos com o cunho da sua individualidade litteraria não é um plagiario.

Ora, Raymundo Corrêa — dando de barato, por verdadeiro, que elle ao compor o soneto conhecesse, ou tivesse presente á memoria, a bella imagem de Gautier — fez com um pensamento que o proprio Gautier não podia garantir haver creado, que tem sido empregado, explorado, imitado, repetido por outros muitos escriptores — um soneto admiravel, originalissimo pelos encantos do verso, harmonioso, expressivo, singelo; originalissimo pela musica suave e melodiosa do rythmo; originalissimo, emfim, pela forma, que constitue a ver-

dadeira originalidade, e que em Raymundo não se parece nem se confunde com a de nenhum poeta, nosso ou de fóra. Tão original — esse soneto, accoimado do plagio, que tem sido imitado, plagiado uma, dez, cent vezes, aqui como em Portugal.

Quem é que já se lembrava d'esse pensamento de Gautier? E hoje quem ha que possa esquecer o soneto de Raymundo? E porque? Porque elle, com o poder do seu talento, com a força de sua poderosissima individualidade artistica, fez d'quelle limpida gota d'agua um largo, sereno e crystallino lago!

Compare-se, além d'isso, o pensamento fundamental do soneto, a sua intenção litteraria, com a simples imagem de Gautier, e ver-se-á que a differença é muito maior do que parece. Gautier diz ao seu ideal que venha depressa, porque, se elle se demorar, já elle, poeta, terá perdido a força de amal-o; porque a sua alma, cheia de desejos, é como um pombal cheio de pombas: a cada hora do dia vóu um desejo, mas as pombas voltam ao pombal e os desejos não lhe voltam ao coração. No soneto de Raymundo compara-se o coração, na mocidade, com um pombal; a partida e a volta das pombas são descriptas admiravel, originalissimamente: duas obras primas esses quartetos immortaes! Gautier falou em desejos; Raymundo diz: os sonhos que, na primeira estação da vida, partem:

« No azul da adolescencia as azas soltam »

idéia que não se encontra na passagem de Gautier. Este referio-se á perda dos desejos; Raymundo á perda dos sonhos, na juvenute. Não ha, então, differença, no pensamento de um e do outro poeta? Negal-o, agora, fora demasiada teimosia e má fé.

Isto, porem, pouco importa: Houvesse ou não o poeta brasileiro lido, apropriado o pensamento do poeta francez — o que era de seu direito — o seu soneto é original, é novo, é seu, unicamente seu; ao passo que a imagem de Gautier é tanto d'elle como dos poetas que o precederam e se lhe succederam.

Convém ainda — embora seja dispensavel — lembrar o que affirmam os auctores que citei: — que a appropriação, *devida a inconsciente trabalho da memoria*, não representa plagio; é muito commum o emprego de hemistichios e versos inteiros de poetas antigos ou contemporaneos. Virgilio, que foi um imitador de Homero, tem vereos, nas suas obras, de muitos poetas, inclusive Lucrecio: o mesmo fez Camões de muitas versos de Virgilio e outros poetas antigos.

E' commum, trivialissimo, o facto de se encontrarem os grandes espiritos; o que deu origem a conhecido proloquio francez.

Por tudo quanto deixei dicto, creio poder terminar a primeira parte d'este estudo: — ficou provado que o soneto *As pombas* não é um plagio feito a Th. Gautier.

Quem o affirmasse emmittiria uma balela impensada e frivola, aliás evidentemente propria a ter curao em boccos faccis ao detrahimento e á ceneura leviana, e esquivas ao merecido louvor, á irrecusavel justica.

Esses arautos da maldade, consciente ou inconsciente, não reflectem, ao menos, que não basta pilhar algures um ligeiro pensamento, uma simples ima-

(1) Ch. Nodier. *Questions de litterature legale*. Paris, 1823.

(2) *Obr. cit.*

(3) *Essais*, liv. I. Cap. 23.

gem, para fazer um soneto *are perennis*, que se celebrou em pouco tempo!

Se isso bastasse, Deus meu! seriam pequenas as bibliothecas para conter escriptores immortaes!

27-5-87.

VALENTIM MAGALHÃES.

MAIS UMA FILHA MORTA

Agucena em bôto, eis-a creada De morte ao sópro violente e frito!...

No célsre tropéi da curte estreds Que vae de bérço á morte... sem desvlo,

Armada, sim, que de outras filbas caras A vida me throu com a propria vida!...

De que tu'alma foi líá guarida, Dom serlam do Céu, se me ficáras,

Maió, 1887.

L. N.

GALERIA DE ORIGINAES

II

O ANTONICO DO PEDREGULHO

E' o bilontra de S. Christováo. Conhecem este animal? Pois se o não conhecem, proponho-me a ser o Lunusu da especie.

Assim pelas sete da noite hão de encontra-lo infallivelmente nns cercanias da imperial quinta, namorando a humanidade de saies.

Traja sempre á ultima moda; mas convem declarar que a ultima moda, no bairro de S. Christováo, é aquella que ha tres annos vigorou na rua do Ouvidor.

O Antonico é entusiasta do Faustino, o famoso bilontra do Arthnr Azavedo, e faz exforços inauditos para imital-o em tudo e por tudo.

Deitou chapéu de fitas espantadas e em cada pé bico chinéz, para que se moças do quartêiráo o tomssem por inglez.

O pai do Antonico é padeiro, e como tal, nunca se descuidou dos pés de seus filhos.

Pães de trigo, porque no que diz respeito ao pão do espirito, só conseguiu faz-lo ler, escrever e contar.

Conta numeros, porque contar lérias o Antonico não aprendeu com pessoa alguma.

Mesmo porque o emprego do Antonico reduz-se ao seguinte — almoçar, jantar, celiar e contar lérias.

A prova de que se dá muito bem com este regimen é que anda sempre jovial e satisfeito.

Todos nós temos tics e defeitos, portanto não é de admirar que o Antonico tambem os tenha.

Achaca-o a monomania do debique; gosta de debicar o genero humano.

O leitor me dirá que este ceatro pronuncia certas qualidades intellectnaes, isto é, que o sujeito dedo a destracter nos deve ser espirituoso e arguto.

Pois não ha tal. O Antonico ignora mesmo que cousa seja espirito; e jamais, au grand jamais l teve a felicidade de emitir qualquer idéia que revellasse parentesco em quinto gráo com algum conceito agudo ou engenhoso. E' besta por sangue e por educação.

Mas — que quer que lhe faça? — o homem está persuadido de que tem muita graça e faz della o uso que mais lhe couvem.

Quando um pobre mortal incorre na chacota e no escaraminho do Antonico; está perdido; pôde mudar-se do Pedregulho porque ali não faz carreira.

Os boticarica, padeiros, compadres, comadres, taverneiros ou logistas do quartêiráo apontam para o desgraçado com esta exclamação de dó: —

« Coitado... Foi debicado pelo Antonico! »

Si Boileau morasse no Pedregulho havia de exultar, com a seguinte modificação, ao auo famoso verao:

Un sot trouve toujours cent plus sots qui l'admirent.

Mas como Boileau não mora no Pedregulho, nem em parte alguma, o nosao Antonico é quem exulta.

Mas eu pretendia tratar bem o Antonico, e creio que já o chamei de tolo. Queira desculpar, não foi por querer.

A monomania do debique não se limita, todavia, ao bairro em que mora. Não tendo nada que fazer, o Antonico diverte-se escrevendo cartas anonymas aos deputados, senadorea, ministros e homens importantes da situação.

Tem o cuidulu de franqueal-as, para que os destinatarios as não refuguem.

Nestae missivae, eecriptes com orthographia phantastica, o Antonico procura debical-os o mais que pôde, e acaba infallivelmente por mandal-os a uma certa parte. Esta é a sua melhor pillheria — « Sabe que mais? Vá... etc. »

O açongueiro da esquina, quando elle lhe leu com gestos mysteriosos uma dectaa cartas, rio-e-te tanto que o seu carão ficou da cor de um bofes de boi dependurados á porta.

E o nosso Antonico sahio de casa do magarefá.

Front haut, pied leste et cœur joyeux!

Uma das magnificas partidas do nosso original (no seu entender), é a troca que costuma fazer aos angustos representantes da nação.

Na hora daa seaoes vai para as aguas-furtadas onde reside um amigo seu, exactamente defronte da porta de entrada dos deputados, na rua da Misericordia.

Agacha-se junto da janella e, assim que lobraza um representante da nação pelas costas, grita de lá em voz de falete muito fina:

— Papagaio, dá cá o pé!

O deputado volta-se para o ponto de onde partio a voz, mas não vê ninguém, porque o Antonico já está accorrido no chão do aposento, rindo-se a escangalhar.

D'ahi a segunda volve á jaolla muito sizudo e disfarçando; mas si apparece outro deputado:

— Papagaio, dá cá o pé!

Isto ha muitos annos. Até hoje ainda não descobrio outra troca politico-bilontrica, mes sómente: — Pnpagaio dá cá o pé!

Tambem soffre de outro fraco — o Antonico.

E' discutidor, rixento, é grulha. Si lá por seus calculos elle entender que a Semana é sustentada pelo Dr. Luiz Delphino ou que o José do Patrocínio foi quem mandou assassinar o czar da Russia... acabou-se, não ha meio de convencil-o do contrario.

Na sua opinião todos os nososs homens poltticos e jornalistas são uns bilontras de forga.

O Antonico grita muito quando discute, irrita-se, congestiona-se.

Mas este ardor de polemica é inteiramente ficticio. Basta uma pounc de agua fria para apalca-o. Quer isto dizer que o Antonico é poltráo ás direitas. Berra, esbraveja, gesticula, apostropha. Mas si interlocutor se encrespa e respinga com certo energia aos seus desaforos, o Antonico vai lhe passando o braço em volta do pescoço e dizendo-lhe em meio tom abegoalado: —

— Oh! he! he! Você é muito assomado! Zanga-se com qualquer cousa! Estamos conversando!

A's vezes, no mais forte calor de uma discussão, quando tem de dar a replica ao adversario, o Antonico interrompe-se bruscamente, pede licença nos circumstantes, sahe, e volta d'ahi a pouco, mais grulha e mais convencido do que nunca. Fóra beber um trago para molhar a palavra.

A isto chama elle — tomar carvão.

E' o terror e o ei Jesus das mucamas da rua de S. Luiz Gonzaga.

Seu Antonico é por aquellas bandas uma locução magica, nma especie de sezamo que abre os coraçõs de todas as Lennores de carapinha empastada. Onde os senhores sentirem o cheiro de clita nngommele, extractos de Oriza e cebo da Hollanda, ahi é que o Antonico reina, governa e administra.

Mas tambem a leitora não deve ler este topico) mas tambem, leitor maligno, transforme-se pela imaginação em mncama da rua S. Luiz Gonzaga, e diga-me se poderias arresistir ás guias artisticamente enceradas d'aquelle bigodinho penteado e canalha...

A virtude é uma flor delicada que só viceja nas setnas da educação moral.

Não me consta que esta anstera dama jamais cogitasse de oppor-se a que a ponta dos bigodes do Antonico tocasse no coração das mulatas do Pedregulho.

O Antonico tem-se na conta de primeiro dançarino de S. Christováo e paizes adjacentes.

Não lhe roubemos esta illusão. Na quadrilha é de uma suprema elegancia.

Flór ao peito, patinbas pshutt, sapatos de oleado com ourelas de oeda carnezim, caçaleia de reluzente plaquet e relógio em forma de lapizeira, piastron immaculado, sorriso nos labioe, foim fraichement coupé no lenço, impertigado e airoso, o Antonico deita mesuras e nferece o brúço ás damas como o faria um addido de primeira classe de embnizada franceza.

Faz um signráo, lá isso faz. Tem sempre um bandão de cousas que dizer ás damas, no passeio do estylo depois das danças.

Que diabo dirá elle? Eia aqui um ponto em que me confesso francamente admirador do Antonico.

Eu comprehendo que um mortal, acosado pelas conveniencias, cubra de beijos o seu mais figadal inimigo, e enforque o seu melbor amigo; en comprehendo que um christáo seja coagido pela força das cousas a assistir a uma conferencinha sobre auxilios á lavoura ou sobre os meios de melhorar o nosso estado sanitario; não acharei conaa inexplicavel o ver-me um dia envolvido em alguma discussão a respeito do poder pessoal, e até é possível que seja obrigado a emitir opinião sobre n assumpto tão querido do nosso collega da Patria.

Mas não posso imaginar a triste fignra que faria, ee os azares da vida me levassem a ter de confabular banalidade durante vinte minutos com uma senhora que não cooheço, a quem nuncn vi e á qual me não liga a mais ligeira relação social.

Sr. Antonico, permita que lhe tire o meu chapéu!

URBANO DUARTE.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Numerosas são as obras de litteratura juridica annualmente edictadas pela casa Garnier. Não ha muito ainda publicou « A Lei das Execuções » pelo advogado Conselheiro Almeida Oliveira e já entrega ao publico uma outra coegener: « Processo das Execuções civeis, cmmerciaes e hypothecarias » pelo juiz de Direito Cassiano Candido Tavares Bastos, já vantajosamente reputado por outros trabalhos de jurisprudencia.

Contem este volume todas as disposições legislativas e regulamentares das execuções, inclusive as da lei de 5 de Outubro de 1855 e respectivo regulamento (de 23 de Janeiro de 1856), a jurisprudencia dos tribunaes e opiniões de praxistas.

Excusado é mostrar a utilidade pratica d'esta obra. Se no systema adoptado pelo Conselheiro Almeida e Oliveira de indicar ao lado do textu a sua fonte legal se facilita a consulta leva-lhe inconcussa vantagem, por outro lado, o Sr. Dr. Tavares Bastos com o indice alphabetico com que fecha a obra, que é mais completa que a outra.

Recomendamo-la a toda oe interessadoe e com especialidade aos Srs. advogados do nosso fóro.

Os Srs. Laemmert & C. acabam de edictar ds mentiras convencionaes da Ci-

vilação, obra do Max Nordau, traduzida pelo Sr. Manoel Coelho da Rocha.

D'este livro — que vamos ler com a devida attenção e vivo interesse informam os edictores que se esgotaram na Allemanha, em seis semanas, tres grandes edições, nehahnd-se hoje na 15ª; tendo sido traduzida em grande numero de linguas. Na Austria, por estreita comprehensão d'esta obra e falsa interpretação de seus intentos, foi ella prohibida, por perigosa e attentatoria da tranquillidade publicá.

E', portanto, um livro de agitação, energico, original.

Max Nordau estuda e desmascara as seguintes mentiras: a religiosa, a politica, a monarchica e aristocratica, a economica, a matrimonial, e diversas outras identinhas.

Que ha de verdade neste livro das mentiras?

E' n que só poderemo dizer, após completa leitura.

Sahlo bntem do prelo o annuncio do novo livro de Rodrigo Octavio — Poemas e Idyllios.

Primeiras Rimas — Sob este titulo cheganoe de Prntgal um livro de versos do Sr. Manoel da Silva Trayer. São na ana maior parte bem trabalhadas as poesiae e têm merecimento, não só pela delicadeza com que o poeta sabe tractar os assumptos, como pela inspiração que lh'os auggere.

As Primeiras Rimas são um livro digno de ler-se e possuem verso de incontestavel merito. Foi edictado pela empreza Litteraria e Typographica.

De egual procedencia rocebemos, firmado pelo Sr. Francisco Palma, um elegante livro de 203 paginas, intitulado Scenes contemporanees. Contem este volume a Estatuas, poema vibrante, escripto com muito humorieno e repasado de ironia.

Está impresso o Perfil de Camillo Castello Branco, devido á psnuua do padre Senna Freitas. Este livro não é mais do que a colleção completa dos artigos que, sobre aquelle illustre e fecundo escriptor, publicou o padre Senna Freitas no Diario de Noticias o anno passado.

O Perfil é vaso de um bellissima e correcta linguagem, e provaria, se não bastassem outros trabalhos do mesmo escriptor, a tempera de que é formada a individualidade litteraria do illustre publicista. Em appendice, vêm algumas cartas de Camillo, muito interessantes e muito honroas para o destinatario, que é o auctor do Perfil.

A.

A Mme. Ladislan Netto

SUR LA MORT DE SA CHARMANTE FILLE LEONOR NETTO

À vous mes pleurs, Madame, à vous, doués victime Des souffrances d'un tendre cœur!

Oui, je pleure avec vous votre fille adorée, Cet ineffable objet d'un aussi grand amour, Une aube d'esperance à jamais effaée, Et qui nous promettest l'éclair d'un si beau jour!

Mais, parviele à l'oiseau dont la voix matinale Se tait quand l'air est attiédi,

Qu'est-elle donc trouée dans cette vie ambrée! Où le bonheur n'est pas, où tout espoir est vain... ..

Où sourient un plainir, une joie éphémère Sont saisis d'amertume et de regrets sans fin!

Peut-être avant le soir, en brillante existence Helas! se fut ternie un souffle du bonheur;

Peut-être avant le soir sa dernière esperance L'eut laissé en chemin, seule avec le douleur.

Leonor aqui-bas sui viciu solitaria;
Car son cœur n'ajantais trouré de cœur pareil;
Fleur celade, cailde un instant sur la terre,
Elle se félicitrait loin du Divin Soleil...

Ei tous pleurez toujours cette rose charmante!...
V'est-elle donc pour vous qu'un amer souvenir?...
Qu'un regret du passé? Non! La foi consolante
Nous la montre dans l'Avenir!

Vc la cherch'ez donc plus dans la froide poussière!
Leonor au front pur, object et gracieux,
Sur les ailes de feu de l'ardente prière,
Comme l'ensems du temple est remanié aux Cieux!

CNE AMIE.

30 Mai—1887.

GAZETILHA MEDICA

Sinceramente amigos do triumpho das sciencias medico-cirurgicas no Brazil, não podemos deixar de complimentar os illustres clinicos, Drs. Pedro Alfonso e Barbosa Romeu pelo esplendido diagnostic e felicissimo resultado alcançado no exercicio da espi-nhosa e ingrata profissão que exercem.

Com effeito, e pessão das opiniões de authoras europeas abalisadas de que a *hepatite supurada* é frequente nos países quentes, onde reina endemica-mente, e força confessar que raras vezes nos apparece na clinica do Rio de Janeiro. Com o presente caso conhecemos mais dous: um em 1879, na 4ª enfermaria de medicina do Hospital da Misericordia, a cargo do distincto mestre, Conselheiro Torres Homem, que recorreu ao mesmo habil operador, Pedro Alfonso; outro na clinica civil de um medico novel, caso tambem visto e diagnosticado pelos Drs. Alexandre Calaza e Moreira Senna, em 1881.

Além da raridade talvez devia a difficuldade do diagnostico, o paciente affectado de um *abscesso do figado* achava-se na imminencia da morte, de que consegue arrebatado a intervenção cirurgica prompta, necessaria e precisa. Falau de accordo comosco, Murchison, Cameron, Murray e Martin.

A intervenção, porém, não pôde ter logar se o clinico não fór perspicaz e não tiver o timo bastante para reconhecer a affecção!

Louvores, portanto, aos dous habéis profissinaes, que se uniram e que com tanta proficiencia arrebataram mais um infeliz das garras da morte.

A Semana sabe e costuma sempre fazer justiça a quem merece.

Este facto veio quebrsr a monotonia que lavra no campo da medicina e da cirurgia do Brazil, onde só apparecem, no fim de cada anno, theses em profusão, algumas das quaes excellentes monographias, e onde surge ás vezes um ou outro jornal de existencia ephemera e passageira.

Hoje, d'este genero de publicações, apenas contam-se a *União medica* e o *Brasil medico*, que temos regularmente recebido, ricos de bons artigos e offerecendo leitura interessnate.

O indifferentismo, a critica preten-ciosa, o desanimo, a indolencia e até o egoismo desviam do campo da imprensa aquelles que nos podiam frequen-temente offerecer o fructo da sua observação clinica, o resultado mesmo do seu longo e penoso trabalho de compilação, que é um magnifico auxiliar para o estudante e para o clinico que não tem muitas vezes tempo para compul-sar obras collossaes.

No estrangeiro, onde os medicos são affaveis para qualquer trabalho que appareça de collega, todos se esforçam por escrever e espallhar a sciencia medica, pondo-a mesmo ao alcance de todos.

Vencendo esse desanimo e esse egois-mo, o Sr. Dr. Luiz Faria, adjunto da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, deu á estampa um *Compendio de molestias cutaneas*, e teve a gentileza de offerecer-nos um exemplar.

Aproveitado e intelligente discipulo de Hebra, o habil especialista soube em boa e correcta linguagem organizar

um volume util, recheiado na maior parte das ideias d'quelle distincto dermatologista, mas expõdo tambem em muitos pontos de seu trabalho diffi-rcultes affectões da pelle, que revelam estu-lo em mais de um author.

Abri-ndo-se a pagina 209 deparamos com o estudo dos *neoplasmas*, em que o lupus é tractado com toda a proficiencia e minuciosidade.

Como trabalho de estreita, mórmente sobre uma classe de molestias extensis-sima o em cujo estudo o espirito do medico perde-se e cansa-se muitas vezes, em cuja investigação o practico gasta muitos annos, tendo necessidade de uma applicação enorme para achar-lhe o valor, não podemos exigir mais do que este volume, que é um excellente resu-mo sobre as molestias da pelle.

Não dirigimos ao Sr. Dr. Luiz Faria senão palavras de animação e de louvores pelo seu esforço, desejando que não pare e que seja imitado por todos os seus collegas.

Agradecemos o exemplar que nos offereceu.

DR. SAHEN.

BELLAS ARTES

(REVISTA MENSAL)

O Sr. ministro do Imperio mandou sdiar para occasião oportuna o con-curso de viagem que, neste anno, devia realizar-se na Academia de Bellas-Artes. E isto por uma razão sumamente importante, irrespondivel: falta de verba!

A falta de verba é a terrivel hydra, sempre suppliciada pela rhetorica parla-mentar e sempre ressuscitada, que occasiona os grandes pesadelos minist-eriales. Uma vez despertada a hydra cessa tudo quanto a antiga musa canta. Ainda bem. Inoquo foi, e seria pueril se o explanasse, o nosso primeiro in-tenido.

Desejamos folhear attentamente os relatorios do ministerio do Imperio, tomar a somma da verba votada para a Academia de Bellas-Artes, comparala com os gastos feitos por essa rheuma-tica instituição, esmiucar cifra por cifra em todas as despezas para, triumphan-temente, mostrar a S. Ex., o Sr. minist-ro, que a meltonha hydra tinha a cabe-ça de papellão pintado. Hydra de theatro. Fingimentos e mais nada. Raciocinio de peso, pela intensidade de logica que em si contém, occorreu-nos em momento proprio. Qual o resul-tado que poderíamos obter desse pe-noso trabalho? Convenceríamos S. Ex. da falsidade da sua hydra? Consegui-ríamos revogar o aviso? Não. Positivamen-te, não.

A muito custo, talvez, lançaríamos um protesto contra o supracitado aviso, demonstrando, em phrase pallida, diffusa e côxa, já se vé, quanto se tem feito, em semelhantes crises, a bem de pri-vilegiados entes cahidos do céu por descuido. Mas empreza enganadora, seria esta porque—da penna cahiriam respingos sobre os sempre benevaten-terados entes que Deus enviou ao mundo para eterno supplicio dos infelizes. Chama-se a isto *dispire in loco*. Portanto, rendendo graças aos deuses de terem por mim zelado, impedinco-me o passo para o negro abysmo (estilo parlamen-tar, extra) aqui deixo estas rapidas linhas como prova de muita boa vontade em servir os Srs. concurrentes, e tambem como prova de grande entendi-mento das irrevogabilidades dos avisos ministeriaes. Desculpen-me a immo-destia.

Assumpto facil e breve temos ao fo-lhear o nosso caderno de notas.

Aqui, em primeiro logar, no alto da pagina, estão especificados tres pratos decorativos, representando fructas, expostos na casa Veitias. Diz a nota: u. 1 e 2—mangas, as saborosas mangas que, na opinião de Alencar, tanto infu-iam para adocicar a pronunciação bra-zileira; são de um amarello quente, banbado de rubro. Colhidas ao tempo. Bem sazoadas. Figos. bellos figos, ovoides, appetitosos, de uma côr es-cura, descendo para a côr do vinho tinto Açor. Um cacho de cocos de tucons, parecidos ns forma e no colorido

com as uvas pretas do Douro, magnif-icos pelo sabor. Roscos fambos, aveludados pegcos, corados de carmin, macios, arafis, pitangas de gommos escurilatos, o um manão aberto ao meio em talhada, fructo insosso ao paladar delicado, corer querido dos pequenos passaros cstrtores.N.3,—um pratinho do bacconat côr de leite, sobre moldura de seda vermelha o ouro. Um punhado de frescos mornngos entre folhas, co-lhidos, sem duvida, de madrugada, aos primeiros bafejos da viração ma-tutina.

Esses tres pratos foram pintados por Estevão da Silva, um artista que tem demonstrado verdadeira paixão por esse genero. Ninguem como elle, actu-almente, nos apresenta fructos tão bem pintados. Pintal-os assim, é difficil; pintal-os melhor é impossivel. Nas fructas, nada mais se pode desejar, mas onde o artista podia emendar-se é nas sombras. As sombras projectadas car-regam muito o conjuncto.

Na *Glacé E'rigante* o Sr. Antunes expõe um crayon digno de nota — retrato do Sr. Octaviano Hudson; e na Casa De Wilde o Sr. Firmino Monteiro, recém-chegado da Europa, expoz uma impor-tante tela — « Galileo perante a Inqui-sição ». Falaremos desse quadro quando o artista realizar a exposição dos seus ultimos trabalhos.

Para concluir participo aos meus leitores (pios e numerosos) que o nosso sympathico Belmiro está concluindo um quadro, um magnifico quadro.

E preciso notar: o quadro de Belmiro não é historico. Felizments.

ALFREDO PALHETA.

A VIDA ALEGRE

CONGRESSO DOS SOCIALISTAS

Um grupo de entusiasticos mem-bros d'esta associação tomou a inicia-tiva do um baile que teve logar no ultimo sabbado, com a animação e con-currencia que de ha muito nos habi-tuou a sympathica sociedade.

Dancou-se o folgou-se até ao aman-hecer; para isso muito concorreram o empenho e a gentileza da digna di-rectoria e da commissão iniciadora, as quaes não pouparam amabilidades para com os seus socios e convidados.

PONSARDIN.

SPORT

Muito boas as corridas do Prado de Villa Izabel no domingo passado. A concurrencia foi extraordinario.

Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1000 metros) foi vencedor em 69 segundos *Rigoleto*, que, desde o pulo de partida, bateu os seus competi-tidores. *Cantagallo*, que foi corrido de alcance, o seu jockey não calculou bem a corrida e predeu a chegada em 2º logar, devendo ganhar-lhe. *Guacho*, em 3º *Verbenne*, *Bolero* e *Ondina* não mereceram classificação. *Martha* e *Savana* não cor-reram. O rateio foi de 438100.

No 2º pareo (1450 metros) *Talisman* fez boa corrida, vencendo os seus competi- dores em 96 segundos com alguma facilidade e desmontando estar bem preparado. *Le Loup*, *Martin* e *Swamp* ba-teram-se bem durante o trajecto da corrida. *Martin* obteve o 2º logar e *Le Loup* o 3º logar. *Swamp* ainda não está em boas condições; chegado em ultimo logar. O rateio foi de 418100.

No 3º pareo (1600 metros) *Intima* em 109 segundos, com muita facilidade ven-ceu a *Americana* que fez pessima cor-rida. Este pareo nenhuma importancia teve, visto não ter sido disputdo com animação, pela falta de animaes. *Man-darin* e *Rondello* não correram. O rateio foi de 118000.

No 4º pareo (1000 metros) *Esmeralda* facilmente venceu os seus adversarios que pouca resistencia fizeram, em 68 se-gundos. *Corcovado* em 2º logar e *Juanita* em 3º logar. *Archimedes*, *Sensitiva* e *Gazella* não correram. O rateio foi de 118700.

No 5º pareo (1600 metros) handicap— foi brillantemente vencedora a valente

Snylla que fez uma bonita corrida luc-tando com *Coupon* que nos primeiros metros conservava-se na frente cendo finalmente terreno a *Snylla* que bateu-o por differença soffrivel. *Coupon* chegou em 2º lugar e completamente esgotado, *Diva*, que partiu muito atrazado, chegou em 3º lugar fazendo boa corrida. *Dr. Jenner* e *Speciosa* ficaram distancidos. O tempo d'esta corrida foi de 103 segundos. *Walter* não correu. O rateio deu 208200.

No 6º pareo (1450 metros) *Amazonas*, que foi bem montado, fez boa corrida, venceu lo os seus competidores em 96 segundos e contra a expectativa geral. *Daybreak*, que era o favorito, foi mal cor-ri lo e por isso afrouxou, chegando em 3º lugar e batido por *Pamy* que teve o 2º lugar em boas condições. *Pine-Queen* durante a corrida derrubou o jockey que pouco soffreu da queda. *Odalisco* e *Queen* não correram. O rateio foi de 1148300.

No 7º pareo (1900 metros) foi vence-dor *Druid* em 86 segundos, des le o pulo de partida. *Biscaia* em 2º logar e *Aymoré* em 3º — *Mondego* e *Villa Nova* che-garam na bagagem juntamente com a *Cantagallo*. — *Baccarat II* não correu. O rateio foi de 68900.

Na melhor ordem e com muita regu-laridade terminaram as corridas nada deixando a desejar.

Com um convidativo programma realiza amanhã o Derby-Club uma im-portante corrida.

Eis os nossos palpites:
No 1º pareo — *Esmeralda*; no 2º *Ar-monde*; no 3º *Monitor*; no 4º *Amazonas*; no 5º *Boreas*; no 6º *Phrynia* — não cor-ren-lo — *Salvatus*; no 7º *Druid*; no 8º *Marengo*.

L. M. BASTOS.

CLUB DE REGATAS CAJUENSE

Interessantissima a regata effectuada por este Club na tarde de 23 do cor-rente. Foi granle a concurrencia de pessoss, que ali foram attrahidas pelo variado programma e pela belleza do dia.

Eis os vencedores dos diversos pa-reos:

- 1.º—*Cajuense*; patrão, Fox.
- 2.º—*Guanabara*; patrão, o tenente Ca-valheiro.
- 3.º—*Jupiter*; patrão, Short.
- 4.º—*Guanabara*; patrão, Cony.
- 5.º—*Nobre*; patrão, Silva Pinto.
- 6.º—*Alice*; patrão, Fox.
- 7.º—*Neptuno*; patrão, Paes.
- 8.º—*Humayd*; patrão, o tenente Al-varo Graça.
- 10.—*Peruana*; patrão, o tenente T. Costa.
- 11.—*Alice*; patrão, Fox.

A regata, que tinha começado á 1 hora da tarde, foi sempre animadis-sima, terminando ás 5 horas.

Nossos parabens á digna directoria do Club pelo brillantismo com que re-lheou tão util divertimento.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

No Sslão do Conservatorio de Mu-sica realizou o professor Zavataro, com parte de seus discipulos, no sabbado, o concerto que estava annunciado. O programma constava de duas prtes em treze trechos, que foram bem execu-tados e muitos applaudidos.

Parabens ao digno professor pelo muito adelantamento de seus distinctos discipulos.

Esplendido o sarão-concerto realiso no sabbado, 21 do corrente, pela sym-pthica sociedade Congresso Brasileiro. O crescido numero de distinctas e gentis senhoras e de cavalheiros da mais fina sociedade fluminense dava um resleo deslumbrante nos vastos salões. O con-certo, muito bem organizado, tendo começado ás 10 horas, finaliso ás 11, sempre com immensos applausos pela perfeita interpretação dada ás peças designadas no bello programa.

A parte dançante esteve animadis-sima e prolongou-se até ás 5 horas da manhã. A distinctissima directoria, que

é composta de moços de esmerada educação, foi incensável em obsequiar os seus convidados, com todas as delicadezas e amabilidades.

O Club do Engenho Velho annuncia para hoje o seu 4.^o sarão-concerto, que, como todos os da distincta associação, deve ser brillantissimo.

Tambem para hoje prepara o Club Hobbe, de Niecheroy, uma das bellas partilhas com que costuma obsequiar os seus socios e convidados. As gentilissimas senhoras que compoem a directoria do Club os nossos agradecimentos pelo seu amavel convite.

Em 6 do proximo mez tem de realisar-se, no theatro D. Pedro II, o concerto promovido por uma commissão de distinctos cavalheiros a favor das victimas dos ultimos terremotos na Italia.

E' organisador do programma d'esta grande festa de caridade o distincto virtuoso Sr. R. J. Kinsman Benjamin.

Por absoluta falta de espaço deixamos de noticiar em o nosso ultimo numero a realizção do 9.^o concerto promovido pela Sociedade de Quarteto do Rio de Janeiro.

Fazemol-o agora, juntando os nossos applausos aos da todos que assistiram á notavel festa, organizada com o carinho e cuidado que sempre notamos nos programmas da associação, executada com a distincção e arte a que nos habituaram os distinctos virtuosos que compoem a util e promettedora Sociedade de Quarteto.

Nossos ombros, pois, por mnie este triumpho conquistado para os annos artísticos do Rio de Janeiro.

Devia ter-se effectuado, hontem, no Imperial Conservatorio da Musica, o concerto de Gregorio do Couto. Duramos circumstancia da noticia no proximo numero d'esta folha.

LOGNON.

THEATROS

Nada de novo pelos nossos palcos: O Recreio Dramatico suspendeu as representações da *Francillon* e em, *reprise*, levon hontem á scena a *Martyr*, o famoso drama de d'Ennery e Tarbé, que, como na primitiva, continuará a dar excellentes receitas á empresa Dias Braga, o Lucinda tem regorgitado de espectadores com o celebre *Gallo de Ouro* e a Phenix Dramatica continúa a fazer milagres com o *Milagro da Nossa Senhora da Penha*.

E por falar na Phenix: Faz beneficio neste theatro no dia 8 do Junho, com um bello espectaculo, o distincto e presado actor Galvão. Na terça-feira ha uma excellente festa no Recreio Dramatico: faz beneficio a sympathica artista Rafaela Montero.

P. TALMA.

FACTOS E NOTICIAS

O Gremio Litterario Victor Hugo, composto de estudantes do Collegio Pujol, effectuou a 22 do corrente uma sessão magna, em commemoração ao 2.^o anniversario da morte de Victor Hugo.

Fez o discurso official o illustrado medico Dr. Oliveira Bueno, seguindo-se-lhe na tribuna varios alumnos d'aquelle collegio, entre os quaes o menino Octavio Durão, que recitou um soneto do director d'esta folha.

Occuparam ainda a tribuna os professores Rego Soaras, Faria Tavares e Alfredo Pujol.

Distribuiu-se um numero especial da *Novena e tres* e terminou o solemnidade com a execução da *Marsellesa*, pelos alumnos do referido collegio.

Uma festa que honra aquelle collegio,

pois é uma prova de que se não descaida nelle a educação litteraria dos alumnos.

Chegaram nnto-hontem e estão á venda na livraria Garnier as duas grandes novidades litterarias de Portugal: — *A Reliquia*, de Eça de Queiroz, e *Jonh Bull*, de Ramalho Ortigão. Doia primores.

Ha alguns dias foi o Dr. Ladisláu Netto, o illustre director do Museu Nacional e cavalheiro estimabilissimo, ferido no mais fundo de seu coração pela perda de sua talentosa e gentilissima filha Leonor, que falleceu em S. João d'El-Rey, victima de terrivel tuberculoso, contra a qual nada poude a sciencia medica, representada por homens da estatura do Dr. Barata Ribeiro.

Como sincera manifestação do nosso pezar e do grande apreço em que temos o Dr. Ladisláu Netto, publicamos hoje uns lindos e sentidos versos, dirigidos em francez á sua Exma. esposa, e um bello soneto em que eolnça, estrangulado de dor, um coração de pae. Nossos pezames.

ANAGRAMMA POETICO

OFFERECIDO Á REDACÇÃO D'«A SEMANA»

G O nçalves Dias.
Ca S O tro Alves.

Casi M iro de Abreu.
Alvar a de Azevedo.
Gonça ves Crespo.
Luiz Delp ino.
lavo Bilac.
aynundo Corrêa.
Alb rto de Oliveirn.
Franci S co Octaviano.

Theo hilo Dias.
Affons Celso Junior.
Fagund s Yarella.
Adelino Fon oura.
V lentim Magalhães.
L. Guimarã S Junior.

Al erto Silva.
Luiz Mu at.
Filiuto de lmeida.
E N equiel Freire.
Luc o de Mendonça.
A lfrado de Souza.
Mora s Silva.
Rodr go Octavio.
Hen rique de Magalhães.
S ares de Souza Junior.
Alcibiade S Furtado.

VICTOR HYLMO

Maio — 1887.

CORREIO

— Sr. Walter. Não gostei nada, mesmo nada, do seu soneto. Que diabo é *flor perfumosa*, phrase que o Sr. empregou no eegndo verso? Não sabe? pois sei eu: é tolice.

— Sr. Delino Felix. Não posso servir-lhe no que me pede. Enquanto ao seu *De ponto em branco*... ponto final.

— Sr. R. A. M. Macio parece o Sr. parn apanhar o que lhe não pertence. Ainda se o Sr. pura fazer o seu soneto passasse o gatazio em versos alheios, mas os reapitasse, muito bem; mas furtal-os e ainda por cima quebrar-lhea a cara e os pés, pôr-lhes ferraduras, aleijal-os, enfim, é o cumulo da audacia e da maldade. O seu soneto é todo feito com versos de certo poeta: mas assim mesmo, errado, que é um louvar a Deus de gatas...

— Sr. Demosthenes... das dnzias; o seu acrostico não vale uma restea de albos... aos ninos.

— Sr. G. P. S. A sua poesia é... um rosario de versos capengas. Veja se aprende a metrificar, e, então, quando aouber fazer couaa com limpeza, appareça-noa.

— Sr. Alvaraz de Azevedo Sobrinho. Pede-me vossa mercê que declare não me ter referido á sua pessoa quando, nesta secção, respondi a um tal Sr. A. de A. Sobrinho, (o qual nunca vi mais gorlo) que ma enviou uns versos deploravos. Com todo o prazer.

— Leitores e leitoras: Declaro aqui, alto a bom som, que o tal A. de A. Sobrinho e de gloriosa memoria, a que allu li ha tempos nesta secção, nunca foi, não é nem será em tempo algum o Sr. Manoel Alvares de Azevedo Sobrinho, pessoa inoffensiva, incapaz de injuriar Appollo ou brandir arma homicida contra a inerme grammatica.

Que este Sr., ao que parece, é respeitador do Cornja como poucos, e se commette versos, commete-os dos bons, d'aquelles de encher o papel todo, como os requeria nquelle capitão-mór da Morgadinha.

— Esta Sastifeito, Sr. Sobrinho?

— Sr. F. Muniz. Vai aqui meamo o seu sonetinho:

MINHA MÃE

Um bello maternal é uma aurora sancta.

V. MAOALHÃES.

Minha mãe, teu sancto amor,
Suave e doce ambrosia,—
Borrifou minh'alma em flor
Com os orvalhos da alegria.

Teu amor foi o arrebol
Da minha crença perdida;
Foi o vivo, ardente sol,
Que me deu alento e vida.

Ouve, pois, o mãe querida.
A ternura melifeni la
D'esse amor—doce fragrancia,

Quebrantou a lucta immensa
Que travei com a dascrença.
— Sullario da minha infancia.

Julho de 84.

FIRMINO MENIZ.

Disto, não faz um pae por nm filho.
seu Moniz.

— Sr. Damido d'Arcos.
O seu soneto irá... irá... irá para... Não se assuste; irá para a Collaboração, quando tiver deitua o Laet.

— Sr. F. F. O seu artigo *Duas borboletas*, não é incurrreto mas é affectado. Dennis o assumpto é fraquinho e pouco interessa. Em todo caso se fosse menos longo, talvez... talvez...

— Sr. Job. Vossa mercê é mesmo nm Job... de molstia. D'esta couza vossa mercê, meu amiguinho, é pauperrimo. A sua poesia s' tem do notavel e ser curta, pois, é apenas uma oitava; e é por isso que se lhe dá um caatinho na Collaboração.

ENRICO.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sa, especalista de syphilis e molstias das crianças.— Rua Primeiro de Março, 112 (consultas de 11/2 ás 3 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

Dr. André Itangol.— C. Rua da Quitanda n. 92. R. Rua do Cosmo Velho n. 1 B.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Roario—Barbacena.

A venda na livraria Garnier, Rua do Ouvidor n. 71

A RELIQUIA

DE

EÇA DE QUEIROZ

UM NITIDO VOLUME DE 144 PAGINAS

RAMALHO ORTIGÃO

JONH BULL

depoimento de uma testemunha acerca de alguns aspectos da vida e da civilização ingleza. Um nitido volume de 270 paginas.

LIVRARIA DO POVO

RUA DE S. JOSÉ N. 65 E 67

CASA DAS QUATRO PORTAS

Este estabelecimento tem sempre enorme quantidade de livros sobre sciencias, artes, industrias, litteratura, etc. Especialidade em romaaes dos mais afamados autores nacionaes e estrangeiros.

PREÇOS RESUMIDISSIMOS

Casa de 4 portas 65 e 67 RUA DE S. JOSÉ 65 e 67 Casa de 4 portas

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

FABRICA PEROLA

(Torrefacção de café)

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 33, e nas principaes casas de molbados e confeitarias.

CAMPOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIARIANDO 10R

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-quer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA TERCEIRA CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 29 DE MAIO DE 1887

Ao meio-dia em ponto

1º pareo — A's 12 horas — **Initium** — 1000 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Berenice.....	Alazão....	2 ans	R. de Jane..	48 kil.	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Corcovado.....	Castanho..	2 »	Idem.....	47 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
3	Esmeralda.....	Idem.....	2 »	S. Paulo..	48 »	Ouro, mang. e boné azul.....	Coud. Alliança.

2º pareo — A's 12 3/4 horas — **Extra** — 1000 metros — Animaes estrangeiros até 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Indio.....	Castanho..	2 ans	R. da Prata	47 kil.	Azul e branco.....	T. J. C.
2	Visière.....	Alazão....	2 »	França....	46 »	Azul e pulha.....	Joaquim P. de Castro.
3	Ormonde.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	47 »	Perola e grénat.....	A. Vianna.
4	Gentleman.....	Castanho..	2 »	Inglterra..	47 »	Encarnado e azul.....	Coud. Brasileira.

3º pareo — A's 1 1/2 horn — **Excelsior** — 1600 metros — Animaes do paiz até 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Castanho..	3 ans	S. Paulo..	57 kil.	Azul, branco encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Odalisca.....	Pampa....	3 »	Idem.....	53 »	Verde, branco e enc.....	Coud. Excelsior.
3	Rondello.....	Douradillo	3 »	Idem.....	49 »	Azul e grénat.....	Lazaro & Lima.
4	Dandy.....	Vermelho..	3 »	Idem.....	53 »	Ouro e verde.....	F. Vianna.

4º pareo — A's 2 1/4 horas — **Lomgruber** — 1450 metros — Animaes estrangeiros até 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Olinda.....	Zaino.....	3 ans	Inglterra..	47 kil.	Grénat e ouro.....	Coud. Carioca.
2	Daybreak.....	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
3	Amazonae.....	Castanho..	3 »	Idem.....	49 »	Azul e amarello.....	L. & C.
4	Pancy.....	Zaino.....	3 »	R. da Prata	49 »	Encarnado e ouro.....	V. M.
5	Babylonio.....	Castanho..	3 »	França....	47 »	Havana o ouro.....	J. R.
6	Gabier.....	Alazão....	3 »	Idem.....	49 »	Grénat e rosa.....	S. M.
7	Phénicia.....	Idem.....	3 »	Inglterra..	51 »	Encarnado e azul.....	Coud. Brasileira.
8	Perte.....	Zaino.....	3 »	França....	47 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes.

5º pareo — A's 3 horas — **Derby-Club** — 1750 metros — Animaes do paiz — Premios: 1:000\$ no primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Sybila.....	Zaino.....	4 ans	S. Paulo..	50 kil.	Azul, branco e enc.....	Coud. Cruzeiro.
2	Regina.....	Douradillo	4 »	Idem.....	50 »	Azul e grénat.....	Coud. Paraizo.
3	Macarão.....	Alazão....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	Boreas.....	Castanho..	5 »	Idem.....	56 »	Encarnado e preto.....	Coud. R. de Janeiro.
5	Diva.....	Alazão....	4 »	R. de Jane..	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

6º pareo — A's 3 3/4 horas — **Progresso** (Handicap) — 1600 metros — Animaes nacionaes de meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Condor.....	Castanho..	3 ans	S. Paulo..	43 kil.	Azul, branco e enc.....	Coud. Cruzeiro.
2	Vampa.....	Zaino.....	4 »	Rio Grande	51 »	Azul e grénat.....	Idem Paraizo.
3	Villa-Nova.....	Idem.....	4 »	Paraná... 48 »		Azul branco e amarello.....	Idem Esperança.
4	Onhina.....	Tordillo..	3 »	S. Paulo.. 45 »		Azul e amarello.....	J. M. da Rocha.
5	Biscain.....	Alazão....	4 »	Idem..... 50 »		Azul e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
6	Druid.....	Tordillo..	4 »	R. de Jane.. 61 »		Encarnado e branco.....	Oliveira J. & Lopes.

7º pareo — A's 4 1/2 horas — **Rio de Janeiro** (Handicap) — 1750 metros — Animaes de qualquer paiz — Premios: 1:500\$ no primeiro 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro

1	Salvatus.....	Alazão....	4 ans	França....	55 kil.	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Satan.....	Castanho..	4 »	Idem..... 54 »		Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
3	Charibdes.....	Idem.....	4 »	Inglterra.. 52 »		Preto e encarnado.....	Coud. Rio de Janeiro.
4	Phryna.....	Idem.....	5 »	Idem..... 60 »		Ouro e branco.....	Idem Fluminense.
5	Walter.....	Douradillo	4 »	Idem..... 46 »		Grénat e rosa.....	S. M.

8º pareo — A's 5 1/4 horas — **Seis de Março** — 1450 metros — Animaes do paiz, de meio sangue, que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro

1	Famalição.....	Castanho..	3 ans	R. de Jane..	49 kil.	Azul, amarello e branco.....	Coud. Esperança.
2	Mondego.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.. 52 »		Azul e amarello.....	Coud. Luzitann.
3	Aldace.....	Douradillo	4 »	Idem..... 50 »		Grénat e perola.....	J. Vaz.
4	Baccarat II.....	Gateado..	4 »	Idem..... 52 »		Azul e branco.....	F. J. C.
5	Urdinu.....	Tordillo..	3 »	Idem..... 47 »		Azul e amarello.....	José M. da Rocha.
6	Jenny.....	Vermelho..	4 »	Idem..... 50 »		Vermelho e boné preto.....	J. Lemoe.
7	Marengo.....	Idem.....	6 »	Idem..... 54 »		Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
8	Milon.....	Rosillo... 3 »		Paraná... 49 »		Azul e branco.....	S. V.
9	Saltarelle.....	Preto..... 6 »		Idem..... 54 »		Geranium e ouro.....	J. W.
10	Caporal.....	Alazão.... 4 »		S. Paulo.. 52 »		Grénat e boné branco.....	Coud. Integridade.

MARCOS DE MELLO, 2.º Secretario interino

OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. socios mandar substituir os seus cartões pelos distinctivos, sem os quaes não será permitida a entrada no dia da corrida.

O pessoal da poule deve comparecer na theouraria na vespera da corrida.

MATHEUS LAURIANO, 1º secretario.

opinião que de gosto, de temporamento artístico. O que bem claro m'o revela é a preempitória declaração de Olavo — que os altos arrojões o não commovem em poeta nenhum.

Juro que não acredito. Não pôde ser; um poeta de tanta commoção como Olavo não pôde ser ó impassível que se mostr... .

Mas, valha-me Deus! ou não estou agora julgando o meu estimavel interlocutor, o tenho o dever de o aceitar com as opiniões que declara.

Vá lá, aceitei; é um impassível. Desde então, meu ardente Castro Alves, meu magestoso poeta vulcanico, nada tens que esperar da admiração d'este estudante de S. Paulo! Afflige-te a sorpresa, não é? — pois já existe em S. Paulo um estudante que te não admira?! Como vão longe as noites gloriosas em que do teu camarote, no velho barracão do S. José, electrificavas a sala com a tua larga recitação magnifica!

Outros eram os tempos; havia na alma do teu auditorio um fronte entusiastico republicano e romantico; tinhamos todos n'os os ouvidos voltados para os lados de França, e de uma pequena ilha do Mar da Mancha, onde era a Mecca do nosso Propheta, viaham-nos, pelos ventos da imprensa, os clangores dos Chantinos e os arrulhos das Chansons des rues et des bois...

Com o tempo, devorador dos deuses, outros deuses vieram... Veiu um suor usceta da Arte, um grande caldo d'alma de marmore, e lançou os Poemes Barbures os Poemes Antiques, os novos Evangelhos — do objectivismo impassível.

Passou a religião dos grandes entusiasticos, das fogosas paixões humanitarias: agora, Rouget de l'Isle é um selvagem sem arte, o trompa do Hernani faz mal aos nervos, o collete de Gauthier ou a blusa de Hugo seriam apupados, e Baudin, se morresse agora numa barricada, ganharia, além dos seus vinte e cinco francos diarios, o epitheto de idiota.

Ora conversemos claramente, meu caro Olavo Bilac. Você carregou um pouco a mão no credito que eu confessei n' favor de Gonçalves Dias: eu não disse, puro e simples, que a forma d'este poeta excede incomparavelmente a do Castro Alves.

A minha confissão foi qualificada, como ali dizia, na cadeira de Pratica, o velho mestre Ramalho.

Tem restricções. Eu escrevi, textualmente, isto: « Quanto á forma, já cumpro fazer uma distincção: na tocante á riqueza e correcção da linguagem é indispitavel que o vate maranhense excedeu incomparavelmente ao poeta bahiano » e pouco depois: « mas quanto á arte do verso, aos segredos da metricação e da rima, não vejo que o Castro seja inferior ao Dias... »

Eu vou insistir na distincção para que não pareça absolutamente que fiz tamanha concessão, como você disse, em detrimento de Castro Alves.

Riqueza e correcção de linguagem, dotes que seria estulto desconhecer em Gonçalves Dias, são antes predicações geraes de escriptor, que superioridades de poeta. O cantor de Y-Juca-Pirama conhecia mais do que Castro Alves a lingua portugueza, a sua grammatica, o seu vocabulario; mas com estas vantagens não conseguiu effeitos artisticos mais bellos que os produzidos pelo vate bahiano.

Muito de industria, não levando a reclusão que Bilac faz n' favor de Raymundo Correa e Alberto de Oliveira no ponto da correcção de forma. Evito, quanto posso, dar opinião a respeito de companheiros com quem convivo.

Chegamos, porém, ao mais grave da nossa divergencia.

Olavo entende que mais original do que Castro Alves, « bello talento influenciado constantemente por V. Hugo, Byron e Musset, » foi Gonçalves Dias, « que n'uma epocha de depauperamento litterario, deu novos moldes á poesia brasileira, seguindo caminho nunca seguido, transportado para seus versos uma natureza até então nunca dignamente celebrada, e eternizando uma raça inteira, com todos os seus ritos e com toda a sublime poesia. »

Vê-se que é o indianismo do Dias, o que mais, em sua obra, impressiona e maravilha a Olavo Bilac; essa é a originalidade do maranhense, que o torna superior ao discípulo de Hugo, Byron e Musset; mas — e creio que n'este conceito vou ter a adhesão do maior numero — a poesia indiana, excepto toda-

via o Y-Juca-Pirama, não é n' mais notavel da obra de Gonçalves Dias, nem é essa a sua poesia mais popular e mais querida.

E que o fosse! que realidade tem, nos nossos costumes brazileiros, o indianismo cantado por Gonçalves Dias? Sabe-se que nunca a raça indigena se fundio com a nossa; vive, como sempre viveu, segregada da nossa civilização, que detesta; raras são as tribus que entram em commercio commoço, mas essas proprias em nada influem nos nossos costumes; antes, deixam-se modificar por elles.

Diga-se, pois, em elogio de Gonçalves Dias o que se quizer, menos que ha cor local, brazileirismo, em seus versos. Cantou uma raça que é a nossa, em portuguez vernaculo e polido, como podia ter feito qualquer outro poeta da nossa lingua — sem necessidade, sequer, de ter vindo ao Brazil.

Muitissimo mais brasileiro é o incomparavel Varella; nem ha, em toda a nossa poesia, nenhuma outra produção com a encantadora cor local que se admira na Mimosa, poema da roça, e em versos esparços da Juvenilia, dos Cantos Meridionaes e dos Cantos do Ermo e da Cidade.

Brazileiro, sim, é, muita vez, Castro Alves, não só pela pujança verdadeiramente americana de sua inspiração portentosa, como ainda pelo proprio colorido dos versos, pela linguagem, pelo tom, pelo sentimento.

Leia-se, para exemplo, a Tyrana da Cachoeira de Paulo Affonso:

Minha Maria é bonita,
Tão bonita assim não ha;
O beija-flor quando passa
Julga ver o manacá.

Minha Maria é morena;
Como as tardes de verão;
Tem as traças da palmeira
Quando sopra a viração.

Companheiros! o meu peito
Era um ninho sem senhor;
Hoje tem um passarinho
Pra cantar o seu amor.

Trovadores da floresta!
Não digam a ninguém, não!
Que Maria é a baueinha
Que me prende o coração.

Quando eu morrer só me enterrem
Junto ás palmeiras do val,
Para eu pensar que é Maria
Que geme no taquaral...

Confessem, meus senhores, confesse, em boa fé, o proprio Olavo Bilac, que isto não tem nada de Hugo, nem de Byron, nem de Musset, e que é muito mais brasileiro e muito mais bello do que as insulsas quadrinhas, não sei porque tão populares:

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgelam
Não gorgelam como lá.

Valença, 20 de Maio,

LUCIO DE MENDONÇA.

PAGINAS ESQUECIDAS

FERREIRA DE MENEZES

Disse um jornal de Campos, creio,
— A situação não vem ao caso: —
« Seria um Girardin, se acaso
Nascido houvesse n'outro meio, »
Pois imagino — e muito bem —
Que elle, apezar de tão modesto,
Seria um novo Girardin,
Se este grande homem fosse honesto.

1881.

ARTHUR AZEVEDO.

Escrevo chorando.
Jámais peguei da penna tão tremulo,
nem tão desnudado.

Este golpe inesperado deitou por terra todo o castello de alegrias que eu levantára sobre a mesn de trabalho, onde um maldito jornal foi levar-me a terrivel nova.

Eu não era das relações intimas de Ferreira de Menezes, o que não impedia que o admirasse e estimasse muito, e

que fosse tambem muito estimando por elle.

Por isso, quando soube da enorme desgraça, cahiram-me as lagrimas sobre o papel e um frio de morte penetrou-me o cerebro.

E mal seguro, n'ardendo ainda, começo a escrever, pela primeira e, ainda mal! pela ultima vez, os meus sentimentos para com o grande morto.

Não ha muitos dias, elle escrevia, a proposito de um boato de que norreria a sua folha, a Gazeta da Tarde: — «Vivermos e viveremos!»

O misero!

Havia muito tempo que o tomára um funebre desanimo: — a previsão do seu proximo fim.

Em tudo o que sahia da sua penna — perlas e flores — esvoaçava como um crepe aquella idéa lugubre. Chasqueavam delle quando o artigo de combate, contra a desmoralisação e o crime que empestam a corte, dizia aos mieeraveis que o ameaçavam: «Tirem-me este resto de vida.» E abamvnu-o sentiueualista pigas!

Elle bem sabia que morreria breve. Dizia-l'bo o seu enorme coração, pelo qual viveu sempre e que o nutiu!

Ha quatorze dias apenas enterrara-se a mãe dos seus fillos, a esposa que elle amava e que lhe abrio o caminho da Tréva.

Depois deste golpe fóra-se-l'bo toda a esperanza, aguardou resignado e serenamente a sua vez.

A biographia deste grande nome ficará completamente tragada nestas tres palavras:

« Foi um coração. »

Se o seu talento era immenso, o seu coração era maior ainda. Ferreira de Menezes, desde que poz pé na vida publica, apresentou-se armado sempre de uma lança heroica: — a sua penna de ouro — e de uma fraqueza sancta: — a força do seu coração. Em todos os seus trabalhos revelava-se sempre um homem vigoroso e por vezes violento mas sempre e sempre — um homem bom.

Basta lembrar que nunca se serviu no fóro, do seu talento para accusar, que sempre se sacrificou pelos que soffrem e choram que fundou um jornal, que o prejudicou muito, com este abençoado intuito — combater a escravidão, annihilal-la.

O grande movimento abolicionista que corre hoje como um Gulf-stream do norte a sul do imperio teve um dos seus nascedouros na folha de Ferreira de Menezes, que tudo sacrificou ali; saude, fortuna, relações, em prol da santa cruzada. Bateu-se como um leão, forte, sanhuo, bravo, mas generoso, bom, magnanimos.

Todas as causas nobres e justas tiveram sempre em S. João Evangelista em Ferreira de Menezes. Bateu-se sempre por ellas, u peito descoberto, lealmente, valorosamente.

Não soube torcer nunca.

E se alguma vez quebrou-se a rijeza do seu caracter, foi como se quebra ás vezes o crystal ao contacto de uma gotta gelida: — quebrou-se ao fogo de uma lagrima.

Se alguma vez peccou gravemente, juro-o na fé de todos os que tiveram a fortuna de conhece-lo, foi por fraqueza de coração.

Era um Bayard com um coração de pomba.

Aquelle homem rugia como um leão, mas chorava como uma criança.

Quem tem lido e estudado cuidadosos os productos do seu soberbo talento, hoje evaporado nas cellulas frias do seu cerebro inerte, tem por certo notado que todos elles, juridicos ou litterarios, politicos ou sociaes, transmudam uma bondade d'intenção, uma brancura d'intuito admiraveis!

Desde a Academia, esta mesma que ainda hoje se ufava de tel-o acalentado, começou a rutilar o grande sol do seu talento, que começou desde logo a ser admirado e respeitado.

E tal força de luz e de calor foi ganhando, que por fim o seu nome era popularissimo, coroado sempre pela admiração e recebido com enthusiasmo em toda parte.

No Jornal do Commercio e na Gazeta de Noticias sua penna burilou folhetins bellissimos, que são das melhores paginas daquellas folhas, a Gazeta da Tarde é um escriptor precioso da fecunda e inexgotavel riqueza do seu cerebro e do seu coração, n'li derramados, profusamente, dia a dia, e cada vez mais opulentos.

O abolicionismo perdeu em Ferreira de Menezes o seu meenas, pois abolicionista algum se bateu ainda com tanto sacrificio contra a escravidão como Ferreira de Menezes.

Como politico, n'brçoço e defendeu sempre com immaculada valentia as idéas democraticas.

Seus inimigos, pois os teve, o que prova que era um forte e um precioso, pois só os fracos e os nullos não o têm, seus inimigos podem boquejar assaltos á honradez do seu caracter politico; não poderão, certamente, declinar factos que o deshonrem.

Não transigiu nunca com os seus principios.

Inimigo implacvel da escravidão, atacava-a fosse qual fosse a eua cor ou a sua especie.

Recompensava-se bastante com a satisfação intima da sua consciencia, com a convicção de haver feito bem. Altivo, independente e rispido, repellio sempre as ameaças e as peitas.

Seu caminho era em linha recta; se alguma vez affastou-se della, foi para dar uma esmolta ou curvar-se a um soffrimento.

Seus grandes merecimentos, suas elevadas e preciosas qualidades absolutamente fartamente dos defeitos que teve, das faltas que commeteteu.

Os innumerous beneficios que espolbou, as grandes e sagradas batalhas que venceu, rocommendando as gerações porvindouras como um levantado padroeiro de gloria e de exemplo.

Seus fillos podem uzar no futuro, com orgulho, do nome de seu pai, como um broquel de aço fino ou uma venera de diamantes, ao peito.

Seus fillos!

Miseras creanças!

Mal sabem ellas a desgraça horrivel que duas vezes a ferio. Sorriem talvez agora, brincam alegres e descuidadas, ignorantes de que estão sós no mundo, sem sol, sem arrimo, sem religião, quasi sem Deus. Quando elle deixou-as para ir abraçar o seu velho amigo Duque-Estrada Teixeira, mal pensava que jámais as tornaria a ver! Contava ir para a Alegria e ia para a Morte!

Morreu cercado de amigos, de flores e de musicas, serenamente, com uma confiança desesperda e uma tristeza lancinante.

Quando agonisava a orchestra executava a musica indigena do Guaranype elle sentindo-a dentro do peito, como a marcha da Yone ou um badalar a fados, pediu que a fizessem calar... Depois expirou.

E com elle uma ametade do jornalismo brazileiro.

Noticiando o passamento desse homem illustre, o Jornal do Commercio, que elle tantas vezes illuminou, não teve uma palavra de elogio, um adjectivo de magoa, uma phrase de justiça para lamentar a horrivel perda.

Não teve sequer duos fillets negros nos caixotins da sua typographia para laqdar aquelle nome illustre.

Disse por todo elogio: « O finado era um dos proprietarios e director da Gazeta da Tarde. »

Quanto a mim, dobro um joelho nesta parte do jornal (*) que foi o reino e o firmamento daquelle rei morto, e daquelle planeta apagado...

E como os soldadoes ante o cadaver, do seu general, ponho a penna em funeral ante os eagrados despojos de Ferreira de Menezes.

Dou pezames ao jornalismo do Brazil, que acaba de perder o seu melhor folhetinista e mais vigoroso e original lutador.

S. Paulo, 8 de Junho de 1881.

VALENTIM MAGALHÃES.

(*) Este artigo fóra publicado no rodapé do Correio Paulistano de 9 de Junho de 1881.

V. M.

Ja em meio o combate. A turbida esplanada Tremia sob os pés das hostes em campanha, Enorme perspectiva! Além, como asustada, Olhava de travez a face da montanha.

Havia já tombado a noite bruta e immensa, E, muito ao longe, ao ver na fervida batalha Os canhões detonando em meio á treva densa, Dir-se-ia de um cyclope a rubida fornaha.

Nesse instante foi visto um forte combatente
Vacillar e cair.—Eras tu, baquaste!
Mas não perdeu-se a calma: ia a polejar ardente
E era mister seguir a luta em que tombastes.

Lerantámos-te, pois, a bandeira da terra;
Murmurámos-te o adeus; e, ainda com voz presa,
Soluçámos: Avante! — E os esquadrões de guerra,
Marcharam novamente ao som da Marselheza!

1881

SILVESTRE DE LIMA.

PLAGIOS E PLAGIARIOS

II

Se por ventura lá no «etherco acento», na tranquilla apothose eterna da Gloria, chegassem echos de accusações de plagio do genero das que hoje é moda fazerem-se aos proeadores e poetas que, fortuita ou consiente, apreentam semelhança ou identidade em alguns dos seus assumptos ou pensamentos com outros, anteriormente vindos a lume; se tal pudesse acontecer, muito teriam de rir-se os grandes Mestres, os immortaes poetas e prosadores de todos os seculos e paizes!

Como haviam de divertilos esas ingenuas indignações, a simplicidade palurdia de taes espantos!

E' que todos elles adaptaram, traduziram, paraphrasearam, desenvolveram, imitaram, plagiaram, copiaram, furtaram despejadamente—idéias, assumptos, planos de obras; palavras, phraseas, versos, estrophes, cantos; períodos, paginas, capitulos inteiros!

Uma pilhagam desbragada, geral, uns dos outros e todos dos seus antecessores; pilhagam exercida não só no terreno illimitado e neutro da Idéia, como nos dominios pessoasas e demarcados da Forma.

E' certo que nem todos tinham a rissonha petulancia de Montaigne, que dizia aos que criticavam acremente as suas obras: «Olhem que Vocês, pensando bater no meu nariz, estão atirando pelotadas ao nariz de Senecal» nem a lealdade de Molière, que confessava: «*J' prends mon bien ou jè le trouve.*» Nem por isso, contudo, caçavam moncos nos mattos dos visinhos.

E' curioso e conveniente apresentar, de fugida, alguns exemplos d'essa verdade, apontar os mais dessembarçados d'esses plagiarios immortaes e alguns dos seus respectivos plagios, para ensinamento dos ignorantes filiauciosos que têm a lingua facil para navalhar e a mão leve para apedrejar os escriptores modernos de notavel merecimento pelo crime de, voluntaria ou involuntariamente, terem se aproveitado de alheios pensamentos, ou imitado, ou paraphraseado, ou plagiado mesmo (*Irrá! láchons le mot!*) lanços, episodios, detalhes de obras de mortos ou vivos collegas.

Por qual começar: Shakespeare, Molière, Corneille, Racine...?

Começemos por Shakespeare, ou Shakespeare, como quer notavel tratadista inglez (1). Elle é uma das culminancias mais altas e veneradas do Pensamento Universal.

Pois bem; Shakespeare copiou Montaigne em uma passagem da *Tempestade*, na conversação entre Gonzalo, Antonio e Sebastião. As palavras de Gonzalo são uma imitação palpavel de uma passagem do 1º livro, pag. 102 das obras de Montaigne.

(1) *Frédéric Madden: Observations on an orthograph of Shakespeare and the orthography of names.* 1838.

Florio, que traduzio este auctor para inglez, era provavelmente conhecido do grande tragediographo, e diz a tradição que foi elle o prototypo de Holofernes, o mestre de escola, em *Peines d'amour perdues*. (2)

Emile Montegut, outro traductor de todas as obras do auctor do *Hamlet*, demonstra que em sua grande maioria não são originaes, indicando as verdadeiras fontes.

A esse respeito, a curioso e paciente trabalho entregou-se o critico ioglez Malone, que em 6.043 versos de Shakespeare contou 1.771 que pertencem a predecessores do grande poeta; 2.373 apenas modificados por elle, e sómente do resto—1.893—não pode attribuir a paternidade senão ao proprio Shakespeare — «talvez por falta de elementos para descobrir os verdadeiros paes»; diz o commentador.

Vejamos agora alguns dos grandes e dos maiores, dos immortaes escriptores francezes.

Voltaire, além de outros plagios, plagiou de Parnell, auctor ioglez, então quasi desconhecido, o capitulo *L'hermite* do romance *Zadig*, plagio descoberto por Fréron. (3)

De Voltaire — por quem foi d'isso acremente accusado — plagiou o padre Barre, inserindo na sua *Historia da Alemanha* cerca de duzentas paginas da *Historia de Carlos XII*.

Racine, estreitando-se no theatro, mettea na *Thabaida* trechos da *Antigona*, de Rotrou; mas excluiu-os da obra impressa; e, além de se haver inspirado copiosamente no theatro grego, imitou Rabelais, que tambem foi imitado por Molière e La Fontaine.

Molière imitou Scarron, Plauto, (de quem tomou algumas scenas do *Avaro*) Tirso de Molina (que lhe forneceu a idéia de *D. Juan*) e aproveitou o enredo de varias peças italianas.

Corneille foi buscar ao theatro hespanhol a idéia, o plano, a disposição geral, e detalhes mesmo, de muitas de suas peças em obras de Guilherme de Castro, (de quem aproveitou muitos elementos do *Cid*, que Castro havia imitado de Diamante), Calderoo e Ruys de Alarcao. De Calderoo encontra-se este pensamento em uma passagem de *Heracles*:
«*O malherdeu Phocas, o trop heroux Maurice,
« Tu retrouves deux fils pour mourir après toi!
« Je n'en puis trouver un pour regner après moi!*»

Montaigne, plagiado por Shakespeare, plagiava impudentemente Seneca e Plutarcho.

Boileau imitou Juvenal e Horacio. De La Bruyère, Saint-Evremond, Lamotte-le-Vayer, Fontenelle, Bayle, Montaigne e Pascal (principalmente estes ultimos) contam-se numerosos plagios.

O proprio Bacon, o grande Bacon, não conseguiu escapar á accusação de plagio; pois que alguns escriptores dizem haver elle bebido o plano, as idéias e os intuitos do seu livro *Argumentis scientiarum* em um livro de Luiz Regius, (conhecido por Le Roi,) intitulado: *Traité des vicissitudes des sciences*.

E Alexandre Dumas? Na sua obra monumental encontram-se profusamente idéias, enredos, paginas, largos trechos de obras de muitos escriptores. (4)

(2) *François Michel, œuvres complètes de Shakespeare: prefacio.*

(3) *Ch. Nodier Le plagiat. (Questions de littérature légale).* Em appendice a esta obra juntou o auctor as provas d'este e de outros plagios, confrontando os trechos referidos de uns e de outros escriptores — plagiadores e plagiados.

(4) Consultar, além dos auctores citados, em que colhi estas notas, o livro de Quérard *Supercherie litteraires*.

E Sardou? Este, então, creio que não tem neuhuma peça de que se não hajam descoberto dois ou tres paes legitimos — pelos meaos.

Mas não quero tractar de escriptores modernos e que não tenham já recebido do Tempo o baptismo da Gloria e da immortalidade.

Baetam os exemplos referidos.

III

Influo, porventura, na reputação d'aquelle escriptores, o não haverem elles construido sempre as suas obras sobre alicerces proprios, terem aproveitado algumas pedras de lavra alheia, ou adornado as paredes com quadros por outrem esboçados, ou incluido entre as estatuas, que enriquecem os peristilos, algumas esculpidas por antecessores d'elles?

Não. Na obra monumental de Shakespeare, de Molière, de Corneille, de Racine, de La Fontaine, de Voltaire, a Critica, a grande Critica, a do tribunal da Posteridade, que é de ultima instancia, não vai procurar as pedras, os materiaes alheios de que esses grandes constructores litterarios se utilisaram algumas vezes, para com elles apedrejar-lhes os nomes e a gloria. Nem mesmo poderia fazel-o, porque esses materiaes, entrando naquellae construcções enormes, impereciveis, tomaram o character dominante da architectura, confundiram-se com os outros, receberam o cunho da personalidade do auctor, passaram a pertencer-lhe por esta especie de posse litteraria, que cria direito inesbulhavel — a posse do Genio.

Mais do que ocioso, — ridiculo, seria accusar um escripto que se impõe ao seu tempo, que cria na litteratura do seu paiz obras que nella se arraigam e permanecem como as montanhas ao sólo; um d'esses mestres do Estylo, um desses privilegiados levitas que têm a faculdade rara de poetrar no *Santus-sanctorum* da Forma; ridiculo seria accusal-o de haver colhido algures um pensamento, ou muitos; de haver desenvolvido assumpto já explorado; de haver imitado ou completado obra alheia.

Ocioso e ridiculo, indigno de um verdadeiro critico seria isso, porque esse trabalho antipathico, mesmo baseado, irrefutavelmente, sobre as provas, sobre o «corpo de delicto», não conseguiria damnificar a reputação do escripto, nem mesmo quanto á parte accusada da sua obra, pois já a admiração publica teria completado a apropriação feita pelo estylo, pela forma, pelo poder artistico do escripto; e toda a sua obra já se teria tornado unicamente sua.

Nem a originalidade escrupulosa aproveita aos mediocres, nem a imitação, o proprio plagio, prejudica os escriptores de primeira ordem, os predestinados á gloria.

Para exemplo, Scudery, o auctor de *Alarico*, de que Boileau foi *cabrion* implacavel. Ninguem mais do que elle condemnou o plagio e censurou os plagiarios e imitadores, especialmente de auctores modernos. No entanto, Corneille e os outros censurados por Scudery, immortalisaram-se, ao passo que d'este não ha mais quem se leahre. Quem lê hoje *Alarico*?

Isto levou Nodier (5) a dizer que mais vale furtar como Corneille a inventar como Scudery.

(5) *Obr. cit.*

A originalidade de um escripto não está, portanto, na invenção absoluta de todos as suas obras, não consiste na criação do pensamento, das idéias; está na maneira por que elle tracta o assumpto, velho ou novo; consiste em imprimir a idéias, suas ou de outrem, o character peculiar do seu temperamento artistico. Em uma palavra: a originalidade está no estylo, entendido este vocabulo no seu mais amplo sentido, como o entente Eugenio Veron; isto é: a *maneira propria* de pensar, de sentir e de exprimir idéias e sentimentos, como resultante d'aquillo que Burger chama a *lei de separação* (6)

Diz aquelle escripto:

«Em cada momento da evolução das sociedades ha um certo nivel geral que constitue nesse momento a media da alma humana. As obras que a ultrapassam suppoem o talento ou o genio, seguindo esta superioridade é mais ou menos accentuada, e, sobretudo, mais ou menos espontanea. Consiste a mediocridade em *atingil-a, sem ultrapassal-a.*»

«O artista mediocre, pensando e sentindo como todo o mundo, nella tem que o *separe* da multidão. Elle pode ter uma certa *maneira*, isto é: um conjunto de *processos* que lhe sejam proprios, mas não pode ter estylo, no exacto sentido da palavra. A habilidade não faz o estylo.» (7)

Segundo a conhecida e maxima definição de Zola, a obra artistica é um canto da Natureza visto através de um temperamento. E haverá por ventura *canto da Natureza*—inexplorado, virgem? Certo que não. Mas tal é o poder do temperamento artistico que os mais batidos e frequentados cantos da Natureza, os *ocus logares communs*, transformam-se através d'elle, renovam-se, *originalizam-se*.

Zola não disse «um canto novo, desconhecido da Natureza»; disse simplesmente «um canto da Natureza.»

Segundo o grande Taine, o fim da arte é manifestar o *character essencial* ou um character importante do objecto, fazendo com que esse character, que em a Natureza é *dominante*, passe a ser *dominador*. (8)

Isso coesegue o artista pela sua maneira propria de pensar, de sentir e de produzir.

Quando se encontra em um escripto um pensamento que não é d'elle, que anteriormente fora explorado, o cuidado primeiro do critico deve ser verificar se o dicto escripto conseguiu despir esse pensamento de toda a *forma* que tinha anteriormente e vestil-o com a sua forma, com o seu estylo, transformando-o, *personalizando-o*.

E' por essa razão que ninguem chama plagiarios aos grandes escriptores, cuja originalidade inventiva na segunda parte d'este trabalho rapidamente estudei; é porque elles, quando não crearam o que inventaram, *crearam* o que inventaram os outros, dando-lhe a luz, o movimento, as cores, o som, a vida, enfim, do seu estylo, do seu temperamento.

Donde se conclue que os citados immortaes auctores, comquanto houvessem sido imitadores e plagiarios — no sentido stricto e vulgar do vocabulo, — foram, são e continuarão a ser, por muitos annos o bons — os escriptores originaes.

VALENTIM MAGALHÃES.

(Conclue no proximo numero).

(6) Eng. Veron. *L'esthetique*. Cap. VIII.

(7) *Obr. e cap. cit.*

(8) H. Taine; *Philosophie de l'Art* I parte, § v.

A SEREIA

BALLADA

MUSICA DE FRANCISCA GONZAGA

COMO FANFAROLA

armonioso

Para * Para * Para * Para * Para * Para * Para *

Para um dia um mar-quei-ze-ro que ficou ao vi-va-va

p dolce

uma corda

Para * Para * 2 Para * Para * Para * Para *

com uma fi-lha pe-que-ni-na co-mo filha por-er-er Sem a-mi-gos Sem parentes Só tendo um barco de

p *rall* *pp*

Para * Para * Para * 2 Para * 2 Para * Para * Para * Para *

seu de seu O pobre homem coitado Não sei na-sei como não morreu Não sei na-sei como não mor-reu

eco *pp* *sordina* *f* *pp* *armonioso*

Para * Para * Para * Para * Para * 2 Para * Para * Para * Para * 2 Para *

coitado coitado Não sei como não morreu

f *pp* *f* *pp* *f* *rall* *a tempo* *ppp*

2 Para * 2 Para * 2 Para * 2 Para * 2 Para * 2 Para * 2 Para * Para * Para *

UMA CARTA DE E. FREIRE

Do vornaculo proasador e inspirado poeta Ezequiel Freire fui honrado com uma esplendida carta ácerca do trabalho que nesta folha vou a concluir eob o titulo *Plagios e Plagiarios*.

Inserindo-a gostosamente, em seguida a estas linhas, e agradecendo-lhe por mim e em nome de Raymundo Corrêa a valiosa interferencia do seu parecer e aa amaveia couaa que de nós escreve, peço-lhe venia para uma observação, para mim relevante:

Vem a ser que eu não eatou em polemica com o Sr. Luiz Murat, que não lhe eatou respondendo, que não accetei, enfim, o répto que, ao que parece, elle me atirou.

Encetei e levo por deante esse referido trabalho eem me preocupar com o que o auctor dos *Quatro Poemas* escreva ou possa escrever a respeito.

De bom grado eu teria accetado com elle a polemica, se esta houvesse sido proposta em termos que me permitissem acceptal-a.

Tracel o meu desvalioe mae sincero trabalho antes da serie de artigos contra Raymundo Corrêa publicados em um diario d'esta Capital, e o continúo e concluirá segundo o plano anteriormente esboçado, de forma a lhe dar um elevado caracter de obra aerea, sincera, desapaixonada, de intuitos puramente litterarios.

V. M.

MEU CARO VALENTIM. — Subscreevo, alegremente, o artigo que inseriste no último numero d' *A Semana*, em defasa de Raymundo Corrêa.

Isto não é uma interferencia minha na antipathica polemica litteraria, oriunda da injudiciosa accusação de Luiz Murat; seria intempesitiva intrusão, a ninguém aproveitanda, pois vae correndo o debate entre os mais competentes.

Eespero confiante que descesse á liga, anteparando a Raymundo com o broquel da tua auctoridade litteraria. Fizeste-o galhardamente. Desopprimete-me do pozar de ver que a injuria atirada ao querido poeta era caviliosamente apadrinhada pelos teus desaffectos, que começaram a involver no mesmo odio e a macular com as mesmas palavras a ti e ao grande (porque não?) orchestrador das SYMBIOMIAS.

Fizeste a Raymundo a melhor defesa que podias fazer-lhe, nesta odiosa questão: reproduziste mais uma vez o seu admiravel, o magnifico soneto — As ROMNAS.

Confrontando os inexcusaveis versos de Raymundo com as tres phrases da prosa de Gauthier, rebuteste efficacemete a accusação de plagio, sobre aquella lançada por Luiz Murat, (aliás poeta que muitissimo aprecio, tanto talvez como ao accusado; pois são artietas, embora de temperamento diverso, — primorosos embos.)

Não te acompanho nas altas indagações de critica litteraria, de que vem cheio teu bem elaborado artigo; direi apenas — Quem sobre uma alheia phrase de prosa elegante rendilha os envolvidando versos d'as ROMNAS, quando não se lhe possa dizer: — « Eis um poeta original! », deve-se-lhe, ao menos, clamar: — « Eis um admiravel artista! »

Isto, dado o caso de Raymundo haver se utilisado do pensamento d'outrem, o que não creio conscientemente o fizesse.

E que o tivesse feito, quid inde? Quem ha: tu, eu, elle, o proprio Murat, que não haja traduzido, imitado, paraphraseado, por exemplo, algum numero do *Intermaxxo* de Heina?

D'ahi?

Dahi? com isso muito aproveitada a nossa pobre litteratura.

E nota que eu digo tradução, imitação, paraphrase; eendo, entretanto, o caso de Raymundo muito outro; pois no seu bello soneto apenas ha, se hou-

ver, a reminiscencia de uma imagem, graciososa por certo, mas perdida no meio das phrases de um romance, aliás não muito vulgarisado, mesmo entre gente que lá.

En, confesso, jamais encontrei-me com MLE. DE MAUPIN: e agradeceris a Raymundo, se fosse caso d'isso, o trabalho inapreciavel de haver posto em evidencia, no engaste dos seus admiraveis endecaasyllabos, a perola, porventura encontrada, quasi despercebida, no patrimonio do escriptor francez.

Quando Raymundo, ainda academico, apenas pronunciava o primoroso poeta que hoje é, eu disse-lhe, no *Correio Paulistano*, (cuja parte litteraria me estava então confiada,) algumas phrases amaveis o sinceras, precedendo o soneto AS ROMNAS, não ainda, como hoje está, famoso.

Imagina, pois, quanto me andava pezando ver publicamente qualificado de espurio o documento litterario de que eu me servira outrora para apresentar o poeta aos meus leitores.

E' por isso, e pela mui grande estima em que tenho o talento e o caracter de Raymundo Corrêa, que te agradeço, Valentim, o teres acudido ao répto, vulgarisando ainda mais o corpo de delicto sobre que se baseia o libello accusatorio de Luiz Murat — o inimitavel soneto AS ROMNAS.

E d'aqui, d'este quieto retiro amado, onde vim fartar-me de ar puro e de luz intensa, enquanto de Arabyba, murmurejando deriva, debruado de frondosos ingazeiros, pela varzea ridente, e, ao fundo da paisagem, no limpido co azul n' Itatiaya svulta, sombrio e alto; d'aqui d'esta patria cidade decadente, brunquejando ns encosta, (onde Narcisca Amalia decanta e Andrade Figueira impera) d'aqui te envio — de Rezende, a bella — um grande abraço, que partirás fraternalmente em tres quinhões: — um para ti, outro para Filinto, e o terceiro para Raymundo — o intemersto.

Affectuosamente,

EZEQUIEL FREIRE.

Rezende, 1 de Junho.

VERSOS POSTHUMOS

ITERUM SARA

*Abre-me os braços teus, formosa Vag talena,
Que repose um avanço em seios de alabastro!
Quero doído sorver teus beijos, assucena,
N'essa varanda, á luz do merencorio astro...*

*Ao luar é tão doce o tremulo contacto
Das mãos de uma mulher que esmaia entanguescida!
A' route, filha de Eva, o amor, languido cacto,
Desabrocha sorrindo e enflora-nos a vida.*

*Vê tu que céu azul, o céu tão estrellado,
Esse que ahí se arqueia e espelna pela altura!...
Afasta do triclínio o aureo cortinado!
Aparece-me, ó Sara, e eu morra de ventura!*

*Solta os cabellos teus, Niágara esplendoroso
Que vae beijar-te a onda altissima do collo:
A guitarra solta o canctico amoroso
E eu desmaio na sombra, ó Sara, ó meu consolo!...*

*E' calmo o teu jardim; na areia da alameda
Em cascadas derrama a luz os seus padres...
Que me aperte o collar dos braços teus de seda,
Cantemos a duetto eterno dos amores!*

*Abra-me os braços teus, quero esculpir com beijos
Em teus labios de fogo e seios de alabastro
O poema d'este amor inano... O' meus desejos,
Eu vos pranteio á luz do merencorio astro!...*

GONÇALVES CRESPLO.

Discurso de Alexandre Dumas

(Continuação)

Victor Hugo só mui raramente apartou-se das regras tradicionaes, ainda mesmo na composição intitulado *Resposta a um acto de accusação*, na qual pretende haver subvertido a lingua. Conhecia a sua lingua muito bem; sabia melhor do que ninguém que ella

se não subverts a não ser com a terra do novo mundo, — para procurar o ouro. Foi e continuará a ser um clasico, comprehendida a palavra como aqui a entendemos: autor de primeira ordem, que se torna modelo muna lingua qualquer. O que a lingua poetica lhe deve, no ponto de vista da factura, ou, para dizer a palavra exacta, do officio, é a regra nova que impoz á rima e da qual não só nenhum poeta se pôde mais afastar, como tambem é certo que alguns a exageram ste a gymnastica e ao calemburgo. E' inaudita a quantilale de rimas até então desusaas, sonoras, scintillantes, que elle fez brilhar nos finais dos seus versos.

Como lhe cumpria, diga-se a verdade, proceder mais por imagens do que por idéas, carecia de rimas que fossem já imagens. Pôde-se ser obrigado a falar em prosa; mas ninguem é obrigado a falar em verso. Se a rima, que não traz, no fim do verso, uma admiração delicada, uma requintada surpresa, se me não transporta sobre a sua aza, se me não deslumbra o seu raio, não paga a pena, realmente, exprimir-se o pensamento em linhas mais curtas do que as outras. E, pois, somente obedecendo a certas leis severas, cujo segredo o vulgo ignora posto que lhe sinta o encanto, que existe o direito de collocar a poesia acima da prosa, como se concede á mulher, em certos casos, o direito de precedencia ao homem, por causa de certas excellencias exteriores que nem sempre se dirigem somente á intelligencia. Ha, em presença de uma bella pessoa, uma emoção dos olhos, um estremecimento particular, que não são argumentos irrefutaveis e que se assemelham um tanto á sensação que a forma poetica causa desde logo por elle mesma. Os juizos que con lemnas Socrates podem absolver e até glorificar Phryneia; menos de dez ou quinze annos depois, Socrates é quem terá razão até á consummação dos seculos. O mesmo succederá muitas vezes com a poesia e com a prosa.

Desculpae-me, senhor, que eu tome a liberdade de tratar de uma materia em que sois mestre consummado; mas a culpa é vossa. Deixastes, para que eu dissesse, muitas cousas que terieis dito muito melhor do que eu, e o meu discurso tem de perecer, parece já demasiado extenso por tudo quanto afastastes do vosso. Não conto, para alcançar que me absolvam, senão com a minha incompetencia. Para dizer tudo, deve ter sido essa propria incompetencia o que me grangeou, de parte da Academia, a honra de vos receber em seu nome e tomar a minha parte nisso a que chamamos mui justamente a tremenda tarefa de falar de Victor Hugo. Terá visto nisso uma garantia mais da boa fé e exactidão que exige. E depois deve-se ter lembrado de que, senão pertengo á familia natural do grande escriptor, sou até certo ponto da sua familia voluntaria, adquirida. Ha entre elle e mim o que quer que seja que não existe para nenhum dos nossos collegas. Eu era ainda muito menino quando o conheci: seus filhos, mais novos que eu, um, dois annos, outro, quatro, eram meus camaradas; vinham ás vezes passar o domingo em minha casa, não sem que sua mãe se inquietasse por isso; recebia para elles a grande liberdade que eu sempre gozei, e cedo de mais talvez, mae que me ensinou muita coisa boa de saber-se, que eu talvez não tivesse conhecido a não ser assim, e quem tem todas se encontram nos livros. Os que têm sabem muito; mas os que olham sabem ás vezes mais.

Aqui onde me vê, senhor, com vinte annos de idade, dava já bons conselhos aos filhos de Victor Hugo. Fui sempre amigo de pregar moral; agora apenas é que o entro a ser menos; conveño-me de que é officio que não presta para nada. Demais, o autor do *Hernani* e o autor do *Henrique III* tinham se conservado amigos, posto que confrades; encontrar-se-lão, nas biographias de um d'elles, por uma testemunha ocular de sua vida, e nas memorias do outro, testemunhos d'essa boa confraternidade e d'essa amizade sincera. Nasceram no mesmo anno; conheceram as mesmas misérias; arvoraram a mesma bandeira; sustentaram as mesmas lutas; teutaram a mesma revolução dramatica, o autor do *Henrique III* um pouco antes do autor do *Hernani*. Entre os meus livros; preciosos, possuo um exemplar da *Marion de Lorme* com

esta dedicatoria autographa: « Ao meu bom, leal e valente amigo Alexandre Dumas. São os unicos titulos que quero invocar aqui a favor d'meu pae. Bastar-lhe-hão hoje. O talento é uma bella cousa; mas ainda melhor é o character. De uma vez que tu tinha de annunciar-me meus um acontecimento fez-te minha vida, escrevi-lhe e puz no sobrescripto estas unicas palavras: *Victor Hugo. Oceano*. A carta chegou-lhe ás mãos, e elle commoven-se com esta homenagem, com esta imagem em duas palavras. Quando me apresentei aos suffragios da Academia, Victor Hugo, que não tornára aqui depois de sua volta á França, cá veio para votar em mim, por amor do filho de seu velho amigo, e depois obstinadamente por amor de vos, pois votava sempre no vosso nome, fosse qual fosse o candidato. Finalmente, outros, muitos outros, em nossa companhia, teriam falado d'elle com mais eloquencia do que eu; mas nenhum o teria feito com mais respeito e terna sinceridade. Presumo que era o que todos quariam. Eis, senhor, como me acho diante de vós. Rennimo-nos pela admiração e pela gratidão tambem. São os vinculos mui fortes e mais suaves para corações um pouco elevados.

Ha, em Victor Hugo, tres homens: o poeta, o philosopho, o politico.

Pouho desde já de parto o politico. Morto Hugo não ha mais tem que ver com a politica, entre nós pelo menos. Reivindicamol-o em nome das letras, conseravamo-l-o e não o restituimos. Entretanto, cumpre-me responder a um conceito vosso que tenho por erroneo. Dizeis alguns, para o desculpar sem duvida: « Julgou-se realista e catholico ». Não se julgou realista e catholico: foi o muito e bem e mui sinceramente, como muito o bem o mui sinceramente deixou de ser nma e outra coisa. Disse-o elle e o repetiu muitas vezes em verso e prosa; não ha, pois, que duvidar d'isto. Aliás ninguem foi, nos actos como nas obras, mais sincero o mais convicto do que elle, sempre. O que podemos investigar, pois será um estudo psicologico de Victor Hugo apropriado a tornar comprehensivel parte de sua obra litteraria, é o porque deixou de ser realista e catholico. Para este fim, cumpre que o observador se colloque em certo ponto do vista; cumpre indagar porque creou a natureza aquelle homem singular. Crea-o para cantar, por toda parte, sem obstaculo, fosse como fosse, tudo quanto pôle ear cantado. Não foi somente um poeta, foi o poeta, o que um invisivel Deus possessor, domina e tortura; foi o instrumento, senão mui melodioso, pelo menos mais sonoro que já tem vibrado aos quatro ventos do espirito.

Que direito teriamos de lhe pedir cousa diversa da que Deus lhe deu por missão realizar no mundo?

Constituido para receber impressões e produzir canticos, obedeceu ao seu destino, como o rio que corre, como o vento que sopra, como a nuvem que passa, como o relampago que brilha, como o mar que rugie. E o implacavel genio que só de si cuida. E o caso de uma d'essas fatalidades originaes, monstruosas por momentos, em que alguma physiologista se fundaram para sustentar que o genio era uma forma resplandecente da loucura. Ora, Victor Hugo tem o caracter essencial, ineluctavel d'essa loucura sublimae que a sciencia não chegará nunca entretanto a inclinar na pathologia: tem a idéa fixa. A idéa fixa é simplesmente, logo que atinja a idade da razão, tornar-se o maior poeta da sua patria a do seu tempo, e, á proporção que se adiante na vida, ser o maior homem de todas as nações e de todos os tempos. D'este ponto de vista é que me parece necessario consideral-o, para comprehendere o que a principio se affigura inexplicavel. Aos quinze annos, concentra-se na sua cabeça, a nunca mais até morrer desce d'ella. Por isso é que ha de sempre ver as cousas de tão alto. A unidade que não existirá nos saue actos nem nas suas obras, estará na sua vontade, que é de ferro, e que elle estenderá para o alvo a que caminha. D'esse alvo não desviará os olhos nm instante. Affasta tudo quanto pôde retardar-lhe o passo, até o que é mais natural, o que é tido como primeiro ideal de todos os homens e primeira inspiração de todos os poetas: o Amor.

Posteriormente, quando cantar o amor como ha de cantar tudo que é da

natureza, não se poderá citar, em toda a sua obra lyrica e dramatica, um verso, um só que seja, um verdadeiro extase ou um verdadeiro grito. Não se entrega nunca. O primeiro que ha de encher a vida de Musset e que ha de inspirar tão magnificamente, deixa Victor Hugo insensível, quanto à alma pelo menos. Muitas composições, em que a ausencia de data pode tor-se como confidencia ao leitor, apenas resoam, em sua forma deslumbrante, como moedas d'ouro atiradas por mão que não conta, na escarcela de uma formosa esmoladora. O coração na-lhe tem com isso. Aquelle Jupiter fez ás vezes aos amouros terrestres a concessão de se transformar em cygne ou em touro para se tornar visível e comprehensivel a creaturas mortaes, para demonstrar a sua grande e a sua força, para descançar um momento dos seus trabalhos e da sua grandeza; mas só amou verdadeiramente uma mulher, unica que podia satisfazer aquelle varão prodigioso : a gloria!

Depois, amou a liberdade, ardentemente, para si, e para os outros, cousa rara, porque comprehendeu que só a liberdade podia dar-lhe a gloria tal qual a queria, e que um máo poeta não podia aspirar a collocar-se acima de todos, senão numa sociedade democratica eu que não existem as hierarchias convençionaes e as supremacias de nascimento e de tradição.

Repudiou a Monarchia e o Catholicismo, porque n'essas duas formas social e religiosa do Estado, teria tido sempre, inevitavelmente, alguém acima de si. Houvera acedido a monarchia se podesse chegar a reinar; teria perseverado no catholicismo, se houvesse podido chegar a ser papa, a reunir em si o papa e o imperador, as duas metades de Deus, como diz no *Hernani*.

Acompanhou-o no desenvolvimento logico do seu ideal terrestre. No final do prefacio de *Marion de Lorme*, diz: «Porque não viria um poeta que estivesse para Shakspeare como Napoleão está para Carlos Magno?»

A imagem de Napoleão persegue-o, perturba-o e inspira-o cada vez mais. Porque? Porque Napoleão é a incarnação da maior gloria que o homem pôde pretender. O poeta precisa duma gloria equivalente a essa, incluído o martyrio, se é necessario o martyrio à realização de semelhante gloria. Tentou primeiramente apagar a grande imagem de Napoleão da memoria da França; mas, como nem elle nem ninguém o poderia conseguir, cantará a gloria d'aquelle que não poderia tornar esquecido. Será esse o seu meio de o equivar, de o exceder talvez. Homero não é hoje maior do que Achilles?

Então succodem-se as odes à glorificação de Napoleão: odes à columna, a Napoleão II, onde se encontra este verso já demais esquecido:

Oh ! n'azilons personne ! oh ! l'azil est impie !

Odes ao Arco do Triumpho, ao regresso das cinzas do imperador, e tantas outras. Elle, sempre elle.

Finalmente, quando por sua vez é tambem exilado, e escolhe Guernesey que será a sua ilha d'Elba donde se volta ou a sua ilha de Santa Helena onde se morra, mas onde, seja como fór, elle será isolado e remoto, mais alto no horizonte, como o quer sempre ser, do que todos os seus companheiros de exilio, quando estiver u'aquella ilha a que, se não se vem expressamente para vel-o, nunca mais se poderá ir sem pensar n'elle, escreve o livro sobre Shakspeare, onde faz a enumeração dos eternos grandes homens, e diz:

«A diminuição dos homens de guerra, de força e de rapina, o augmento indefinido e magestoso dos homens de pensamento e de paz, a volta ao presente dos verdadeiros colossos, — é um dos maiores factos da nossa grande epocha.»

Napoleão já não é, para elle, senão Bonaparte; decididamente não foi mais que um assumpto de poema. Eis o poeta, só, entre o mar e o céu; eil-o a embriagar-se de ambição solitaria, a inebriar-se de immortalidade preventiva, a acreditar que é o grande feiticeiro do mundo, o unico arbitro da consciencia humana. Não está mais em Santa Helena como Napoleão; vê-se no Sinai, como Moysés, na montanha como Jesus, em Pathmos como S. João; sabe o segredo do infinito, julga saber-o e o diz:

«O poeta é sacerdote. Ha na terra um pontífice: é o genio.»

Só lhe falta acrescentar: «O genio sou eu». Não o diz; mas entra firmemente a crer que o mundo o dirá.

Chega 1870. As suas ultimas convicções triumpham; teve, pois, razão de as professar; foi, pois, o vate antigo. Desaba o throno, periclitada o altar, vacilla o papado, estremecce o velho mundo social. O poeta que fulminou como Juvenal, que prophetizou como Isaías, volta à patria.

Acabada a guerra, feita a paz, torna-se o poeta o idolo da multidão. E' ouvido como um oraculo, aclamado como um rei, festejado como um santo. Chamam-lhe Mestre; chamam-lhe Pae. O anniversario da sua primeira peça é celebrado no theatro; o anniversario do seu nascimento é celebrado na cidade. Dão-se férias nos collegios; são agraciados réos nas prisões. Os que admiram este homem ajoelham-se; os que o não admiram callam-se. Parece convençionado que o não discutirão mais, enquanto viver. E' a nossa gloria nacional; vive numa aclamação incessante. Quando a morte o ameaça, a multidão inquieta enche-lhe a rua. Centenas, milhares de homens e de mulheres d'esse povo que elle exaltou até nos seus erros velam a noite diante de sua porta; o mundo inteiro pede noticias. A sua morte é um lucto publico. Interrompem-se os negocios; suspendem-se os estudos; lança-se um véo negro sobre o Arco do Triumpho, por se não poder lançar sobre a cidade toda.

Os «dragões gudealhudos», de tochas em punho, guardam em vigília o corpo. O immenso murmuro de uma população que se não deita substitue a oração de humilde padre e embala a alma do poeta como tantas vezes o Oceano lhe embalou o espirito e lhe fez rythmo ao pensamento. Afasta-se Cezar para lhe erguer um altar; despede-se uma sancta para erigir-lhe um túmulo. Mais de um milhão d'honiens formam sequito ou formam alas ao carrinho dos pobres, derradeira antithese do poeta, seguido de enormes carros carregados de corôas cujo numero e cujo peso gastaram os degraus do Pantheon.

E, ontretanto, em me recorde de que sete pessoas sómente, em cujo numero eu estava, partiram de Paris para acompanharem até ao cemiterio de Saint-Point o autor de *Jocelyn* e da *Quêda d'um anjo*, e trinta e trez fieis apenas, em cujo numero eu estava ainda, seguiram até ao Père Lachaise o auctor de *Rolla*, das *Noites* e da *Esperança em Deus*!

(Conclue no proximo numero.)

OUVINDO BEETHOVEN

27ª SONATA — OP. 13 n.º 1

Quando os teus finos dedos ao teclado Ebu neo arrancam as celestes ootas Dessa musica extranha, sou levado De um triste sonho ás regiões ignotas.

Deixo o mundo; só tu vens ao meu lado, Tusomente; e, deixando em baixo grotas, Cidades, montes, prados, fujo, alado, Da phantasia pelas invias rotas...

E um sol que morre, vejo, e — como ás veigas Os vagalumes vão — vão despootando Estrellas pallidas no ceo profundo,

E eu ouço, ootão bem perto, as vozes meigas, Em surdina, de estrellas cooversando Sobre as ocultas tristissima do uando...

Rio—Maio 87.

RODRIGO OCTAVIO.

MAXIMAS DA VIDA

«Meu caro Valentim. Acabo de ler um livrinho precioso, que trazia commigo, quando, ha dias, estivevemos juntos em casa do nosso querido Raymundo Correia. Creio mesmo que d'elle lèmos alguns trechos, os quaes prometti traduzir para a *Semana*. O livro é firmado pela Condessa Diana,

pseudonymo, talvez, de uma mulher de muita modestia e de muito espirito.

Preficia-o u'uma bella pagina de Sully Proudhomme, concetiosa o elegante.

Na impossibilidade de dar aqui todo o prologo do illustre academico, transcreverei apenas um trecho d'elle:

«Vordade é que não intentastes eompôr uma obra.

Quizestes reunir, ao acaso e sem conexão, as vossas observações sobre a vida. O escriptor de profissão não procede assim; não publica uma colleção de seus pensamentos: evita divulgar de uma só vez o thesouro de sua experiencia: amontô-o com mysterio e com ciúme, para o espallar successivamente, a pouco e pouco, em uma série de obras, de novellas e de romances, por exemplo.

Elle põe em acção, para captivar mais e por mais tempo o leitor, os traços de caracter e de costumes recolhidos, dia a dia, em redor de si.

Mas vós, minha senhora, não vos obrigastes a tanta economia e a tanto artificio.

Não é à imaginação que vos dirigis para seduzir a curiosidade. Sómente vos lerá aquelle que, diante os automaticos, prefere ao espectáculo de seus gestos o conhecimento das molas interiores e cuidadosamente dissimuladas que os agitam.

A alma humana vos preoccupa mais que a scena em que ella se exhibe. Entretanto, não a estudastes à maneira dos psychologos; não a entendestes como um cadaver anonymo, sobre a mesa de dissecação.

Vossas observações foram para a alma viva, surprehendendo-a em suas variedades individuais para analysar-lhe os movimentos; e por isso vossas reflexões são praticamente mais uteis que os tratados dogmaticos sobre sua essencia.»

Efectivamente, Sully Proudhomme faz justiça ao primoroso trabalho da distincta escriptorã.

D'elle ajuiza, meu presado Valentim, pelos trechos que te envio. Verás que as *Maximas* da Condessa Diana não são inferiores ás do Visconde de Araxá, de saudosissima memoria, nem ás *Idéas* de todas as côres do nosso primoroso escriptor Urbano Duarte.

E note-se que as observações d'estes dous ultimos são superiores ás de muitos philosophos que andam em não sei quantas edicções c'tem retrato e biographia nos dictionarios universaes de litteratura...

Mas vamos ás *Maximas* da Condessa.

Ahi teus algumas, tradusidas ao acaso, e... ao correr da penna:

O mundo, que se deixa levar pelas apparencias, nada reconhece sem ellas: —para elle não ha soffrimentos sem lagrimas, piedade sem pratica, miseria sem andrajos.

Decididamente os hypocritas tratam o mundo como elle merece ser tratado.

A calunnia é como a moeda falsa: — muita gente que teria receio de emitilla, fal-a circular sem escrupulo.

As feridas feitas pelos indifferentes não deixam cicatriz.

Quem esquece, perdôa; quem perdôa, vae tratar de esquecer.

Se uma mulher distingue um homem, elle se põe logo a pensar bem de si e inal d'ella.

A belleza é o dom de ser agradável sem ter trabalho: — passando.

Nunca esqueçemos aquelles a quem amamos; — o coração não tem distrações.

A vida é o caminho que conduz á morte: — um eaminho que faz esquecer o fim.

O pudor é a modestia do corpo.

A vaidade dos tolcos autorisa o orgulho dos homens de espirito.

A earidade do pobre é querer bem ao rico.

A ausencia só mata o amor quando elle já estava doente na occasião da partida.

Nós sacrificaríamos o genero humano por aquelles que amamos absolutamente; elles entraram commosco no circulo do uosso egoismo.

A peor das injurias é aquella que a dignidade prohibe esquecer.

O homem consola-se de muitas dôres: a coragem começa a obra, o habito a continúa, o tempo a conclue.

Eu não temo a Deus, desde que elle sabe tudo.

Se aquelles que fingem ter má opinião a seu respeito fossem sinceros, não ficariam admirados de encontrar nos outros essa mesma opinião.

Quem não teme a morte teme a vida.

E' raro que um rico deixe sua fortuna a um pobre: — elle adora o seu ouro, quer deixal-o em boa companhia.

Costuma-se fazer repetir uma pergunta indiscreta; — é para ganhar tempo.

Se ha alguma cousa que a gente peça, sem querer obter, é o ensejo de provar sua dedicação.

Antes amar que ser amado porque se escolhe.

E...adeus. Acredita-me sempre amigo e admirador,

ALFREDO PUJOL

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

O 48º earã-concerto que o Club do Engenho Velho realisou na noite de 28 do mez passado foi uma festa encantadora.

Para abrilhantal-a nada faltou: luzes, flores, perfumes e um bello sexo, verdadeiramente bello e elegante.

Ao concerto, que foi muito bem executado, seguiram-se as daneas que só terminaram quando a aurora veio annunciar que o dia estava ás portas do Oriente. (Bonito!)

Bellissima festa!

Esteve muito animado e concorrido o sarã-concerto que o Club Hebe deu no sabbado ultimo. Ouvio-se boa musica, dansou-se, e todos, convidados e socios, retiraram-se cbeios de saudades, por tão excellente reunião.

LORGNON

FALA!

Fala-me assim, querida! Mas! Que ignôto Doce perfume a tua bocca exhalat Nem um suspiro no arvoredo nôtto: Para te ouvir a viraçã se cala.

Canta-me n'alma a tua voz. Remôto O passado esqueci. Meu ser embala Nesta harmonia... Como tudo é immôto!.. Fala ainda mais! Oh! fala! fala! fala!

Cantam deuses o espazo atravessando; Rôta o mar sobre a areia u verde crina Suavemente de amores descantando.

Subito, ao som de tua voz divina, Dos deuses, em tropel, se aquida o bando, Vencido o mar a larga fronte inclina.

BERNARDO DE OLIVEIRA.

A VIOLETA E O CYPRESTE

Era simplesmente uma aggregada da casa do commendador.

Orphan aos treze annos, a pobre menina foi recolhida, por parentesco remoto nas sobretudo por caridade, ao lar do rico.

Não se pôde dizer que ella fosse precisamente bella, na accepção plastica ou pinctureza d'este vocabulo.

Mas «sympathia é quasi amor» — como disse um poeta, Mathilde era a creatura mais amavel d'esto mundo de Christo.

A sua modestia não era um falso sentimento; ignorava absolutamente o sentido da palavra — vaidade — e jamais lhe perpassou na mente a idea de ser melhor do que quem quer que fosse.

A sua innocencia, a ignorancia da maldade humana nunca foram perturbadas por certos incidentes aliás communs na vida das donzellas.

Transpoz a perigosa idade da adolescencia e da puberdade sem soffrer os sobresaltos dos gritos da carne; e em plenamocidade a vista dos homens apenas lhe despertava uma emoção extremamente vaga do amor carnal.

Quando algum rapaz bonito a devorava com os olhos, enrubescia mais por timidez pueril do que de pejo sexual.

A familia do commendador a tratava com dogura, mas aproveitava em demasia o seu prestimo para todos os serviços domesticos.

A pobre menina mourejava de manhã a noite num labor insano, cuidando das croanças com evangelica paciencia, arrumando a casa, engommando, cozendo, ajudando a cozinha, um tudo.

Como a sua bondade era inexgot vel abusavam d'ella.

Mathilde nunca teve um gesto de vaidade, porque não sabia negar-se aquillo que lhe pediam com bons modos.

Tanto assim que não soube dizer — não — ao Sr. Barbalho, quando este lhe foi perguntar se queria casar-se com elle.

O Sr. Barbalho era um velhote sexagenario, rinchitico, amarello, carcomido pelo tempo. Duas vezes viuvo, abastado, e já chegado ao pólo norte da vida, foi achacado d'esta mania, — menos rara do que se pensa, — de querer desposar uma franguinha de quem poderia ser avó.

Excusava-se d'este capricho serodio, allegando precisar de uma companheira que suasiasse os seus ultimos dias, que o libertasse dos cuidados mercenarios de uma cazeira, e á qual legaria o seu nomeje as suas economias.

Casaram-se.

Mathilde ignorava, e creio que ainda hoje ignora, qual o verdadeiro fim do casamento. O Sr. Barbalho, com os seus cinco dentes esverdinhados, os seus beiços mucilaginosos e frios, a sua pelle pergamentica, o seu olhar amorfo, não está em condições de lhe fazer preleções sobre o magno assumpto.

Os seus beijos fazem-lhe, mau grado seu e apesar dos impulsos generosos da sua natural complacencia, passar um calefrio de horror na medulla.

Todavia ella consegue dominar esta repugnancia e corresponde aos carinhos do valetudinrio com seus grandes olhos espaatados de esposa virgem.

São casados ha um anno, e as cousas continuam no statu quo ante bellum.

A imaginação tetrica do grande florentino não occorreu este genero de supplicio:

O idyllio do berço com o tumulto; as nupcias da violeta com o cypreste, os esponsaes de um a estrella com uma nunia.

Povera fanciulla! DUO.

THEATROS

PHENIX DRAMATICA

O estimado actor Alfredo Magnn, actualmente impossibilitado para o trabalho, pois que o persegue enfermidade pertinaz, tenciona fazer beneficio,

a 13 do corrente, n'este theatro, com um espectaculo cuidadosamente organiado. Fará parte do programma o applaudido drama *As mulheres de marmore*.

Ao generoso publico fluminense pedimos corresponda no apello que lhe dirige o actor Magno.

Com *As mulheres de marmore* fez honrem beneficio o actor Galvão. O theatro estava cheio e o beneficiado foi muito applaudido e victoriado.

RECREIO DRAMATICO

Ensaia-se o *Keen* para beneficio do actor Dias Braga, que deve ter logar brevemente.

LUCINDA

Dá-nos em reprise o *Mercurio*, enquanto não conclue os ensaios dos *Tres mosqueteiros*.

P. TALMA.

VINTE ANNOS!

A RODRIGO OCTAVIO

Vinte annos! De versos cheia a mente Cheio o peito de ardor tumultuoso; O olhar uma caricia a vós, miuoso Arrullo colombino—doce e quente.

Assim és tu. Ouvia-te sequioso, Tântalo do ideal allí presente; A tua alma jorrava inconsciente Na minh'alma um clarão puro, formoso!

Vinte annos assim, são vinte annos! São o perfume que desprende a flor! A borboleta que o castillo deixa!

Esse teu craneo embryonando plaeos N'um só formoso ramilhete enfeixa: — Do verso o idyllio e da mulher o amor!

Maior 87.

GUIL. MAR.

FACTOS E NOTICIAS

Está ba alguns dias na Côte o illustrado medico sergipano Dr. Souza Leite, que veio de Paris, onde reside ha quatro annos, passar algum tempo no Brazil, devendo regressar em seguida á capital da França.

O nosso illustre compatriota exerce um logar de interno—que obteve por concurso—nos Asyllos de Alienados de Paris; tem ali collaborado em varios jornaes de medicina e é honrado com a estima do sabio Dr. Charcot. Para mostrar o merecimento do Dr. Souza Leite, bastará dizer que o seu nome tem sido varias vezes citado em obras sobre molestias nervosas e mentaes.

Segue hoje para Ouro Preto, como encarregado da Enfermaria Militar, o 1.º cirurgião do Corpo de Saúde, delegado da Junta de Hygiene no municipio da Estrella, Dr. Atabaliba A. Franco, que por mais de 10 annos foi encarregado da Enfermaria da Fabrica de Polvora da Estrella, na Rniz da Serra de Petropolis, onde clinicava.

Os Srs. Bernardes e C., estabelecidos na rua da Uruguayana n. 52, offereceram-nos uma garrafa de leite de Campo Bello.

Tomámol-o, saboreámol-o e declaramol-o excellente—para todos os effeitos.

GREMIO DE LETTRAS E ARTES

Com o concurso de muitos socios, notando-se dentre elles os Srs. Machado de Assis, Arthur Azevedo, Cyro de Azevedo, Valentim Magalhães, Alfredo de Souza, Rodrigo Octavio, Moraes e Silva, Bernardo de Oliveira e Aurelio de Figueiredo, realiso este Gremio na quarta-feira ultima a sua 5.ª sessão litteraria.

Rodrigo Octavio apresentou o seu novo livro de poesias *Poemas e Idyllios* e d'elle fez leitura de alguns bellos trabalhos, que muito agradaram.

Aurelio de Figueiredo, o elegante pintor, nos deu delicados souetos da sua lavra.

Moraes e Silva lou duas bonlitas poesias: *Entrevista e Visão*.

Esta é uma composição originalissima, bem feita e inspirada. Agradou immensamente.

Arthur Azevedo fez leitura de um soneto *Velho Typo*. É um trabalho burocrastico, e elegantemente cinzelado.

Oscar Rozas fez tambem leitura de dous trabalhos seus: *Soneto e Na Praça*. Foi uma sessão magnifica.

Na sua proxima sessão litteraria serão lidos trabalhos pelos Srs. Machado de Assis, Valentim Magalhães, Moraes e Silva e Cyro do Azevedo, que apresentará a sua comedia: *Daura*. A estes nomes unir-se-ão outros de conhecidos escriptores.

Do dia 6 a 21 fará o Gremio a sua primeira exposição artistica com nas bellos quadros de Antouio Parreiras.

Com um numero concurso de membros do partido conservador inaugurou-se no dia 26 do mez findo na casa n. 4 B do Largo de S. Francisco de Paula o *Club Central dos Conservadores*. A sua directoria é formada pelos seguintes Srs.: Sadock de Sá (presidente), commendador Neiva (thesoureiro) e Cardoso de Almeida (secretario).

TRATOS Á BOLA

Os meus topetudos irmãos *Pepe, Fricinal Vassico, Josephina B. e Valerius Madilena* metteram o dente nas minhas iraticas do numero passado.

O premio pertence a *Pepe, Felizardo!* Abiscoutou-o por ter ndado mais depressa. Ah!, *topetudo*, cebo nas canellas!

Eis as decifrações: *Mediterraneo, Cecilia, Pardal, Carapina e Cata-preta*. Agora espivete a bola, que nli vão uns tratos capazes de endoudecer... Não acreditem nisso! São de matar-se no ar. Vejam.

LOGOGRIPO (por letras)

« Quantas pennas tem a ave, — 4, 3, 2, 1. « Que paira no azul do céu?... — 8, 7, 6, 5. « Pois olha, mulher querida, « Mil vezes « Mil vezes te adoro eu. »

Oidivo

DECAPITADA

Esta morada no morro—e este som— no alphabeto—o que vem a ser?

ANTIGAS

I E' verbo, não da Persia, Mas verbo da cabeça; Porp trocae a tercia Vos cobrirá — 2 E certa bicha, crêde — 2 Que, embora estronde e cresça, De certo a vossa sede Mitigará

II Constantemente escorrendo—2 O prauto... (não vés no filho)—1. Este homem vae vivendo Num verdadeiro sarilho.

III Em conhecido verso de Camões— 3 O adverbio de logar— 1 Haveis de vela, em muitas occasões, Mover-se e trabalhar.

E adeusinho.

FREI ANTONIO.

CORREIO

— Sr. Joaquim Bello. Talvez que V. S. o seja, mas o que com certeza nada tem de bello, é o seu artigo intitulado *Prisoes. Horresco!* Não o publicamos por ser grande e triste; triste como um dobre a finados.

Comndo entendo que nada perderá estudando. Muito pelo contrario.

— Sr. O poeta dos poetas modernos. «Que assignatura assigna, tanto Deus!» As suas poesias *Para quem?* e *Quem sou eu?* Litterarian perfectamenta, não aquil, mas sobre o balcão de uma taberna, para servirem de envolvero a nacos de sabão e a pedacos de fumo de jacá.

— Sra. D. Julia. O seu artigo vel-o-á na *Collaboração*.

«Fizemos-lhe, se continuar a mandarnos artigos, que não enlita as tiras de um e nutro-lhe; que escreva somente numa face do cada tira».

«Enquanto ao titulo de seus escriptos, entendo que lhe fica bem o antigo de *Contos singelos*. Disse somente que traziam á lembrança o titulo *Prozas simples*; mas isso nada quer dizer, e ha, de mais a mais, muita differença entre um e outro.

— Sr. Jonkopings-assu. Realmente, em litteratura, o Sr. não pôde passar de um phosphoro.

«Começa o Sr. na sua carta: «Dizem portodos os cantos d'este brazileiro torraão que o jornal que V.V. SS. redigem é o unico essencialmente litterario, como o supradito torraão o é agricola.» E acrescentamos nós: E o Sr. o é bate-carteiras, quero dizer, bate-sonetos.

«Oh! seu Assu, faz o favor de largar o que lhe não pertence?»

«Moleques de todos os tamanhos, trocistas, garotos de todas as esquinhas, metter os dedos na boca e assobiae-lhe ás botas (leia-se ferraduras!) Pondurae-lhe á cauda uma lata de kerocane, penduraae-lhe a um dos pés uma carta de fogo da China e fazei com que elle coria por essas ruas afora, nõessado pelo esfusiar dos busuapés e por esta phrase terrivel gritada a uma só voz: « Pegn o flante, pega! Largu o soneto que é de Bocage!... Enlarinhue as bochechas d'este *Milambandamba!* Olha só o Assu a querer deitar estrophes bocagianas!

«Como se todo o mundo não conhecesse o soneto do grande poeta. Como se este verso não estivesse a saltar aos olhos de todos e a fazer-lhe o corpo de delicto:

«Bate horror sobre horror no Pensamento,»

«O que deveis fazer, poetaastro, além de por á cabeça uma corda feita de rnetetas de esporas, era empunhar como sceptro, na qualidade de rei dos plagarios, aquelle que serviu de assumpto a um dos sonetos de Elmano, e uno era marmelleiro.

Vá com esta. ENRICO.

RECEBEMOS

— *Relatorio e Balanço* apresentados pelo Dr. J. C. Borges Junior á Directora de companhia União Valenciana.

— *Vergontes* — Poesias de Juvenal Martins. — Fasc. n. 2.

— *O Occidente* — n. 301 (Portugal) Sciattillante e de agradabilissima leitura.

— *A Treza*, ns. 1 e 2. É um novo jornal litterario e artistico que se publica no Pará.

— *Tentamen*, 1 e 2. Publicação semanal que apparece na cidade de Campos. É orgão litterario, recreativo, noticioso e commercial Mil prosperidades.

— *Da casa Au Petit Journal* os ns. 18 e 19 do *Salon de La mode*, e 8 do *Printemps*; jornaes de modas.

— *Canticos Infantis*. É uma collecção de hymnos expressamente compostos e traduzidos por... para o *Jardim da Infancia* no collegio Menezes Vieira.

— *A Selection*. Collecção de escolhidos versos em inglez para exames na Instrucção Publica; habilmente organizada por Corine Coarney.

ANNUNCIOS

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos ingleses e francezes, encontram-se na CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

PRADO VILLA-IZABEL

PROGRAMMA DA TERCEIRA CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 5 DE JUNHO DE 1887

1º pareo—**Conciliação**—1000 metros—Animas de menos de meio sangue—Premios: 200\$ ao primeiro, 60\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Fellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Ondina.....	Tordilho...	3 ans	S. Paulo...	49 kil.	Azul e amarello.....	J. M. da Rocha.
2	Verhena.....	Castanho ..	4 »	R. de Jane..	52 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Guacho.....	Chita.....	3 »	Rio Grande.	52 »	Preto branco e encarnado.....	A. M. C.
4	Rigoletto.....	Zaino.....	5 »	Paraná	55 »	Azul e branco.....	S. V.
5	Canagallo.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Preto e encarnado.....	Fontes & C.

2º pareo—**Productos**—1000 metros—Poldros e Poldras nacionaes de 2 annos até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

1	Pensativo.....	Gateado....	2 ans	Paraná.....	45 kil.	Verde, branco e encarnado.....	Coud. Excelsior.
2	Sensitiva.....	Tordilho... 2 »	»	R. de Jane..	44 »	Grénat e ouro.....	B. V.
3	Juanita.....	Baio.....	2 »	Idem.....	44 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
4	Corcovado.....	Castanho... 2 »	»	Idem.....	45 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
5	Berénice.....	Alazão.... 2 »	»	Idem.....	44 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
6	Nair.....	Tordilho... 2 »	»	Idem.....	44 »	Ouro, mang. e boné azul.....	Coud. Alliança.

3º pareo—**Villa Izabel**—1450 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue e de puro sangue, que ainda não tenham ganho—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	Intima.....	Castanho... 5 ans	S. Paulo..	50 kil.	Grénat e lyrio.....	D. A.
2	Biscaia.....	Alazão.... 4 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Macaréo.....	Idem..... 5 »	Idem.....	54 »	Azul, ouro e facha.....	Idem.
4	Régina.....	Castanho... 4 »	Idem.....	49 »	Grénat e mangas azues.....	Idem.
5	Druid.....	Tordilho... 4 »	R. de Jane..	59 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.

4º pareo—**Suburbano**—1450 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	Mastin.....	Castanho .. 4 ans	França....	54 kil.	Grénat e violeta.....	A. M. Pinto.
2	Madama.....	Idem..... 4 »	Idem.....	52 »	Ouro e preto.....	F. Schmidh.
3	Le-Loup.....	Preto..... 4 »	Idem.....	54 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacioal.
4	Dr. Jenner.....	Zaino..... 4 »	R. da Prata	52 »	Grénat e ouro.....	I. S.
5	Coupon.....	Alazão.... 4 »	França....	56 »	Azul, branco encarnado.....	Coud. Cruzeiro.

5º pareo—**Omnium**—1000 metros—Animas de 2 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	Rapid.....	Caatanho .. 2 ans	Inglaterra..	48 kil.	Encarnado preto e branco.....	Vianna Junior.
2	Apollo.....	Alazão.... 2 »	R. da Prata	48 »	Azul e grénat.....	F. R. M.
3	Ormonde.....	Zaino..... 2 »	França....	48 »	Perola e grénat.....	A. Vianna.

6º pareo—**Omnibus** (Handicap)—1609 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Mirzador.....	Zaino..... 4 ans	França....	55 kil.	Ouro e preto.....	F. Schmidh.
2	Speciosa.....	Alazão.... 5 »	Inglaterra..	45 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacioal.
3	Satan.....	Castanho .. 4 »	França....	62 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
4	Diva.....	Alazão.... 4 »	R. de Jane..	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

7º pareo—**Consolação**—1800 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Chapécó.....	Castanho .. 3 ans	Paraná	48 kil.	Branco e estrellas azuas.....	Coud. Guanahara.
2	Ondina.....	Tordilho... 3 »	S. Paulo..	47 »	Azul e amarello.....	J. M. da Rocha.
3	Mondego.....	Castanho .. 4 »	Idem.....	51 »	Idem idem.....	M. Soares Ferreira.
4	Americana.....	Tordilho... 4 »	R. de Jane..	49 »	Idem idem.....	Idem
5	Caporal.....	Alazão.... 4 »	S. Paulo..	51 »	Grénat e branco.....	Coud. Integridade.
6	Baccarat II.....	Gateado.... 4 »	Idem.....	51 »	Azul e branco.....	F. J. C.
7	Villa-Nova.....	Zaino..... 4 »	Paraná	49 »	Azul branco e amarello.....	Coud. Esperança.
8	Miden.....	Rosilho... 3 »	Idem.....	48 »	Azul e branco.....	S. V.
9	Condor.....	Castanho .. 3 »	S. Paulo..	48 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.

OBSERVAÇÕES

As corridas, principiando ao meio dia em ponto, os animas inscriptos no primeiro pareo devem achar-se no ensilhamento ás 11 horas precisas.

RAUL DE CARVALHO, 2.º Secretario interino

O pessoal dos portões deverá procurar seus cartões de admissoão no dia 4, das 4 ás 6 horas da tarde.

PAIVA JUNIOR 1º secretario.

EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchitos, escrophulas, rachitis, anemia, debilidad em geral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas, e reconstituintes dos hyprophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confectarias.

CAMPOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio, todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. 4ª Semana, rua de Caxias n. 38, sobrado

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 11 DE JUNHO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 428

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria do Elogio Mutuo.....	
XV—Alfredo de Souza.....	H. DE MAGALHÃES
Plágios e plagiarios.....	V. MAGALHÃES
Soneto.....	CAMÕES
Episodio litterario.....	A. REDACÇÃO.
Discurso de Alex. Dumes- nilho.....	
Aspiração louca, soneto.....	A. DE FIGUEIREDO
Certes de Lisboa.....	E. MONTEIRAO.
Jornaes e revistas.....	A.
No campo, soneto.....	A. FRANCO
Paginas esquecidas: R. Corrêa I O homem.....	V. MAGALHÃES
Festas, bailes e concertos	LORCONON.
Musa, soneto.....	A. SILVA.
Notas bibliographicas.....	V.
Theatros.....	P. TALMA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Factos e Noticias.....	
Recabemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Para Campos, Macaé e outras localidades da provincia do Rio de Janeiro partio no dia 3 o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto Filho, tambem nosso agente, em serviço d'esta folha. Para o exito da missão de que está encarregado, muito contribuirão os serviços que lhe dispensarem não só os nossos collegas da imprensa como todos os assignantes e amigos d'A Semana, serviços que pedimos e antecipadamente muito agradecemos.

BRINDES

A's pessoas que virem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampinas*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Langfellow, traduzido por Americo Lobo.

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

2 XV

ALFREDO DE SOUZA



Isto de biographias é uma cousa que só se faz aos talentos, é claro; mas aos talentos que já se tenham afundado nas trevas do tumulo. Por isso, como vejo cada vez mais cheio de vigor e de esperanças este nosso poeta, ponho de parte a descripção de sua preciosa existencia, temendo que, se tal eu fizesse, elle se sentisse desobrigado de viver e começasse a fazer de defunto, roubando-nos assim aos ouvidos a argentina sonoridade da grande porção de versos que ainda nos ha de dar.

Emfim, sempre direi que nasceu o innocente Alfredo a 10 de Junho de 1862, nesta imperial cidade de S. Sebastião.

Sei mais que elle é empregado no Correio; que algumas pessoas, a meia legua de distancia, tem—no tomado pelo capitalista dos *Vinte Contos*,—o qual dirige *A Semana* e fez os *Cantos e Luctas*; que usa pincez sem coração, receiando que, em tempo de epilemtia, a Junta de Hygiene delle se apodere, tomando-o por um coração... saanitario; que é casado, que tem um filhinho encantador, que é pai de familia, emfim; eu sei perfeitamente de tudo isto. Mas porque rasão hei de eu, que me considero seu amigo, vir para aqui por-lhos os *podres* na rua por meio da letra de forma?

É verdade que isto de se ter sujeitado ás leis do matrimonio, tem-no elle mais de uma vez dado a entender em linguagem rimada.

Não é um mysterio, portanto; muito mais tendo offerecido o seu livro de versos á sua esposa, o que fez com que algum já dissesse que o distincto emulo de Apollo é um poeta de familia, visto que quasi só d'ella se occupa em

suas poesias. Mas o que querem? Diga elle se quizer, o que quizer de sua vida, lá d'elle, que eu nem mais uma palavra adeanto ao que ficou dicto com respeito ao seu viver particular.

E eu quando tomo uma resolução, é porque tomo mesmo: acabou-se...

Agora, sempre lhes digo que este doce Alfredo não foi já nma vez collocado pelo Paschoal, da rua do Ouvidor, nos mostradores de *bombons*, entre as pilhas de bons-bocados e de tortas de amendoas, unicamente porque não quiz que *A Semana*,—esse fulgurante hebdomadario, que apparece pontualmente todos os sabbados, afim de proporcionar o gozo da boa leitura á população fluminense, pela modica quantia de \$500 por anno (10\$000 para as provincias)—ficasse privada, em seu começo, de delicias os seus leitores com os seus bellos e dulcissimos versos.

Além d'isso, *D. Pastel*...
Oh! diabo! que cahi na asneira de dizer, contra a minha vontade, que o *D. Pastel* dos antigos tempos era o mesmo Alfredo de Souza em carae e osso, quero dizer—em osso.

Agora não volto atraz; o que está dicto está dicto.

Enão é só por isso, pela sna qualidade de pastel, que o Paschoal o queria pilhar, não senhor! mas sim, tambem e com especialidade, pela agradabilissima doçura das suas estrophes, que parecem feitas de loirejante nectar, occulto nos favos das colmeias e vadadas, em seguida, em concavos de lyrios, como em taças de opala.

São tão doces as snas estrophes, que

se, por acaso, lhe impingissem num *restaurant* uma chavena de café sem assucar, elle não tinha outra cousa a fazer senão sacar do bolso, muito surratamente, dms tercetos, a tiral-os para dentro da chavena e, acto continuo, esgotal-a com estalidos de bocca; porque, então, sorveria, não mais a negra e appetitosa bebida brasileira, mas, sim, um saboroso *hydromel*, que seria capaz de lisongear até mesmo o paladar dos deuses!

Enquanto ao que se propala de se occupar o poeta, com muita frequencia, das pessoas que maior quinhão recebem d'esse affecto que em seu coração occulto, como se occulto uma exotica flor num vaso estranho, é isto até uma coisa digna de louvores... e de muitos louvores mesmo.

E coisa semelhante não o tem feito tambem um outro rimador emerito (e como esse muitos outros), apregado como tal, aos quatro ventos, pelas com tubas da Fama,—o melodioso nuctor dos *Sonetos e Rimas*?

Não foi á esposa, cuja ausencia enlutou-lhe para sempre o coração, que elle consagrou o elegante volume, em que—como num escripto de oiro,—enthusou os seus pensamentos?

Só é culpa, isto,—mais visle do tal culpa ser tachado.

Bem fez o meu companheiro, este inspirado admirador das flores,—que sã as estrophes do poema da *Creação*,—em desfolhar idyllios e madrigaes no regaço d'aquella que vive a estrellar de carinhos o ceu do seu amor; e igualmente fez bem quando embalou na trama de argento de um soneto canoro—como se fosse num berço feito de plumagens alvadias de cygnos e petalas roscentes de violetas e lilazes—o tenro filhinho, que elle adora, e em cujos labios purpureados colhe um sorriso irradiante, que é mais uma aurora que juncta á sua brilhante collecção de auroras!

Bem fez em estender, com elegancia fidalga, aos pés da sua querida companheira, que é tambem, de certo, a sua musa inspiradora, um extenso tapete tecido de malleaveis hemistichios lenfijoulados e de luminosas redondilhas, presas em laços de rimas diamantinas.

Bem fez!

Um dia lembrou-se o diabo do rapaz de fazer auroras, como quem faz *para* ali palitos, ou simplesmente a sua *totlette* e fez.

E que auroras, meus amigos, que anoras! De primeira ordem!...

Tanto assim, que essas que hoje despontam, envergonhadas, no horizonte, não passam de auroras falsificadas, de pura obra de carregação!

Por epygraphie do seu minanso livro de versos, tomou Alfredo de Souza este, de Valentim Magalhães:

Pegei da espada e vim juntar-me aos combatentes!

Mas qual combatentes, qual espadas, nem qual historias! Pôde o leitor, sem receio, manusear o mencionado livro de principio a fim, que, com certeza, não ha de se ferir nelle nem mesmo com uma rumbuda faca de mesa.

Era um dia combatentes! Não ha mesmo, em todm o correr da obra, um pequeno sarilho d'armas, siquer, para meishna.

Pois se o Alfredo é tão delicado que, para escrever, em vez de uma pena d'aco metida numa réles caneta de pau, serve-se do espinho de um rebanção de reseira, encravado na pluma doirada de um colibri!

Desta fazer poesias longas e resselegantes como peitos de leões fatigados,

Adora, unicamente, as ligeiras paizagens, os *tableaux*, os graciosos poemas, que possam ser nítidos tanto em seus odorosos de madresylvas, como sob o quente arminho das azuis das rólis.

Não, que elle não quer espantarrar por ali a burguezia pacata, a percorrer com longas pirundas dos dorsos escalarados dos morros do Castello, de Santo Antonio e do Nhêco, e a erguer na palma da mão a lagoa de Rodrigo de Freitas como se erguesse uma leve taça transbordante de espumoso champagne conservando-a em equilibrio, com o braço esticado, acima da cabeça; metendo, assim, um chinello os equilibristas japonezes de mais alta grimpia, que, do certo, por sua causa, arrebataram d'aquillo quo mutoo Cain.

Que esperanças! Por elle não vem mal ao mundo. Deixa que em sancta paz vão os albatroz e nadem os hippopotamos, fazendo, ao mesmo tempo, ovidos de mercador aos rugidos das pantheras e das chaceas; e, não obstante não ter pinchos audaciosas de imaginação e grandiosas altitudes de pensamento, é, contudo, um poeta ás direitas, amante fidelissimo da Forma, e consciencioso observador das leis do Metro, como os que mais o são.

Não adorna os seus alexandrinos com pennugens d'aguas, nem com esemas luminosas de frições.

Não azorraga espinhaços de monstros com caudas retallantes de crocolilos, nem corre pelos arraiaes do infinito, ovaalendo o Vendaval,—por sobre a cabeça uma umbella verdejante de floresta, como se fosse guarda-chuva, e, por mala de viagem, um orbe luminoso, pendente por um cordel do dedo miúdo! Nada d'isto!

Em quanto outros vates fazem, de um pulo, a escalada do Olympo, e,—como um acrobata, de trapezio em trapezio,—vão trepando de raio em raio de sol, até conseguirem enclugar-lhe a fronte suarenta e lucilante com um retalho de nuvem, lavado pelas procellas, como uma guardanapo de linho adamascado,—elle contenta-se com desfolhar aqui uma rosa, aspirar ali um jasmine, colher acolá um ramo orvallus de myosotis, applaudir além a cavatina de um gatus ramo, cobrir de beijos, mais adiante, as faces rubicundas de um *babye* adormecido.

E nisso bem avisado elle anda, inda mesmo tendo um corpo franzino e leve, que, melhor que nenhum outro, se prestaria a essa extravagannte gymnastica do Pensamento.

Bem aviado, sim. Victor Hugo era immenso e admirava, deslumbado, a grandesa das cousas pequenas (Vide *A Arte de ser nód*)

Alfredo de Souza teve um dia uma idéia feliz: — perseguir durante dois mezes o Valentim para elle fundar *A Semana*; e uma idéia grandiosa: — parphrasear em verso a *Tentação de Santo Antonio*, de Flaubert, obra em que está trabalhando e que, se chegar a concluir, ha de lhe dar grande lustre ao nome; e têm sempre uma idéia exquisita quando a vista um cão, ou quando ouve latidos: — fugir, fngir a este pernas.

Emfim, leitor, o que me admira não é a pureza immaculada dos seus endecasyllabos, nem a suavidade captivante das suas trovas. Não. Admira-me somente que, elle, que já foi morador da Praia Grande, não se lembresse um dia de cantarolar, — zangarreando a lyra, nuda ao peito, como se fosse um cavaquinho, e com a menina do olho envolta na gaze transparente de uma lagrima, — qualquer cousa parecida com a celebrada endeixa:

« Na praia deserta,
Que a lua prateia... »

Felizmente tal desgraça não aconteceu, nem acontecerá; arreplem-se enchara de despeito *essas praias de limpidas areias* por ali além. Não, que elle não é nenhum bardo sentimental, dos que geram faniquitos e que servem para ser acompanhados ao piano.

E, pelo contrario, um dos bons cultores da Poesia, um dos campeões mais destimidos da moderna geração, um camarada leal, um talento brilhante, fadado a enriquecer os orarios da litteratura patria com muitas mais joias além das que já tem dado; tendo por

mira a elegancia da phrase, o espelhamento da rima e a harmonia acariante da estrophe, — modelado com o zelo e o mimo com que a preparam todos os que mais tem honrado as musas no Brazil. Em duas palavras: um poeta delicado, espontaneo, de muito talento e de muito... pescoco.

Não sei se quem gosta de mim é elle, mas quem gosta d'elle é

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

PLAGIOS E PLAGIARIOS

Devia eu hoje, concluindo este ligeiro e desapaixonado estudo, provar que «Raymundo Corrêa é um dos nossos poetas de maior originalidade e de individualidade mais independente e característica.»

Para isso teria de fazer um estudo das suas obras, estudo que, syntheticamente, destacasse em viva luz a impressãõ dominante que ellas produzem no leitor habilitado a julgá-las e a comprehender o poeta, pondo em relevo a sua individualidade litteraria.

Ora estando a sahir do prelo por estes quinze dias, se tantos, o seu novo livro *Versos e Versões*, tem que, — como é natural em talentos como o de Raymundo — mais fulgida e profundamente se manifestam as suas qualidades de poeta, e se observam novos e notaveis progressos, acho de bom aviso esperar o apparecimento d'aquelle livro para concluir o meu trabalho. Com elle evidenciarei mais facilmente — o que, aliás, mesmo sem elle, apenas com a *Symphonia* conseguiria — que Raymundo Corrêa tem individualidade propria, independente, característica e, portanto, é um poeta original.

Além de que é dever da critica serena e honesta estudar o escriptor em todas as suas obras.

E por isso espero a publicação dos *Versos e Versões* para escrever o ultimo d'estes artigos.

VALENTIM MAGALHÃES.

SONETO

Tanto do meu estudo me acho incerto,
Que em vivo ardo tremendo estou de frio;
Sem causa juntamente choro e rio;
O mundo todo abarco, nada aperto

E' tudo quanto sinto um desconcerto:

Da alma um fogo me sae, da vista um rio;
Agora espero, agora descenfo;
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao céu voando;
Num' hora acho mil annos, e é de feito
Que em mil annos não possa achar um' hora.

Se me pergunta alguém porque assim ando
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora,

CAMÕES (*)

(*) Completaram-se bntem 307 annos que morreu, nascendo para a Posteridade, o cinco- glorioso *Lusiadas*, o poeta estupendo, eterna gloria de Portugal e eterno assombro dos Povos.

Mergulhando a mão no escriptorio dos seus sonetos diamantinos, tirá nos ao acaso esse que acima publicamos e é bellissimo.
Tem mais de tres seculos e é de bntem apenas!

N. DA B.

PLEBISCITO LITTERARIO

Propomos a votação do publico o seguinte:

QUAL O MELHOR ROMANCE, QUAL O MELHOR LIVRO DE CONTOS OU NOVELLAS, QUAL O MELHOR DRAMA E QUAL A MELHOR COMEDIA DE ACTORES BRAZILEIROS.

As respostas devem ter o maior laco-nismo possivel, sem se fundamentar o voto; mais ou menos assim:

« *Melhor romance* — Tal, de Fulano de Tal. *Melhor livro de contos* — Tal, de Beltrano etc; depois a assignatura por extenso, ou pelo menos com e nome proprio do votante e um de seus appellidos. Não serão apuradas cédulas assignadas por pseudonymos ou nomes evidentemente apocryphos.

Serão apuradas as cédulas que não trouxerem resposta a alguns dos pontos da questão; que, por exemplo, deixarem de se pronunciar acerca do melhor drama, ou do melhor livro de contos etc.

Não serão apurados os votos dados a redactores d'esta folha, podendo, no entanto, ser votados os seus colaboradores.

O plebiscito será encerrado no dia 11 de Agosto, sendo publicado no dia 13 o resultado final.

Todos os sabbados daremos conta da votação recebida durante a semana.

Ne entrada do nosso escriptorio em baixo, ha uma caixa em que poderão ser lançadas as cédulas, para menor incommodo dos votantes.

Se este plebiscito, que nos parece interessante, obtiver o agrado publico, proporemos outros, sobre o melhor poema, o melhor livro de versos, o melhor soneto, o melhor quadro, a melhor estatua, etc., etc. de auctor nacional e outros sobre obras de outros paizes.

A REDACÇÃO.

Discurso de Alexandre Dumas

(Conclusão)

Victor Hugo viera do exilio pedir um tumulo á França. A Patria reconhecida deu-l'ho no Pantheon, valla commun da gloria, no meio das sombras de Voltaire, de Rousseau, de Mirabeau e de Marat, pois so as sombras destes habitam agora aquellas abobadas a que os tempos, que têm tambem as suas variações, retornaram as cinzas d'elles. En preferiria ver o auctor das *Vozes Interiores* e das *Contemplações* dormir o derradeiro somno onde os homens não o vêm perturbar com as suas controvérsias ou macular com a sua ingrati-lão: sobre um rochedo como Chateaubriand, sob um salgueiro como Musset; ou, ainda melhor, juncto de sua filha como Lamartine; mae o auctor da *Arte de ser avô*, que ás vezes punha arte onde já era melhor que não a bouvesse, esqueceu-se dizer, nesse famoso livro, que desajava repensar juncto daquelle que o haviam amado.

Nunca imperator romano teve diante a vida igual triumpho; nunca destruidor de povos ou bamefeitor dos homens teve depois da morte semelhante apothecose. Aquelle que aos quinze annos, jurára a si proprio que havia deser o maior poeta do seu tempo e da sua patria, pode comeigo mesmo dizer que o foi; aquelle que, posteriormente, concebeu a secreta esperança de ser o maior homem de todos os tempos, pode viver os seus ultimos annos e a sua ultima noite acreditando que o era. Tudo concorreu, contribuiu, conepirou para convencelo de que havia realisado a sua esperança magnifica. Era para elle o que bastava.

Quando um devoto morre convencido de que ha de tor a bonaventuranga eterna, é como se realmente a possuísse. Ha então um minuto que equivale á eternidade, que n contém talvez.

Agora, que vas ser doesa obrn imensa, estranha, perturbadora, desequilibrada, esplendida, fornada dos materiaes mais duros, mais brilhantes, mais preciosos, mais frágeis? Vas acontecer-lhe o que aconteceu a todas as obras do espirito humano. O tempo não lhe abrirá excepção como para as outras não abre; respeitá-la e confrimará o que for solido; reduzirá a pó o que não for. Tudo quanto é de mera sonoridade se desvanecerá no ar; o que é creado para o ruído é creado para o vento. Mas não me compete preparar n'pui o trabalho da posteridade; ella possui o senso imperioso e implacavel das conclusões infalliveis e definitivas.

Ouçõ dizer que muitas pedras cahiram desse edificio enorme, que já algumas estremeem entre as que julgamos mais firmes. E' possivel; é certo. Maes esse edificio que participa do templo grego, do pagode, da mesquita, do castello feudal, da cathedral guthica, do bazar do Oriente, do qual vieram agrupar-se cabanas de simplicidade, casas de operarios, parliceiros de pobres, esse edificio tão grandioso, tão pitoresco, tão bizarro; recorta-se no céu da arte em mole tão poderosa; tem cryptas tão vastas, onde o vento produz rumores tão estranhos; tem muros tão altos, flanqueados de torres tão imponentes, columnas de marmore tão puro, arcariaes tão numerosas, de um entrelaçamento tão imprevisto, frisas de um ciznelado tão fino, flechas tão esguias, tão denticuladas, onde tantos passaros constroem os ninhos; o resoar do seu enorme campanario que toca a avarias ou a rebate, dobres funebres ou repiques de festa, é feito dum metal, tão nobre, enche os ares de palpitacões tão magestosas, desperta ecos tão poderosos e tão prolongados nas vastas planicies e immensas florestas, que o rodeiam e que elle domina das alturas em que campeia, que se cogita, ás vezes, se, como nos contos da mediædade, Deus ou Diabo não terá collaborado em tal obra.

Esperemoa. Foi o proprio poeta quem diase:

Vous-ous qu'une tour, voule-vous qu'une église
Soient de ces monuments dont l'âme idéalise

La forme et la hauteur?

Attendez que de mousse elles soient revêtues,

Et laissez travailler à toutes les statues,

Le Temps, ce grand sculpteur!

Se me perguntassem depois, quando o Tempo houver consummado a sua obra, como ha de o futuro chamar a Victor Hugo, eu responderia que lhe ha de chamar, na minha opinião, o auctor da *Lenda dos Seculos*, como chamamos ao Dante o auctor da *Divina Comedia*, como chamamos a Balzac o auctor da *Comedia Humana*. Não significa isto que eu reduza a obra de Victor Hugo somente aos poemas que trazem a denominação particular de *Lenda dos Seculos*; mas, exactamente pelo contrario, quer dizer que, sob esse titulo generico, eu reuniria e incluiria todas as obras do poeta, poesia lyrica e épica, romance, theatro, historia, philosophia, verso e prosa.

Na minha opinião, na minha opinião somente, Victor Hugo, fizesse o que fizesse, mesmo inconscientemente não sabia nunca da lenda. Os seus personagens não estão nem na realidade da vida, nem na proporção do homem; estão sempre acima ou além da humanidade, ás vezes ao contrario della, para não dizer ao avesso. Resulta isso, sem duvida, de que a natureza tem para elle aspectos que não tem para ninguém mais. Seu olhar augmenta tudo; vê as relvas altas como arvores; vê os insectos tamanhos como aguias. O inanimado tem bocca, e é inviveivel, olhos. Ficamos enleitados entre as vozes de um e os olhares de outro. E' uma invocação continua, uma vibração incessante, uma orchestra sem fim de harpas, de clarins, de flautas, que o Maestro rege do alto do Thabor e á qual parece que dá o tom com a trombeta do juizo final. Vio necessariamente a humanidade nas proporções dessa encarnação, no tom dessa symphonia, e deixa-nos titâes, phantasma, monstros, sombras que se agitam em perfis

collossaes, n'um mundo singular, entre os contos de fadas de Perrault e as visões de Ezequiel.

Quando á sua philosophia, é mui singela. Do tanto pedir ás manifestações exteriores, aos rumores do Oceano, aos murmurios das florestas, ás sombras das cavernas, ás irradiações dos astros, ás canções dos niuhos, ao silencio das pedras, a explicação do mysterio divino que a sua religião traicional já lhe não podia dar, encaetao com a natureza inteira um colloquio que nunca mais cessou. A quem vas ella falar e quem nos vai falar della agora que perdeu o seu gran lo interlocutor? Mas de tal arte identificou-se com ella que chegou afinal a assimilar-se mentalmente ao seu proprio principio e a crer que este formava parte de sua eternidade tangivel.

E, como se a antithese tivesse de acompanhar Victor Hugo até na morte, ha de encontrar em vós, senhor, que lhe succedois, o systema absolutamente contráreo ao seu, e haveis vos de ter prouso do desaparecer no grande Nada, ao passo que elle se achava tão bem na vida onde esperava gloriosamente o momento de partir para o grande Toio. Qual de vós deus tem razão? Muito depois que nada mais affirmarmos, nem uns nem outros, anda-se ha de discutir no mundo. Subera já elle, porventura, no que deve ficar? Porque não no-lo pôde mais dizer na sua linguagem maravilhosa, ás vezes um tanto obscuro quando era apenas humana e queria explicar tudo, mas que resplandeceria hoje da luz eterna em que, segundo as suas convicções, havia de ir fundir-se sem nella se dissolver.

A proporção que progredia na vida, considerava-se como quem já não pertencesse nem moral, nem intellectuel, physicamente sequer á nossa humanidade transeunte; nem já reconhecia mais a superioridade dos elementos sobre o homem. Julgava-se da mesma origem, da mesma essencia, da mesma acção. Nem os annos, nem as estações, nem o calor, nem o frio, existiam para elle; tanto assim que Zephyro, cioso, feriu-o traizneiramente, uma tarde de primavera, emquanto passeiava no seu jardim, em companhia d'outro gigante que não está longe de vós, senhor, á vossa direita, o que o poeta certamente haveria cantado algum dia como cantor Epiradnus e Booz.

Quanto a mim, depois do ter passado, a despeito d'outros trabalhos, mais de seis mezes na intimidade desse espirito que não tem igual, no que o caracterisa, como dizeis, em tempo nenhum, em nenhuma nação, em nenhuma litteratura, muitas vezes imaginei que logar lhe poderia ser dado na memoria dos homens, que pouco mais ou menos correspondesse não só ao que elle representa na terra como ao que sonhou acima della, ao que alem della ambicionou, que symbolisasse, digamo-lo assim, nas alturas que elle attingiu, a irradiação que lança, as nuvens que o velam.

Durante todo o tempo em que eu lia, ou antes o relia, assistindo ao crescimento rapido e ininterrompido desse genio estranho, levado, fatigado ás vezes por uma vontade sem trégua e sem limite, era-me impossivel perder de vista a luz da lampadazinha que se via brilhar, todas as noites, na mansarda da rua do Dragão, á janella do menino poeta, pobre, solitario, infatigavel, apaixonado de ideal, faminto de gloria, dá lampada-zinha que lhe foi a confidente silenciosa e amiga dos primeiros trabalhos e das primeiras esperanças. E não miraculosamente commigo que a posteridade deveria reaccenlet e fixar eternamente na noite aquella pequeninha luz alumianado aquella vidruga. Por que razão o primeiro de nossos sabios francezoz que descobrir uma nova estrella não dará ao astro o nome de Hugo?

CARTAS DE LISBOA

D. FERNANDO: O HOMEM; O ARTISTA. SUA INFLUENCIA; SUAS COLLECÇÕES

Deixem-me dizer-lhes duas palavras d'el-rei D. Fernando. O seu fallecimentu foi um acontecimento artistico,

um verdadeiro acontecimento principalmente para todos aquelles que entrão n'os mais ou menos directamente vivem da arte. Como tal o tenho ainda, apesar de elle ter fallecido ha mais de um anno, e até por isso mesmo, porque agora, que passou o prazo convencional do panegyrico, estou mais á vontade para dizer sinceramente sobre esse sympathico principe, que, de um temperamento tão diferente do nosso, aoptou Portugal por sua patria de eleição.

Symphathico principe, disse eu. E na verdade se alguém da familia real portugueza tinha as sympathias francas e geraes de todos os seus subditos, grandes e pequenos, nobres e plebsaos, era D. Fernando. Quando elle passava pelas ruas da cidade, quando elle subia pelo Chiado, um pouco inclinado, mas bem desempenado, com a sua cleava a estatura, e uma serenidade de gentleman, conversinlo com o seu companheiro, como quaesquer diplomaticis que vão até ao Kremlin, com o ar reflectido de quem vê para dentro, o rosto alvengado, com a grande péra pontagula, de uma affabilidade de grand seigneur, cortejanlo gravemente, ninguém que o visse deixava de o cumprimentar com respeito, e sentia-se a gente satisfeito como se elle fosse um velho amigo, um antigo companheiro. E isso acontecia frequentemente; elle subia que era estimulado e elle mesmo gostava de dar sua volta pela cidade, examinando as montras mais notaveis, e entrando nos brios-bracos, como quem quer, como eu, vier dar o seu giro habitual, laureau-lo pela baixa. Elle vivia como quem num paraizo mahometano, um paraizo intellectuel, povoado de creações artisticas, num mundo meio real, meio ideal, em que a sua imaginação por um lado, e por outro lado a natureza amovavel do paiz e as obras de arte de que se cercava, lhe mantinham o espirito numa doce beatidade, numa quietação voluptuosa, e numa frescura salutar, que só dão neste mundo o convívio das obras de arte, das bellas mulheres e das pessoas bem educadas, e o banho diario. Ajudado pelo seu temperamento fleugmatico de allemão, não querendo de modo algum emoções fortes e trabalheiras de cubeca, elle vivia como que uma vida de pachá dos orientaes, num adormecimento delicioso da intelligencia, uma vida quasi exclusivamente sensitiva, num contentamento suave, e perenne, como o marulhar branlo de uma fonte numa egloga de Virgilio. Era um artista, um raffiné!

Era um artista, sim. Mas não só é artista o que produz obras de arte. A phrase do Goncourt: Peutêtre que les plus grands poètes sont inédits — não poderá generalisar-se aos artistas? Assim como se comprehendem grandes poetas incapazes de fazer um bom verso, não ha grandes artistas incapazes de executar uma obra de arte? Ha de certo; e é isso o que explica a personalidade do critico, geralmente inferior quando produz em vez de julgar. Não admira, pois, que el-rei D. Fernando, que era inquestionavelmente um artista, fosse, como os productos, um fraco artista. E eu não sei porque não é que não ha de escrever-se isto, e para que serve ajudar a formar a lenda de que elle foi um homem desenhista, que executou boas agnas-fortes e deixou magnificas faianças. Não. Apesar dos respetivos elogios do Sr. Charles Blanc (Gazette des Beaux-Arts, Société des Aquafortistes, 1o vol. e Traité de la gravure à l'eau-forte, par M. Lalanne), elogios academicos, é verdade, eu creio bem que o nome do Sr. D. Fernando, como desenhista, aqua-fortista e faiancista, estará inteiramente esquecido pelos amadores que viverem d'aqui a 100 annos. E' verdade que não conheço uma grande obra d'elle, que não encontrei em nenhuma bibliotheca, e de que tenho conhecimento pela seguinte menção que d'ella faz o Catalogue des livres, manuscrits et estampes composant la bibliothèque de feu M. le Comte de Lavradio (Lisboa, 1873, a pags. 111):

Essais de gravure à l'eau-forte par F. C. (S. M. le roi D. Ferdinand de Portugal). 1855.

Magnificus collection de 91 planches comprenant 121 sujets divers, tirées en pap. vel. format gr. in-fol. Ex. especial (sic). Rel. au chagrin, plats ornés, dent. tabis, doré sur t.

Mas é natural que estus não sejam superiores ás que elle publicou em dif-

ferentes publicações conhecidas, como a Revista Contemporanea, Journal de Beaux Arts, etc. Ainda assim os seus trabalhos revelam uma tenencia manifesta para o genero allemão, composições em que animaes e figuras se entrelaçam em lenhilhos imaginarios, em que têm trabalhado artistas de primeira ordem.

O caracter allemão distingui-o, e classificado tambem, como amador e como colleccionador e ali temos outra lenha a querer formar-se, lenha que tem tão bons fundamentos como a pedra.

Certamente o Sr. D. Fernando foi um apreciador illustrado, e um colleccionador muito distincto, ainda que sacrificou a certas preferências e contemporisau-lo tambem por vezes com o cognome consagra do de rei-artista. Mas n'isso como no mais elle era fleugmatico, caracteristicamente fleugmatico. Comprehende-se que, vivendo em terra de cegos, estau-lo, por assim dizer, só elle em campo, num paiz que, apesar dos francezes e 70 annos de luctação, ainda tem o sufficiente para que recudam aqui periodicamente negociantes vindos da Alemanha, Inglaterra e França, fazer e carregamentos de preciosidades artisticas, comprehendese que elle, mesmo com a sua pouca fortuna, a poder de tempo, ajuntasse uma importante colleção de obras de arte, importante eia, em Portugal. Mas o que é certo é que n'essa colleção não ha uma só d'estas obras que desilham o appetite dos granlos muscus e fazem abrir o cofre forte aos governos — os paizes ricos e illustrados. Não. A colleção d'el-rei D. Fernando está multissimamente longe de ter a importancia da colleção Bisibroski, por exemplo, adquirida pelo governo russo pela bonita somma de 6 milhões de francos (1); e mesmo da colleção de Mmo. Morgon, de New-York, da qual 210 quadros se venderam por \$85,300 dollars; ou mesmo da colleção Bleanheim, de Londres, da qual um quadro de Rembrandt foi vendido por 70,000 £ sterling; ou da colleção Movre, de Roma, em que o governo francez comprou um Raphael por 200,000 francos; ou, finalmente, da colleção Sabouloff, de Berlim, da qual a Russia pagou só as terre-cuites por 800,000 francos. E' preciso andar muito alheio ao movimento artistico para so affirmar que S. M. el-rei D. Fernando era a unica pessoa que possuía uma colleção de agnas-fortes de Rembrandt, accrescentando para comprar o desacerto que ainda ha pouco comprara uma em Paris por 600\$. O Sr. D. Fernando não possuía tal colleção completa; para isso, a não comprar d'uma so vez, seria preciso muito tempo e muito dinheiro: a sua colleção de Rembrandt está longe de ser completa e tem apenas uns dois ou tres primeiros estudos. De resto, é sabido de todos os que conhecem um pouco o movimento das artes e da curiosidade que quem tinha a mais numerosa colleção conhecida de gravuras de Rembrandt era o Sr. Eugenio Dutillet, o celebre amador de Ruão, o autor de L'Oeuvre complete de Rembrandt, décrit et catalogué... et reproduit en héliogravure par M. Chatelet. (2) monographia mais completa que todas as anteriores, como, por exemplo, a de Charles Blanc, a mais recente, que contém 360 estampas, em quanto a d'elle comprehende 363, de algumas das quaes elle possuía exemplares unicos. E' verdade que elle tinha muito dinheiro e sabia gastalo a tempo. Por uma prova da chamada Pièce aux cent florins, que representa Christo curando os doentes, deu elle num leilão 30 e tantos mil francos. (3) isto é, pouco menos de 6 contos de réis, que é um pouco mais de 600\$ réis.

Como protector das artes elle foi tambem fleugmatico, sem paixão, sem enthusiasmo. E' inquestionavel que a arte portugueza lhe deve bastante; mas os artistas devem-lhe mais ainda. E a coisa é simples. Incapaz por temperamento de se apaixonar por qualquer coisa, tendo pela arte e pelos seus productos um amor tranquillo, pacato, ajuzado, inimigo de sobressaltos, de emoções fortes, de inquietações ou alterações do espirito, elle nunca se deu ao trabalho de ver qual era a mais proficua maneira de

animar as artes; ou comprando obras aos artistas, uns e outros, a bons e a maus; de vez em quando pagava um par de estu-lis ao estrangeiro; uns poucos de annos deu da sua dotação 5 contos de réis á Academia para ella adquirir obras de arte; expunha elle mesmo nas nossas exposições, etc. etc.; mas tu lo isto pacificamente, placidamente, como se tornasse o seu culto o almejo, como se desse uma escola, como um bom burguez d'Heldeltny, que vai passear nos lumbos de tirde, levau-lo a sua burguezia pelo brigo e o burguezito pela mão, fumando beatificamente no seu cachimbo de porcellana. Ora, évi lente que não é protejo-lo os artistas que se protejo a arte, isto é, quaesquer artistas; e a prova é que apesar da sua protecção á arte portugueza estava quasi agnosante quando chegou Silva Porto a insultar-lha vida nova.

E' claro que não podin ser elle só a levantar a arte do seu progressivo iniquilamento; mas é certo que elle concorreu com um mal entendido systema protector, assim como concorreu a Sociedade protectora das bellas artes, que com o systema dos premios promovoe exactamente o contrario do que promette o titulo, e concorreram os governos e a academia com mal entendida comprehensão dos seus deveres.

Não é aqui o logar de so dizer o que uns e outros deveriam ter feito e muito especialmente o Sr. D. Fernando. Agora, o que importa é saber o que se deve fazer, e para isso não precisamos senão ver o que se faz nos paizes em que arte prospera e o que fizeram aquelles que, tendo chegado ao estado a que nos chegámos, têm hoje uma escola de arte, como, por exemplo, a nossa vizinha Hespanha.

Em resumo: El-rei D. Fernando foi um gentleman de caracter, um delicado artista, um fino epicureano da arte, um principe colleccionador.

EMYGDI0 MONTEIRO.

ASPIRAÇÃO LOUCA

Em parque secular, phantastico, selvagem, Cingindo um alcaçar de maura architectura. Em lago infinito, azul, de limpha argentea e prata, A reflectir da móle a rendilhada imagem.

Enegando envollo alli ao sussurar da aragem O echo divinal de sacra partitura, Lá dentro o atelier, templo da pintura E o genio a procrear, da febre na voragem,

E spôs a inspiração, após breve repouso, Abrir de par em par as portas do recinto E ver a multidão frenetica, feliz,

Arclamar o — primer — extatica de goso... Se existe — felicidade — assim é que eu a sinto: Quizera isto, tal qual no centro de Paris...

8 de Agosto de 1896.

AURELIO DE FIGUEIREDO

JORNAES E REVISTAS

— Commemorando em 6 do corrente mez, o 6o anniversario do fallecmento de Ferreira de Menezes, organisaram os Srs. Aluizio Azevedo, Rangel de S. Paio e Serpa Junior uma publicação com o titulo de Lirios e Goibos, colla borada por muitos e distinctos escriptores.

Nossos applausos nos promotores d'essa manifestação de saudade, digna do pranteado jornalista e valente batallador Ferreira de Menezes.

A Vida Semanaria, folha litteraria que ha pouco começou a publicar-se em

1 Todos estes dados são extrahidos da Gazette des arts et de la curiosité. 2 A. Lézy, éditeur, Paris. 3 Gazette des Beaux-Arts, 1892.

S. Paulo, nugmenta de importância em cada numero publicado. O ultimo que recebemos (26) traz um variadn e interessante summsrio, firmado por nomea mais ou menos conhecidos na litteratura patria.

Gonçalves Maia subscreve um artigo em que analysa as accusações de plagiato feitas a Raymundo Corrêa, concluindo que o poeta, no soneto *As pombas*, apenas tivera um encontro de idéas com Th. Gautier.

Temos o nº 303, anno X, do *Occidente*. Gervasio Lobnto, na sua *Chronica Occidental*, comparando o desempenho do D. Cesar de Bazan dado por Coquelin com o que lhe dá Augusto Rosa, nssim se exprime:

« E confrontando no nosso espirito o Cesar de Bazan feito pelo Coquelin, e o Cesar de Bazan feito por Augusto Rosa, sem medo de obedecermos a um falso patriotismo que graças a Deus nunca nos atormenta em questões d'arte, daríamos a preferéncia ao actor portuguez.»
E' caso de dizer-se:
Ver parn crier.

De Hononulú recebemos alguns numeros do *Luso-Haviano*, (2º anno) folha somanale que ali se publica sob a direcção do Sr. Augusto Marques.

A *Penna*, n. 3.— Orgem litterario e noticioso que ba pouco enctou a sua carreira na capital de S. Paulo. Redigem-na os Srs. Furtado de Mendonça, Rodolpho de Faria e Pereira das Neves e collaboram neste numero diversos escriptores. E' folha que honra a briosa e trefega mocidade academica de São Paulo.

O *Diario Popular*, de S. Paulo, teve a excellent e louvabilissima idéin de abrir um concurso litterario para premiar o melhor romance que, sobre assumpto paulista, lhe for enviado até o dia 31 de Dezembro do corrente anno.

Para conhecimento dos interessados, trasladamos o respectivo artigo do *Diario Popular*:

« No intuito de estimular muitas voações litterarias que entre nós vivem despreocupadas e, a um tempo, prestarmos um serviço á provincia de S. Paulo, a cujos nobres interesses temos procurado afeiçar a nossa folha—abrimos um concurso para o melhor romance que, sobre assumpto paulista, nos for enviado até o dia 31 de Dezembro do corrente anno.

Encerrado o concurso, os romances que concorrerem serão sujeitos ao julgamento de uma commissão de pessoas competentes, cujos nomes serão opportunamente publicados, e, resolvida a preferéncia, o romance escolhido será publicado pelo *Diario Popular* e largamente distribuido em folbeto pelos assignantes dn folha, sob condições especiaes.

Destinamos mais ao auctor do romance preferido um premio pecuniario de rs. 500\$000.

Ahi fica o convite.
Lisongeia-nos a esperança de que não será bslidado o nosso empenho.»

O *Diario Mercantil*, de S. Paulo, começou a transcrever no dia 7 do corrente os artigos nesta folha publicados sob o titulu *Plagios e Plagiatos*, fazendo preceder á transcripção as seguintes linbas, anaveis no que nos diz respeito e justas no que entende com Raymundo Corrêa:

« Transcrevemos hoje o primeiro artigo da série, que, sob o titulu *Plagios e Plagiatos*, está publicando na *Semana* o hribante escriptor Valentim Magalhães, em defeza do grande poeta das *Symphonias*, accusado de plagiario.

Este e os outros artigos que transcreveremos, addicinmand-nhes algumas notas, são a refutação dos que tem publicado Luiz Murat na *Vida Moderna* e no *Diario Illustrado* da Côte.

Não é esta a primeira vez que o primoroso soneto — *As pombas* — de Raymundo Corrêa é acimado de plagin. Mas n soneto continúa a ser decorado, recitado e applaudido, porque é um dos

mais bellos que têm sido compostos nn lingua portugueza.

Que não é elle um plagio e que Raymundo é um poeta de eeylo proprio e independente de qualquer influencia extranha, provam-n'o os artigos de Valentim Magalhães. Não sabemos que escriptor escaparia da pécha de plagiario, se por ventura sempre fosse tão rigoroso o modo de proceder da critica.

O que causa, porém, estranheza é a maneira injusta porque, em seus ultimos artigos, tem Luiz Murat tratado o distincto director da *Semana*. E' posavel que Murat negue talento, caracter e todo e qualquer merito a quem lhe mereceu aquelles bellos versos da dedicatória dos *Quatro Poemas*? (1)

Alguns topicos do artigo transcripto são judiciosamente annotados pelo *Diario Mercantil*.

Dnmos emseguida algumas das notas mais interessantes:

Do artigo:

« Não é plagio, portanto, na autorizada opinião de Vappereau, a adaptação, a imitação, a semelhança de idéas, a reminiscéncia, a apropriação meramente da idéa.»

Nota do *Diario*:

E da mesma opinião de Vappereau o proprio Murat, que escreveu o seguinte no prologo dos *Quatro Poemas*: « Não ha plagios nem imitações na idéas; a questão está no modo porque se as desenvolve e se as discute.

« Se ha alguma cousa de novo na natureza, isto é, até onde cbearam os processos modernos de investigação, por ora é inacessivel aos nossos meios intellectuaes de experimentação e de synthese.

« Só cantamos o que já foi cantado, só generalisamos o que foi já generalizado.

« Quer em *Philosophia*, quer em *Litteratura*, as idéas que têm sido discutidas, desenvolvidas, coordenadas, já existiam sob uma outra forma, sob um outro aspecto, verdadeiro ou falso, mas já existiam.

« O que existe é, em essencia, sempre identico ao que existiu.»

Do artigo:

« Ora, Raymundo Corrêa tem individualidade, tem esse modo, esse sinete, essa forma.»

Nota do *Diario*:

« Mais ainda: Raymundo veio trazer á moderna poesia brasileira uma nova forma, brilhante e original. Ab l se fossemos a contar tambem os poetas modernos que imitaram o auctor d'as *Pombas*! E Raymundo não se queixa d'isso.»

Do artigo:

« Isto, porém, pouco importa: Houvesse ou não o poeta brasileiro lido, apropriado o pensamento do poeta francez — o que era de seu direito — o soneto é original, é novo, é seu, unicamente seu: ao passo que a imagem de Gautier é tanto d'elle como dos poetas que o precederam e se lhe succederam.»

Nota do *Diario*:

« Quem sabe se, procurando bem entre os antecessores de Gautier, não se poderá encontrar algum que tenha empregado antes d'elle a imagem do pombo? E' tão facil ter uma idéa como essa! O difficil, o difficillimo é saber exprimir a n'aquelles edoraveis e correctissimos 14 versos de Raymundo Corrêa.»

Assumio a direcção exclusiva d'á *Vida Moderna* o nosso judicioso e estimado collega Arthur Azevedo. Parahens á *Vida*.

A.

(1) A VALENTIM MAGALHÃES

E' bom fitar-se a aurora, e é bom fitar-se o céu; Ver atravez da noite os sóes tranquillamente Reluzirem; achar n'este sombrio véo De sombras, que a minha alma envolve eternamente,

Um sonho que me dá idéa do Futuro, Que dos pulsos me arraque estas duras algemas.

E é por isso que agora, escalando este muro De trevas, te offereço estes «Quatro Poemas».

LUIZ MURAT.
(«Quatro Poemas»)

NO CAMPO

Longe... sobre a folhegem, purpuro
O sói vei lento e lento de meitando:
No extremo oposto da collina, brando
Morre o clerão n'um beijo vespertino.

A noute, pelo valle penetrando,
Encobre o rio azul e crystallino;
Mas sob a densa treve descortino
Argentea e loura estrella rutilando.

Assim do nosso amor, a noute embora
Tenha nas trevas sepultado a aurora,
Ret'm o pensamento e doce imagem.

E, como a estrelle a fulgurer, Senhora,
Trevéz do espaço, vejo-vos agora...
Oh, seductora e perdidá miragem!

PEDREIRA FRANCO.

Fazenda de Tartaria, Minns Geraes, Fevereiro de 1887.

PAGINAS ESQUECIDAS

RAYMUNDO CORREA (1)

(2)

I

O HOMEM

Raymundo nasceu no mar.

A 13 de Maio de 1830, a bordo do vapor *S. Luiz*, na habia de Moguncia, em aguas maranhenses.

Tem portanto 23 annos incompletos.

A primeira vez que o vi foi em 1877, em S. Paulo. Encontrei-o em uma casa de pensão, aonde eu fora ouvir do Silva Jardim a leitura de uns artigos criticos.

Vi, passeando pelo corredor, um rapaz esguio, muito magro, olhos pequenos, e vivissimos, queixo agudo e bem feito; vestia com descuido umas roupas caseiras, paletot curto e enovalhado, calças velhas de casimira. Fumava. Passei por elle com a maior indifferença, achei-o trivialissimo. Enquanto durou a leitura o rapazinho entrava frequentemente no quarto, e sahia logo, trefegamente, fumando sempre. Em uma das vezes em que elle estava fóra, Jardim pegou de um caderno e poz-se a declamar-me versos.

Eram ao getto de Casimiro de Ahreu, lamurientos e requebrados. Mas fui ferido desde logo por uma pureza de linguagem e uma correcção artistica, mui pouco vulgares. Não encontrei nenhum verso errado. Posso mesmo jurar que nunca em sua vida Raymundo errou um verso.

Alguns havia magníficos. O rapaz entrou de novo, mas sahio logo, para entrar outra vez; e aquella impertinencia de intrujão silencioso já me aborrecia.

(1) O que me trouxe a trasladar para aqui os dois artigos que publiquei na *Gazeta de Noticias* dos dias 19 e 23 de Janeiro de 1883, sob a epygraphie *As «Symphonias» de Raymundo Corrêa*, não foi a vangloria de me fazer lembrado e rido.

Duas mais serias o louváveis razões justificam esta exumação: mostrar que ha quasi cinco annos eu pensava acerca do primoroso poeta d'as *Pombas* o mesmo que d'elle tenho ultimamente escripto nesta folha, com apreciavel e não commum firmeza de juizo, e contar aos que não houvessem lido estes artigos na *Gazeta* alguma cousa acerca do poeta com quem tanto se tem ultimamente occupado a attenção publica.

Não occultarei; todavia, que reputo este trabalho um dos menos maus que tenho feito e que é dos que mais me tem contentado.

Para isso concorreram o muito que eu conhecia o poeta e a completa isenção d'espirito com que d'elle escrevi, pois não precisava a minha amizade fazer-lhe favores.

(2) Indicam estas reticencias a omissão das considerações geraes com que eu ebriz este trabalho, e que fora ocioso reproduzir tambem.

F. V.

Perguntei pelo auctor dos versos. Jardim apresentou-me o *entra e sahe*. Era elle: — Raymundo Corrêa. E ficámos amigos.

O Sr. Machado de Assis, que escreveu uma *ouverture* ás *Symphonias*, confessou que soffreu uma desillusão ao conhecer pessoalmente o poeta:

« Tinha deduzido dos versos lidos um mancheo expansivo, alegre e vibrante, aguçado como as suas rimas, coruscante como os seus esdruxulos; e achei uma figura concentrada, pensativa, que sorri ás vezes ou faz que sorri e não sei se riu nunca.»

Por essa mesma desillusão não de passar quantos só venham a conhecer o homem, depois de familiarizados com o poeta.

Raymundo é um temperamento nervo-bilioso, extremamente impressivo.

Trouxe das ondas, sobre as quaes veiu ao mundo, a irrequietação, a mobilidade, o frémito, o capricho. E' como ellas irritado e mysterioso, volúvel e profundo.

Edncaram-o padres e carolas. A triste educação que lhe deram, desaproveitou inteiramente a grande força nervosa daquelle temperamento, e em vez de cultivá-la, apurando-a e dirigindo-a, a bons alvos, procurou atrophial-a sob as pelias do preconceito, do abuso, do temor desarrazoado e doentio. A essa juntaram-se outras circumstancias intimas, não menos lamentaveis, as quaes, todas, concorreram para fazer d'elle um fraco e um melancolico, palavras quasi synonymas.

Em consequencia, quando entrou na academia Raymundo era em litteratura — romantico; em politica — conservador; em religião — catholico-romano.

No entanto, a sua organização intellectual era das mais felizes e completas: — clara, percuciente, logica, progressiva, ousada. O conflicto de uma intelligencia desta ordem, com a educação theologico-metaphysica que lhe deram, foi tremendo.

O pobre rapaz trazia um inferno na cabeça. Andava triste, apouquentado, mysanthropico. Fumava com desespero, passeava os seus nervos irritados, toda o dia, por toda parte.

Credo mesmo que a principio ia á missa...

Afinal o meio decidiu o doloroso combate.

Seus amigos, aquelles a quem se afeiçoava de coração, apesar dos protestos da metaphysica e da theologia, seus amigos eram uma sucia de livres pensadores, de iconoclastas e de rebeldes: — Assis Brazil, o auctor da *Republica Federal* e da *Historia da Republica Rio Grandense*; Theophilus Dias, o poeta dos *Cantos Tropicães*; Alcides Lima, Pedro Lessa, redactores do *Federalista*; Castilhos, Pereira da Costa, redactores da *Evolução*; Augusto de Lima, Fariño, Jardim e eu, fomos a pouco e pouco conquistando para os nossos arraiaes aquelle bello espirito.

Um dia soubemos que o haviam posto fóra do *Constitucional*, orgão conservador, de que fóra eleito um dos redactores, por *inconveniente*. Ao que parece, Raymundo quiz introduzir na folhs um artigo demagogico e foi expulso.

Outro dia, em uma bella tarde, Raymundo veiu ver-me, como costumava, mas d'essa vez trazia-me um presente: — um punhado de fresces e rubras framboezas, que havia colhido da chacara em que então estava morando.

Ao desembrulhal-as, estranhei a dureza do envoltorio e attentando nelle reconheci que aquelle papel amarrado, roto, manchado pelo sangue das framboezas, era... Ora imaginem os senhores o que poderia ser...

Era o seu diploma de vice-presidente do *Circulo dos Estudantes Catholicos*.

— Fóra o primeiro papel que encontrara; justificava-se o poeta.

Como se está vendo, aquillo estava concluido: Era uma vez um metaphysico...

Todavia, como acontece com certas enfermidades que deixam como signaes indelevels de sua passagem — a desmembração, a surdez, a vieta escura, a *obscurantite* deixou em Raymundo uma especie de desconsolo sombrio e concentrado, uma irritação tenaz e incuravel.

Ficou-lhe tambem uma certa arte de se nullificar diante das pessoas com quem tracta: de se fazer insignificante, arte que se pôde definir por um excessivo

de natural modestia temperada por uma pinga de ruse.

Quem o viu em uma sala ou em um café, silencioso, sentado a um canto, fumando nervosamente, tremelando a perna, abstracto, esquecido, quieto, alheio ao que se diz e ao que se passa, tomal-o á por um inutil, talvez por nm tolo.

Ninguém desconfiará segnor do extraordinario poder de observação, da perspicacia agndissima, da enorme forçs de retentiva do seu espirito.

Mas os seus olhos não illudiriam Lavater.

Raymundo quasi nada lê; e o pouco que lê é por casa dos amigos, nos cafés, nas livrarias, na rua, nos escriptorios das folhaa. Elle chega com o seu andar cadenciado e rapido, fumando, fumando sempre, estende-noe a mão com um monosyllabo, senta-se, olha-nos em silencio com os seus olhinhos vivos e penetrantes, depois levanta-se, pega do primeiro livro que encontra, abre-o ao acaso e põe-se a ler... De repente fecha-o, solta outro monosyllabo, sorri-se um pouco se nos rimos, toma o chapéu, resacendo o cigarro eahi vai elle com uma pressa extraordinaria a fazer o mesmo em casa de outro amigo.

Escrevo como Gerard Nerval e como Guilherme de Azevedo escreviam; a um canto de mesa, em silencio, enquanto os outros riem e conversam.

Assim é que se explica o avultado numero de traducções que traz o seu livro, e que fez especie ao illustre auctor do Braz Cubas.—Em toda a parte onde encontra um livro de versos francezes, inglezes ou hespanhoes e um lapis, elle traduz logo uma das peças do livro, ao acaso, sobre a folha em branco de uma carta. Depois fecha o volume, mette no bolso a traducção e vai-se embora.

O que elle uma vez leu jámais esquece. Em trinta dias decorou o compendio de geometria do conselheiro Ottoni, inteirinho, com todos os lemas, theoremas, corollarios, demonstrações e as proprias letras das figuras. Levou-o a seo e não ter dinheiro para tomar um explicador.

Raymundo foi um famoso vadio. A proporção que se approximava a época dos actos acadêmicos, aggravava-se-lhe o mysantropismo e augmentava a conta no cigarreiro. Um mez antes do dia fatal, passava as noites em caea de tres ou quatro collegas de anno, estudando com elles, decorando textos de lei, citações, opiniões de autores. Na vespera do dia, Raymundo tocava o cumulo do nervosismo; parecia que lam enforcado no dia seguinte. Apenas sentado á mesa do exame, o seu primeiro cuidado era descarregar sobre a cabeça dos lentes uma fuzilaria tremenda de textos latinos ou de paragrafos das Ordenações.

Raymundo quasi nunca dormia nas casas em que morava. Mudava-se todos os mezes; cousa escusada, porque á casa nova elle apenas voltava para jantar um dia ou outro, ou para se mudar de novo.

Note-se, porém, que pagava pontualmente, ainda que com sacrificio, as suas pensões.

Uma vez Raymundo entrou-me em casa desolado, tremulo, torturado; julguei que teria uma syncope.

Nós redigiamos por esse tempo um pequeno hebdomadario de caricaturas.

— Não sahes o que me acaba de acontecer! exclama elle, arquejando. Ah! isto mata-me.

Depois de muitas perguntas, explicou a desgraça: — O desenhista da folha e o impressor haviam ido á casa de uns amigos, onde elle estava, dizer-lhe que faltava materia. E a folha devia ser distribuida no dia seguinte, pela manhã...

— Escreveste, não? — Só tive tempo para fazer uns versos e correr para aqui. Mas não imaginas que choque, que impressão!...

Raymundo sentia dificuldade em escrever prosa. Por isso até as proprias cartas para a familia, elle as fazia em verso, para andar mais depressa.

Tinha ratices extraordinarias, que lembram muito as de João de Deus. Houve um tempo em que Raymundo andava desesperado por comprar um chapéu novo; o que trazia estava em roalidade lstimsvel.

Afinal chegou-lhe dinheiro o elle comprou um bello chapéu novo, comprou-o á minha vista e de outros amigos. Emburruhou-o e levou-o para a casa. Chegado ali, atirou-o a um canto e continuou a usar do velho, por muito tempo.

— Não posso! Tenho-lhe amizade;

dizia-nos elle, mirando o chapéu, quando lhe perguntavamos porque o não punha fora.

Outra vez, ao atravessar uma rua caiu-lhe o tacaõ de um dos botins. Raymundo não se perturbou e entrou em um corredor e arrancou o tacaõ restante.

Raymundo ia ás aulas todos os dias, como ia ao correio, ao café, á noesa caea. Mas nunca, absolutamente nunca, elle conseguiu ouvir uma preleção. Sentado no banco da musica, hem de frente do professor, acompanhava com os olhos attentamente tudo quanto elle dizia e fazia, approvava com a cabeça convictamente, rindo-se quando elle ria, dando signaes evidentes de uma applicação extraordinaria, mae não ouvia nada, inteiramente nada: fazia versos, que vinha escrever cá fora, na primeira ponta de mesa que encontrava.

Nuncs fez nem nunca ouviu um discurso. Detesta a attenção forçada, a immobilidade obrigatoria.

Goza uma saude de ferro e imagina que sofre do coração, do fígado, do baco, mas tem uma convicção profunda: —que não morre tysico. Adora as crianças e desconfia das mulheres. É afficçoadissimo á sua familia e aos seus emigos, mas aborrece-se com a companhia dos estranhos. Nunca usou guarda-chuva. Tem um inimigo feroz, implacavel, tetrico: —o seu temperamento. Elle proprio retratou-se admiravelmente nesta phrase de uma das cartas que me tem escripto:

«Tenho poucos, mas sinceros affectos. Vivo para cultivál-os e exageral-os.»

Eis o homem. Agora ao poeta.

VALENTIM MAGALHÃES.

(Gazeta —19—Janeiro de 1883).

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Domingo passado inaugurou o noesso jove e habilissimo compositor e pianista Carlos de Mesquita a prometida serie de concertos populares, no theatro S. Pedro de Alcantara.

Embora esta redacção houvesse sido esquecida, lá estivemos tambem e applaudimos á dttons rompus as bem escolhidas e magistralmente executadas peças do programma, especialmente a Fantasia-Abertura do joven Francisco Braga, mestre de musica do Asylo dos Meninos Desvalidos, onde foi educado, e que tem privilegiada orgenieação artistica, poderosa vocação musical.

Além d'esta peça foram ouvidas em primeira audição a Scitiliana de Bach, e a Marcha Pompeiana de Offenbach.

Es muito que o nosso publico não assistia a um concerto com tanta intelligencia e tauto gosto organizado nem tão irreprehensivelmente executado.

Será o segundo concerto no dia 19 do corrente.

Parabens a Carlos Mesquita.

Teve logar, em 6 do corrente, no theatro D. Pedro II. o grande concerto organiado pelo distinctissimo amator Sr. R. J. Kinsman Benjamin, em beneficio das victimas dos terremotos da Italia.

É uma das mais brilhantes festas a que temos assistido, quer pelo gosto e arte que presidiram á orgaiaação do programma, quer pelo desempenho que lhe deram os artistas e amadores que delle se encarregaram.

Não queremos demorar-nos na apreciação dos diferentes trechos de que se compoz o programma, por isso que já a fizeram os nossos collegas da imprensa diaria; e dando parahens entusiasticos a todas as Exmas. amadoras que nelle tomaram parte, não deixaremos, entretanto, de registrar aqui n nome da Exma. Sra. D. Antonietta Saldanha da Gama, com correcta interprete da Ave Maria do Othelo, de Verdi, trecho formosissimo a que a gentil senhora deu relevo de consummada artista.

Ao feliz possuidor do progrmmsa n. 9 (que não se sabe quem era) coube por sorte o primor de estatuaria que Rodolpbo Bernardelli executou e offereceu á commissão organiadora do concerto. Per la Mamma é o titulo dessa estatueta em terra-cota, que representa

um pequeno tocador de rabeca, estendendo a mão á caridade publica. Angelo Agostini copiou o trabalho e com essa copia illustrou brilhantemente todos os programmas que foram vendidos á porta do theatro.

A concorrência foi grande, vendendo-se ali toda a elite da sociedade fluminense. Foi, emfim, uma bella festa, de cujo resultado deve estar orgulhosa a commissão iniciadora e plenamente satisfeito o Sr. R. Kinsman Benjamin.

LORGNON.

MUSA

Estrepita a cigarrs E longe se percebe Como um toque de lucida fanfarrs.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

A OLAVO BILAC

Ampla madeixa desnastrada e loura Sobre as claras espaldas desnudadas, Dis pumos a cor viva e tentadora, Leve tingindo as faces desmaiadas.

No olhar as finas settas aguçadas Do amor. Attiva fronte seismadora. Busto alto, flancos tumidos, torneadas Coxas: corpo de Diaua caçadora.

O collo nú. A mão nitida e pura A lyra curva como um arco de ouro, No cair de uma escarpa, da espessura ;

Eil-a que surge á tarde, das cigarras Por entre o longo e enoroso côro, Como aos toques de lucids fanfarras.

ALBERTO SILVA.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

JOSE VERISSIMO—SCENAS DA VIDA AMAZONIA—1837

O auctor do presente livro, um volume de 267 paginas, de leitura interessante para a ethnographis, que faz a preocupação scientifica contemporanea, é moço, paraense, e tem já, em meio hostil áe manifestações desta ordem, uma brochura publicada com o titulo —Primeiras Paginas.

Destaca-se d'este seu segundo livro um estudo sobre «As populações indigenas e mestiças da Amazonia.»

Á parte puramente litteraria, se não desmerece da primeira, deixa alguma cousa a desejar.

J. Verissimo é, como Franklin Tavora, embora menos eivado de nativismo, um amigo da natureza e das tradições do norte do Brazil.

As Scenas da vida da Amazonia, nome com que designa especialmente os quatro contos—O Boto, O Crime do Tapuyo, O Voluntario da Patria, A sorte de Vicentina —são descrições realistas que pecam pelos detalhes, certa preocupação da cor local e tal ou qual desdem pela estylistica e boas formaes do dizer portuguez.

O Boto assenta sobre conhecida crençide do valle dos Amazonas do personagem com dois cahoclos estupidos, Rosinha, filha, e um seductor comum, caixeiro de tasca, cuja torpeza o auctor procura ealientar com o abandono da seduzida no estado melindroso da maternidade.

Hoje a escola realista, escrevia Ladisláo Mickrevicz em 1833, por nma reacção ao idealismo, não nos deixa mais do que a trivialidade. Ha calumnia para a especie humana no pretender que os individuos das classes inferiores —tem forçosamente alguma cousa de baixo. O ignobil não é o attributo necessario dos desherdados do mundo.

O lyrismo duma camponesa de G. Sand afasta-se tanto da realidade como os miasmas distillados nas narrações populares de E. Zola.»

Tambem logo se vê que é um ocripto anterior ás Scenas da vida da Amazonia, mais pobre de observação e de verdade.

A. F.

A livraria Mello, do Porto, poz á venda O assassino de Jacario, comedia em tres actos, livremente vertida por Camillo Castello Branco e especialmente coordennada para a festa artistica do actor Dias, do qual traz o livro o retrato magnificamente phototypado.

Tem graça este Assassino e revela a mão peritissima que a afeição á scena portugueza.

A livraria editora J. Tavares Cardoso & Irmão, de Lisboa, eilicou o primeiro livro das Scenas da vida Amazonica, por José Verissimo, com um estudo sobre as populações indigenas e mestiças da Amazonia. Os contos de costumes do Pará e Amazonia, insertos no livro, já foram publicados sob o titulo Quadros paraenses e agora reaparecem, corrigidos.

Sobre ne mais importantes das obras d'esta resenba bibliographica tencionamos expender juizo, proxicamente.

FAGULINAS

De S. Paulo recebemos nm folheto de versos do Sr. Eduardo Chaves com o titulo de Fagulinas. D'elle diremos no proximo numero.

O professor Raul Villa-Lobos enviou-nos o primeiro fasciculo dos seus pontos de Historia do Brazil, ornada e redigida de conformidade com o programma geral de preparatorios.

O presente fasciculo contém os cinco primeiros pontos que vão desde o descobrimento do Brazil até Thomé de Souza e Duarte da Costa e são tratados com a mesma clareza e methodos revelados já pelo autor na sua corographia do Brazil, anteriormente publicada.

V.

THEATROS

UMA VESPERA DE REIS

Ha dias, no beneficio do pianista cego Couto Cerqueira, tivemos o prazer de mais uma vez assistir á encantadora comedia de Arthur Azevedo Uma Vespera de Reis, com um desempenho de primeira ordem, o mesmo que celebrou aquella joia do nosso theatro; este moleque — Peixoto, seu Reis — Araújo, D. Francisca — Clelia, Milú — Fanny, Bermudes — Xisto Bahia, Alberto — Colás.

Ha muito tempo não passavamos em teatro uma meia hora tão agradável. Tudo naquella comediasinha nossa, hem nossa, toda nossa, repleta de copioea e justa observação dos costumes hrazileros, tudo nella é natural, expontaneo e veritateiro, pois no desempenho que lhe dão aquelles artistas encontram-se estas mesmas qualidades. Bahia tem no papel do compadre tabaréu uma creação admiravel, inegalavel. O mesmo se pôde dizer do trabalho de Fanny e de Clelia — a grande Clelia, tão ingrata e cruelmente esquecida pelos nossos empresarios, Dias Braga inclusive. Emfim, ouvir aquella comedia representada por aquella mansira, produz dous effectos: — o primeiro é de intimo goso artistico; o segundo é fazer com que a gente pergunte aos seus botões e aos do visinho.

— Se temos quem escreva d'isto e quem o represente por esta forma, porque diabo não temos nos theatro hrazilero ?

É que estamos no caso de quem, tendo presntno, ovos, bauba, frigidreira e fogão acceso, estivesse morrendo por comer uma fritada de presunto.

MERCURIO

Continúa a fazer successo no Lu-

cinda esta magnifica revista de Arthur Azevedo. Cuidado o matuto do Piuhy, as cançonotas deliciosas da Cuirra Pollonio e as molinhas do Xisto agradam mais, mais applaudidas são. Quem não viu ainda o quem mais queira ver o *Mercurio* não se demore: no Lucinda! — que o Adolpho de Faria director da empresa e da companhia vae mudal-as muito breve para o Principe, (que foi reformado de foud en comble) ou se estreiará com os *Tres mosqueiros*, de Varney.

P. TALMA.

SPORT

A 3ª corrida do Prado Villa Izabel no domingo passado esteve muito concorrida e bastante animada. Todos os paires de que se compunha o excellente programma foram bem disputados e alguns d'elles bem interessantes. Eis o resultado:

No 1º pareo (1000 metros) Rigoletto em 69 segundos bateu os seus competidores. Cantagallo chegou em 2º e Guacho em 3º lugar. Ondina e Verbena chegaram em ultimo lugar.

No 2º pareo (1000 metros) depois de algumas corridas falsas, em que Berenice correu mais de 600 metros, foi finalmente dada a partida, sahindo Berenice na retaguarda dos seus competidores aos quaes passou ao cabo de 700 metros, menos a Corcovado que conservou a sua carreira até ao poste do vencedor o em 2º Berenice. Juannita chegou em 3º lugar. Sensitiva e Nair chegaram em ultimo lugar. Pensativo não correu.

No 3º pareo (1450 metros) Druid fez um bonita corrida vencendo Intima em 95 segundos, apenas por cabeça, apesar dos 59 kilos. Intima, que conservou-se quasi até ao final na ponta fez boa corrida e teve o 2º lugar. Regina, que correu de alcance chegou em 3º, bom lugar, e se o tiro fosse maior necessariamente teria ganho. Biscainha em ultimo lugar. Macaré não correu.

No 4º pareo (1450 metros) Coupon com facilidade bateu os seus competidores em 95 segundos. Mastin em 2º lugar. Dr. Jenner e Madama chegaram em ultimo lugar. Le-Loup não correu.

No 5º pareo (1000 metros) Ormond em 69 segundos venceu o seu unico competidor. Appollo que chegou em 2º, máo lugar. Rapid não correu.

No 6º pareo (Handicap 1600 metros) Mirzador em 105 segundos, inesperadamente, foi o vencedor, fazendo uma esplendida corrida, batendo-o com Satan durante toda a corrida, chegando este em 2º lugar. Speciosa e Diva vieram em ultimo lugar.

No 7º pareo (1300 metros) Villa Nova em 86 segundos venceu os seus competidores, contra a expectativa geral. Em 2º lugar Baccarat II e em 3º Condor. Midon, Caporal, Americana, Chapaco e Mondego não mereceram classificação. Ondina não correu.

JOCKEY-CLUB

A 2ª corrida realisada hontem por esta benemerita sociedade encheu de satisfação os amadores do turf que não deixaram de reconhecer effectivamente ser esta associação uma das mais importantes, não só pelas suas vastas archibancadas e mais dependencias, como também pela sua boa organização, offerecendo aos amadores todas as confortabilidades merecendo-lhes a confiança pela bem intencionada administração que hontem demonstrou inquestionavelmente ter-se o Jockey-Club affastado d'aquella falta de prosperidade que ha algum tempo lhe era imputada.

O programma foi esplendido e importante não só pelos bons premios que conferio como também pela brilhante execução com que encerrou cada um dos pareos que foram perfeitamente disputados e com bastante animação applaudidos.

Eis o resultado:
No 1º pareo (1000 metros) a valente e veloz Esmeralda em 66 segundos venceu os seus competidores. Espadilha chegou em 3º lugar. Brenice, meio sangue, teve o 2º lugar, fazendo boa corrida. Cupido chegou em 4º lugar por ter o

o seu jockey pouca vontade de ter melhor classificação; é um producto nacional de formas pouco vulgares entre a nossa criação de animais de corrida; dar-se-hia o caso de alguma *clunna ousada?*... Sensitiva em ultimo lugar.

No 2º pareo (1000 metros) Visiara em 65 segundos fez um esplendida corrida, demonstrando ser um animal muito veloz que, apesar de partir atraz de seus competidores, na recta de chegada bateu-os. Appollo chegou em 2º lugar e Rapid em 3º. Haublan, animal recém-chegado, não estando ainda em boas condições, affrouxo no fim da corrida, depois de estar na frente desde o pulo de partida, chegando em 4º lugar. Lady em 5º. Prevanche não correu.

No 3º pareo (1800 metros) Sibylla em 142 segundos, muito tempo galloppando ao lado de Macaré, venceu facilmente neste galope. Boreas não correu.

No 4º pareo (1400 metros) Phenicia em 9 segundos e muito regularmente venceu os seus adversarios, fazendo uma esplendida corrida.

Rabolais, animal recém-chegado, chegou em 2º lugar em boas condições, demonstrando ser animal superior. Olinda em 3º. Daybreack, Paragnaya, Siva, Perle e Galier não mereceram classificação. Orange e Amazonas não correram.

No 5º pareo — Grande premio Cruzeiro do Sul — Plutus que partiu, correndo regularmente proximo a Dandy, que conservou a dianteira até quasi ao poste dos vencedores, foi vencida por onbeça em 170 segundos, fazendo ambos uma bonita corrida na recta da chegada.

Blair-Athol em 3º máo lugar. Ypiranga em más condições, apresentou-se para disputar um premio desta ordem. Lamentamos que seu proprietario expuzesse este parselheiro a fazer tão triste figura em detrimento da confiança que a maioria dos amadores depositam em sua condelaria. Um animal naquellas condições não se faz correr. Ypiranga marchou e passou na raia; não correu.

No 6º pareo (1400 metros) Coupon, em 91 1/2 segundos, facilmente venceu Cheapside que, tomando a ponta, parecia até ao final da corrida ser a vencedora; porém chegou em 2º lugar fazendo boa corrida. New York e Mirzador chegaram em ultimo lugar. Charrybides não correu.

No 7º pareo (2000 metros) Phryndea em 131 segundos e no frio venceu os seus competidores, apresentando-se desta vez preparada e não dando desgostos aos seus adeptos. Salvatus fez boa corrida chegando em 2º lugar. Satan chegou em ultimo lugar e, tendo corrido de alcance, nada poude fazer. Mirzador e Scylla não correram.

No 8º pareo (1600 metros) Druid em 110 segundos fez uma bonita carreira com os 58 kilos de pezo, vencendo a sua competidora. Intima chegou em 2º lugar e Monitor em 3º. Douro, Biscainha e Blanco, ex-Pip, em ultimo lugar. A raby negou a sahida.

Um pouco tarde terminaram as corridas, havendo toda a regularidade e sem o minimo incidente.

Realisa amanhã uma importante corrida o Derby-Club, cujo programma é dos melhores que poderíamos desejar. Esperamos grande concurrencia.

L. M. BASTOS.

FACTOS E NOTICIAS

Inaugurou-se ante-hontem, com a presença do Sr. ministro da Guerra, visconde de Paranagna, muitas das primeiras patentes do exercito, Conselheiro Franklin Doria e numerosas senhoras da nossa primicia sociedade, a biblioteca do Exercito, estabelecida no quartel do ampo. Cna parte que obta para o rua de Marcilio Dias, esquina da do Dr. João Ricardo.

Esta biblioteca foi fundada em 1881 pelo Sr. Conselheiro Doria, então ministro ds guerra. E' obra sua, e entre tantas que illustra o seu respeitado nome, nenhuma talvez o possa honrar mais do que esta.

A sala de leitura é vastissima, are-

jada, com muita luz. E' a melhor sala de biblioteca da Corte.

Ao entrar o visitante a impressão que lhe dá a vista da sala com sua longa mesa ao centro, com porta-livros pesos sobre revistas e jornaes alinhados caixas com lapis e pedaços de papel para notas e os dois renquees de bustos de marmore sobre elegantes ponnias, é agradável e digna do estabelecimento. A direita estão os bustos dos generaes Viscondes de Itaparica, de Pelotas, Barão de Angra, Visconde de Inhauma, Conde de Porto Alegre e Duque de Caxias; ao fundo um grandioso busto do Imperador; ao lado esquerdo: Barão do Triunpho, Visconde de Santa Theresia, Barão do Amazonas, Visconde de Tamandaré, Marquez do Ilerval e Conde d'Eu.

Os livros, perfeitamente accommodados em magnificas estantes, sobem ao numero de doze mil; havendo espaço para outros tantos volumes.

Encontramos lá obras raras, e consideravel quantidade de jornaes e revistas do paiz e do Estrangeiro.

A orlem em que está o estabelecimento honra altamente a dedicação e a habilidade do bibliotecario capitão Joaquim Alves.

Parabens ao Conselheiro Doria.

Abriu no dia 6, no salão do Gremio de Lettras e Artes, sua 3ª exposição de pintura Sr. Antonio Parreiras. Bastava dizer para significar o valor dos quadros do applaudido paisagista a extraordinaria concurrencia de visitantes, que tem attingido, alguns dias, a numero de 600. Criticas abalis dos já disseram o sufficiente. Parreiras deve estar satisfeito.

Seu quadro «Effeitos de tempestade», uma larga tela, onde mais livre se expandio seu poderoso talento e meticolosa observação da natureza, é um trabalho magistral. Damos parabens ao Gremio de Lettras e Artes pela brilhante idéia, que levou avante, e abraçamos entusiasticamente o notavel auctor dos «Effeitos de Tempestade.»

O *Diario de Mercantil* encerrou ha alguns dias o pleito por ella proposto sobre a pergunta «Quaes são os tres primeiros jornalistas do Brazil?» O resultado obtilo foi o seguinte, empattando em votos os dous ultimos:

Dr. Ferreira de Arango—1137 votos; José do Patrocínio—1093; Quintino Bocayuva e Joaquim Serra—962 cada um. Seguem-se:

Dr. Luiz de Castro 899; Dr. F. Rangel Pestana 891; Americo de Campos 453; Julio Ribeiro 300; Conselheiro F. Octaviano 282; Urbano Duarte 240; Aristides Lobo 230; Carlos von Koseritz 202; Justiniano de Mello e Silva 107; Dr. Valentim Magalhães 106; Dr. Julio de Castilhos 102; Dr. Ramiro Barcellos 100; Artbur Azevedo 100; Joaquim Nabuco 83; Filinto d'Almeida 80; e outros muitos, menos votados.

RECEBEMOS

— *Allanina*—(Valsa Gitana): Bellissima composição da artista Rafaela Monteiro.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMOTOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

ANNUNCIOS

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus inglezes ou francezes, encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus finos

120 Rua do Ouvidor 120

Julio Cezar Tavares Paes encerra-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoo e optima cosinha. Esplendido torraço com caramanchos.

F. Navarro de M. Salles — encerra-se de defezas perante o jury. Muzambinho — Minas.

Dr. Arango Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 4ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 12 DE JUNHO DE 1887

1.º pareo — A's 12 horas — **Initium** — 1.000 metros — Animas de todos os paizes, de 2 annos — Premios 700\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Ormonle.....	Zaino.....	2 ans	França.....	56 kil.	Perola e grénat.....	A. Vianna.
2	Lally.....	Castanho..	2 »	Inglaterra..	53 »	Azul.....	C. O.
3	Apillo.....	Alazão.....	2 »	R. da Prata..	54 »	Azul e grénat.....	F. R. M.
4	Houbton.....	Castanho..	2 »	França.....	54 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
5	Corcovado.....	Idem.....	2 »	R. de Jane..	47 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
6	Rapid.....	Alazão.....	2 »	Inglaterra..	54 »	Encarnato, preto e branco.....	Vianna Junior.
7	Gentleman.....	Castanho..	2 »	Idem.....	54 »	Encarnato e azul.....	Coud. Brasileira.
8	Visière.....	Alazão.....	2 »	França.....	53 »	Azul e palha.....	Joaquim P. de Castro.
9	Prevenche.....	Idem.....	2 »	Belgica.....	53 »	Ouro e preto.....	F. Schmidh.

2.º pareo — A's 12 3/4 horas — **Extra** — 1.450 metros — Animas estrangeiros de 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Paraguay.....	Castanho..	3 ans	Inglaterra..	47 kil.	Grénat e azul.....	P. de Lima.
2	Siva.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul e ouro.....	Coud. Hanoveriana.
3	Buhllonia.....	Castanho..	3 »	França.....	47 »	Havana e azul.....	J. R.
4	Perle.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	47 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.
5	Rabelais.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
6	Ollinda.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra..	47 »	Grénat e ouro.....	Coudelaria Carioca.
7	Phuicia.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	53 »	Encarnato e azul.....	Coud. Brasileira.
8	Daybreak.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.

3.º pareo — A' 1 1/2 hora — **Excelsior** — 1.609 metros — Animas nacionaes de 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Rondello.....	Douradillo	3 ans	S. Paulo...	51 kil.	Grénat e azul.....	Lazaro & Lima.
2	Odalisca.....	Pump.....	3 »	Idem.....	53 »	Ver le, branco e encarnado.....	Coud. Excelsior.
3	Ibiqurara.....	Castanho..	3 »	Idem.....	49 »	Preto e branco.....	J. Lemos.
4	Flostan.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
5	Argentino.....	Castanho..	3 »	R. de Jane..	49 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
6	Plutus.....	Idem.....	3 »	S. Paulo...	58 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
7	Mquitor.....	Idem.....	3 »	Idem.....	57 »	Idem.....	Dita idem.

4.º pareo — A's 2 1/4 horas — **Derby-Club** — 1.750 metros — Animas do paiz — Premios: 1.000\$ ao primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Macaréu.....	Alazão.....	5 ans	S. Paulo...	54 kil.	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
2	Talisman.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
3	Sybilta.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	54 »	Idem.....	Coud. Cruzeiro.
4	Diva.....	Alazão.....	4 »	R. de Jane..	54 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

5.º pareo — A's 3 horas — **Lemgruber** — 1.609 metros — Animas de qualquer paiz, que não tenham ganho — premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Mastin.....	Castanho..	4 ans	França.....	58 kil.	Grénat e violeta.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	Fils de Artois.....	Idem.....	4 »	Idem.....	58 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
3	Madama.....	Idem.....	4 »	Idem.....	56 »	Idem.....	Idem, idem.
4	Speciosa.....	Alazão.....	5 »	Inglaterra..	60 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
5	Araby.....	Idem.....	4 »	R. de Jane..	52 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
6	Catita.....	Castanho..	4 »	Idem.....	56 »	Azul.....	F. Guimarães.

6.º pareo — A's 3 3/4 horas — **Rio de Janeiro (Handicap)** — 2.000 metros — Animas de qualquer paiz — Premios: 2.000\$ ao primeiro, 500\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

1	Ruy-Blas.....	Castanho..	4 ans	Inglaterra..	45 kil.	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	New-York.....	Alazão.....	4 »	França.....	48 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
3	Mirzador.....	Castanho..	4 »	Idem.....	54 »	Idem.....	Idem, idem.
4	Obeapside.....	Alazão.....	4 »	Inglaterra..	49 »	Branco e encarnado.....	Coudelaria Paulista.
5	Boreas.....	Castanho..	4 »	S. Paulo...	51 »	Grénat e violeta.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Diguitaire.....	Alazão.....	4 »	França.....	50 »	Azul e grénat.....	Coudelaria Paraizo.
7	Coupon.....	Idem.....	4 »	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
8	Salvatus.....	Idem.....	4 »	Idem.....	55 »	Idem.....	Coud. Cruzeiro.

7.º pareo — A's 4 1/2 horas — **Seis de Março** — 1.450 metros — Animas nacionaes de meio-sangue, que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Pretoria.....	Libano.....	6 ans	S. Paulo...	52 kil.	Azul e havana.....	A. C.
2	Saltarelle.....	Preto.....	6 »	Paraná...	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.
3	Melon.....	Rosillo.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e branco.....	S. V.
4	Marengo.....	Vermelho..	6 »	S. Paulo...	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
5	Jenny.....	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Preto e branco.....	J. Lemos.
6	Baccarat II.....	Gatado.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e branco.....	F. J. C.
7	Zephiro.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.

MARCOS DE MELLO, 2.º Secretario interino.

OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. socios mandar substituir os seus cartões pelos distinctivos, sem os quaes não será permittida a entrada no dia da corrida.

O pessoal da poule deve comparecer na thesouraria na vespera da corrida.

MATHEUS LAURIANO 1.º secretario.

EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, doencas, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes melioraes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicæ e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas do molhados e confeitarias.

CAMPOS

O advozado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advozado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellae n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIREGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recehem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

A NOVA-YORK

NEW-YORK LIFE INSURANCE COMPANY

Companhia Mutua de Seguros de Vida dos Estados-Unidos da America. Fundada em 1845---41 annos de prosperidade. Unica Companhia Estrangeira de Seguros de Vida auctorizada a funcionar no Imperio do Brazil. Capital: cerca de cento e setenta e cinco mil contos de réis. Deposito no Thesouro Nacional: duzentos contos de réis. Filial no Brazil

31 RUA DO HOSPICIO 31

Esta companhia de seguros sobre a vida, unica auctorizada a funcionar no imperio, por decreto n. 9.503 de 3 de Outubro de 1885, depositou no Thesouro Nacional, como garantia accessoria de suas operações no Brazil, a quantia de **Duzentos contos de réis**. Pontos importantes sob que deve ser considerada a Companhia Nova-York: Conta 41 annos de existencia, tendo começado suas operações em 1845. Sendo puramente mutua, portanto não tendo accionistas, seu capital sobre hoje á quantia de **cento e setenta e cinco mil contos de réis**.

Funciona sob a severa fiscalisação do governo americano, unico, pois, onde existe fiscalisação real e effectiva. Não ha joia nem commisso depois de tres annos, recebendo o segurado que não puder continuar com os seus pagamentos uma apolice saldada, que nada mais lhe custa e garante-lhe tantas partes do capital primitivo, quantos pagamentos tiver cumprido e na forma do contracto originario. Seus lucros são divididos annualmente pelos segurados, que recebem prévio aviso dos dividendos que competem á sua apolice, sendo o lucro a dividir do anno de 1885, segundo o balanço de 31 de Dezembro, da quantia de **dezete mil contos de réis**. Nos casos imprevistos interpreta sempre os seus contractos sob o ponto de vista da equidade, havendo aqui mesmo no Brazil diversos exemplos d'isso. Mediante uma pequena somma annualmente (o premio na idade de 35 annos, no caso de seguro pagavel por morte, custa cerca de **quarenta mil réis** por anno por cada **cento de réis** segurado), pôde cada um constituir immediatamente um capital para sua familia em caso de morte ou para si proprio, se chegar ao prazo escolhido. A viúvas e orphãos, por morte de segurados, a possuidores de apolices dotaes, que cbegaram ao periodo escolhido, a companhia tem pago, desde a sua fundação, a quantia de **duzentos e cinco mil contos de réis**.

Uma apolice da **New-York Life Insurance Company** offerece ainda aos ricos a grande vantagem de servir, como a que melhor for, de caução immediata, definitiva ou provisoria. Sendo o pagamento dos premios, assim como o capital segurado, em ouro e tendo a companhia agencias em todo o mundo, as transacções feitas no Brazil, podem perfeitamente ser continuadas em qualquer outro lugar á escolba do segurado com redução nos premios, se a residencia for em paizes de clima temperado.

SINISTROS NO BRAZIL

Nomes	Locares	Premios pagos até á morte	Quantias pagas pela companhia á familia		
			lib.	s.	d.
Joseph Norris.....	Londres.....		1.078	11	4
Gustavo Masset.....	Londres (Rest.).....		312	3	4
Victor Scheitlin.....	Pariz.....		Francoe 60,000		
João José de F. Guimarães.....	Pará.....	Rs. 456\$800	Rs. 12.000	800	
Dr. Candido Quirino Bastos.....	Pará.....	563\$800	24.000	800	
José João Ribeiro.....	Pará.....	214\$500	7.200	800	
D. A. A. Dobrman.....	Rio de Janeiro.....	400\$000	23.833	800	
Joé Rodrigues de Souza.....	Pará.....	61\$600	11.825	400	
Gustavo Wedekind.....	Rio de Janeiro.....	146\$200	23.669	800	
José Soares Pereira.....	Babia.....	717\$600	13.220	800	
Paul Emilio Willmersdorf (assassinado).....	Santos.....	107\$500	11.613	800	
Tito Antonio da Rocha.....	Ceará.....	203\$500	6.176	800	
Carl Gaspar August Hayn (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	5.779\$800	72.000	800	
Gustavo Theisen.....	Rio de Janeiro.....	1.196\$000	24.000	800	
José Amando Mendes.....	Pará.....	1.150\$000	27.245	800	
Antonio Soares Pinheiro.....	Pará.....	1.422\$000	13.770	800	
José Gomes Campello.....	Babia.....	454\$240	11.200	800	
Dr. Aureliano de Azevedo Monteiro.....	Rio Grande do Sul.....	455\$800	13.000	800	
Ailsa Janson.....	Pernambuco.....	3.531\$000	24.500	800	
João Balso.....	Pará.....	1.433\$000	12.000	800	
Henrique Eulalio Gurjão.....	Pará.....	71\$460	5.760	800	
Henrique Barbosa de Amorim.....	Manáos.....	457\$080	4.800	800	
Jacques Meyer (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	2.707\$900	21.600	800	
Josiab White Way.....	Pernambuco.....	829\$520	2.400	800	
Florentino Telles de Menezes.....	Desterro.....	756\$000	11.913	700	
D. Emilia R. Moreira de Queiroz.....	Bahia.....	971\$700	11.090	780	
Thomaz Argemiro Ferreira Chaves.....	Desterro.....	234\$960	8.911	900	
A pagar, depois de serem approvados os competentes documentos de prova de morte:					
Eugenio Leiffer.....	S. Paulo.....	2.226\$400	m/m	11.000	800
Dietrich von Grawert (suicidio).....	Pará.....	2.723\$000	11.000	800	
Ladisláu de Almeida Cardoso.....	Pará.....	5.010\$000	24.000	800	
Felisberto José dos Santos Lisboa.....	Pará.....	862\$400	5.000	800	
João Gonçalves Ledo Junior.....	Pará.....	4.768\$800	24.000	800	
Jean Louis Seiler (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	511\$700	11.000	800	
Antonio Navarro de Siqueira.....	Rio de Janeiro.....	1.419\$000	11.000	800	
Alexandre Ferreira Pinto.....	S. Francisco do Sul.....	180\$000	5.500	800	

Informações, prospectos e impressos, no escriptorio central para o Brazil

N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

Informações, prospectos e impressos, no escriptorio central para o Brazil

N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

R. J. KINSMAN BENJAMIN, GERENTE.

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 18 DE JUNHO DE 1887

VOL. III-N. 129

DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Os nossos artistas—II Antonio Parreiras.....	A. SILVA.
A Semana.....	A REDACÇÃO.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Plebiscito litterario.....	A REDACÇÃO.
Primeiro leite, poesia.....	J. DE DEUS.
Palestras femininas.....	A. A. L. VIEIRA.
Notas bibliographicas.....	V. S.
Nacionalidade litteraria.....	INCOGNITO.
Da Via Lactea, soneto.....	O. BILAC.
Paginas esquecidas: R. Corréa II O poeta.....	V. MAGALHÃES.
Gazetilha litteraria.....	V.
Notas philologicas.....	J. RIBEIRO.
O sonho da Sulamita, poesia.....	J. D. DA ROCHA.
Theatros.....	P. TALMA.
Festas, bailes e concertos	LORGNON.
Jornas e revistas.....	A.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Collaboração:	
O primeiro cuidado, soneto.....	O. E SILVA.
A D. J. S. S., soneto.....	J. M. D'AZEVEDO.
Factos e Noticias.....	
Recbemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE	
Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000
PROVINCIAS	
Semestre.....	58000
Anno.....	108000

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

A SEMANA

Continuamos boje a galeria d'Os nossos artistas com o retrato do paisagista Antonio Parreiras, traçado pelo joven e esperançoso alumno da Academia de Bellas Artes, Sr. Delpino. A nossa idéia era que os retratos ou caricaturas fossem feitas pelos proprios artistas retratados, mas o Sr. Parreiras declarou-nos peremptoriamente que só se retrataria a elle proprio se por acaso fosse... paisagem, pois não se atreve a tocar em seára que elle considera alheia. A vista d'isso, abrimos uma excepção a seu favor; excepção que estudaremos a outros artistas que não queiram seguir o exemplo de Belmiro de Almeida.

O artigo critico-biographico é do sympathico e estimado poeta Alberto Silva, que tambem cultivava com brilhantismo a prosa.

A REDACÇÃO.

OS NOSSOS ARTISTAS

II

ANTONIO PARREIRAS



Nasceu em S. Domingos de Nitheroy a 21 de Janeiro de 1861.

Apertamos-nos as mãos pela primeira vez, uma tarde, no largo da Memoria. Elle tinha uns 13 annos; eu chegava da roça com os meus 10.

Era voluntarioso e ousado. Essa independencia de caracter franco e rijo, quasi brutal, que ainda é hoje seu traço predominante, já começava de esgalhar-se forte, espontanea, abruptamente, ao doirado sol das risadas livres.

Não me poderia passar pela mente que essa mão que me ensinara a retezar um garboso papagaio contra a lufada da viração, agora viria a manejar, segura e magistral, o pincel que nos encanta. Esse pedaço de papel, guinando ao vento, ficou-me, esbatendo-se longe no vacuo azul das minhas recordações, puro como um emblema.

Parece-me traduzir elle a aspiração sempre agrihoada e rebelde, sempre impetuososa e contrariada, do nosso inspirado paisagista.

A camaradagem foi apenas de douse ou tres mezes, porque voltei para a roça, fugindo a uma epidemia.

Tornei a encontral-o em 77, no collegio Briggs. Eu fazia uns versos impossiveis, de pés quebrados, justa-

mente como os bonecos que o Parreiras desenhava nas laudas em branco dos compendios. Escondo ainda no frontespicio de uma Syntaxe de Dantas um desses aleijões, eupplice, contorcendo-se, caólho, com uma perna maldosamente lacerada a bico de lapis, a blasphemar no carcere perpetuo que lhe impoz a minha amizade pelo seu autor.

D'abi em diante extremou-se a lucta em que sempre vivera o embryonario pintor: lucta sem treguas!

Não tinha encontrado quem lh'o ensinasse; entretanto, esforçava-se, em natural tendencia, por traduzir as impressões d'aquellas paisagens, d'aquelles contornos deslumbrantes que lhe passavam pela imaginação como pelas janellas de um comboio, velozes, vertiginosas, allucinadamente, em correrias longas de estranhas visões ridentes, num cahos amplissimo e radioso... Debruçava-se absorto e olhava, olhava: decorando-as, embebendo-as na alma.

De subito um tunel negro, tumultuoso, cavava-se! E atraz, nae trevas, um raetro, um clarão de ouro ia fugindo, fechando-se longe, mais longe, morrendo, incerto, frouxo, pallido,

como uma estrella em céu tempestuoso.

Depois trevae, só trevas horrorosas. Mas o monstro de ferro rompia de novo na amplidão cheia de luz, estreitava, como um gigantesco braço negro, uma montanha, despenhava-se com um atroador desabamento de penedos, pelo meio de vales abertos em phantasticos templos de sombra, velados de cortinas de flores e, d'onde fugiam rindo, bandos errantes de genios felizes.

E elle, o sonbador captivo, lobrigava milhões, de laboros aereos a acenarem-lhe em esbatimento tremulo de neblinas pelos hombros das serranias, ou entreouvira falarem-lhe boccas sonoras, como harpas eolias, do alto dos minaretes de ouro das celagene acastelladas nas curvas sanguineas dos horisontes infndos.

E o condemnado sentia os arroubos dos grandes, as allucinações dos inspirados.

Porque não era livre ali na larga expansão de todo seu sonho, na insaciavel embriaguez do seu temperamento sitibundo de Gloria, saudoso de Ideal? Como fora venturoso!

E o comboio mergulvava outra vez nas sombras...

Era assim sua vida.

Vida febril de revoltas e desfallecimentos em que a esperanza brilhava-lhe ás vezes, não como os arrebões de um dia que se ennubla, mas como a fresta de luar de uma noite que se ente-nebra.

A sociedade é exigente: elle pagou-lhe largamente o seu tributo.

Quantas vezes não tinha impetos de espedaçar o pincel, como um indio quebra para cempre a gloriosa flecha de combate?

Não o vi durante alguns annos.

Um dia parei sorpreso diante de uma casa de commercio: avistara-o dentro vendendo. Entrei.

Largo tempo conversámos. Elle ainda tinha a mesma febre de visionario a queimar-lhe o cerebro; o coração galopava-lhe ainda na mesma loucura de aspirações irrealizadas: todo um turbilhonar violento de idéias, de sonhos, suffocado na mortalha fria de uma indifferença forçada.

Caesara-e. Fóra escripturario. Negociava agora. Talvez d'esse modo podesse ganhar para aprender a pintura.

E sorrio com um laivo de resignação dolorosa, que me obrigou a scismar.

Estava ali mais um exulado da Gloria, mais um banido da Suprema Ventura.

O balcão lembrou-me a muralha de um forte, e deixei a casa com a impressão de um captiveiro silencio e tetrico, onde a alma cança e se abate como as azas dae aguias prisioneiras, e o corpo arasta-se, esphacelando-se

nas profundidades de subterrâneos húmidos e escuros...

Como era a vida triste!

E a felicidade ás vezes é tão pouco! Dessem áquelle homem um pincel e uma tala, e elle, traço a traço, nuvem a nuvem, embevecido, sorrindo, formaria o céu, o mundo da sua alegria, a região encantada, aberta ao vôo de seu espirito opprimido e melancolico, como os poetas, como os musicos, como os esculptores descerram das trevas de mysterio suas sublimes epopéas...

Felizes! sim! de uma felicidade sem egoismo.

Quantos segredos inexprimíveis, quantos pensamentos inenarráveis, quantas emoções desconhecidas, não nos pintam, não nos traduzem, não nos acordam elles?

Vamos, soh seu influxo, sorrindo ou chorando, cantando ou em scismas, absortos, como somnambulos fugidos por instantes das terríveis realidades que nos acabrunham e esmagam.

Felicidade suprema que não seria dada a Parreiras sem ainda as maiores luctas e desgostos.

Sorria-lhe afinal a primeira esperança: matriculou-se na Academia de Bellas Artes, em 82, tendo para digno mestre Grimm, um aventureiro como elle, um como elle peregrino do Bello.

Então Parreiras pintou um estudo. Nove mezes depois, apartava-se de Grimm, em quem deixava, já não um sincero e habil professor, mas um amigo franco e dilecto.

Tinha recebido a lustração sagrada no templo da grande Deuza, adorou-a, exaltou-a fervorosamente e puro, como o mais devotado dos seus neocoros.

E ella, que enche de graças os grandes que se lhe prosternam, cobriu-o de bênção, deu-lhe a entrinçada fé vivificante dosromeiros da eterna jornada sublime.

A primisra exposição, em 85, fôra como um penetral deslumbrante do largo progresso artistico de Parreiras. Não se deteve, e em 86 gravavam mais fundos vestígios seu bello talento e poetica inspiração.

Depois—era o incansavel saciamento de Tantalos que se sente libertar, o entrever triumphos sonhados, a aproximação deslumbradora do Ideal...

E hoje, entre as muitas pessoas que se deliciam, contemplando os seus bellos quadros, poucas como eu, talvez sentirão no vago prescrutar de uma lembrança dolorosa, abrirem-se aquelles poeticos bosques, afundarem-se aquellas transparentes aguas, desmoronarem-se aquellas praias nitidas, num barathro largo e escuro, em cujo fundo o antigo pintor, o desesperado artista de outrora, estende os braços, avido de luz, tremulo de canção, e sóbe, sóbe ferindo nos farelhões as carnes gotteando sangue, como um condemnado de Dante...

Visão pavorosa que sempre me suggerem as bellas manifestações dos esforços grandes...

Negra e dolorosa recordação! em cuja carel mais saliente esplende a apothose dos gloriosos, que, ás vezes, entretanto, sahem, já tarde de mais, da medonha lucta, porque trazem no amago da alma, o golpe profundo e exterminador...

ALBERTO SILVA.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Sei que o publico fluminense está ha muito tempo de bocca aberta e de ouvido attento á espera da minha palavra authorizada sobre os ultimos acontecimentos. Já na semana passada eu sabia d'isso, mas na semana passada occorreu contra o chronista a circunstantia de não haver acontecimento nenhum. Estive para inventar um escandalo qualquer, um facto emocional, uma pagina de romance de Montepin, unicamente para servir ao leitor ávido e expectante o acceppe critico das minhas prosas.

Lembrei-me, por exemplo, abusando da minha qualidade de republicano furioso, de noticiar aos povos d'este presunto geographico da America, que sabia de fonte limpa ter sua magestade o imperador declarado que abdicava e collocava na graciosa mão fidalga da princeza D. Isabel as redeas da cavalgadura governamental. Depois, lembrando-me que isto era bem possivel de acontecer, resolvi não dizer nada: pois é sabido que a um chronista de reputação é unicamente permitido dizer das coisas que não podem dar-se, commentar os factos menos verazes e mais inverosímeis. Forrado d'esta doutrina sábia e commoda, preferi deixar os leitores de bocca aberta e de ouvido attento mais uma semana, e fugi d'esta pacata e patusca suicidiopolis, sempre heroica e sempre leal a S. Sebastião, seu patrono—pessoa unica que se pôde apresentar ao publico em trajas menores sem offender a provada pudicia de conservatorio dramatico.

Voltando agora a esta horrorosa rua do Carmo,—onde todos os dias pianos particulares, pianos mecanicos das ruas, realejos, sanfonas, grupos de musicos italianos e bandas allemães obrigam os moradores a convencer-se de que a musica é a condutora do tedio e do desespero,—li de corrida os jornaes da semana, e estou, portanto, informado de que o imperador continúa naquelle estado assás satisfactorio que todos conhecem e ninguém se atreve a confessar; mas que os medicos da imperial camara, reunidos em conferencia no palacete Itamaraty, resolveram aconselhar S. M. a sahir para fóra do imperio. A *Gazeta*, que nos deu esta noticia, não nos dá o parecer parcial de cada medico.

E' isto que me afflige e me tira o appetite. O que eu queria era saber a opinião do Sr. duque da Mottamaia, ao qual duque já por entre o murmúrio das florestas tijuquenses, os échos das confabulações suburbanas têm mysteriosamente chamado D. Pedro II.

E eu não me hei de admirar muito quando souber que o imperial carrapato... perdão!—que o imperial medico, favorito do imperador, atarrachou na cabeça inspirada, acima do bigode e da péra de valeta de copas, a corôa brigantina que nos campos do Ypiranga, a berrar o grito, Pedro I embulhou para sempre no pavilhão auriverde.

Estou preparado para tudo...

Acontecimento importante para o nosso commercio, e, portanto, para todo paiz, foi a velhacada da praça de Nova York, a famosa negociata do *café-papel*,

que deu á nossa praça, segundo me informam, um prejuizo de cerca de dois mil contos. Podia ser mais, mas confesso que esta quantia já me chegava cá para uns arranjos e ainda me sobrava para tapar a bocca insaciável do meu al-fayate, um moustro... Mudemos de conversa.

Com a transacção ficticia, de pura batota commercial, operada na praça de Nova-York, foram-se por agua abaixo varias casas d'aquella praça e é provavel que algumas da nossa não tenham *elasterio* sufficiente para resistir ao esticção. O nosso commercio de café estava muito lampeiro com os lucros do ultimo anno commercial e com a extraordinaria alta do genero, e agora esta occorrença não lhe deve ter feito muito bom cabelo.

Que se aguente e que prospere é o que nós todos lhe desejamos, porque todos, afinal, vivemos d'elle e por elle.

Foi cheio de terror e de espanto, com os olhos encandeados pelo assombro, que na *Gazeta* de quarta-feira li esta tremenda noticia:

«O Sr. vereador Candido de Carvalho, membro da commissão do mata-douro, vae hoje a Santa Cruz.»

Arrepiaram-se-me as carnes e o cabelo ao ler esta noticia terrível, e pensei vagamente em Frederico Barbaroxa, em Godofredo de Bouillon e em Ricardo Coração de Leão, seguindo heroicamente nas cruzadas á conquista da Terra Sancta. De repente, como um fatal presentimento, veio-me á lembrança a sorte de S. Luiz, rei de França, cruzado tambem, morto de peste em Tunis, em 1270.

E se—disse eu commigo, a tremer—e se, ao chegar aos terrenos inhospitos de S. Francisco Xavier, a peste se lembra de atacar o Sr. Carvalho? Que ha de ser do nós, pobres municipaes inermes, se a fatalidade nos arrebatou o maior dos nossos edis? Elle vae para Santa Cruz, vae cruzar! pensei, aterrado.

E vi desabar o imperio.

Mas o écho, ao longe, nos circulos physicos do som, veio providencialmente em soccorro da minha alma afflicta, trazendo-me aos ouvidos estas palavras consoladoras:

—Descança, Filindal; elle vae apenas—matar o bicho!

Desmaiei de prazer.

Pensei que havia passado a quadra negra dos suicidios, mas enganei-me; ainda na quinta feira se suicidou na casa n. 4 da travessa do Costa Velho o allemão Wilhelm Zenckell. Das declarações da esposa inferese que o motivo do suicidio foi a miseria: Wilhelm estava desempregado e doente.

E ainda ha poucos instantes me dizia aqui um amigo meu, que é capitão e litterato, que um membro da familia Rotschild se retirara da casa famosa, que é hoje o cofre do mundo, apenas com a insignificante quantia de noventa e seis mil contos!

Vamos ter um grande movimento theatral. Está a chegar de S. Paulo a companhia do Heller, está a chegar de Lisboa a companhia de D. Maria II, d'esta vez accrescentada com Brazão, incontestavelmente o actor mais brilhante de theatro portuguez.

E' realmente pasmosa a carreira do notavel artista. Conhecemos-o aqui, ha muitos annos, a representar galans ds

comedia; vimol-o mais tarde em papeis burlescos, como no *Fura vidas* e na *Timidez de Cornelio Guerra*, que elle representava a primor, com uma graça inexcedível, com uma naturalidade admiravel.

Mais tarde appareceu-nos actor dramatico, fazendo o romantico Antonio dos *Engetados*, um tanto exaggerado, pouco senhor de si, mas com muito talento e muito fulgor.

Foi para a Europa e voltou tres annos depois, representando na *Dora*, na *Maria Joanna* e no *Kean*. Era já um artista. Via-se hom que tinha estu lado muito o que o seu talento se modificara. No *Kean*, que é um papel de prova, foi admiravel e não nos fez ter saudades do Rossi.

Agora vem-nos actor tragico. Traz no repertorio peças de Shakspeare! E' o que se pôde chamar uma carreira complicada e gloriosa. E o caso é que a gente por mais que conheça o Brazão nunca chega a conhecê-lo bem. E' o artista mais susceptivel do progresso que eu tenho visto!

Com o Brazão vêm tambem os irmãos Rosa, já nossos conhecidos, e bem se pôde assegurar que é notavel uma companhia que traz tres notabilidades, além de varios artistas mais modestos, mas de muito merecimento.

Além d'estas companhias, vamos ter o Ferrari no Pedro II, com o tenor Masini e o barytono Kaschman; e consta tambem que o celere Ciocchi nos bade trazer a companhia italiana de operetas em que trabalha a nossa conhecida Preciozzi.

Vamos ter arte para dar e vender!

Estava eu terminando esta chronica, quando me vieram dar uma noticia tristissima: que fallecera José Tinoco, o antigo e sempre joven reporter do *Jornal do Commercio*.

Compungio-me extraordinariamente a morte d'aquelle buniasimo e jovial rapaz, colhido em plena mocidade, cheio de vida e de vigor, trefego e alegre sempre, activo, servicial, intelligente e honesto.

Acabou-se o Tinoco, celebre entre os reporters, successor das glorias do João de Almeida, terror dos collegas, que percorria sempre apressado, deslizando, a rua do Ouvidor, cumprimentando todo mundo, saudado de toda a gente, sempre sorridente e noticioso, sempre bem informado de tudo, e cantando tudo a rir, numa jovialidade desprocupada que dava bem para dez pessoas!

Colheu-o a molestia na Tijuca, no seu posto de trabalho e matou-o hontem ás 11 horas manhã. Ainda ante-bontem, ás 11 da noite, eu me encontrei com dois companheiros do inditoso rapaz, que me disseram muito alegres:

—O Tinoco está melhor. Está salvo.

Vimos agora de casa d'elle.

Eram as melhorias precursoras da morte.

Pobre Tinoco!

FILINDAL

PLEBISCITO LITTERARIO

Propuzmos em o numero passado á votação do publico o seguinte:

QUAL O MELHOR ROMANCE, QUAL O MELHOR LIVRO DE CONTOS OU NOVELLAS, QUAL O MELHOR DRAMA E QUAL A MELHOR COMEDIA DE AUCTORES BRAZILEIROS.

As respostas devem ter o maior laco-

nismo possível, sem se fundamentar o voto; mais ou menos assim:

Melhor romance — Tal, de Fulano de Tal. Melhor livro de contos — Tal, de Beltrano, etc.; depois a assignatura por extenso, ou, pelo menos, com o nome proprio do votante e um de seus appellidos. Não serão apuradas cédulas assignadas por pseudonymos ou por nomes evidentemente apocryphos.

Serão apuradas as cédulas que não trouxerem resposta a alguns dos pontos da questão; que, por exemplo, deixarem de se pronunciar acerca do melhor drama, ou do melhor livro de contos etc.

Não serão apurados os votos dados a redactores d'esta folha, podendo, no entanto, ser votados os seus collaboradores.

O plebiscito será encerrado no dia 11 de Agosto, sendo publicado no dia 13 o resultado final.

Todos os sabbados daremos conta da votação recebida durante a semana.

Na entrada do nosso escriptorio, em baixo, ha uma caixa em que poderão ser lançadas as cédulas, para menor incommodo dos votantes.

Se este plebiscito, que nos parece interessante, obtiver o agrado publico, proporemos outros, sobre o melhor poema, o melhor livro de versos, o melhor soneto, o melhor quadro, a melhor estatua, etc., de auctor nacional e outros sobre obras de paizes estrangeiros.

A REDACÇÃO.

PRIMEIRO LEITE

Flor do meu coração! mimoso fructo Do meu primeiro amor! Que ainda abraço, embalo, beijo, escuto... Por cumulo de dor!

Lembra-me sempre a estrella, cujo brilho Apenas entrevi! A mãe nunca se esquece do seu filho: Não me esqueço de ti!

Andorinha da minha primavera, Que te acolheste ao lar De quem, havia tanto, estava á espera De te ouvir gorgear!

Mas ao pousar no tecto d'esta casa, (Que sorte Deus nos deu!) Cobriste a cabecinha com a aza... Avesinha do céu!

E a mim resta-me a dor que me consome! Resta-me o meu pezar! Resta-me a terra fria que te come, Saúde sem par!

Foste a flor que ao abrir cahio da baste Logo pela manhã! E se é tambem em pó que te tornaste... Como esta vida é vã!

Como Deus nos converte em noute o dia, Em escuridão a luz, Em dor profunda a intima alegria, Em summa, o gloria em cruz!

Eras o meu enlévo, a minha gloria! E se ao menos tambem Se apagasse sua imagem da memoria Da tua triste mãe!...

Flor do meu coração, mimoso fructo Do meu primeiro amor! Que ainda abraço, embalo, beijo, escuto... Por cumulo de dor!

JOÃO DE DEUS.

Lisbôa, 20-2-87.

Falleceu, ás 11 horas da manhã de hontem, o antigo e estimadissimo reporter José Tinoco, digno e intelligente auxiliar da redacção do *Jornal do Commercio*.

Quem ha que não conhecesse o Tinoco? E quem dentre os que o conheciam deixaria de estimal-o?

Era trabalhador, activissimo, honesto, sempre jovial e prestativo.

Forte e bem disposto, nada podia fazer-nos prever que tão cedo perderiamos aquelle bom e querido collega e risinho camarada.

Pezames sinceros á sua familia e á redacção do *Jornal do Commercio*.

PALESTRAS FEMININAS

Ha muito tempo que não falo das crianças e as leitoras terão com certeza julgado que não sei cumprir o que prometto, que deixei em meio o meu pequeno curso de pedagogia infantil e mil couzas; não é assim? Sejiam até ao fim indulgentes, perdoem-me a falta e continuem a ler com paciencia os conselhos que eu desejo que sigam para a sua felicidade e dos seus fillinhos.

Tratemos hoje da formação do character, da firmeza e do valor da vontade que é a base do character, a verdadeira força do homem.

As crianças são naturalmente medrosas; não conhecendo quasi nada da vida, tudo as assusta e preocupa; as historias de bruxas e almas do outro mundo, com que geralmente as entretém e adormecem as aias, augmentam excessivamente o medo instinctivo das crianças, e atrophiam-lhes o espirito e o temperamento.

Para robustecer o espirito da criança é preciso que ella não creia absolutamente no sobrenatural; urge acostumar-a aos mil ruidos que se ouvem á noite, quando a cidade parece adormecida e a natureza fala; dizer-lhe que nada é mysterioso no mundo, que tudo tem razão de ser e explicação; que o que a assusta, o ruido que a faz abrir muito os olhos ou chegar-se ao seio da pessoa com quem passa a noite, mãe, irmã, ou ama, não foi mais do que o vôo de uma ave nocturna, ou o estalido da madeira da guarda vestidos, ou a barata que passeia rapida por entre os papeis amarrotados atirados á cesta.

É utilissimo familiarisal-a com a idéa da morte, ensinando-lhe que a morte é um somno tranquillo, sem sonhos, um repouso eterno; e, podendo ser, levál-a mesmo a ver pessoas mortas, dizendo-lhe:

— Vés? F. não se move, dorme, não vê, não ouve, não fala, não accorda nunca mais; d'aqui vão levá-lo para o cemiterio, onde o enterrarão, porque, como toda a carne morta, vão apodrecer e deitaria muito mau cheiro. Todos nós havemos de morrer um dia mas não sabemos quando.

É um grande erro falar aos pequeninos de immortalidade, de castigos infernaes, de purgatorios etc.

Para inculcar coragem ás crianças, para fazel-as fortes e ensinal-as a querer, o primeiro cuidado das mães deve ser habitual-as a considerarem a dor como uma condição da vida, que é preciso supportar com energia.

Cahir, disse um hygienista illustre, Mr. Fonnsgarives, é uma funcção da vida das crianças.

Não ficará duente o loiro anginho que é todo o vosso amer, formosa leitora, por ter os joelhos esfolados, a testa cheia de gallos, o corpo coberto de nodos negros... não; faz se homem, retempera-se, e prepara-se para as luctas futuras.

Geralmente as mães, ao verem cahir a criancinha correm, gritam, gesticulam, de modo a assustal-o deveras; depois, tanto a beijam, amimam, e lastimam, que ella comprehende que se tornou interessante e que é preciso prolongar o pranto para que se demorem tambem as caricias e promessas; torna-se exigente, calculando, pelo que alcançou, quanto proveito poderá tirar quando tornar a cahir... Infelizmente nem sempre a dor da criança é causada por um accidente; a enfermidade tral-a quasi sempre consigo. Teriam então as mães excellentes occasiões para ajudar os filhinhos a supportal-a com valor, assegurando-lhes que a dor vae diminuir, que, tomando com juizo o remedio e não chorando nem gemendo, ficarão melhores em pouco tempo.

Nos gemidos e lamentações de uma criança, pode sempre a enfermeira encontrar um pretexto para fazel-a sorrir e sentir-se melhor; mas as mães são fracas, são mais fracas mesmo que os proprios doentinhos: choram com elles, enchém-nos de beijos, de cuidados exagerados, de promessas, hinguedos e tornam-nos em poucos dias manhosos, fracos e insupportaveis.

A criança chetona e medrosa será um homem piegas, nervoso, pusillanime e cobarde.

É soffrendo stoiticamente as dores physicas, que se prepara a alma para os embates moraes.

Uma de minhas irmãs, que idolatro como se fosse minha filha, estava em minha companhia quando teve uma febre medonha. A adorada criança, soffria muito com o curativo do caustico que a sciencia julgava indispensavel, mas soffria caladinha, sem gemer quasi, por ter me ouvido muitas vezes, «que o gemido é egoista, é o desejo de que padecam tambem ouvindo-o, os que tem a felicidade de não estar doentes».

Uma vez vi-lhe os formosos olhos cheios de lagrimas e perguntei-lhe:

— Doe-te alguma cousa, meu amor?

— As costas... muito... mas disseste que é fraqueza gemer...

Quiz cobri-la de beijos, mas com o movimento que fez para corresponder-me, desarranhou o aparelho e a dor repentina arrancou-lhe um grito; mas soffocou-o subitamente, dizendo:

— Perdoa-me, sim? A dor foi mais forte do que eu... Apezar de angustiada contive-me e contei-lhe não sei que historia que a fez sorrir.

A criança loira de então, é hoje uma mulher forte; com uma coragem extraordinaria caminha sobre os espinhos da estrada com o sorriso nos labios, tendo para todas as dores palavras de conforto e esperanza. É meiga e intrepida; augelical e firme.

Filha, occulta aos Paes, para que os não affilijam, as dores physicas e moraes que a torturam; esposa será terna, dedicada e forte; mãe uma verdadeira educadora. Tenho essa fé.

ADELINA A. LOPES VIEIRA

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

O illustre mosenhor Luiz Raymundo da Silva Brito compoz um excellente livro consagrado aos alumnos da Escola Normal, e que se intitula *Ligões de Religião*. É um trabalho este que demonstra o alto cultivo intellectual de seu auctor e offerece, aos que têm de se dedicar a este estudo, clara comprehensão, privando-os de compulsarem varias obras, pois nelle estão tratados com lucidez os pontos dogmaticos e apontadas com o desenvolvimento necessario as diversas materias constantes do programma da respectiva cadeira na Escola Normal.

Rosas do Ermo — São uma colleção de poesias do Sr. Manoel Pinto Neves.

Prefacia este livro de versos o Sr. Dr. Carvalho Filho.

Antes de darmos nossa opinião sobre estas Rosas quizeramos saber por que razão o Dr. Carvalho Filho, todas as vezes que em seu prefacio tem de se dirigir ao Sr. Pinto Neves, trata-o de vós. É possível que este tratamento seja imposto pelo grande respeito que o Dr. Carvalho Filho tem pelo talento do poeta; uas é exquisto é mesmo um pouco pedantesco.

Das Rosas do Ermo poucas ha que sejam verdadeiramente rosas; mas em compensação, são muito—do ermo.

Não ha nellas o encanto dos trabalhos feitos com arte nem illuminados pelo fogo da inspiração. O poeta impressionou-se muito com os versos de Casimiro de Abreu (ainda ha d'estes!) e deixou-se levar pela onda das suas lagrymas, onda que apagou-a e que ha de aniquillar todo o talento do vate das Rosas do Ermo se este não enlilar de libertar-se quanto antes d'esta perigosa impressão.

Liberte-se, Sr. Pinto Neves, e de nos outras Rosas que, com certeza, não ficarão no ermo como as que acaba de publicar. E não se deixe levar pelas cantigas do Sr. Dr. Carvalho Filho.

Tem talento, quer ser poeta e, ao que parece, tem a falsa. Pois accenda-a e alimente-a com o estudo que ha de vel-a atear um fogarão de inspiração.

Com a faguhla litteraria dá-se o contrario d'aquella tal do latin... Sabe?... *Sciuntia contempla...*

Aquella, sendo despresada, apaga-se.

O Sr. Dr. Gama Roza acaba de publicar um livro importantissimo e que se intitula *Biologia e Sociologia do Casamento*.

É uma obra esta firmada sobre bases scientificas e que exige para a sua confecção grande somma de illustração e estudo apuradissimo.

As partes componentes d'este trabalho são tratadas e desenvolvidas com alta elevação de vistas e todas amoldadas á sciencia moderna. A sua primeira parte.—*Genese e evolução do casamento*, é uma excellent colllecção de dados historicos referentes ao assumpto e bellamente considerados, tanto quanto as exigencias do facto. Depois de toda esta concretisação historica dos usos e costumes matrimoniaes desde os velhos tempos até a nossa epocha, termina esta parte com uma synthese da evolução matrimonial.

Nas demais partes encontram-se analysadas e commentadas as materias referentes ao assumpto de toda a obra. Assim é que vemos com euperioridade de espirito o desenvolvimento ou antes a apreciação de varios ramos scientificos, taes como o *Casamento civil* e o *Divorcio*, a *Hereditariedade*, *Cruzamento de raças* e *Consanguinidade*.

Destacamos da ultima parte — *A familia*, a seguinte apreciação: «A familia acha-se, ainda, portacto, em virtude dos males da selecção matrimonial e social, em situação muito precaria; não preenche a sua missão; não favorece o movimento evolutivo; não é o que deveria ser, e o que será, o auxiliar das necessidades da epocha e o preparador das aspirações do futuro.»

A *Biologia e Sociologia do Casamento* é uma das melhores obras que temos lido sobre esta materia e de maneira alguma regatearemos nossos parabens ao seu auctor, que é um distincto cultor da sciencia no nosso paiz.

Recebemos dos editores Teixeira & Irmão, de S. Paulo, um pequeno volume em que se acham colleccionados, sob o titulo *Questão Grammatical*, todos os artigos de uma polemica levantada em 1880 entre o grande philologo Julio Ribeiro e o Sr. Augusto Freire da Silva, professor do Curso de Preparatorios annexo á Faculdade de S. Paulo.

Os artigos d'este ultimo professor appareceram nas columnas da *Provincia de S. Paulo*, da capital.

Os de Julio Ribeiro, impressos no *Diario de Campinas*, jornal de circulação menor que a da *Provincia*, foram pouco lidos. Só agora, com a publicação completa da polemica, podem ser apreciados, como todos os trabalhos do eminente professor.

Agradecemos aos incansaveis editores Teixeira & Irmão a offerta de um exemplar do folheto.

Está distribuído o primeiro fascículo, de oito paginas, da grande edição de luxo do *Guaraní*, com illustrações no texto e á parte, empreendida pelos arrojados Srs. Pedro da Silveira e Ernesto Guimarães. Traz um retrato de José de Alencar bem desenhado por ti. Jobansen e excellentemente gravado pelo Sr. Villas Boas, que também xylographou primorosamente as duas litrãas iniciais da dedicatória dos edictores ao Imperador e da introdução de Macbado de Assis, letras mui elegantemente desenhadas por Treidler.

O trabalho typographico é nitido e bem feito.

Achamos que é dever do nosso publico auxiliar o ousado commetimento dos edictores, concorrendo para que tenha uma edição luxuosa e digna do seu merecimento ou mais famoso dos nossos romances.

V. S.

NACIONALIDADE LITTERARIA

Abriamos espaço á seguinte carta porque o seu assumpto é interessante e pôde gerar curiosa discussão:

«Tendo lido no n. 126 d'A Semana um Anagrama poetico, sobre Os melhores poetas brasileiros permitta-me V. S. que eu ache que um dos nomes que entram na composição d'essa peça é nella intruso.

Retiro-me aos nomes de Gonçalves Crespo e Filinto de Almeida.

Em boa razão e são critério, Sr., um d'aquelles nomes deve d'alli desaparecer, porque um delles não pertence á litteratura brasileira, segundo prevalecer o critério dos que chamam a Crespo poeta brasileiro, segundo prevalecer o meu e de muitos outros, que chamamos a Crespo poeta portuguez.

Ha paridade de casos e circumstancias: Se Filinto é poeta brasileiro, nascendo em Portugal, Crespo é poeta portuguez; accrescendo que este seguiu a nacionalidade portugueza, tanto que gossu de direitos politicos em Portugal.

Porque chamam a Crespo poeta brasileiro? Porque nasceu no Brazil?

Muito bem. Mas porque chamam a Filinto, nascido em Portugal, poeta brasileiro?

A resposta dou-a eu: é porque tem poitado no Brazil, tem sido influenciado pelo meio brasileiro.

Se assim é, Crespo não pôde ser poeta brasileiro, porque poetou em Portugal e foi influenciado pelo meio portuguez. Logo, é poeta portuguez.

Crespo é-o, affectivamente, de direito, porque, quando não bastassem as razões acima adduzidas, bastava o facto da nacionalidade dello (não confundir com naturalidade) ser a portugueza; e, assim como a bandeira cobre a carga, a nacionalidade do homem é a de todas as suas manifestações.

De mais, Crespo, que foi para Portugal com 14 annos, não escreveu um só verso no Brazil.

Mas, dirão, tem poesias de assumpto brasileiro; logo, é brasileiro.

Risivel argumento!

De trinta e oito poesias das *miniaturas* só quatro, quatro só! são de assumpto brasileiro; bem como só o são duas, dentro as sessenta e duas dos *Nocturnos*!

São bastantes para darem tal nacionalidade a Crespo, que não a quiz?

E, vamos lá! quantas poesias tem Theophilo Gauthier de assumpto não francez?

Filinto d'Almeida não baptisou uma parte do seu livro com o adjectivo «Peninsulares»?

Ha no Brazil alguma peninsula? Está o Brazil em alguma peninsula?

So uma patriótica, permitta-me a expressão, fará com que um homem tenha tão curto critério que classifique como brasileiro a Crespo, ao mesmo tempo que classifica como brasileiro, também, Filinto.

O homem é producto do meio em que vive e nada mais, e a esse meio pertence. Se assim não fosse:

O Brazil não teria direito de chamar seus, como muito bem e de direito chama, a Gonzaga, Filinto, Barroso,

Rodolpho Bernadelli, e José Bonifacio, o grande abolicionista: porque não nasceram no Brazil; a França não teria direito de chamar seus a Girardin, André Chenier e outros, porque não nasceram em França!

Aplicando: Se Crespo, apesar de viver e morrer portuguez, não é poeta portuguez, porque nasceu no Brazil, Gonzaga e Filinto são poetas portuguezes, porque nasceram em Portugal; Barroso, o heroe do Riachuelo, foi almirante portuguez e é uma gloria portugueza, porque nasceu em Portugal; José Bonifacio (1) o grande abolicionista, é francez, porque nasceu em França; Bernadelli, o auctor do Christo e a Adultera, é mexicano, porque nasceu no Mexico; Girardin não é uma gloria do jornalismo francez, porque nasceu na Suissa; e André Chenier seria um poeta... turco! porque nasceu em Constantinopla!

Mas isso tudo, se assim fosse, seria uma monstruosidade, não acha, Sr. Dr. Valentim?

E ahí está ao que leva o argumento dos que dizem que Crespo é poeta brasileiro, quando elle é portuguez, portuguez como o que o mais for!

E... Mas é melhor fazer ponto final. Termine, Sr. Dr. Valentim, pedindo-lhe o obsequio da inserção d'esta *Semana* com o que muito obsequiará este

De V. S. admirador sincero,

INCOGNITO.

Córte, 1 de Junho de 1887.

DA «VIA-LACTEA»

XXXI

Por tanto tempo, desvalrado e afflicto, Fitei n'aquella noite o firmamento, Que inda hoje mesmo, quando acoso o ficto, Tudo aquillo me vem ao pensamento:

Sahia custo, o derradeiro grito Na alhoa abafando, sem chorar, violento... E o céo fulgia, plácido e infinito, E havia um choro no rumor do vento.

Piedoso céo, que a minha dôr sentiste! A aurea esphera da lua o Occaso entrava, Rompendo as leves nuvens transparentes...

E sobre mim, silenciosa e triste, A Via-Lactea se desenrolava Como um jorro de lagrymas ardentes.

S. Paulo, 1887.

OLAVO BILAC.

PAGINAS ESQUECIDAS

II

O POETA

Para que bem se possa julgar do valor d'este livro, é bom que se conheça a evolução intellectual que o gerou, a historia do espirito que o produziu.

Quando Raymundo chegou a S. Paulo, em 1877, levava um livro de cór e um

(1) O que deu a José Bonifacio a nacionalidade brasileira foi o mesmo que deu a Crespo e nacionalidade portugueza—a vontade propria.

Ambos, cada qual no paiz em que nasceu, eram filhos de paes estrangeiros não em serviço de seus paes; por isso podia cada qual optar pela nacionalidade do paiz do nascimento ou pela nacionalidade paterna.

E' principio de direito, admitido por todos os povos cultos.

Por isso, J. Bonifacio, nascido em França, optou pela nacionalidade paterna, a brasileira, e Crespo, nascido no Brazil, optou pela nacionalidade paterna—a portugueza.

Se o facto da opção de J. Bonifacio fôr-o, para todos os effectos, brasileiro, porque razão porque motivo, é de Crespo, feita segundo o mesmo direito e os mesmos principios, não o fará portuguez para todos os effectos?

Vamos lá: se este não é portuguez, aquelle não pode deixar de ser francez.

poeta no coração: — As *Primaveras*, e Antonio Feliciano de Castilho. Adorava o poeta do «*Amor e Melancholia*»; defendia-o, com respeito e entusiastica admiração, contra quem o accusasse de massador e de choramingas.

De Casimiro de Abreu, cuja indole, tristonha e contemplativa, lhe parecia irmã da sua, de Casimiro aprendeu a receita de metter em verso, em molho de lagrimas, as suas maguas e as do proximo.

Com o irradiante céo dos *Ciúmes do bardo* afeicou-se á forma pura e perfeita; com elle aprendeu todos os segredos e delicadezas da «*amã de obras*».

Assim se explica como nos seus versos,—ainda os mais antigos, os que elle fizia no collegio Pedro II, intercedendo por algum collega condemnado á *cafilá*, como V. Hugo pelos nihilistas condemnados á força,—nesses mesmos não se encontrava um só que reclamasse os cuidados de um *pedicuro*.

Os «*Primeiros sonhos*» que elle poz na rua em 1879, aos 19 annos, são um resultado natural d'aquelles dois factores. Não menos do que o proprio titulo, é significativa a epigraphe com que os encabeçava:

«Meus versos são suspiros de minh'alma Sem outra lei que o interno sentimento.»

(G. MAGALHÃES)

D'este livro diz bem o introduccionista das *Symphonias*: «... versos de adolescencia, em que não Hercules menino, mas Baccho infante, agita no ar os pampanos, á espera de crescer para invadir a India. Não posso dizer longamente o que é esse livro; confesso que ha nelle o cheiro romantico da decadencia, e um certo aspecto flacido; mas taes defeitos, a mesma affectação de algumas paginas, a vulgaridade de outras, não suprimem a individualidade do poeta, nem excluem o movimento e a melodia da estrophe. Creio mesmo que algumas composições d'aquelle livro podiam figurar n'esta sem desdizer do tom, nem quebrar-lhe a unidade.

E', pois, um livro romantico, morno, exagerado, doentio. Entretanto, apparece no fim do volume uma pequenina nota, honestamente perfida. Diz assim: «Reconheço que ha n'este meu primeiro trabalho litterario composições ridiculamente contrarias ao espirito da época. Entretanto, sem recorrer á idade de muita inexperiencia e pouco estudo em que, pela maior parte, foram feitas, ha ainda hoje quem aprecie, etc.»

Lembra esta nota um commentario caviloso, introduzido snobreticilmente no evangelho de S. Matheua pelo *principe das trevas*.

Foi por aquelle pequeno ponto que começou a carie da *Ideia Nova* a roer o edificio dos primeiros sonhos de Raymundo; depois o ponto fez-se nodoa, a nodoa tornou-se em chaga, e um bello dia:—*Catapuz!*

Mórrea o Raymundo dos *Primeiros Sonhos*. Não de todo, porque por mais dessemelhantes que sejam, de indole e de feição, duas obras de um mesmo auctor, ha sempre no fundo de ambas uma cousa commum, identica:—um pouco do sangue, da carne, dos nervos do escriptor.

E é isto unicamente o que existe de commum entre os *Primeiros sonhos* e as *Symphonias*. O temperamento ficou; mas o arrebique, a postigagem, a affecção desapareceram.

O melhor merecimento d'este poeta —merecimento precioso e não vulgar— consiste em não ser discipulo de Byron, nem de Hugo, nem de Baudelaire, nem de Musset, nem de Swynburne, nem de Leconte de Lisle, nem de Sully-Prudhomme; não é *impassível*, *satanico*, *parnaziense*, *realista* ou *poeta scientifico*; é simplesmente:—Raymundo Corrêa. Não nego que, em uma ou outra composição, mórmente nas da segunda parte—se possam encontrar vestigios da leitna d'este ou d'aquelle mestre; mas o *supra* creador, a *manière* não é de nenhum outro:—é d'elle.

Raymundo é uma alma profundamente poetica, e se a poesia é, como diz Shakspeare, «uma musica que todos trazemos dentro de nós»,—o que não quer dizer que todos possamos deltal-a para fora—é força acreditar que dentro do coração de Raymundo está aliada uma orchestra.

E' tão natural para elle—fazer versos, que, ao envez de Mr. Jourdain, de Molière, elle se admiraria aobremaneira, se alguém lhe dissesse—quo elle faz versos.

Nunca pôde fazer outra cousa. E bem pôde dizer como Ovidio:

«Quilquid tentabam scribere versus erst.»

Com esta indole intellectual e moral, com um temperamento altamente nervoso e com o profundo, sagrado, inviolavel amor á Forma,—amor, que lhe veio da leitura dos grandes artistas,—Raymundo não podia deixar de vir a ser o que é:—um poeta, na mais pura e elevada significação d'esta palavra.

E, como Bânville, elle pôde exclamar:

—Je suis un poete lyrique.

E não é outra cousa:—é um poeta lyrico.

No fim de contas, iato de *escolas* em poesia, quando não seja tolice, é, pelo menos, uma questão ociosa, inutil.

Só o que se quer é que o individuo saiba nos comunicar a musica que traz dentro de si:—seja ella de Verdi, de Chopin, de Wagner ou de Offenbach.

Soube elle passar a sua *musica*—de dentro de si para dentro de nós? E' o bastante:—E' um poeta esse homem.

Quem disse a ultima palavra n'este assumpto foi o grande Goethe:—Em realidade n poesia só comprehendem tres formas:—a epica, a dramatica e a lyrica; quanto aos generos, determinados por varias designações, elles não se definem pela sua forma essencial, senão por seu objecto e caracteres exteriores.

Não é, porém, este o logar apropriado ao estudo d'esta difficil questão. Basta que saibamos que o cantor das *Symphonias* é um poeta lyrico e dos mais delicados.

Os mais doces, os mais subteis, os mais preciosos aspectos da natureza, os caprichos mais vaporosos, os mais leves, matizes do sentimento humano—na sua expressão mais singela e mais rica—as sensações mais electricantes e mais artisticas da *carne*, todas inspiram o poeta das *Symphonias*, e elle nol-as transmite todas no seu bello verso, esponsanteo e perfeito.

Lêde o *Mal Secreto*, de que tanto gostou o Sr. Machado de Assis—um paladar litterario difficil de contentar-se. Que profunda e que amples philosophia! Todos temos pensado, todos havemos dito aquillo.

E, no entanto, ao lel-o agora, pelo soneto de Raymundo, parecemos que foi elle o primeiro a dizel-o!

Quão admiravelmente se retrata o poeta no derradeiro tercetto:

«Quanta gento que ri, talvez, existe
Quã venturs unia consiste
Em parecer aos outros venturosa!»

Abi o ten les todo:—com a sua observação commovida e perspicaz, a sua espontaneidade sobria e correcta, a suave meia-sombra, característica da sua indole poetica.

Lêde o *Anoitecer*, e vereis ainda mais em relevo essas qualidades:

Um mnndo de vapores no ar fluctúa:
Como uma informo nodoa, avults e cresce
A sombra, á proporção que a luz recúa...

A natureza apabica e maee...

Pouco a pouco, entre as srvores, a lua
Surge tremula, tromuls... Anoiteca!

E ainda mais no soneto—*A avó* que profunda e suavissima tristeza a d'aquella pobre velha, que, ao beijar, em um assomo de alegre toraura, o seu netinho, sente que, em vez de o contentar, a sua velhice assusta o innocente e que ás crianças já não inspira amor, ad inspira reeio»:

«Meu riso é hoje, acso, um momo tão sonhrio,
Que este infante que emblo, este que de mini veiu,
Que é meu neto,—este até, chora quando me ribz!»

E, como elle, comtudo, eu sou fraca, e, como elle,
Eu não tenbo também nem cabellos, nem dentes...

Ai! quando o vou beijar, porque é que me repelle
Este infante de .lbar e faces innocentes?!

E sempre, ou tanta quanto baste para

caracterisar definitivamente o poeta— aquelle traço de observação verdadeiro e sensibilizado, aquelle primor de forma, aquella brandura meio-tom de melancolia, raído levemente, muito levemente, de ironia.

Verifica-se se acaou me engano, lendo — *O vinho de Hebe, Beijo posthumo, Alfama, Vulnus?, Lagrimas romanticas*, lendo todas ou quasi todas as composições d'esta bellissima livro.

Não conheço outro poeta brasileiro que se lhe compare n'osta feição, especialissima.

Luiz Guimarães Junior é muito menos profundo e muito menos delicado. Existem, além d'isso, descuidados, defeitos de arte nos *Sonetos e Rimas*, que Raymundo não commetteria nunca. Ligeiras imperfeições: — um adjectivo mais proprio á rima do que á idéa, uma interjectiva extemporanea, sobejá, metida no verso para enchebello, uma idéa archaica, arrebicada com enfeite á moda; um verso errado ou manco, arrastando o joanete em meio de esbeltas companheiras...

Imperfeições perdoaveis, ora pois! — mas imperfeições, todavia, de que não, ou rara vez, pôde ar ser accusado o artista das *Symphonias*.

Ha, contudo, dois, poetas que apresentam certo ar de familia com este: — Gonçalves Crespo, no traço de observação exacto e sahoroso; e Alberto de Oliveira, na *touraure* do verso: impoecavel e singela, picada de um leve tic arcádico.

Mas o poeta dos *Nocturnos* é mais requintado, mais maneirados mais parnassiano do que Raymundo.

E Alberto de Oliveira, o adoravel poeta das *Canções romanticas*, esse tem uma esthetica mais complexa.

Onda bem se se conhece quão poderoso artista é Raymundo, é nos *Perfis romanticos*, s'ao sonetos que chamamos sensualistas.

São seis: *No jardim, No banho, Après le combat, Ouro sobre azul, Na penumbra, Plena nudez*.

Bellissimos; deliciosos!

Só uma grande alma de helleno podia fazer estes versos:

Eu amo os gregos typos de escultura;
Pagãs nús no marmore entalhadas.
Não essas produções que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e fresca
Os corpos nús; as linhas onduladas
Livres; da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas...

Não quero a Venus opulenta e bella,
De luxuriantes formas, entreveíl-a
Ds transparente tunica stravez;

Quero vel-a sem pejos, sem receios,
Os braços nús; o dorso nús, os seios
Nús... Tods nús, da cabeça aos pés!

Sente-se diante d'este soneto immortal, marmoreo, o que de véra ter sentido Apelles quando viu Phrynea, a Venus Anadyomena, sair nua da onda eleusina, torcendo, com os braços erguidos, os longos cabellos de ouro, gottejantes...

N' tão bello, é tão perfeito, que me admira profundamente uma cousa: — Theophile Gautier esqueceu-se de fazel-o.

Como quasi todos os modernos livros de versos, tem tambem este uma parte occupada pela musa civica, militante.

«Creio que o artista ahí é menor e as idéas menos originaes; diz o Sr. Machado de Assis; — as apostrophes parecem-me mais violentas do que espontaneas, e o poeta mais aggressivo do que apaixonado.»

Um outro critico, o Sr. Urbano Duarte, disse uma vez, a proposito das *Fanfarra*: «A Republica em verso é truculenta em demasia. Preferimol-a em prosa.»

Não ponho duvida em concordar com ambos — quer no tocante á escola quer a respeito de Raymundo.

Tenho, porém, certas considerações a expender, as quas, segundo me parece, modificam de alguma sorte a questão. A poesia civica, revolucio-

ria, ou de combate, tal como tem sido feita entre nós, é na verdade aspalhafatosa, *debordante*, eobremaneira truculenta. Faz um excessivo consumo de tyrannea, de sceptros, de padres, de purpuras, de algos, de sangue e de liberdade. Degota a cada verso um monarcha, enforca um padre ao fim de cada estrophe... Ora, este genero de idéas a de tropos poeticos, bem comparado com o actual estado politico do paiz, apresenta o contraste mais disparatadamente desafinado que se possa imaginar.

Realments, appellar de tyranno, monstro, Sardauapálo, espectro, algoz, despota execrando, e outros que taes epithetos a um bom monarcha barrigudo e pacato, lanhao e temente a Deus, que, em vez de degolar e esquarterar a «livida canalla, os miseraveis párias» para depois devoral-os em arrabalho, de parceria com a igreja, limita-se modestamente a mandar decapitar frangões, para comel-os em canja; que, em vez de perseguir os apóstolos da liberdade com a bayoneta e a espada, persegue-os ferozmente com a commenda da Rosa e a pasta da justiça; que, em logar de deitar fogo á cidade e ir tocar viola no Corcovado, emquanto o seu povo morre frito, sobe simplesmente ao morro do Castello para ver arderem as caulas dos cometas; ah! realmente é ridiculo.

Todavia, e considerando bem, essa especie de poesia truculenta, tyranica e demolidora, é mais util, mais bella, mais honesta e menos ridicula do que a poesia thuribularia, bajuladora dos thronos e dos báculos do Rei e do Papa. E' menos ridicula porque hoje, se já ninguém toma a sério a feroicidade cannibalesca das cordas feitas por Deus e pelos barbeiros — ainda menoa ha quem acredite na quantidade e na divindade dellas; é mais honesta, porque esses poetas não cantam para comer, como os seus estimaveis collegas — os bardos palacianos e de sachristia; que é mais bella como esthetica, não me parece indispensavel demonstral-o.

E', finalmente, mais util por duas razões: a primeira é que o servilismo posto em verso é o mais pernicioso das miasmas; envillece o cantor e o cantado, rebaixa, amasquinha, empesta a litteratura, decompõe os costumes, abandalba o gosto, deshonra o verso...

A segunda é que elle não produziu nunca uma grande obra artistica, nem poderá gerar senão monstros aleijados e horribéis. Não assim a poesia revolucionaria. Entre nós ella tem produzido alguns obras verdadeiramente bellas.

Lucio de Mendonça fez o *Consortio maldito* e as *Visões do abysmo*; Fontoura Xavier produziu *Tira-dentes* e este profundo alexandrino: «Linda ba de rir de nós o crente d'amanhã; Assis Brazil escreveu *O pesadelo* e os *Libellos a Deus*; Th. Dias *O rio e o vento*, composição a que, segundo diz um critico, ficaria para sempre celebre, se fossa escripta em lingua medianamente conhecida no mundo civilizado; Raymundo Corrêa deu-nos «A ilha e o mar» inspiração magnifica e grandiosa, que resgata de sobejo os defectos que se possam encontrar nas suas outras produções deste genero.

Consequentemente, sou de parecer que se deixe em liberdade a poesia revolucionaria: — que mate — com boas rimas — padres e reis, tyranos e despotas... E' uma occupação que não abala os alicerces das instituições nacionaes, nem perturba o somno á policia, e que, de vez em quando, produz uma obra prima.

Deus te dê, portanto, muitos annos de vida, ó poesia revolucionaria!

Sinto que devo concluir esta noticia, que já disse demasiado, mas que ainda não disse o que devia.

Extraordinario sentimento poetico, naturalidade fresca e deliciosa, vestindo formas impeccaveis, correctissimas, tão justas, porém, e tão leves que nem a idéa prejudica a vestidura, nem a vestidura acanha ou encobre a idéa; uma doce melancolia, levemente ironica, profundamente humana, entranhado sentimento da natureza, um mixto de graça e força, de luz e sombra, de bondade e capricho... Eis as *Symphonias*.

Ha em Raymundo um pouco de Musset junto a outro pouco de Gautier: é a poesia d'aquelle, o verso d'este.

E' lendo este livro que bem se com-

prehende a definição que á poesia deu Em. Deschamps: «pintura que se move, musica que pensa...»

A critica incumbe agora apontar-lhe as fraquezas, censurar-lhe os defectos.

Quanto a mim, resumo a minha opinião sobre elle em uma palavra: — Adoravel!

VALENTIM MAGALHÃES.

Pirahy, Janeiro, 1883.

GAZETILHA LITTERARIA

O Dr. Lucindo filho vae continuar a publicação das suas *Virgilianas*.

O nome do Dr. Lucindo filho, redactor de *Vassouras*, um dos melhores jornaes de provincia que conhecemos, não pôde ser desconhecido para a maioria dos nossos leitores. Além de ser frequentemente citado como sendo o de um raro talento blinado por forte e excepcional erudição, ha d'elle varios trabalhos publicados de alta monta sobre litteratura e medicina.

Destacam-se entre elles as suas magnificas traducções do inglez e do latim, linguas que o Dr. Lucindo filho — como bom filho de peixe — profundamente conhece. O seu trabalho mais recente é a publicação das obras posthumas do Visconde de Araxá, obras que elle prefaciou, biographando o seu illustre auctor. Infelizmente para as nossas Lettras o Dr. Lucindo filho é dotado de excessiva modestia e evita o mais que pôde abandonar o seu cantinho, que elle quer forçadamente obscuro, e tambem de um pouco de desanimo (quasi diziamos indolencia!). Para que publique alguma coisa é preciso que contra elle rebente uma conspiração... de amigos. Por este meio, quasi sempre seguro, vamoos obter a publicação da traducção de novas eglogas de Virgilio. As primeiras foram publicadas em 1883; apenas duas: *Aleris e Melibeu* (a 2ª e a 7ª). Esperamos que d'esta vez o illustrado e avaro traductor será mais generoso, assin como tambem esperamos poder brindar os leitores com uma amostra d'esse fino regalo litterario que as lhe está preparando.

Por estes dias devem ser postas á venda em S. Paulo *A comedia dos deuses* de Theophilo Dias, — larga paraphrase em verso da introdução do *Ashverus* de Quinet, e, aqui, os *Versos e Versões*, de Raymundo Corrêa, anciãmente esperados.

Dentro de vinte a trinta dias chegará de Lisboa uma nova obra da nossa collaboradora D. Julia Lopes. E' a segunda que publica, tendo sido a primeira os *Contos Infantis*, essa deliciosa contos para crianças que deviam ser adoptados em todas as escolas. Desse primoroso livro tambem foi auctora D. Adelina Lopes Vieira, que igualmente nos honra de ha muito com a collaboração, sendo os contos em prosa estcriptos por aquella e os em verso por esta.

Mas com os *Traços e Illuminuras* é que a joven *contense* vae firmar a sua reputação litteraria.

Concedendo boa parte dos contos que constituem esse livro, polemos reaffirmar ser elle um dos mais bellos no seu genero, publicados por escriptor brasileiro. D. Julia Lopes já não precisa da benevolencia gentil que é de praxe usar-se para com senhoras que tratam letras e artes. Tem talento e merito para ser criticada, e sem favores que a sua condição de senhora por ventura inspirase á critica.

Os elogios que se lhe fazem ou fizerem não devem, portanto, ser attribuidos a essa circumstancia, que tem, frequentes vezes, é certo, arvorado em poetas e prosadores de primeira ordem damas estimaveis e intelligentes, mas que melhor manejam o *crochet* que a penna.

O encantador espirito da joven auctora dos *Traços e Illuminuras* é um espirito de eleição, desses raros espiritos femininos dotados do formidavel poder de interpretar e pintar a Natureza, de falar com o coração ao coração

a com o raciocinio á razão, da fazer desabrocharem aorrisos e correrem lagrimas — por meio desse simples e pequeno instrumento, de tão modesta e trivial apparencia, chamado — penna.

Como G. Sand, como Mme. Akerman, como Mme. Adam, como Mme. Haudet, Julia Lopes pôde ser chamada um — escriptor.

Se este botocudesco paiz pulesse por ventura ver, em causas da intelligencia, duas pollegadas adiante do seu nariz rombo, e comprehender o qua valem as letras a asarta para a grandesa e progresso dos povos, elle se orgulharia de ter escriptoras como Narciza Amalia, Adalina Vieira e Julia Lopes, para citar apenas as que continuam a illustrar a nossa Litteratura com a actividade dos seus formosos talentos.

Em outro qualquer paiz, medianamente lido e digno de passar por civilisado, o livro *Traços e Illuminuras* seria laureado e ficaria popular e famoso.

Neste, terá, quando muito, algumas linhas piagas e anti-grammaticas nos noticiarios chiiros das folhas diarias.

Oxalá nos enganassemos!

V.

NOTAS PHILOLOGICAS

Entre as fontes historicas mais abundantes de etymologias vernaculas contam-se, com sensivel preponderancia, os nomes geographicos.

São notorias as derivações, hoje em dia vulgarizadas, de nomes patrios; e este processo de nominação é, como sempre foi, uma das correntes mais accentuadas do neologismo. D'ahi, os nomes de *peego, persicus; bayoneta, de Bayonne; meselina de Mossul; pergamino de Pergamo; arminho da Arménia; cobre de Chypre; gravata de Croatia;* etc.

Os habitantes da Lacedemonia por serem moderados no uso do fallar, legaram-nos o typo do *laconismo*. Os de Solos que afeiavam a lingua hellenica tem a memoria condemnada pelo *solecismo*.

O que, porém, é pouco sabido e crão que ignorado, é que, na sua quasi totalidade, os nomes de cães acclimados na peninsula iberica tem por etymozias as suas designações gentilicas.

As raças ou variedades mais vulgares são o *galgo, o sabujo, o alão, o podengo, o gozo e o perro*.

Os francezes conhecem uma variedade *épagneul*, vindo naturalments da Hespanha. O cão indigena da Iberia é evidentemente o *perro* (de *paitro*, metathese de *patrius*).

Além do *perro (canis patrius)*, as demais raças são estranhas.

Taes são, o galgo, *canis gallicus*, da França.

O gozo, *canis gothicus*, vindo com barbaros.

O alão, vindo com os scytas alanoa, da idade média (*alanus*).

O podengo, cão italiano do Norte, oriundo do Pó (*podincus*).

O sabujo, no cast. *subyero*, cão da caça da Saboia (*sabandus*).

A especie *perro* existe em Portugal; o nome está um pouco obliterado e tende ao obsoletismo. Em todo o caso existem derivados interessantes como *aperreiar, etc.*

Estas formas *galgo e gallico; gozo e gothico*, devem interessar especialmente aos collectores de divergenciaa phoneticas.

São materias extremes da qualquer auspeta e podem ser aprovaitados sem exame pela prudencia inventiva dos

nossos glottólogos. São observações de Knapp, ao *Commentario* do D. Quixote do Clemencin.

Por umas palavras com que de justiça me referi á *Grammatica* de Julio Ribeiro, ficou extremamente magudo o meu foro e terrível confrade musulmano o Sr. Said-Ali.

Peço-lhe mil perdões; aqui, como nas hespanhas, o em toda a christandade já ninguém pensou em endearar o toucinho e deprimir o infiel Mafomedes.

JOÃO RIBEIRO.

O SONHO DA SULAMITA

Creio que lhe ouço a voz... Ouço-lhe a voz do certo...
Eit-o ahí, — bem n'ô reço... eit-o que vem saltando
Os brancos alcaúts... e o infinito deserto,
Cégo, doudo de amor, desganhado, cortando

Como quem tem da edrça a alpede corrida,
E a rapidez da cabra... Eit-o, agora, postado
A janella, a fitar-me a face emmagrecida
E triste, com um olhar saudoso e demorado...

Ouço-lhe, ouço-lhe a voz, que me apostropha: «A minha,
Levanta-te do leito, ergue-te, ô cara amiga!
«Ergue-te, ô minha pomba! ô minha noiva! ô minha
«Querida! Vem tornando á placidez antiga

«O campo... Olha d'ahi por estes campos fóra:
«Tornam da primavera os vididos ardores;
«Foi-se a chuva; cessou completamente agora
«O inverno: abre-se o campo aos ninhos e aos amôres.

«Fulge, soabrindo o olhar, na agreste ramaria,
«A flor; da escuridão dos rufidos galhos,
«Que Maio veste, o rir das pombas anuncia
«Que alvorece a estação dos rusticos trabalhos.

«Olha: verga a figueira ao doce péso; os ramos
«Lançam da vinha em roda os perfumes ao vento...
«Levanta-te do leito! anda, formosa! Vamos
«A alvorada sorver d'esse renascimento!

«E aonde quer que nos leve a fortuna, o desgosto,
«Que eu te veja o que eu te ouço! e que te ouço e te veja?
«Que ai de mim! essa voz, e ai de mim! esse vésto
«São, filha, o résto e a ooz que a minh'alma deseja!

«A amo-nos u apañhar as raposas matreiras,
«Cujo dente nos rouba os vinhos deliciosos:
«Vamos, ô minha amiga! E' já temo: as primeiras
«Vozes piniam de rézo os parreiras frendosos...

«Isto lhe ouço; porque elle, o meu amado, é quanto
«Ha de bello e de bom que a minh'alma conhece:
«Como eu para elle sou virgens! o que ha de santo,
«O que ha de virginal que o seu labio appetite.

(D'O canticos dos canticos)

J. DIAS DA ROCHA.

THEATROS

MONTEDONIO

Segunda-feira, 13 do corrente, realisou-se no theatro Lucinda o espectáculo de beneficio e despedida do actor Montedonio.

Tendo vindo de Lisboa com a companhia dramatica de Furtado Coelho, ha quatro annos, cremos, aqui ficou, creando uma empreza dramatica mui accetavel, mas que, npezar do seu merecimento, teve de acabar, havendo o honesto e proveccto artista enterrado nella todas as suas economias.

Data d'ahi a macaca que o tem barbaumentemente perseguido.

Sem trabalho, sem contracto nenhum, — elle, um artista comico e dramatico de tão grande valor! que representa

alliano a extrema correccão, inexcedível, ostupenda naturalidade! — suoitou-se a fazer uma vingom com Souza Bastos, a representar papeis burlescos; viangom que lhe é de lamentavel memoria. Ultimamente adoeceu e gravemente, depois de haver passado pelo desgosto de ver enuiuar sua filha, a intelligente e estuliosa actriz Adeline. Parn ver se dá cabo da terrivel macaca vae para Pelotns tentar fortuna, estabelecendo-se ali como dourador o vidraceiro e tambem como actor, quando isso lhe puder render ali mais alguma cousa do que os dissabores e a pyndahiba que tão fartamente lhe deu por aqui.

O theatro estava replêto. Constou o espectáculo, alem da *Vespera de Reis*, de uma parodia do *Fuzileiro Apaixonado* pelo petiz Romeu Bastos e de algumas cançonetas deliciosamente cantadas por Cinira Polonio, da comedia em 3 actos, de Rangel de Lima — *Como se enganam mulheres*, em segunda representação. E' uma comedia muito interessante, delectada e bem feita.

No desempenho que foi geralmente bom, salientou-se a actriz Amelia de Bellido, que desempenhou o seu difficil papel com grande relevo, dando-lhe naturalidade, graça e sentimento; um dos seus melhores papeis, talvez o melhor.

Montedonio fez as suas despedidas ao publico, lendo — por não lhe haver permittido decorar a o seu máu estado do saude — a seguinte poesia. A seu pedido expressamente escripta para aquelle fim pelo director d'esta folha:

O ADEUS DO MONTEDONIO

Ha uns tres ou quatro dias,
Ha talvez uma semana,
Que eu dizia aos botões meus
Vir a Vossas Senhorias,
Em phrasa sincera e lhana,
Ao partir, dizer adeus.

Era isso cousa assentada,
Concluida, decretada
Como pr'ahi qualquer lei...
«Mas não hade ser em prosa»
Pensei; mas — sorte inditosa! —
Eu versos fazer não sei!

Sim, não dou para a Poesia.
— Comquanto adore os poetas
Com paixão e compaixão —
Mas foi sempre uma arrelia:
Em vão agito as vaquetas
No tambor da Inspiração.

Não sei fazer um terceto,
Que digo? Nem um dueto,
Nem um verso faço, enfim...
Eis que tenho uma lembrança,
Que me foi um sol d'esperança:
«Vou pedir ao Valentim.»

E fui; pedi-lhe a fineza
De logo, mais brevemente,
Alguns versos me fazer
Com que a vossa gentileza
E estina benevolente
Vir pudesse agradecer...

Disse-me: «Sim. Ora veja!
Não me custa nada! Esteja
Tranquillo. Venha amanhã!»
Mas — disse-lhe eu — cousa curta
«Que o seu bom effeito surta
«... Antes que rompa a manhã.

«Quero que, numa poesia,
«Mas em poucos versos, tligo
«Quando, a minh'alma contera
«De affeição e sympathia
«A esto boa gente amiga
«Que distinguindo me tem.

«Mas peço não se refira
«— Por um descuido da lyra —
«A' triste sina infeliz
«Que aqui me tem perseguido,
«A's trépas que tenho tido
«Nestê brilhante paiz.

«Mas dizer-lhe não se esqueça
«Que, emboira na garra edunca
«De sorte mesquinha e má,
Por mais que lute e padece
«Nunca se ha de epagar, nunce!
«A chamma que tenho cá.

«A grande chamma benedicta
«Que, a devorar-me, palpita,
«Como um fogo de vestal,
«Que se chama «o a-u-or da Arte»,
«Que brilha por toda parte,
«Serena, eterna, immortal...

Isso lhe disse e, tranquillo,
Fui-me emboira convencido
Que os versos havia ter;
E não pensei mais naquillo
Occupado e distraido
Em despedidas fazer.

Fui, pois, a h'iscal-os hontem.
(Os meus amigos não contem
Isto a ninguém, por favor)
Mas qual versos: tudo lérias!
Disse-me quatro pilherias
A mim varado de dôr!

Sabi fulo, furioso,
Vendendo azuis ás canadas,
Contra o logro desleal;
Maltisse o vate incuidoso
E todas as versalhadas
Do Parnazo nacional.

E ora aqui têm os senhores
Os transe e os dissabores
D'essa esparrella cruel...
Palavra? não tenho idéia
De haver feito ante a platêia
Tão desgraçado papel!

Mas visto o verso falhar-me,
Em prosa irei vos contando
O que seute o coração:
Vou a onde o Fado atirar-me,
Mas sempre vos dedicando
Amizade e gratidão.

Um dia, se por ventura,
Ameigrar-se a sorte dura
E da macaca o demonio
Deixar-me, teres de novo,
Generoso e grande povo,
— Noticias do Montedonio.

12-6-87

LUCINDA

Muito sympathica e auspiciosa a estrea da companhia de zarzuelas dirigida pelo Sr. Valentim Garrido, hontem, neste theatro.

Foi cantada a velha mas sempre bem recebida zarzuela *El maestro Campanone* letra de Difrancó, musica do maestro Ebarra.

A companhia não é de primeira ordem. Faltam-lhe muitos elementos para isso. O primeiro tenor — primeiro e ultimo, ao que parece — Sr. Manso, tem uma fraca figura, — baixinho, gordinho, cara inexpressiva — muito *anti-tênorica*, comquanto possuía voz regular e cante com methodo. Um tenorino supportavel. A primeira *triple* Sra. Plá, tem boa voz, flexivel e, com algum esforço, de bastante extensão; canta com desembaraço e afinado, mas não reúne as precisas qualidades para uma primeira *triple*; a segunda *triple*, — que, por signal, tem um magestoso busto, proprio para representar afigura symbolica da Republica — se canta, o que não cremos impossivel — não o parece.

Em compensação: — o baixo, Sr. Ramos, é de primeira ordem. Voz muito volumosa, bem dirigida e aproveitada habilmente, muita graça, sem exaggeros e grande naturalidade no jogo de scena; os côros são magnificos, perfeitamente ensaiados, entram a tempo, não desafinam e concorrem poderosamente para o bom effeito das passagens de vigor; o baryto, Sr. Garrido, que fez o *Campanone*, é um bom artista, de boa voz, e senhor da scena; toda a companhia mostrou grande certeza e segurança na representação.

O terceiro acto, especialmente, agradou muito, não só polo bem que foi cantado, como pela graça que ás mancheiras deu ao seu comico papel de poeta librettista... sem vintem, o Sr. Ramos — papel que lhe vae como uma luva.

A impressão geral foi boa. A platêia, reservada como é de seu costume em primeiras, e na de ante-hontem mais talvez do que em outras, applaudiu por vezes e retirou-se contente.

A um *diletante* dos mnis exigentes ouvimos dizer, á salida do theatro:

— *Sim, senhor, tem frequer.*
Cremos que o mesmo disseram quasi todos. Acresce que a companhia deu muito mais do que promettera mesmo porque ella não prometteu outra cousa senão cantar *El maestro Campanone*, deixando ao publico o cuidado de julgar se bem ou mal.

E' pois de esperar que, se continuar no mesmo nivel artistico da estrea, faça nqui uma carreira, senão brilhante, satisfactoria.

Hontem cantou a zarzuela *A tempestade*, poema de Carrion, musica do maestro Chapi, e hoje cantará a famosa zarzuela *El anillo de hierro*, letra de Zapata, musica do maestro Marques.

PRINCIPE IMPERIAL

A companhia do sympathico Adolpho de Faria mudou-se para o Principe, onde se estreou na quinta-feira com a opera comica *Os tres mosqueteiros*, traducção de Azeredo Coutinho, musica de Varney.

O Principe está agora todo catita, pintadinho de novo, com cadeiros, com camarotes fechados, com vasta galeria nobre e uma bella veranda.

Deram-lhe tambem uma cobertura para a entrada, o que é muito util ao publico em noites de chuva. Está, em fim, um theatrinho elegante e de bonita apparencia.

A peça agradou muito, principalmente os tres ultimos quadros, em que o enredo se torna assás complicado e interessante.

A musica, um tanto parecida com a dos *Mosqueteiros no Convento*, do mesmo auctor, tem trechos muito lindos e muito agradaveis, como o terceto do primeiro acto entre os tres mosqueteiros, o quarteto do 2º entre os mesmos e D'Artagnan, o bello dueto entre este e Constança e o terceto do terceiro acto.

A peça foi montada a primor pelo empresario, que um ensaiador *hors ligne*. Os scenarios de todos os cinco quadros são de magnifico effeito e d'esta vez podemos applaudir sem reservas os scenographos Coliva, que pintou os do 1º, 2º, 3º e 5º quadros e Frederico de Barros, que pintou o do 4º.

O desempenho foi muito bom e muito equal. Cinira foi graciosissima no papel de D'Artagnan, que cantou bem, ainda que com voz fraca; Blanche esteve muito feliz no de Constança. Herminia fez o diabo no de Armida. Peixoto foi um Planchet impagavel e Corrêa apresentou um bello typo no velho Bonacieux. Bahia fez muito bem o seu pequeno papel de velho e mulheril de Trévillé, e Colás, Eugenio e Germano fizeram com muito brio os papeis de Athos, Aramis e Porthos.

A peça está vestida com muito capricho e gosto e tem grande movimento de comparsaria.

O publico, que applaudiu com calor sahio satisfeito e é provavel que volte muitas vezes ao Principe.

A traducção do Sr. Azeredo Coutinho não é má.

RECREIO DRAMATICO

Faz beneficio na noite de 20 do corrente neste theatro a distincta actriz Helena Covalier. Subirá á scena a comedia *O Fiacre 217*. O nome da beneficiada, que tem sido tantas vezes applaudido pelos *habitués* do Recreio, é recommendação bastante para que o publico não falte a manifestar á distincta actriz, a prova de estima em que a tem concorrendo com braçadas de flores á sua festa.

P. PALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Foi muito concorrido o bello concerto, realisado a 8, no theatro Lucinda, pelo pianista cego Couto Cerqueira. O habilissimo professor foi immensamente applaudido, do que é merecedor porque, conhecedor das difficuldades da seu instrumento, vence-as com grande facilidade.

Para 20 do corrente está marcada a 10ª sessão de musica de Camera, promovida pela Sociedade de Quartetto do Rio de Janeiro, e que terá logar no salão do Conservatorio de Musica.

A reunião familiar que a mui acreditada e digna sociedade Club dos Tucanos realisou na noite de 11 do corrente, foi uma festa completa.

Esmerada concorrência abrilhantou os bellos salões, vendo-se immensa satisfação nos socios e convidados; á meia noite serviu-se uma lauta ceia em que se trocaram delicados brindes. Daçõu-se animadamente até ás 4 horas da madrugada.

A distincta directoria fez tudo quanto humanamente se pôde fazer para obsequiar os seus convidados.

CONCERTOS POPULARES

Realiza-se hoje, ás 10 horas, no theatro S. Pedro de Alcantara, o ensaio geral do segundo dos concertos populares, o qual se effectuará amanhã, ás duas horas, no mesmo theatro.

O programma, caprichosamente organizado pelo talentoso Sr. Carlos de Mesquita, director d'estes concertos, é muito attrahente. Nelle figura entre outras peças de merito o dueto de amor da nova e já celebre opera de Verdi *Othello*, que será cantado pela Sra. Marini Russo e pelo tenor Richard. É uma composição a um tempo encantadora e forte, de grande originalidade, e tem sido ensaiada com o cuidado que merece. Além d'isso far-se-á ouvir, a grande orchestra, a *Scena Dramatica* de Leopoldo Miguez, composição de alto valor artistico. É de esperar que este concerto não seja inferior ao primeiro.

Os folgazões e gontis políticos dão hoje um baile em seus salões.

A sociedade *Palestra Litteraria*, em Todos os Santos, realiza hoje a sua segunda diversão mensal, ás 8 horas da noite.

Realiza-se hoje no *Congresso Brasileiro* um sarau-concerto, que a julgar pelos que tem dado esta associação, vai ser uma festa excellente e brilhantissima.

Mais uma esplendida reunião dá hoje a *Sociedade Francaza de Gymnastica*. A's nove horas começará esta *soirée* e só pela madrugada é que terminará, naturalmente. Não faltará a esta festa brilho, *chic* e elegancia.

O *Congresso Gymnastico Portuguez* dá hoje uma festa de iniciativa. Isto é com certeza mais uma noite de rosas que vão gosar os seus socios e convidados. Pela nossa parte não deixaremos de galaa. Logo mais lá estaremos.

LORGNON.

JORNALS E REVISTAS

Revista do Ensino n. 11 (Ouro Preto). Contem excellentes artigos sobre organisação do ensino, instrucção publica em Minas e questões de grammatica portugueza. É esta encantavelmente uma revista bem escripta e que honra

sobremaneira os nomes dos seus colaboradores e redactores.

No dia 16 de Maio proximo passado, 61º anniversario natalicio de Camillo Castello Branco, *A Alvorada*, revista mensal, litteraria e scientifica, que se publica em Villa Nova de Famalicão, e de que é director-proprietario o Sr. Joaquim d'Azuaga, publicou uma polyanthéa em homenagem ao grande escriptor. Na primeira pagina um bello e grande retrato lithographado de Camillo; nas demais muitos escriptos em prosa e verso, dos quaes abre o festivo rosario o conego Alves Mendes, o grande orador e escriptor portuense com as seguintes altas e luminosas palavras:

« Vi um dia em certo museu de Hespanha uma soberba estatua: Fronte alta, peito secco, labios finos, olhos penetrantes, mãos setinosas, cruzadas como em presença do invisivel — um primor de Thorwaldsen. Havia em tudo isto uma expressão grandiosa, uma solemne immobildade.

Não a immobildade asiatica parecida ao sonho, nem a immobildade egypcia parecida ao deserto; mas a immobildade do extasis, a serenidade de enlevo, a fixidez do ideal — fundo e forma, materia e espirito concentrados, perdidos na visão indefinida, no deslumbramento ineffavel do que não desfallece nem morre.

Camillo, o colossal Camillo, tem muito desta estatua. Conquistou a gloria e está tranquillo. Antevê os posteros e contempia os contemporaneos, sereno e soberano como um triumphador. Logra o condão dos grandes genios: laureado e rutilantissimo, entrou em vida nas regioes da immortalidade. »
D'esse variegado e virente bouquet, oferecido por muitos admiradores ao grande Camillo no dia em que fez 61 annos de idade, trasladamos tambem, para outro logar d'esta folha, uma singela e commovida poesia de João da Deus — como todas as do grande cantor das *Flores do Campo*.

SPORT

A 4ª corrida realizada pelo Derby-Club no domingio passado esteve extraordinariamente concorrida, não só pelo dia, que esteve magnifico, como tambem pelo programma, que realmente era convidativo. Os pareos foram em geral bem preenchidos por animaes superiores, e regularmente disputados alguns d'elles.

Alguns *forfaits* foram declarados, que necessariamente abatarem a importancia que muitos pareos deveriam ter, tornando-os pouco interessantes.

Eis o resultado dos pareos:
No 1º pareo (1000 metros) Visiere em 65 segundos foi a vencedora por cabeça chegando Houbton e Lady juntamente com ella ao poste de chegada empantando estes dois ultimos para o 2º logar Ormonde chegou em 3º logar, tendo partido muito atrasado. Apollo e Rapid em ultimo logar. Gentleman e Prevenche não correram.

No 2º pareo — (1450 metros) Phenicia em 97 segundos facilmente venceu os seus adversarios Paraguaya em 2º e Derle em 3º logar. Siva e Olinda chegaram em ultimo logar. Rabelais logo ao partir perdeu o jockey, que da queda pouco soffreu. Daybreak e Babylonia não correram.

No 3º pareo (1600 metros) Argentino em 109 segundos foi inesperadamente o vencedor. Monitor que chegou em 3º logar correu lutando com Odalissa, desde o pulo de partida e obstando que esta pudesse alcaçar Argentino ao qual pareceu nos proteger para ter sido o vencedor. Rondello em 2º logar, Odalissa em 4º e completamente esgotada. Flotsam e Ibiguara chegaram em ultimo logar Plutus não correu.

No 4º pareo (1750 metros) pouca animação e importancia houve viste Sibylla que foi vencedora em 120 segundos, bater-se somente com Diva, que chegou em segundo logar, fazendo boa corrida. Macareu hesitante não foi considerado competidor pelo publico que já o conhece camoverbo de encher.

No 5º pareo (1600 metros) houve muitos *forfaits* que tiraram toda a importancia do pareo, correndo Mastin, que em 111 segundos foi a vencedor, fazendo má corrida; Madama, que chegou em 2º e Araby em 3º logar. Fils d'Artois, Speciosa e Catita não correram.

No 6º pareo—handicap— 2000 metros) foi vencedor Salvatus em 132 segundos, batendo Coupou, que desús o pulo conservou-se na frente até ao poste do vencedor, perdendo apenas por cabeça e fazeado uma bonita corrida. Constonos que Salvatus neste pareo correu para perder de Coupou, mas que foi o vencedor forçadamente e contra a vontade do seu proprietario que mais sympathia tributava a Coupou, tambem de sua propriedade, chegando elle em 2º logar. Em 3º Mirzador que chegou manco. Cheapside, Dignitaire e Ruy Blas vieram em ultimo logar. Boreas e New-York não correram.

No 7º pareo (1450 metros) houve má partida, dando como resultado muitas reclamações por parte do publico que incontestavelmente d'esta vez teve toda a razão para reclamar a annullação do pareo, visto Baccarat II estar correndo em sentido contrario quando foi dada a partida, que o juiz mesmo considerou infeliz. Consequencias prejudiciaes soffreu a sociedade com este pareo, que além de ser corrido quasi á noite, trouxe inconveniencias de toda a natureza.

Jenny foi a vencedora, em 104 segundos, seguida do Pretoria, que chegou em 2º e Sartarelle em 3º. Zephiro, Marengo e Medon, não tiveram classificação.

Realiza amanhã uma excellente corrida a sociedade Jockey-Club, cujo programma é esplendido pelos pareos que necessariamente serão bem disputados e interessantes pelos parceiros que nelles estão inscriptos.

L. M. BASTOS.

COLLABORAÇÃO

A' D. J. S. S.

Amanhece! Dos picaros do monte,
Vae se esvaando aos poucos a neblina;
Doura o sol a verdura da campina.
Ferve entre as pedras, manurosa fonte...

Eu não sei se vos conte, ou se não conte
Os jubilos d'esta bora matutina;
Tudo respira amor: a ave que trina,
O insecto, a flor, as mattas, o horizonte.

Mas a doce e singela melodia
Das ayes da floresta, essa alegria,
Que invade o coração e o faz contente,
Esse intimo fruir, essa magia

P'ra mim não têm senhora, mais poesia
Se, senhora, de vós me vejo ausente.

JOÃO MOTTA D'AZEVEDO.

O PRIMEIRO CUIDADO

Mal se abre a janella o quarto invade
Um sol primaveril e loudeteate.
Inunda-se o aposento n'um instante
De golfadas de vida e claridade.

Peles moveis a luz em liberdade
Brinca e ri. Sobre o leito provocante
Vaga ainda uma estrope fluctuante
De um idyllio d'amor e castidade.

Desperta a joven mãe e corre ao berçõ
Onde está o filhinho em sono immerso.
As cortinas de manso vae abrindo....

Linda dorme,— murmura debruçada;
Linda dorme— e alli fica arrebatada
A custo um loago beijo reprimido.

OLIVEIRA E SILVA.

FACTOS E NOTICIAS

SALLA DE PGRIMA

Realizou-se em a noite de 11 do corrente a inauguração publica da sala de sgrima do professor Vézin, na travessa do Ouvidor, n. 1, com a assistencia de grande numero de amdores e representantes da imprensa.

O programma, que se compunha de onze reptos, dividiu-os em duas partes, foi rigorosamente executado, e por tal forma, que não trepidamos affirmar que raramente se tem visto no Ria de Janeiro um assalto d'armas tão brilhantes, tão admiravel.

Todos os combatentes revelaram pericia extrema e notavel educação nas suas respectivas armas.

Seja-nos licito, contudo, pôr em relevo, os nomes dos Srs. Barros, amador habilissimo, jogando com equal proficiencia o florete, o sabre e o *épée de combat*; Fontouelle, tambem muito forte no florete e á *épée*, tendo feito com o primeiro, nesta arma, um assalto magnifico; Servillo Gonçalves, da Escola Militar, mestre consummado em todos as armas, notavel pela sua excelente *guarda* o maravilhosa agiltidade, quallides infelizmente prejudicadas pelo cansaço que facilmente manifesta; e Tallone, que atua ao sabre com imperturbavel calma e absoluta segurança. Os abalsados professores Vézin e Walborun revelaram brilhantemente que o eram, tendo-se empenhado em um combate ao florete que foi freneticamente applaudido.

Vézin tem agiltidade felina e extrema sagacidade; Walborun, já um tanto gordo de mais—é o destino dos mestres d'armas, como os tenores!—conserva ainda o seu jogo elegantissimo. Dois mestres, enfim.

Terminou o notavel ussalto por amistosos *sandwichs*, regudas por cordial e profusa cerveja. Parabens ao professor Vézin.

Parte para a Europa, an dia 21 do corrente, o Sr. commendador Antonia Augusto da Silva Costa.

CLUB NAVAL

Esta distinctissima associação, para solemnizar o seu ven terceiro anniversario e a posse de sua nova directoria, deu no sabbado ultimo uma festa excellent.

Fizeram-se representar quasi todas as marinhas estrangeiras. A's 7 1/2 horas da noite começou a sessão magna, que foi aberta pelo Sr. Capitão de mar e guerra Manhães Barreto. Seguiram-se com a palavra os Srs. Capitão-tenente Nascimento, que leu o relatório annual, e 1º Tenente Lemos Bastos, que em eloquentes palavras poz em relevo as vantagens da criação d'aquelle Club, assignalou os serviços por elle prestados e terminou fazendo o elogio historico dos socios fallecidos.

Foi empossada depois a nova directoria, figurando nella como presidente o capitão de mar e guerra Onstodio José de Mello, 1º secretario 1º tenente Ribeiro Espindola, thesoureiro o 2º tenente Estevão Adelino Martins, orador 1º tenente Lemos Bastos, bibliothecaario 2º tenente Francisco de Mattos, encarregado do museu o 2º tenente H. A. Telim Costa e como um dos directores o 1º tenente Benjamin R. de Mello.

Após a sessão magna, em uma das salas do Club levantaram-se varios e eloquentes brindes de marinha brasileira, á estrangeira e á imprensa, encerrando-se a festa com o brinde de honra levantado a S. M. o imperador. O Club estava elegantemente ornamentado e profusamente illuminado, o que lhe dava um aspecto imponente.

Verdadeiramente é o Club Naval uma associação que faz honra á classe a que pertence e pena é que muito dos nossos mais distinctos officiaes da armada se furtem a coadjuvar com a sua assignatura e presença a vida de tão nobre sociedade. A despeito d'estes indifferentes ha de o Club Naval trilhar estrada brilhante e impor-se aos seus congeneres da Europa, como centro de diversões de uma classe que tem nas mais fulgurantes paginas da nossa historia bellica a sua autobiographia e fulgurantissima coroa de estrellas.

Damos ao Club Naval as nossas ainceras felicitações, desejando-lho muitissimas prosperidades.

Na *Glace Elegante* continúa exposto o bello quadro «Salva de grande gala no porto do Rio de Janeiro», do distincto e pressado pintor J. B. Castagneto.

A exposição dos quadros de Antonio Parrsiras na sala do *Gremio de Letras e Artes* tem sido muito visitada e o distincto pintor felicitado pelos seus bellos trabalhos, principalmente pela sua grande tela *Efeitos de tempestade*. A exposição encerrar-se-á no dia 21 do corrente.

RECEBEMOS

— *Dissertação* sobre architectura em geral, apresentada á illustrada congregação da Imperial Academia das Bellas Artes por João Ludovico Mari Berna.

— *Revista Mensal* do Club de engenharia. anno I. n. 5. — Excelente.

— *Diccionario Extravagante*, leitura para rir, pelo Sr. Pedro José Ribeiro. Rimos-nos a não poder mais. E ainda estamos a rir...

— *The Rio News*—volume XIV — n. 16.

— Da casa David Corazzi os fasciculas 27, 28, 29 e 30 dos *Invisíveis de Lisboa*.

— *Brazil Illustrado*— anno I. n. 10 — Bom texto e boas gravuras.

— *Corymbó* — ns. 16, 17, 18, 19, 20 e 21. Muito bem escripta e com excellente collaboração é esta a revista mensal que apparece no Rio Grande sob a direcção e propriedade da distincta escriptora D. Revocata de Mello.

— *Relatorio* apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 2.ª sessão da 20.ª legislatura, pelo Exmo. Sr. Barão de Mamoré.

— *Relatorio* da Associação Protectora da Infancia Desamparada, apresentado em sessão de assembléa geral pela Directoria da mesma associação.

— Da casa *Au Petit Journal* o n. 21 do 12.º anno do *Salon de la mode*. Traz elegantes figurinos e moldes.

— Da nova e já conceituada casa *A California*, que hoje annuncia na nossa folha um bello sortimento de fazendas, recebemos uma Polka, com o titulo da casa, composição do maestro Mazarino Lima.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua dos Ourives, 51.**

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

A Chapellaria Inglesa—Este importante estabelecimento, o primeiro neste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes e ao publico que retirou da allandega as ultimas novidades em superiores chapéos inglezss. Rua do Ouvidor, 120.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade do Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«**O Municipio**» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Pharmacia Americana de Vicente Soverino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbese gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51— Em frente á rua da Quitanda.

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O **Hotel Derby**, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoo e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

F. Navarro do M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho—Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, no. 36

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Coas. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.



Grande novidade! E ha boje, Exmas. ! A passeio? E' verdade! Sahimos unicamente por não podermos resistir ás grandes pechinças que hoje annuncia a **California**, na **rua do Senador Dantas n. 4**. Onde fica essa rua? E' a rua nova, que principia no largo da Guarda Velha!

Já chegaram as grandes novidades em capas, côrtes de vestidos bordados e artigos de malha de lã para crianças e para senhoras.

Algodão muito forte, peça.....	18000
Morim para forro, peça.....	8600
Dito superior, peça 18200 e....	8800
Dito mais superior, peça.....	28200
Velludos de côr, adamascados.	28000
Bonitas lãs de todas as côres...	8500
Chitas muito largas, 360 e.....	8240
Batistes e percales, 300 e.....	8200
Carreteis com 200 jardas da melhor linha para machina.....	8050
Cobretores de lã, encarnados..	28400
Meias compridas em ponto de cordão, de côr, para crianças.	8400
Peças com 5 metros de renda de seda.....	8200
Renda de seda preta, larga. ...	8400
Rendas de todas as côres, 400 e.	8300
Colchas com franja, 28500 e.....	18800
Pentes para caspa, 200; alisar...	8300
Tapetes finos para quarto.....	28000
Paletots e water-proofs de verdadeira casimira (não é feltro) 158 e.....	108000
Renda de lã com fio dourado..	8500
Botões muito grandes, cada...	8100
Botões para vestido, duzia.....	8120
Oxford largo, a 240 riscados a..	8240
Lenções fortes, 18600, 18200 e....	8800

AOS BARATEIROS!

4 **Rua do Senador Dantas** 4

LIVRO DE SORTES

O *Gaio de Salão*, collecção de dispartes amatorios engracadiissimos em perguntas e respostas para paesa tempo das noites de fogueiras. Vende-se na rua ds Gonçalves Dias 33 e Ouvidor 66.

PREÇO 500!

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes, encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os géetos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiono e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, os-crophulas, rachitís, anemia, debilidade em goral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples do figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIREGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenções, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMOTOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 25 DE JUNHO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 130

REDAÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A Redacção.
A Semana.....	GUIL. MAR.
Os nossos artistas — III	FILINDAL.
Castagneto, poesia.....	J. LOPES.
Historia dos sete dias.....	L. DE MENDONÇA.
Plebiscito litterario.....	R. CORREIA.
Regina.....	DR. SAHRY.
Um humorista bahiano.....	O. BILAC.
Trecho de uma carta.....	FISCHIO.
Gazetilha medica.....	A. FIGUEIREDO.
Da Via Lactea, soneto.....	O. BILAC.
Casos paludosos.....	V.
Desengano, soneto.....	LOAGNON.
«Poemas e Hyljos».....	A. MENDES.
Gazetilha litteraria.....	A.
Festas, bailes e concertos.....	P. TALMA.
Desencanto, soneto.....	L. M. BASTOS.
Jornaes e revistas.....	
Theatros.....	
Sport.....	
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	28000.
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Para Campos, Macahé e outras localidades da provincia do Rio de Janeiro partio no dia 3 o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto Filho, tambem nosso agente, em serviço d'esta folha. Para o exito da missão de que está encarregado, muito contribuirão os serviços que lhe dispensarem não só os nossos collegas da imprensa como todos os assignantes e amigos d'A Semana, serviços que pedimos e antecipadamente muito agradeceremos.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 51, 56, 57 e 96 d'A Semana.

A SEMANA

Figura hoje em a nossa galeria de artistas brasileiros, Castagneto, o ex-não marinista, de que n se acha ainda exposta na Glace Elegante a ultima tela: *Salva de grande gala no porto do Rio de Janeiro* e que tantos e tão merecidos applausos tem recebido.

A caricatura é feita pelo nosso Belmiro de Almeida e é uma das mais felizes que tem produzido o seu lapis endiabrado.

Encarregou-se do artigo, para acompanhá-la, o Sr. Guil. Mar. (Guilherme Martins) que o escreveu em leves, despreziosas e engraçadas sextilhas.

A REDACÇÃO.

OS NOSSOS ARTISTAS

III

J. B. CASTAGNETO



CASTAGNETO

(LISBOA O IMPRESSIONISTA)

Era em Genova Soprava,
Rispido, ardente, o sireco!
O mar em ancia arquejava,
Em vagalhões, febril, louco!
Um grito n'escarcéu rompeu
E o Castagneto nasceu!

Rosada, loura criança
Nos'tava nos olhos seus
Do mar a furia e a bonança,
O raio e n azul dos ceus;
E tudo nelle dizia
Que o pintor do mar seria!

Elle sorria, soahava
Com ondas de argentea espuma,
Co's mãosinhas apontava
As nuvens, uma por uma!
Era instincto, vocação,
Era indomita paixão!

quando emfim pôde, contente,
Pela praia, á solta, andar,
Via-o, absorta, toda a gente
Para o mar olhar, olhar!
Contemplava-o com fervor,
Atractação, enlevo, amor!

Aim ao mar o Castagneto
Com os ciúmes de Othelo,
Quando sereno, mansueto,
Reflecte o céu calmo e bello,
Ou quando negro, agitado,
Féro titão revoltado?

Quando a onda suspirosa
Beija a praia curva e branca,
Ou quando a vaga raivosa
Do penhasco a pedra arranca,
Castagneto se estasia!
Fica doudo de alegria!

Quando o tufão ecrestando
Da vaga o dorso irrequieto,
Prmbhe-o de estar pintando
Sobre o mar, o Castagneto
Diz á onda que o persegue:
Vá pra o diabo que a carregue!

Arrufos de namorado?
Volta ao mar a calmaria
E elle, o artista, enlevado,
Nas azas da phantasia
Pinta e ha de sempre pintar
A calma e as fúrias do mar!

Ha quem diga que este artista
E' genuino italiano?
Genovez o João Baptista?
E' isso profundo ensano?
E' da terra do Cruzeiro?
Castagneto é brasileiro!

Sacré non! diz o francez,
Co'a mostarda no nariz;
Damnation! diz o ingiez;
O hespanhol—Caramba! diz.
Per Bacco! Dio! Accidente!
Pragueja o italiano ardente!

E o Castagneto, zaugado,
Tendo em cada olhar um rain,
Num timbre abarytonario
Dirá: Per Bacco? Escutai-o.
Se acaso algum typo o amola
Elle diz:— Ora pistolla!

E de envolta vem mais phrases,
Substantivos zolescos,
Que fazem rir ns rapazes
E corar ns prudhommesos.
Mas Per Bacco! nunca ouvi,
Muita vez zangado o vi!

Tem pintado muito estudo
Em pratos, em papelão,
Em téia, em trapos, em tudo,
Em tudo que encontra á mão!
Té quiz piatar uma núu
No rabo de um bacalhão!

Tem ganho muito bom cobre;
Mas quando elle tem dinheiro
Não ha mais parente pobre:
Elle é o Braz Thezoureiro!
Gasta o dinheiro, sorrindo,
Fica contente e... *timido!*

E' ambulante marulho,
Mas guarda um duplo thesouro,
De que tem um duplo orgulho:
A grande medalha de ouro
(Que ganhou na Exposição)
E o seu aureo coração!

GUIL. MAR.

Junho. 87.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O publico já sabe o que eu sou como republicano: extremado. Não admitto meios termos. Tomei parte com Desmou-lins, Robespierre, Danton e Mirabeau, na revolução franceza, e fui de sucia com Lafayette ali assim aos Estados Unidos ajudar o Washington na arrebentação dos grillhões; acompanhei Joaquim Xavier na historia da luconfidencia e estive com Bolivar na Bolivia. Teabo fama de levado do diabo, e os governos, quando lhes consta que eu estou na esquerda, — tremem. Sou intransigente em politica como o sou em religião. Padre para mim é bicho; rei para mim é monstro. Detesto a tyrannia, e todas as coisas bonitas que tenho dicto têm sido dirigidas á República e á Liberdade, as duas gloriosas filhas da Autonomia dos Povos, que, mesmo no estado perenemente virginal da sua natureza purissima, têm dado de mamar á Civilização e ao Progresso! O meu passado politico está para abi patente, ás claras, como exigia Comte; posso mesmo accrescentar que *Alguem* já me quiz corromper, offerecendo-me um logarsinho de lente de cirurgia na faculdade de medicina, uma coroa de archiduque, a senatorta pela Praia Grande e um *fauteuil* na Academia Fran-ceza; regalias e benefitorias que eu recusei nobremente, rachando o governo monarchico num apedido do Paiz e indo roer o pão negro do exilio lá para o alto de Thezopolis, em plena liberdade da natureza, longe das corrupções sociaes, do becco das Cancellas e da politica de corrilhos e de campaa-rio, que avilta e deshonra este paiz novo, prodigamente dotado pela natura de tudo quanto ha de grande, desde o morro do Pioto até ás photographias da Itapuça, incluindo o boqueirão do Passeio, o sabiá, o canal do mangue e o corpo de bombeiros.

Esta é a lucida e singela historia das minhas convicções politicas, e os que me accusam de terido a Santa Catharina de proposito para votar no Sr. Taunay, ignoram que eu fiz isso por interesse da Arte, que adoro e prêso, pois que me convenci de que o Sr. Tauney, desde que obtivesse a senatorta ficaria sem ter absolutamente nada que fazer e poderia, portanto, dar-nos mais algumas das famosas chopinianas, que eu nunca ouvi, nem ninguem ouviu, mas que todos affirmam serem famosas. Tendo esmagado a calumnia completamente, resta-me dizer que não posso ser suspeito de amante da monarchia e beneficente, como uma certa associação que ha por ahi, e que o meu grande correligionario em politica, Dr. Cyro de Azevedo, não pode seriamente iucupar-me pelo que eu

vou dizer a respeito da crise que atravessa presentemente a respeitavel familia reinante que está ao leme da nu do Estado:

Reftro-me á proxima viagem de S. M. o imperador. Que significa essa viagem repentina e, ainda ha pouco, inesperada? Assaltam-me us mesmas duvidas que teve o Sr. Ferreira Vianna.

Para acabar de restabelecer-se a saude de S. M., não era indispensavel deportal-o pna a Europa: temos aqui mesmo, a poucas horas de viagem, a risonha e incomparavel Thezopolis, com um soberbo clima europeu, frio e secco, capaz de dar vida a um morto, com todas as commodidades, com o hotel do Bibiano, com uma paizagem deslumbrante tendo por fundo a magestosa e pittoresca Serra dos Orgãos, com agua magnifica e com marmellos saborosissimos, quando reduzidos a goiabada. (Para ser agradavel ao Sr. Malvino).

Qual será, pois, o fim da viagem forçada de S. M.? Dir-se-ia que o governo tem intuitos revolucionarios, intentado assentar sobre os coxins do throno a augusta herdeira, sem precedencia da competente abdicção paterna.

Protesto. Isto não vae assim, e eu quero que o governo me mande dizer amanhã ou depois quaes são os seus mysteriosos intuitos e qual a rede das intrigas de corte que se estão a tramarnós paços das Larangeiras e nas ante camaras do palacete Itamaraty, á Tijuca.

Se o governo me não mandar as explicações que lhe exijo, o Sr. Barão de Cotegepe passará pelo desgosto de receber terça-feira as minhas testemunhas. Depois vou-me acolá a S. Christovau — e arraso tudo!

O S. deputado Dr. Affonso Celso Junior apresentou á Camara, no dia 22, um requerimento, perguntando ao governo se o Brazil pretende tomar parte na exposição internacional de 88, e, no caso affirmativo, quaes as providencias que tem tomado a esse respeito.

Emquanto aqui não chegou a noticia de que varios paizes monarchicos da Europa se recusaram a entrar no granda prelio, eu ainda acreditei que o Brazil se fizesse representar; mas agora, que o nosso governo tem esse exemplo, que é uma desculpa,—duvido.

Tambem, e aqui muito em particular, para que não nos surpreenda, enfurecido, o patriotismo auri-verde,—que diabo haviamos nós de apresentar digno d'aquella exposição colossal?

Alem do grão do cafeeiro, nós só podemos expor á Europa boquiaberta o Sr. Saraiva, como exemplo da honradez do homem levada ao desespero de se portar bem com o proprio alfaiate; o Sr. Castro Urso, como modelo da academia de Bellas Artes; a borracha bruta do Pará—porque em obra não seria aceita—; a rua do Ouvidor, a Constituição, e o actor Lisboa no Kean.

Certo que fariamos importante figura numa exposição pittoresca, original, exquisita, singlar, de raridades abracabrantes; mas na exposição de Paris—pelas barbas do Sr. Grevy!—nunca, senhores, nunca!

A rua do Ouvidor exposta em Paris!... Ora deixem-me rir até sabado que vem!

FILINDAL

PLEBISCITO LITTERARIO

A apuração das cédulas recebidas até hoje deu o seguinte resultado:

Qual o melhor romance?

O Guarany..... 3 votos
Vicentina..... 1 »
Memorias de um sargento de milicins..... 1 »
Luciola..... 1 »

Qual o melhor livro de contos ou novellas?

Papeis avulsos..... 3 votos
Historias sem data..... 1 »

Qual o melhor drama?

Mãe..... 3 votos
Antonio José..... 1 »
Os dois embuçados..... 1 »
Omphalia..... 1 »

Qual a melhor comedia?

Vespora de Reis..... 3 votos
Demonio familiar..... 2 »
Amor por anexins..... 1 »

REGINA

Encontreia-a a bordo do *Arawa*, o grande paquete escocez, que me devia trazer do Rio a Inglaterra.

Na vespera tinham-me dito:

— Vae ter uma bella companheira de viagem, a Regina Camargo.

— Sim?! exclamou a meu lado o Dr. Figueiredo, muito attonito; a Regina vae! e com quem?

— Com a avó.

— Deverás!?

E na physionomia de Figueiredo transparecia o desgosto.

— A Regina vae! a Regina vae! repetia elle, opprimido; mas de repente:

— E' impossivel! a baroneza está velha e não terá o mau gosto de viajar, só com a neta...

— Porque não? a baroneza foi sempre muito independente...

— Pois sim, mas... quer-me parecer, que está enganado.

— Affianço-lhe, doutor. Vi os passaportes no escriptorio da agencia...

— Mas quem é Regina? perguntei já mordida de curiosidade.

— E' a menina mais elegante das Larangeiras, disse o Figueiredo.

— E' a mais rica, observou o outro.

— E' a mais bonita, affirmou o primeiro.

— E' a mais instruida, concluiu o segundo.

E davam-me os parabens. Na verdade, não podia haver melhor companhia.

— Num longa e monotona viagem por mar, diziam todos. A Regina é talentosa, graciosissima, tem muito espirito e é amavel. Canta como um canario, e ri como uma creança... Adoravel a Regina. Verá!

— Eu conheci-a em Petropolis, disse n doutor, ha deis verões. Tinha sabido do collegio havia pouco; contudo parecia ter já longa pratica da sociedade. Vestia bem...

— Tem muito gosto, tem, interrompeu o outro.

— Dançava perfeitamente, representava comedias de salão com graça fina, leve, e uma ironia subtil, deliciosa! A baroneza retirou-se antes da chegada do inverno para o Rio, caçada de ouvir pedir a neta em casamento. Fez uma esplendida entrada no mundo social aquella pequena... Antes uinguem ouvira falar n'ella. Esteve nas Irmãs de Caridade até aos dezeseite annos! Dizem que a avó não queria perturbar o socego do seu silencioso viver chamando para juuto de si aquelle formoso diabrete...

— Amira-me o estar ainda solteira, objectava nm d'elles.

— Não lhe faltam noivos, mas... não tem querido. A avó a cada pedido que lhe fazem ri-se e responde: se ella quiser... pergunte-l'ho, meu amigo!

O amigo, ou não pergunta, percebendo a malícia, ou, se cabe na asneira de o fazer, ouve um não, entre duas risadinhas de crystal...

— É uma rapariga original; nunca se apaixonou...

— A primeira vez que entrei em sua casa, continuou o doutor, foi o anno passado; apresentou-me um amigo da familia o Araujo de Andrada, que...

— Sei, sei...

— Bem, pois foi elle quem me levou lá. Antes de entrar no jardim parei um momento indeciso, acanbado como um rapaz do quinze annos! Atravez da grade, mal enxada por uma trepadeira de perfumosas flores cor de leite, vi as janellas abertas do *rez-de-chaussée* iluminadas, e umas sombras, que se moviam lá dentro por detrás das cortinas de renda o que não pude distinguir bem. Arrastado pelo meu bom Araujo entrei. Passámos na verdade uma encantadora noite. Regina, mergulhada n'um fófo divan escafiado, de arabecos vivos, vestida de escuro, destacava-se magostosa d'aquelle fundo de tecido arabe. N'uma cadeira de balanço austriaca, em frente ao piano, a baroneza, recostada indolentemente, abanava-se com uma ventarola de palha, onde prendera um ramo de ipoméas cor de sangue, frescas e brilhantes. N'uma mesa, a um canto, conversavam alegremente umas meninas da vizinhança, amigas de Regina. Parece-me estar mesmo vendo agora a sala...

O Araujo tinha inimizade alli e apreseotou-me com phrases lisongeiros. Conversámos muito. A baroneza, que estivera longo tempo silenciosa, piscando os olhinhos myopes, voltou-se para o meu amigo (lembro-me tão bem...) e perguntou-lhe o que fizera da sua esmeralda, d'aquella esmeralda que era o encanto de toda a gente, e que elle não trazia no dedo havia já uns poucos de dias... Um aparte de Regina fez-me perder a resposta do Araujo. Quando voltei a ouvir-lhe, dizia a baroneza:

— Nós as brasileiras temos a mania das flores e das pedras. Eu por mim, confesso, sou grande admiradora de umas e de outras. Desdo creança professo o culto d'essa religião. O barão apaixonou-se por me ver sempre com um ramo de flores... e ainda hoje, apesar de velha, vejão, dizia ella, apontando para as ipoméas da ventarola, não deixo de usal-as. Foi por causa das flores e das pedras que allivi o meu luto de viuva, aliás tel-o-hia conservado até hoje; mas abandon-o no fundo escuro de uma gaveta umas saphiras, que estão mesmo a desafilar a luz, e deixar morrer nas roseiras umas flores esplendidas e dignas de uma viagem á rua do Ouvidor, seria crueldade indigna de uma mulher de gosto: não acha?

O Araujo dizia que sim, o que elle já notára o que a baroneza acabava de dizer, que nenhuma mulher mais do que a brasileira adora as scintillações das pedras e a graça gentilissima das flores...

Regina interrompeu a couversa com uma *romanza* de Denza.

Passéi umas horas realmente bellas. Dias depois voltei, e o fim de um mez... dizia-me a baroneza, concluindo uma conferencia que tivera connigo a sós:

— Se ella quizer... pergunte-l'h'o, meu amigo.

Pois saibam que fui sufficientemente tolo para lh'o perguntar, e por isso ouvi, como muitos outros, antes de mim, um—*não*—entre duas risadinhas de crystal...

Não voltei a casa de Regina; cortei, despeitado, declaro, as relações com a familia; vejo-a raras vezes, mas tenho pena que vá para a Europa.

Emfim, por um lado folgo, porque d'esse modo terá a minha querida amiga, disse, voltando-se para mim, uma bella companhia de viagem.

No outro dia embarquei ao entardecer. Uma bella tarde de março, aquella, quente e brilhante. Entreque n'essa occasião á tristeza da despedida, não reparei em Regina, que conversava rindo com diversos, que a cercavam lisongeando-a muito.

A 8 horas dirigiam-se para terra os amigos, que tinham vindo acompanhar ao *bota-fôra* os viajantes. Os escaletes cortavam a agua na direcção da terra; destacavam-se na sombra, como azas candidas agitando-se tremulas, os lenços em repetidos adeuses... Fomos deixando de distinguir esses signaes, a

que do alto da amurada correspondiam. A pouco a pouco, como figuras indecisas, perderam-se de todo na escuridade! O olhar então seguiu, seguiu a luz avermelhada da lanterna da proa do escaler, que se ia afastando, esmorecendo na distancia, extinguindo-se, como a luz do olhar do moribundo, perdendo-se ao longe, como uma saudosa estrella...

No dia seguinte subi cedo para o tombadilho.

O Sol mordia a superficie quebrada do mar, que faiscava luminosamente. Um ar livre, puro, forte, enfiava as grandes velas do *Araujo*.

Não ha nada mais salutar, mais purificador para as organizações doentias do que essas esplendidas manhãs de bordo.

Os pulmões dilatam-se áquella ar que enrija e queima a gente. A vista estende-se pelo azul limpo a fora, por todo o enorme globo transparente e brilhante.

A idéa do perigo de nos acharmos isolados n'aquella vastidão, como que lhe duplica o encanto...

Bello dia aquelle; as inglezas admiravam-no, trocando as suas exclamações gutturaes. Os passageiros vindos da Australia e da Nova Zelandia observavam attentamente os chegados na vesperta, do Rio.

Regina principalmente attrahia a attenção de quasi todos. Passeava de um a outro extremo conversando em inglez com o capitão, que a seguia ao lado, curvando para ella a cabeça e alisando com a mão direita a barba muito loira.

Elia ia olhando para a frente, para o espaço, sem reparar em ninguem; só quando o commandante falava, é que voltava o rosto, demorando n'elle os seus grandes olhos serenos e escuros, unitos oscuros.

Cançada naturalmente do passeio, Regina sentou-se n'uma cadeira de lona, despedindo-se com um gesto amavel do commandante, que, minutos depois voltou, trazendo um livro; ella riu-se, trocou ainda algumas palavras, e principiou a ler logo que elle desceu.

Um inglez a meu lado occupava-se então em desenhar Regina, n'uma folha da sua carteira; detinha n'ella o olhar, e retirava-o para o papel, onde com verdade e nitidez reproduziu n'uma miniatura graciosissima a sua figura gentil. Elia alli estava tal e qual, com o seu aroso vestido de xadrez muito simples e distincto; esbelta, fina, elegante; recostada na cadeira, mostrando sem affectação os pésinhos estendidos, bem feitos, calçados á ingleza, sapato de pellica de pequeno salto, atado com um grande laço no tornozello sobre a meia de seda preta.

O inglez, notando a minha curiosidade, entregou-me a carteira, pedindo-me que a folheasse.

— É o meu *intercambio*, affirmava elle; tenbo aqui o retrato de todos os passageiros... é uma lembrança de viagem como outra qualquer! e mostrava-me: olhe: aqui está o reverendo Mr. Cumbs, aquelle que lá vem...

— Perfeito! Mr. Cumbs... baixo, grosso, todo vestido de preto, com um chapéu de feltro de abas largas, a sombreado-lhe o rosto sem barba. Aqui esta, é Miss Moors... original!... cara de menina em corpo de rapaz, vestido escurido muito curto, gorro de velludo mal assente sobre o cabelo loiro-cinzento. Aqui, esta, é Miss Cumbs, irmã do reverendo; muito alta, muito magra chapéu coberto de cambraia branca e vestida com uma singeleza atroz...

— E este?

— É o medico de bordo, homem alto, gordo, corado, todo vestido de branco inclusivé os sapatos.

E passou-me deante dos olhos a galeria pittoresca dos passageiros todos. Agora, era uma pequena, filha de Mrs. Russel, Eva, com o seu anelado cabelo cor de fogo, olhos intelligentes, bibe elegantemente posto; d'ahi a nada um creado, o George, correcto, attencioso, bem perfilado, com o guardaapo pendente do braço... mais adeante, tres raparigas, irmãs de um negociante australiano, e australianas tambem, muito parecidas, e taoto que elle, não as distinguindo, confundia-lhes os nomes...

JULIA LOPES.

(Conclue no proximo numero.)

UM HUMORISTA BAHIANO

Entre nós, onde os humoristas são tão raros, mórmente na poesia; onde a soturna melancolia indigena estende-se tambem ás letras, em que tanto falta a alegrar-nos uma phrase que ria ou um verso que assobie, é verdadeiro achado o que nos mostram num numero do *Diario da Bahia* do anno pasado.

Vê-se que são versos feitos despreocupadamente, ao correr da penna, mas com faiscante jovialidade, a proposito da medida, tomada por um delegado de policia da Bahia, chamado Fortunato de Freitas, prohibindo as brigas de gallos.

O auctor, que tomo a indiscreta liberdade de appresentar aos vossos dous notaveis humoristas da prosa e do verso, José Telha, *ei-divant* Lulú Senior, e Arthur Azevedo, — se e que ainda o não conheçen, — é o medico bahiano Dr. Constantino Antonio Alves, seguido ouço a um bem informado leitor do *Diario da Bahia*.

Abi vão os versos.

Valeça, Junho de 1887.

Lucio de Mendonça

Ergam-se em paz as cristas,
Alegrem-se os poleiros,
E damnem-se os gallistas,
Surgiu a redempção... dos gallinheiros!

O' bípedes de pennas, exultae!
O' gallos, de razer estremecei!
Da policia no magico Sinai
Surgiu a nova lei.

Não queira o mundo ingrato
Chamar ao delegado de pascacio;
Contra tal injustiça protestando,
Pintos, gallinhas, frangos, *et reliqua*,
Irão cacarejando
O nome do ben-dito Fortunato,
Que é o Moysés do povo gallinaceo.

Anjo de paz e amor, tres vezes salve!
Por tua causa os pobres animaes
Se livrarão de tetricos horrores;
Eram outr'ora pobres gladiadores,
Nos luctuosos circos dos quintaes,
Ensanguentando as cristas a bicadas,
Da plebe provocando as gargalhadas.

Hoje, graças a ti, patrono excelso,
Aquelles desgraçados
N'o seio da familia
Vão comendo sem milho socegados.

Honra a ti, Fortunato,
Delegado ás direitas,
Fazendo leis tão sábias,
Não deves ser... de Freitas;
Has de ser Fortunato das Arabins.

Lança o olhar por todos os cercados,
E com pasuo vereis
Que fugiram os lugubres cuidades
Da orphandade e viuvez.

Não mais uma gallinha
Verá, sentida, o misero marido,
Que sahira de casa alegre e forte,
Entrar todo ferido,
Quasi ás portas da morté.

Dedicada consorte,
Graças ao Fortunato e á Divindade,
Não fitarás, em prantos e soluço,
Tua cara metade
Com chumaços de folhas de mastruço.

... do Fortunato,
salvando de sujeitos carneiros
Tantos paes de familia,
... de limo em deante a maravilha
da historia dos... poleiros.

Esboito frangilhote,
Romen de crista, ardendo no deço
De armar segno bote,
Ao som de apaixonado cacarejo:
Quando a asa arrastares docemente,
Ou quando após, inclado de vangloria,
Qual guerreiro valente
Cantares o teu hymno de victoria,
Dá mil *amens* ao nos-o Fortunato,
Deixa a vaidade que ten peito incla:
Graças áquelle sancto
E que *vozas* em calma esta pechincha.

Vamos, é já sahir: m dos cercados...
A quem de vocês todos se lembren
Rendam as unis honras e homenagens,
Façam *marche aux flambeaux*.

Vão alli a policia
Em grande romaria,
Alegre, mas ordeirs;
Transformem a banal secretaria
Em vasta caqueira.

E não podendo dar escrevaninha,
O' gallinaceos povos,
Pague, representantes dns poleiros,
A voça eterna gratidão... em ovos.

Trecho de uma Carta

(A CASPAR DA SILVA)

No teu excellente *Diario Mercantil* transcreveste o bello e criterioso artigo que, sob o titulo *Plagios e Plagiarios*, na *Semana* publicou o velbo e distincto amigo Valentim Magalhães.

Para merecer artigos como aquelle, que tu espontaneamente soubeste enriquecer com breves mas judiciosos commentarios, vale bem a pena soffrer todas as accusações e vituperios, que a maldade, a só maldade, possa inspirar aos corações onde fermenta.

Parece-me que o Valentim com toda a singeleza de animo e sem esses assomos de falsa e vaporosa erudição, que só mente aos inexpertos illudem, tornou, mais uma vez, claro e patente, que as obras de arte dos mestres insignes têm um fim mais elevado do que deliciar-nos o espirito e é educal-o; que não constitúe plagio fazer que floresçam, sem que desbotem, á luz de outro sol e sob a influencia de outros climas, bellezas de estranhas linguas, por ventura mais opulentas do que a nossa, nem o constitúe tão pouco ir beber nas grandes fontes da arte as inspirações.

O que lamento em tudo isso é que o objecto d'aquelle bello artigo sejam apenas os pobres fructos inoffensivos do meu trabalho.

Como vés, quaesquer elogios que elles tenham a felicidade de grangear, acaso, dos mais sufficientes em questões de litteratura, provocam sempre uma explosão do odio que, gratuitamente, me vota o Sr. Luiz Murat (é a primeira vez que escrevo este nome e quero bem que seja a ultima) que em um illustrado diario da Corte tem recentemente escripto uma série de artigos contra mim. Ao Sr. Murat não tem faltado pléua liberdade para dizer que tudo quanto eu escrevo seja um

plagio, como aos desapaixoados não falta o direito de afirmar e demonstrar o contrario; mas o que á boa razão d'estes repugna é ver transformadas sempre questões litterarias em questões pessoas e vice-versa.

Sabes que houve um tempo em que fui muito affeigado ao Sr. Murat, como a poucas pessoas o tenho sido. N'esse tempo algumas das poesias minhas, que o Sr. Murat incipia de plagios, eram por elle decoradas, recitadas e elogiadas com enthusiasmo e fervor immu-recidos; e se já então as julgava plagios, nunca teve elle a franqueza, e podia tello de m'o revelar, cousa com que, aliás, eu não me agastaria. Não sou dos mais vaidosos.

Vem a pello dizer-te aqui com inteira sinceridade, que, depois d'isso, eu nada concorri para merecer hoje o odio do Sr. Murat; não sei que tempo de idade tem já esse odio, nem como teve principio, nem que motivos sérios o o teriam determinado.

Alguns amigos, amigos mesmo do Sr. Murat, têm-no attribuido a intrigas, como se alguém, que se préze de superior, deva ter ouvidos para acolher-as, partam de onde partirem, e bocca para reproduzi-las.

Ha muito, que vivo fóra, estranho a qualquer luctas da imprensa e retirado da Corte, onde raras vezes vou e pouco me demoro, mas (é preciso que se note!) nem essa circumstancia da ausencia tem podido cohibir o meu generoso inimigo; ao contrario, no meu silencio é na minha reserva é que melhor se cêvam as suas desvaistradas coleras.

Declaro-te em summa, meu Gaspar, eubora já não valha a pena mais liquidar estas cousas, entre as quaes tenho permanecido innocente, como aute o lobo, o cordeirinho do bom velho Lafontaine: — nenhum mal fiz ao Sr. Murat! Não tenho culpa de haver encontrado, infelizmente, em meu caminho esse megalomaniaco.

O Sr. Murat já não está mais em idade, nem em condições de ser pueril e ocioso. Para mim tracta-se, pois, de um caso meramente pathologico e da exclusiva competencia dos alienistas. Ser amado ou ser odiado pelo Sr. Murat é uma fatalidade como qualquer outra, bruta e cega da natureza. Hoje estou convencido e estão todos os que o conhecem, de que o Sr. Murat não é responsavel nem pelos seus odios nem pelos seus affectos; é um espirito doentio, extravagantemente vario e versatil, que gyra sem consciencia á mercê das circumstancias, vem de onde sopra e vae para onde o arrasta a mais inconstante aura. Não é um homem, emfim: é um moinho de vento.

Parece-me que consegui dizer a verdade sem maltratar o Sr. Murat.

E repito para não ficar esquecido: é a primeira vez que me occupo com o Sr. Murat e desejo tambem que seja esta a ultima vez!

RAYMUNDO CORREA.

GAZETILHA MEDICA

Apreciando o diagnostico e a operação do abcesso do figado, dos Drs. Pedro Affonso e Barbosa Romeu, deixámos de citar algumas observações que sobre as *hepatites suppuradas* foram

feitas pelo intelligente adjunto de clinica cirurgica da Faculdade de Medicina, o Dr. Domingos de Góes e Vasconcellos.

Poucos dias depois da nossa pequena noticia chega-nos ás mãos um *Estudo critico e clinico dos diferentes processos cirurgicos de tratamento das hepatites suppuradas*, feito por esse habil profissional já bastante conhecido pelo seu amor ao estado e pelo seu grande espirito observador.

Não sabemos se foi a molestia ou se foi o egoismo que fez com que S. S. não nos tivesse enviado ha mais tempo o resultado das suas observações, que provam mais ainda a gravidade d'essa affecção, principalmente nos casos em que o fóco purulento attinge vastas proporções, e que demonstram a superioridade e vantage da dilatação immediata sobre todos os processos cirurgicos de tratamento dos abcessos do figado.

Sentimos que *A Semana* não offereça campo, mais, largo para podermos apreciar mais detidamente o presente trabalho, escripto com correção, apresentando duas observações muito cuidadas e terminadas com reflexões bastante seusatas sobre o processo operatorio seguido n'esses casos pelo distincto cirurgião, o Dr. Domingos de Góes.

O espaço de que podemos dispor para esta secção é muito pequeno excessivamente escassa.

O habil e illustrado clinico, especialista de molestias syphiliticas e da pelle, o Dr. Silva Araujo, enviou-nos tres fasciculos de seu *Atlas des maladies de la peau*, ornado de chromo-lithographias e pbilotypias, representando a *trichomychosis favosa*, *trichomychosis pustulosa barbo* e a *elephanacia*, tres casos de sua proprio clinica.

Descreve o Dr. Silva Araujo estas especies morbidas com muita clareza, apresentando o resultado de um tractamento seguido por S. S., todo racional e muito lisongeiro.

Agradecendo-lhe a sua offerta, promettemos ao Dr. Silva Araujo occuparnos mais tarde novamente com seu trabalho digno de leitura mais minuciosa e attenta.

DR. SAHÉN.

DA «VIA-LACTEA»

XLV

Pouco me peza que mofeis, sorrindo,
D'estes versos purissimos e santos:
Porque n'isto de amor e intimos prantos,
Dos applausos do publico prescindio.

Homens de bronze! Um haverá, de tantos,
—Talvez um só! — que, esta paixão sentindo,
Aqui demore o olhar, vendo e medindo
O alcance e o sentimento d'estes cantos.

Será esse o meu publico. E, de certo,
Esse dirá: — «Póde viver tranquillo
Quem ama assim, quem é assim amado!»

E, tremulo, de legrymas coberto,
Ha-de estimar quem lhe contou aquillo
Que nunca ouvio com tanto ardor contado.

S. Paulo.

OLAVO BILAC.

CASOS PATUSCOS

Em o *Novidades* de 18 do corrente encontrei a seguinte publicação a pedido, que me encheu de assombro e me obrigou a estranhas e profundas cogitações:

«AO PUBLICO

Acbando-me em divergencia com os Srs. Alcindo Guanabara e Francisco Guilherme dos Santos sobre alguns pontos relativos á direcção do *Novidades*, de que eu era um dos proprietarios e de que fui um dos fundadores, deixei de fazer parte da firma Santos, Guanabara & C. e retirei-me da redacção da folha, Rio, 18 de Junho de 1897. — *Moreira Sampaio.*»

Mais assombrado do que eu, no entanto, devia ter ficado o publico, porque, sem a declaração do Sr. Moreira, participando-lhe que deixou de fazer parte da redacção e direcção do *Novidades*, e de que era um dos seus proprietarios e de que foi um dos seus fundadores, o publico ficaria ignorando — Deus sabe até quando! — que o Sr. Moreira havia fundado o *Novidades*, que era um de seus redactores, um dos seus proprietarios e um dos seus directores.

O Respeitavel veio a saber que o Sr. Moreira entrara, sómente quando este lhe participou que havia sahido, e apenas porque lh'o participou. Se o Sr. Moreira não tivesse tomado esta suprema resolução, ai de nós! ignoraríamos ainda, talvez o ignorassemos sempre, que o Sr. Moreira fundara, adquirira, redigira e dirigira o *Novidades!*

Este facto, exquisito e singular embora, não é raro entre nós.

Temos muitos *moreiras*; quer dizer muitos jornalistas emeritos que redigem e dirigem folhas durante lustros, sem que se vonha a saber que o fazem senão pela sua morte, como tem acontecido com redactores do *Jornal do Comercio*, ou pelas suas declarações inteirando os povos de que *deixaram de fazer parte, etc...*

Mas o que me intriga sobremaneira, o que me dá voltas, viravoltas e reviravoltas ao miolo, é o mysterioso processo pelo qual se póde conseguir este absurdo resultado: trabalhar em uma folha durante mezes, durante annos, escrever nella noticias e artigos, redigil-a e dirigil-a, sem que ninguem venha a saber, a desconfiar, sequer, de semelhante cousa!

O Sr. Moreira escreveu em 128 numeros da folha, cerca de seis mezes, e, á excepção de S. S., de sua familia, dos seus amigos intimos, dos seus collegas e companheiros de trabalho, ninguem póde unca desconfiar daquillo!

Que diabo! Já é ser modesto!
E esta modestin assombrosa é o que me assombra.

Pois que! E' possivel que um jornalista como o Sr. Moreira, — porque o Sr. Moreira é um jornalista distinctissimo, que se affez ás luctas da imprensa em jornaes importantes, como *Os Botocudos*, *Fagundes e Companhia*, a *Rosa da Pureza*, a *Rosa Murcha* e outras rosas mais ou menos puras, — é possivel que um jornalista como o Sr. Moreira consiga redigir e dirigir uma folha *diaria*, durante seis mezes, sem dar d'esse facto ao publico o minimo indicio, o mais leve motivo de suspital-o? Que immenso esforço não empregou S.S para disfarçar o estylo — que elle tem primo-

roso e terso — para apparentar ausencia de idéas — que elle pare aos centos, luminosas e grandes — para reter e soffrear os jorros da sua grãça contagiosa, torrencial, amazonica, para emfim simular que *não redigil-a* e que *não dirigil-a*, elle, que dirigil-a e religil-a como tresentos diabos!

Oh! Modestia! Santa Modestia Milagrosissima!

O teu poder sobre o Sr. Moreira é tal que S. S. bem podia ter substituido a declaração supratranscripta por esta outra:

«AO PUBLICO

Acbando-me em convergencia com os Srs. Alcindo Guanabara e Francisco Guilherme dos Santos sobre todos os pontos, assumi com elles a direcção do *Novidades*, que com elles fundei a 25 de Janeiro do corrente anno, e do qual, desde esse dia até ao de hoje, fui um dos proprietarios, um dos redactores e um dos directores. Faço hoje esta declaração para poder participar nuanhã que deixei de fazer parte da firma, da redacção e da direcção do dito jornal.

Rio, 18 de Junho de 1897.

Moreira Sampaio.»

Todo o desejo e toda a intenção do nosso eminente Villemain foi tornar-se anonymo o mais que lhe fosse possivel.

E conseguiu-o inteiramente e com excepcional brilhantismo.

Parabens, portanto.

FISCHIO.

DESENGANO

Um vasto atelier de usada a architectura
Como os nobres salões antigos de Florença,
Inundado de luz, ornado á Renascença
De armarias, goblins, ceramica, e escultura;

Um harpa, um bandolim, um organ, um piano,
Grupados com desdema a um canto do salão,
Tentando harmonisar na mesma inspração:
O classico e o real, o mystico e o profano;

E a tela em plena luz mostrando, em grupo
ausiero,
A sciencia, o pensamento, a arte e o poetia:
Archimedes, Platão, Praxitelles e Homero,

E eu a trabalhar — ardente Prometteu —,
Tal é minha ambição... Mas ah! dura ironia:
Muito mais parecido a Tantalos sou eu!

AURELIO DE FIGUEIREDO.

Montevideo, 5 de Agosto 1886.

«POEMAS E IDYLIOS»

DE RODRIGO OCTAVIO, 1886 RIO DE JANEIRO

E' este o titulo que escolheu Rodrigo Octavio para o volume dos versos que compoz em 1886. Chega-nos ás mãos o volume belissimamente impresso pelos Srs. Moreira Maximiano & C., os impressores de Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Filinto de Almeida.

Creio que não ha, minhas senhoras, nenhuma de vós que não conheça o Rodrigo. Andou por aqui — poeta querido, rapaz adorado — frechando corações e recebendo homenagens, de amplo *sombreiro* desabado, capa hespanhola e rosa vermelha ao peito, — tão vermelha como

o seu alegre e illuminado rosto de dinamarque.

Estudou, formou-se; e hoje bacharel em direito e doutor em poesia. Não é capaz de dar a vida por Themis, mas é capaz de dar a vida e tudo mais a um simples aceno de Apollo. Como elle se prostraria aos pés da severa densa da justiça, se os seus olhos não fossem venludos, mas descobertos, raegalos, ardentes como os vossos, minhas senhoras, e se as suas mãos, em vez da dura balança, empunhassem uma lyra de ouro!

Fica melhor a gente quando encontra este rapaz. Nunca o vi sinceramente triste. Chegna, abraça, fala, papagueia, salta, recita, dá uma escandalosa risada, torna a abraçar e vai-se embora. E tudo aquelle movimento, todo aquelle riso, tudo aquillo está mettendo inveja a quem o vê e a quem o ouve: tudo aquillo está dizendo: — amo! tudo aquillo está bralando: — sou amado! Porque o Rodrigo é o poeta do amor: Estronlem as revoluções, desabem os imperios, periguem as instituições, perturbe-se o equilibrio europeu, acumulem-se calamidades sobre calamidades! Que tem isso? Offereçam-lhe a promotoria da Corte ou a coroa de imperador da China, a tudo isso elle ha de preferir um sorriso d'aquella que lhe inspirou os versos purissimos da *Lgra Azul*:

*Flôr das fôres, formosa entre as f. romosas,
Luz dos meus olhos, luz da minha vida,
Enches minh'alma, tenebrosa erida,
Do perfume selvatico das rosas!*

E que homenagens que lhe merece

Essa irmã das estrelas e das fôres

Não lhe basta offerecer-lhe estrophes cheias de sentimento e de amor. Eurlas, aperfeiçoas, como se as destinava a ornar a cabelleira negra de sua amante, reunidas num diadema esplendido.

E' preciso que seja notavel o talento de um poeta, para que o publico hoje tão arredado — ai de nós! — de tudo quanto é poesia, tolere e applauda os seus versos. Rodrigo Octavio já conseguia vencer a impassibilidade publica: é quasi um poeta consagrado. Verdade é que para a sua consagração ainda falta aquillo que já Raymundo Corrêa e Alberto de Oliveira conseguiram: a inveja e as descomposturas dos criticos da terra. Isso virá com o tempo.

O seu livro de estrêa — os *Pampinos* — mereceu censuras justissimas.

Não obstante revelar, de quando em quando, sentimento, era, em geral, um livro frio, sem estylo original, bastante defeituoso.

Nos *Poemas* e *Idyllios*, o talento de Rodrigo Octavio, unis desenvolvido, mais firme, já apresenta produções excellentes, versos que commoem porque são sinceros, e não de durar por muito tempo porque são correctos. Ainda ha defeitos, incontestavelmente, mas poucos e pouco importantes. E para tudo dizer em poucas palavras: que excellente e perfeito livro vou ser o que o Rodrigo publicar depois dos *Poemas* e *Idyllios*!

Não ha aqui occasião nem espaço para analysar detidamente todas as peças do volume. Basta dizer que o conjuncto do bom e demonstra o grande progresso intellectual que o joven poeta tem feito depois da publicação dos *Pampinos*. Demais isto não é um artigo de critica: simples noticia despretenciosa de quem é duas vezes irmão do Rodrigo. Irmão em Apollo, porque ambos temos a mania da rima, e irmão pela amizade que me liga aquelle louro e adoravel rapaz.

Devo comudo citar muito especialmente o *Ultimo Beijo*, o *Bebedo a Fabula mystica*, o *Noite no Egypto* e o poemeto dramatico *Amor*.

Nesta ultima peça ha a revelação de um certa tendencia e aptidão para o theatro. O entrecho é simples. Tres personagens, um amigo brutal e beberão, uma esposa virtuosa e infeliz — bello typo vasado no mesmo molde d'aquella deliciosa Mme. de Arnonx da *Educação sentimental* de Flaubert — e um amante... como todos os amantes. O pequeno drama gyra em torno d'esses tres personagens, pondo em acção a eterna lucta entre o amor o o dever. Vence o dever afinal; mas aquelles versos não fazem mais que celebrar o poder e os encantos do amor.

Não seria digno de louvar que Ro-

drigo Octavio aproveitasse a nptidão que mostra para o theatro?

Para concluir, direi que, se os *Poemas* e *Idyllios* não constituem um livro destinado a servir de modelo e exemplo, podem ao menos occupar um lugar saliente entre os livros da moderna poesia brasileira.

Agora, para regalo das musas e para delicia vossa, minhas senhoras, devo pedir ao meu charo Rodrigo que continue toda a vida a cantar, mesmo porque

Quando se canta vai melhor a vida.

S. Paulo, 18 de Junho de 1857.

OLAVO BILAC.

GAZETILHA LITTERARIA

VERSOS E VERSÕES

Ella, finalmente, entregue a luz publica a nova colleção de poesias de Raymundo Corrêa, — o nosso Theophilo Gautier.

Constituem os *Versos e Versões* um bello volume de cerca de 230 paginas, elegante e nitidamente impresso pelos Srs. Moreira, Maximino & C.

Tem este volume 77 poesias e é dedicado ao Illm. Sr. Francisco de Paula Balthazar de Abreu Sodré, digno e honrado sogro do poeta, a quem este dedica affecto e reconhecimento filiaes. Vae ser, enfim, satisfeita a ansiosissima curiosidade com que tem sido esperados estes versos admiraveis e estas primorosas versões.

Não tememos prophetisar falso dizendo que este livro obterá loudissimo successo e que produzirá em nosso exiguo circulo litterario profundissima impressão, tal como pouco tem logrado produzir.

Subemos que tencionam escrever dos *Versos e Versões* — Lucio de Meudonça, Olavo Bilac, Urbano Duarte, Capistrano de Abreu, Arthur Azevedo, Ezequiel Freire e outros criticos de equal reputação. Do proximo numero uma pagina será occupada com a transcripção de algumas das mais bellas peças do livro.

Uma boa noticia: — Entrou, afinal, para o prelo a *Filha do Conselheiro*, o ultimo romance de Aluizio Azevedo.

E de crer que a tenhamos brevemente a conversar conosco, em agradavel e intimo *tête à tête*.

V.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

O Real Club Gymnastico Portuguez deu no sabbado passado um grande baile em seus salões.

A festa começou oor um breve e bem escolhido concerto, em que foram muito applaudidas as Exmas. Sras. DD. Elvira e Alzira de Carvalho, Amelia Tavares e Carlota Garcez Palha, e os Srs. Lngos, Felix, Althemiro e Carneiro.

Em seguida foram entregues as medalhas de ouro e os premios aos vencedores do concurso de tiro ao alvo.

D. E. de Oliveira, A. de Albuquerque, Vieira, Machado, Paiva e Jardim representaram a comedia *O diabo a quatro*, cujo desempenho foi, com justiça, applaudidissimo.

A esta representação seguio-se um esplendido baile que só terminou pela

madrugada do dia seguinte. A directoria foi de um amabilidade e uma gentileza sem eguaes.

O Congresso Brasileiro realizou na mesma noite um esplendido e magnifico festival.

Houve um interessante torneio de bilhar e um soberbo concurso de tiro ao alvo.

Neste concurso foram vencedores os Srs. Cardoso de Almeida, que teve por premio uma pitaira de ouro; Augusto Brito, que recebeu um alfinete camphieu; e Mario Ramos, que obteve um luado alfinete de fantasia.

A estas provas dos socios seguio-se um grande baile, animadissimo e prolongado, que começou por um esplendido concerto, em que os amadores foram immensamente victoriosos.

A directoria soube ser de uma notavel distincção com os seus numerosos convidados.

Festa imponente e deslumbrante foi tambem a do Congresso Gymnastico Portuguez. Os salões estavam eufetados com muito gosto e brilhantismo e a grande quantidade de socios e convidados que os enchem litteralmente, movendo-se nas danças com entusiasmo, davam a tudo um aspecto magifico e feérico.

A festa começou por bellas corridas a pé, em velocipedes e em patins, corridas que estiveram interessantissimas, e em que muito se distinguiram os socios da distincta associação. Terminadas as corridas, uma commissão de senhoras fez entrega dos respectivos premios aos socios vencedores.

Houve uma lauta ceia, servida com muito capricho e cuidado, em que se trocaram varios brindes.

A directoria não pôde ser mais amavel e gentil para o grande numero de convidados que assistiram ao brilantissimo sarão.

SOCIÉTÉ FRANÇAISE DE GYMNASTIQUE

Tambem esteve encantador o baile trimesnal dado por esta sympathica associação na noite de 18. Grande concurrencia de familias, socios e convidados, entre os quaes os quaes S. Ex. o Sr. ministro de França e seus secretarios, abrilantava a festa que, como todas as realizadas pela amavel colonia franceza, deixou bellissimas recordações aos que a ella assistiram.

P rubens nos distinctos membros da Societé Française por este triumpho conquistado para a sua historia social.

CONCERTOS POPULARES

Realizou-se no dia 19 do corrente, como estava annunciado, o segundo d'este concertos, incontestavelmente destinados a prospera e gloriosa carreira.

O estar o vasto theatro S. Pedro quasi intiramente cheio significava que no terceiro não haverá lugar desoccupado.

Este facto seria bastante para aferir da excellencia destas *matinées* musicaes pois é sabido: primeiro, que o nosso povo não morre de amores por concertos; supporta-os quando muito, embora simulando decidido pendor para essas diversões; segundo, que o dicto nosso povo aos domingos, de dia, somente se abala de casa para ir as corridas.

Accresce que a concurrencia, além de numerosa, era escolhida, composta na maior parte dos frequentadores de concertos á noite, em dias uteis.

Baixasse o Sr. Carlos de Mesquita um pouco mais os preços, pondo as cadeiras a 2500, o que seria mui razoavel pois que concertos populares devem ser o mais barato que for possivel, e teria em todos elles, embora mais auxiliado, enchentes á cunha.

O programma d'esta segunla *matinée* habilmente escolhido, foi escrupulosa e brilhantemente executado. As peças que mais agradaram foram: *Dansa Macabra*, o estupendo e immortal poema symphonico de Saint-Saens, inspirado por uma original e bella poesia de Henrique Cazali; *A roca de Omphale*, outro delicadissimo poema symphonico de

Saint-Saens, a quem Arthur Azevedo chamou, em uma de suas interessantes chronicas literarias, *grãnde poeta*; o *minuetto*, de Bolgoui, que foi bisado, como no primeiro concerto; a *Marcha Hungara* de Berlioz, e a *Scena Dramatica* do nosso Miguez. O duetto de amor do *Athelo*, cantado pela Sra. Morin-Russo e pelo Sr. Richard, não agradou tanto como se esperava, naturalmente por ter sido destacado da opera e por não ter sido cantado com a expressão e o vigor requerido por tão difficil trecho.

Em summa: — um concerto magnifico. O terceiro realisar-se-á no dia 3 de Julho.

F. NASCIMENTO

Esteve-surprehendido o concerto d'este grande violoncellista e conservatorio de musica, quarta-feira.

O programma havia sido organizado com muita delicadeza e bom gosto. Começou pelas *Dances Hongroises*, de Brahms, piano, e 4 mãos, violino e violoncello. O Sr. Baptista Franco, que dispõe de uma boa voz de barytono, cantou com muito sentimento a romanza de Tosti *Nontanopoli*. Queiroz tocou ao piano uma deliciosa e delicada mazurka em *la* e uma *quotte* — *Caprice*, de muita excessão e brilhantismo. Em seguida Nascimento gauio no seu prodigioso violoncello o *Chant d'automne*, de Tschikowsky e o *Danse des Elfes*, de sua composição. Esta foi a peça capital da primeira parte, e nós aqui confessamos, nunca ouvimos musica que mais tocasse o seu assumpto, que melhor reproduzisse a acção e acompanhasso a idea caracteristica que a arte so propoe a expressar. A excessão foi primorosa, extraordinaria, soberba! Quem com aquelle assombroso sentimento e aquella inigualavel pericia se serve de um instrumento, tem pleno direito a ser considerado grande artista em qualquer parte que se apresente.

A segunda parte começou por uma peça muito original, a *Serenade*, de Schueneke, por 5 violoncellos, contra-baixo e timbales. Em seguida a distinctissima madrigal Mme. Riedy cantou brilhantemente um *thema com variações*, de Rode, peça de excessão difficillima, que foi magnificamente vocalizada.

Nascimento tocou ainda uma bella *Prière*, de Nepomuceno, peça de muito sentimento; e a *Filicuse*, de Popper, que é um mimo de graça e do expressão, e que foi executada deliciosamente, com superior talento. Terminou este notavel concerto pelo *Trio em sol menor* de Rubinstein (allegro, adagio, scherza e finale) por Nascimento, Cornicchiaro e Queiroz. É uma peça genial este *trio*, cheia de sciencia e saber artistico, de estylo largo, wagneriano, ao que nos disse um professional; mas estroardinariamente bella, belleza que foi realçada por uma excessão a miravel, soberba, ebrystallina.

Nascimento foi applaudido com grande entusiasmo.

Nós não lhe damos os parabens; damol-os aos que tiveram a fortuna de assistir á sua festa magnifica, elevada, distincta, digna de um grande artista, como incontestavelmente é Frederico do Nascimento.

Magnifica a ultima sessão da Palestra Litteraria, em Todos os Santos.

O espaço de que podemos agora dispor não nos permite registrar os nomes dos cavalheiros que pronunciaram discursos e recitaram escolhidas poesias.

Diremos apenas que a sessão foi brilhantemente concorrida e que, após a parte litteraria, dançou se animada, vertiginosamente, até á madrugada do dia seguinte.

Felicitemos a distincta directoria, agradecendo-lhe a fineza do seu convite.

SOCIÉDADE DE QUARTETO DO RIO DE JANEIRO

Continúa esta utilissima associação a proporcionar-nos excellentes sarás musicaes, como o que teve logar na ultima segunda feira.

Os nomes de Mozart, V. Cernicchiaro, J. Queiroz, G. Gounod e A. Rubinstein figuravam no programma como auctores dos diferentes trechos, que

foram executados por V. Cernicchiaro, J. Carrono, Guilherme de Oliveira e J. M. Campos.

Selectissima concurrencia affluio ao concerto, a applaudir os distinctos virtuosos, pela maneira correcta e magistral com que se desempenharam da execução do difficil programma.

De novo lhes enviámos, e a directoria da Sociedade, os nossos francos applausos.

No dia 30 do corrente mez o *Retiro Litterario Portuguez* celebrará uma sessão solemne para commemorar o seu 25º anniversario.

O baile que os *Políticos* deram no sabado ultimo esteve delicioso, soberbo, enorme, gigantesco, monumental, esplendido...

E não ha por ahi um adjectivo novo?! Ah, se houvesse, pespegavamos-o aqui! Um hurrah aos *Políticos*.

LORGNON.

DESENCANTO

Senhora, a um coração nunca se offende,
Não se maltrata um coração, senhora;
Eu bem sei que um só verso não comprehende
Quem de versos não vive e os não adora.

Os versos que lhe dei atire-os fora,
Se acaso não os quer nem os entende,
Que mal fiz eu em comparal-a á aurora,
A' estrella, á luz que pelo céo resplende?!

Fazer-lhe versos foi uma loucura...
Livre estava talvez d'esta amargura
De ver meu triste coração magoado,

Se os não fizesse, pobres, sem fulgores,
Sem que me valham palmas, foz louvores,
Sem nada que mereça o seu cuidado.

ARTHUR MENDES.

JORNAL E REVISTAS

O n. 4 d'A *Penna* traz um variado e interessante sumario, muitos artigos e versos dignos de leitura. Do artigo *Plagio e plagiarios* destacamos as seguintes linhas:

« Os ultimos artigos de Valentim Magalhães, publicados n'A *Semana*, são, em toda a extensão da phrase, uma obra de fogo.

Nelles encontra-se a refutação plena, cabal, esmagadora, de uma accusação de plagiato atirada a Ruymond Corrêa, meu prestimoso amigo, accusação tacanha, pequenina, dessas que sóem produzir uns tantos litteratos desta terra.

Valentim Magalhães, com raro talento e não menos rara elevação de vistas, estendeu a questão sobre a mesa, estudou-a, esquadrinhou-a, authopsiou-a, se me permittem o termo, e chegou a este resultado assaz lisongeiro para o cantor das—Symphonias: a accusação do Sr. Dr. Luiz Murat não passa de uma balela.

Com franqueza, se eu tivesse a dita de conhecer o Sr. Dr. Valentim Magalhães pedia-lhe que apertasse estes ossos»

O n. 163 da *Revista de Engenharia* traz bem lançados artigos sobre varios ramos de engenharia, sobre industria e saneamento.

Entrou no seu 2º anno de existencia a importantissima *Revista Federal*, orgão do Club Republicano Rio-Grandense. O numero que possuímos, que

é o 1º do 2º anno, vem ornado de bellos trabalhos; dentre elles salientam-se os que se intitulam—*Contra o separatismo de Romaguera Corrêa, Questão Militar*, de Sallanha Marinho, e uma excelente secção intitulada *Movimento Republicano*.

Snudamos o nosso collega pelo seu 2º anniversario.

A *Democracia*, n. 29. Entre os trabalhos dignos de nota traz uma interessante *Chronica Politica*.

Appareceu no dia 11 do corrente um nova publicação hebdomadaria e que se intitula *O Tempo*. E' seu director o Dr. Sylvio Romero.

No seu artigo de apresentação diz o novel collega:

« Pedimos apenas que nos deixem viver e dizer francamente, desassombradamente, umas tantas cousas que julgamos deverem ser ditas.»

Que o collega viva por longos e dilatados annos e que diga francamente essas tantas cousas é o que desejamos.

O *Jasmim*. Este tambem é novo; appareceu na mesma data d'*O Tempo*; é orgão do Atheneu Dramatico Estiur de Carvalho. Muita vida e muito perfume é o que desejamos a *O Jasmim*.

Revista Litteraria — (S. Paulo). O numero 3 d'esta elegante publicação litteraria appareceu-nos trazendo versos de Ruymond Corrêa, de Affonso de Carvalho, P. Abunayuba e varios trabalhos em prosa firmados por conhecidos escriptores. Nos seus *Perfis jornalisticos* Chico Flauta-pinta-nos Gaspar da Silva, o estimado redactor do *Diario Mercantil*.

O *Grito do Povo* — N. 1. Muito pequeno este novo collega. Tão pequeno que só teve espaço para um artigo, *A Monarchia e a Republica*, que cheira a polvora e a revolução... Este jornal não chega a ser um grito: é um ai!

O n.º da *Vida Semanaria* que se publica em S. Paulo está bellissimo. Traz excellentes versos, magnifica prosa. Olavo de Oliveira assigna um artigo: critico sobre os *Poemas e Idyllios* de Rodrigo Octavio e este firma uma interessante carta nas suas — *Cartas Fluminenses*.
Excellentes.

Revista Mensal — N. 1. Anno I. E' consagrada ás letras, sciencias e artes. A julgar por este primeiro numero, que é muito bem collaborado e redigido, cremos que a *Revista Mensal* viverá por muitos annos e bons. E é isto o que desejamos.

O *Brazil-Medico* — Anno I. N. 21. E' esta uma das mais importantes revistas de medicina e cirurgia que se publicam nesta capital. Este numero vem ornamentado do escholhidos trabalhos firmados pelos Srs. Drs. Cypriano de Freitas, Silva Santos, Carlos Costa e Henrique Xavier.

O *Occidente* — Temos o n. 303 d'esta revista, que apparece em Portugal. Gervasio Lobato conta, na sua fulgurante chronica, um caso muito interessante a proposito da *Reliquia*.

THEATROS

D. PEDRO II

O cavalheiro Cesare Ciacchi, o sympathico e gentil empresario tão nosso conhecido, traz-nos este anno nada menos de tres companhias de primeira ordem.

A primeira que deve chegar é a

grande companhia dramatica italiana, dirigida por Giovanni Emanuel, que passa por ser actualmente o primeiro actor da Italia.

Os jornaes do Rio da Prata, que nos foram gentilmente mostrados pelo Sr. Alfredo Milloni, secretario e representante de Ciacchi, são unanimes em tecer elogios no grande actor, e mostram por elle enthusiasmo jamais despertado por um artista.

Além de Emmanuel, ha na companhia artistas de reputação, e entre as damas figura como primeira a actriz Virginia Reiter, uma brilhante vocação que ora começa a impressionar o mundo artistico da Italia pelas suas altas qualidades dramaticas.

A companhia, que deve chegar a 28, estreiar-se-á pouco dias depois na immortal tragedia *Othello*, de Shakespeare.

Além d'esta peça, figuram no repertorio:—*O Casamento de Figaro, Mestre de Forças, Nero, Morte civil, Mercadet, Kean, Arduino d'Irria, Fedora, Les Fourchambault, Hamlet, Frou-Frou, Guerra em tempo de paz, Alcibades, A filha de Jefe, Demi-Monde, Ruy Blas, Dom Carlos, Sociedade onde a gente se aborrece, etc.*

Vê-se que é um repertorio mesclado, que vai da *Sociedade* até o *Hamlet*. Uma companhia que tem representado com grande successo peças tão antagonicas, deve ser por força uma companhia de primeira ordem, e nem o Ciacchi seria capaz de nos taazer uma companhia má, elle que sempre nos tem trazido o que ha de melhor pela Europa, desde a pequena e genial Gemma Cuniberti até a grande e assombrosa Sarah Bernhardt.

Comprimntamos o Sr. Milloni, agradecendo-lhe a visita que nos fez.

LUCINDA

Decididamente a companhia de zarzuela hispanhola cahio nas boas graças do publico. O theatro tem estado cheio quasi todas as noites e os artistas têm sido, com razão, muito applaudidos.

Nesta semana a companhia deu-nos o *Annel de ferro, A Tempestade, os Diamantes da corôa* e a *Moscotte*. Todas estas peças tiveram bom desempenho e agradaram muito.

No *Annel de ferro*, cujo poema é um mimo litterario e cuja musica é encantadora, distinguiram-se a Sra. Pia, o Sr. Garrido, que é um comico engracadissimo, o Sr. Manso e o Sr. Ramos. Os coros não são maus, chegando mesmo a serem afinados mais vezes do que é licito esperar d'estas corporações... desafiadas.

A *Tempestade* e os *Diamantes* tambem agradaram muito, e a empreza deve estar satisfeita com o successo d'esta companhia, cujo genero até agora não conseguira ter o agrado do nosso publico.

RECREIO DRAMATICO

Na noite de 20 subio á scena d'este theatro, pela primeira vez, em beneficio da actriz Helena Cavalier, *O Coupé n. 117*, comedia em 3 actos, dos hilariantes Millaud e Najac.

O Coupé n. 117 é o que se pôde chamar — comedia para homens.

Fresca, muito fresca, fresquissima. Mas tambem, como compensação, engracada, muito engracada, engracadissima.

Enredo original, habilmente complicado, tecido de scenas imprevistas em que figuram typos exquisitos e extremamente cisticos; dialogo vivo, scintillante de pilberias, carregado de sal e pimenta, todos os elementos, emfim, da moderna comedia de genero, das que se representam no *Palais Royal*, encontram-se nesta copiosamente. O espectador não pôde bocejar porque tem continuamente a bocca aberta a rir, a rir desmandibulamente.

O desempenho foi muito bom, um dos melhores que temos visto por esta companhia. Os principaes papeis foram desempenhados com equal e rara correção e intelligencia. Ferreira, que é um bom galan comico, deu extraordinario realce ao seu papel de Vaucrésson. Maggioni apresentou um soberbo

typo de velho advogado malicioso e discutidor, que se ri das desgraças alheias sem presentir as que lhe vão por casa; teve scenas de graça irrisivel; Maia fez um perfeito commissario de policia rheumatico e espertalhão. O papel do Murgarida não podia encontrar melhor interprete que a Sra. Helena Cavalier, que lhe deu toda a vivacidade e espirito necessario. Acrescentem-se que se apresentou vestida com extremo gosto e um *chic* do verdadeiro artista. E' um dos seus melhores papeis. Os demais actores concorreram muito, para o excellente *ensemble* da peça.

A beneficiada recebeu muitas e inaquivocas provas do alto e merecido apreço em que é tido o seu talento artistico.

Não terminaremos sem mais uma vez declarar que o Conservatorio Dramatico é a instituição mais necessaria do Imperio. Licenciou *O Coupé 117* — elle, a pudica, virtuosissima sentinella da Moral public!n!

Que seria d'esta pobresinha sem a existencia d'aquelle?

O famoso drama de Alexandre Dumas *Kean ou genio e desordem* sobre hoje á scena neste theatro com beneficio do actor Dias Braga.

Não fazemos *reclame* á festa deste distincto actor. Dias Braga é um ferrosos apostolo da arte dramatica e, hora lhe seja feita, pelo seu estudo e talento, é no nosso paiz um dos seus mais genuinos representantes. Artistas como estes a melhor recommendação que têm para as suas festas é o seu proprio nome sempre querido e respeitado.

PRINCIPE IMPERIAL

Os *Tres Mosqueteiros* continuam a atrahir todas as noites grande numero de espectadores a este theatro.

Proximamente levará á scenã a comedia-opereta de Arthur Azeveda — *O Barão de Pituaçu*.

SANT'ANNA

De volta de sua viagem a S. Paulo, está a companhia do Heller de novo neste theatro. A noite de quarta-feira, foi do estrellas para toda a *troupe*: bouquets, bravos, applausos, chamadas á scena, tudo emfim que pôde representar o enthusiasmo e o contentamento tiveram com abundancia aquelles estimados artistas.

Representou-se a *Befana*. Voltam pois, as deliciosas noites do Sant'Anna.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Com a excellente peça *O Marquez de Villemor*, traduzida pelo grande escriptor portuguez Ramalho Ortigão, estreou-se hontem neste theatro a companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa.

P. TALMA.

SPORT

Com um programma bem organizado realisou o Jockey-Club no Domingo passado a sua terceira corrida d'este anno.

Eis o resultado dos pareos:
No 1º pareo (1699 metros) Carybdes em 105 segundos venceu os seus adversarios, tendo partido com alguma vantagem. Coupou que ebegou em 2º lugar, esforçou-se muito nos primeiros metros para alcançar a sua forte competitora, que lhe cedeu terreno nestes pareos para o readquirir novamente na recta da chegada. Mastin em 3º lugar. Talisman e Maestro em ultimo lugar.

No 2º pareo (2000 metros) Sybilla em

134 segundos, bateu Boreas que esteve quasi sempre em sua frente até ao pé do distanciando, onde Sybilla passou-o com muita facilidade. Diva em 3º lugar, fazendo boa corrida, tendo lutado com Boreas que chegou em 2º lugar, ainda não estando bem preparado.

No 3º pareo (1200 metros) Lady em 60 segundos foi vencedora. Appollo em 2º lugar e Cinretto em ultimo. Ormonde e Visiero não correram.

No 4º pareo (1600 metros) venceu desde o pulo de partida Plutus em 100 segundos, tendo vantagem na partida. Flotsam em 2º lugar em boas condições. Odalisca em 3º lugar. Dandy chegou, com surpresa, na bagagem. Rondello, Soprano, Regente e Dandy não tiveram classificação.

No 5º pareo (1400 metros) Olinda em 65 segundos, foi a vencedora apesar de ter partido com grande desvantagem. Siva em 2º e Paraguaya em 3º lugar. Diana em ultimo lugar. Rabelais não correu.

No 6º pareo (2500 metros) Salvatus, fazendo muito boa corrida venceu os seus competidores em 166 1/2 segundos. Scylla em 3º lugar e Satan em 2º, bom lugar. Phrynia, com geral espanto, sendo a favorita, foi vergonhosamente vencida pelos competidores a quem tem batido no freio. Chegou em 4º lugar, completamente frouxa, demonstrando não estar em condições de disputar um pareo de 2500 metros, pois que, no fim de 1500 metros, affrouxou repentinamente, mostrando falta de folego. Não podemos comprehender, como um animal que anteriormente em uma corrida de 2000 metros, se bateu com o Salvatus, nunca cedendo-lhe terreno, ganhando d'elle em 132 segundos, com folga, venha desse modo perder em tão má condições, com pouco intervalo de uma corrida a outra, quando deveria ter melhorado!!! O seu tratador que responde, perante o jockey que a montou. O Musico chegou em ultimo lugar.

No 7º pareo (1800 metros, handicap) foi vencedor. em 128 segundos Biscaia. Também correram Douro, Americana, Fagote, Rabeca, Rabecão, Boyardo, Bonita e Druid que não mereceram classificação. Caporal e Intima não correram.

Realizou hontem Derby-Club, uma esplendida corrida, extraordinariamente concorrida e com um magnifico programma cujos pareos foram bem disputados e de que hoje não damos noticias desenvolvidas por já estar a nossa folha no prelo.

Realisa amanhã o Prado Villa Isabel o Grande Premio Metropolitano, para animaes nacionaes, 3.000\$ ao 1º, 2.000\$ ao 2º e 400\$ ao 3º, livrando a entrada no tiro de 2000 metros.

Devo ser um pareo interessante, pelos valentes parselheiros nacionaes que nelle se acham inscriptos.

O mesmo prado encerra hoje as inscripções para a sua 5ª corrida que deve ter lugar em 29 do corrente.

L. M. BASTOS.

FACTOS E NOTICIAS

Do Sr. Anselmo de Carvalho, de S. Paulo, recebemos um exemplar da sua walsa para piano — *A sonhar*, que é dedicada ao Sr. Quintino Bacayuva. É uma brilhante composição, que revela no Sr. Carvalho um bello talento, premissor e audacioso. Como estreia não se poderia exigir mais e melhor, pois ha na sua composição qualidades muito apreciaveis, que o tempo e o estudo — sem os quaes nenhum artista se faz grande — hão de desenvolver e fazer fructificar em obras de maior folego. Desde já o que se pôde affirmar sem receio é que o Sr. Carvalho tem talento, gosto e vocação.

Agradecemos a gentileza da offerta.

Na *Glacs Elegante* está exposto um bello retrato a esfuminho, trabalho do notavel desenhista B. I. de Vasconcellos.

O Vasques, o incomparavel Vasques,

o popular Vasques, que tanto tempo esteve longe de nós, em S. Paulo, veio visitar-nos, de volta de sua excursão artistica.

Não mudou, nada, nada! como se diz na *Vespera de Reis*. Está no mesmo: alegre, espiituoso, enfim—Vasques.

É esperado no dia 28 do vigente, de volta de sua viagem à Europa, o distincissimo medico Dr. Domingos Freire. O illustre representante da sciencia do nosso paiz, como todos sabemos, foi alvo de honrosissimas provas de apreço por parte das celebridades scientificas da França e hoje é inquestionavelmente uma gloria nacional.

Os estudaates da faculdade de Medicina vão receber o a bordo e preparam-lhe uma esplendida manifestação. Toda a imprensa foi convidada.

Chegou no dia 22 da Europa, o distincto actor Furtado Coelho. O illustre artista vai transformar completamente o theatro Lucinda e nelle encetar uma serie de espectaculos e diversões que farão do elegante theatro um verdadeiro Eden.

FALLECIMENTOS

Falleceu no dia 21, nesta Corte, o desembargador Luiz Fortunato de Brito de Abreu Souza Menezes.

Por motivo de uma ingratição partidaria abundou elle a magistratura e a politica, dedicando-se á advocacia, em que muito se distinguiu.

O illustre finado era commendador da ordem do Christo e da de S. Gregorio.

Em Cantagallo falleceu no dia 19 a Sra. D. Marianna Wezmelinger Moneira, importante fazendeira d'aquelle municipio.

Ao Sr. Antonio José Lutterback e sua Exma. esposa, filha da fallecida, damos os nossos sinceros pezames.

Rezou-se ante-hontem na igreja de S. Francisco de Paula a missa do settimo dia por alma do nosso saudoso collega do *Jornal do Commercio*, José Tinoco.

Era enorme a concurrencia. Toda a imprensa diaria fez-se representar pelos seus directores e redactores, estando presente todo o pessoal da redacção e administração do *Jornal*.

A Semana mandou vir ali da rua das Violas uma duzia de foguetes e vae os queimando, jubilosa, não em honra do milagroso baptisador de Christo, mas em licura de tres dos seus melhores amigos (*seus della, Semana*):— Gaspar da Silva, o gentil, o bravo Gaspar do bello e prospero *Diario Mercantil*, Olavo Bilac, o inspirado e terso poeta da *Tentação de Venocrates*, e Alfredo Pujol, o modesto e talentoso fudador d' *A Quinzena*.

Abraçamol-os-

Alberto de Oliveira está finalmente restabelecido da sua longa e dolorosa enfermidade.

Mais alguns dias o estimadissimo poeta poderá sahir de casa, onde ha seis mezes o tem enclausurado a molestia.

Tem estado doente, mas, felizmente, sem gravidade, Raul Pompéia, o apreciado moço que com tanto brilhantismo cultivava a prosa entre nós.

Tambem tem estado enfermo em S. Paulo o illustre philologo Julio Ribeiro.

CORREIO DA GERENCIA

Do Revm. vigario Barcellos (de Quissaman) nguardamos resposta á carta que lhe dirigimos em 16 do corrente.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da baruteza na Villa da Sapucaia.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos

ingleses e francezes, encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

A Chapelaria Inglesa—Este importante estabelecimento, o primeiro neste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes e ao publico que retira da alfandega as ultimas novidades em superiores chapéos ingleses. Rua do Ouvidor, 120.

Dr. André Itangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 D.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA EXTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA

DA

QUINTA CORRIDA

A REALISAR-SE NO

DIA 29 DO CORRENTE

- 1º pareo—CONCLIAÇÃO (Handicap)—1,450 metros—Animaes de menos de meio saague — Premios: 300\$ ao primeiro, 90\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.
- 2º pareo—OMNIUM—1,300 metros—Animaes de qualquer paiz, de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.
- 3º pareo—SUBURBANO (Handicap)—1,600 metros—Animaes de qualquer paiz que ainda não tenham ganho este anno—Premios: 700\$ ao primeiro, 155\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.
- 4º pareo—PROGREDIOR—1,450 metros—Animaes nacionaes até meio sangue — Premios: 700\$ ao primeiro, 175\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.
- 5º pareo—ENSAIO —1,600 metros—Inteiros e eguas nacionaes até 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro.
- 6º pareo —INTERNACIONAL —1,000 metros—Animaes de qualquer paiz até puro sangue — Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.
- 7º pareo —VILLA-ISABEL —1,800 metros — Animaes até meio sangue que ainda não tenham ganho este anno — Premios: 500\$ ao primeiro 125\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.

OBSERVAÇÕES

As inscripções encerrar-se-ão hoje, ás 7 horas da tarde, na secretaria. Nenhum pareo se realizará sem que se inscrevam pelo menos tres animaes de tres diferentes proprietarios.

RAUL DE CARVALHO. 2º secretario

PRADO VILLA-IZABEL

PROGRAMMA DA 4ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 26 DE JUNHO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

GRANDE PREMIO METROPOLITANO

1º pareo—**Conciliação**—1300 metros—Animas de menos de meio sangue—Premios: 200\$ ao primeiro 60\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Verbena	Castanho	4 ans	R. de Jane.	49 kil.	Azul e ouro	Coud. Santa Cruz.
2	Zaire	Gateado	5 »	Paraná	51 »	Azul e branco	Coud. Amadores.
3	Aynoré	Castanho	5 »	S. Paulo	48 »	Grénat e violeta	Coud. Rio de Janeiro.
4	Cantagallo	Zaino	5 »	Paraná	52 »	Vermelho e preto	Fontes & C.
5	Juanita	Baio	2 »	R. de Jane.	43 »	Grénat e lyrio	D. A.
6	Rigoletto	Zaino	4 »	Paraná	51 »	Azul e branco	S. V.

2º pareo—**Productos**—1450 metros—Pollros e poldras nacionaes de 2 annos—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

1	Gazella	Alazão	2 ans	R. de Jane.	41 kil.	Grénat e ouro	C. G.
2	Ers	Pampa	2 »	S. Paulo	43 »	Verde, branco e encarnado	Coud. Excelsior.
3	Catita	Castanho	2 »	R. de Jane.	41 »	Grénat e ouro	Mario de Souza.
4	Bérénice	Alazão	2 »	Idem	41 »	Ouro e branco	Coud. Fluminense.
5	Espalilha	Castanho	2 »	S. Paulo	43 »	Ouro mangas e bonet azul	Coud. Alliança.

3º pareo—**Suburbano**—1450 metros—Animas de qualquer paiz que não tenham ganho este anno—Premios: 600\$ ao primeiro 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	Perle	Zaino	3 ans	França	52 kil.	Branco e encarnado	Oliveira J. & Lopes.
2	Madama	Castanho	4 »	Idem	52 »	Ouro e preto	F. Schmidt.
3	Musico	Preto	5 »	Idem	57 »	Vermelho	Tattersall Campineiro.
4	Dr. Jenner	Zaino	4 »	R. da Prata	52 »	Grénat e ouro	I. S.
5	La Loup	Preto	4 »	França	51 »	Azul e grénat	Coud. Internacional.

4º pareo—**Grande Metropolitano**—2600 metros—Inteiros e eguas nacionaes—Premios: 3:000\$ ao primeiro 800\$ ao segundo e 400\$ ao terceiro; o quarto livra a entrada

1	Dora	Alazão	4 ans	S. Paulo	47 kil.	Azul e ouro	Coud. Santa Cruz.
2	Bonita	Idem	5 »	Idem	48 »	Branco e encarnado	J. Machado.
3	Boreas	Castanho	4 »	Idem	52 »	Grénat e violeta	Coud. R. de Janeiro.
4	Divia	Alazão	4 »	R. de Jane.	47 »	Ouro e branco	Coud. Fluminense.
5	Sybilla	Zaino	4 »	S. Paulo	47 »	Azul, branco e encarnado	Coud. Cruzeiro.
6	Talisman	Castanho	5 »	Idem	57 »	Azul, branco e encarnado	Idem, idem.

5º pareo—**Omnibus**—1900 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Scylla	Castanho	4 ans	Inglterra.	52 kil.	Grénat e violeta	Coud. Rio de Janeiro.
2	Satan	Idem	4 »	França	53 »	Grénat e ouro	Mario de Souza.
3	Coupon	Alazão	4 »	Idem	58 »	Azul, branco e encarnado	Coud. Cruzeiro.

6º pareo—**Internacional**—1609 metros—Animas até 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	Castiglione	Zaino	3 ans	França	51 kil.	Azul e ouro	Coud. Santa Cruz.
2	Pancv	Idem	3 »	R. da Prata	47 »	Encarnado e ouro	V. M.
3	Oliada	Idem	3 »	Inglterra.	49 »	Grénat e ouro	Coudelaria Carioca.

7º pareo—**Villa-izabel**—1609 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue, que ainda não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

1	Biscaina	Alazão	4 ans	S. Paulo	49 kil.	Azul e ouro	Coud. Santa Cruz.
2	Odalisca	Pampa	3 »	Idem	46 »	Verde, branco e encarnado	Coud. Excelsior.
3	Bismarck, ex-Bacarat II.	Gateado	4 »	Idem	51 »	Azul e branco	J. C. de Lima.
4	Rabeca	Vermelho	4 »	Idem	49 »	Vermelho	Tattersall Campineiro.
5	Cantagallo	Zaino	5 »	Paraná	49 »	Vermelho e preto	Fontes & C.
6	Cyclone	Castanho	3 »	R. de Jane.	48 »	Ouro, mangas e bonet azul	Coud. Alliança.
7	Saltarelle	Preto	5 »	Paraná	56 »	Azul e grénat	I. W.
8	Catana	Vermelho	4 »	S. Paulo	49 »	Grénat e ouro	J. W.

OBSERVAÇÕES

As declarações de *Forfait* são recebidas até ás 3 horas da tarde de 25 do corrente.

As corridas principiando ao meio-dia em ponto, os animas inscriptos no primeiro pareo devem achar-se no ensaiamento ás 11 horas precisas.

RÁUL DE CARVALHO, 2.º Secretario

Os Srs. empregados da casa da *Poule* podem procurar os cartões de admissão no dia 25 do corrente, devendo apresentar as suas cartas de fiança os que ainda o não fizeram.

O thesoureiro **PAULO DELPHINO**

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulus, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

É muito superior ao oleo simples do figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicæ e reconstituintes dos hydratophosphitos. A venda nas drogarias e boticas



Grande novidade ha hoje, Exmas! A passeio? É verdade! Subimos unicamente por não podermos resistir ás grandes pechinchas que hoje annuncia a California, na rua do Senador Dantas n. 4. Onde fica essa rua? É a rua nova, que principia no largo da Guarda Velha!

Já chegaram as grandes novidades em capas, cõrtes de vestidos bordados e artigos de malha de lã para crianças para senhoras.

Algodão muito forte, peça	18000
Morim para ferro, peça	8600
Dito superior, peça 13200 e	8900
Dito mais superior, peça	23200
Velludos de cor, adamascados	23000
Bonitas lãs de todas as cores	3500
Chitas muito largas, 360 e	3240
Batistes e percales, 300 e	3200
Carreteis com 200 jardas da medida	
lã para machina	3050
Cobertores de lã, encarnados	23400
Meias compridas em ponto de cordão, de cor, para crianças	3400
Peças com 5 metros de renda de seda	3200
Renda de seda, preta, larga	3400
Rendas de todas as cores, 400 e	3300
Colchas com franja, 23500 e	18300
Pentes para caspa, 200; alisar	3300
Tapetes finos para quarto	28000
Paletots e water-proofs de verdadeira casimira (não é feltro)	
15\$ e	108000
Renda de lã com fio dourado	3600
Botões muito grandes, cada	1100
Botões para vestido, cada	1200
Oxford largo, a 240 riscadns a	3240
Lenções fortes, 18600, 13200 e	3800

AOS BARATEIROS!

4 Rua do Senador Dantas 4

LIVRO DE SORTES

O *Caio de Salão*, colleção de disparates amatorios engracadissimos em perguntas e respostas para passa tempo das noites de fogueiras. Vende-se na rua de Gonçalves Dias 33 e Ovidor 66.

PREÇO 500!

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 2 DE JULHO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 431

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A Redacção.
A Semana.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	J. LOPES.
Plebiscito litterario.....	G. LOBATO.
Região.....	R. CORREIA.
A proposito d'«A Reliquia».....	DA. DONSTOL.
Versos a um artista, poesia.....	F.
Chronics scientificas.....	A.
Poesia e poetas.....	J. VERIM.
Jornaes e revistas.....	U. DUARTE.
Por causa de um soneto.....	P. TALMA.
Perfil de Camillo Castello Branco.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	
Port.....	
Noticias e Noticias.....	
Appreciaciones.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Do 4 do corrente mez em diante a redacção, gerencia e officinas d'«A Semana» estarão installadas na rua do Ouvidor, n. 45, sobrado.

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quitos o obsequio de as reformar pelo semestre que ora começa.

No escriptorio d'esta folha compramos exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'«A Semana».

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agors tomarem assignatura por um anno, offerceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Damare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

A SEMANA

Encetamos hoje a publicação de chronicas semanas dos casos clinicos e cirurgicos mais importantes do hospital da Misericordia, graciosamente escriptos por um joven e distincto facultativo.

Recommendamos estes artigos á classe medica e aos estudantes da nossa Faculdade de Medicina, acreditando que esta importante secção terá um acolhimento digno do seu alto valor e que assim prestamos um importante eervigo a quantos entre nós se interessam pelas questões de medicina e cirurgia.

Ao vosso novo collaborador sinceros agradecimentos.

No proximo numero concluirá o director d'esta folha o seu estudo *Plagios e Plagiarios*, publicando o terceiro e ultimo dos artigos sobre a questão.

A REDACÇÃO.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A historia dos ultimos sete dias pôde resumir-se num facto unico: a viagem de S. M. o imperador.

A vossa profissão de fé politica já foi aqui assoalhada, no ultimo sabbado, com uma seriedade solemnissima. A America sabe o que pensamos da Constituição e dos principios politicos que desgraçadamente nos regem.

Mas neste momento, agora que o imperador é obrigado a partir expontaneamente para longes terras, nós não podemos deixar de erguer bem alto a nossa debil voz — não para protestar, porque nisso não haveria originalidade, mas para dizer ao paiz quatro verdades verdadeiras.

Quando dizemos — nós — dizemolo como o inolvidavel subdelegado da *Maria Angl*: queremos dizer — eu. Assim, pois, as actuaes circumstancias do paiz, com o depauperamento do commercio, com a nullidade da industria, com a miseria da lavoira, com o desequilibrio dos orçamentos e com a

confusão deploravel da politica interna — o que eu entendo na minha sabedoria que se deve fazer é o seguinte, visto que já não ha Rei nem Roque:

Reunimo-nos, nós — os tres ou quatro patriotas verdadeiros que ha no Brazil — reunimo-nos ali no campo de Santa Anna, ou no theatro Recreio, e proclamamos a republica, una e indivisivel, com suffragio universal e tndo. Depois elegem-me presidente e eu começo a endireitar toda esta quitanda. Desde já prometto reanimar o commercio, crear a industria, enriquecer a lavoira, equilibrar as finanças e organizar a politica.

Resolva o povo esta questão sensatamente, como eu desejo, e o povo verá como tudo isto caminha *sur des roulettes*, suave e deliciosamente.

Apezar, porém, da minha elevada aspiração a presidente da futura republica brasileira, não foi sem magua que eu vi embarcar, quinta-feira, no *Gironde*, o homem simples e honrado que durante meio seculo governou absolutamente este paiz.

As ruas por onde elle tioha de passar antes do embarque, apinharam-se de povo. Evidentemente a grande massa popular estava ali para ver o seu monarcha. Qual era, entretanto, o sentimento que a reunia? Seria o desejo de manifestar a sua sympathia e a sua estima ao imperador, ou seria a simples curiosidade de ver o enfermo? Ninguém o poderá saber ao certo; mas é de presumir, apezar das manifestações de sympathia, que o motivo da aglomeração popular tenha sido a curiosidade. Sobre o estado da saúde do imperador, as informações officiaes, pouco esclareciam a nação: era *satisfactorio* e nada mais; mas diversas verões corriam mundo e podia notar-se em todas quando não completa homogeneidade, ao menos uma certa harmonia: o imperador estava mal, e da affecção physica originara-se qualquer affecção moral. Eram estes boatos que o povo procurava verificar. Vendo o monarcha, observando-lhe as feições e os estos, o ovó poderia calcular quanto havia de verdade nas declarações officiaes e nos boatos clandestinos que as contradictavam.

Não seria com este fim que toda capital se reunia á passagem do imperador?

Eu vi S. M. embarcar no *Gironde*. A sua longa sobrecasaca preta, abotoada de alto a baixo, bem deixava ver, pela abundancia das dobras, a magreza do corpo que envolvia; o rosto emaciado e comprido, a barba crescida e aguda, o cruceo ligeiramente achatado, os cabellos eupastados e humidos, os olhos sem brilho e os labios secos, davam-lhe

um aspecto de convalescente ainda não livre de perigo. Na cabeça, diminuida pela emaciação, enterrava-se-lhe o chapéu alto até á nuca. S. M. saltou com passo infirme da galeota imperial para a prancha corrediça e atapetada que, a bombordo, conduzia directamente ao pavimento inferior, em que estão situados os aposentos imperiaes. Aos lados do estreito corredor formavam alas varias pessoas conhecidlas que o imperador ia cumprimentando. A' condessa A., que estava ao meu lado, disse S. M. — «Logo que chegar a Paris procurarei sua irmã». Foi a unica phrase que lhe ouvi além dos cumprimentos.

Em todas as pessoas que ainda o não tinham visto, oasou tristeza o aspecto de S. M. Só o ministerio estava sorridente, e tanto que até o Sr. Cotegipe teve uma boa pilheria ao entrar. Um pandego, o Sr. Cotegipe!

Que deverei fazer agora? Expor seriamente as minhas opiniões acerca d'esta viagem forçada e do estado anormal do paiz?

Nessa não caio eu. O Sr. redactor do *Paiz*, que é principe tambem, já deu aos povos a doce consolação da sua palavra. Já o titulo do seu artigo é de uma tal profundidade, que não encontrei quem m'o explicasse. Confesso a minha ignorancia do idioma chinez; mas em pilhando o Pontes a geito hei de perguntar-lhe que diabo de colsa é aquella. *Ei! Fu!—Fu! Ei!* Não sei que seja mas sei que deve ser maravilhoso e profundo. E se não for profundo é, pelo menos, solemne, de uma solemidade larga e theatral, de uma solemidade de legenda antiga. Palavras proprias para inscrever em porticos de marmore velho, entre rendilhamentos e florejos de architectura arabe.

Estou succumbido!

Outro facto tambem importante d'esta semana foi o da chegada do Dr. Domingos Freire.

Receberam-no estrondosamente os estudantes das varias escolas superiores. O illnatre sabio vio-se rodeado dos seus discipulos, e entrou na patria entre as aclamações entusiasticas da mocidade, que é, afinal de contas, quem sabe sempre galardoar o merito. A manifestação ao Dr. Freire foi uma apothose do talento e do trabalho. Elle, que vinha triumphante e glorificado do velho mundo, encontrou no seu paiz novo triumpho e nova glorificação.

E' justo, e mesmo necessario, que se honre sempre aquellos que pelos esforços da intelligencia e da vontade se elevam acima dos seus concidadãos e quebram as robustas barreiras da mediocridade.

Da Faculdade de Medicina apenas adheriram á pomposa manifestação os

Drs. Barata Ribeiro, Caminhoá e Pesanha. Officiães do mesmo officio; certo que muitos dos lentes da academia têm grande merito, mas o Dr. Freire não é sombra que além de se tolerar se admire.

Todos sabem que neste paiz quasi toda a população é composta de medicos. Há um ou outro barbeiro, um ou outro alfaiate—para desgraça nossa—eu, o principe e mais dois ou tres desgraçados que não somos medicos.

Pois á reunião convocada pelo Dr. Doria, apenas compareceram doze medicos!

Doze, meus ricos senhores, uma duzia d'elles! numa terra onde ha duzias de milheiros!

Não me contenho, e declaro tambem agora aqui, consternado e tristonho: Estou succumbido!

FILINDAL

PLEBISCITO LITTERARIO

A apuração das cedulas recebidas até hoje deu o seguinte resultado:

Qual o melhor romance?	
O Guarany.....	6 votos
Vicentina.....	1 »
Memorias de um sargento de milicias.....	1 »
Luciola.....	1 »
João e Francisco.....	1 »
Fatalidade de dois jovens....	1 »
Memorias posthumas de Braz Cubas.....	2 »
Qual o melhor livro de contos ou novellas?	
Papeis avulsos.....	3 votos
Historias sem data.....	3 »
Risos e galhofas.....	1 »
Qual o melhor drama?	
Mãe.....	4 votos
Luxo e vuidade.....	2 »
Antonio José.....	1 »
Os dois embuçados.....	1 »
Omphalia.....	1 »
Martyrios de uma familia....	1 »
O mulato.....	2 »
Qual a melhor comedia?	
Vespera de Reis.....	4 votos
Demonio familiar.....	2 »
Amor por anexins.....	2 »
Como se fazia um deputado..	2 »
Os senhadorez.....	2 »

REGINA

(Continuado do n. 130.)

Ja principiar a explicação d'um novo personagem; chegou mesmo a dizer: este é... quando o interrompeu o metalico tam-tam, chamando para o lunch.

O inglez, cortejando-me á pressa, fechou a sua grande carteira e desceu rapidamente a escada.

Uns interromperam a leitura, outros a conversa e ainda outros o somno.

Desci por ultimo a escada atapetada, com frisos de metal amarelo e corrimão de madeira polida.

Na grande sala de jantar tinham os talheres dos mais impacientes, alguns já iam mesmo pelas alturas da fructa.

O meu logar á mesa era ao lado do de Regina. Entabulámos ahí conversação sobre não sei que assumpto fntil.

A avó enjoára e não tinha animo para levantar a cobeça da almofada, não podia sahir do camarim.

Em frente de nós, um sujeito magro,

de longa barba grisalha, accumulava no prto gelatinas, gomos de laranja mal descascada, arroz, um arroz muito branco corado de doco de ameixas, que não deixava de apparecer nunch, e que tinha n'elle um grande apreciador.

Ao lado d'esse intoleravel gastronomico, sentava-se um seu patricio, um verdadeiro John Bull, a quem pela soriedade inalteravel deram a bordo o nome de—o sinistro.

À esquerda de Reginn ficava o logar vazio da avó, á sua direita eu; não tinha, portanto, outra companhia á essa hora; e sem reservas, n'um maneira franca e graciosa, dirigiu-me a palavra. Conversamos largamente.

Quando subimos, passemos juntas no convéz e jogámos uma partida de malha.

Não me tinham exaggerado as suas qualidades. Regina era adoravel, bonita, intelligente, affavel, despreocupada, chic.

Chic! é realmente a melhor classificação.

Vestia bem, fallava com graça.

De manhã cedo, quando atravessava o corredor para o quarto de banho, envolta nas largas dobras do seu peignoir forrado de seda, com as tranças negras mal seguras a fazerem-lhe pender para traz a cabecinha redonda, havia n'ella, ainda morna do leite, um não sei que de encantador e desuave como nas imagens italianas.

Gostava muito de versos. A' noite, no tambadilho ou na sala, brilhantemente illuminada a luz electrica, dizia-os muitas vezes, a pedido nosso, com os olhos cerrados e as mãos cruzadas no regaço. A voz era clara, argentina, fresca como um bouquet de rosas orvalhadas...

Em pouco tempo tratavamos como familiaridade, como se nos conhecessemos ha muito. Entre gente moça fazem-se depressa as amizades.

Conviviamos desde manhã até á noite. Líamos no mesmo livro, trocando impressões; procuravamos nos mutuamente como um refugio contra a monotonia de bordo.

Um occasião principismos insensivelmente a falar do passado.

Regina, sentada de costas para o mar, em frente a mim, contou-me um trecho da sua meninice. Que tinha entrado tarde para o collegio, com treze annos já. «Eu era franzina, debil, nervosa. O medico da familia receitava que eu não chegasse a moça por ser muito esperta e faladora. As minhas perninhas eram assim: (e mostrava-me o dedo minimo muito delgado e branco). Vovó não admittia bulha em casa, soffria muito n'esse tempo de enxaquecas... Ora eu adorava o harulho, o riso, o estrondo. Se não fosses tão fragil, dizia-me muita vez, punha-te no collegio, e pensionista. Um dia realison a ameaça, só por eu ter quebrado na vespera uma grande talha da China, que ella estimava muito. Aquelle acontecimento tão commum foi de uma extraordinaria influencia na minha vida...»

E Regina, segurando-me nas mãos, fixando nos meus os seus grandes olhos escuros, dizia-me:

— Tenho um tio que é pae de uma menina e de um rapaz, o Guilherme. Minha prima casou, era eu ainda pequenita; o irmão, muito mais novo do que ella, está para casar agora. No dia do desastre, quando quebrei a monumentosa talha da China, de feliz memoria, o Guilherme atirou-se lavado em lagrimas aos pés de minha avó, pedindo que me não mandasse para as Irmãs de Caridade, que me deixasse em casa. Riram-se todos muito, mas não foi concedida a graça.

— E Guilherme, perguntei, onde está?

Regina, levemente corada, respondeu:

— Em Londres...

— Ah!

Dias depois contando-lhe eu o que me haviam dito a seu respeito «Regina nunca amou», ella desprende uma gargalhadinha sonora, e puxando-me pelo braço, apoiando-se n'elle, principiou a passear commigo, dizendo-me:

— A minha amiga ha de presenciar os dias mais felizes da minha vida, estão perto; deixe-me portanto dizer-lhe toda a verdade. Diz muita gente que eu nunca amei, exactamente porque amei sempre, desde o dia em que se quebrou a grande talha chinesa, desde a hora em que eu vi o meu pobre Guilherme ajoelhar-se lacrimoso aos pés de minha avó. Tinha elle então quinze annos!...

Era tão bonito, e tão meigo! O meu tio principiou a chmur-mo sua nára, e a avó sorria-se quando me via passear pelo braço do primo no jardim. Um dia, no carnaval, vestiram-me da noiva e a elle de noivo... Tudo aquillo fazia-me impressão... Quando entrei para o collegio, Guilherme foi para a provincia; quando voltou, tinha já dezeseite annos, foi visitar-me; abraçamo-nos, e tratamo-nos por noivos... Elle veio para Inglaterra, d'onde me escrevia sempre cartas immensas... devia ter voltado o anno passado, mas não poudo... voltar... voltará, mas... casado.

— E elle já as espera?

— Não! é surpresa. A idéa foi minha... chegámos a Londres e escrevemos a Mr. Wright, que é o nosso correspondente e sabe onde mora Guilherme; elle mesmo ha de levá-lo no hotel sem dizer a que vai. Havemos de arranjar um pretexto. Quero ver se o Guilherme me conhece logo á primeira vista!...

E Regina enthusiasmada, corada, risonha, expandia-se no seu adorado sonho.

Eis a razão porque tantos pretendentes lhe ouviram um não, entre duas risadinhas de crystal!

Chegámos a Plymouth n'um dia humido, frio. Regina abotoada na sua capa de velludo azul escuro, cenchendo os cotovellos ao corpo, alongava a vista por sobre as montanhas baixas, hordadas de fortalezas. O commandante offereceu-lhe um ramo de prime-roses cor de palha, vindas n'esse momento de terra; ella prendeu-o no peito distrahimmente, sem agradecer quasi. Tinha o pensamento alheio a tudo ao aproximar-se da sua esperada ventura.

A haroneza, soffrendo durante toda a viagem, poucas vezes apparecia em cima. Só deitada estou bem, dizia ella, e não sahia do camarim senão raramente. Quando o paquete aportava, ao senti-o hem firme, é que subia ao tomadilho a refrescar os pulmões e recrear a vista com a observação da terra. Empunhava então o binoculo, pedindo explicações de tudo com uma curiosidade intelligente.

JULIA LOPES.

(Conclue no proximo numero.)

A proposito da «Reliquia»

«Esteve recentemente em Lisboa — não sabemos se está ainda — um fidalgo sueco, muito distincto, muito illustrado, que veio procurar no nosso clima alivio para uma enfermidade de que soffria sua esposa.

Esse cavalheiro muito dado ás letras, e litterato mesmo elle proprio, cremos, travou aqui relações com alguns escriptores, sendo um delles o eminente homem de letras e nosso preso amigo o Sr. Ramalho Ortigão.

O conde sueco e o illustre auctor do John Bull davam-se muito, e um dia, falando-se acerca de escriptores portuguezes, a conversação cahiu, como era de dever, em Eça de Queiroz, o grande romancista do Crime do Padre Amaro e do Primo Basilio, o amigo intimo de Ramalho e seu glorioso collaborador nas Farpas e no mysterio da estrada de Cintra.

E falando das obras d'Eça de Queiroz, falando do notabilissimo livro de que hoje registamos o apparecimento e que então estava ainda no prelo, Ramalho Ortigão contou então por alto, o que era a nova obra do auctor do Mandarin, e descreveu a largos traços a acção originallissima da Reliquia.

O conde susaco começou a ouvir Ramalho com esse interesse trivial que todo o homem que ama as letras tem

por uma novidade litteraria, mas á proporção que Ramalho Ortigão fallando, o sueco abria muito os olhos, esgaseado, estupefctos, dava mostras de uma funda admiração e murmurava atordido:

— E' estranho! E' phantastico!

Ramalho Ortigão contava-lhe o extravagante sonho de Theodorico, o heroe da Reliquia, esse sonho que constitue como a parte principal, o clou do novo romance de Eça de Queiroz.

Theodorico, um rapaz burguez e esturdiado da nossa baixa, vai á Terra Santa. N'um estnlagem em que pernoita em Jericó, sonha que o accordam e que o levam a ver o julgamento da Christo.

E assim em sonhos, o bom do Theodorico assiste como espectador a toda a gigantesca tragedia do Golgotha, acompanhando todas as extraordinarias scenas que ante os seus olhos se desenrolam, com commentarios perfeitamente seus; um janota da baixa apreciando á luz do critero da rua do Arco de Bandeira a tragica historia de Jesus!

— Estranho! Phantastico! murmurava estupefacto o conde sueco.

E depois explicou estas suas assembladas exclamações.

Um amigo seu, um escriptor sueco, tinha concluido um romance que estava ou in entrar no prelo, em que passava exactamente a mesma scena.

Lá o protagonista é um empregado do correio de Stocolmo. Como o heroe de Eça de Queiroz, vive á Terra Santa, adormece n'uma hospedaria em Jerusalém, em vez de ser em Jericó; de repente sente bulha na rua, vai á janella, vê passar um homem preso entre soldados romanos. Sahe á rua e segue essa gente. O preso é Jesus, e o empregado do correio assiste a todas as peripécias do drama da paixão, em sonho commentando esse tragico acontecimento com a sua critica de empregado postal sueco.

Effectivamente havia toda a razão para exclamar:

— Estranho! phantastico!

E' evidente que por fórma alguma nem mesmo pela mais involuntaria caprichoosa das coincidencias, não foi idéa do escriptor portuguez que inspirou ao escriptor sueco a sua obra, nem vice versa.

Além da circumstancia dos dous escriptores serem—um sueco outro portuguez, e não se conhecerem inteiramente nada, de não haver permutação alguma de idéas litterarias entre Portugal e a Suecia, da nossa litteratura ser lá completamente desconhecida como entre nós é a litteratura sueca, dá-se ainda o caso, que corta pela raiz qualquer possibilidade de suggestão: nenhum dos dous romances estar publicado ao tempo.

Estamos portanto em frente de um facto estravagante, unico talvez; a mesma idéa original, nova, uma destas idéas que não andam por ahí no espirito de todos, que não fazem parte das suas idéas que andam na corrente, e que correm ao mesmo tempo, a um escriptor na Suecia e a um escriptor em Portugal.

Eça de Queiroz, da bocca de quem ouvimos esta historia, ficou intrigadissimo com ella e comprehendendo: «E' muito mais original do que o meu romance», disse-nos elle.

GERVASIO LOBATO.

(Da Chronica Occidental.)

VERSOS A UM ARTISTA

(A OLAVO BILAC)

I

Tu, artista, com zelo,
Esmerilha a investiga!
Nissia, o melhor modelo
Vivo, offerece, da belleza antiga.

Para escullp-l-a, em vão, arduos, no meio
De esbzeada arena,
Batem-se, quebram-se, em fatal torneio,
Pincel, lapis, burni, cinzel e penna.

A Aproditic pagen, que o pejo affronta,
Expeata nua do universo ás vistas,
Doa seos duros na marmorea ponta
Amamentando gerações de artistas,

Não a excede; e, ao contrario, em sua rica
Nudez, por mil espellos,
Mostre o que elle não mostre, de pudica,
Do collo abaixo e acima dos arthellos.

Analysa-e, sagaz, linba por linba,
E á tão segaz minucia apenas poupa
Tudo o que se não vê, mas se edivinha
Por sob a avara roupa...

Deixa que a roupa avare
Do peito o virginel thesouro esconde,
E o mais... até onde, perfolta e clare,
A barriga da perna se arredonda...

Basta-te á viste esperta
Revelar-se, atravez do linbo grosso,
O alabastro da espalda mal coberta,
E o Paros do pesçoço.

Basta que tráia, como trae, de leve,
O contorno flexuoso...
Basta este rosto ideal—purpura e neve—
A curva grege da nariz gracioso.

Um quasi nade basta, emfim, que tráie
Ao teu olhar agudo,
Para que este deduza, tire e extráia
Aquelle quasi nada, quasi tudo...

II

Embore o olhar profano
Não possa ver o que ella só não nega
Ao lado avesso do grosseiro panno,
A cuja guerde os mimos nus entrega;

Nem lave breche ao menos
Abre n'essa, onde fulge, aspre cróstra,
Como a perola—lagrima de Venus—
Rútila dentro de uma casca de ostre...

Desnuda-a, imeginariamente; e a poma,
O ventre, o talhe escullptural da cinta,
E o amplo que-tril lhe pondo á mostra, tome
O teu pincel pere pintal-a, e pinte!

Pinte o que vê-se, e pinta o que não vê-se
D'esse corpo assim todo desnudado,
D'esse correcto, d'esse
Corpo em marmore carne modelado;

Seus melindrosos traços aproveite;
E, eo fundo de um painel classico, aviva
As greças feminis d'elle—perfeite
Cople da formosna primitiva.

III

Pinta-a. Esse ignobil, rustico temenco
Tira-lhe ao branco pé; e, por seu turno,
Calça-lhe o pé tão brengo
(Meis digno de um cothurno) de um cothurno

Mes não faças e idéa
De que o semblante vés, feroz e lindo,
De tregica Medée
No theatro de Euripedes surgindo.

Não des eo quedrn qualqur tom mais negro;
Feze antes n'elle, em vividos fulgores,
Correr garrula a nota de um « alegre »
Da matizes, de tintas e de cores.

Piata-a na Olympo, dominando-o todo
Com esses nilhos cleroc,
Bellos e verdes... Verdes d'esse modo,
São mais preciosos, porque são mais raros.

De Carybides não sobre os escultios,
Mas de um outeiro celebre na fallida,
A' emerald do Egéo voltando os olbos,
—Dols bumidos abyssos de esmeralda,

E onde do Hymeto a tribu sequiosa
E loura das abelhas
Beije-lhe o doce beijo cor de rosa
E a doce cor de rosa des orellhas...

Ou de herpa antiga os mysticos segredos,
De Sapho as odes, de Thimoteo os hymnos,
Frenetica, arrancando com seus dedos
Longos e alexandrinios...

Rasga-lbe, em larga tela o largo mundo
Da Grecia; e amplos, remotos horisontes,
Onde se esfumam, pallidas, ao fundo,
As cordilbeiras dos mais altos montes...

Onde, perpetua, a Primavera esvoace,
Da Arabia o incenso e a myrrba da Ebiopia;
E, em mil grinaldas tremulas, deslace
De Anacreonte as rosas...

E em forno d'ella tudo se reuna:
Da Arabia o incenso e a myrrba da Ebiopia;
E, dadivosa e prodiga, a Fortuna
Despeje a farta e cbeia cornucopia!

Ou, nas nuvens de ionica payzagem,
N'um carro de ouro, o seu perfil debuxa,
Que aledo par de esplendida plumagem
E rutilante leque eberto puxa...

Ou deixa então da deusa de Cytbéra
Tudo o que em Nissia ves... Para pintal-a,
Busca antes o ar de castidade austera,
Que ás semi-deusas da Odisséa a iguala.

IV

Pinta-a onde, ao pino, o sol da Lybia ardente
Estaque o Nilo, que, feando, corre;
E, buindo o deserto incandescente,
Faisque, abraze, tórre,

Queime; espedace os raios flamejantes,
— Como um milhao de espadas
Contra claros broquéis—contra os brilhantes
Zimborios das mesquitas elevadas;

Cóza, encoscóre a adusta areia rubra;
Calcine-a; lamba em fogo os obeliscos;
De Memphis as pyramides encubra
De fuzis e de fulvidos coriscos;

Relampeje emfim... Mas sem que tiseu
A rija carnagaõ d'ella, mais grata,
Mais doce aos olhos que o candor do cysne,
Que no cristal do Eurótas se retrata;

Não lhe deslustre, nem marée a alvura;
E nem lhe decomponha a peregrina
Combinação, e a siogular mistura
De anil, leite e nacar da pelle fina.

Ou pinta-a, não em vasto peristyllo
De capiteis corinthios, mas n'aquelle
Sobria feição do estylo dorio: — estylo,
Que, por mais simples, é mais proprio d'ella;

E, eo hombro a clamyde espartana, ao peito
A egide edemantina, areia, inteiriga,
No braço esquerdo o escudo, e no direito
A espada de Justiça;

Em meio a um Parthenon, firme, e conserva
Sem os crespos flóres de acantbo e louro:
E ell-a, ao molde de estatua de Minerva,
Felte por Phydias, de merfim e de ouro.

Então não queiras tu pôr em confronto
O original e a imitação já fluda,
Para ver se, d'aquelle, n'esta um ponto,
Um toque, ou pincelada falta ainda;

Nem, ne febre da esthetica, profunda
Mais teu olhar, buscando-lbe a nudeza
Perlustrar do seu corpo—mappa-mundi
Da suprema Belleza.

Poupe ás faces de densa a onde purpuree:
Pinta-a, ideando-a só: n'elvo recabo,
O torso e o resto... sem, tremendo injuria!
A tunica rasgar-lbe de alto a baixo...

Maio, 85.

(Dos Versos e Versões)

RAYMUNDO CORREA.

CHRONICA SCIENTIFICA

FACTOS MEDICOS E CIRURGICOS

HOSPITAL DA MISERICORDIA

Não foi das mais ferteis em acontecimentos clinicos a semana a terminar. Apenas o Sr. Barão de Saboia, em eua enfermaria, teve occasião de praticar a amputação das duas pernas de um individuo, victima da Estrada de Ferro.

Seria um documento assás curioso a estatistica bem organizada dos casos que têm entrado no Hospital da Misericordia, devidos a desastres de bonds e trens de ferro; e, ainda mais interessante seria offerecer-se aos altos poderes da nação a resenha das mortes — somente das mortes — occorridas naquello Hospital, e produzidas por ferimentos habil e impunemente vibrados por *nagas* e *guayamus*.

Talvez que, á vista de tão eloquente documento, outras e sérias medidas fossom tomadas contra essa nova especie de *sociedade*, que a policia, em seu alto saber, entendeu considerer *anonyma*!

Em compensação, porém, as ultimas semanas forneceram um contingente valioso para a historia da cirurgia, no Brazil.

Varios foram os factos de particular interesse scientifico! Da enfermaria do Dr. Pedro Affonso Franco sahio, completamente curado, um individuo de — pedra na bexiga.

Operado em sua residencia pela *litholapaxia*, foram extrahidas cerca de 56 grammas de pedra fragmentada.

A operação, como de costume, brilhantemente feita por aquelle cirurgião, augurava um resultado lisongeiro, embora em um homem depauperado e com 67 annos de idade.

O doente, porém, esquecendo as expressas prescripções do medico, retirou da urethra a sonda — impeçilio a que por ali se insinuassem fragmentos do calculo: foi o que succedou, sobrevindô violenta febre urinosa que seriamente poz em risco a sua vida!

Foi então feita com urgencia a talba perineal, retirando-se, mais ou menos, 50 grammas de pedra.

Continuando a febre intensa e revestida de caracteres perniciosos, foi o doente removido de sua residencia, acobrada e infecta, para a enfermaria d'aquelle cirurgião, do Hospital da Misericordia, onde sob os seus cuidados tratou-se e restabeleceu-se.

Este facto, além do interesse clinico que por si só desperta, constitue ainda um formal desmentindo áquelles que julgam que no Hospital da Misericordia a caridade não é exercida como deveria sel-o!

E' mais um curioso caso de grande calculo vesical, pesando cerca de 106 grammas, reclamando, por accidentes estranhos á vontade do medico, duas importantes e graves operações: a *lithotricia* de *Bigelow*, rarissimas vezes feita entre nós e, creio, executada somente tres vezes, com exito feliz, pelo Dr. Pedro A. Franco e uma pelo Conselheiro Barão de Saboia, e a *talha perineal* — também de não pequena gravidade — ambas coroadas pelo mais lisongeiro resultado.

O Dr. Oscar Bulhões, que tem sabido conquistar um logar saliente na cirur-

gis brasileira, operou, em sua enfermaria, um hydrocelle monstruoso — facto unicamente curioso pela retirada de 2000 grammas de liquido!

Nessa mesma enfermaria estão em estado satisfactorio, mas em via de cura, dous operados: um de urethrotomia externa, e outro, de resacção do astragalo — por fractura d'essee osso.

E' um caso raro; torna-se ainda mais curioso por não se poder chegar á causa determinants d'essa e outras lesões de soneuos importancia apresentadas pelo doente.

A enfermaria do Dr. Feijó Junior foi o ponto da reunião de grande numero de medicos e estudantes, chamados por um notavel caso clinico, cujo diagnostico, firmado á custa das maiores difficuldades, motivava a grave operação da ovariotomia.

O illustrado professor, cauteloso como sempre, depois de haver cercado a sua doente de todos os meios anti-septicos, de accordo com os mais modernos preceitos, deu começo á operação, preferindo o processo classico.

Aberta a cavidade abdominal, reconheceu-se que se tratava de *kystos gelatinosos multiglos do peritoneo*, constituindo em alguns pontos verdadeiros cabos de *kystos* e dando sahida a enorme quantidade de liquido transparente e gelatiniforme.

Foram feitas diversas lavagens da cavidade, sendo applicado rigoroso curativo phenicado, depois de bem estabelecida a drainage. A doente vae bem; e, até agora, nada occorreu de notavel na marcha do seu restabelecimento.

Finalmente, não deixa de ter aqui cabimento a noticia de uma infeliz criança, viva e alegre, quo trsz impressas em seu organismo as mais bizarras anomalias de fórma, embora esse facto interesse mais de perto ao orthopedista, que verdadeiramente ao cirurgião.

E' um menino com 5 annos de idade de rosto agradável, de intelligencia clara e regularmente desenvolvida, que entretanto, apresenta uma serie curiosa de disformidades congenitas.

Tem ambas as mãos divididas, na parte mediana, até o punho; alguns dedos acham-se unidos sob o mesmo segmento; e a perna direita só tem um osso, é excessivamente curta, de uma grossura igual em toda a extensão e executa movimentos em todas as direcções.

O pé, também direito, está com a planta inteiramente voltada para cima e para fóra, isto é, em perfeito *varus*.

O femur, da côxa direita, em sua parte inferior tem os condylos bifurcados em grande extensão e é sobre o interno que se acha implantada a perna.

A criança anda arrastando-se, servindo-lbe de apoio esse mesmo condylo interno.

O habil e eminente Dr. Pedro Affonso Franco, actual director do serviço clinico do Hospital da Misericordia, mandou constuir um apparelho, de combinação sua, afim de fazer com que essa criança possa andar de pé, livre e desembaraçadamente.

DR. DODSTOL.

POESIA E POETAS

«IMPRESSÕES», VERSOS POR D. IGNEZ SARDINO PINHO MAIA. PERNAMBUCO, TYP. APOLLO; 1887. 151 PAG. COM UM BELLO RETRATO DA AUCTORA.

Quasi sempre que se tracta de julgar a obra litteraria de uma senhora se faz preciso que o euphemismo — leitor benevolente — tenha uma certa expressão de realidade. E, na nossa qualidade de leitores, teriamos de ser muito mais benevolentes do que convem aos interesses positivos da arte, se quizessemos elogiar o livro da poetiza que ora se nos apresenta.

A benevolencia da critica é muito mais prejudicial a um escriptor que começa, do que o ataque injusto. Este livro das *Impressões* é o terceiro que publica a Sra. D. Ignez Maia. Não conhecemos os anteriores, mas por este é hem facil julgal-os. Pois hem, se quando a auctora publicou os seus primeiros versos a critica houvesse sido imparcial, sincera e verdadeira, o houvesse dito á Sra. D. Ignez que para se publicar um livro é preciso, pelo menos, saber grammatica; se a critica lhe houvesse dicto que a poesia é uma arte difficil, que tem regras indispensaveis e fataes e que para se fazer versos é necessario, antes de tudo — além do conhecimento da lingua — saber-se metrificacão; se a critica houvesse cumprido o seu dever de aconselhar e censurar — a Exma. Sra. D. Ignez Maia dar-nos-ia agora um livro pelo menos aceitavel, ou não publicaria livro nenhum, o que seria preferivel.

Não lémos nas *Impressões* uma só poesia onde não haja versos errados e rara é a que não tem erros palmares de grammatica, da qual a auctora nem sequer cohece a prosodia.

No prologo, uma embrulhada incomprehensivel de prosa, a auctora affirma a sua applicacão e amor ao estudo. Pois necessita ainda de maior applicacão e mais estudo, Exma. Senhora, para poder lançar a publico um livro que se possa ler. V. Exa. tem inspiracão e, ás vezes, até tem idéas; mas o que a prejudica é a absoluta ignorancia da arte. Somos pela educacão da mulher e entendemos mesmo que a mulher deve cultivar a arte, uma arte qualquer. Mas o nosso enthusiasmo pela mulher de letras não vao até o extremo de applaudir um mau escriptor, só porque esse escriptor é uma mulher. A gentileza com as damas deve ser praticada incondicionalmente nos salões e no tracto social. Na litteratura é que não ha damas nem cavalheiros: — ha auctores. Fóra, pois, a cortezia devida á dama, e logar á sinceridade e rudeza devida ao escriptor. O livro da Sra. D. Ignez Maia é um pessimo livro. Logo na dedicatória ás senhoras brasileiras se nos depararam estes desgraciosos e mal trahalhados versos, num periodo sem syntaxe:

«En não venho carpir ternas endéixas,
E nem mesmo soltar suaves queixas
Que faça um rosto bello entristecer
Logo a primeira estrophe, e vá fazer
Tontura a quem, num riso de despreso,
Atacado de spleen, se veja preso
Em dias iavernos, pegue um livro
Por mera distracção, e veja vivo
Compendio de tristeza ou magua atroz,
Da lyra um rude harpejo on d'alma a voz
Lestimando um amor já esquecido.»

Não é preciso saber tanto a gram-

matica como o Sr. Julio Ribeiro para se ver que, estando o sujeito no plural, para o plural deveriam ir tambem os verbos. — Queixas que *faça* entristecer? Endechas que *vá* fazer tontura! Oh! oh!, minha senhora!

Mais: «Oe roseos lindos cachos sobre ti derrama suavissimo perfume...» (Pag. 16). Em uma poesia feita a Lucinda Furtado Coelho:

«Te envio um verso meu no dia fausto
E o pobre coração em holo-austo
E' pouco!... Mas recebass'incorar» (Pag. 110)

Isto faz-me lembrar uma carta em que um amigo meu, convidando-me para ir a sua casa d'elle, me dizia, com fervor: — «Venhas! venhas!»
Exemplos de medonhos versos alexandrinos:

«E lhe disputa a posse dos arcanos seus»
«Os braços redemptores, fluidos nos seus brilhos»
«As arvores inmoveis, juvenes, plumbeadas...»
«Gazophylacio eterno de oudas sonoras»
«Em uma larga rua, n'ella se agrupavam»
«O céu napolitano vae ceder-lhe o passo»

Páro aquil. Estes versos pertencem um a cada poesia e apenas cheguei a pag. 29.

Exemplo de inacreditaveis decasyllabos:

«Um pão sem igual, pão do talento»
«Atlantico, chamarei a essas aguas»
«Perdão! diz ao pae o filho ingrato»
«Nesse ergastulo sublime e impenetravel»
«Ao impulso de minh'alma que me ordena»

Estes, com os outros, são tambem um de cada poesia, das que estão até pag. 32. E todas ellas tem quantidade de versos do mesmo feito!

E' o que podemos dizer, com desgosto e magua, do livro da poetisa pernambucana.

S. Ex., porém, não deve desanimar-se. Estude um pouco de grammatica e um pouco de arte poetica, peça aos poetas de Pernambuco, que os ha por lá bem bons, que lhe apontem sincera e francamente os erros, e mais tarde reconhecerá que lhe dissémos a verdade; quando a irritacão que lhe houver causado o nosso juizo, se houver transformado em suave gratidão, que não pedimos, V. Ex. publicará um livro que possa honrar as letras e o nome da mulher no Brazil.

F.

JORNALS E REVISTAS

Temos e n. 10 d'O *Sportman*. Cada vez mais se torna merecedor do apoio e da sympathia dos amadores do *turf* este periodico, que lhe é especialmente consagrado. O que mais o recommenda é o espirito de imparcialidade e o desejo de fazer justiça que cempre revêla nas apreciações das corridas e do procedimento das sociedades.

O numero do *Correio da Europa* correspondente a 8 de Junho traz, entre outros, os retratos da princeza D. Amelia e principe da Beira e o do illustre visconde de Juromenha, o laureado biographo de Camões, fallecido em Lis-

boa em principios de Junho, com oitenta annos (nascera a 25 de Maio de 1907.)

O ultimo numero d'*Occidente* traz uma bella gravura representando a Ponte de Santa Izabel e Palacio da Assembléa Provincial em Pernambuco.

O que traz de mais interessante o n. 8 (4º anno) d'*Illustração* é o retrato do grande escriptor portuguez Oliveira Martins e biographia respectiva por Luiz de Magalhães e a Chronica de Mariano Pinna.

O *Brazil Medico* n. 23. Contem excellentes artigos sobre medicina e cirurgia.

A *Estação* n. 12. Anno XVI. Dá-nos elegantes figurinos e moldes. Na sua pagina central figuram duas bellas gravuras *Os diomantes da coroa de França* e *O anniversario do Imperador Guilherme*. Traz tambem este numero uma boa parte litteraria.

O *Brazil Illustrado* n. 11. Um bem escripto e variado texto e algumas illustrações dignas de nota.

Revista Illustrada n. 450. Venha cá, seu Angelo. V. é um lapis terrivel! Este numero da *Revista* está optimo; a sua primeira pagina *Pobre D. Pedro II!* é soherda de ironia e a pagina central *As ultimas noticias acerca de S. M.* é de um humorismo e de uma diabrura... de todos os diabos! Quanto ao texto basta ser elle devido á penna de Julio Verim.

Delle transcrevemos hoje o magafico e judicioso artigo *Por causa de um soneto*.

A.

POR CAUSA DE UM SONETO

De ha muito professamos a opinião, talvez excentrica, porém muito arraigada, de que em nossa terra a verdadeira coragem está em ser... moderado.

As violentas polemicas e as acerbas discussões a que tomamos assistido, duzias de vezes, com raras excepções tem deixado de provar que não ha merito nem risco em recorrer a esses extremos de linguagem.

Ora, sendo o nosso estado ainda de organisacão, e perturbadas todas as funcções por caueas, ora occultas, ora claras como a escravidão e outras, dividindo o paiz em grupos inimigos, sempre achámos que era preciso passar em claro e esquecer muita coisa, para não chegarmos todos a um estado intoleravel de guerra civil nos espiritos, que parecia ser um plano de enfraquecimento geral.

N'estas circunstancias, ao mesmo tempo que nos inclinavamos a não interromper a cordialidade das relações por leviandades, mais ou menos precipitadas, notavamos na geracão nova um verdadeiro furor de elogio e de ataque mutuo. Muito pouco respeito pelo trabalho alheio, e uma impaciencia medonha de ir á gloria!

Contavamos com o tempo, com os dissahores porque passavam esses exal-

tados, para ver as coisas entrarem na ordem.

Agora, porém, surge uma d'essas aggressões a um poeta de grande talento (com quem nunca trocámos a menor palavra), mas que nos magoou, pelo tom desabrido com que lhe foi feita.

Referimo-nos ao auctor das *Symphonias* e á accusação de plagio que lhe é atirada sem fundamento.

Incontestavelmente, ha entre o trecho da *Mlle. de Maupin* e o soneto *As pombas* certa identidade de idéias.

Mas, esse trecho nada vale, junto ao soneto.

Nós mesmos, que lémos varias vezes o romance de Th. Gautier, e que até traduzimos algumas passagens, entre ellas o trecho em questão, não ficámos com a menor idéia de existencia d'esta ao passo que o soneto de Raymundo Corrêa nos impressionou sempre como novidade de idéia e como perfeição de forma.

Ora, pelo facto de repetição de idéia, não ha plagio, e o soneto em questão, além das imagens de Th. Gauthier, tem outras, absolutamente originaes.

Concordavmos que a impressão profunda, que essa peça litteraria produzia, empallideça um pouco com a approximação do trecho da *Mlle. de Maupin*.

Mas d'ahi a eclipsar-se, e até tornar-se em libello, ha um abysmo. Tirando-lhe alguma cousa, o que fica, ainda assim, é uma forte impressão admirativa, ligeiramente atenuada, por não ser a idéia de todo original.

Mas Raymundo Corrêa tem sido atacado com feroz crueldade, que não, pouco nos magoou, pois a injustiça nos revolta.

Ao testemunho que dou junto outro, que se levar algum conforto ao sonador das *Symphonias*, me terá pago, com usura o trabalho de traçar estas linhas.

Ha tres ou quatro annos, numa viagem que fiz, estando com o auctor da *Morte de D. João*, mostrei-lhe o volume das *Symphonias*, a ultima novidade litteraria, que levara do Rio de Janeiro.

Guerra Junqueira leu algumas poesias, sem revelar grande enthusiasmo, e dando a entender que Raymundo Corrêa era uma bella esperanza.

Nisto, chegou ao soneto *As Pombas*, e a sua atencão fixou-se; vi que seguia a leitura, embevecido. Chegando ao ultimo verso, Guerra Junqueira mostrou-se enthusiasmado.

— E' honito! exclamou. E, até este verbo novo, *ruflar*, é de um lindo effeito.

Ora, Junqueira é um fanatico da *Mlle. de Maupin*, e o tal trecho, não se lhe fixára na memoria; senão teria dito logo a sua impressão.

Na verdade, esse trecho de prosa só agora surge com um grande valor, entre nós, e isto pelo facto da accusação de plagio.

E, sobre esta velha questão das novas idéias, ha alguma cousa de Camillo Castello Branco, sobre o trecho de Garrett:

Saudade gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,

cujos precursores, Camillo, com a sua grande erudição, foi encontrar, em não sei quantos escriptores, seculos antes de Garrett.

Tenho tambem idéia de que, resumindo as suas excavações, o auctor do *Cancioneiro Alegre* fazia, plena justiça ao cantor de Camões, reconhecendo que ninguém, antes d'elle, dera a esse pensamento forma tão completa e sublime.

Para o caso de Raymundo Corrêa a hypothese é a mesma.

Quantas vezes a idéia dos pombaes, comparada ás illusões, não terá sido apresentada?

Ha tantos encontra simultaneos em coisas litterarias! Eu, já tiva um d'estes casos com Valentim Magalhães. Um bello dia, vi nas *Notas de margem*, um trecho qualquer, muito semelhante a um que eu estava imprimindo em livro, e cujas provas recebera na occasião. A semelhança de idéias era tal, que, como exemplo de uma coincidência extraordinaria, mandei as provas ao antigo redactor da *Gazeta de Notícias*. Tínhamos peneado a meema couea e ao mesmo tempo; o modo de a exprimir era, tambem muito semelhante. Creio que Valentim Magalhães, ainda ha de ter recordação d'este episodio.

O mais interessante, agora, era ter-eo dado com Raymundo Corrêa, o mesmo que se deu commigo e com Junqueiro: não ter conservado da «Mlle. de Maupin» recordação do trecho incriminado, ou, quem eebe? não ter mesmo lido o romance.

Em todo o caao, sentimos o tom azedo da accusação, e o modo como tem sido tratado o poeta, sem nenhuma especie de benevolencia, quando, pelos seus trabalhos era o caeo de dizer: *à tout seigneur tout honneur!*

Nós continuamos a apreciar o seu bello soneto. E que venham outros!

JULIO VERIM

Perfil de Camillo Castello Branco

PELO

PADRE SENNA FREITAS

Em meio das escassissimas produções da nossa litteratura, entre as quaes avultem os volumes de versos, mais ou menos pretenciosos e sporiferos, onde rerissima vez a critica pôde descobrir a voz de algum poeta original, que traga uma nota pessoal á insípida monodia de banalidades metrificadas e rimadas—chega-nos ás mãos um valente livro, escripto pelo padre Senna Freitas e relativo á grande individualidade litteraria de Camillo Castello Branco. O trabalho do padre Freitas tem altissimo valor em todos os sentidos e veio confirmar definitivamente a sua reputação de escriptor vernaculo, correctissimo, pittoresco, fecundo, possuidor de uma linguagem de lei, vibrante, incisiva e colorida. Para ler com desprevenção este livro, é preciso lembrarmo-nos de quo o seu auctor é padre catholico, e por consequencia não faz mais do que o seu dever combatendo o que suppõe aer impiedade e atheismo. Não temos que lhe pedir contas por isto, e quem não se agrader das suas controversias, não tem mais que voltar a folha e continuar a leitura mais adiante. Tratando-se de um escriptor, eu prefiro mil vezes um ultramontano ferrenho que escreva bem, do que um demorata livre pensador que não saiba elinharvar quatro adjectivos. Quem maneja uma penna deve, antes do tudo mais, conhecer e lingua e as regras da arte de escrever; se as não souber, mesmo que seja propagandista das melhozes idéias, amanhã já ninguem se lembrará do que elle pensou nem do que elle disse.

O vulto colossel de Camillo Castello Branco nos apparece nesse livro ainda maior do que o julgavamos.

Sempre votámos a mais profunda admiração áquella extraordinario espirito, cuja pasmosa fecundidade é realmente para maravilhar. Emquanto não outro, com to-la a nossa ridicula prosapia, fazemos um artiguete de jornal, elle escreve um livro. E quando conclue este livro, atopetado de erudicção a feito ne lingua mais opulenta que é dado a um cerebro possuir, o gigante das lettras portuguezas entrega-se ao decaço... escrevendo outra obra. Os seus lazeres são mais ferreiros do que a azafama operosa de muitos outros.

Camillo Castello Branco ainda não está collocado no logar que merece, isto é, no primeiro.

E' uma arvore tão alte, tão copada, oa seus ramos multiplicam-se com tal rapidez, abrangem tão vasto terreno, corre-lhe nas veias uma caudal tão impetuosa de seiva plethorica, que a sua verdadeira grandeza só poderã ser avaliada quando a foice da morte deceper-lhe o enorme tronco. Aquillo não é um bomem, é uma litteratura. Morressem todos os litteratos de Portugal, e Camillo sósinho sustentaria o brilho e abasteceria o mercado de livros.

Mas não sabiemos que aquelle terrivel polémista, que tanta vez ha transudado em seus opueculos uma especie de humourismo *bilioso*, singular, poderoso e irresistivel, possuísse um coração amantissimo; que aquelle cabeça encanecida no fermentar constante das idéias, calcinada pelo soffrimento, tostada pelas refregas dolorosas de uma vida longa e agitada—fosse capaz de inclinar-se, meiga e chorosa, no puro regaço da amizade.

O padre Senna Freitas descobre-nos um Camillo da vida íntima que ainda não tinhamos a dita de conhecer.

URBANO DUARTE.

THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

COMPANHIA DO THEATRO D. MARIA II

Com o tbeatro inteiramente cbeio estreou-se no dia 24 do mez passado esta magnifica companhia dramatica, que pela segunda vez noe visita, accrescentada com o ector Eduardo Brazão que desde 1890 não tinhamos o prazer de applaudir.

Representou-se a deliciosa comedia de George Sand — *O Marquez de Villemer*.

Da peça e do desempenho que lhe dão estes artistas já dissemos longamente o anno passado. A peça é uma das mais notaveis do tbeatro francez. Um verdadeiro primor, cujo merecimento litterario tem sido reconhecido e exelgado por todos os criticos e que só imbecis poderiam negar. E George Sand escrevendo esta obra-prima, foi um precursor do naturalismo no tbeatro, pois o *Marquez de Villemer* é uma verdadeira obra naturalista; e escreveu-a no tempo em que o inextogavel Scriba abarrotava o tbeatro francez com a sua obra de fancaria, falsa como Judas!

O desempenho que lhe dá esta com-

panhia está na altura da peça. As Sraas. Carolina Falco e Virginia, Augusto e João Rosa interpretam admiravelmente os seus papeis. O de Augusto (duque da Aleria) tem sido feito em Lisboa, ha muitos annos, por Brazão, que lhe tem muito amor; como houvesse, porém, sido feito aqui, no anno passado, por Augusto Rosa, tambem o foi desta vez.

Muito desejeriamos — e o publico certamente tem o mesmo desejo — ver Brazão neste papel.

Augusto Rosa satisfaz-nos cabalmente nelle; pertencendo porém o papel ao repertorio de Brazão e tanto o estimando esta, é natural o desejo de vel-o interpretando o duque de Aleria.

E esperamos ver satisfeito este desejo, mesmo porque a empra fez annunciar que o actor Brazão faria aqui todo o seu repertorio.

SEVERO TORELLI

No repertorio da companhia do tbeatro D. Maria II, de Lisboa, qua aqui tem de ser representado, figura o drama em verso, em 5 actos, de François Coppée, *Severo Torelli*, passado a versos portuguezes pelos applaudidos poetas Macedo Papauça e Jayme Victor. Esta peça, que déra ne *Odeon* 107 representações, apenas deu 5 no D. Maria II. O publico enfatiou-se a valer, achando pouco para cinco actos apenas duas situações importantes, e abandonou a peça. (com expressivo italico).

Na sua ultima chronica d'*O Occidente* Gervasio Lobato resuma o trecho de *Severo Torelli* e a sua critica pela seguinte fórma:

«Para nós o defeito theatral do *Severo Torelli* é ter cinco actos.

Se François Coppée fosse um boce-dinho mais auctor dramatico teria feito com aquelle assumpto um esplendido e irresistivel drama n'um acto.

Effectivamente todas as situações poderosas, todas as situações verdadeiramente dramaticas d'aquella lugubre tragedia se podiam agrupar logicamente n'um acto só.

O que vem a ser o *Severo Torelli*?

E' o filho d'um adulterio quaaí sagrado; da esposa que se desbonra pera salvar o marido que adora.

Ignorando o mysterio horrivel do seu nascimento Severo Torelli jurou perante a hostia consagrada matar o tyranno de Pisa, o egressor da sua petria o sanguinario Barnabo Spinola.

Sua mãe, a heroica D. Pio, sabedora d'este juramento, confessa a seu filbo a verdade horrivel:—Barnabo, o tyranno, é o paes de Severo Torelli.

Severo ache-se portanto collocado entre o perjurio e o parricidio:

Eu com este punhal fiz este juramento:

«Juro ferir com mão segura e decidida,
«Enterrar o punhal, revolvel-o na frida,
«Sija onde quer que for matar o monstro abjecto,
«Mesmo na nossa casa e sob o nosso tecto,
«Aqui junto do altar, de joelhos e mãos postas
«Sendo preciso aid enterrar-lhe nas costas
«O meu punhal, e erguendo o ferro ensanguentado,
«Dedicar o holocausto a Pisa.» — Está jurado!
Este problema é claro e tenho-o debatido;
Necessita de ser depressa resolvido:
Ou eu o mato ou não. Se a mato sem piedade
Entrego a minha patria, heroe! á liberdade,
Cumpro perante Deus um santo juramento,
Castigo o torpe, algoz, a carnacao violento
Da minha pobre mãe ultrajada, asseguro
Ao bom Torelli a paz, a honra e o futuro.
Se o não mato, meu Deus! que indignação, que horror!

Sou um perjuro ao céu e á patria um traidor,
Morrerão amanhã dez homens innocentes,
Hão de crivar-me a alma os odios succedentes

Das meus comedidões, e o nome respeitado:

De vitha que me adora, hade ser sepultada
Na lodo e na deshonra!... O coração; o peito,
Que debras como um bronze e arquetas o meu peito,
E' preciso escolher e decidir!... Ah! Pisa,
Terra em que a crime imprerã e a virtude agonias,
Encerra na teu ventre um turbilhão horrendo
De monstros... Ugoletta e seus filhos, mordendo
Safregamente as mãos, fuminas, a estarem
O momento fatal de se entra-decorarem!
Podias inspirar-te, é tembraso Dante,
N'esta immundo crevil de feras. N'um instante
O teu olhar, ó patria ensanguentada, ras
Ver Severo Torelli a assassinar seu paes!
Meu paes! Meu paes!... Porque? porque o tyranno
um dia

Violeu pelo terror e pela covardia

Uma triste mulher sem força e insenselarel!
E eu, santa Deus! nasci d'este acto abominarel!
Meu paes! Mas se é meu paes esse homem tão atroz,
Porque não sou como elle estúpido e feros?
Pois se da sua carne a minha carne é festa,
Porque me acolhe a alma e o coração me accieita,
Esta innocencia ideal que loucamente adoro?
Enão porque heimo eu? Apesar desse choro
Que inundou, minha mãe, teu lugubre passada,
E tambem apesar d'esse mandado honrado
Que a patria me entregou?... Porque duvida
então?

Que estranha garra, ó Deus, me aperta a coração!
Que covardia é esta, e emfim, porque me assusta
Erguer sobre o tyranno a minha mão robusta?...
Pois bem, Tenho toda uma meo, um sophisma, ó
piedade!

Vou cumprir da missão apenas a metade.
Arrisco a honra, sim, e esse homem tão cruel,
Liberio o meu paiz sem o matar a elle!
E' um plano, bem sei, bastante duvidoso...
Oh! mas se recusar, indomito e raivoso
Acabarei com elle, e acabarei o amigo.

(Olha o punhal)

Farás o teu dever, meu derradeiro amigo?...

Barnabo entra. Entre o paes e o filbo ha uma scena terrivel. Severo ergue para elle o punhal.

«Morreremos os dois...»

N'isto um vulto negro sae de traz d'um relicerio, crava um punhal no peito de Barnabo, dizendo:

«Não! morrerá só elle!

E' D. Pio que para salvar seu filbo do perricidio mata aquelle que a ultrajou, e depois se mata, a si, podendo ao filbo que viva para consolo do velho Torelli.

Toda e ecção dramatica da peça é esta, e como veem toda ella sa podia reunir n'um só ecto.

Em cinco é extremamente dilnida; para se chegar ás situações culminantes atravessam-se muitas scenas sem interesse, que cançam, que enfastiam o espectador e que explicam o desastre que no tbeatro de D. Maria teve a peça de Coppée.

Gervasio Lobato.

Ha sete annos já o desempenho que Eduardo Brazão dava ao papel de Kean lhe conquistara todas as sympathias e fizera que o nosso publico o considerasse actor de grando futuro. Pouco antes Roesi bavia feito o mesmo papel com singular brilhantismo, e Brazão não nos obrigara a ter saudades do eminente actor italiano. Datou do Kean a reputação de Brazão como actor de primeira ordem.

Ágora apparece-nos o mesmo homem, mas outro artista.

Ao actor cheio de talento, mas um tanto descomedido e desordenado, succeden o artista correcto, inteiramente na posse ds sna arte, meticoloso, distincto e brilhante.

O difficil papel da Edmundo Kean é

agora representado a primor, com extraordinario talento e uma perfeita harmonia de linhas e de tons. No segundo acto Brazão é inexcusable. É um encanto ouvir-lo no formoso dialogo com Mias Damby, dialogo a que elle imprimio um colorido vigoroso, firme, exacto, magistral. A famosa scena da taberna, com quanto pittoresca, não exige do actor a mesma delicadeza, a mesma observação da verdade, o mesmo cuidado no dizer; é uma scena prompta, de offeito seguro para o publico, e Brazão representou-a tambem admiravelmente. No terceiro e quarto actos foi bellissimo o trabalho do grande artista. O monologo do Hamlet, o dialogo com Ophelia e subsequente scena da loucura foram soberbamente feitos. A recitação do asombroso monologo de Shakespear merece sempre os maiores cuidados aos artistas que fazem o Kenu. Brazão recita-o maravilhosamente. A duvida transparece-lhe na physionomia transformada de louco; a voz, cahindo sempre nos tons graves dá ao verso uma solemnidade grandiosa; o gesto é largo; a attitudão acompanha docemente a palavra, e quando o desditoso principe se afasta dos seus passados amores, que lhe lembram o mundo com todas as suas torpezas, vai succumbido, cabisbaixo, dubitativo, com o olhar desviado, vai curvo, infirme, arrastando os pés! Uma interpretação magnífica e uma execução magistral!

É um bello trabalho, feito com methodo e estudo, que honra o artista e lhe dá direito a applausos incondicionaes.

Augusto Rosa foi um principe de Galles verdadeiramente príncipesco, elegante, distincto, correcto e sobrio.

Antunes representou bem o papel de Salomão, dando-lhe relevo e graça.

Virginia fez razoavelmente Anna Damby. Se não fosse uma certa monotonia no dizer, monotonia que mais apparece entre aquelle conjunto de artistas que se preoccupam com o colorido, com os meios tons e com a delicadeza e variedade da dicção; se não fosse isso, o papel de Miss Damby seria digno dos maiores applausos.

Silva Pereira esteve magnifico no Pistol: leve, ligeiro, saltitante, engraçadissimo. O publico riu-se francamente com elle e applaudio-o por vezes.

A condessa Helena encontrou na Sra. Falco uma interprete conscienciosa e elegante.

Os outros papeis não tem importancia, mas foram todos bem desempenhados.

A peça já foi representada quatro vezes e sempre com a casa cheia.

Parabens á empresa.

RECREIO DRAMATICO

No dia 26 do mez passado realizou-se o beneficio do actor Dias Brnça com a representação do celebre drama de A Dumas, *Kean*, que está sendo tambem representado por Ednardo Brazão no S. Pedro de Alcantara e pelo actor Bernardo na Phenix Dramatica.

Não podemos crer que o estimavel empresario do Recreio houvesse escolhido o difficil drama escripto para o grande Frederico Lemaître com o intuito de entrar em confronto com o primeiro artista da companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa.

Representou-o somente para mostrar

que estuda e trabalha com nfinco, procurando assim conquistar ainda mais a sympathia do publico.

E conseguiu-o, pois fez applaudir-se com enthusiasmo, agradando á platéa em varias situações, especialmente nas de mais vigor.

Com prazer registramos o triumpho obtido pelo provector e consciencioso actor Magioli no papel de Salomão As Sras. Ismenia e Helena e os demais artistas concorreram grandemente para o exito da peça que se tem repetido.

POLYTHEAMA FLUMINENSE

No sabbado ultimo estreiou-se a companhia japoneza tão annunciada em todas as folhas e reclamada por todas as esquinas em vistosos e largos cartazes.

Uma hora antes de começarem os espectaculos estão os japonezes em suas barracas trabalhando á vista do publico em bordados, pinturas, trabalhos sobre madeira a canivete, leques, guardas-sol, etc.

Vale a pena ver a paciencia, a delicadeza, a agilidade e a pericia com que são executados esses trabalhos. Mais tarde, quando houver boa quantidade de objectos manufacturados, serão vendidos aos frequentadores do circo.

A companhia tem artistas japonezes de primeira ordem.

Apontemos desde já a formosa japoneza que sobe com as mãos e os pés nus por uma escada de cutellos afiadissimos; trabalho inteiramente novo e maravilhoso, estupendo, inexplicavel! Entre as crianças ha uma que faz admiraveis exercicios de deslocação e equilibrio.

O trabalho com os piões e o cachimbo, o homem que come brazas, o prestimano, o palhaço musical, etc., são todos dignos de ver-se.

Não terminaremos sem uma referencia aos oito lindissimos *ponneys*, perfeitamente ensinados, e aos engraçados cães que fazem as delicias da criança.

Paesam-se magnificas horas actualmente no Polythema.

LUCINDA

A companhia de Zarzuelas, de que são directores os Srs. D. Valentim Garrido e D. Antonio Del Valle, exhibiu durante a semana algumas das melhores peças do seu repertorio, que é vasto e escolhido. Deu-nos, no sabbado, a *Catharina*, musica de Gastambide; no domingo *A Mascotta*, de Audran; na segunda *Jogar com fogo*, de Barbieri; na terça *O Rabo do Diabo*, de Oudrid, e *O Juizo Final*, de Barbieri; na quarta *El Barberillo da Lavapiés*, tambem de Barbieri; na quinta *As nove da noite*, de Caballero; e hontem, finalmente, *Os Madgyares*, peça de grande espectaculo.

A vista da diversidade de peças com que a companhia delicia os seus numerosos *habitués*, não podemos a longanos na apreciação minuciosa do desempenho de cada uma d'ellas. Forçoso, porém, é confessar que o brilho do desempenho é devido, muito especialmente, ás Sras. Plá e Sacanelles e aos Srs. Garrido, Manso, Ramos e Jordan, todos excellentes artistas e cantando correctamente, de modo que o theatro

é sempre pequeno para conter a enorme concorrência de amadores do genero *Zarzuela*.

E, d'entre esses artistas, ainda especialisaremos a Sra. Plá que, n'um verdadeiro *tour de force*, se encarregou de substituir em todos os papeis e com grande brillantismo a sua collega 1ª tiple que abandonára a companhia na Bahia, salvando assim a Sra. Plá a situação embaraçosa em que então se achou a empresa e os artistas por ella contractados.

SANT'ANNA

No fim de 19 annos de trabalho, de luctas, de decepções e de triumphos, foi no dia 30 dissolvida a companhia do Heller!

Mas o Heller, sempre exquisito e mysterioso, annuncia duas peças para uma época proxima: *A Princeza Flor de Maio* e *O Moleiro de Alcalá*.

É o caso de se lhe perguntar: — Com que companhia?

P. TALMA.

SPORT

A quarta corrida que realisoou no domingo passado o Prado Villa Izabel esteve esplendida e extraordinariamente concorrida, colbendo esta distincto sociedade mais uma bella victoria.

No Grande Premio Metropolitano (3:000\$ ao 1º, 800\$ ao 2º e 400\$ ao 3º e o 4º livrando a entrada) foram inscriptos alguns dos melhores parelheiros nacionaes, conhecidos e que indubitavelmente teria tido esse pareo grande animação se Sibylla e Talisman, que nelle se inscreveram, não tivessem declarado *forfait*.

Boreas, Diva e Bonita foram os parelheiros que disputaram este premio tão importante e sem a minima animação, visto Boreas não ter competidores fortes e que lhe pudessem tornar a corrida duvidosa e a victoria difficil.

Apezar dos *forfaits* nos diferentes pareos, o programma não deixou de ter bom acolhimento dos amadores do turf. Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1300 metros) Rigoletto em 87 segundos venceu os seus competidores, partindo com alguma vantagem. Aymoré, que chegou em 3º lugar, está em más condições e ficou manco. Cantagallo, que chegou em 2º, mostrou pouca vontade de vencer, como ultimamente tem feito todas as vezes que tem corrido com Rigoletto. Zaino, Juanita e Verbena não mereceram classificação. A poule rendeu 18\$100.

No 2º pareo (1450 metros) Espadilha, com bastante facilidade, em 98 segundos, venceu Berenice, que chegou em 2º lugar e completamente esgotada. Erce, que pela primeira vez correu, fez triste figura, parecendo grande bacamarte. Gazella e Catita não correram. A poule rendeu 11\$500.

Este pareo não teve muita importancia visto Espadilha não ter competidores fortes.

No 3º pareo (1450 metros) correram Dr. Jenner, Madama, Le Loup, Musico e Perle que, tomando a ponta, nunca mais a cedeu aos seus competidores, vencendo-os em 95 segundos. Madame

e Musico bateram-se fortemente, chegando Musico em 2º lugar e teria ganho na corrida se estivesse em melhores condições, e com a boa vontade do seu jockey. Le Loup em 3º lugar, e Madamn em 4º. Dr. Jenner chegou em grande bagagem. A poule rendeu 53\$900.

No Grande Premio Metropolitano (2600 metros, 3:000\$ ao 1º, 800\$ ao 2º, 400\$ ao 3º e o 4º livrando a entrada) Boreas em 179 segundos e com grande facilidade venceu Diva que desta vez correu mui mostrando estar em más condições, visto já em outras vezeas ter feito melhores corridas.

Bonita, que foi a 3ª competidora, ficou distanciada perdendo o direito ao 3º premio. Sibylla e Talisman, competidores de respeito, declararam *forfait* e assim tornaram esse pareo fraco e sem animação. Se tivessem disputado esse premio, o pareo teria tido grande enthusiasmo e importancia pela luta que travariam os tres competidores Boreas, Talisman e Sibylla, reconhecidamente superiores no tiro de 2600 metros. A poule rendeu 11\$700.

No 5º pareo (1800 metros) Scylla em 119 segundos venceu Satan, que pouca resistencia offereu á sua valente competidora. Coupon não correu. Este pareo teria mais importancia se a luta fosse entre os tres parelheiros inscriptos Satan, Coupon e Scylla. A poule rendeu 13\$000.

No 6º pareo (1609 metros) Olinda em 105 segundos, apezar de refregar por diversas vezes na partida, venceu com bastante facilidade a sua competidora Pancy, que nada pôde fazer. Castiglion não correu. A poule rendeu 11\$800.

No 7º pareo (1609 metros) Odaliscia em 105 segundos, partindo com grande desvantagem, fez brilhante corrida, vencendo os seus competidores com immensa facilidade. Biscalia, que tomou grande dianteira, foi pessimamente corrida pelo jockey, que, calculando mal a corrida, susteve-a durante o trajecto, com o fim de poupal-a e desse modo atrazou a corrida, perdendo-a. Rabeca em 3º lugar. Sartarelle, distanciado—Catana, Cyclone, Cantagallo e Bismarck não correram. A poule rendeu 13\$900.

No dia 29 do corrente realisoou esta mesma sociedade a sua 5ª corrida, com um programma composto de sete pareos, cuja organização teve resultados os mais satisfactorios, tornando-se bem disputados quasi todos os pareos.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1450 metros) Cantagallo em 103 segundos venceu os seus competidores. Verbena que chegou em 2º lugar, veio toda a recta de chegada soffreada; não quiz disputar licitamente a corrida. Rigoletto em 3º lugar. Zaire e Ondina em ultimo lugar. O rateio 17\$000.

No 2º pareo (1300 metros) correram omente Ouvidor e Lady que facilmente em 97 segundos venceu o seu competidor. Escudo, Rapid, Ormonde, Firequeen e Esmeralda não correram. Não havendo rateio restituiu-se ao publico o seu capital.

No 3º pareo (handicap 1609 metros) Perle apezar dos 60 kilos de pezo venceu os seus competidores com alguma facilidade em 104 segundos desde o pulo de partida. Musico chegou em 2º lugar. Pancy em 3º. Bonita e Diomede em ultimo. Catita não correu. O rateio 34\$700.

No 4º pareo (1450 metros) Druid ape-

zar dos 60 kilos de peso, venceu facilmente os reus competidores em 93 segundos, chegando ainda um pouco soffreado. Infirma chegou em 2º lugar. Villa-Nova e Pagote em ultimo. Corcovado não correu. O rateio 17\$000.

No 5º pareo (1609 metros) Flotsam, hoje Tenor, venceu em 105 segundos os seus competidores correndo bem e mostrando-nos estar completamente restabelecida. Odalisca em 2º lugar. 3º Argentino, Regonte em ultimo. Espadilha não correu. O rateio 15\$500.

No 6º pareo (1000 metros) Charybdes em 64 segundos venceu Phenicia que chegou em 2º lugar e Dr. Jenner que ficou distanciado. O rateio 10\$300.

No 7º pareo (1800 metros) Biscaia desde o puio de partida, venceu facilmente os seus competidores em 125 segundos, conservando sempre grande dianteira sobre elles durante a corrida. Rabeca, ex-Jenny, em 2º lugar. Boyardo em 3º lugar. Bonita, Saltarelle e Chapecó em ultimo. Feiticeira não correu.

Ae corridas terminaram, como sempre, com grande regularidade, sendo

os trabalhos perfeitamente effectuados e com feliz exito.

O jogo da poule antingio a somma de 82.980\$000.

L. M. BASTOS.

FACTOS E NOTICIAS

O acreditado professor Ulysses, auxiliado pelos seus collegas Francisco Marcondes Pereira, Quintino Pereira e Quintino Firmino Borges, abriu uma «Sala de Estudo Auxiliar Academico» á Travessa do Ouvidor n. 55, 2º andar.

Nella seleccionam as materias concernentes aos diversos cursos das escolas do imperio, especialmente as da Escola Normal da corte.

As provadas habilitações dos professores deste estabelecimento, modesto, mas realmente util, garantem-lhe facil manutenção e larga prosperidade.

Recommendamolo.

Em assembléa geral, de 27 do mez findo, o *Club Central dos Conservadores* approvou o projecto dos seus estatutos e elegeu a directoria que tem de dirigi-lo durante um anno.

Está na Côte o Sr. João Augusto Neiva, redactor da *Gazeta da Bahia*. Agradecemos a amavel visita com que S. S. nos honrou.

FALLECIMENTO

A 25 do mez passado falleceu na cidade da Bahia, aos 53 annos de idade, o Sr. Manoel da Silva Lopes Cardoso, fundador e director do *Diario de Noticias*, d'aquella capital.

Era um espirito emprehendedor e activissimo, habituado ao trabalho e á luta. Tinha rara habilidade para o jornalismo, ao qual dellicou a melhor parte da sua existencia, conseguindo evitar inimidades e creando muitos amigos.

A sua familia e em particular ao nosso estimavel collega Antonio Lopes Cardoso — pezames sinceros.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.—Rua dos Ourives. 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

O cobrador Bernardo da Silva Branco Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e appparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

LIVRO DE SORTES

O *Gaiato de Salão*, collecção de disparates anatorios engraçadissimos em perguntas e respostas para passar tempo das noites de fogueiras. Vende-se na rua de Gonçalves Dias 33 e Onvidor 66.

PREÇO 500!

A' LA SAISON

Neste novo e importante estabelecimento encontrarão as Exmas. familias um completo sortimento de fazendas, modae, armarinhos, perfumarias e roupas brancas, por preços baratissimos, assim como uma:

OFFICINA DE COSTURA

Onde se executa qualquer trabalho, com especialidade vestidos para bailes, casamentos e passeios pelos:

PREÇOS SEQUINTES

Vestidos de merinó cachemire e outros tecidos de lã enfeitados no rigor da moda a:

60\$000 E 70\$000

Ditos de tecidos de lã lizos listados ou escossez

55\$000 E 60\$000

Ditos de tecidos de seda como sejam: faille francez, servali, damacés, setins:

120\$000, 150\$000 E 200\$000

Ditos de Zephir, toile de Alsace e outros tecidos

40\$000 E 45\$000

ENXOVAES PARA NOIVAS POR

150\$000

CONSTANDO DE:

Um rico vestido do setim, seda, linho, damacé ou outro tecido, enfeitado na ultima moda, um veu de seda, liso ou bordado, uma grinalda com pertences, um lenço bordado, um collete, um par de meias fio d'escossia abertas, um leque de osso e setim, uma saia bordada com cauda, um par de luvas, um dito de ligas, um dito de sapatos de setim, duas camisas, uma de dia e outra de dormir.

N. B.—Para se executar qualquer vestido para fora é indispensavel enviarem-nos um corpinho e a altura da saia.

151 RUA DO OUVIDOR 151

Perto do Largo de S. Francisco. Em frente á Nôtre Dame

Figueiredo Vianna & Comp.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 6ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 3 DE JULHO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo — A's 12 horas — **Extra** — 1.000 metros — Animas estrangeiras de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

Ns.	Nomes	Fellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Prevenche.....	Alazão.....	2 ans	Belgica...	46 kil.	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
2	Lady.....	Castanho..	2 »	Inglattera..	46 »	Azul.....	C. O.
3	Cinira.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	46 »	Encarnado, preto e branco.....	J. Silveira.
4	Fire Queen.....	Castanho..	2 »	Idem.....	46 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
5	Visière.....	Alazão.....	2 »	França.....	48 »	Azul e palha.....	Joaquim P. de Castro.
6	Rapid.....	Idem.....	2 »	Inglattera..	47 »	Encarnado, preto e branco.....	Vianna Junior.

2º pareo — A' 12 3/4 hora — **Excelsior** — 1.450 metros — Animas nacionaes de 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Gazella.....	Alazão.....	3 ans	R. de Jane..	47 kil.	Grénat e lyrio.....	C. J.
2	Espadilha.....	Castanho..	3 »	S. Paulo...	49 »	Ouro e azul.....	Coud. Alliança.
3	Cupidon.....	Idem.....	3 »	R. de Jane..	51 »	Branco e preto.....	M. U. Lemgruber.
4	Bérénice.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

3º pareo — A' 1 1/2 hora — **Progreço** — 1.800 metros — Animas nacionaes até meio sangue — Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

1	Druid.....	Tordilho..	5 ans	R. de Jane..	62 kil.	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.
2	Condor.....	Castanho..	4 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
3	Tenor, ex-Flt.....	Zaino'.....	4 »	S. Paulo...	52 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
4	Intima.....	Castanho..	6 »	Idem.....	56 »	Grénat e lyrio.....	D. A.

4º pareo — A's 2 1/4 — **Cosmos** — 1.600 metros — Animas estrangeiros de 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

1	Pancy.....	Zaino.....	3 ans	R. da Prata	47 kil.	Encarnado e ouro.....	V. M.
2	Pbenicia.....	Alazão.....	3 »	Inglattera..	49 »	Encarnado e azul.....	Coud. Brazileira.
3	Daybreak.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
4	Echoron.....	Idem.....	3 »	França.....	49 »	Grénat e rosa.....	S. M.

5º pareo — A's 3 horas — **Rio de Janeiro** — 2.400 metros — Animas de qualquer paiz — Premios: 2.000\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

1	Salvatus.....	Alazão.....	4 ans	França.....	56 kil.	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Phrynéa.....	Castanho..	5 »	Inglattera..	51 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Gladiador.....	Idem.....	4 »	Idem.....	50 »	Branco e preto.....	M. U. Lemgruber.

6º pareo — A's 3 3/4 horas — **Derby-Club** — 2.400 metros — Animas nacionaes — Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Bonita.....	Castanho..	6 ans	S. Paulo...	50 kil.	Branco e encarnado.....	J. Machado.
2	Boreas.....	Idem.....	6 »	Idem.....	54 »	Grénat e violeta.....	Coud. Rio de Janeiro.
3	Sybilla.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.

7º pareo — A's 4 1/2 horas — **Lemgruber** — 1.600 metros — Animas até meio sangue, que não tenham ganho este anno, — premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Castanho..	4 ans	S. Paulo...	60 kil.	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Fagote, ex Mar..	Vermelho..	6 »	Idem.....	54 »	Vermelho e preto.....	Tattersall Campineiro.
3	Violão, ex-Cam..	Alazão.....	5 »	Idem.....	51 »	Vermelho.....	Idem, idem.
4	Cyclone.....	Castanho..	4 »	R. de Jane..	52 »	Ouro, mangas e boras azul.....	Coud. Alliança.
5	Morena.....	Idem.....	5 »	Paraná.....	58 »	Verde e ouro.....	J. L. M.
6	Saltarelle.....	Preto.....	6 »	Idem.....	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.
7	Mandarim.....	Rosilho...	5 »	S. Paulo...	56 »	Azul e grénat.....	Coudelaria Paraiso.
8	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	54 »	Branco e azul.....	Coud. Guanabara.

MARCOS DE MELLO 2.º Secretario interino.

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e af- feccões do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples do figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicãs e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-quer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes, encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado